



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANDRÉ SILVA OLIVEIRA

A MANIFESTAÇÃO DA VOLITIVIDADE NAS HOMILIAS DO PAPA FRANCISCO
EM LÍNGUA ESPANHOLA

FORTALEZA

2021

ANDRÉ SILVA OLIVEIRA

A MANIFESTAÇÃO DA VOLITIVIDADE NAS HOMILIAS DO PAPA FRANCISCO EM
LÍNGUA ESPANHOLA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O45m Oliveira, André Silva.
A manifestação da Volitividade nas homílias do Papa Francisco em língua espanhola / André Silva
Oliveira. – 2021.
510 f. : il.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação
em Linguística, Fortaleza, 2021.

Orientação: Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata.

1. Gramática Discursivo-Funcional. 2. Modalidade. 3. Volitividade. 4. Homília. 5. Língua Espanhola. I.
Título.

CDD 410

ANDRÉ SILVA OLIVEIRA

A MANIFESTAÇÃO DA VOLITIVIDADE NAS HOMILIAS DO PAPA FRANCISCO EM
LÍNGUA ESPANHOLA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 30/08/2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini-Bastos
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Profa. Dra. Izabel Larissa Lucena Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Léia Cruz de Menezes
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus, essa força maior que rege o Universo.
Aos meus pais, meus primeiros educadores, às
minhas irmãs e aos meus professores pela
contribuição na minha formação profissional e
humana.

AGRADECIMENTO

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

À Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata, que posso considerar como minha referência como pessoa e como profissional, por ela ter acompanhado os meus passos durante a graduação, o mestrado e o doutorado, a quem eu atribuo nota qualis A1. Sempre muito atenciosa e dedicada, auxiliou-me durante todas as etapas desta pesquisa. Agradeço pela amizade, pelo carinho, pela atenção, pela excelente orientação e, principalmente, por ter acreditado e depositado confiança em mim. ¡*Muchísimas gracias!*

À professora participante da banca examinadora, a Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira que, inicialmente, acolheu-me como orientando no mestrado e no doutorado. Agradeço pelas valiosíssimas contribuições que me foram dadas durante esta pesquisa, a quem considero uma referência nos estudos funcionalistas. Meu muito obrigado!

Às demais professoras que compuseram esta banca examinadora, a Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini-Bastos, a Profa. Dra. Izabel Larissa Lucena Silva e a Profa. Dra. Léia Cruz de Menezes, que se dedicaram a leitura da minha tese e pelas valiosíssimas contribuições para o enriquecimento e o aprimoramento da tese levantada. Obrigado!

Aos professores do doutorado, pela minha formação em Linguística. Aos colegas da turma do doutorado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas durante as disciplinas e fora dela. Em especial, a minha amiga do doutorado, Maria de Fátima, pelo seu apoio, sua amizade, seu carinho e pelas horas de risada e escrita acadêmica.

Aos professores e às professoras da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FELCS/UFRN) pelo apoio que me foi dado quando iniciei meus trabalhos nessa *grande família* que é a FELCS. Em especial, ao meu tutor do estágio probatório, o Prof. Dr. Alexandre Teixeira Gomes, pela sua dedicação e paciência ao me guiar nos meus primeiros passos rumo à consolidação da minha carreira acadêmica na UFRN.

Às minhas irmãs, Adriana Maria, Francisca Andra e Sara (*la consentida*), pelas nossas conversas, pelo apoio e pela amizade. Adoro vocês! Aos meus pais, Francisco José e Francisca de Sousa, pelo apoio que me foi dado durante esses meses de preparação e dedicação à minha pesquisa. Agradeço pelos valores morais e éticos que me ensinaram e dos quais levo comigo, por estarem presentes em todos os momentos da minha vida, por haverem acreditado em mim para seguir em frente naquilo que desejava almejar.

A Deus, essa forma maior que rege o Universo.

“O desejo é insaciável, ele nunca se farta após alcançar o seu objetivo. Ele não é uma coisa em si, ou uma substância, mas uma força que movimenta o homem: Tão mais ele deseja mais ele quer desejar. Logo, a finalidade do desejo não é o objeto, mas sim o próprio ato de desejar” (RODRIGUES).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar a manifestação da *Volitividade* no que diz respeito aos elementos de convergência e divergência na instauração das modalidades deôntica e volitiva, considerando o comportamento do *elemento do desejo* ao influenciar as operações de Formulação (Nível Interpessoal e Nível Representacional) e Codificação (Nível Morfossintático) no Componente Gramatical conforme a Gramática Discursivo-Funcional (GDF). A escolha pela GDF se deve em razão de o modelo teórico permitir a integração dos níveis pragmáticos, semânticos e morfossintáticos, bem como o reconhecimento das instâncias de linguagem que são superiores à oração e a estruturação do Componente Gramatical em níveis e camadas, tomando, desse modo, como unidade básica de análise o Ato Discursivo, seja ele morfossintaticamente maior ou menor do que uma oração. Com base nisso, é possível fazer uma caracterização mais específica dos meios linguísticos empregados pelo falante na manifestação da *Volitividade*. Para tanto, selecionaram-se 30 homilias que foram proferidas pelo Papa Francisco em suas viagens apostólicas realizadas a países cuja língua oficial é o espanhol ou de forte concentração hispânica, a saber: Estados Unidos, Cuba, México, Equador, Bolívia, Paraguai, Colômbia, Chile, Peru e Panamá. A partir da leitura dessas homilias, foram identificados os modalizadores deônticos e volitivos, sendo descritos e analisados, qualitativamente, com base no arcabouço teórico da GDF e em trabalhos relativos às modalidades deôntica e volitiva. Para a análise quantitativa, foi utilizado o programa computacional *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para a verificação da frequência e da inter-relação entre as categorias de análise. Após a análise das ocorrências, constatou-se que, na expressão da *Volitividade*, as modalidades deôntica e volitiva, ao operarem nas camadas do Nível Representacional, geralmente convergem em relação ao tipo de Ilocução, à posição do falante na incidência do valor modal, à controlabilidade do Estado-de-Coisas, à dinamicidade do Estado-de-Coisas, à referência temporal sobre o evento, aos traços semânticos do sujeito, ao tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado, ao tipo de Expressão Linguística do modal, à pessoa gramatical do sujeito do modal, à marcação morfossintática de tempo verbal do modal, à marcação morfossintática de modo verbal do modal e às formas como os modais se combinam no enunciado modalizado. No que diz respeito aos aspectos de divergência, as modalidades deôntica e volitiva dissentem em relação aos valores modais, à natureza do enunciado modalizado e à qualificação modal, pois ambos os subtipos modais se diferenciam, na expressão da *Volitividade*, no que diz respeito ao eixo de

atuação modal, respectivamente o da conduta (*eixo do dever*) e o da volição (*eixo do querer*), ao tipo de fonte de ordenação volicional e à atitude volicional do falante, em que a modalidade deôntica é uma imposição volicional, enquanto a modalidade volitiva é um ato volicional.

Palavras-chave: gramática discursivo-funcional; modalidade; volitividade; homilia; língua espanhola.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo describir y analizar la manifestación de la *Volitividad* con respecto a los elementos de convergencia y divergencia en el establecimiento de las modalidades deóntica y volitiva, considerando el comportamiento del *elemento del deseo* al influir en las operaciones de Formulación (Nivel Interpersonal y Nivel Representacional) y Codificación (Nivel Morfosintáctico) en el Componente Gramatical según la Gramática Discursivo-Funcional (GDF). La elección por la GDF se debe a que el modelo teórico permite la integración de los niveles pragmáticos, semánticos y morfosintácticos, así como el reconocimiento de instancias lingüísticas superiores a la oración y la estructuración del Componente Gramatical en niveles y capas, tomando, así, como unidad básica de análisis, el Acto Discursivo, ya sea morfosintácticamente mayor o menor que una oración. A partir de esto, es posible realizar una caracterización más específica de los medios lingüísticos utilizados por el hablante en la manifestación de la *Volitividad*. Para ello, se han seleccionado 30 homilías que el Papa Francisco pronunció en sus viajes apostólicos a países cuyo idioma oficial es el español o de fuerte concentración hispana, a saber: Estados Unidos, Cuba, México, Ecuador, Bolivia, Paraguay, Colombia, Chile, Perú y Panamá. De la lectura de estas homilías, se identificaron los modalizadores deónticos y volitivos, siendo descritos y analizados, cualitativamente, con base en el marco teórico de la GDF y en trabajos relacionados con las modalidades deónticas y volitivas. Para el análisis cuantitativo, se utilizó el programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para verificar la frecuencia y la interrelación entre las categorías de análisis. Luego de analizar las ocurrencias, se encontró que, en la expresión de *Volitividad*, las modalidades deóntica y volitiva, al operar en las capas del Nivel Representacional, generalmente convergen en relación al tipo de Illocución, a la posición del hablante en la incidencia del valor modal, a la controlabilidad del Estado-de-Cosas, al dinamismo del Estado-de-Cosas, a la referencia temporal sobre el evento, a los rasgos semánticos del sujeto, al tipo de Estado-de-Cosas que integra el enunciado modalizado, al tipo de Expresión Lingüística del modal, a la persona gramatical del sujeto del modal, a la codificación morfosintáctica del tiempo verbal del modal, a la codificación morfosintáctica del modo verbal del modal y a las formas en que el modal se combina en el enunciado modalizado. Con respecto a los aspectos de divergencia, las modalidades deóntica y volitiva difieren en relación a los valores modales, a la naturaleza del enunciado modalizado y a la calificación modal, porque ambos subtipos modales difieren, en la expresión de *Volitividad*, en lo que dice

respecto al eje de la acción modal, respectivamente el de la conducta (*eje del deber*) y el de la volición (*eje del querer*), al tipo de fuente del ordenamiento volitivo y a la actitud volitiva del hablante, en el que la modalidad deóntica es una imposición volitiva, mientras que la modalidad volitiva es un acto de voluntad.

Palabras-clave: gramática discursivo-funcional; modalidad; volitividad; homilia; lengua española.

ABSTRACT

This research aims to describe and analyze the manifestation of *Volitivity* with regard to the elements of convergence and divergence in the establishment of deontic and volitive modalities, considering the behavior of the *element of desire* when influencing the Formulation operation (Interpersonal Level and Representational Level) and Coding operation (Morphosyntactic Level) in the Grammatical Component according to the Functional Discourse Grammar (FDG). The choice for FDG is due to the fact that the theoretical model allows the integration of pragmatics, semantics and morphosyntactics levels, as well as the recognition of language instances that are superior to prayer and the structuring of the Grammatical Component in levels and layers, thus taking as the basic unit of analysis the Discursive Act whether it is morphosyntactically greater or less than a sentence. Based on this, it is possible to make a more specific characterization of the linguistic means used by the speaker in the manifestation of *Volitivity*. To this end, 30 homilies were selected and delivered by Pope Francis on his apostolic journeys to countries whose official language is Spanish or of strong Hispanic concentration, namely: United States, Cuba, Mexico, Ecuador, Bolivia, Paraguay, Colombia, Chile, Peru and Panama. From the reading of these homilies, deontic and volitive modal markers were identified, being described and analyzed, qualitatively, based on the theoretical framework of the FDG and in works related to deontic and volitive modalities. For the quantitative analysis, the computer program Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) was used to verify the frequency and the interrelationship between the categories of analysis. After analyzing the occurrences, it was found that, in the expression of *Volitivity*, the deontic and volitive modalities, when operating in the layers of the Representational Level, generally converge in relation to the type of Illocution, the speaker's position in the incidence of the modal value, the controllability of the State-of-Affairs, the dynamism of the State-of-Affairs, the temporal reference about the event, the subject's semantic features, the type of State-of-Affairs that integrates the modalized statement, the type of Linguistic Expression of the modal, to the grammatical person of the subject of the modal, to the morphosyntactic marking of the verbal verb of the modal, to the morphosyntactic marking of the modal verbal way and to the ways in which the modal are combined in the modalized statement. With regard to the divergence aspects, the deontic and volitive modalities differ in relation to the modal values, the nature of the modalized statement and the modal qualification, because both modal subtypes differ, in the expression of *Volitivity*, in what it says respect to the axis of modal action, respectively that of conduct (*duty axis*) and that of volition (*will axis*), the type of source of volitional ordering

and the volitional attitude of the speaker, in which the deontic modality is a volitional imposition, while the volitive modality is a volitional act.

Keywords: functional discourse grammar; modality; volitivity; homily; spanish language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Arquitetura Geral da GDF	28
Figura 2 – Esquematização Geral da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008)	30
Figura 3 – Ciclo do processo de análise dos dados	143
Figura 4 – Tela do editor dos dados do SPSS	146
Figura 5 – Sobreposição das modalidades deôntica e volitiva	240
Figura 6 – Gradação na expressão da <i>Volitividade</i> em relação à atitude volicional do falante	242
Figura 7 – Gradação entre o escopo da modalização e a noção de tempo verbal	336
Figura 8 – Gradação dos diferentes tipos de tempos verbais que instauram modalidade volitiva na camada do Conteúdo Proposicional	350
Figura 9 – Gradação no processo de gramaticalização da modalidade volitiva em modalidade deôntica na expressão da <i>Volitividade</i>	366

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– A frequência do domínio semântico para a manifestação da <i>Volitividade</i>	150
Tabela 2	– A inter-relação entre o domínio semântico e os tipos de Ilocução	157
Tabela 3	– A frequência das Ilocuções Imperativa, Proibitiva, Exortativa e Optativa nas homilias do Papa Francisco	161
Tabela 4	– A inter-relação entre o domínio semântico e a posição do Falante na incidência do valor modal	168
Tabela 5	– A inter-relação entre o domínio semântico e a orientação modal	177
Tabela 6	– A inter-relação entre o domínio semântico e os valores modais deônticos e volitivos	198
Tabela 7	– A inter-relação entre o domínio semântico e a natureza do enunciado modalizado.....	208
Tabela 8	– A inter-relação entre o domínio semântico e a qualificação da atitude modal	220
Tabela 9	– A inter-relação entre o domínio semântico e a controlabilidade do Estado-de-Coisas	243
Tabela 10	– A inter-relação entre o domínio semântico e a dinamicidade do Estado-de-Coisas	253
Tabela 11	– A inter-relação entre o domínio semântico e a referência temporal do evento	258
Tabela 12	– A inter-relação entre o domínio semântico e os traços semânticos do sujeito sintático do modal	265
Tabela 13	– A inter-relação entre o domínio semântico e a polaridade do enunciado modalizado	275
Tabela 14	– A inter-relação entre o domínio semântico e o tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado	286
Tabela 15	– A inter-relação entre o domínio semântico e o tipo de Expressão Linguística do modal	295

Tabela 16 – A inter-relação entre o domínio semântico e o tipo de pessoa gramatical do sujeito do modal	309
Tabela 17 – A inter-relação entre o domínio semântico e a codificação morfossintática de tempo verbal do modal	326
Tabela 18 – A inter-relação entre o domínio semântico e a codificação morfossintática de modo verbal do modal	352
Tabela 19 – A inter-relação entre o domínio semântico e as formas como os modais se combinam no enunciado modalizado	368

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As camadas de organização do Nível Interpessoal (NI)	33
Quadro 2 – As camadas de organização do Nível Representacional (NR)	35
Quadro 3 – As camadas de organização do Nível Morfossintático (NM)	39
Quadro 4 – As camadas de organização do Nível Fonológico (NF)	41
Quadro 5 – Categorização da modalidade volitiva como subtipo modal da modalidade deôntica	75
Quadro 6 – Categorização da modalidade volitiva como subtipo modal distinto da modalidade	76
Quadro 7 – Categorização das modalidades deôntica e volitiva como subtipos modais de uma única modalidade	80
Quadro 8 – Cruzamento entre o domínio semântico e a orientação modal	90
Quadro 9 – Reformulação do cruzamento entre o domínio semântico e a orientação modal	102
Quadro 10 – Tipologia das modalidades com base na <i>Volitividade</i>	114
Quadro 11 – Os <i>e-books</i> relativos às seis viagens apostólicas realizadas pelo Papa Francisco	120
Quadro 12 – As homilias proferidas pelo Papa Francisco em suas viagens apostólicas ..	122
Quadro 13 – As categorias de análise relativas ao NI, NR e NM	139
Quadro 14 – A <i>Volitividade</i> manifestada por meio de Ilocuções	167
Quadro 15 – Os aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva em relação à orientação modal (a camada de atuação no NR)	196
Quadro 16 – Os aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva em relação à natureza do enunciado modalizado	219
Quadro 17 – Os principais aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito ao tipo de Estado-de-Coisas	293

Quadro 18 – Os principais aspectos de convergência e divergência entre modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito ao tipo de Expressão Linguística do modal	308
Quadro 19 – Os principais aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito ao tipo de pessoa gramatical do modal	324
Quadro 20 – Os principais aspectos de convergência e divergência entre modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito à codificação morfossintática de tempo verbal	351
Quadro 21 – Os principais aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito à codificação morfossintática de modo verbal	367
Quadro 22 – Os principais aspectos de convergência e divergência entre modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito às formas como os modais se combinam no enunciado modalizado	380
Quadro 23 – Os aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na expressão da <i>Volitividade</i>	381
Quadro 24 – A atuação da <i>Volitividade</i> nas camadas do NI e NR	391
Quadro 25 – Percurso hipotetizado de gramaticalização de um verbo	394
Quadro 26 – Processo de gramaticalização dentro do NR da GDF	398
Quadro 27 – Processo de gramaticalização dentro do NI da GDF	398
Quadro 28 – Processo de gramaticalização entre o NI e NR na GDF	399

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GDF	Gramática Discursivo-Funcional
RAE	Real Academia Espanhola
SPSS	<i>Statistical Package for Social Science</i>
NI	Nível Interpessoal
NR	Nível Representacional
NM	Nível Morfossintático
NF	Nível Fonológico

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL	26
2.1	O modelo da Gramática Discursivo-Funcional	26
2.2	O Componente Gramatical	31
2.1.1	<i>O Nível Interpessoal</i>	31
2.1.2	<i>O Nível Representacional</i>	34
2.1.3	<i>O Nível Morfossintático</i>	36
2.1.4	<i>O Nível Fonológico</i>	39
2.3	Síntese Conclusiva	43
3	MODALIDADE E VOLITIVIDADE	45
3.1	As modalidades deôntica e volitiva na tradição linguística	47
3.2	A Modalidade na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional	83
3.3	A Volitividade nos estudos linguísticos	103
3.4	A Volitividade na perspectiva de Heiko Narrog como parâmetro de análise da categoria modalidade	109
3.5	Síntese Conclusiva	116
4	METODOLOGIA	118
4.1	A constituição e delimitação do <i>corpus</i> da pesquisa	119
4.2	A apreciação das categorias de análise do <i>corpus</i>	128
4.2.1	<i>As categorias de análise relativas ao Nível Interpessoal</i>	129
4.2.2	<i>As categorias de análise relativas ao Nível Representacional</i>	130
4.2.3	<i>As categorias de análise relativas ao Nível Morfossintático</i>	137
4.3	Os procedimentos metodológicos da pesquisa	142
4.4	Síntese Conclusiva	147
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA VOLITIVIDADE	149
5.1	A Volitividade manifestada por meio das modalidades deôntica e volitiva .	150
5.2	A Volitividade e a inter-relação com as categorias de análise referentes ao Nível Interpessoal	156
5.3	A Volitividade e a inter-relação com as categorias de análise referentes ao Nível Representacional	176

5.4	A Volitividade e a inter-relação com as categorias de análise referentes ao Nível Morfossintático	294
5.5	As dificuldades na descrição e análise da Volitividade	385
5.6	Síntese Conclusiva	406
6	CONCLUSÃO	408
	REFERÊNCIAS	425
	ANEXO A – O <i>CORPUS</i> CONSTITUÍDO COM AS HOMILIAS DO PAPA FRANCISCO EM LÍNGUA ESPANHOLA	440

1 INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, as tipologias que são elaboradas pelos mais diversos autores, distinguem, principalmente, dois tipos de modalidade: (i) a modalidade epistêmica, que está relacionada ao eixo do saber, do conhecimento e das crenças do falante acerca do mundo que o rodeia; e (ii) a modalidade deôntica, que diz respeito ao eixo da conduta, com base em leis e normas do que é socialmente aceito. Na perspectiva do funcionalismo holandês, especificamente, na categorização proposta por Hengeveld (2004), depois revista e ampliada na Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008), a modalidade é descrita e analisada com base em dois parâmetros principais: (i) a *orientação modal*, que diz respeito à parte do enunciado que é modalizada; e (ii) o *domínio semântico*, que concerne à perspectiva a partir da qual a avaliação modal é feita. Para além desses dois parâmetros propostos por Hengeveld (2004), Narrog (2012) acrescenta outro tipo de parâmetro: a *Volitividade*, que se refere ao elemento do desejo contido ou não na parte do enunciado que é modalizada.¹ Nesse sentido, os subtipos modais podem ser definidos em dois tipos: as *modalidades volicionais* (que contêm o elemento do desejo) e as *modalidades não volicionais* (que não contêm o elemento do desejo).

De acordo com Narrog (2012, p. 47), há uma diferença entre esses dois tipos de enunciados modalizados:

- (a) *Aquele cara deve ser tratado;*²
- (b) *Aquele cara deve ter um parafuso solto.*³

Em (a), averigua-se que o falante expressa algum tipo de desejo (*Volitividade*) em relação ao evento a ser realizado, vê-se que há uma *força trabalhando* para a realização do evento, sendo que o evento lida, portanto, com a *voluntariedade* do destinatário ou de outra

¹ Para esta pesquisa, faz-se uma distinção entre *Volitividade* (parâmetro de análise da categoria modalidade) e *modalidade volitiva* (tipo de modalidade que se relaciona ao que é desejável ou indesejável). Hengeveld e Mackenzie (2008), ao considerarem apenas a *orientação modal* e o *domínio semântico* como parâmetros que delimitam a categoria modalidade, estabeleceram a modalidade volitiva como o tipo de modalidade que está relacionada à manifestação dos desejos do falante. Na perspectiva de Narrog (2012), averigua-se a *Volitividade* como parâmetro de delimitação dos subtipos modais e a *modalidade bulomaica* como o tipo de modalidade referente à manifestação dos desejos do falante, que é equivalente à modalidade volitiva de Hengeveld e Mackenzie (2008).

² Tradução nossa. O original diz: “That guy must be dealt with” (NARROG, 2012, p. 47).

³ Tradução nossa. O original diz: “That guy must have a screw loose” (NARROG, 2012, p. 47).

pessoa entendida pelo contexto. Por sua vez, em (b), atesta-se que o falante faz apenas uma avaliação em relação ao participante que é expresso pelo predicado (o sujeito sintático do enunciado modalizado),⁴ em relação à possibilidade de ele apresentar “algum problema mental”, mas sem que haja alguma *força*⁵ ou *interesse* para a realização do evento, em outras palavras, carece do *elemento do desejo*. Para Narrog (2012), em (a), há um caso de *modalidade volicional (volitional modality)*, já que conteria o elemento do desejo, sendo classificada, na perspectiva do autor, como *modalidade deôntica*, pois recai sobre o participante expresso pelo predicado uma obrigação, que é relativa a um desejo do falante acerca de um possível tratamento para o indivíduo de quem ele se refere. Por seu lado, em (b), há um caso de *modalidade não volicional (non-volitional modality)*, haja vista que não conteria o elemento do desejo, sendo classificada como *modalidade epistêmica*, pois se refere a uma avaliação feita pelo falante acerca do participante designado pelo predicado com base no conhecimento de mundo dele, não sendo, pois, oriunda de alguma volição (ato de vontade) interna ou externa à sua pessoa.

Conforme Narrog (2012), nas modalidades volicionais, há alguma força que pode ser entendida como elemento do desejo, com a qual o falante expressa interesse de que um dado estado-de-coisas viesse a ocorrer ou não. Nesse sentido, como citado anteriormente, o autor divide as modalidades em: (i) volicionais (*volitional*), que contêm o elemento do desejo; e (ii) não volicionais (*non-volitional*), que não contêm o elemento do desejo. Por seu turno, as modalidades volicionais se dividem em quatro tipos: *deôntica*, *teleológica*, *preferencial* e *bulomaica*; enquanto as modalidades não volicionais se dividem em cinco tipos: *epistêmica*, *evidencial*, *existencial*, *dinâmica*⁶ e *circunstancial*.

Ao se tomar por aporte teórico a GDF e a sua tipologia de modalidades, como é proposto por Hengeveld (2004), constata-se que apenas as modalidades deôntica e volitiva seriam delimitadas, na perspectiva de Narrog (2012), como *modalidades volicionais*. Assim, busca-se descrever e analisar o comportamento formal e funcional da *Volitividade* no que diz

⁴ Entende-se que o participante não é designado pelo Predicado, mas por um termo, haja vista que o predicado atribui uma propriedade ao participante.

⁵ Especificamente, para a modalidade deôntica, Heine (1995) aborda acerca da existência de uma *força* que determina o interesse ou não da ocorrência de um evento, em que este é tipicamente realizado por meio do controle de um agente, que, por sua vez, é codificado como o sujeito da sentença. Ainda segundo o autor, as modalizações deônticas são relativas a eventos dinâmicos, que envolvem a manipulação de uma situação e a condução de uma troca de estado, cuja referência temporal é posterior ao momento de fala (futuridade), por isso o evento é de natureza não-factual, ainda que haja certo grau de probabilidade de que ocorra. Para o autor, a modalidade deôntica é instaurada, geralmente, por meio de modais relativos ao elemento de volição/vontade, ordem, mandado e manipulação, tais como *querer*, *desejar*, *dever*, *solicitar*, *pedir*, *rogar*, etc., podendo também ser instaurada por meio de verbos de ação ou terminativos.

⁶ Narrog (2012) emprega o termo “modalidade interna-ao-participante”.

respeito aos elementos de convergência e divergência na instauração das modalidades deôntica e volitiva. Desse modo, pretende-se descrever e analisar a Volitividade manifestada por meio da: (i) *modalidade deôntica*, tanto na tipologia de Narrog (2012) quanto na tipologia de Hengeveld e Mackenzie (2008); e (ii) *modalidade bulomaica*, na tipologia de Narrog (2012), ou a *modalidade volitiva*, na tipologia de Hengeveld e Mackenzie (2008).⁷

Na tipologia de Narrog (2012), a modalidade deôntica está relacionada à marcação de uma dada proposição⁸ (o julgamento do falante em relação ao conteúdo do enunciado) como necessária (necessidade deôntica) ou possível (possibilidade deôntica) a partir de um sistema particular de regras sociais; enquanto, na tipologia de Hengeveld e Mackenzie (2008), a modalidade deôntica diz respeito ao que é moral, legal e socialmente obrigado, permitido ou proibido e regulado por regras e normas de conduta (domínio semântico). No que diz respeito à orientação modal, a modalidade deôntica pode estar: (i) *orientada para o Participante*, descrevendo um participante que está sob uma obrigação ou que tem permissão para se engajar no estado-de-coisas designado pelo predicado, como no exemplo: *Los cristianos **deben** buscar juntos la paz entre los pueblos, la abolición de todas las formas de esclavitud, el respeto y la dignidad de todo ser humano y el cuidado de la creación* [Os cristãos devem buscar juntos a paz entre os povos, a abolição de todas as formas de escravidão, o respeito e a dignidade de cada ser humano e o cuidado com a criação] (Papa Francisco);⁹ (ii) *orientada para o Evento*, caracterizando um estado-de-coisas de acordo com o que é obrigatório ou permitido dentro de algum sistema de convenções morais ou legais, como no exemplo: *Es la única fuente de luz y fuerza. **Es necesario** rezar más intensamente, cada vez que el camino se empina* [É a única fonte de luz e força. É preciso rezar mais intensamente, cada vez que o caminho fica íngreme] (Papa Francisco);¹⁰ (iii) *orientada para o Episódio*,¹¹ manifestando uma avaliação subjetiva do falante em relação à obrigatoriedade de concretização de um evento localizado no passado e

⁷ Para esta pesquisa, adotar-se-á a terminologia proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008).

⁸ Para esta pesquisa, entende-se o conceito de proposição com base na GDF, que o define como a especificação da atitude do Falante em relação à validade do Conteúdo Proposicional. Em Lyons (1977, p. 141-142), o termo proposição é empregado para se referir a uma ideia em uma oração declarativa quando se faz uma afirmação. Assim sendo, uma proposição se compõe de termos, que são os argumentos e o predicado, em que os argumentos referem-se aos indivíduos (pessoas, animais, objetos, lugares, etc.), são, desse modo, de denotação (denotata); enquanto o predicado relaciona os argumentos a alguma ação ou propriedade, sendo, portanto, de caráter relacional (relata). O predicado, por sua vez, atribui propriedades aos indivíduos.

⁹ Exemplo retirado da Internet. Mensagem do Papa Francisco para a Igreja de Constantinopla. Disponível em: <https://www.eluniverso.com/noticias/2018/12/01/nota/7076595/papa-francisco-exhorta-que-cristianos-deben-buscar-juntos-paz/>. Acesso em: 08 set. 2021.

¹⁰ Exemplo retirado da Internet. Homilia do Papa Francisco. Disponível em: https://www.swissinfo.ch/spa/papa-vaticano_el-papa-pide-rezar-aunque-la-fe-sea-vacilante/46670542. Acesso em: 08 set. 2021.

¹¹ A modalidade deôntica orientada para o Episódio encontra-se em trabalhos posteriores à Hengeveld e Mackenzie (2008). Cf. Nagamura (2016) e Olbertz (2017).

sob o escopo de um tempo absoluto, como no exemplo: *No creo que solo ser bueno te lleve al cielo. ¿El Papa está señalando a los ateos para repensar cómo ganárselos? ¿Está esperando que los ateos vengan a él? Creo que **debería** haber dicho 'arrepíentete y asiste a misa'. Podría estar equivocado. Esperaba que él citara las Escrituras. ¿Se dio por vencido con los ateos? ¿Aguaba a los católicos?* [Eu não acho que apenas ser bom vai te levar para o céu. O Papa está escolhendo ateus para repensar como conquistá-los? Você está esperando os ateus virem até você? Acho que ele deveria ter dito 'arrependa-se e vá à missa'. Eu poderia estar errado. Eu esperava que ele citasse as Escrituras. Você desistiu dos ateus? Ele diluiu os católicos?].¹²

Por seu turno, na tipologia de Narrog (2012), a modalidade bulomaica está relacionada com a marcação de uma dada proposição como uma necessidade ou uma possibilidade com respeito à manifestação dos desejos, das vontades ou das intenções do falante; enquanto, para Hengeveld e Mackenzie (2008), a modalidade volitiva relaciona-se ao que é (in)desejável por parte do falante ou do participante expresso pelo predicado. Em relação à orientação modal, a modalidade volitiva pode estar: (i) *orientada para o Participante*, descrevendo o desejo de um participante de se engajar no estado-de-coisas designado pelo predicado, como no exemplo: *Hoy **quiero** rezar por todas las personas que sufren una sentencia injusta, con ensañamiento* [Hoje quero rezar por todas as pessoas que sofrem uma sentença injusta, com crueldade] (Papa Francisco);¹³ (ii) *orientada para o Evento*, caracterizando um estado-de-coisas em termos do que é geralmente desejável ou indesejável, mas sem que o falante faça uma apreciação acerca desse evento, como no exemplo: *Por ejemplo, es **deseable** que las guerras y los conflictos que actualmente devastan tantos países cedan el paso a treguas, armisticios, alto el fuego y paz* [Por exemplo, é desejável que as guerras e conflitos que atualmente assolam tantos países dêem lugar a tréguas, armistícios, cessar-fogo e paz];¹⁴ (iii) *orientada para o Episódio*,¹⁵ descrevendo a apreciação do falante em relação à (in)desejabilidade de concretização de um evento sob o escopo de um tempo absoluto, como no exemplo: *Como buen católico, apostólico y romano - aunque poco prácticamente-, hoy, como otros años, **quería** haber salido en procesión con el Cristo de la Sentencia por las calles de Granada junto a otros compañeros jueces, pero no ha*

¹² Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://respuestas.me/q/por-que-el-papa-francisco-les-dijo-a-los-ateos-simplemente-sean-buenos-dupl-60915680522>. Acesso em: 08 set. 2021.

¹³ Exemplo retirado da Internet. Pedido de oração do Papa Francisco antes do início da Santa Missa na Basílica do Vaticano. Disponível em: <https://www.elnortedecastilla.es/sociedad/justicia-australiana-absuelve-20200407111733-ntrc.html?ref=https%3A%2F%2Fwww.google.com%2F>. Acesso em: 08 set. 2021.

¹⁴ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://www.larazon.es/opinion/20191230/nigfpemlvzb6pgt5iwoi4ttxmm.html>. Acesso em: 08 set. 2021.

¹⁵ A modalidade volitiva orientada para o Episódio encontra-se em trabalhos posteriores também com base na teoria da GDF. Cf. Oliveira (2017, 2020).

podido ser. El tiempo no ha acompañado. Aunque ya no llovía cuando nos tocaba salir, la cofradía ha preferido no arriesgarse [Como bom católico, apostólico e romano -embora não na prática-, hoje, como em outros anos, queria ter saído em procissão com o Cristo da Sentença pelas ruas de Granada junto com outros colegas juízes, mas não poderia ser. O tempo não acompanhou. Embora não tenha chovido mais quando tivemos que sair, a irmandade preferiu não arriscar];¹⁶ e (iv) *orientada para a Proposição*,¹⁷ descrevendo um desejo pessoal do falante em relação a um evento considerado por ele desejável, de caráter subjetivo, irrealizável (em termos não abstratos), já que só poderia ser localizado em sua mente, e relacionado a um mundo não factual (imaginário/fictício) ao qual apenas ele teria acesso, como no exemplo: *Quisiera que mi saludo abrazara a todos, especialmente a aquello con quienes, por diversas razones, no podré reunirme, y a los cubanos en todo el mundo* [Quisera que minha saudação abraça a todos, especialmente àqueles com os quais, por diversos motivos, não poderei encontrar-me, e aos cubanos em todo o mundo] (Papa Francisco).¹⁸

No que diz respeito às modalidades deôntica e volitiva e aos valores modais de obrigação, permissão, proibição e volição, algumas tipologias foram elaboradas ou adaptadas na tentativa de caracterizá-los, tais como em: Lyons (1977), Fleischman (1982), Quirk *et al* (1985), Palmer (1986), Travaglia (1991), Carretero (1991), Crespo (1992), Rasmussen (1994), Bybee e Fleischman (1995), Le Querler (1996), Corral (1996), Kiefer (1997), Ridruejo (1999), Diewald (1999), Losada Durán (2000), Neves (2000), Rasmussen (2000), Latorre, Vega y Opazo (2002), Gallardo (2002), Silva (2002), Araújo (2002), López (2005), Von Fintel (2006), Neves (2006), Moura (2009), Muller e Mello (2009), Mello *et al* (2009), Ribeiro (2010), Andrade (2010), Scarduelli (2011), Topor (2011), Barcia (2012), Czopek (2012), Nascimento e Silva (2012), Segovia (2013), Oliveira e Mendes (2013), Steffler (2013), Gonçalves (2013), González de la Rosa (2013), Resende (2013), Ávila (2014), Angheluta (2014), Simões de Jesus (2014), Oloume (2015), Moreira (2015), Pajares (2015), Pereira (2016), Silva (2016), Alencar (2016), Rodrigues (2017), Thegel (2017), Ramos (2017), Ferreira (2017), Gong (2018), Ferreira (2018), Pajares (2018), Lopes Suelela (2019) e Teixeira, Gritti e Koslinski (2019); procurando delimitá-los com base em aspectos morfossintáticos (uso das perífrases verbais) ou apenas

¹⁶ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://www.granadablogs.com/juezcaltayud/2016/03/no-he-podido-salir-en-procesion-con-el-cristo-de-la-sentencia-de-granada-por-culpa-del-mal-tiempo/>. Acesso em: 08 set. 2021.

¹⁷ A modalidade volitiva orientada para a Proposição encontra-se em trabalhos posteriores também com base no arcabouço teórico da GDF. Cf. Nagamura (2016), Olbertz (2017) e Oliveira (2017, 2020).

¹⁸ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco em sua viagem apostólica realizada a Cuba. Disponível em: <https://www.nytimes.com/es/2015/09/21/espanol/el-papa-francisco-navega-la-politica-de-cuba-con-cautela-y-prudencia.html>. Acesso em: 08 set. 2021.

considerando os aspectos semânticos dos modalizadores deônticos e volitivos, bem como comparando os distintos usos desses modais em diferentes línguas.

Ao considerar a manifestação da *Volitividade* por meio das modalidades deôntica e volitiva, atrelado aos pressupostos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008), especificamente no que é relativo ao Componente Gramatical (Nível Interpessoal, Nível Representacional e Nível Morfossintático), acredita-se que seja possível fazer uma caracterização desses dois tipos de modalidades volicionais (*volitional modalities*) no que diz respeito aos aspectos de divergência e convergência referentes ao pragmático, ao semântico e ao morfossintático na manifestação do *elemento do desejo*. Dessa forma, o emprego dos pressupostos teóricos da GDF auxiliará na descrição e análise não apenas dos aspectos já apontados (morfossintáticos e semânticos), mas de outros aspectos ainda não considerados nesses trabalhos (como os que serão levantados nesta pesquisa, que envolvem a integração entre a morfossintaxe, a semântica e a pragmática), trabalhos estes que se propuseram a uma delimitação e caracterização das modalidades deôntica e volitiva.

Em Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), Nagamura (2016) e Olbertz (2017), verifica-se que as modalidades deôntica e volitiva, analisadas com base nos pressupostos básicos da teoria da GDF, podem operar em diferentes camadas do Nível Representacional a partir de seu escopo de atuação sobre Propriedades Configuracionais, Estados-de-Coisas, Episódios e Conteúdos Proposicionais. Em Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), constata-se a possibilidade de a modalidade deôntica ser de natureza subjetiva ao operar na camada do Episódio e de a modalidade volitiva também poder operar nessa camada ao se referir a eventos irrealizáveis do ponto de vista factual. Por sua vez, em Nagamura (2016), averigua-se que as modalidades deôntica e volitiva são de natureza objetiva nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas. A modalidade deôntica é de natureza subjetiva na camada do Episódio e não opera na camada do Conteúdo Proposicional, enquanto a modalidade volitiva é de natureza subjetiva nas camadas do Episódio e do Conteúdo Proposicional. Em Olbertz (2017), atesta-se a objetivação dos conteúdos modais deônticos na camada do Estado-de-Coisas, em que os modais deônticos têm um escopo de atuação sobre um tempo relativo, enquanto há uma subjetivação da deonticidade expressa na camada do Episódio, em que os modais deônticos têm um escopo de atuação sobre um tempo absoluto. Por sua vez, a modalidade volitiva é subjetiva nas camadas do Episódio, quando diz respeito a uma avaliação subjetiva do falante sobre a necessidade de concretização de um evento contrafactual; e do Conteúdo Proposicional, quando

tem relação com eventos realizáveis apenas em um mundo imaginário/fictício, em que apenas o falante tem acesso.

Ainda que esses trabalhos, sob a ótica dos parâmetros de análise da GDF, tenham contemplado as modalidades deôntica e volitiva como subtipos modais distintos e com diferentes atuações nas camadas do Nível Representacional, era necessário que se fizesse uma análise mais acurada de outros elementos que pudessem qualificá-las em termos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos. Assim sendo, recorre-se a Narrog (2012), no sentido de descrever e analisar, com base no parâmetro da *Volitividade* que é proposto pelo autor, os aspectos de ordem morfossintática, semântica e pragmática que pudessem qualificar os pontos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva, na expressão do *elemento do desejo*, ao operarem nas camadas e nos níveis do Componente Gramatical (Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático).

Portanto, tendo por base o objetivo geral desta pesquisa, que consiste em descrever e analisar a manifestação da *Volitividade* por meio das modalidades deôntica e volitiva, considerando o comportamento do *elemento do desejo* ao influenciar as operações de Formulação (Nível Interpessoal e Nível Representacional) e Codificação (Nível Morfossintático) no Componente Gramatical conforme a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), propõe-se que a *Volitividade* se manifesta de maneira diferenciada no engendramento das modalidades deôntica e volitiva, entendendo que: (i) para a modalidade deôntica, a *Volitividade* está sob as leis e as normas de conduta do que é moralmente aceitável, estando o *elemento do desejo* relacionado ao que é obrigatório, permitido ou proibido (o que explicaria o fato da qualificação modal estar centrada no tipo de alvo da atitude modal, ou seja, sobre quem recai o ato deôntico instaurado); enquanto (ii) para a modalidade volitiva, a *Volitividade* se relaciona apenas com aquilo que, para o falante ou para o participante expresso no predicado, é desejável ou indesejável, em relação ao que lhe parece bom e agradável, estando, pois, o *elemento do desejo* relacionado à expressão dos desejos, vontades, esperanças e intenções do falante ou do participante expresso (o que explicaria o fato da qualificação modal estar centrada no tipo de fonte da atitude modal, isto é, de quem se origina a atitude modal instaurada).

Diante do fato de as modalidades deôntica e volitiva estarem relacionadas com a manifestação da *Volitividade* e, conforme Lyons (1977), terem origem na função *desiderativa da linguagem*, já que as funções desiderativas e instrumentais da linguagem servem tanto para expressar ou para designar as vontades e os desejos (modalidade volitiva) quanto para conseguir que algo seja feito a partir da imposição da própria vontade a outros agentes (modalidade

deôntica); é interessante promover um estudo a respeito de ambas as modalidades, descrevendo-as e analisando-as do ponto de vista dos aspectos *pragmáticos*, *semânticos* e *morfofossintáticos*, no intuito de averiguar tanto os elementos que as particularizam (divergência) como aqueles aspectos que as aproximam (convergência) na manifestação da *Volitividade*.

Para a modalidade deôntica, acredita-se que o fato de ela ser instaurada, essencialmente, com base em um conjunto de regras sociais, legais e morais estabelecidas, cuja convenção dessas normas é determinada por leis, hábitos e costumes de uma sociedade, sob a pena de alguma coerção ou punição, ela está situada no campo modal do *dever-fazer* (campo acional – imposição volicional); o que de alguma forma a distingue da modalidade volitiva, que é instaurada com base naquilo que é oriundo dos desejos e das vontades de um ser capaz de volição, apreciados como aquilo que é bom e agradável, cujo campo modal está situado no *querer-desejar* (campo mental – ato volicional). No entanto, um ponto de convergência com a modalidade deôntica consiste em que a modalidade volitiva, na manifestação das intenções e pretensões, que são, de acordo com Oliveira (2017), disposições em realizar um dado evento volitivo, também está situada no campo modal do *querer-fazer* (campo acional), o que de alguma forma a aproximaria da modalidade deôntica, no sentido de que as intenções e as pretensões, caso sejam performatizadas, deslocam o *querer-fazer* do campo mental para o campo acional (ato volicional → imposição volicional).

Outro aspecto relevante que individualiza a modalidade deôntica, ainda segundo Lyons (1977), é o fato de ela derivar de alguma origem ou causa, o que pode se tratar de uma pessoa em particular ou uma instituição, reconhecidos, por parte dos demais membros de uma sociedade, como um agente moralmente responsável, sendo este aquele que impõe alguma obrigação, permissão ou proibição¹⁹ sobre algo ou alguém que esteja sob essa qualificação modal, ainda que, em alguns contextos, não haja a especificação de um alvo. Por seu lado, para a modalidade volitiva, não há a implicação, necessariamente, do reconhecimento, por parte dos membros de uma sociedade, de um agente moralmente responsável que instaure a volição, ou que esta recaia, estritamente, sobre alguém, sendo necessário apenas que ela seja instaurada por um ser capaz de volição, podendo o evento ser localizado ou não no tempo e no espaço, isto é, ser de natureza factual ou não factual.

¹⁹ Os estudos relativos à modalidade deôntica remontam à lógica, especificamente, a partir das modalidades aléticas, cujos predicados correspondiam ao necessário e ao possível, em que é possível avaliar três predicados deônticos: o obrigatório, o proibido e o permitido. Em Lyons (1977), já se podia verificar que o termo deôntico era amplamente usado pelos filósofos para fazer referência a um ramo particular da lógica modal no que tange à lógica da obrigação e da permissão a partir da necessidade ou da possibilidade de atos serem realizados por agentes moralmente responsáveis.

Desse modo, para lidar com a *Volitividade*, é desejável um aparato teórico que explique a funcionalidade das modalidades deôntica e volitiva e, conseqüentemente, das expressões linguísticas relacionadas a cada uma delas, dentro do sistema em que elas estão inseridas. Em outras palavras, foi preciso buscar um modelo teórico que consiga explicar as configurações gramaticais de uma dada língua (a língua espanhola) em situações comunicativas reais (as homilias do Papa Francisco). Nessa perspectiva, escolheu-se o modelo da GDF, já que ele permite uma descrição e análise dos aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos de modo integrado, além de possibilitar a análise das expressões linguísticas sobre as quais a expressão da modalidade incide, sendo descritas e estratificadas em níveis e camadas.

Com base no aparato teórico da GDF, sustenta-se a hipótese de que as categorias de análise relativas aos aspectos pragmáticos e semânticos influenciam e condicionam as categorias de análise referentes aos aspectos morfossintáticos no que diz respeito à *Volitividade* ao ser manifestada na instauração das modalidades deôntica e volitiva. Considera-se, assim, que as relações hierárquicas entre os aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos previstas pelo modelo podem estabelecer os níveis de atuação da *Volitividade* dentro do Componente Gramatical, sendo possível também estabelecer uma inter-relação entre os níveis e as camadas referentes aos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático, em que se inserem as modalidades deôntica e volitiva, comprovando, empiricamente, por meio do valor do *Qui-quadrado*,²⁰ a *Volitividade* como parâmetro que particularize e/ou aproxime ambos os tipos de modalidade. No tocante aos estudos linguísticos sobre modalidade, a GDF considera tanto as regras que regem a constituição das expressões linguísticas para a instauração da modalidade (facultativa, deôntica, volitiva e epistêmica) quanto as regras relativas aos padrões de interação social entre os participantes, no caso, as regras pragmáticas.

Entende-se que o Papa Francisco, ao proferir suas homilias, expressa seus desejos, vontades e/ou intenções, e também instaura obrigações, permissões e/ou proibições, e que estes valores modais possam vir a ter algum tipo de “impacto” sobre a comunidade de fiéis em termos discursivos, o que poderia influenciar, em certa medida, no engendramento das modalidades deôntica e volitiva em suas homilias. No entanto, ressalva-se que, nesta pesquisa, o termo

²⁰ O valor do *Qui-quadrado*, segundo Guy e Zilles (2007), consiste em um procedimento relevante para que se possa calcular a probabilidade de que uma dada inter-relação entre categorias de análise seja verdadeira, sendo que, para isso, o valor deve ser $\leq 0,05$ (critério mais comumente aceito nos estudos estatísticos). Nesse sentido, para rejeitar a hipótese nula, fixou-se em 0,05 o nível de rejeição da hipótese de nulidade. Por isso, foram considerados como condicionamento entre as categorias de análise apenas os casos com valor p inferior a 0,05.

*discursivo*²¹ não é empregado como organização textual ou como formação ideológica, mas, pautando-se em Hengeveld e Mackenzie (2008), esse termo é utilizado, para a categoria modalidade, a partir do que já é previsto pela GDF, como uma categoria descrita e analisada a partir de um modelo de gramática inserido em um modelo teórico da interação verbal, em que a descrição das expressões linguísticas (o emprego dos modalizadores deônticos e volitivos) deriva da situação comunicativa (relação estabelecida entre o Papa Francisco e os fiéis e os propósitos comunicativos dele ao proferir suas homilias). Em outras palavras, a GDF foi elaborada no intuito de estudar o modo como as línguas naturais codificam, sistematicamente, as intenções comunicativas do falante (seja por meio das modalizações ou de outro fenômeno linguístico), examinando de que modo as atitudes do falante (como a manifestação da *Volitividade*, por exemplo) são realizadas linguisticamente.

Nesse sentido, ponderam-se algumas características específicas do modelo da GDF que podem favorecer a descrição e a análise do *elemento do desejo*, a saber: (i) o modelo de abordagem da GDF ser *topdown* (de cima para baixo), o que possibilita acomodar a integração dos aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos para a manifestação da *Volitividade*; (ii) o reconhecimento, por parte do modelo teórico da GDF, das instâncias de linguagem que são superiores à oração, permitindo a identificação da *Volitividade* no que diz respeito à interação entre os participantes (Falante e Ouvinte); e (iii) a estruturação do Componente Gramatical em níveis e camadas, o que permite uma caracterização mais específica dos meios linguísticos empregados pelo falante na manifestação da *Volitividade*.

Considera-se também que, apesar da proposta da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008) e da *Volitividade* proposta por Narrog (2012) para a categoria modalidade serem bastante pertinentes, é preciso verificar empiricamente se esses postulados teóricos, de fato, manifestam-se nas línguas naturais e quais os efeitos dessa abordagem na elucidação dos conteúdos modais deônticos e volitivos veiculados no discurso (termo empregado, nesta pesquisa, sob a ótica da GDF), tarefa com a qual se pretende contribuir no que tange à língua espanhola. Além disso, ao adotar um posicionamento funcionalista, especificamente, a perspectiva do funcionalismo holandês, busca-se averiguar a possibilidade de descrever e analisar a inter-relação entre os modais deônticos e volitivos (para a manifestação da *Volitividade*) e um dado tipo de texto (homilia) que poderia, por exemplo, influenciar na

²¹ Nesta pesquisa, o termo discursivo, tanto na ótica da GDF quanto da perspectiva funcionalista, é entendido como o uso efetivo da língua em contextos reais de produção. Nesse sentido, há uma interação entre o Falante (Papa Francisco) e o Ouvinte (bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis católicos) no momento em que as homilias são proferidas.

forma como os conteúdos modais relativos ao eixo da conduta e da volição se expressam em língua espanhola (unidades linguísticas relativas aos eixos do dever e do querer), contemplando, assim, as suas funções discursivas em ocorrências reais de uso, o que será de muita valia para posteriores comparações por meio de estudos contrastivos entre o espanhol e outras línguas.

A escolha da língua espanhola, para esta pesquisa, justifica-se, primeiramente, pela relevância que o espanhol representa para a comunidade católica (comunidade religiosa em questão), não apenas pelo fato de o Papa Francisco (autoridade religiosa) ser falante nativo dessa língua, o que contribuiria para que seu discurso fosse mais fluido e mais próximo da realidade linguística dos hispanofalantes (haveria uma maior aproximação da língua espanhola com a sua realidade linguística), mas pelo fato dessa comunidade religiosa possuir, em sua maioria, fiéis nativos de língua espanhola, haja vista que a América Latina Hispânica concentra a maior porcentagem de católicos, segundo o Anuário de Estatística da Igreja Católica (2014),²² o que contribui para que o espanhol seja uma das línguas de maior divulgação da fé católica (o que é relevante para os estudos discursivos e argumentativos em língua espanhola, não somente para o discurso religioso, mas em relação a outros tipos de discursos, tais como o político, o econômico, o jurídico, o científico, etc.).²³

Ainda no que tange à língua espanhola, constituiu-se, para a realização desta pesquisa, um *corpus* a partir das homilias proferidas pelo Papa Francisco em espanhol e que estão contidas nos *e-books* relativos às sete viagens apostólicas realizadas pelo Sumo Pontífice entre os anos de 2015 e 2019, a saber: (i) aos Estados Unidos (discurso direcionado à comunidade hispânica, em sua maioria, católica); (ii) a Cuba; (iii) ao México; (iv) a América do Sul (Equador, Bolívia e Paraguai); (v) a Colômbia; (vi) ao Chile e Peru; e (vii) ao Panamá;²⁴

²²Para melhor certificação dos dados, conferir a página oficial do Vaticano que contabiliza o número de católicos: <<https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2016/03/05/estadisticas.html>>, ou conferir o pdf disponibilizado pela *Agenzia Fides*, órgão católico responsável pelos dados estatísticos sobre a evangelização católica pelo mundo que traz os mesmos dados disponibilizados no site da Santa Sé: <<http://www.escolapios21.org/wp-content/uploads/2014/10/La-Iglesia-en-cifras-141000.pdf>>. O acesso ocorreu em: 25 abr. 2020.

²³ Pondera-se a possibilidade de esta pesquisa poder auxiliar estudos voltados para os aspectos discursivos e argumentativos relativos à instauração das modalidades deontica e volitiva no discurso religioso. Ainda que a GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008) não contemple aspectos discursivos, no que se refere ao entendimento do termo discurso como algo ideológico, acredita-se que esta pesquisa possa também contribuir com os estudos voltados para a Retórica, a Modalização Discursiva, a Análise do Discurso, etc., pois os operadores modais poderiam ser empregados como marcas de asseveração e/ou atenuação da própria subjetividade dos sujeitos (Papa Francisco), fazendo com que a modalidade possa funcionar como um ferramenta de sinalização das opiniões, das crenças e dos posicionamentos do falante (Papa Francisco) em sua construção discursiva e argumentativa.

²⁴Essas sete viagens apostólicas foram selecionadas para a composição do *corpus* por se tratar das únicas (até o presente momento) viagens apostólicas realizadas pelo Papa Francisco nas quais ele proferiu seus discursos em língua espanhola (língua materna do Sumo Pontífice) e não em língua italiana como é feito, comumente, por Sua Santidade.

totalizando 30 homilias. A partir da leitura dessas homilias, foram coletados os modalizadores deônticos e volitivos, sendo descritos e analisados, qualitativamente, com base no arcabouço teórico da GDF e em trabalhos relativos às modalidades deôntica e volitiva. Para a análise quantitativa, foi utilizado o programa computacional *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22 para o Windows para a verificação da frequência e da inter-relação entre as categorias de análise.

Em relação à organização desta Tese, ela está dividida em seis capítulos: *Introdução, Gramática Discursivo-Funcional, Modalidade e Volitividade, Metodologia, Descrição e Análise da Volitividade e Conclusão*.

O primeiro condiz com o presente capítulo, a *Introdução*, onde é apresentado o objetivo geral desta pesquisa, que consiste em descrever e analisar a manifestação da Volitividade por meio das modalidades deôntica e volitiva nas homilias do Papa Francisco; bem como a perspectiva teórico-metodológica utilizada para alcançá-lo a partir do *corpus* constituído para esse trabalho. Apontam-se também as perspectivas da análise dos dados, tendo em vista as categorias de análise que são delimitadas no capítulo 4, explicando que a análise qualitativa se deu com base na GDF e em trabalhos correlatos sobre as modalidades deôntica e volitiva, e que a análise quantitativa se fez por meio do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Por fim, ressalta-se, neste capítulo, a justificativa para a realização desta pesquisa e sua contribuição por descrever e analisar a *Volitividade* como parâmetro de delimitação e caracterização das modalidades deôntica e volitiva.

O segundo capítulo, intitulado de *Gramática Discursivo-Funcional*, apresenta a teoria de base desse aporte teórico de gramática funcional, que consiste em um modelo de interação verbal no qual o falante pretende modificar a informação pragmática do(s) seu(s) ouvinte(s). Apresenta-se ao leitor o *Componente Gramatical*, assim como os demais componentes que estão fora da gramática, mas que o influenciam, a saber: o *Componente Conceitual*, o *Componente Contextual* e o *Componente de Saída*. Em relação ao Componente Gramatical, há um detalhamento acerca dos quatro níveis que o compõem, o *Nível Interpessoal*, o *Nível Representacional*, o *Nível Morfossintático* e o *Nível Fonológico*.

O terceiro capítulo, *Modalidade e Volitividade*, trata a respeito das modalidades deôntica e volitiva na seara linguística, em que se discorre sobre os diferentes estudos e tipologias que buscaram fazer uma apreciação dos conteúdos modais deônticos e volitivos, buscando, dessa forma, delimitá-las e caracterizá-las. Disserta-se também sobre a categoria modalidade sob a ótica da GDF e sobre os parâmetros de análise propostos por Hengeveld

(2004). Em relação à *Volitividade*, aborda-se sobre os estudos referentes ao *elemento do desejo* no campo dos estudos linguísticos, discorrendo-se, com base em Narrog (2012), acerca da *Volitividade* como parâmetro de análise da categoria modalidade a partir da manifestação ou não do *elemento do desejo* na instauração dos conteúdos modais.

O quarto capítulo estabelece a *Metodologia* utilizada para esta pesquisa, apresentando ao leitor a constituição e a delimitação tanto do *corpus* quanto das categorias de análise consideradas para as análises *qualitativa* e *quantitativo-qualitativa* em relação ao Componente Gramatical (Nível Interpessoal, Nível Representacional e Nível Morfossintático) na manifestação da *Volitividade* por meio da instauração das modalidades deôntica e volitiva.

O quinto capítulo, *Descrição e Análise da Volitividade*, aborda-se acerca dos resultados obtidos a partir da descrição e da análise da manifestação da *Volitividade*. Na primeira parte, apresenta-se a inter-relação entre o domínio semântico (modalidade deôntica e volitiva) com as demais categorias de análise relativas aos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático, no intuito de explicitar os pontos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva, buscando, assim, caracterizar os conteúdos modais deônticos e volitivos em razão do engendramento do *elemento do desejo* no enunciado modalizado. Na segunda parte, expõe-se as dificuldades encontradas em relação à expressão da *Volitividade*, especificamente no que tange à gramaticalização dos auxiliares modais, à aspectualidade, às marcas de polidez e cortesia, etc.

Por fim, no capítulo seis, *Conclusão*, apresentam-se os principais resultados obtidos nesta pesquisa com base nas análises empreendidas sobre a manifestação da *Volitividade* por meio das modalidades deôntica e volitiva nas homílias do Papa Francisco.

2 GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

A Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008) é um modelo teórico de gramática funcional que pretende explicar, de maneira tipológica, o funcionamento da gramática das línguas naturais, baseando-se, para isso, na relação entre a estrutura linguística e o uso, de forma a investigar o caráter formal e funcional das expressões linguísticas nos mais variados contextos. Dessa forma, tem-se que a gramática é um componente vinculado à integração e à interação entre os níveis: *pragmático, semântico, morfossintático e fonológico*.

Hengeveld e Mackenzie (2008) apresentam um modelo de gramática com duas características básicas: a modularidade e a estratificação descendente; em que as decisões nos níveis e nas camadas mais altas (superiores) restringem e determinam as possibilidades de expressão nos níveis e nas camadas mais baixas (inferiores), por isso o modelo da GDF é conhecido por ser *top-down*, partindo da intenção do falante (no Componente Conceitual) para a articulação (no Componente de Saída) das formas linguísticas.

De acordo com os autores, o modelo de análise linguística proposto na GDF está também ancorado nos estudos psicolinguísticos, justificando-se que um modelo de gramática funcional se torna mais eficaz para explicar o processamento linguístico dos indivíduos quando se estrutura ou se assemelha à forma natural desse processamento que ocorre na mente humana; em que o falante, com base em sua intenção comunicativa, seleciona qual a informação mais apropriada para que ele alcance os seus propósitos. Posteriormente, o falante passa à formulação das unidades linguísticas em termos pragmáticos e semânticos, para, seguidamente, codificar a informação gramatical morfossintática e fonologicamente. Por fim, realiza-se o processo de articulação, como veremos, detalhadamente, nas seções seguintes.

2.1 O modelo da Gramática Discursivo-Funcional

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o foco teórico da GDF é o Componente Gramatical inserido em uma teoria de interação verbal, com a finalidade de explicar tanto os fenômenos linguísticos em aspectos mais amplos, como, por exemplo, a relação entre o Falante e o Ouvinte imersos em um dado contexto comunicativo, quanto a descrição das expressões linguísticas com autonomia comunicativa e que são menores ou maiores que a oração. Para

isso, o modelo teórico da GDF toma o Ato Discursivo como a unidade básica de análise linguística, em que o *Componente Gramatical*, que se compõe dos Níveis Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico, articula-se com outros três componentes que estão fora da gramática, mas que interagem com ele, auxiliando nas operações de Formulação e de Codificação que ocorrem no interior da gramática, a saber: o *Componente Conceitual*, o *Componente Contextual* e o *Componente de Saída*.

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), averigua-se que o Componente Conceitual refere-se às chamadas *forças motrizes* que darão suporte ao Componente Gramatical, relacionando-se com os aspectos cognitivos do processamento linguístico e sendo o responsável pelo desenvolvimento das intenções comunicativas que são relevantes para o evento de fala e para as conceitualizações que estão associadas aos eventos extralinguísticos também proeminentes do evento comunicativo. É no Componente Conceitual que há a representação do material ideacional e interativo pressuposto em cada uma das partes que compõe o discurso, como por exemplo, um sinal de alerta, e a representação mental que corresponde a esse sinal, no caso, o evento causador do perigo. As representações conceituais em questão serão convertidas pela operação de Formulação, que fica a cargo das representações pragmáticas (no Nível Interpessoal) e semânticas (no Nível Representacional), posteriormente, sendo traduzidas em representações morfossintáticas (no Nível Morfossintático) e fonológicas (no Nível Fonológico) por meio da operação de Codificação.

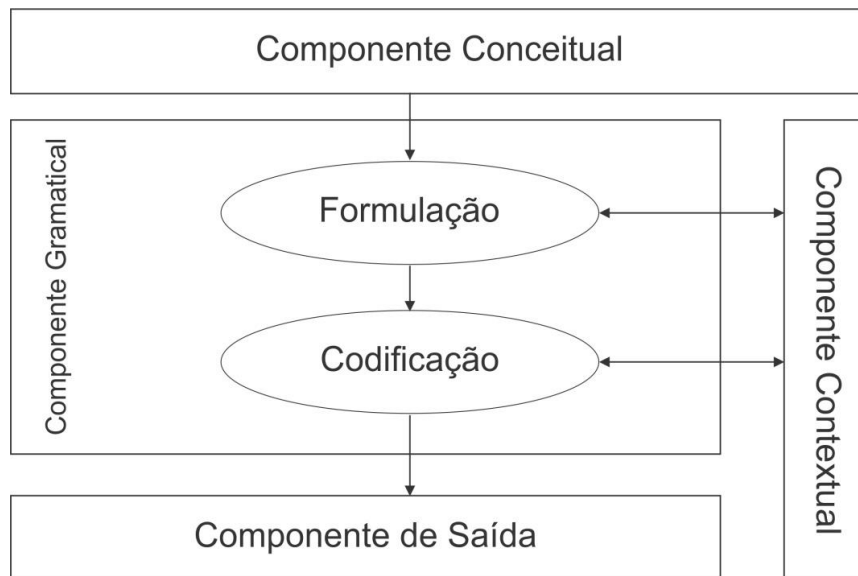
Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), o Componente Contextual está relacionado aos domínios discursivos a partir dos quais há a produção de novas expressões linguísticas no Componente Gramatical, por isso se refere às informações dos contextos situacional e discursivo, informações estas que devem ser relevantes e significativas para o Componente Gramatical. Em outras palavras, é no Componente Contextual que está contida a descrição dos conteúdos e da forma do discurso anterior ao momento de fala, a configuração perceptível e real em que ocorrem os eventos comunicativos, assim como o tipo de relação que se estabelece entre o Falante e o Ouvinte (participantes do discurso). Para a GDF, segundo os autores, os elementos referentes ao contexto são apenas relevantes quando se tem um impacto direto nas escolhas linguísticas do Falante. Por esse motivo, os fatores relacionados a questões de gênero, registro, estilo etc., serão incluídos apenas quando estes puderem demonstrar um efeito sistemático sobre as escolhas gramaticais na operação de Codificação.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o Componente de Saída é externo ao Componente Gramatical, mas é dependente das informações que são processadas neste,

estando, pois, ligado à articulação da expressão linguística. Desse modo, o Componente de Saída é o responsável pela geração das expressões sonoras, gráficas ou visuais, com base nas informações que são fornecidas pelo Componente Gramatical após a processamento das operações de Formulação e de Codificação.

A interação entre o Componente Gramatical e os Componentes Conceitual, Contextual e de Saída pode ser visualizada na Figura 1:

Figura 1: Arquitetura geral da GDF



Fonte: Arquitetura geral da GDF traduzida de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 06).

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o Componente Gramatical da GDF está posicionado no centro da arquitetura do modelo, compondo-se de quatro níveis, em que cada um desses níveis é concebido como um módulo em separado e organizado, interna e hierarquicamente, em camadas. Todos os níveis são de natureza exclusivamente linguística e descrevem as funções linguísticas que são codificadas nas gramáticas das mais variadas línguas naturais, fazendo com que o modelo da GDF seja entendido como tipologicamente orientado.

Em relação às operações de Formulação e de Codificação, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), a primeira está relacionada às regras que determinam tudo aquilo a que se referem às representações pragmáticas e semânticas subjacentes a uma dada língua, enquanto a segunda se refere às regras de conversão das representações pragmáticas e semânticas em representações morfossintáticas e fonológicas. Dessa forma, os autores admitem que as operações de Formulação e de Codificação se referem a processos que podem ocorrer de modo

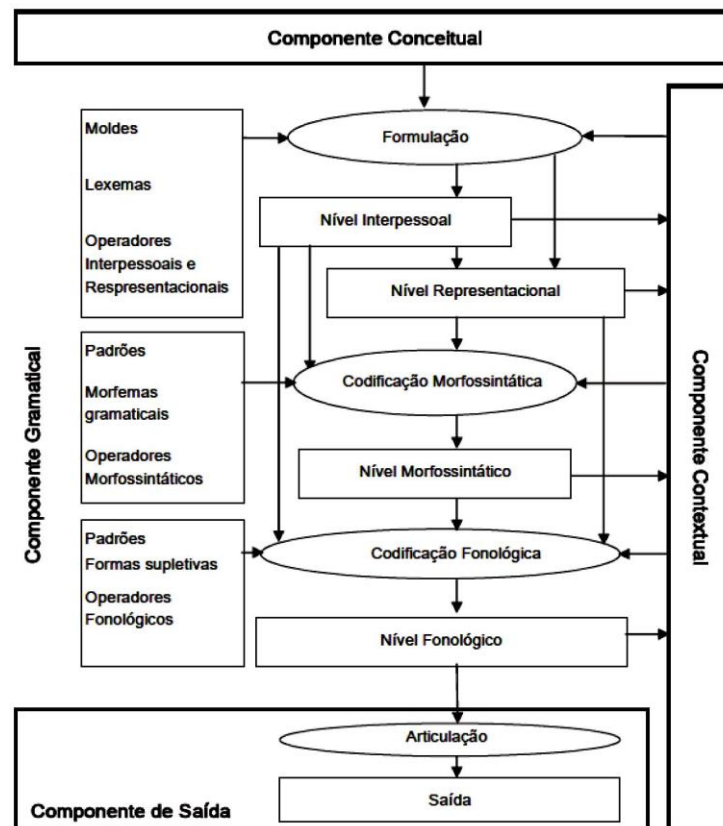
diferenciado e específico a depender da língua que é descrita e analisada com base no modelo da GDF.

Como citado anteriormente, as operações de Formulação e de Codificação ocorrem no interior do Componente Gramatical que, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), compõe-se de quatro níveis de análise:

- (i) o *Nível Interpessoal*, que trata dos aspectos formais das unidades linguísticas, refletindo seu papel na interação entre os participantes do evento comunicativo e na expressão das intenções comunicativas do Falante;
- (ii) o *Nível Representacional*, que se refere à explicação dos aspectos formais das unidades linguísticas, refletindo seu papel no estabelecimento das relações com o mundo real ou o mundo imaginário que elas descrevem, designando as entidades que fornecem o conteúdo semântico do enunciado;
- (iii) o *Nível Morfossintático*, que codifica, estruturalmente, as representações pragmáticas e semânticas, sendo as unidades linguísticas analisadas em relação aos seus constituintes morfossintáticos;
- (iv) o *Nível Fonológico*, que também codifica as representações pragmáticas e semânticas, mas abrangendo a fonologia e a prosódia, sendo, portanto, o responsável tanto pelas representações fonológicas das expressões linguísticas quanto pelas unidades fonológicas que as formam, sejam estas segmentais ou suprasegmentais.

Como observado, a arquitetura geral da GDF está composta de quatro Componentes: o Conceitual, o Contextual, o de Saída e o Gramatical; sendo este último composto por quatro níveis de análise: o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico; que pode ser visto, detalhadamente, na Figura 2, que ilustra o esquema geral da GDF:

Figura 2: Esquematização Geral da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008)



Fonte: Esquema Geral da GDF traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13).

Em resumo, constata-se, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008) e na estrutura geral da GDF, que tudo se inicia com a intenção do Falante e se desenvolve até a expressão linguística. A intenção comunicativa, que se inicia no Componente Conceitual, é convertida em representações tanto pragmáticas quanto semânticas, respectivamente, nos Níveis Interpessoal e Representacional, realizando-se por meio da operação de Formulação, que também pode sofrer influência dos aspectos contextuais localizados no Componente Contextual durante a interação entre os Participantes. Em seguida, as representações pragmáticas e semânticas são traduzidas em estruturas morfossintáticas e fonológicas por meio da operação de Codificação. Posteriormente, dá-se a operação de Articulação para a realização de expressão linguística, ocorrendo dentro do Componente de Saída, localizado fora do Componente Gramatical.

Por fim, os quatro níveis que compõem o Componente Gramatical diferenciam-se em relação à natureza das distinções que são relevantes para cada um deles: (i) o Nível Interpessoal é relativo ao pragmático; (ii) o Nível Representacional é referente ao semântico; (iii) o Nível Morfossintático se refere ao morfossintático; e (iv) o Nível Fonológico diz respeito ao prosódico; das unidades linguísticas, descritas e analisadas com base em seu escopo de atuação

nesses níveis que, por sua vez, são de natureza puramente linguística. Entretanto, o que esses níveis têm em comum se deve ao fato de apresentarem uma organização ordenada em camadas e de forma hierárquica, como será descrito nas seções seguintes.

2.2 O Componente Gramatical

Como citado anteriormente, o Componente Gramatical está composto por quatro níveis que estão organizados de forma hierárquica. Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), dissertar-se-á, primeiramente, acerca do Nível Interpessoal. Posteriormente, discorrer-se-á sobre o Nível Representacional e, em seguida, a respeito dos Níveis Morfossintático e Fonológico. Em relação a este último nível, ainda que não seja o objetivo desta pesquisa que se faça uma descrição e análise dos aspectos fonológicos para a manifestação da *Volitividade* na instauração das modalidades deôntica e volitiva, é relevante que dele se discorra, tendo em vista que também integra o Componente Gramatical e por estar envolvido na operação de Codificação, juntamente com o Nível Morfossintático.

2.2.1 O Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal está relacionado com todos aqueles aspectos que envolvem a relação entre os participantes do evento comunicativo, o Falante e o Ouvinte, sendo a expressão linguística considerada segundo os aspectos dessa relação e associada a uma dada intenção comunicativa. Em outras palavras, é no Nível Interpessoal que ocorre a captação das distinções que dizem respeito ao modo como os participantes interagem entre si. Dessa forma, tem-se que a estruturação desse nível parte do reconhecimento das contribuições que advêm da *Retórica* e da *Pragmática*, havendo, pois, uma abordagem das propriedades interacionais adotadas pelo Falante na obtenção de seus objetivos comunicativos. Por sua vez, os propósitos e as intenções do Falante são processados e organizados a partir das expectativas em relação ao Ouvinte, em que aquele estrutura as suas mensagens conforme suas pressuposições em relação ao estado mental deste.

Portanto, no Nível Interpessoal, há a descrição de todas as propriedades pragmáticas na Formulação dos Atos Discursivos pelo Falante. Neste nível, é que são representados a Ilocução, os Participantes da interação (Falante e Ouvinte) e o Conteúdo Comunicado. Em termos estruturais, os autores definem o *Movimento* (M) como a camada mais alta do Nível

Interpessoal e com uma contribuição autônoma para a interação entre os Participantes, sendo delimitada como a unidade discursiva mínima capaz de entrar em uma estrutura de troca, em que o núcleo de um dado Movimento pode conter apenas um único Ato Discursivo ou abrigar dois ou mais Atos Discursivos. O *Ato Discursivo* (A), por sua vez, são unidades mínimas identificáveis do comportamento comunicativo, podendo seu núcleo conter até quatro unidades mínimas, a saber: uma Ilocução (F₁),²⁵ um Falante ((P₁)s), um Ouvinte ou Destinatário ((P₂)_A) e um Conteúdo Comunicado (C₁).

Com base nesses componentes, é possível que se diferenciem três tipos de Atos Discursivos: (i) o *Ato Expressivo*, que está relacionado com a expressão direta dos sentimentos do Falante, mas sem que haja algum propósito comunicativo, em que o Falante apenas deseja expressar sua emoção, sem que comunique alguma informação ao seu Ouvinte; (ii) o *Ato Interativo*, que é o responsável por reger a interação entre o Falante e o Ouvinte, tratando-se de uma classe muito abrangente e heterogênea, incluindo fórmulas de saudação, de despedida, de marcas de polidez e cortesia, ou elementos denominados, comumente, de marcadores discursivos e, portanto, orientadores da interação; e (iii) o *Ato Ilocutivo*, que transmite algum tipo de informação do Falante para o seu Ouvinte, o que condiciona a existência de um Conteúdo Comunicado. Por sua parte, o *Conteúdo Comunicado* (C) corresponde à totalidade daquilo que o Falante deseja evocar na comunicação com o seu Ouvinte, podendo conter ainda um ou mais Subatos, a saber: (i) os *Subatos de Atribuição* (T), que são empregados pelo Falante para evocar alguma Propriedade; e (ii) os *Subatos de Referência* (R), que são utilizados pelo Falante quando há a pretensão de se evocar um Referente.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), é no Nível Interpessoal que as propriedades interacionais, que convergem das estratégias proposerais do falante, são estudadas pela Retórica e pela Pragmática. Para o modelo teórico da GDF, a *Retórica* estuda o modo como os componentes do discurso se estruturam com base nas estratégias comunicativas do Falante e como as propriedades formais do enunciado podem influenciar o Ouvinte a aceitar esses propósitos comunicativos. Nesse sentido, tem-se que as *funções retóricas* refletem, de alguma forma, a estruturação global do discurso a partir dos aspectos das unidades linguísticas empregadas pelo Falante. Por seu turno, a *Pragmática* estuda o modo como o Falante marca, por meio do seu discurso, as suas expectativas em relação ao estado mental do Ouvinte; em que esse tipo de estratégia é entendido como uma *função pragmática* no modelo teórico da GDF.

²⁵ Para esta pesquisa, serão consideradas os padrões ilocucionais propostos pelo modelo teórico da GDF, em que se verifique a manifestação do *elemento do desejo*, a saber: Declarativa, Interrogativa, Exortativa, Imperativa, Proibitiva, Optativa e Imprecativa.

Resumidamente, tem-se que o Nível Interpessoal abriga todas as unidades e todos os mecanismos linguísticos que estão envolvidos e que são articulados no momento da interação que se estabelece entre o Falante e o Ouvinte. As relações hierárquicas que se aplicam ao Nível Interpessoal são mostradas no Quadro 1:

Quadro 1: As camadas de organização do Nível Interpessoal (NI)

$ \begin{aligned} &(\pi M_1: [\\ &\quad (\pi A_1: [\\ &\quad\quad (\pi F_1: ILL (F_1): \Sigma (F_1)) \\ &\quad\quad (\pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1))_s \\ &\quad\quad (\pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2))_A \\ &\quad\quad\quad (\pi C_1: [\\ &\quad\quad\quad\quad (\pi T_1: [\dots] (T_1): \Sigma (T_1))_\phi \\ &\quad\quad\quad\quad (\pi R_1: [\dots] (R_1): \Sigma (R_1))_\phi \\ &\quad\quad\quad\quad] (C_1): \Sigma (C_1))_\phi \\ &\quad\quad] (A_1): \Sigma (A_1))_\phi \\ &\quad] (M_1): \Sigma (M_1))^{26} \end{aligned} $	Movimento Ato Discursivo Ilocução Falante Ouvinte Conteúdo Comunicado Subato de Atribuição Subato de Referência Conteúdo Comunicado Ato Discursivo Movimento
--	--

Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 49).

Para esta pesquisa, entende-se que as camadas da Ilocução e do Conteúdo Comunicado sejam mais propensas a manifestação da *Volitividade*, haja vista que as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas por meio de Ilocuções Declarativas e/ou Interrogativas, em que o Conteúdo Comunicado, contido na Ilocução, diga respeito ao que é entendido como legalmente, moralmente e socialmente aceito em termos de regras e normas de conduta (modalidade deôntica); ou em relação ao que é desejável ou indesejável (modalidade volitiva).

Enquanto o Nível Interpessoal lida com a descrição das entidades em termos de acionalidade e evocação, o Nível Representacional lida com os aspectos de significação que podem ser descritos sem que se conheçam, necessariamente, as intenções comunicativas do Falante, pois está relacionado à designação das unidades linguísticas.

²⁶ Esquematização retirada de Hengeveld e Mackenzie (2008).

2.2.2 O Nível Representacional

O Nível Representacional se refere aos aspectos semânticos que são formalmente codificados das unidades linguísticas, refletindo seu papel no estabelecimento de relações com o mundo real ou imaginário que elas descrevem. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2010), para a GDF, o termo “semântico” pode ter duas acepções: (i) o modo em que uma dada língua se relaciona ao mundo real ou imaginário que ela descreve; e (ii) o significado que as estruturas lexicais tomam quando isoladas da forma como são empregadas na comunicação. Por isso, no Nível Representacional, as expressões linguísticas são descritas em termos da denotação que fazem de uma entidade, sendo a diferença entre as unidades desse nível feita com base na categoria denotada.

Em termos de estrutura, a camada mais alta do Nível Representacional é o *Conteúdo Proposicional* (p), que é relativo à designação dos construtos mentais do Falante, que não podem ser localizados no espaço e tampouco no tempo, tendo lugar apenas na mente dos Participantes da interação (Falante e Ouvinte). Por seu lado, os Conteúdos proposicionais podem conter como núcleo, *Episódios* (ep), que se compõem de um conjunto de um ou mais *Estados-de-Coisas* (e),²⁷ tematicamente coerentes em relação ao sentido daquilo que designam e apresentando uma unidade e/ou continuidade de *Tempo* (t), *Lugar* (l) e *Indivíduo* (x). O núcleo de um Estado-de-Coisas, por sua vez, pode ser formado a partir de uma propriedade simples, no caso, uma *Propriedade Lexical* (f), ou uma propriedade mais complexa, definida como *Propriedade Configuracional* (fc).²⁸

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2011), as Propriedades Configuracionais abrigam o inventário de moldes de predicação relevantes para uma língua, sendo a predicação entendida como a combinação de um predicado com os seus argumentos de forma que, em um molde de predicação, há a existência de um núcleo e de seus dependentes, sendo essa dependência mostrada por meio da presença de funções semânticas. De acordo com os autores, as Propriedades Configuracionais se constroem a partir de categorias semânticas que mantêm uma relação não hierárquica, em que estas categorias podem ser de vários tipos, entre elas: (i)

²⁷ Para esta pesquisa, serão considerados os tipos de Estados-de-Coisas propostos por Dik (1997), a saber: Ação, Posição, Estado e Processo; a partir de dois traços semânticos também propostos pelo autor: a dinamicidade [\pm dinâmico] e a controlabilidade [\pm controle].

²⁸ Em relação às modalidades deôntica e volitiva, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), elas atuam nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas. Por sua vez, em Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), verifica-se a possibilidade de atuação de ambas as modalidades na camada no Episódio. Por seu lado, em Olbertz (2017) e Oliveira (2017, 2019a, 2019b), constata-se que a modalidade volitiva também pode atuar na camada do Conteúdo Proposicional.

Propriedades Lexicais (f), que não apresentam existência de maneira autônoma, haja vista que só podem ser avaliadas conforme a sua aplicabilidade com outras entidades; e (ii) *Indivíduos* (x), isto é, objetos concretos que podem ser localizados no espaço. Ainda segundo os autores, outras categorias semânticas poderiam compor as Propriedades Configuracionais, mas desde que apresentem alguma representação formal em uma língua. Essas categorias semânticas são denominadas de categorias semânticas secundárias, tais como *Tempo, Lugar, Modo, Razão e Quantidade*.

Em síntese, tem-se que o Nível Representacional é relativo às categorias semânticas que são formalmente codificadas nos enunciados produzidos pelos Participantes do evento comunicativo (Falante e Ouvinte), lidando, pois, com a descrição e a representação de diferentes categorias ontológicas que se fazem presentes na relação estabelecida entre os usuários da língua e o mundo extralinguístico.

As relações hierárquicas que se aplicam ao Nível Representacional são mostradas no Quadro 2:

Quadro 2: As camadas de organização do Nível Representacional (NR)

$ \begin{aligned} &(\pi p_i: \\ &\quad (\pi ep_i: \\ &\quad\quad (\pi e_i: \\ &\quad\quad\quad [(\pi f_i: [\\ &\quad\quad\quad\quad (\pi f_i: \blacklozenge (f_i): [\sigma (f_i) \circ]) \\ &\quad\quad\quad\quad (\pi x_i: \blacklozenge (x_i): [\sigma (x_i) \circ]) \circ \\ &\quad\quad\quad\quad \dots \\ &\quad\quad\quad\quad] (f_i): [\sigma (f_i) \circ]) \\ &\quad\quad\quad (e_i) \circ]: [\sigma (e_i) \circ]) \\ &\quad (ep_i): [\sigma (ep_i) \circ]) \\ & (p_i): [\sigma (p_i) \circ]) \end{aligned} $	Conteúdo Proposicional Episódio Estado-de-Coisas Propriedade Configuracional Propriedade Léxica Indivíduo ... Propriedade Configuracional Estado-de-Coisas Episódio Conteúdo Proposicional
---	--

Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 142).

Para esta pesquisa, entende-se que a modalidade pode ser qualificada desde a perspectiva de um participante descrito em um evento (modalidade orientada para o Participante); estar relacionada ao estatuto objetivo de realização de um evento (modalidade orientada para o Evento); referir-se a uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento

localizado em um tempo absoluto (modalidade orientada para o Episódio); ou revelar o comprometimento subjetivo do falante em relação ao que ele enuncia (modalidade orientada para a Proposição). Nesse sentido, na manifestação da *Volitividade*, a modalidade pode operar nas camadas do Conteúdo Proposicional, do Episódio, do Estado-de-Coisas e da Propriedade Configuracional.

Como citado anteriormente, o Nível Interpessoal lida com os aspectos pragmáticos da interação entre o Falante e o Ouvinte, enquanto o Nível Representacional lida com os aspectos semânticos das estruturas linguísticas.²⁹ O Nível Morfossintático, por seu lado, é o responsável pela codificação do *input* duplo de entrada tanto do Nível Interpessoal quanto do Nível Representacional, fundindo-os em apenas uma única representação estrutural.

2.2.3 O Nível Morfossintático

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o Nível Morfossintático é dependente de seu próprio *input*, tendo em vista que as estruturas relativas ao *input* fornecem todas as informações necessárias às quais o Nível Morfossintático aplica seus próprios princípios de organização. Dessa forma, tem-se que o Nível Morfossintático passa, para o Nível Fonológico, uma cobertura exata das informações, que serão, posteriormente, convertidas em um construto fonológico por meio da operação de Codificação, de maneira que o Ouvinte consegue reconstruir, de maneira precisa, as estruturas desse *input*. Segundo os autores, o Nível Morfossintático não pode adicionar ou subtrair qualquer tipo de informação semântica ou pragmática da interação entre os Participantes.

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2011), o *input* que é fornecido ao Nível Morfossintático pelos Níveis Interpessoal e Representacional pode conter tanto as informações lexicais (que podem ser preservadas no *output*) quanto às informações não lexicais, podendo se tratar de: (i) informações acerca das *relações de dependência*, como as que se dão entre os modificadores e o núcleo ou entre as unidades de um mesmo nível; (ii) informações sobre

²⁹ Conforme Oliveira (2020), os aspectos semânticos envolvidos na designação das unidades linguísticas no Nível Representacional podem refletir em diferentes tipos de natureza do enunciado modalizado, a depender do tipo de camada em que a modalidade atua. Segundo o autor, especificamente para a modalidade volitiva, a camada de atuação do modalizador volitivo pode diferenciar quatro tipos de natureza: *intencional*, *reportativa*, *expressiva* e *apreciativa*. Na camada da Propriedade Configuracional, a modalização volitiva é de natureza intencional (disposicional, para esta pesquisa, para que o leitor não confunda com o valor modal de intenção) ou reportativa. Por sua vez, na camada do Estado-de-Coisas, a modalização volitiva é de natureza expressiva, enquanto, nas camadas do Episódio e do Conteúdo Proposicional, ela é de natureza apreciativa. Pondera-se, com base nesse autor, que a natureza do enunciado modalizado para a modalidade deôntica, como é proposto por Vázquez Laslop (2001), também possa ser diferenciada a depender do tipo de camada em que o modalizador deôntico atua.

funções, tais como funções de tipo retóricas, pragmáticas ou semânticas; (iii) informações sobre os *operadores*; e (iv) informações abstratas convertidas em *proformas*.

Assim sendo, os autores concluem que a sistemática da operação de Codificação que ocorre no Nível Morfossintático é funcionalmente motivada, em que a ordenação dos constituintes, por exemplo, é influenciada por fatores como iconicidade, integridade de domínio e preservação das relações de escopo. Entretanto, os autores chamam a atenção para o fato de o Nível Morfossintático apresentar seus próprios princípios de organização, que, por sua vez, podem não ser funcionalmente motivados. Em outras palavras, o alinhamento que ocorre no Nível Morfossintático não reflete, diretamente, a organização dos Níveis Interpessoal e Representacional, mas apresenta a sua própria organização em termos de função sintática (Sujeito/Objeto) e no que se refere à complexidade dos constituintes.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), no Nível Morfossintático, a unidade linguística é analisada com base em seus constituintes sintáticos, indo das camadas superiores para as camadas inferiores, a saber: Expressão Linguística, Orações, Sintagmas e Palavras de vários tipos. As Palavras, por seu turno, podem ser diferenciadas com base em distintos Morfemas, havendo a necessidade de mapeamento entre as unidades dos níveis semântico e pragmático e as outras unidades do nível morfossintático. Ainda segundo os autores, a camada mais alta do Nível Morfossintático é a *Expressão Linguística* (Le), que se trata, necessariamente, de qualquer conjunto de, pelo menos, uma unidade morfossintática. Se ocorrer de haver mais de uma unidade dentro da Expressão Linguística, essas unidades terão as mesmas propriedades morfossintáticas. As unidades que combinam a Expressão Linguística são: as *Orações* (Cl), os *Sintagmas* (Xp) e/ou as *Palavras* (Xw).

Para Hengeveld e Mackenzie (2011), ao serem introduzidas as Expressões Linguísticas na análise linguística na GDF, foi possível que se tratasse de diferentes frases e enunciados, fossem eles oracionais ou não. Em relação às unidades que compõem a Expressão Linguística, tem-se que a Oração se refere a um conjunto de um ou mais Sintagmas e, possivelmente, de uma ou mais Palavras, caracterizando-se por um esquema para a ordenação desses Sintagmas e por meio de expressões morfológicas de conexão. Nesse sentido, a Oração pode operar como um domínio para vários processos morfossintáticos, sendo que isso dependerá de critérios específicos de cada língua. Por sua vez, o Sintagma apresenta como núcleo um tipo de “peça” léxica que advém do Nível Interpessoal ou do Nível Representacional, sendo que não há, necessariamente, uma correspondência um a um entre as classes e os lexemas identificados em uma língua e os tipos de Sintagmas e classes de Palavras correspondentes nessa mesma língua.

Por sua vez, a Palavra pode ser muito complexa, podendo conter Temas (Xs) e Afixos (Aff) e pode conter também estratos superiores, tais como Sintagmas e/ou Orações.

Hengeveld e Mackenzie (2008) também diferenciam Palavras de Lexemas, em que estes atuam no Nível Representacional, enquanto aqueles atuam no Nível Morfossintático. Essa distinção se deve ao fato de que uma única Palavra pode corresponder a vários Lexemas. Além disso, muitas Palavras podem não apresentar Lexemas que lhes sejam correspondentes por se tratar de Palavras Gramaticais, correspondendo, portanto, a operadores ou a funções no Nível Representacional ou Interpessoal. Ainda segundo os autores, o Nível Morfossintático é o responsável por todas as propriedades lineares de uma unidade linguística, tanto no que diz respeito à estrutura das Orações e dos Sintagmas, quanto à estrutura interna das Palavras. Portanto, é no Nível Morfossintático que os elementos são colocados na ordem em que são expressos. Assim, a ordenação dos elementos ocorre em etapas: primeiro, as unidades não essenciais dos Níveis Interpessoal e Representacional recebem uma posição na Oração e, em seguida, as unidades centrais ou nucleares.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o Nível Morfossintático, portanto, é o codificador de todas as informações advindas dos níveis superiores. Assim sendo, a funcionalidade desse nível, para os autores, consiste em “ajudar” os Participantes da interação na interpretação das relações de escopo, o que está relacionado, diretamente, às questões de iconicidade na construção morfossintática dos enunciados, além de estabelecer os limites de domínio entre os níveis e as funções pragmáticas, semânticas e sintáticas, dando a construção desses enunciados estabilidade funcional. Os autores defendem que o Nível Morfossintático é o relativo às operações relacionais, pois ele é o responsável por estabelecer os “arranjos gramaticais”, que, por sua vez, externalizam as informações semânticas (advindas do Nível Representacional) e as pragmáticas (oriundas do Nível Interpessoal). Desse modo, o Nível Morfossintático, assim como os demais níveis, está organizado em camadas hierarquicamente dispostas, sujeitas a fatores idiossincráticos e aplicadas em uma perspectiva *top-down*. Nesse sentido, as camadas, nesse nível, devem ser analisadas por questões relativas à ordenação linear dos constituintes e a coordenação e subordinação das orações.

Em resumo, constata-se que o Nível Morfossintático é o primeiro nível do Componente Gramatical que está envolvido na operação de Codificação dos aspectos que são determinados pela operação de Formulação, no que tange aos aspectos pragmáticos e semânticos relativos às unidades linguísticas. Hengeveld e Mackenzie (2008) ressaltam que a GDF não faz uma distinção entre Morfologia e Sintaxe, restringindo-se apenas a integrá-las em

um único nível, acreditando que tanto a Morfologia quanto a Sintaxe operam pelos mesmos princípios.

As relações hierárquicas que se aplicam ao Nível Morfossintático são mostradas no Quadro 3:

Quadro 3: As camadas de organização do Nível Morfossintático (NM)

(Le _i :	Expressão Linguística
(Cl _i :	Oração
(Xp _i :	Sintagma
(Xw _i :	Palavra
(Xs _i)	Raiz
(Aff _i)	Afixo
(Xw _i)	Palavra
(Xp _i)	Sintagma
(Cl _i)	Oração
(Le _i)	Expressão Linguística

Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 291).

Para esta pesquisa, entende-se que, para a expressão da Volitividade, as modalidades deontica e volitiva podem ser instauradas por meio de diferentes tipos de Expressões Linguísticas, tais como auxiliar modal (Palavra Gramatical), verbo de significação plena (Palavra Lexical), adjetivo (Palavra Lexical), advérbio (Palavra Gramatical), substantivo (Palavra Lexical), construções modalizadoras (Sintagmas Verbais, Sintagmas Nominais, etc.).

Assim como o Nível Morfossintático, o Nível Fonológico também está envolvido na operação de Codificação. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o Nível Fonológico é o responsável pelos aspectos da operação de Codificação que não são atendidos pelo Nível Morfossintático.

2.2.4 O Nível Fonológico

O Nível Fonológico recebe o *input* de todos os outros três níveis que integram o Componente Gramatical, parte dele na forma fonêmica, fornecendo o *input* necessário para o Componente de Saída. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o Componente de Saída fica

a cargo das questões analógicas, tais como frequência dos formantes, intensidade, duração, características do espectro, etc., enquanto o Nível Fonológico é de natureza digital e, por isso, está inserido dentro do Componente Gramatical. Sendo assim, o Nível Fonológico contém todas as representações fonêmicas que se baseiam em oposições fonológicas binárias, implicando na consideração de segmentos fonológicos individuais e na relevância da noção de pares mínimos e de contrastes prosódicos, tais como Frases Entonacionais Descendentes e Frases Entonacionais Ascendentes, Frases Fonológicas Baixas e Frases Fonológicas Altas, etc., ainda que essas oposições ocorram em última análise.

Portanto, o Nível Fonológico não mostra a melodia da frase entonacional, mas dispõe de um número de indicações em cada camada que, por sua vez, o Componente de Saída transforma em um resultado que flui de forma natural. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o Nível Fonológico atua com base no chamado *input fonêmico e não fonêmico*, empregando, para isso, três conjuntos primitivos, a saber: (i) os padrões prosódicos, que são aplicados em cada uma das camadas de análise; (ii) o inventário das sequências segmentais, que expressam as configurações dos morfemas; e (iii) o conjunto dos chamados operadores terciários, que produzirão os seus efeitos fora do Componente Gramatical, isto é, no Componente de Saída.

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), o Nível Fonológico contém as representações segmentais e suprasegmentais dos enunciados. Essas representações fonológicas são de natureza hierárquica, fazendo com que a GDF assumam que nem todas as camadas estão ativas em cada Enunciado ou, de fato, sejam relevantes para cada sistema linguístico. Assim como no Nível Morfossintático, a GDF não exclui a possibilidade de recursividade em certas camadas do Nível Fonológico. Ainda segundo os autores, a proposta da GDF, para o Nível Fonológico, é a de operar com categorias de análise prosódicas que sejam consagradas pelas teorias fonológicas, sendo o elemento diferenciador da teoria a ênfase na composição hierárquica das representações fonológicas, focalizando sua atenção no componente prosódico das expressões linguísticas.

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), o primeiro conjunto de primitivos relevantes no Nível Fonológico são os padrões fonológicos que organizam a informação fonológica vinda de níveis superiores (Interpessoal, Representacional e Morfossintático) em blocos coerentes. Por sua vez, o segundo conjunto de primitivos consiste em formas supletivas, que se referem às formas irregulares de verbos, substantivos ou adjetivos, que expressam informações gramaticais que são acionadas por operadores nos níveis mais altos de

organização, tais como tempo, número ou comparativo. Por seu turno, o terceiro conjunto de primitivos que é relevante, no Nível Fonológico, consiste em operadores terciários que terão seu efeito final no Componente de Saída, como, por exemplo, a entonação crescente ou decrescente.

Em suma, tem-se que o Nível Fonológico é o último nível que integra a hierarquia do Componente Gramatical e que recebe todas as informações dos níveis superiores, ou seja, dos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfosintático, transformando essas informações em representações fonológicas, em que a expressão linguística é analisada em termos das unidades fonológicas.

As relações hierárquicas que se aplicam ao Nível Fonológico são mostradas no Quadro 4:

Quadro 4: As camadas de organização do Nível Fonológico (NF)

(πU_i : [$(\pi IP_i$: [$(\pi PP_i$: [$(\pi PW_i$: [$(\pi F_i$: [$(\pi S_i)_n$ $](F_i)$ $](PW_i)$ $](PP_i)$ $](IP_i)$ $](U_i)$)	Enunciado Frase Entonacional Frase Fonológica Palavra Fonológica Pé Sílaba Pé Palavra Fonológica Frase Fonológica Frase Entonacional Enunciado
--	--

Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 428).

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), no Nível Fonológico encontram-se os padrões prosódicos relevantes em cada estrato de análise, além de um inventário das sequências segmentais que expressam as configurações particulares de morfemas e marcadores de posição que são introduzidos em outros níveis. No Nível Fonológico, encontra-se também um conjunto de operadores terciários que apresentarão seus últimos efeitos no Componente de Saída. De maneira semelhante aos demais níveis, as representações fonológicas são de natureza

hierárquica, haja vista que a GDF assume que nem todos os estratos são ativos em cada enunciado ou relevantes para cada sistema linguístico.

Na apresentação da teoria da GDF, bem como da sua arquitetura interna e dos quatro níveis que integram o Componente Gramatical (foco da teoria da GDF) e das operações de Formulação e de Codificação que ocorrem no interior da gramática, é observável, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), que:

- (i) no Nível Interpessoal, especificamente, na camada da Ilocução, os diferentes tipos de Ilocuções, que deixam marcas de intencionalidade que é manifestada pelo Falante, tais como Declarativa, Interrogativa, Imperativa, Proibitiva, Optativa, Imprecativa, Exortativa, Comissiva, etc., dão conta da expressão não segmental das modalidades (epistêmica, deôntica, volitiva e facultativa), o que é manifestado pela força ilocucionária. Nesse sentido, os diferentes tipos de Ilocuções podem ter o seu conteúdo, a Nível Interpessoal, modificado pelo tipo de modalidade empregado pelo Falante, a depender do tipo de modalizador contido no Conteúdo Comunicado.
- (ii) no Nível Representacional, a categoria modalidade trata-se de uma categoria semântica que está relacionada à modificação do conteúdo de um ato de fala. Por isso, os diferentes tipos de modalidade que estão abrigadas nesse nível, especificamente, nas camadas do Conteúdo proposicional (p), do Episódio (ep), do Estado-de-Coisas (e) e da Propriedade Configuracional (f), qualificam: (i) os Conteúdos Proposicionais em termos de certeza ou dúvida, veracidade ou falsidade; (ii) os Estados-de-Coisas em termos de seu estatuto de realidade; e (iii) as Propriedades de um participante e da sua relação com um dado evento;
- (iii) no Nível Morfossintático, que está envolvido com a operação de Codificação, tem-se que as diferentes formas de expressão das modalidades podem ser codificadas, morfossintaticamente, por meio de auxiliares modais, verbos de significação plena, formas verbais perifrásticas, advérbios, adjetivos, substantivos, categorias modais de tempo e modo, etc., que, por seu lado, são descritas como uma codificação da intencionalidade do Falante.

Dessa forma, foi abordada, neste capítulo, uma visão geral do modelo teórico da GDF para o tratamento da modalidade, cuja explicação será feita no capítulo seguinte, em que se

discorrerá também sobre os subtipos modais desde a perspectiva de Hengeveld e Mackenzie (2008) quanto da *Volitividade* em Narrog (2012).

2.3 Síntese Conclusiva

Neste capítulo, discorreu-se sobre a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008). Foi exposto que a GDF é um modelo de gramática funcional com duas características básicas: a modularidade e a estratificação descendente; em que as decisões nos níveis e nas camadas mais altas (superiores) restringem e determinam as possibilidades de expressão nos níveis e nas camadas mais baixas (inferiores), por isso o modelo da GDF é conhecido por ser *top-down*, partindo da intenção do falante (no Componente Conceitual) para a articulação (no Componente de Saída) das formas linguísticas.

Abordou-se que o Componente Gramatical está composto por níveis e camadas hierarquicamente estruturados, compondo-se do Nível Interpessoal, que trata dos aspectos formais das unidades linguísticas, refletindo seu papel na interação entre os participantes do evento comunicativo e na expressão das intenções comunicativas do Falante; do Nível Representacional, que se refere à explicação dos aspectos formais das unidades linguísticas, refletindo seu papel no estabelecimento das relações com o mundo real ou o mundo imaginário que elas descrevem, designando as entidades que fornecem o conteúdo semântico do enunciado; do Nível Morfossintático, que codifica, estruturalmente, as representações pragmáticas e semânticas, sendo as unidades linguísticas analisadas em relação aos seus constituintes morfossintáticos; e do Nível Fonológico, que também codifica as representações pragmáticas e semânticas, mas abrangendo a fonologia e a prosódia, sendo, portanto, o responsável tanto pelas representações fonológicas das expressões linguísticas quanto pelas unidades fonológicas que as formam, sejam estas segmentais ou suprasegmentais.

Discorreu-se também que nos Níveis Interpessoal e Representacional ocorre a operação de Formulação, que está relacionada às regras que determinam tudo aquilo a que se referem às representações pragmáticas e semânticas subjacentes a uma dada língua, e de Codificação, que se refere às regras de conversão das representações pragmáticas e semânticas em representações morfossintáticas e fonológicas. Explanou-se também, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), que as operações de Formulação e de Codificação se referem a processos que podem ocorrer de modo diferenciado e específico a depender da língua que é descrita e analisada com base no modelo da GDF.

Além do Componente Gramatical, dissertou-se que o modelo da GDF ainda apresenta três componentes de ordem não gramatical que também influenciam nas operações de Formulação e de Codificação, são eles: (i) o Componente Conceitual, que está relacionado às informações as quais os Participantes do discurso (Falante e Ouvinte) têm acesso antes do evento de fala, podendo ser relativo às informações gerais sobre o que os Participantes já conhecem e às representações mentais deles; (ii) o Componente Contextual, que é relativo ao cotexto e ao contexto (referente à situação comunicativa) que irão auxiliar na construção dos enunciados, pois contém a descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente, além de alocar o contexto real perceptível em que ocorre o evento de fala e das relações sociais estabelecidas entre os Participantes; e (iii) o Componente de Saída, que diz respeito à conversão das informações de ordem morfosintática e fonológica provenientes do Componente Gramatical que serão transformadas em expressões acústicas, simbólicas, ortográficas, etc.

Por fim, examinou-se que as distinções modais são descritas e analisadas a partir do escopo de atuação dos operadores e/ou modificadores nas camadas que compõem o Nível Representacional. Como citado anteriormente, esse nível é o responsável pelas representações semânticas das unidades linguísticas, em que estas unidades são descritas em termos da categoria semântica que designam, podendo ser de diferentes tipos: Conteúdos Proposicionais (p), Episódios (ep), Estados-de-Coisas (e) e Propriedades (f); o que será melhor explicitado e comentado no capítulo seguinte.

3 MODALIDADE E VOLITIVIDADE

Neste capítulo, tratar-se-á da categoria modalidade, especificamente no que diz respeito às modalidades deôntica e volitiva, no âmbito teórico da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), e da *Volitividade (elemento do desejo)*, parâmetro de análise proposto por Narrog (2012). Para isso, abordar-se-á, primeiramente, o comportamento formal e funcional de ambas as modalidades em diferentes tipologias, no intuito de se averiguar como os eixos da conduta (modalidade deôntica) e da volição (modalidade volitiva) têm sido interpretados. Na sequência, detalhar-se-á o tratamento que é dado à categoria modalidade na GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), com base nos parâmetros do *domínio semântico* e da *orientação modal* propostos por Hengeveld (2004). Seguidamente, passar-se-á para a abordagem da *Volitividade* nos estudos linguísticos. Posteriormente, discorrer-se-á sobre o *elemento desejo* como parâmetro de delimitação dos subtipos modais a partir da caracterização proposta por Narrog (2012).

Como é sabido, a categoria modalidade não apresenta, na seara da Linguística, uma delimitação e caracterização precisa, haja vista que ela pode ser descrita e analisada por meio de diferentes parâmetros (domínio semântico, orientação modal, elemento do desejo, factualidade ou não dos eventos, domínio modal,³⁰ etc.) e ser categorizada em diferentes subtipos com base nesses distintos parâmetros (epistêmica, deôntica, volitiva, facultativa, avaliativa, circunstancial, teleológica, preferencial, evidencial, etc.). Conforme Narrog (2005, p. 165), a definição de modalidade é uma tarefa árdua, considerando que “dificilmente haja uma categoria gramatical para a qual tenham sido dadas definições tão divergentes e com uma gama tão variada de fenômenos que tenham sido estudados sob o seu escopo”.³¹ De acordo com o autor, a categoria modalidade costuma ser definida a partir de três formas diferenciadas: (i) a modalidade é entendida como a expressão da atitude do falante em termos de subjetividade; (ii) a modalidade pode ser vista como uma expressão linguística fora da proposição; e (iii) a modalidade se refere à expressão de distinções de factualidade e não factualidade. No entanto, o autor reconhece que, ainda que haja diferentes formas de se conceituar a modalidade, não há o que poderia se chamar de definição “correta”, “adequada” e “precisa” para essa categoria.

³⁰ Entende-se, para esta pesquisa, o domínio modal como a objetivação, subjetivação e a intersubjetivação dos enunciados modalizados.

³¹ Tradução nossa. O original diz: “There is hardly any grammatical category which has been given more diverging definitions, and under the label of which a wider range of phenomena has been studied” (NARROG, 2005, p. 165).

Nesse sentido, o autor defende que é possível demonstrar que algumas definições poderiam servir mais aos propósitos de conceitualização do que outras.

Narrog (2005) esclarece que, comumente, alguns linguistas têm optado pela definição mais rotunda e categórica para a modalidade, que consiste na expressão da subjetividade do falante. Assim, segundo o autor, se se toma como definição o caráter subjetivo na expressão do falante, ter-se-ia que a subjetividade é pervasiva em todo uso da linguagem, pois poderia perpassar a escolha de itens lexicais, estratégias gramaticais, traços de ordem não segmental, etc. Resumidamente, o autor conclui que a definição pautada, unicamente, na expressão da subjetividade do falante poderia englobar todo e qualquer unidade linguística como instauração de modalidade. Assim, pondera-se que modalidade pressupõe subjetividade, mas subjetividade não pressupõe, necessariamente, modalidade.

Para Narrog (2005), definir a modalidade em termos de *factualidade* e *não factualidade* parece servir mais aos propósitos de incluí-la como uma categoria gramatical. Conforme o autor, ainda que as noções de factualidade e não factualidade tenham sido abordadas em trabalhos anteriores, tais como Lyons (1977) e Palmer (1986), percebe-se, atualmente, que há uma tendência em não as tratar mais como acessórias à noção de expressão da subjetividade do falante. Desse modo, Narrog (2005, p. 184) define a categoria modalidade como “uma categoria linguística que se refere ao *status* factual de um estado-de-coisas, em que a expressão de um estado-de-coisas é modalizada quando este for marcado como indeterminado em relação ao seu *status* factual, ou seja, nem positivamente nem negativamente factual”.³²

Para exemplificar, Narrog (2005, p. 182) utiliza os seguintes casos:³³

- (1) Maria está em casa
- (2) Maria pode estar em casa.

O autor pontua que, em (1), não há um enunciado estritamente modalizado, pois o falante apenas se limita a apresentar uma dada situação como factual em relação ao tempo a que esta mesma situação se refere; enquanto, em (2), o estado-de-coisas descrito é apresentado como algo puramente dentro do domínio do pensamento, o que o indetermina em relação à factualidade, haja vista que não se sabe ao certo se Maria se encontra ou não em casa. O autor

³² Tradução nossa. O original diz: “The expression of a state of affairs is modalized if it is marked for being undetermined with respect to its factual status, i.e., is neither positively nor negatively factual” (NARROG, 2005, p. 184).

³³ Tradução nossa. O original diz: “Mary is at home now” / Mary may be at home now” (NARROG, 2005, p. 182).

também esclarece que, o que realmente importa, não é o mundo real, mas a linguagem. Nesse sentido, o que se apresenta como factual por meio da linguagem não se refere, especificamente, ao que corresponde ao mundo real, pois isso poderia fazer com que se assumisse que toda e qualquer afirmação que não pudesse ser comprovada, poderia ser entendida como expressão de modalidade.

A partir das noções de factualidade e não factualidade, Narrog (2012) acrescenta ainda, em sua tipologia das modalidades, outro parâmetro, o da *Volitividade* ou *elemento do desejo*, no qual se opõem duas dimensões modais: (i) as *modalidades volicionais*, que contêm o elemento do desejo; e (ii) as *modalidades não volicionais*, que não contêm o elemento do desejo. Segundo o autor, a dimensão volicional se diferencia da não volicional pelo fato de haver uma expressão de vontade, como será detalhado posteriormente neste capítulo.

Em seguida, passar-se-á para a abordagem das modalidades deôntica e volitiva na seara linguística. Na sequência, discorrer-se-á acerca de ambas as modalidades no aporte teórico da GDF.

3.1 As modalidades deôntica e volitiva na tradição linguística

Na tipologia das modalidades de Hengeveld (2004), depois revista e ampliada na GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), e em Narrog (2012), constata-se que a modalidade deôntica se trata de uma categoria modal alocada no *eixo da conduta*, sendo, portanto, relativa aos valores de obrigação, permissão e proibição; enquanto a modalidade volitiva se refere a uma categoria modal situada no *eixo da volição*, relacionada, dessa forma, aos valores de desejo, vontade e intenção. No entanto, na tradição linguística, não há um consenso quanto a diferenciação ou delimitação entre elas, haja vista que ora a modalidade volitiva pode se tratar de um subtipo modal deôntico, como a modalidade deôntica subjetiva (LYONS, 1977; FLEISCHMAN, 1982); ora a modalidade deôntica pode ainda se referir a um subtipo modal volitivo, como a modalidade bulomaica (CARRETERO, 1991); ora ambas as modalidades podem ser entendidas como um subtipo modal de uma categoria mais abrangente, como a modalidade intencional (RASMUSSEN, 2000).

De acordo com Lyons (1977), a modalidade deôntica é definida como a possibilidade ou a necessidade de atos realizados por sujeitos moralmente responsáveis. Nesse sentido, há um dado sujeito que reconhece ser obrigado a executar uma ação, em virtude de haver alguém ou alguma coisa que ele reconheça como uma autoridade que, por sua vez, poderá fazer recair

sobre ele a obrigação de agir de um determinado modo, podendo essa autoridade se tratar de uma pessoa, uma instituição em particular, um corpo moral ou legal de princípios, etc. Dessa forma, os valores deônticos são instaurados por uma fonte deôntica (origem da atitude modal) que instaura uma necessidade deôntica (obrigação) ou uma possibilidade deôntica (permissão) sobre um alvo deôntico (alvo da atitude modal). Para o autor, a modalidade deôntica se subdivide em dois tipos específicos, segundo o grau de objetivação ou subjetivação do conteúdo modal instaurado: (i) a modalidade deôntica objetiva, que está relacionada a afirmações sobre a existência de obrigações, permissões ou proibições do que a imposição delas, como no exemplo: *Não é permitido que ele venha* (LYONS, 1977, p. 725);³⁴ e (ii) a modalidade deôntica subjetiva, que se refere à marca explícita do enunciador (falante) em relação ao desejo (volição) de que um dado evento ocorra ou não, como no exemplo: *Eu o proíbo de vir* (LYONS, 1977, p. 724).³⁵

Em Fleischman (1982), há uma distinção básica da categoria modalidade, diferenciando-a em: (i) modalidade epistêmica, que é relativa às atitudes do falante com relação à manifestação de dúvidas, pensamentos, crenças, possibilidades, etc., referindo-se, assim, à qualificação do falante no que diz respeito ao seu comprometimento com a verdade da proposição; e (ii) modalidade deôntica, que se refere à manifestação das atitudes do falante, cuja interpretação linguística está fundamentada nas noções de obrigação, permissão e volição.

Para Quirk et al (1985), a categoria modalidade pode ser definida como a forma pela qual o significado de uma cláusula é qualificada, de modo a refletir o julgamento do falante quanto à probabilidade da proposição que ele expressa ser verdadeira. Nesse sentido, os autores dividem a modalidade em dois tipos: (i) a modalidade intrínseca, que envolve algum tipo de controle humano sobre os eventos, estando, portanto, relacionada a valores como permissão, obrigação e volição; e (ii) a modalidade extrínseca, que está relacionada à expressão de probabilidade, necessidade ou predição, que inicialmente não envolvem o controle humano sobre os eventos, mas um julgamento do que é possível ou não de acontecer. No tocante à obrigação (modalidade deôntica) e à volição (modalidade volitiva), tem-se que elas integram um único tipo modal, a modalidade intrínseca, como nos exemplos: *Você deve estar de volta às dez horas* (QUIRK et al, 1985, p. 225)³⁶ e *Não vamos ficar mais de duas horas* (QUIRK et al, 1985, p. 229).³⁷ Ainda em relação à volição, os autores distinguem três tipos: (i) intenção

³⁴ Tradução nossa. O original diz: “It is not permitted that he come” (LYONS, 1977, p. 725).

³⁵ Tradução nossa. O original diz: “I forbid him to come” (LYONS, 1977, p. 724).

³⁶ Tradução nossa. O original diz: “You must be back by ten o'clock” (QUIRK et al, 1985, p. 225).

³⁷ Tradução nossa. O original diz: “We will not stay longer than two hours” (QUIRK et al, 1985, p. 229).

(*intention*), em que o falante expressa disposição ou pretensão de concretização de um dado evento, como nos exemplos: *Vou escrever assim que puder* e *O gerente disse que me ligaria depois do almoço* (QUIRK et al, 1985, p. 229);³⁸ (ii) vontade (*willingness*), em que o falante expressa solicitações ou oferecimentos de forma polida e cortês, como nos exemplos: *Você poderia me ajudar a endereçar essas cartas* e *Eu farei, se você quiser* (QUIRK et al, 1985, p. 229);³⁹ e (iii) insistência (*insistence*), em que há uma implicação obstinada por parte do sujeito expresso pelo predicado, em que essa obstinação advém dos desejos e das vontades do sujeito expresso, como nos exemplos: *Se Você for sem casaco, o que você pode esperar?* e *Ela continuaria me interrompendo* (QUIRK et al, 1985, p. 229).⁴⁰

De acordo com Palmer (1986), a modalidade deôntica se trata de um subtipo modal que contém o elemento de vontade (*elemento do desejo*), estando, portanto, relacionada à ação do falante ou de outra pessoa, podendo se referir a quatro tipos específicos: (i) o diretivo, quando o falante tenta convencer o ouvinte a fazer alguma coisa, como nos exemplos: *João pode vir amanhã* e *João tem que vir amanhã* (PALMER, 1986, p. 115);⁴¹ (ii) o comissivo, quando o falante se compromete em realizar algo, como nos exemplos: *Você vai para o circo* e *João vai ter o livro amanhã* (PALMER, 1986, p. 115);⁴² (iii) o volitivo, que expressa o desejo manifestado, sendo empregado como uma forma atenuada de instaurar uma dada obrigação, como no exemplo: *Espero que João venha* (PALMER, 1986, p. 117);⁴³ e (iv) o avaliativo, que remete às atitudes do falante em relação aos fatos conhecidos, como no exemplo: *Eles estão vindo! Eu não acredito nisso!* (PALMER, 1986, p. 119).⁴⁴

Conforme Palmer (1986), a modalidade deôntica pode ser circunscrita como um tipo de modalidade de evento, pelo fato de fazer referência a eventos que ainda não foram atualizados (futuridade), ou seja, ainda não ocorreram (aspecto *irrealis*). Ainda segundo o autor, na modalidade deôntica, os fatos são externos ao indivíduo, em função disso, trata-se de uma categoria modal que se refere a uma obrigação, permissão, proibição ou volição que deriva de uma fonte externa. Para o autor, a modalidade deôntica é aquela referente às noções de

³⁸ Tradução nossa. O original diz: "I'll write as soon as I can" / "The manager said he would phone me after lunch" (QUIRK et al, 1985, p. 229).

³⁹ Tradução nossa. O original diz: "Would you help me to address these letters?" / "I'll do it, if you like" (QUIRK et al, 1985, p. 229).

⁴⁰ Tradução nossa. O original diz: "If you will go without your overcoat, what can you expect?" / "She would keep interrupting me" (QUIRK et al, 1985, p. 229).

⁴¹ Tradução nossa. O original diz: "John may come tomorrow" / "John must come tomorrow" (PALMER, 1986, p. 115).

⁴² Tradução nossa. O original diz: "You shall go to the circus" / "John shall have the book tomorrow" (PALMER, 1986, p. 115).

⁴³ Tradução nossa. O original diz: "I hope John will come" (PALMER, 1986, p. 117).

⁴⁴ Tradução nossa. O original diz: "They are coming! I don't believe it!" (PALMER, 1986, p. 119).

obrigação e de permissão, às normas de conduta e aos atos de autoridade do falante. Em relação à obrigação, esta deriva de uma fonte de conhecimentos, em que o sujeito reconhece como verdadeiro e que é obrigado a realizar em forma de ação, comumente vinculada a alguém ou a alguma coisa. Por sua vez, a permissão tem uma fonte de conhecimentos que o sujeito também reconhece como verdadeiro, porém, a ação não lhe é obrigatória, mas permitida, isto é, há uma predisposição da pessoa ou da instituição que criou a permissão em permitir que a ação se realize. Dessa forma, conclui-se que, apesar de a obrigação e a permissão estarem no mesmo eixo deôntico, elas não se confundem, haja vista que os modalizadores de obrigação remotam ao início de uma ação que, às vezes, obrigam o sujeito a realizar algo que ele não deseja, enquanto a permissão se refere ao desejo do sujeito de efetuar a ação. Conforme Palmer (1986), a permissão inicia uma ação com função desiderativa, ou seja, marca um ato que tem como fonte a satisfação de um desejo daquele que solicita a permissão.

Segundo Travaglia (1991), a categoria modalidade se refere à manifestação das atitudes do falante em relação ao que ele enuncia, sendo avaliada a partir das noções de necessidade e possibilidade. Em relação à modalidade deôntica, ela diz respeito ao que é moralmente aceito em relação às normas de convivência social e ao tratado dos deveres em relação às normas de conduta; enquanto a modalidade volitiva diz respeito à determinação de realização de um dado evento que é interior ao falante, cuja origem remonta à sua própria vontade, seus desejos, etc., portanto, em sua emotividade ou elementos profundos da psique que cabe mais à psicanálise determinar.

Conforme Carretero (1991), a modalidade é uma categoria que envolve os operadores lógicos de possibilidade e necessidade, em que estes operadores podem ser definidos mutuamente em “possível que p” que equivale a “não necessário que não p”; enquanto “necessário que p” equivale a “não possível que não p”. Em termos semânticos, a modalidade é definida em termos de expressão linguística de possibilidade e necessidade. Nesse sentido, a autora divide a categoria modalidade em três tipos distintos: epistêmica, bulomaica e dinâmica. A modalidade bulomaica corresponde a possibilidade ou a necessidade com origem na vontade do falante (*elemento do desejo*). A possibilidade bulomaica é definida como permissão (modalidade deôntica), como no exemplo: *Sim, eu **permito** que você fique* (CARRETERO, 1991, p. 46);⁴⁵ enquanto a necessidade bulomaica está constituída pela obrigação (modalidade deôntica) e a volição (modalidade volitiva), como nos exemplos: ***Obrigo-te** que tu fiques ou*

⁴⁵ Tradução nossa. O original diz: “Sí, permito que te quedes” (CARRETERO, 1991, p. 46).

que tu vas e **Desejo** que tu fiques ou que tu vas (CARRETERO, 1991, p. 46);⁴⁶ Ainda conforme a autora, as relações entre modalidade e verdade da proposição se caracterizam pela ausência de restrições, em que qualquer proposição (que contenha o *elemento do desejo*) pode instaurar a modalidade bulomaica, independente de seu valor de verdade ou falsidade, como nos exemplos: *Ontem, Maria **queria** ir a minha casa, mas não foi* (necessidade bulomaica, desejo); *Ontem li esse livro, porque **era obrigatório** lê-lo* (necessidade bulomaica, obrigação); *Ontem não li esse livro, ainda que **fosse obrigatório** lê-lo* (necessidade bulomaica, obrigação); *Ontem tinha a **permissão** para ir, e fui* (possibilidade bulomaica, permissão); *Ontem tinha a **permissão** para ir, mas fiquei* (possibilidade bulomaica, permissão); e *Não sei se João se foi, mas tinha **permissão** para ir* (possibilidade bulomaica, permissão) (CARRETERO, 1991, p. 46).⁴⁷ Assim sendo, a modalidade bulomaica se divide em dois tipos específicos: (i) a modalidade bulomaica deôntica,⁴⁸ em que a fonte de vontade (*elemento do desejo*) tenta se impor, compreendendo, desse modo, os valores de permissão e obrigação, como nos exemplos: *Posso ir* e *Tenho que ir* (CARRETERO, 1991, p. 46);⁴⁹ e (ii) a modalidade bulomaica não-deôntica, em que a fonte de vontade (*elemento do desejo*) não pretende se impor, compreendendo, dessa forma, a expressão de desejos e vontades, valores estes entendidos como necessidade bulomaica, enquanto a possibilidade bulomaica é delimitada como aceitação (*aceptación*), como nos exemplos: *Desejaria que você se fosse* (necessidade bulomaica) e *Não me **importa** que você venha amanhã* (possibilidade bulomaica).⁵⁰

De acordo com Crespo (1992), a modalidade se circunscreve dentro do que é possível e necessário, em relação às atitudes do falante perante o que é por ele enunciado, podendo a categoria se dividir, basicamente, em dois tipos: modalidade epistêmica e modalidade deôntica. No que diz respeito à modalidade deôntica, esta é relativa ao que o falante pretende realizar

⁴⁶ Tradução nossa. O original diz: “Te obligo a que te quedes o a que te vayas” / “Deseo que te quedes o que te vayas” (CARRETERO, 1991, p. 46).

⁴⁷ Tradução nossa. O original diz: “Ayer. Maria quería ir a mi casa, pero no fue” / “Ayer leí ese libro, porque era obligatorio leerlo” / “Ayer no leí ese libro, aunque era obligatorio leerlo” / “Ayer tenía permiso para marcharme, y me marché” / “Ayer tenía permiso para marcharme, pero me quedé” / “No sé si Juan se ha marchado: tenía permiso para irse” (CARRETERO, 1991, p. 46).

⁴⁸ Segundo Carretero (1991), a modalidade deôntica é comumente empregada com valores performativos, isto é, atua sobre o mundo, concretamente sobre uma pessoa ou pessoas determinadas, impondo uma obrigação ou concedendo uma permissão. Entretanto, alguns enunciados bulomaicos deônticos não são de caráter performativo, haja vista que o falante pode se limitar apenas em enunciar uma obrigação ou uma permissão, como nos exemplos: *Tengo permiso para fumar mientras trabajo* [Tenho permissão para fumar enquanto trabalho] e *Me he enterado de que es obligatorio rellenar estos impresos para solicitar el puesto de trabajo que queremos* [Estou ciente de que é obrigatório preencher esses impressos para solicitar o posto de trabalho que queremos] (CARRETERO, 1991, p. 47).

⁴⁹ Tradução nossa. O original diz: “Puedo marcharme” / “Tengo que marcharme” (CARRETERO, 1991, p. 46).

⁵⁰ Tradução nossa. O original diz: “Desearía que te marchases” / “No me importa que venga mañana” (CARRETERO, 1991, p. 47).

com base em sua vontade (*elemento do desejo*) e, desse modo, atuar sobre a realidade pragmática. Por isso, esta categoria modal inclui os enunciados diretivos, comissivos, jussivos, proibitivos e volitivos (modalidade volitiva). Por sua vez, a modalidade deôntica se divide em dois tipos específicos: (i) a modalidade jussiva, que se refere a um ato de vontade do falante exercido sobre um estado-de-coisas não verificado (aspecto *irrealis*) e que pressupõe controlabilidade [+controle] do falante sobre a entidade que controla o estado-de-coisas designado na predicação; e (ii) a modalidade volitiva, que é relativa à concretização de um estado-de-coisas especificado na proposição e não verificado (aspecto *irrealis*), com a diferença de que o falante não pressupõe a controlabilidade [-controle] do evento.

De acordo com Rasmussen (1994), a categoria modalidade se distingue em três tipos: modalidade alética, modalidade epistêmica e modalidade deôntica. No que se refere à modalidade deôntica, esta tem como fundamento o que é entendido como obrigatório, permitido e desejável (modalidade volitiva). Dessa forma, a modalidade deôntica engloba conceitos semânticos de desejo, manipulação, julgamento, conselho, recomendação, solicitações, propósito e vontade, como nos exemplos: *Quis nadar* (RASMUSSEN, 1994, p. 10),⁵¹ *Quer que você nade* (RASMUSSEN, 1994, p. 11),⁵² e *Recomenda que vocês nadem* (RASMUSSEN, 1994, p. 12).⁵³

Para Bybee e Fleischman (1995), a modalidade orientada-para-o-agente recobre todos os significados modais que apontam para a existência de condições sobre um agente com relação à conclusão de uma ação expressa no predicado principal, relativa, portanto, a valores como obrigação (modalidade deôntica), desejo (modalidade volitiva),⁵⁴ habilidade e possibilidade raiz. No que tange aos valores de obrigação e permissão, tem-se que a obrigação remete à existência de condições sociais externas que levam um agente a realizar a ação contida no predicado, podendo expressar uma obrigação forte ou fraca, respectivamente como nos exemplos: *Insisti muito firmemente em chamá-la de Srta. Tillman, mas deve-se realmente chamá-la de Presidente* e *Todos os estudantes devem obter o consentimento do Diretor da Faculdade referida antes de entrar no exame* (BYBEE; FLEISCHMAN, 1995, p. 06);⁵⁵ enquanto o desejo se refere à existência de condições internas de volição no agente em relação

⁵¹ Tradução nossa. O original diz: “Quiso nadar” (RASMUSSEN, 1994, p. 10).

⁵² Tradução nossa. O original diz: “Quiere que nade” (RASMUSSEN, 1994, p. 11).

⁵³ Tradução nossa. O original diz: “Les aconseja que naden” (RASMUSSEN, 1994, p. 12).

⁵⁴ A especificidade proposta por Bybee e Fleischman (1995), que abrigam modalidade deôntica e modalidade volitiva em uma mesma categoria, é adotar o parâmetro da orientação (orientada-para-o-agente).

⁵⁵ Tradução nossa. O original diz: “I just insisted very firmly on calling her Miss Tillman, but one should really call her President” / “All students must obtain the consent of the Dean of the faculty concerned before entering for examination” (BYBEE; FLEISCHMAN, 1995, p. 06).

à ação contida no predicado, como no exemplo: *Juan Ortiz chamou-os bem alto na língua indiana, ordenando-lhes que voltassem, se eles **quisessem** salvar suas vidas* (BYBEE; FLEISCHMAN, 1995, p. 06).⁵⁶

De acordo com Le Querler (1996), a classificação, a delimitação e a especificação das modalidades linguísticas são absolutamente nebulosas, considerando que a categorização dos conteúdos modais pode partir de uma concepção muito restrita e ir até uma definição muito ampla, em que qualquer asserção poderia ser considerada como um enunciado modalizado. Para o autor, a modalidade seria o resultado de uma ação deliberada pelo falante, em que ele busca expressar sua atitude em relação ao conteúdo do seu próprio enunciado. Nesse sentido, o autor especifica três grandes grupos nos quais a modalidade pode ser delimitada e caracterizada: (i) *concepção estreita*, em que a expressão da modalidade se reduz ao emprego dos verbos modais, cujo conteúdo modal instaurado seria apenas uma complementação do que é enunciado pelo sujeito; e (ii) *concepção mediana*, em que a modalidade pode ser especificada a partir das noções de afirmação, negação e interrogação, também entendidas como modalidades da asserção; e (iii) *concepção ampla*, em que o estudo da modalidade engloba uma série de categorias gramaticais e diferentes atitudes enunciativas. Considerando esses diferentes tipos de concepções, o autor divide a modalidade em cinco subtipos modais, a saber: (i) a modalidade zero, que corresponde a uma asserção; (ii) a modalidade temporal, em que o falante acrescenta marcadores de temporalidade à asserção proferida, informando, dessa forma, acerca do passado e do futuro; (iii) a modalidade axiológica, que diz respeito à inserção de um juízo de valor do falante sobre o conteúdo proposicional veiculado na mensagem; (iv) a modalidade volitiva, que se refere à expressão da vontade do falante, podendo se referir a ordens e pedidos em forma de desejo; e (v) a modalidade deôntica, que é relativa às regras sociais que demandam situações comunicativas em que o falante faz uso de ordens, pedidos, comandos, mandatos, etc., exigindo, para esse tipo de modalidade, que haja um alocutário (ouvinte) que execute ou não a ação que é prevista no enunciado modalizado.

Segundo Corral (1996), as modalidades deôntica e volitiva são empregadas como recursos de ordem semântica no que tangem aos processos erigidos pelo sujeito orador (falante) no intuito de induzir a ação e, dessa forma, fazer com que os demais sujeitos (ouvintes) se movam em concretizar o estado-de-coisas. No entanto, o trato semântico de ambas as modalidades as diferencia em relação ao que é entendido como desejo (*querer-fazer*)

⁵⁶ Tradução nossa. O original diz: “Juan Ortiz called to them loudly in the Indian tongue, bidding them come forth if they would (= wanted to) save their lives (BYBEE; FLEISCHMAN, 1995, p. 06).

(modalidade volitiva) e o que é obrigação (*dever-fazer*) (modalidade deôntica), ainda que elas tenham sua origem em um ato de vontade (*elemento do desejo*), como nos exemplos: *Se você deseja conhecer o melhor carro da terra, peça um voo de prova; Se você gosta do Caribe, venha conhecê-lo; Se você quer aparecer, venha a marcha de Ginebra Milton; Se você quer conhecer o mundo, conheça antes as vantagens de Iberia; e Se sua empresa quer voar o mais alto sem que isso implique em problemas, voe com a M5 de Olivetti* (modalidade volitiva) (CORRAL, 1996, p. 74-75);⁵⁷ *Se você precisa de um celular para se comunicar no próximo feriado, venha a telefônica; e Se você não precisa, faça você mesmo um presente* (modalidade deôntica) (CORRAL, 1996, p. 78).⁵⁸ Ainda conforme o autor, a modalidade volitiva requer, geralmente, um sujeito que deseja a concretização de um evento (fonte da atitude modal → evento desejado); enquanto a modalidade deôntica requer um sujeito que ordena, um estado-de-coisas a ser realizado e um outro sujeito que executa o ato deôntico instaurado (fonte da atitude modal → evento desejado → alvo da atitude modal).

Para Kiefer (1997), a categoria modalidade consiste na relativização da validade, em termos de verdade ou falsidade, do significado do enunciado para um conjunto de mundos possíveis, em que as categorias modais podem ser: (i) epistêmicas, que são baseadas nos conhecimentos e crenças relativas ao mundo real; (ii) deônticas, que são relativas às leis, às normas e às expectativas do falante em termos do que é socialmente aceito; (iii) disposicionais, que são baseadas nas disposições e pretensões dos sujeitos; (iv) circunstanciais, que são derivadas de circunstâncias externas ou internas; e (v) bulomaicas, que são relativas aos desejos e às vontades do falante.

Conforme Ridruejo (1999), a categoria modalidade diz respeito à posição do interlocutor (falante) perante o que ele pretende enunciar, seja com relação à verdade do conteúdo da proposição que ele formula, seja com relação à atitude dos participantes no ato da enunciação. Nesse sentido, a modalidade se divide em: (i) aléticas, que correspondem ao que é necessário, possível, contingente e impossível; (ii) epistêmicas, que são relativas ao que é certo ou sabido como verdadeiro ou falso; (iii) deônticas, que se referem ao que é obrigatório, permitido e proibido; (iv) existenciais, que dizem respeito ao que é universal, existente e nulo;

⁵⁷ Tradução nossa. O original diz: “Si desea conocer el mejor coche de la tierra, pida un vuelo de prueba” / “Si le gusta el Caribe, bébaselo” / “Si quieres dar la nota, ven a la marcha de Ginebra Milton” / “Si quiere conocer mundo, conozca antes las ventajas de Iberia” / “Si su empresa quiere volar alto sin que despeguen sus problemas, vuele con M5 de Olivetti” (CORRAL, 1996, p. 74-75).

⁵⁸ Tradução nossa. O original diz: “Si necesitas un móvil para comunicarte en el próximo puente, ven a telefónica” / “Si no lo necesitas, hazte un regalo” (CORRAL, 1996, p. 78).

e (v) dinâmicas, que se referem à capacidade e habilidade, bem como as intenções e os desejos do falante.

Conforme Diewald (1999), a modalidade deôntica está situada em contextos de fala que envolvem verbos diretivos ou performativos, que visam a influenciar o comportamento do interlocutor (ouvinte), como no exemplo: *Os participantes **devem** trazer seu CD favorito* (DIEWALD, 1999, p. 120),⁵⁹ em que a leitura deôntica é favorecida em virtude de os participantes se encontrarem em um estado de ter recebido indicações de uma pessoa revestida de autoridade ou de uma entidade externa para concretizar a situação designada pelo verbo que está no infinitivo. Em outras palavras, a modalidade deôntica está relacionada a regras e a normas de conduta já impostas por uma instituição, um indivíduo hierarquicamente superior ou por uma convenção social estabelecida. Por seu lado, a modalidade volitiva se refere à manifestação de disposições, preferências, desejos e intenções do sujeito, como no exemplo: *Eles dizem que você **tem que** ter uma câmera para levar com você?* (DIEWALD, 1999, p. 154),⁶⁰ em que a leitura volitiva é favorecida em relação à disposição, à pretensão ou à intenção da vontade do sujeito (falante) de levar consigo uma máquina fotográfica. Desse modo, a modalidade volitiva se refere a uma necessidade interna advinda dos sujeitos, sem que o evento, que está sob o escopo da modalização, tenha sido regulado ou prescrito de maneira impositiva.

De acordo com Losada Durán (2000), a modalidade pode expressar uma relação com a realidade desde uma perspectiva subjetiva do falante, podendo ser dividida, basicamente, em dois tipos: (i) a modalidade epistêmica, que é relativa ao conhecimento e à opinião do falante sobre a verdade do que ele diz, expressando, assim, os valores de dúvida, probabilidade, inferência, possibilidade, etc.; e (ii) a modalidade deôntica, que está associada às decisões da vontade (*elemento do desejo*) em virtude das quais o falante concede permissões e impõe obrigações dirigidas a promover ações futuras (futuridade), expressando os valores de obrigação, permissão, volição e recomendação, como nos exemplos: *O único que **tenho que** fazer e conservar a clareza mental* (obrigação), *Você me **permite** convidá-lo a tomar uma cerveja na sacada? Logo levaremos as coisas até em casa* (permissão), *Eu **pretendia** te mostrar*

⁵⁹ Tradução nossa. O original diz: “Die Teilnehmer sollen ihre Lieblings-CD mitbringen” (DIEWALD, 1999, p. 120).

⁶⁰ Tradução nossa. O original diz: “Sagen sie, müssen sie denn unbedingt n Fotoapparat mitnehmen?” (DIEWALD, 1999, p. 154).

o tipo de homem que eu sou (volição) e **Ponha** os seus conselhos no bolso, disse Santiago (recomendação) (LOSADA DURÁN, 2000, p. 110-112).⁶¹

Para Neves (2000), a modalidade deôntica está relacionada aos deveres, às normas e às condutas, podendo expressar tanto necessidade deôntica, como no exemplo: *O dono da casa deve comer antes de todos os hóspedes e terminar depois deles* (NEVES, 2000, p. 62); quanto possibilidade deôntica, como no exemplo: *Mas você não pode dormir aqui* (NEVES, 2000, p. 62). Por sua vez, a modalidade volitiva ou bulomaica se refere à expressão de vontade (volição), como nos exemplos: *O povo queria ver tudo isso resolvido* (NEVES, 2000, p. 62). De acordo com a autora, a modalidade volitiva se trata, de fato, de uma necessidade deôntica, sendo instaurada por meio de verbos que não se colocam no mesmo nível das modalidades epistêmica e deôntica, mas que ocorrem e são atitudinais (modais).

De acordo com Rasmussen (2000), a categoria modalidade está baseada em noções de necessidade e possibilidade, podendo se dividir em três tipos básicos: modalidade alética, modalidade epistêmica e modalidade intencional. No que tange à modalidade intencional, esta engloba as noções semânticas de manipulação, mandado, proibição, permissão (modalidade deôntica), desejo e vontade (modalidade volitiva). Nesse sentido, as modalidades deôntica e volitiva integram uma única categoria modal, a *modalidade intencional*, em que ambas as modalidades se diferenciam com base no foco da atitude volicional, ou seja, a projeção do *elemento do desejo* em torno da fonte ou do alvo da atitude modal instaurada. Desse modo, constata-se que a modalidade volitiva centra o foco da atitude volicional ao redor do mesmo sujeito (fonte volicional), criando diferentes tipos de autoprojeção, enquanto a modalidade deôntica centra o foco da atitude volicional em torno de outros sujeitos (alvo volicional), como nos exemplos: *João quer que Maria venha* (o foco da atitude volicional está centrada no sujeito João, que é o sujeito que deseja) e *João ordena que Maria venha* (o foco da atitude volicional está centrada em outro sujeito que não o João, no caso, Maria, sobre quem recai a obrigação imposta) (RASMUSSEN, 2000, p. 321).⁶²

Para Latorre, Vega y Opazo (2002), a modalidade está relacionada à manifestação da tomada de postura do falante frente ao que ele enuncia, podendo se dividir em quatro tipos específicos: modalidade epistêmica, modalidade deôntica, modalidade volitiva e modalidade

⁶¹ Tradução nossa. O original diz: “Lo único que tengo que hacer es conservar la claridad mental” / “¿Me permite invitarle a una cerveza en la terraza? Luego llevaremos las cosas a casa” / “Me gustaría demostrarle qué clase de hombre soy” / “Métete tus consejos en el bolsillo – dijo Santiago” (LOSADA DURÁN, 2000, p. 110-112).

⁶² Tradução nossa. O original diz: “Juan quiere que María venga” / “Juan le manda a María que venga” (RASMUSSEN, 2000, p. 321).

apreciativa. Em relação à modalidade deontica, especificamente, ela se refere à obrigatoriedade que se atribui ao conteúdo do enunciado em função de um sistema de normas e valores de ordem moral, legal e social, estando, pois, situada no eixo da conduta e relativa a valores de obrigação, permissão e proibição. Por seu turno, a modalidade volitiva diz respeito à expressão das vontades do falante em relação a uma questão determinada, estando, desse modo, alocada no eixo da volição e referente ao que é desejável ou indesejável em termos da concretização de um dado evento, geralmente dependente de fatores externos ao falante.

De acordo com Gallardo (2002), a categoria modalidade se define como a expressão gramatical das atitudes e opiniões do falante no que se refere ao conteúdo da enunciação. Desse modo, a modalidade se divide entre epistêmica (o eixo das crenças e das opiniões) e deontica (o eixo da conduta). Especificamente, a modalidade deontica se vincula aos atos de fala diretivos, podendo também ser de caráter subjetivo, quando o falante pretende impor algum tipo de obrigação ou conceder permissão, estando, pois, relacionada aos conceitos lógicos de possibilidade (*poder*) e necessidade (*deber*). Na concepção da autora, a modalidade deontica também engloba o valor de volição (modalidade volitiva), haja vista que as vontades do falante podem culminar na imposição de algum mandado, ordem ou pedido ao ouvinte. Nesse sentido, a autora defende que há uma vinculação estreita entre o mandado e o desejo, podendo estes se diferenciarem com base em condições de ordem pragmática, pois os mandados exigem que haja um receptor (alvo da atitude modal deontica) que interprete a condição de autoridade do sujeito que instaura a ordem, o mandado, a solicitação, o pedido, etc. (nesses casos, o sujeito é interpretado como fonte da atitude modal deontica), levando a cabo a realização do que é solicitado. Assim sendo, a modalidade deontica, além de instaurar valores de obrigação, permissão e proibição, pode também instaurar volição, no sentido de que do desejo passa facilmente à exortação, à ordem e ao mandado.

De acordo com Silva (2002), a modalidade é a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional veiculado em seu enunciado, revelando a sua disposição mental e envolvendo uma série de gradações semânticas que podem indicar dúvida, hipótese, certeza, intenção, desejo, obrigação, permissão, etc. Para o autor, a categoria modalidade se divide em quatro tipos: modalidade alética, modalidade epistêmica, modalidade deontica e modalidade volitiva. No que diz respeito à modalidade deontica, esta é relativa ao suscitar no interlocutor (ouvinte) um determinado comportamento ou ação, sendo, portanto, referente ao domínio do imperativo, das ordens, dos mandados, dos pedidos, etc. Em relação à modalidade volitiva, esta

diz respeito ao desejo, à vontade e à emotividade do falante, fazendo com que o evento, a depender das condições adequadas, venha a se concretizar.

De acordo com Araújo (2002), a modalidade diz respeito à expressão gramatical da relação entre o falante e aquilo que ele diz, bem como à manifestação da realidade e da irrealidade, na medida em que se constituem em marcas da atitude tomada pelo falante diante da realidade *biopsicofísicosocial*. Nesse sentido, a modalidade se divide em quatro tipos: modalidade imperativa, modalidade epistêmica, modalidade deôntica, modalidade volitiva e modalidade alética. A modalidade deôntica diz respeito à determinação da realização de um estado-de-coisas que é apresentado como algo intrínseco à própria situação, em que a ênfase é dada no executar, como nos exemplos: *É obrigatório o uso do crachá nas dependências da fábrica* (obrigação) e *É permitido fumar* (permissão) (ARAÚJO, 2002, p. 18). Por sua vez, a modalidade volitiva está relacionada ao que é (in)desejável, geralmente referente a estados-de-coisas posteriores ao momento da enunciação (futuridade), como no exemplo: *Quero muito ir a sua casa* (ARAÚJO, 2002, p. 18).

Conforme López (2005), a categoria modalidade opera em dois níveis fundamentais, o nível do enunciado (as modalidades linguísticas) e o nível da enunciação (os atos de fala). Segundo o autor, no nível do enunciado, tem-se a atitude do falante com relação à verdade do conteúdo da proposição que ele mesmo formula, referindo-se a um enunciado do que é possível, impossível, provável, improvável, etc. No nível da enunciação, constata-se o ato de fala em si e a maneira com a qual o falante formula cada um dos seus enunciados, ou seja, se responde a uma ordem, uma pergunta, uma afirmação, um desejo, etc. No tocante ao nível do enunciado, o autor postula dois tipos de modalidade: (i) a modalidade epistêmica, referente aos conhecimentos e crenças sobre o mundo real; e (ii) a modalidade deôntica, que é relativa às noções de mandado, ordem, permissão, proibição, obrigação e volição (modalidade volitiva). Em relação à modalidade deôntica, o autor apresenta os seguintes exemplos: *Então, mais ou menos, eles veem você, veem a tendência ou o que você...você pode fazer bem e o que você não pode fazer...bem* (proibição) (LÓPEZ, 2005, p. 59),⁶³ *Não se trata de ficar parado, ainda que você não ganhe muito dinheiro, você pode fazer algo e sempre pode aumentar o seu currículo* (permissão) (LÓPEZ, 2005, p. 60),⁶⁴ *Nesta sociedade, se você quer que te escutem, você tem*

⁶³ Tradução nossa. O original diz: “Entonces, ya más o menos, te ven, te ven la tendencia o lo que tú puedes hacer bien y lo que no puedes hacer...bien (LÓPEZ, 2005, p. 59). O valor de proibição é especificado pela negação de permissão (proibição), codificado, morfossintaticamente, por meio do advérbio de negação *no* anteposto ao modal *poder*.

⁶⁴ Tradução nossa. O original diz: “No es cuestión de estar parado, aunque no ganes dinero siempre puedes hacer algo y siempre puedes pues aumentar tu curriculum” (LÓPEZ, 2005, p. 60).

*que ser una multitud, se não, não escutam você...se são vários, pois já começam a pensar (volição) (LÓPEZ, 2005, p. 60),⁶⁵ e Nós já fomos a Valencia e estivemos em Valencia faz pouco tempo e ali todo mundo falava espanhol; não há ninguém que fale...você tem que ir a Alzira, você **tem que** ir a...eu que sei (obrigação) (LÓPEZ, 2005, p. 62).⁶⁶*

De acordo com Von Fintel (2006), a categoria modalidade está fundamentada na lógica modal, isto é, nos conceitos de possibilidade e necessidade, dividindo-se em seis tipos: modalidade alética, modalidade epistêmica, modalidade deôntica, modalidade bulética (volitiva), modalidade circunstancial e modalidade teleológica. No que tange à modalidade deôntica, esta diz respeito ao que é possível, necessário, permitido ou obrigatório, dado um corpo de lei ou um conjunto de princípios legais e morais, impostos por alguma instituição ou convenções morais e legais estabelecidos socialmente, como no exemplo: *Os visitantes **devem** sair às seis da tarde* (VON FINTEL, 2006, p. 02).⁶⁷ Entende-se que a modalidade deôntica está relacionada ao que já é prescrito ou regulado socialmente e aceito como tal pelos demais membros da comunidade. Nesse sentido, há uma instituição que regula a entrada e a saída dos visitantes, sendo entendido como obrigatório em termos legais, morais e sociais. No que se refere à modalidade bulética (volitiva), ela está relacionada ao que é possível ou necessário a partir dos desejos e vontades dos sujeitos, como no exemplo: *Você **tem que** ir para a cama em dez minutos* (VON FINTEL, 2006, p. 02).⁶⁸ Percebe-se que a modalidade volitiva é interna aos sujeitos, em que o evento qualificado não se refere a uma imposição social, moral e legalmente estabelecida por algum código de conduta. Assim sendo, há a vontade de um sujeito que determina que o outro vá para a cama em dez minutos, não sendo isso regulado ou normatizado por um conjunto de leis sociais.

De acordo com Neves (2006), a necessidade e a possibilidade são as noções básicas da subcategorização da modalidade e, mesmo que sejam categorias distintas, elas não são independentes. Nesse sentido, a autora propõe cinco subcategorias modais: a modalidade alética, a modalidade epistêmica, a modalidade deôntica, a modalidade bulomaica (volitiva) e a modalidade disposicional (dinâmica ou facultativa). A modalidade deôntica se refere ao eixo das obrigações e permissões, em que este subtipo modal é condicionado por traços lexicais de

⁶⁵ Tradução nossa. O original diz: “En esta sociedad, si quieres que te escuchen tienes que ser una multitud, si no, no te escuchan...si son varios pues ya se lo piensan” (LÓPEZ, 2005, p. 60).

⁶⁶ Tradução nossa. O original diz: “Nosotros hemos ido a Valencia y hemos estado en Valencia hace muy poco y allí todo el mundo hablaba castellano; no hay nadie que hable en...te tienes que ir a Alzira, te tienes que ir a...yo que sé” (LÓPEZ, 2005, p. 62).

⁶⁷ Tradução nossa. O original diz: “Visitors have to leave by six pm” (VON FINTEL, 2006, p. 02).

⁶⁸ Tradução nossa. O original diz: “You have to go to bed in ten minutes” (VON FINTEL, 2006, p. 02).

controlabilidade [+controle] ligados ao falante e implicando que o ouvinte aceita o valor de verdade expresso no enunciado como algo que deve ser realizado, como nos exemplos: *Primeiro eu vou mostrar ao senhor a baixada. Lá eu posso arranjar um animal para Ricardo, com Benedito Olaria. Almoçamos aqui. Depois do almoço, Ricardo **pode** ir com a gente* (possibilidade deôntica) e *Ângela, **é preciso** tomar cuidado e não exagerar: você não deve estragar Mário* (necessidade deôntica) (NEVES, 2006, p. 160). Por sua vez, a modalidade bulomaica (volitiva) diz respeito à necessidade e à possibilidade relacionadas aos desejos e vontades do falante, como nos exemplos: *Não **pode** ser. Seria sorte demais... Você quer dizer que o nosso Hipólipo foi traduzido por Lutércio, do grego? Meu Deus! Não **pode** ser verdade* (possibilidade bulomaica) e *Dessa vez o título **deve** ser nosso* (necessidade bulomaica) (NEVES, 2006, p. 160).

Para Moura (2009), a categoria modalidade é tradicionalmente delimitada com base nos parâmetros de possibilidade e necessidade, em que estes derivam em diferentes subcategorias modais, a saber: a modalidade alética, a modalidade epistêmica, a modalidade deôntica, a modalidade bulomaica e a modalidade disposicional. No que é relativo à modalidade deôntica, a autora define que este subtipo modal está relacionado à instauração de obrigações, permissões e proibições e, por isso, está ligada aos traços lexicais relativos ao falante [+controle], cabendo ao ouvinte aceitar o valor de verdade do enunciado para executá-lo. No que tange à modalidade bulomaica (volitiva), este subtipo modal está relacionado às noções de necessidade (pretensão) e possibilidade (desejo) advindas da vontade do falante.

De acordo com Muller e Mello (2009), a categoria modalidade pode ser dividida em cinco tipos: modalidade epistêmica, modalidade deôntica, modalidade bulética (volitiva), modalidade teleológica e modalidade circunstancial. A modalidade deôntica está relacionada ao que é obrigatório, permitido ou proibido a partir de um conjunto de regras e normas sociais, como nos exemplos: *Os visitantes **têm de** sair às 16h e Os visitantes **podem** sair às 16h* (MULLER; MELLO, 2009, p. 01). Por seu turno, a modalidade bulética (volitiva) se refere ao que é desejável ou indesejável a partir dos desejos e vontades do falante, como nos exemplos: *Você **tem de** ir pra cama em 10 minutos e Você **pode** ir pra cama em 10 minutos* (MULLER; MELLO, 2009, p. 01).

Conforme Mello et al (2009), a noção de modalidade foi mencionada, pioneiramente, na teoria da lógica aristotélica, com base em valores como verdadeiro, falso, possível, impossível, necessário e contingente (sob a perspectiva lógico-filosófica). Posteriormente, nos estudos linguísticos, a modalidade passa a estar associada à atitude e às opiniões subjetivas do

falante e ao estudo de como essa dimensão atitudinal é codificada gramaticalmente nas línguas naturais. Assim sendo, a categoria modalidade poderia ser dividida em seis tipos específicos: modalidade alética, modalidade bulomaica (volitiva), modalidade epistêmica, modalidade deôntica, modalidade disposicional e modalidade circunstancial. A modalidade deôntica está relacionada às noções de obrigação e permissão, geralmente instaurada por meio de diretivas que se referem a uma obrigação ou que garantem uma permissão, além de orações que reportam condições deônticas. Segundo os autores, a modalidade deôntica não inclui as noções semânticas de habilidade (capacidade ou disposição) e desejo (volição), haja vista que se refere à imposição de um evento entendido como obrigatório ou permitido. Em outras palavras, os autores especificam que a modalidade deôntica indica o grau de desirabilidade moral do estado-de-coisas expresso no enunciado modalizado, representando de um modo mais complexo, expressões de permissão, obrigação ou impedimento (proibição) para que o alvo da atitude modal contido no predicado realize o estado-de-coisas expresso pela oração, como no exemplos citados pelos autores retirados de Neves (2006): *Você **pode** ir agora, Nós **devemos** resolver este problema antes que se torne público e Desta vez o título **deve** ser nosso* (MELLO et al, 2009, p. 119-120). A modalidade bulomaica (volitiva), por sua vez, indica a intenção ou a volição do falante, como nos exemplos também retirados de Neves (2006): *Não **pode** ser. Seria sorte demais, Desta vez o título **deve** ser nosso e Você **tem de** ir para a cama em dez minutos* (MELLO et al, 2009, p. 118). De acordo com os autores, a modalidade bulomaica (volitiva) está associada às noções de possibilidade e necessidade. Nesse sentido, essa categoria modal está presente em enunciados no qual o falante avalia o estado-de-coisas em termos de necessidade ou possibilidade segundo os seus desejos e vontades. Em outras palavras, a modalidade bulomaica (volitiva) é a indicação do grau de apreciação que o falante faz do estado-de-coisas, como no exemplo retirado de Nuyts (2005):⁶⁹ *É ótimo que você venha a minha festa hoje à noite* (MELLO et al, 2009, p. 118). Ainda segundo os autores, a modalidade bulomaica é vista, em algumas tipologias de modalidade, como um subtipo modal deôntico em razão da aproximação entre as noções de desejo e intenção com as noções de ação, ordem e permissão, haja vista que um ato de vontade (modalidade volitiva – ato volicional) pode culminar em uma imposição de vontade (modalidade deôntica – imposição volicional).

Para Ribeiro (2010), a categoria modalidade pode ser descrita e analisada com base em uma perspectiva lógico-filosófica, variando entre o que é verdadeiro, falso, possível,

⁶⁹ Mello et al (2009) exemplifica ao fazer a tradução do original citado por Nuyts (2005): “(It is) Great that you are coming to my party tonight”.

impossível, necessário e contingente. Assim sendo, a modalidade pode ser dividida em seis tipos: modalidade alética, modalidade epistêmica, modalidade deôntica, modalidade dinâmica, modalidade bulomaica (volitiva) e modalidade afetiva. Em relação à modalidade deôntica, esta expressa obrigações ou permissões, ligando-se à noção de ordem, como no exemplo: *Outra coisa tem que ser feita e outros homens têm que ser postos na alavanca do commando* (RIBEIRO, 2010, p. 69). Por sua vez, a modalidade bulomaica (volitiva) expressa a vontade e liga-se à noção de desejo do falante em relação a um estado-de-coisas em termos de necessidade (*querer-fazer*) e de possibilidade (*querer-desejar*), como no exemplo: *Não queremos ser demasiado sérios com os sympathicos rapazes, que, afinal, têm a desculpa de haverem agido desinteressadamente; mas não podemos, nem queremos ocultar-lhes a má impressão, que o facto nos produziu. Esperamos que não nos levarão a mal esta attitude, que é a attitude que temos invariavelmente mantido em casos semelhantes* (RIBEIRO, 2010, p. 69).

De acordo com Andrade (2010), a modalidade funciona como marcadores de tensão, compromissos, intenções e reguladoras das forças ilocucionárias ao estabelecerem relações em um enunciado. Para o autor, a modalidade se divide em alética, epistêmica, deôntica, volitiva e apreciativa. A modalidade deôntica, segundo a autora, refere-se ao eixo da conduta, ou seja, é relativa à linguagem das normas, daquilo que se deve fazer, como nos exemplos: *É obrigatório comparecer em todas as reuniões do colegiado* (obrigação), *É proibido pisar na grama* (proibição) e *É permitido brincar na grama* (permissão) (ANDRADE, 2010, p. 51). Por seu lado, a modalidade volitiva se refere ao desejo, à vontade do locutor de realizar algo, sendo que a determinação da situação é anterior à sua realização, como nos exemplos: *Este ano, desejo uma vida mais tranquila* (volição), *Hoje quero a sua companhia* (volição), *Superarei todos os obstáculos para chegar onde quero* (volição: intenção) e *Tomara que haja evidências deste fato* (volição) (ANDRADE, 2010, p. 51).

Conforme Scarduelli (2011), a categoria modalidade tem relação com a perspectiva lógico-filosófico, em termos do que é entendido entre necessário e possível, diferenciando-se em alética, epistêmica, deôntica, bulética, circunstancial e teleológica.⁷⁰ No que diz respeito à modalidade deôntica, esta leva em conta os mundos que estão de acordo com as leis vigentes e com os espíritos morais de uma dada comunidade, como no exemplo: *João deve casar-se* (SCARDUELLI, 2011, p. 50); em que dadas as circunstâncias de ordem superior, há uma obrigação instaurada no sentido de que se realize o que é descrito pelo predicado. No que tange

⁷⁰ Scarduelli (2011) propõe essa definição de modalidade nos estudos da Filosofia da Linguagem que são apresentados por outros autores, tais como Rescher (1966), Hilpinen (1971), Lyons (1977), Kratzer (1981, 1991, 2010), Palmer (2001), Von Fintel (2005) e Portner (2009).

à modalidade bulética (volitiva), esta se configura dentro do conjunto de mundos que constituem os desejos e vontades do falante, como no exemplo: *Você **devia** escovar os dentes todos os dias* (SCARDUELLI, 2011, p. 51); em que o falante expressa uma avaliação pessoal sobre o que é bom, agradável e desejável para o ouvinte.

Segundo Topor (2011), a categoria modalidade se refere à manifestação das atitudes do falante perante o que ele enuncia para o seu ouvinte, podendo também remeter às propriedades internas dos sujeitos. Desse modo, a modalidade se divide em modalidade epistêmica, modalidade deontica, modalidade de aproximação, modalidade dinâmica, modalidade radical, modalidade evidencial e modalidade volitiva ou intencional. De acordo com a autora, a modalidade deontica opera entre os conceitos de possibilidade e necessidade, expressando o que é entendido como obrigatório, permitido ou proibido, como nos exemplos: *Você **pode** vir quando você quiser* e *Você **deve** limpar o seu quarto* (TOPOR, 2011, p. 146).⁷¹ Por seu lado, a modalidade volitiva ou intencional está relacionada com a expressão dos desejos e vontades do falante ou do que ele espera que o ouvinte realize em termos do que é volicionado ou intencionado, como nos exemplos: ***Penso** em voltar para a minha cidade natal* e ***Deverias** ir para a tua casa* (TOPOR, 2011, p. 164).⁷²

Segundo Barcia (2012), a modalidade é relativa à manifestação das posturas do falante por meio do seu texto (oral ou escrito), empregando para isso diferentes marcas linguísticas, sejam elas de ordem gramatical ou não, podendo ser dividida em modalidade epistêmica, modalidade avaliativa, modalidade deontica e modalidade volitiva. No que diz respeito à modalidade deontica, este subtipo modal está relacionado às regras e às normas de conduta social, legal e moral, o que a enquadra no eixo dos deveres, das permissões e das proibições, como nos exemplos: *Virtude que move a dar a Deus o culto **devido*** (obrigação) e *Interrupção da gravidez por causas naturais ou deliberadamente provocadas. **Pode** constituir eventualmente em um **delito*** (proibição e advertência) (BARCIA, 2012, p. 151).⁷³ Por sua vez, a modalidade volitiva se refere à manifestação dos posicionamentos do sujeito com relação ao que lhe parece desejável ou indesejável, como nos exemplos: *Discurso cristão ou oração evangélica que ministra o sacerdote perante os fiéis para o ensino da **boa** doutrina* (desejável em relação a ministrar a palavra) e *Pregar com **más** doutrinas ou exemplos os costumes, a fé,*

⁷¹ Tradução nossa. O original diz: “Puedes venir cuando te apetezca” / “Debes limpiar tu habitación” (TOPOR, 2011, p. 146).

⁷² Tradução nossa. O original diz: “Pienso volver mi ciudad natal” / “Deberías irte a casa” (TOPOR, 2011, p. 164).

⁷³ Tradução nossa. O original diz: “Virtud que mueve a dar a Dios el culto debido” / “Interrupción del embarazo por causas naturales o deliberadamente provocadas. Puede constituir eventualmente un delito” (BARCIA, 2012, p. 151).

o gosto, etc. (indesejável em relação a pregar más doutrinas) (BARCIA, 2012, p. 151).⁷⁴ De acordo com a autora, a modalidade volitiva remete a um ato de vontade (ato volicional), ou seja, refere-se à capacidade para decidir e ordenar a própria conduta. Portanto, não se trata de uma manifestação de caráter mais assertivo como ocorre com a modalidade deôntica, pois se limita a um conjunto de marcas linguísticas direcionadas a orientar ao receptor (ouvinte) acerca das atitudes consideradas como idôneas e aconselháveis (imposição volicional).

De acordo com Czopek (2012), a modalidade deôntica se refere à manifestação de ordens, conselhos e pedidos, cujo objetivo do falante é mudar de certo modo a realidade, exercendo, assim, influência sobre o ouvinte ou o objeto referido na oração, podendo empregar, para isso, verbos de influência, como nos exemplos: *Depois dos incidentes na ponte, o então primeiro-ministro propôs que fosse atribuído a Luís Miguel um subsídio para a aquisição de uma viatura de deficientes* e *Quando Fidel se deu conta de que os cubanos já não suportavam os apagões [...] ordenou que fossem ligadas todas as fontes de energia [...]* (CZOPEK, 2012, p. 171). Por sua vez, a modalidade deôntica optativa ou desiderativa está relacionada à expressão de desejos e vontades do falante, sendo relativa a eventos não-factuais e orientados para um momento posterior (futuridade), pouco preciso ou incerto, como no exemplo: *Os espanhóis estão a colher o que semearam, mas Deus queira que o crude não chegue aqui* (CZOPEK, 2012, p. 171).

Nas palavras de Nascimento e Silva (2012), a modalidade deôntica diz respeito à expressão avaliativa por parte do falante do que é entendido como obrigatório, facultativo, permitido ou volitivo. Para os autores, os valores modais deônticos podem ser de: (i) obrigação, que apresenta o conteúdo como algo obrigatório e que precisa acontecer, como no exemplo: *É obrigatório que você faça a tarefa de casa* (NASCIMENTO; SILVA, 2012, p. 84); (ii) proibição, que expressa o conteúdo como algo proibido e que não pode acontecer, como no exemplo: *Você não pode fumar nesse ambiente* (NASCIMENTO; SILVA, 2012, p. 84); (iii) possibilidade, que expressa o conteúdo como algo facultativo ou dá a permissão para que algo aconteça, como no exemplo: *Você pode entrar nessa sala* (NASCIMENTO; SILVA, 2012, p. 84); e (iv) volição, que expressa o desejo ou a vontade de que algo ocorra, como no exemplo: *Eu gostaria que você fosse comigo* (NASCIMENTO; SILVA, 2012, p. 84).

De acordo com Segovia (2013), a modalidade é uma categoria semântica que acrescenta ao significado composicional da oração a qualidade de falar a respeito de

⁷⁴ Tradução nossa. O original diz: “Discurso cristiano u oración evangélica que predica el sacerdote ante los fieles para la enseñanza de la buena doctrina” / “Viciar con malas doctrinas o ejemplos las costumbres, la fe, el gusto, etc.” (BARCIA, 2012, p. 151).

possibilidades e necessidades, estando, pois, intimamente ligada a outras categorias linguísticas, tais como o Modo, o Tempo, a Evidencialidade, etc. Segundo o autor, a modalidade pode ser dividida em quatro tipos: modalidade circunstancial, modalidade epistêmica, modalidade deôntica e modalidade objetiva. No que se refere à modalidade deôntica, o autor define que esta categoria modal está relacionada ao que é obrigatório e permitido, como nos exemplos: *Sim, me deram férias: assim, posso ir a Acapulco* e *Para aprovar na matéria você tem que passar no exame final* (SEGOVIA, 2013, p. 135).⁷⁵ Por seu turno, a modalidade objetiva se assemelha à modalidade deôntica, no entanto, não tem por objetivo que se cumpra uma ordem ou mandado, mas expressar uma disposição ou intenção em realizar um dado evento, como no exemplo: *Como quero melhorar a minha saúde, tenho que fazer uma dieta* (SEGOVIA, 2013, p. 135).⁷⁶

Conforme Oliveira e Mendes (2013), a modalidade deôntica diz respeito aos atos de permissão e de imposição de uma obrigação que envolvem os participantes do evento de fala no que se refere à situação descrita pelo enunciado modalizado, como no exemplo: *Tens de me entregar este trabalho até amanhã* e *O Chefe permitiu que os empregados fizessem ponte* (OLIVEIRA; MENDES, 2013, p. 623); enquanto a modalidade volitiva se refere à volição (*querer-fazer*) ou ao desejo (*querer-desejar*) expresso pelo falante, como nos exemplos: *A Ana quer desistir da escola* e *Espero conseguir passar de ano* (OLIVEIRA; MENDES, 2013, p. 623).

De acordo com Steffler (2013), a modalidade deôntica constitui, basicamente, a expressão linguística das relações de poder na sociedade, relacionando-se ao *eixo do dever*, como nos exemplos: *Devemos aprender a trabalhar os conflitos, a proteger os fracos, perdoar os culpados, reconstruir amizades e construir um mundo de paz* e *João Paulo II lembrava que a razão deve ser curada pelo amor* (STEFFLER, 2013, p. 24); enquanto a modalidade volitiva expressa o desejo, a intenção ou o impulso para realizar determinada ação, relacionando-se ao *eixo do querer*, como no exemplo: *Eu quero voltar logo para casa* e *Eles desejam viajar* (STEFFLER, 2013, p. 42).

De acordo com Gonçalves (2013), a categoria modalidade se distingue com base nas noções de necessidade e possibilidade, cuja origem remonta à lógica, dividindo-se em alética, deôntica, volitiva e epistêmica. No tocante à modalidade deôntica (do grego *deon* = obrigação),

⁷⁵ Tradução nossa. O original diz: “Sí me dieron vacaciones: sí puedo ir a Acapulco” / “Para aprobar la materia tienes que pasar el examen final” (SEGOVIA, 2013, p. 135).

⁷⁶ Tradução nossa. O original diz: “Como quiero mejorar mi salud, tengo que ponerme a dieta” (SEGOVIA, 2013, p. 135).

este subtipo modal é caracterizado como aquele que se encontra entre os polos do obrigatório e do proibido, passando pelo permitido, situando-se nos domínios da moral e dos deveres. Essa modalidade relaciona-se com a conduta, com o comportamento que se espera do interlocutor diante de um determinado estado-de-coisas, como no exemplo: *A Cochonilha he um objecto de tanta importância ao commercio, e de tanto interesse as (Sic) Artes que não **deve** ser indifferente a (Sic) aquisição dos seus costumes [...]* (Proibição) (GONÇALVES, 2013, p. 62). Por seu turno, a modalidade volitiva está ligada à vontade, ao desejo e à motivação do falante, fazendo com que o evento possa se realizar, como nos exemplos: *Munto **hei de estimar** que quando esta for a sua estimavel presença tenha a Felicidade de achar a Vossa Mercê disfrutando huma feliz e Vigoroza Saude[...]* (Intenção) e *Além disso, uma novidade violenta: vou acabar a tese e cair fora do ITA, porque esta joça aqui está caindo de podre e eu não **quero** estar por baixo na derrocada final* (Volição) (GONÇALVES, 2013, p. 63).

Segundo González de la Rosa (2013), a categoria modalidade se refere à postura efetiva do falante no que tange à realização de eventos e situações, bem como as maneiras pelas quais ele expressa as noções de necessidade e possibilidade de que um dado evento venha a ocorrer, a sua inclinação, decisão, intenção, disposição ou pretensão em realizar um evento ou a sua posição emotiva ou afetiva em relação ao evento. Para o autor, a modalidade se distingue em: epistêmica, evidencial, deôntica e volitiva. No que tange à modalidade deôntica, esta diz respeito aos múltiplos eventos em que recaem a obrigação e a permissão de concretizá-los ou a proibição de realizá-los, como no exemplo: *Enquanto, pelo contrário, neste mundo, também pela razão da empresa presente, como também pelo menos a mulher deve ter medo, a própria entrada pela qual ele **deve** colocar na mão, eles são obrigados a se esconder: e então a mão dele está lá, ele **deve** procurar a criança (como ela **deve** ser colocada) para não poder vê-la* (GONZÁLEZ DE LA ROSA, 2013, p. 122).⁷⁷ Por seu turno, a modalidade volitiva está relacionada ao desejo, à vontade ou à intenção do falante de realizar o evento volicionado, em que, muitas vezes, refletem o comprometimento do falante em relação ao que é desejado (carrega a força comunicativa de uma promessa), como no exemplo: *Então, se eles **desejam***

⁷⁷ Tradução nossa. O original diz: “Whereas contrariwise in this worke as well by reason of the company present, as also, least the woman should be afraid, the very entrance, whereby hee should put in his hand, they are constrained to hide: and then his hand being there, he must search for the child (howsoever it be placed) not being able to see it” (GONZÁLEZ DE LA ROSA, 2013, p. 122).

salvar a criança e, conseqüentemente, a mãe da morte: devem chamar um Chirurgien para libertá-la e trazer a criança ao mundo (GONZÁLEZ DE LA ROSA, 2013, p. 122).⁷⁸

Segundo Resende (2013), a categoria modalidade pode ser delimitada e definida a partir de dois operadores modais: *é possível* e *é necessário*; em que ambos os operadores mantêm estreita relação com os quantificadores existencial e universal, ou seja, o operador *é possível* afirma que uma sentença é verdadeira em, pelo menos, um mundo possível, enquanto o operador *é necessário* significa que a sentença é verdadeira em todos os mundos possíveis. Para o autor, a modalidade se divide em cinco tipos específicos: modalidade epistêmica, modalidade deôntica, modalidade bulética (volitiva), modalidade circunstancial e modalidade teleológica. A modalidade deôntica indica o que é possível, necessário, permissível ou obrigatório, dados um conjunto de leis e um conjunto de princípios de ordem moral, legal ou social, como no exemplo: *João deve declarar seu imposto de renda [pelas leis vigentes]* (RESENDE, 2013, p. 12). Por seu turno, a modalidade bulética (volitiva) expressa o que é possível ou necessário no tocante aos desejos, às vontades e às intenções do falante, como no exemplo: *João tem que ganhar na loteria [É o que eu quero]* (RESENDE, 2013, p. 12).

De acordo com Ávila (2014), a modalidade permite à linguagem falar de coisas para além do aqui-agora, com base nas noções do que é possível e é necessário, dividindo-se em cinco subtipos modais: modalidade epistêmica, modalidade deôntica, modalidade bulética (volitiva), modalidade circunstancial e modalidade teleológica. A modalidade deôntica diz respeito ao que é obrigatório ou permitido com base em princípios e leis de ordem social, como no exemplo: *Os visitantes têm que sair por volta de seis da tarde [regra de conduta exigida pela empresa]* (ÁVILA, 2014, p. 30); enquanto a modalidade bulética (volitiva) se refere aos desejos e às vontades do falante, como no exemplo: *Você tem que ir pra cama em dez minutos [desejo do falante para que o ouvinte realize o evento]* (ÁVILA, 2014, p. 30).

Nas palavras de Angheluta (2014), a categoria modalidade está relacionada à interpretação e à manifestação da subjetividade do falante, mas também do ouvinte, que pode se tornar também um agente, caso recaia sobre ele a concretização do evento modalizado. Nesses casos, a autora se refere à modalidade deôntica como aquela que é relativa à tentativa do falante de incutir certa reação ou atitude no ouvinte, de modo que esta categoria modal atua em termos de ordem, mandado, instrução, petição, etc. Segundo a autora, a modalidade deôntica se ocupa da necessidade ou possibilidade de atos que devem ser realizados e que são designados

⁷⁸ Tradução nossa. O original diz: “Then if they will save the child, and so consequently the mother from death: they must call a Chirurgien to deliver her and bring the child into the world” (GONZÁLEZ DE LA ROSA, 2013, p. 122).

pelo predicado, podendo também descrever as circunstâncias em que se produz uma ação. Devido ao caráter prescritivo da modalidade deôntica, a ela estão relacionados os valores de obrigação, permissão (modalidade deôntica) e volição (modalidade volitiva), definindo, dessa forma, o grau de obrigatoriedade ou de permissividade em relação ao conjunto de normas existentes.

Conforme Simões de Jesus (2014), a modalidade deôntica diz respeito ao que é possível ou necessário tendo em conta um conjunto de normas, sejam elas de ordem legal, social, cultural, etc., como no exemplo: *A Maria obrigou a filha a ficar em casa* (SIMÕES DE JESUS, 2014, p. 20); enquanto a modalidade bulética ou volitiva é relativa aos valores de desejo e vontade, como no exemplo: *A Ana quer dar a volta ao mundo* (SIMÕES DE JESUS, 2014, p. 20). Assim, as modalidades deôntica e volitiva se referem a tipos modais diferenciados, em que a primeira é relativa ao mundo das normas e regras, enquanto a segunda é referente ao que é desejável ou indesejável.

De acordo com Oloume (2015), a categoria modalidade do enunciado (modalidade linguística) está relacionada à manifestação subjetiva do falante frente ao que ele enuncia. Dessa forma, a categoria modalidade pode ser dividida em dois grandes grupos: as modalidades lógicas (alética, epistêmica e deôntica) e as modalidades afetivas e apreciativas (ou avaliativas). Especificamente, em relação à modalidade lógica deôntica, esta se refere à obrigação expressa pelo enunciado com base em um sistema de normas e regras. Segundo o autor, a palavra “deôntica” tem origem no grego *ta deonta* que significa *aquilo que faz falta*. A partir desse recurso etimológico, é possível se dar conta que o conceito de modalidade deôntica remete à expressão de obrigações, proibições, permissões, volições (modalidade volitiva), etc. Desse modo, a modalidade deôntica pode ser de natureza impositiva, quando está relacionada a obrigações, ordens e proibições, e de natureza não-impositiva, quando se refere à manifestação de súplicas, exortações, advertências, recomendações e desejos, como nos exemplos: *Acima de tudo, temos que levar em consideração que toda interação é dialógica* (modalidade deôntica impositiva com valor de obrigação),⁷⁹ *Também é aconselhável desenvolver o sistema de sinalização com sugestões e contribuições dos alunos* (modalidade deôntica não-impositiva

⁷⁹ Tradução nossa. O original diz: “Sobre todo, tenemos que tomar en cuenta que toda interacción es dialógica” (OLOUME, 2015, p. 212).

com valor de recomendação),⁸⁰ e *Podemos propor a seguinte lista de categorias que **deveriam** ser revisadas por escrito* (modalidade deôntica não-impositiva com valor de desejo).⁸¹

Para Moreira (2015), a categoria modalidade se refere a eventos que podem ter (aspecto *realis*) ou não ter (aspecto *irrealis*) acontecido, mas que são desejados (volição), possíveis (epistêmico) ou necessários (deôntico). Dessa forma, a descrição e análise da categoria modalidade pode ser feita em termos de quantificação de mundos possíveis que, por sua vez, modela o comportamento dos modais no que tange à possibilidade ou à necessidade. Nesse sentido, no que se refere à categorização das modalidades deôntica e bulética (volitiva), a autora define que a modalidade deôntica (do grego: *déon* ‘obrigação’) é relativa ao que é obrigatório e/ou permitido, como no exemplo: *Denise **deve** chegar ao trabalho às 8h* (MOREIRA, 2015, p. 106); que diz respeito a certas regras e obrigações de horário impostas no trabalho de *Denise*. Por sua vez, a modalidade bulética (do grego: *boulé* ‘desejo’) está relacionada aos desejos e às vontades do falante, como no exemplo: *Marcus **tem que** provar esse bolo de chocolate* (MOREIRA, 2015, p. 107); que é relativo ao que é necessário, de acordo com certos desejos expressos pelo falante.

Segundo Pajares (2015), a categoria modalidade está relacionada à atitude do sujeito falante perante o ouvinte e/ou frente ao conteúdo da predicação emitida por ele no enunciado. Desse modo, a modalidade poderia ser dividida em quatro tipos: modalidade epistêmica, modalidade deôntica, modalidade volitiva e modalidade apreciativa. No que tange à modalidade deôntica, esta alude à necessidade ou à obrigação dos atos que realizará um dado agente, de modo que esta categoria modal está associada às funções sociais de permissão e obrigação, em que não há a descrição de um ato, mas a imposição de que alguém esteja obrigado ou proibido de realizá-lo, como nos exemplos: *Podemos **terá que** pagar os custos judiciais, Íñigo Errejón violou as suas obrigações laborais e O contrato estipula que ele **deve** estar 40 horas por semana trabalhando na Universidade* (PAJARES, 2015, p. 34).⁸² No que diz respeito à modalidade volitiva, esta categoria modal se refere às disposições, às pretensões, às intenções, aos desejos e às vontades do falante em relação à concretização de um dado evento, como nos exemplos: *A **sua intenção de** investir grande parte do seu salário como deputado em La Tuerka*

⁸⁰ Tradução nossa. O original diz: “Asimismo, es recomendable elaborar el sistema de signos con las sugerencias y aportaciones de los estudiantes” (OLOUME, 2015, p. 212).

⁸¹ Tradução nossa. O original diz: “Podemos proponer la siguiente lista de categorías que deberían revisarse en cualquier escrito” (OLOUME, 2015, p. 216).

⁸² Tradução nossa. O original diz: “Podemos tendrá que pagar las costas judiciales” / “Íñigo Errejón ha incumplido sus obligaciones laborales” / “El contrato estipula que debe estar 40 horas semanales trabajando en la Universidad” (PAJARES, 2015, p. 34).

e *Podemos* tornou pública nesta quarta-feira uma nota **tratando de esclarecer** as informações do *El País* (PAJARES, 2015, p. 36).⁸³ Ainda segundo o autor, a modalidade volitiva pode ser de caráter acional, quando implica na concretização do evento desejado em um momento posterior ao evento de fala (futuridade) e possível de se concretizar, como nos exemplos: *No nível fiscal, eles **propõem** tipificar o crime e Eles **procuram** eliminar os privilégios fiscais da Igreja* (PAJARES, 2015, p. 37);⁸⁴ e a modalidade volitiva pode ser de caráter mental, quando se manifesta um desejo referente a um momento anterior ao evento de fala (preteridade) e impossível de se concretizar, como nos exemplos: *O Vall d'Hebron Olímpico completou sua capacidade sem poder acolher todas as pessoas que **desejavam** entrar na primeira reunião do secretário geral da Podemos na Catalunha e O centro esportivo olímpico Vall d'Hebron não conseguiu acomodar todos aqueles que **pretendiam** entrar para ouvir o primeiro encontro de Iglesias* (PAJARES, 2015, p. 37).⁸⁵

Conforme Pereira (2016), a categoria modalidade está baseada na lógica modal e nas noções de necessidade e possibilidade, dividindo-se, basicamente, em quatro tipos: modalidade alética, modalidade epistêmica, modalidade deôntica e modalidade volitiva. A modalidade deôntica tem seus valores modais ancorados na possibilidade e na necessidade, assinalando, assim, a permissão e a obrigação de um dado evento, como nos exemplos: *Um partido que almeja uma sociedade socialista e democrática **tem de ser**, ele próprio, democrático e O PT **recusa-se** a aceitar em seu interior representantes das classes exploradoras* (PEREIRA, 2016, p. 70). Por seu lado, a modalidade volitiva também tem seu valor modal ancorado nas noções de possibilidade e necessidade, mas na expressão de desejos e vontades, como nos exemplos: *Queremos um partido amplo e aberto a todos aqueles comprometidos com a causa dos trabalhadores e O povo brasileiro **quer** mudar para valer* (PEREIRA, 2016, p. 70).

De acordo com Silva (2016), a categoria modalidade é vista com base nas noções de necessidade e possibilidade, referindo-se, assim, às atitudes do falante em relação ao que diz, podendo ser dividida em modalidade alética, modalidade epistêmica, modalidade deôntica e modalidade volitiva. A modalidade deôntica está relacionada à conduta e ao comportamento

⁸³ Tradução nossa. O original diz: “Su intención de invertir gran parte de su sueldo como eurodiputado en La Tuerka” / “Podemos ha hecho pública este miércoles una nota tratando de aclarar las informaciones de El País” (PAJARES, 2015, p. 36).

⁸⁴ Tradução nossa. O original diz: “En el plano fiscal proponen tipificar el delito” / “Buscan eliminar los privilegios fiscales de la Iglesia” (PAJARES, 2015, p. 37).

⁸⁵ Tradução nossa. O original diz: “El Olímpic Vall d'Hebron completó su aforo sin poder acoger a todas las personas que querían entrar al primer mitin del secretario general de Podemos en Catalunya” / “El centro deportivo Olímpic Vall d'Hebron no consiguió acoger a todos los que pretendían entrar a escuchar el primer mitin de Iglesias” (PAJARES, 2015, p. 37).

que se espera do sujeito diante do estado-de-coisas designado pelo predicado e relativa aos valores de obrigação e permissão. Nesse sentido, o falante quer suscitar no seu ouvinte determinado comportamento ou ação, como no exemplo: *Lá o patrão do rapaz falô: “Você vai [banhá] no corgo. Ele disse: “E é mui... eles não qué que eu banhe aqui no colo. Qué que eu vô... vôpa casa de seu Hercilo ou pa casa de Amorim.”* *Aí ele: “Não, você vai banhá é aí no corgo.”* *Mandô, quando ele entrô dentro do corgo que ele atirô e matô* (SILVA, 2016, p. 32). Por sua vez, a modalidade volitiva se refere à vontade, ao desejo e à emotividade do falante, que faz com que o evento desejado venha a se concretizar, estando, desse modo, relativa aos valores de intenção e opção, como no exemplo: *Eu também vô mascá, eu vô vê isso com'é que é.”* *Aí eu tinha chupado bem uva debaixo do pé {risos} e eu tava [encheno os pote], aí eu corri lá pa perto do curral e falei: “Ôh ININT num fala com mãe que eu tôvomitano uva não, senão ela vai qué me batê. {risos}* (SILVA, 2016, p. 32).

Segundo Alencar (2016), a categoria modalidade está baseada na lógica a partir da flutuação entre os campos de necessidade e possibilidade, dividindo-se em quatro tipos: modalidade assertiva, modalidade epistêmica, modalidade apreciativa e modalidade intersubjetiva. No que tange à modalidade intersubjetiva, ela engloba todos os casos que têm origem no *elemento do desejo*, ou seja, nas vontades dos sujeitos, referindo-se ao que é desejável ao falante (modalidade volitiva), como no exemplo: *Eu devo sair esta noite, pois quero me divertir* (ALENCAR, 2016, p. 29); ou o que ele deseja que o ouvinte realize ao impor-lhe a sua vontade (modalidade deôntica), como no exemplo: *Tu podes me dizer a hora?* (ALENCAR, 2016, p. 30).

De acordo com Rodrigues (2017), a categoria modalidade é um termo geral que designa a expressão linguística das atitudes e opiniões do falante perante o que ele enuncia. Nesse sentido, a modalidade se distingue em cinco tipos específicos: modalidade epistêmica, modalidade capacidade ou necessidade interna, modalidade deôntica, modalidade externa aos participantes e modalidade desiderata (volitiva). A modalidade deôntica é relativa às noções de permissão, obrigação e imposição, como nos exemplos: *Tens de voltar para casa a horas* e *Por mim podes abrir a janela* (RODRIGUES, 2017, p. 64); enquanto a modalidade desiderata (volitiva) expressa os desejos e as vontades do falante, como no exemplo: *Eles queriam sair do emprego mais cedo* (RODRIGUES, 2017, p. 64).

Nas palavras de Thegel (2017), a modalidade é definida tradicionalmente em noções de possibilidade e necessidade, que, por sua vez, são elementos centrais da lógica modal. Nesse sentido, a modalidade se divide em três tipos: modalidade epistêmica, modalidade deôntica e

modalidade dinâmica. Segundo a autora, a modalidade deôntica é definida em termos do que é obrigatório, permitido e proibido, estando, portanto, relativa às normas e às regras de conduta social, como nos exemplos: *Na Espanha, aos dezoito anos, você já **pode** votar e Portanto, este Parlamento **deve** lançar uma clara mensagem ao Conselho sobre qual é a nossa vontade* (THEGEL, 2017, p. 39).⁸⁶ A modalidade dinâmica, por seu turno, refere-se aos conceitos de habilidade e volição (modalidade volitiva), sendo, pois, relativa à manifestação das capacidades ou do que é desejável ou indesejável, como no exemplo: *Os árabes e os russos, então, não chegou a falar deles, mas vamos lá, para a conversa **pode** se defender* (THEGEL, 2017, p. 41).⁸⁷

Na concepção de Ramos (2017), a categoria modalidade é entendida como o estatuto de uma certa proposição realizada sobre um determinado evento, analisada a partir de critérios nocionais, uma vez identificadas as suas variáveis tipológicas e dentro de um contexto plurilinguístico. Assim sendo, a modalidade deôntica corresponde às noções de obrigação, que é referente a uma autoridade externa que impõe ao sujeito um ônus, e permissão, que é relativa à manifestação externa da autorização para a realização do conteúdo da proposição, como condicionantes externas ao falante, como nos exemplos: *O João **tem de** entrar agora e O João **pode** entrar agora* (RAMOS, 2017, p. 37). Por seu turno, a modalidade volitiva, que se refere aos desejos, às vontades e às intenções do falante em realizar algo, como no exemplo: *O João **vai-te fazer** / O João **vai fazer** isso para ti* (RAMOS, 2017, p. 37).

Segundo Ferreira (2017), a categoria modalidade pode ser qualificada em termos de características semânticas de expressão modal, no que tange à quantificação universal e existencial em que essa expressão realiza (força modal de uma expressão) e o tipo de modalidade que uma expressão veicula (base modal da expressão). Desse modo, a modalidade se divide em cinco tipos: modalidade epistêmica, modalidade deôntica, modalidade bulética (volitiva), modalidade teleológica e modalidade circunstancial. Designadamente, em relação à modalidade deôntica, este subtipo modal está relacionado ao que é possível, necessário, permitido ou obrigatório, a partir de um conjunto de leis e princípios morais, como nos exemplos que se referem às regras de um hospital: *Os visitantes **têm de** sair às 16h e Os visitantes **podem** sair às 16h* (FERREIRA, 2017, p. 32). No que tange à modalidade bulética (volitiva), este subtipo modal se refere ao que é possível ou necessário de acordo com os desejos

⁸⁶ Tradução nossa. O original diz: “En España a los dieciocho años ya puedes votar” / “Por lo tanto, este Parlamento debe hoy lanzar un claro mensaje al Consejo sobre cuál es nuestra voluntad (THEGEL, 2017, p. 39).

⁸⁷ Tradução nossa. O original diz: “El árabe y el ruso, pues, no los ha llegado a hablar, pero vamos, para conversación puede defenderse (THEGEL, 2017, p. 41).

e as vontades dos sujeitos, como nos exemplos que dizem respeito à vontade de um pai: *Você tem de ir para cama em 10 minutos e Você **pode** ficar acordado até às 22h* (FERREIRA, 2017, p. 32).

Nas palavras de Gong (2018), a modalidade se refere à expressão das atitudes do falante em relação ao conteúdo o que ele enuncia, incluindo tanto a atitude subjetiva que adota o falante a respeito do que ele enuncia quanto a responsabilidade dele perante o conteúdo que por ele é veiculado. Dessa forma, a categoria modalidade se divide, basicamente, em três tipos: modalidade epistêmica, modalidade deôntica e modalidade evidencial. No que tange à modalidade deôntica, que é relativa às normas e regras de conduta impostas socialmente, ela se divide em duas: (i) modalidade diretiva, que se relaciona com a obrigação e a permissão que emana de uma fonte de autoridade externa mediante leis sociais, como no exemplo: *Sabem que somos a alternativa, que somos quem **podemos** fazer com que as coisas mudem* (GONG, 2018, p. 168);⁸⁸ e (ii) modalidade dinâmica, que se trata das capacidades e volições (modalidade volitiva) que procedem do próprio indivíduo, como nos exemplos: *Segundo estimativas, nos próximos cinco anos, a importação da China **poderia** crescer em uns 10 trilhões de dólares USA* (GONG, 2018, p. 168)⁸⁹ e *Os desempregados são parte do nosso plano. Os jovens são parte do nosso plano. **Queremos** que possam trabalhar e que confiem* (GONG, 2018, p. 208).⁹⁰

De acordo com Ferreira (2018), a modalidade deôntica é relativa aos valores de permissão, obrigação e proibição, envolvendo sempre uma entidade sobre a qual os seus valores se aplicam, quer seja do ponto de vista individual, quer do ponto de vista de regras e regulamentos existentes na sociedade. Nesse sentido, os valores modais deônticos têm origem em um agente (fonte da atitude modal) que, por sua vez, tem controle sobre a situação veiculada. Assim, o valor de obrigação instaurado está associado ao domínio da necessidade, enquanto o valor de permissão está relacionado ao domínio da possibilidade, como nos exemplos: *Quando uma pessoa tem hepatite, os médicos dizem que **deve** beber Coca-Cola por causa do açúcar* (possibilidade deôntica) e *Agora, se quiseres, **podes** fechar a boca* (necessidade deôntica) (FERREIRA, 2018, p. 51). Por seu turno, a modalidade desiderativa (volitiva) está relacionada à manifestação de uma vontade ou de um desejo que é manifestado pelo falante. Desse modo, o domínio da necessidade está relacionado, fundamentalmente, à expressão de um desejo

⁸⁸ Tradução nossa. O original diz: “Sabem que somos la alternativa, que somos quienes podemos hacer que las cosas cambien” (GONG, 2018, p. 168).

⁸⁹ Tradução nossa. O original diz: “Según estimaciones, en los cinco años próximos, la importación de China podría ascender a unos 10 billones de dólares USA” (GONG, 2018, p. 168).

⁹⁰ Tradução nossa. O original diz: “Los parados son parte de nuestro plan. Los jóvenes son parte de nuestro plan. Queremos que puedan trabajar y que confien” (GONG, 2018, p. 208).

(volição), enquanto o domínio da possibilidade está ligado à ideia de um futuro desejável (desideração), como nos exemplos: *Só espero que em próximas edições elas não sejam escolhidas em função do seu interesse mediático, mas do seu valor musical* e *Se há sítio mágico e mítico onde quero ir é a ilha de Bali* (FERREIRA, 2018, p. 53). Dessa forma, as modalidades deôntica e volitiva se referem a eixos modais distintos, respectivamente, conduta e volição, diferenciando-se também em relação aos domínios de necessidade volitiva (volição) / necessidade deôntica (obrigação) e possibilidade volitiva (desideração) / possibilidade deôntica (permissão).

Conforme Pajares (2018), a modalidade é uma categoria relativa à manifestação das atitudes do falante perante o conteúdo da predicação que está contida no enunciado, podendo ser dividida em quatro tipos: modalidade epistêmica, modalidade deôntica, modalidade volitiva e modalidade apreciativa. Segundo o autor, a modalidade deôntica remete às noções de necessidade e obrigação em relação aos atos que pode realizar um dado sujeito. Por isso, esta categoria modal está associada aos valores modais de permissão, obrigação e proibição, em que não se trata apenas de descrever um ato (imposição volicional), mas de impor a alguém a obrigação ou a proibição de realizá-lo, como nos exemplos: *O espanhol deveria ter 50% da comunicação dos meios pagos com impostos públicos* e *Se você escrever um email endereçado a pessoas de fora, da América Latina, então você tem que escrever em espanhol* (PAJARES, 2018, p. 334).⁹¹ Por sua vez, a modalidade volitiva é relativa aos desejos e às vontades do sujeito sobre a concretização de um dado evento (ato volicional), podendo a volição, em alguns casos, estender-se ao próprio falante (intenção), como no exemplo: *Minha consciência lingüística é revelada no COU. Aqui eu decido que eu quero aprender [catalão] realmente* (PAJARES, 2018, p. 346).⁹²

De acordo com Lopes Suelela (2019), a modalidade reflete as atitudes do falante com relação ao que ele enuncia, distinguindo-se em noções de necessidade e possibilidade, e podendo ser dividida em cinco subtipos modais: modalidade alética, modalidade epistêmica, modalidade avaliativa, modalidade deôntica e modalidade volitiva. Em relação à modalidade deôntica, este subtipo modal diz respeito ao domínio dos deveres, das ordens, dos mandados, das proibições e das permissões, como no exemplo: *Exige que se redobrem os esforços para*

⁹¹ Tradução nossa. O original diz: “El castellano debería de tener el 50% de la comunicación de los medios pagados con impuestos públicos” / “Si escribes un mail que va dirigido a gente de fuera, de Latinoamérica, pues hay que escribirlo en castellano” (PAJARES, 2018, p. 334).

⁹² Tradução nossa. O original diz: “Mi conciencia lingüística se desvela en COU. Aquí decido que yo quiero aprenderlo [el catalán] de verdad” (PAJARES, 2018, p. 346).

conter as irregularidades (LOPES SUELELA, 2019, p. 72). Por sua vez, a modalidade volitiva é relativa aos desejos e às vontades do falante, como no exemplo: *Queremos que haja correspondência entre as forças policiais de Angola e do Congo* (LOPES SUELELA, 2019, p. 72).

Segundo Teixeira, Gritti e Koslinski (2019), a categoria modalidade tem a ver com a expressão das noções de necessidade e possibilidade. Assim sendo, essas noções dizem respeito a dois tipos de força modal que as expressões modalizadoras das línguas naturais podem apresentar. Nesse sentido, a modalidade pode apresentar diferentes focos de qualificação modal ou subtipos modais, tais como: (i) modalidade epistêmica, que diz respeito ao que é possível ou necessário, dado o que se sabe, e para o que se tem evidência, como no exemplo: *João deve ser o culpado*; (ii) modalidade deôntica, que indica o que é possível, necessário, permissível ou obrigatório, dado um conjunto de leis ou um conjunto de princípios, como no exemplo: *João deve se alistar no serviço militar*; (iii) modalidade bulética ou desiderata (volitiva), que expressa o que é possível ou necessário no que diz respeito aos desejos e às vontades do falante, como no exemplo: *João tem que passar no teste*; (iv) modalidade circunstancial, que aponta o que é possível ou necessário dado um conjunto de circunstâncias, como no exemplo: *João deve chegar no feriado de Carnaval*; e (v) modalidade teleológica, que expressa o que é possível ou necessário para o alcance de um objetivo em particular, como no exemplo: *João deve pegar o metrô* (TEIXEIRA; GRITTI; KOSLINSKI, 2019, p. 06).

Os Quadros 5, 6 e 7 trazem, respectivamente, a síntese da categorização das modalidades deôntica e volitiva, na seara linguística, a partir da concepção dos autores: (i) da modalidade volitiva como subtipo modal da modalidade deôntica; (ii) da modalidade volitiva como um subtipo modal distinto da modalidade deôntica; e (iii) das modalidades deôntica e volitiva como subtipos modais de uma única modalidade:

Quadro 5: Categorização da modalidade volitiva como subtipo modal da modalidade deôntica

Autor e ano	Categoria modal
Lyons (1977)	Modalidade deôntica objetiva (obrigação, permissão e proibição) e modalidade deôntica subjetiva (volição).
Fleischman (1982)	Modalidade deôntica (obrigação, permissão e volição).
Palmer (1986)	Modalidade deôntica, que se trata de um tipo modal que contém o elemento de vontade (diretivo, comissivo, volitivo e avaliativo).
Rasmussen (1994)	Modalidade deôntica (obrigatório, permitido e desejável).

Losada Durán (2000)	Modalidade deôntica, que está associada às decisões da vontade (obrigação, permissão, volição e recomendação).
Gallardo (2002)	Modalidade deôntica (atos de fala diretivos, concessão de permissões e volições).
López (2005)	Modalidade deôntica (noções de mandado, ordem, permissão, proibição, obrigação e volição).
Czopek (2012)	Modalidade deôntica (ordens, conselhos e pedidos) e modalidade deôntica optativa ou desiderativa (volitiva).
Nascimento e Silva (2012)	Modalidade deôntica (obrigatório, facultativo, permitido ou volitivo).
Angheluta (2014)	Modalidade deôntica (ordem, mandado, instrução, petição, obrigação, permissão e volição).

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 6: Categorização da modalidade volitiva como subtipo modal distinto da modalidade deôntica

Autor e ano	Categoria modal
Travaglia (1991)	Modalidade deôntica (normas de conduta) e modalidade volitiva (a determinação de realização de um dado evento que é interior ao falante).
Le Querler (1996)	Modalidade deôntica (relativa às regras sociais que demandam ordens e pedidos) e modalidade volitiva (refere à expressão da vontade do falante).
Corral (1996)	Modalidade deôntica (é relativa ao <i>dever-fazer</i>) e modalidade volitiva (é relativa ao <i>querer-fazer</i>).
Kiefer (1997)	Modalidade deôntica (relativa às leis e às normas em termos do que é socialmente aceito) e modalidade bulomaica (é relativa aos desejos e às vontades do falante).
Ridruejo (1999)	Modalidade deôntica (refere-se ao que é obrigatório, permitido e proibido) e modalidade dinâmica (refere-se à capacidade, à habilidade, às intenções e aos desejos dos sujeitos).
Diewald (1999)	Modalidade deôntica (verbos diretivos ou performativos que visam influenciar o comportamento do ouvinte para uma ação) e

	modalidade volitiva (refere-se à manifestação de disposições, preferências, desejos e intenções dos indivíduos).
Neves (2000)	Modalidade deôntica (está relacionada aos deveres, normas e condutas) e modalidade bulomaica (refere-se à expressão das vontades dos sujeitos).
Latorre, Vega y Opazo (2002)	Modalidade deôntica (relativa a valores de obrigação, permissão e proibição) e modalidade volitiva (diz respeito à expressão das vontades).
Silva (2002)	Modalidade deôntica (relativa ao domínio do imperativo, das ordens, dos mandados e dos pedidos) e modalidade volitiva (é relativa ao desejo, à vontade e à emotividade dos sujeitos).
Araújo (2002)	Modalidade deôntica (diz respeito à determinação da realização de um estado-de-coisas) e modalidade volitiva (está relacionada ao que é desejável).
Von Fintel (2006)	Modalidade deôntica (diz respeito ao que é possível, necessário, permitido ou obrigatório) e modalidade bulética (está relacionada ao que é possível ou necessário a partir dos desejos e vontades dos sujeitos).
Neves (2006)	Modalidade deôntica (refere-se ao eixo das obrigações e permissões) e modalidade bulomaica (diz respeito à necessidade e à possibilidade relacionadas aos desejos e às vontades dos sujeitos).
Moura (2009)	Modalidade deôntica (está relacionada à instauração de obrigações, permissões e proibições) e modalidade bulomaica (está relacionada às noções de necessidade e possibilidade advindas da vontade dos indivíduos).
Muller e Mello (2009)	Modalidade deôntica (está relacionada ao que é obrigatório, permitido ou proibido) e modalidade bulética (refere-se ao que é desejável ou indesejável).
Mello et al (2009)	Modalidade deôntica (está relacionada às noções de obrigação e de permissão) e modalidade bulomaica (está associada às noções de possibilidade e necessidade em termos do que é desejável).

Ribeiro (2010)	Modalidade deôntica (expressa obrigações ou permissões a partir da noção de ordem) e modalidade bulomaica (expressa vontade e liga-se à noção de desejo).
Andrade (2010)	Modalidade deôntica (relativa à linguagem das normas) e modalidade volitiva (refere-se aos desejos e às vontades dos sujeitos).
Scarduelli (2011)	Modalidade deôntica (referente a uma obrigação instaurada no sentido de que se realize o que é descrito pelo predicado) e modalidade bulética (conjunto de mundos que constituem os desejos e as vontades dos sujeitos).
Topor (2011)	Modalidade deôntica (relativa ao que é obrigatório, permitido ou proibido) e modalidade volitiva ou intencional (está relacionada à expressão dos desejos e das vontades dos sujeitos).
Barcia (2012)	Modalidade deôntica (está relacionada às regras e às normas de conduta social, legal e moral) e modalidade volitiva (refere-se à manifestação dos posicionamentos do sujeito com relação ao que lhe parece desejável ou indesejável).
Segovia (2013)	Modalidade deôntica (está relacionada ao que é obrigatório e permitido) e modalidade objetiva (refere-se a uma disposição ou uma intenção em realizar um dado evento).
Oliveira e Mendes (2013)	Modalidade deôntica (diz respeito aos atos de permissão e de imposição) e modalidade volitiva (refere-se à volição).
Steffler (2013)	Modalidade deôntica (relacionada ao eixo do dever) e modalidade volitiva (relacionada ao eixo do querer).
Gonçalves (2013)	Modalidade deôntica (encontra-se entre os polos do obrigatório e do proibido, e passando pelo permitido) e modalidade volitiva (está ligada à vontade, ao desejo e à motivação dos sujeitos).
González de la Rosa (2013)	Modalidade deôntica (diz respeito aos múltiplos eventos em que recaem a obrigação e a permissão ou a proibição de realizá-los) e modalidade volitiva (está relacionada ao desejo, à vontade ou à intenção dos sujeitos para a realização de um evento).
Resende (2013)	Modalidade deôntica (indica o que é possível, necessário, permissível, proibido ou obrigatório) e modalidade bulética

	(expressa o que é possível ou necessário no tocante aos desejos, às vontades e às intenções).
Ávila (2014)	Modalidade deôntica (diz respeito ao que é obrigatório ou permitido com base em princípios e leis de ordem social) e modalidade bulética (refere-se aos desejos e às vontades dos sujeitos).
Simões de Jesus (2014)	Modalidade deôntica (diz respeito ao que é possível ou necessário tendo em conta um conjunto de normas) e modalidade bulética (relativa aos valores de desejo e vontade).
Moreira (2015)	Modalidade deôntica (é relativa ao que é obrigatório e permitido) e modalidade bulética (está relacionada aos desejos e às vontades dos sujeitos).
Pajares (2015)	Modalidade deôntica (alude à obrigação dos atos que realizará um dado agente) e modalidade volitiva (refere-se às disposições e às pretensões dos sujeitos em realizar um evento).
Pereira (2016)	Modalidade deôntica (relativa à permissão e à obrigação de concretização de um dado evento) e modalidade volitiva (relativa à expressão de desejos e vontades dos sujeitos).
Silva (2016)	Modalidade deôntica (está relacionada à conduta e ao comportamento que se espera dos sujeitos) e modalidade volitiva (refere-se às vontades, aos desejos e à emotividade dos sujeitos).
Rodrigues (2017)	Modalidade deôntica (refere-se às ideias de permissão, obrigação e imposição) e modalidade desiderativa (é relativa à expressão dos desejos e das vontades dos indivíduos).
Thegel (2017)	Modalidade deôntica (é definida em termos do que é obrigatório, permitido e/ou proibido) e modalidade dinâmica (refere-se aos conceitos de habilidade e volição).
Ramos (2017)	Modalidade deôntica (corresponde às noções de obrigação e permissão) e modalidade volitiva (refere-se à vontade e aos desejos dos sujeitos em realizar um dado evento).
Ferreira (2017)	Modalidade deôntica (está relacionada ao que é permitido e obrigatório) e modalidade bulética (relativa aos desejos e às vontades dos sujeitos).

Ferreira (2018)	Modalidade deôntica (é relativa aos valores de permissão, obrigação e proibição) e modalidade desiderativa (está relacionada à manifestação de uma vontade ou um desejo expresso pelos sujeitos).
Pajares (2018)	Modalidade deôntica (remete às noções de necessidade e obrigação em relação aos atos que pode realizar um dado sujeito) e modalidade volitiva (é relativa aos desejos e às vontades dos sujeitos).
Lopes Suelela (2019)	Modalidade deôntica (diz respeito ao domínio dos deveres, ordens, mandados, proibições e permissões) e modalidade volitiva (é relativa aos desejos e às vontades dos sujeitos).
Teixeira, Gritti e Koslinski (2019)	Modalidade deôntica (indica o que é possível, necessário, permissível ou obrigatório) e modalidade bulética ou desiderata (expressa o que é possível ou necessário no que diz respeito aos desejos dos sujeitos).

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 7: Categorização das modalidades deôntica e volitiva como subtipos modais de uma única modalidade

Autor e ano	Categoria modal
Quirk et al (1985)	Modalidade intrínseca que relacionada aos valores de permissão, obrigação (modalidade deôntica) e volição (modalidade volitiva).
Carretero (1991)	Modalidade bulomaica, que se subdivide em modalidade bulomaica-deôntica, em que a fonte de vontade tenta se impor; e modalidade bulomaica não-deôntica, em que a fonte de vontade não pretende se impor.
Crespo (1992)	Modalidade deôntica, que se subdivide em modalidade deôntica-jussiva, que se refere a um ato de vontade do falante exercido sobre um estado-de-coisas controlado; e modalidade deôntica-volitiva, que é relativa à concretização de um estado-de-coisas não controlado.
Bybee e Fleischman (1995)	Modalidade orientada-para-o-agente, que recobre todos os significados modais que apontam para a existência de condições sobre um agente e relativa a valores como obrigação (modalidade

	deôntica), desejo (modalidade volitiva), habilidade e possibilidade raiz.
Rasmussen (2000)	Modalidade intencional, que se subdivide em modalidade intencional-deôntica, que é relativa à imposição de uma vontade; e modalidade intencional-volitiva, que é relativa a um ato de vontade.
Oloume (2015)	Modalidade deôntica, que se subdivide em modalidade deôntica-impositiva, que está relacionada à instauração de obrigações, ordens e proibições; e modalidade deôntica não-impositiva, que se refere à manifestação de súplicas, exortações, advertências, recomendações e desejos.
Alencar (2016)	Modalidade intersubjetiva, que engloba todos os casos que têm origem no elemento do desejo, ou seja, nas vontades dos sujeitos, referindo-se ao que é desejável ao falante (volição) ou o que ele deseja que o ouvinte realize ao impor-lhe a sua própria vontade (obrigação).
Gong (2018)	Modalidade deôntica, que se subdivide em modalidade deôntica-diretiva, que se relaciona à obrigação e à permissão que emana de uma fonte de autoridade externa, mediante leis sociais geralmente impostas; e modalidade dinâmica, que se trata das capacidades e volições que procedem do próprio indivíduo.

Fonte: Elaborado pelo autor

Como base nos Quadros 5, 6 e 7, verifica-se que a categorização das modalidades deôntica e volitiva, na seara da Linguística, ainda se apresenta de forma muito difusa e imprecisa, o que também tem reflexo nos diferentes tipos de parâmetros que são escolhidos para delimitá-la e caracterizá-la. Essa imprecisão parece afetar, em maior medida, a modalidade volitiva, em que a volição ora é considerada como um subtipo modal deôntico, ora é entendida como um subtipo modal distinto do deôntico. De acordo com Verplaetse (2003), essa imprecisão e flutuação do eixo da volição nas diferentes tipologias de modalidade se deve à restrição da categoria modalidade às noções de possibilidade e de necessidade, que, por sua vez, foram contabilizadas em termos dos tipos modais epistêmico e deôntico. Nesse sentido, não havia lugar para a volição na combinação desses parâmetros. Segundo o autor, a volição não poderia ser incluída em uma interpretação estrita da modalidade no que se refere ao seu

significado clássico em língua grega, que quer dizer: *o que é ligação*. A razão é que a expressão combinada de uma fonte específica de autoridade e as noções de possibilidade e de necessidade ocorrem na linguística estritamente nos campos de obrigação e permissão.

Conforme Verplaetse (2003), a volição poderia ser incluída na necessidade deôntica (obrigação) por derivação ontogenética, isto é, a modalidade deôntica pode ser rastreada até a função instrumental da linguagem (desiderativa) por meio de expressões diretivas, como por exemplo: *Dê-me o livro*; que, por sua vez, teria se desenvolvido a partir da inclusão ontogênica do *elemento do desejo*, como no exemplo: *Eu quero o livro*. Assim, nas palavras do autor, um dos motivos que tem favorecido a inclusão da volição como um subtipo modal deôntico se deve a uma relativa aproximação da noção de desejo ao valor de obrigação (necessidade deôntica). No entanto, o autor esclarece que a noção de dever depende de uma fonte de autoridade que não seja, necessariamente, o falante⁹³ (à exceção dos casos de obrigação interna, em que o falante é tanto a fonte quanto o alvo da atitude modal deôntica) e que instaure a deonticidade, como no exemplo: *Jones é obrigado a se demitir* (VERPLAETSE, 2003, p. 155);⁹⁴ em que recai sobre o participante expresso pelo predicado uma obrigação instaurada por uma fonte externa, geralmente alguma voz de autoridade reconhecida pelo sujeito sobre o qual recai o valor deôntico instaurado.

Como esclarece Verplaetse (2003), a inclusão da volição no eixo da conduta também é favorecida pelo desejo de concretizar um evento, especificamente em relação aos casos de primeira pessoa singular que refletem a atitude do falante (nos casos em que a volição incide sobre a concretização de um evento) em performatizar o estado-de-coisas desejado. Segundo o autor, também os casos de terceira pessoa podem estar relacionados à necessidade de concretização de um evento, em que o falante reporta os desejos e as vontades de outrem em realizar o estado-de-coisas designado pelo predicado, como no exemplo: *Maria quer ajudar*⁹⁵ (VERPLAETSE, 2003, p. 155).⁹⁶ Ainda conforme o autor, outro fator que tem contribuído para

⁹³ Conforme o Verplaetse (2003), a fonte deôntica emana, na maioria dos casos, de contratos, leis, acordos e convenções sociais acerca das regras e normas de conduta que podem ou não ser aceitas em termos do que é moralmente aceitável. Isso parece ter relação com o fato de o falante, ao instaurar regras e normas de conduta, basear-se, geralmente, no que já é legalmente imposto socialmente (obrigação externa). No entanto, como o autor especifica, há casos em que o próprio falante pode regular normas a partir de suas convicções e crenças pessoais (obrigação interna).

⁹⁴ Tradução nossa. O original diz: “Jones is required to resign” (VERPLAETSE, 2003, p. 155).

⁹⁵ Entende-se que o enunciado proposto pelo autor é modal, tendo em vista os traços semânticos de futuridadade [+futuro] e a não-factuality do evento [-factual] que está sob a qualificação modal, o que poderiam favorecer uma leitura volitiva. No entanto, em um enunciado como: *Maria quis ajudar*; não é possível perceber modalidade volitiva, mas apenas relato, considerando que prevalecem os traços de preteridade [-futuro] e a factuality do evento [+factual].

⁹⁶ Tradução nossa. O original diz: “Mary wants to help” (VERPLAETSE, 2003, p. 155).

a inclusão da volição no eixo modal deôntico se deve ao fato de que a expressão de volição pode estender seu escopo de atuação sobre outro sujeito que não o sujeito da própria vontade (quando a fonte da atitude modal volitiva é o próprio falante), como no exemplo: *Eu quero que você ajude* (VERPLAETSE, 2003, p. 155);⁹⁷ o que pode propiciar em uma indicação de necessidade ou obrigação deôntica.

Diante dessas considerações, julga-se necessário que se faça uma descrição e análise do engendramento da *Volitividade* na instauração das modalidades deôntica e volitiva, no intuito de que se avalie que aspectos do *elemento do desejo* podem propiciar uma aproximação ou um afastamento dos eixos modais deôntico e volitivo. Para isso, discorrer-se-á, nas subseções seguintes, sobre como as modalidades deôntica e volitiva têm sido caracterizadas em modelos teóricos que diferenciam os conteúdos modais relativos ao eixo da conduta (modalidade deôntica) e ao eixo da volição (modalidade volitiva), como na GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008) e na categorização de Narrog (2012).

3.2 A modalidade na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional

Com base nos trabalhos mais recentes acerca da categoria modalidade na perspectiva teórica da GDF, tais como Menezes (2006, 2011), Pessoa (2007, 2011), Peixoto (2012), Comparini (2013), Lopes (2015), Durigon (2015), Rinaldi (2015), Nagamura (2016), Fontes (2016), Olbertz (2017), Kapp-Barboza (2017) e Oliveira (2017), é crescente o interesse pelo estudo da categoria modalidade, por sua relevância não apenas para a comunicação entre os participantes da interação, mas para a gramática das línguas, considerando que ela “marca”, de acordo com Palmer (1986, p. 16), “a gramaticalização das atitudes e das opiniões subjetivas do falante”.⁹⁸

De acordo com Kapp-Barboza (2017), a modalização dos enunciados está relacionada com a representação das atitudes dos falantes em relação: (i) à possibilidade de que algum evento ocorra; (ii) à avaliação feita pelo falante acerca do valor de verdade de uma proposição; ou (iii) à existência de obrigações, permissões, proibições, desejos, vontades, intenções ou capacidades; que são alguns pontos que estão relacionados com a cognição humana. Ainda segundo a autora, fatores diversos justificam o estudo da modalidade, tendo em vista a variedade de campos de estudos os quais são adequados para a análise da categoria, tais como

⁹⁷ Tradução nossa. O original diz: “I want you to help” (VERPLAETSE, 2003, p. 155).

⁹⁸ Tradução nossa. O original diz: “The grammaticalization of the speaker's beliefs and opinions” (PALMER, 1986, p. 16).

os campos filosófico, linguístico, lógico e psicológico. Além da variedade de perspectivas teóricas, há a possibilidade de que se escolha um ou outro tipo de modalidade para estudo.

Tem-se, no campo da Linguística, especificamente, na perspectiva teórica da GDF, que o estudo da categoria modalidade está direcionado para a função dos aspectos pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos relacionados à expressão linguística, sendo analisadas tanto as proposições quanto a relação entre os participantes da interação (Falante e Ouvinte) e as suas intenções comunicativas. Na perspectiva do funcionalismo holandês, a categoria modalidade sempre foi descrita e analisada conforme a hierarquização das camadas semânticas, o que explica a organização da modalidade de acordo com o grau de subjetividade ou objetividade que ela expressa, primeiramente, distinguindo-se a modalidade em *inerente*, *objetiva* e *subjetiva* (HENGEVELD, 1988; HENGEVELD, 1989; DIK, 1997); para, posteriormente, categorizá-la com base em dois parâmetros principais: o *domínio semântico* e a *orientação modal* (ou alvo da avaliação modal) (HENGEVELD, 2004); e com base na camada de atuação das modalidades no Nível Representacional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

No funcionalismo de linha holandesa, verifica-se que a categoria modalidade está relacionada à estruturação das orações em camadas, partindo do predicado e indo em direção à proposição, especificando, por meio dessa estruturação, as noções de objetividade e subjetividade. Conforme Nagamura (2011), o entendimento da objetivação e subjetivação dos diferentes tipos de modalidade no funcionalismo de linha holandesa está ancorado no modelo proposto por Foley e Van Valin (1984), que analisam a estrutura da oração em três tipos de camadas sobrepostas, a saber: o *núcleo*, o *centro* e a *periferia*; em que cada uma delas está associada a seu próprio conjunto de operadores.

De acordo com Foley e Van Valin (1984), a primeira camada é denominada de *núcleo*, que contém um predicado acompanhado de operadores, que, por sua vez, indicam aspecto e direção. A segunda camada é delimitada de *centro*, contendo, assim, um núcleo e os seus argumentos centrais, podendo estar acompanhada de operadores que indicam capacidades (modalidade facultativa), regras de conduta (modalidade deôntica) ou desejos (modalidade volitiva). A terceira e última camada é designada de *periferia*, estando composta pelo centro e os seus adjuntos, geralmente acompanhados de operadores que indicam tempo, força ilocucionária, fonte da informação (modalidade evidencial) e crenças (modalidade epistêmica). Nesse sentido, as modalidades que atuam na camada do *centro* são denominadas de *modalidades objetivas*, por qualificarem a relação existente entre um argumento central e o predicado. Por sua vez, as modalidades que atuam na camada da *periferia* são designadas como

modalidades subjetivas, haja vista que avaliam a probabilidade de ocorrência de eventos, contidos na camada central, que possam vir a se tornar realidade.

Na tipologia das modalidades proposta por Hengeveld (1987, 1988, 1989),⁹⁹ averigua-se que a modalidade pode ser definida como os diferentes meios linguísticos (unidades linguísticas) por meio dos quais o falante pode expressar seu comprometimento ou descomprometimento acerca do que é dito. Constata-se também que os diferentes subtipos modais são classificados, em termos de objetivação e subjetivação, a partir da sua camada de atuação (predicado – *núcleo*, predicação – *centro* e proposição – *periferia*) e com base em seu conjunto de operadores. Assim sendo, os operadores modais que incidem sobre um predicado ou uma predicação conduzem a uma objetivação do enunciado modalizado, enquanto os operadores modais que incidem sobre uma proposição conduzem a uma subjetivação do enunciado modalizado. Com base nessa concepção, Hengeveld (1988) divide as modalidades em três tipos principais: *modalidade epistemológica*, *modalidade objetiva* e *modalidade inerente*.

A modalidade epistemológica é relativa ao comprometimento do falante com relação ao conteúdo da proposição, podendo ser dividida em: (i) *modalidade epistêmica subjetiva*, em que o falante faz uma avaliação pessoal acerca de um evento com base em seus conhecimentos e crenças; (ii) *modalidade bulomaica*, em que o falante expressa seus desejos e esperanças pessoais acerca de um evento, revelando, desse modo, o seu comprometimento emocional; e (iii) *modalidade evidencial*, em que o falante, a depender de seus propósitos comunicativos, pode indicar ou não a fonte da informação, comprometendo-se ou descomprometendo-se em relação ao que é enunciado. Assim, o evento pode ser caracterizado como sendo inferido (modalidade evidencial inferencial), relatado a partir de uma outra fonte (modalidade evidencial citativa) ou experienciado por uma fonte qualquer (modalidade evidencial experiencial). Configura-se, dessa forma, no nível da proposição, a designação de fatos possíveis (3ª camada), indicando certeza, dúvida, possibilidade, desejo e esperança.

⁹⁹ Em Verstraete (2004), a correspondência entre objetividade e subjetividade, no que diz respeito à categoria modalidade, deve-se ao conjunto pleno de camadas na constituição da oração. Assim, segundo o autor, a proposta modular do funcionalismo de linha holandesa (a Gramática Funcional de Simon Dik) permitira dissociar o estatuto do domínio sobre o qual atuam os operadores modais. Nesse sentido, o autor pondera que o escopo dos operadores modais diz respeito ao Nível Representacional; enquanto, no Nível Interpessoal, o estatuto subjetivo dos operadores modais seria uma questão pragmática. No entanto, considerando os trabalhos mais recentes no domínio teórico da GDF, tais como Hengeveld (2011), Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), Gasparini-Bastos (2014), Hengeveld e Dall’Aglia Hattner (2015), Dall’Aglia Hattner e Hengeveld (2016), Nagamura (2016), Mackenzie (2017) e Olbertz (2017), as questões de objetividade e subjetividade, nesta pesquisa, será tratada com base nas orientações dessas pesquisas.

A modalidade objetiva diz respeito à expressão objetiva de um estado-de-coisas, podendo ser dividida em: (i) *modalidade epistêmica objetiva*, que diz respeito ao conhecimento do falante em relação à possibilidade de ocorrência de um evento real ou hipotético no mundo real; e (ii) *modalidade deôntica*, que se refere ao conhecimento sobre um sistema de convenções morais, legais ou sociais em termos de regras e normas de conduta. Em ambas as modalidades, o falante não manifestaria, de forma direta, uma avaliação pessoal e subjetiva sobre o que é veiculado, haja vista que não existem marcas linguísticas que o responsabilizem por alguma apreciação subjetiva. Configura-se, desse modo, no nível da predicação, a designação de estados-de-coisas (2ª camada), indicando possibilidade, probabilidade, obrigação, permissão ou proibição.

A modalidade inerente se refere à relação existente entre um participante e um estado-de-coisas, e a possibilidade de realização desse estado-de-coisas no qual o participante está inserido. Configura-se, portanto, no nível interno à predicação, ou seja, pertinente ao predicado, e relativa à designação de propriedades e relações (1ª camada), indicando capacidade, obrigação, permissão ou volição.

Em Hengeveld (2004), a categoria modalidade é descrita e analisada com base em dois parâmetros: o *domínio semântico* e a *orientação modal*. Para o autor, o domínio semântico diz respeito à perspectiva pela qual a avaliação modal é executada, postulando-se os seguintes tipos de modalidade:¹⁰⁰ (i) *Facultativa*, que está relacionada às capacidades adquiridas ou intrínsecas de um dado participante no evento que é designado pelo predicado, como no exemplo: *João é capaz de nadar*; em que o enunciado modalizado apresenta o valor semântico de *capacidade*; (ii) *Deôntica*, que se refere ao que é legal, moral ou socialmente permitido, obrigatório ou proibido, como no exemplo: *João tem que nadar*; em que o enunciado modalizado apresenta o valor semântico de *obrigação*; (iii) *Volitiva*, que está relacionada ao que é (in)desejável, como no exemplo: *João prefere não nadar*; em que o enunciado modalizado apresenta o valor semântico de *volição*; (iv) *Epistêmica*, que se trata do conhecimento que se tem acerca do mundo real, como no exemplo: *João pode estar nadando*; em que o enunciado modalizado apresenta o valor semântico de *possibilidade*; e (v) *Evidencial*, que está relacionada à fonte da informação contida no enunciado, como no exemplo: *João estará nadando*; em que o enunciado modalizado apresenta o valor semântico de *inferência*.

¹⁰⁰ Todos os exemplos citados foram uma tradução dos exemplos originais contidos em Hengeveld (2004, p. 1193). O original diz: “John is able to swim (Ability: Facultative); John has to swim (Obligation: Deontic); John would rather not swim (Wanting: Volitive); John may be swimming (Possibility: Epistemic); John will be swimming (Inference: Evidential)”.

Em relação à orientação modal, que diz respeito à parte do enunciado que é modalizada e na qual reside à distinção entre modalidade objetiva e subjetiva, Hengeveld (2004) define que as modalidades podem estar orientadas para: (i) o *Participante*, que diz respeito à parte relacional de um dado enunciado modalizado expresso por meio de um predicado e versa sobre a relação entre um participante em um evento (ou as propriedades desse participante nesse evento) e a potencial realização desse mesmo evento por parte do participante; (ii) o *Evento*, que concerne à descrição de um dado evento contido no predicado, tratando-se da parte descritiva de um estado-de-coisas e referindo-se à avaliação objetiva do estatuto de realidade desse evento; e (iii) a *Proposição*, que está relacionada ao conteúdo proposicional de um enunciado, referindo-se à parte do sentença que representa o conhecimento, as crenças e/ou os desejos do falante, tratando-se do grau de comprometimento do falante em relação à proposição por ele manifestada.

A partir da inter-relação entre esses dois parâmetros de análise, Hengeveld (2004) verifica quais são as possíveis combinações entre as modalidades, excluindo aquelas cujo domínio semântico não tem possibilidade de atuar na orientação modal com base na lógica. Dessa forma, o autor define que: (i) a *modalidade facultativa* está orientada para o Participante ou orientada para o Evento; (ii) a *modalidade deôntica* está orientada para o Participante ou orientada para o Evento; (iii) a *modalidade volitiva* está orientada para o Participante, orientada para o Evento ou orientada para a Proposição; (iv) a *modalidade epistêmica* está orientada para o Evento ou orientada para a Proposição; e (v) a *modalidade evidencial* está orientada para a Proposição.

Com relação às modalidades orientadas para o Participante, Hengeveld (2004) estabelece que: (i) a modalidade facultativa orientada para o Participante diz respeito à descrição das habilidades e capacidades, sejam elas intrínsecas ou adquiridas, do participante designado pelo predicado, como no exemplo: *Não **estou habilitado** para o trabalho*;¹⁰¹ (ii) a modalidade deôntica orientada para o Participante está relacionada com a descrição de um dado participante que está obrigado, permitido ou proibido de se engajar no estado-de-coisas que é designado pelo predicado, como no exemplo: *Eu **devo** comer*;¹⁰² e (iii) a modalidade volitiva orientada para o Participante concerne à descrição dos desejos de um dado participante de se engajar no estado-de-coisas que é designado pelo predicado, como no exemplo: *Nós **queremos** partir*.¹⁰³

¹⁰¹ Tradução nossa. O original diz: “I am not able to work” (HENGEVELD, 2004, p. 1194).

¹⁰² Tradução nossa. O original diz: “I must eat” (HENGEVELD, 2004, p. 1194).

¹⁰³ Tradução nossa. O original diz: “We want to leave” (HENGEVELD, 2004, p. 1194).

No que diz respeito às modalidades orientadas para o Evento, Hengeveld (2004) especifica que: (i) a modalidade facultativa orientada para o Evento versa sobre a caracterização de um dado estado-de-coisas em termos das condições físicas ou das circunstâncias que possibilitam a realização desse mesmo estado-de-coisas, como no exemplo: *Pode levar três horas para se chegar lá;*¹⁰⁴ (ii) a modalidade deôntica orientada para o Evento diz respeito à caracterização de um dado estado-de-coisas conforme aquilo que é obrigatório, permitido ou proibido com base em algum sistema de convenções morais, legais e sociais, como no exemplo: *É preciso tirar os sapatos daqui;*¹⁰⁵ (iii) a modalidade volitiva orientada para o Evento versa sobre a caracterização de um dado estado-de-coisas em termos do que é desejável ou indesejável, como no exemplo: *Seria ruim se eu quebrasse isso;*¹⁰⁶ e (iv) a modalidade epistêmica orientada para o Evento concerne à caracterização de eventos em termos de sua possibilidade ou impossibilidade de ocorrência em vista do que é sabido, conhecido, entendido e aceito sobre o mundo, como no exemplo: *Ele pode vir.*¹⁰⁷

No que é relativo às modalidades orientadas para a Proposição, Hengeveld (2004) determina que: (i) a modalidade volitiva orientada para a Proposição diz respeito à asserção dos desejos pessoais do falante, como no exemplo: *Eu quero dormir/Isso vai dormir em mim;*¹⁰⁸ (ii) a modalidade epistêmica orientada para a Proposição está relacionada ao grau e ao tipo de comprometimento do falante em relação ao conteúdo proposicional por ele apresentado, podendo este ser avaliado em termos de sua veracidade, falsidade, assertividade ou hipoteticidade, como no exemplo: *Talvez ele tenha ido embora;*¹⁰⁹ e (iii) a modalidade evidencial orientada para a Proposição diz respeito ao modo como uma dada proposição vem ao conhecimento do falante, como no exemplo: *Chegou um navio turístico (eu testemunhei isso) / Chegou um navio turístico (eu não testemunhei isso).*¹¹⁰

No que tangem às modalidades deôntica e volitiva, verifica-se, a partir do modelo proposto por Hengeveld (1987, 1988, 1989), depois revisto em Hengeveld (2004), que a *modalidade inerente* inclui a *modalidade deôntica orientada para o Participante* e a *modalidade volitiva orientada para o Participante*. Nesse sentido, a modalidade deôntica corresponde aos usos linguísticos nos quais se manifesta ou se reporta uma obrigação,

¹⁰⁴ Tradução nossa. O original diz: “It can take three hours to get there” (HENGEVELD, 2004, p. 1195).

¹⁰⁵ Tradução nossa. O original diz: “One has to take off one’s shoes here (HENGEVELD, 2004, p. 1195).

¹⁰⁶ Tradução nossa. O original diz: “It would be bad if I broke it” (HENGEVELD, 2004, p. 1195).

¹⁰⁷ Tradução nossa. O original diz: “He may come” (HENGEVELD, 2004, p. 1195).

¹⁰⁸ Tradução nossa. O original diz: “I want to sleep/It is going to sleep on me” (HENGEVELD, 2004, p. 1196).

¹⁰⁹ Tradução nossa. O original diz: “Maybe he went away” (HENGEVELD, 2004, p. 1197).

¹¹⁰ Tradução nossa. O original diz: “A tourist-ship arrived (I witnessed it)/A tourist-ship arrived (I did not witness it)” (HENGEVELD, 2004, p. 1197).

permissão ou proibição que recai sobre um participante em um dado estado-de-coisas, em que os modais deônticos orientados para o Participante incidem, necessariamente, sobre o nível interno à predicação, ou seja, o predicado, como nos exemplos: *John has to go to the hospital* [João tem que ir ao hospital] (HENGEVELD, 1988, p. 234) e *I must eat* [Eu devo comer] (HENGEVELD, 2004, p. 1192). A modalidade volitiva corresponde aos usos linguísticos nos quais se manifestam ou se reportam as intenções ou as pretensões que recaem sobre um participante em um dado estado-de-coisas, em que os modais volitivos orientados para o Participante também incidem, designadamente, sobre o nível interno à predicação, ou seja, o predicado, como nos exemplos: *Anthony is willing to get the job* [Antônio espera conseguir um trabalho] (HENGEVELD, 1988, p. 234) e *We want to leave* [Nós queremos sair] (HENGEVELD, 2004, p. 1192).

Por sua vez, a *modalidade objetiva* inclui não apenas a *modalidade deôntica orientada para o Evento*, como também a *modalidade volitiva orientada para o Evento*. Desse modo, a modalidade deôntica orientada para o Evento é relativa aos usos linguísticos nos quais se reporta um conjunto de obrigações, permissões e proibições com base em um corpo legal, moral ou socialmente aceito e institucionalizado, mas sem a avaliação pessoal do falante, em que os modais deônticos orientados para o Evento incidem sobre o nível da predicação, como no exemplo: *One has to take off his shoes here* [É preciso tirar os sapatos daqui] (HENGEVELD, 2004, p. 1193). A modalidade volitiva orientada para o Evento diz respeito aos usos linguísticos nos quais se reporta o que é desejável ou indesejável, mas sem a apreciação pessoal do falante, em que os modais volitivos orientados para o Evento incidem sobre o nível da predicação, como no exemplo: *It would be bad if I broke it* [Seria ruim se eu quebrasse isso] (HENGEVELD, 2004, p. 1193).

Por seu turno, a *modalidade bulomaica* corresponde à *modalidade volitiva orientada para a Proposição*, em que o falante faz uma apreciação pessoal acerca de uma proposição, relativa aos seus desejos e às suas esperanças sobre a possibilidade de ocorrência de um dado evento, revelando, assim, o seu comprometimento emocional, em que os modais volitivos orientados para a Proposição incidem sobre o nível da proposição, como no exemplo: *I wish he came more often* [Eu queria que ele viesse com mais frequência] (HENGEVELD, 1988, p. 239).

Ainda que a categorização modal proposta por Hengeveld (2004) proponha parâmetros de delimitação e caracterização das modalidades deôntica e volitiva, com base no domínio semântico e na orientação modal, julga-se necessário uma descrição e análise com base na *Volitividade*. Nesse sentido, verifica-se que as modalidades deôntica e volitiva, definidas a

partir do domínio semântico como subtipos modais distintos, podem apresentar mesmo tipo de orientação modal (Participante, Evento e Episódio),¹¹¹ devendo-se, portanto, buscar outro parâmetro, no caso, o *elemento do desejo*, que possa esclarecer os aspectos de convergência e divergência entre ambas as modalidades.

O Quadro 8 resume as combinações possíveis entre o domínio semântico e a orientação modal em Hengeveld (2004):

Quadro 8: Cruzamento entre o domínio semântico e a orientação modal

Domínio semântico	Orientação modal		
	Participante	Evento	Proposição
Facultativa	+	+	-
Deontica	+	+	-
Volitiva	+	+	+
Epistêmica	-	+	+
Evidencial	-	-	+

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Hengeveld (2004)

Em Hengeveld (2004), pode-se constatar que a categoria modalidade é descrita e analisada com base em dois parâmetros principais. Na GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), as distinções modais são descritas e analisadas no Nível Representacional, que, como citado anteriormente, está relacionado aos aspectos semânticos da operação de Formulação. Nesse sentido, os diferentes tipos de modalizadores (que podem ser, na GDF, diferenciados em modificadores e operadores) e os subtipos modais aos quais eles se referem (modalidades epistêmica, evidencial, deontica, volitiva e facultativa) são descritos em termos da categoria semântica que designam, as quais podem ser de quatro tipos: Conteúdos Proposicionais (p), Episódios (ep), Estados-de-Coisas (e) e Propriedades Configuracionais (f).

Os subtipos modais, portanto, que foram pautados e delimitados por Hengeveld (2004), foram alocados em diferentes camadas de acordo com seu escopo. Assim, na Camada da Propriedade Configuracional, podem atuar as modalidades facultativa, deontica e volitiva (modalidades orientadas para o Participante). Por sua vez, na camada do Estado-de-Coisas, podem atuar as modalidades facultativa, deontica, volitiva e epistêmica objetiva (modalidades

¹¹¹ Em trabalhos posteriores a publicação da GDF, verifica-se a existência de modalidade deontica e volitiva orientadas para o Episódio. Cf. Olbertz e Gasparani-Bastos (2013), Nagamura (2016), Olbertz (2017) e Oliveira (2017).

orientadas para o Evento). Por seu lado, na camada do Conteúdo Proposicional, podem atuar as modalidades epistêmica subjetiva, evidencial e volitiva (modalidades orientadas para a Proposição).

Na camada da Propriedade Configuracional, as modalidades facultativa, deôntica e volitiva podem atuar por meio de operadores. Ao atuar na camada da Propriedade Configuracional, a modalidade facultativa descreve a capacidade de um participante de se envolver no evento designado pelo predicado. Em algumas línguas, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), é possível fazer a diferença entre a capacidade intrínseca (poder) e a capacidade adquirida (saber fazer), conforme mostrado nos exemplos a seguir da língua Mapuche: *Pepí kuθaw-la-n / Kim tuku-fi-n (I am not **able** to work / I **know** how to put it)* [Eu não sou capaz de trabalhar / Eu não sei como colocar isso] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 212). Ainda segundo os autores, em outras línguas, como o espanhol, é possível separar as habilidades intrínsecas das adquiridas, em que a habilidade intrínseca é expressa por meio do modal *poder*, enquanto a habilidade adquirida é manifestada por meio do verbo *saber* (*saber como*) em seu uso modal. Por seu turno, a modalidade deôntica descreve um participante que está sob a obrigação ou tem a permissão para se envolver no evento que é designado pelo predicado, como no exemplo da língua Quechua: *Miku-na ka-rka-ni (I **must** eat / I **am to** eat)* [Eu tenho que comer / Eu devo comer] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 213). Conforme os autores, a obrigação parece ser codificada, com mais frequência, por meios gramaticais do que a permissão. Por sua vez, a modalidade volitiva descreve o desejo de um participante de se envolver no evento que é designado pelo predicado, como no exemplo da língua Guajajara: *Za-hem rəm (We **want** to leave)* [Nós queremos sair] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 214).

Na camada do Estado-de-Coisas, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), as modalidades epistêmica objetiva, facultativa, deôntica, volitiva podem atuar também por meio de operadores. Ao atuar na camada do Estado-de-Coisas, a modalidade epistêmica objetiva caracteriza eventos em termos da possibilidade ou impossibilidade de sua ocorrência em vista do que é sabido sobre o mundo real, como no exemplo: *It **may** rain* [Pode chover] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 175). Por sua vez, a modalidade facultativa caracteriza eventos em termos das condições físicas ou circunstanciais que possibilitem a sua ocorrência no mundo, podendo ser expressa por meio de construções impessoais, como no exemplo: *It **can** take three hours to get there* [Pode levar três horas para chegar lá] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 176). Por seu lado, a modalidade deôntica qualifica

eventos em relação ao que é obrigatório ou permitido dentro de algum sistema de convenções morais ou legais, ou seja, relativo a regras gerais de conduta; podendo ser, claramente, identificada por meio de expressões impessoais, como nos exemplos: *One has to take off one's shoes here / Begging prohibited* [É preciso tirar os sapatos daqui / Mendigar é proibido] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 176). Por seu turno, a modalidade volitiva caracteriza eventos em termos do que geralmente é desejável ou indesejável, como no exemplo: *It would be bad if I broke it* [Seria ruim se eu quebrasse isso] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 176); implicando que a ação ou o estado especificado pelo verbo seria indesejável. Conforme os autores, dificilmente a modalidade volitiva parece ser codificada por meio de modalizadores próprios quando orientada para o Evento, mas antes agrupada com a modalidade deôntica.

Na GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), não há especificação de modalidades que atuem na camada do Episódio. No entanto, a partir do trabalho de Hengeveld (2011), em que o autor discorre acerca das categorias Tempo, Modo e Aspecto, especificando e detalhando sobre as noções de tempo relativo (referente à camada do Estado-de-Coisas) e tempo absoluto (relativo à camada do Episódio), verifica-se a possibilidade de encontrar modalizadores que atuem nessa camada. Conforme Hengeveld e Dall'Aglio Hattner (2015) e Dall'Aglio Hattner e Hengeveld (2016), a modalidade epistêmica objetiva opera na camada do Episódio, em que este subtipo modal fornece uma avaliação do estatuto de realidade de uma série de Estados-de-Coisas sob o escopo de um tempo absoluto, como no exemplo: *Quanto ao jogador Juan Pablo Pino, com certeza deverá brilhar na próxima temporada* (DALL'AGLIO HATTNER; HENGEVELD, 2016, p. 04). Nessa ocorrência, tanto o operador de tempo absoluto (*na próxima temporada*) quanto o predicado (*brilhar*) estão sob o escopo do modal epistêmico objetivo *dever*. Conforme os autores, o operador de tempo absoluto não situa a probabilidade expressa por meio do *dever* em um tempo relativo, mas localiza o período em que o jogador será uma estrela (*na próxima temporada*), situando-o em um tempo absoluto. Em outras palavras, expressa-se que a probabilidade desse evento acontecer já existe quando é enunciado pelo falante. Os autores também especificam que um Episódio pode ser composto por um único Estado-de-Coisas, desde que este esteja sob o escopo de um tempo absoluto, como no referido exemplo.

Conforme Dall'Aglio Hattner e Hengeveld (2016), ainda que um Episódio se componha de apenas um evento, é possível que outra situação possa ser adicionada a esse Episódio, como no exemplo a seguir, em que dois Estados-de-Coisas mostram unidade de tempo absoluto, lugar e participantes, como é típico de um Episódio: *Para os cargos que*

tiveram poucos aprovados não sei o que eles vão fazer, mas **provavelmente** eles devem realizar outro concurso antes da páscoa e contratar novos professores depois das férias de inverno no próximo ano (DALL’AGLIO HATTNER; HENGEVELD, 2016, p. 04). De acordo com os autores, cada Estado-de-Coisas que integra o Episódio possui o seu próprio tempo relativo, antes da páscoa e depois das férias de inverno, mas ambos estão sob o escopo de um tempo absoluto, no caso, no próximo ano.

Para além da modalidade epistêmica objetiva, Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) e Olbertz (2017) também estipulam a existência de uma modalidade deôntica orientada para o Episódio. De acordo com as autoras, as relações entre tempo e modalidade podem ser reveladoras no que diz respeito ao(s) Estado(s)-de-Coisas sobre os quais incide(m) o modal deôntico, podendo este ter um escopo de atuação sobre um operador de tempo relativo (modalidade deôntica objetiva que atua na camada do Estado-de-Coisas) ou um operador de tempo absoluto (modalidade deôntica subjetiva que atua na camada do Episódio).

Nesse sentido, segundo as autoras, a modalidade deôntica subjetiva (orientada para o Episódio) incide sobre Estados-de-Coisas que são necessários ou desejáveis, ainda não ocorridos e que são anteriores ao momento de fala (preteridade), como nos exemplos: **Tenían que**, nada más que poner esas fábricas, al mismo tiempo que las ponen, haber hecho algo para que no perjudicara al río [Eles tinham que, apenas colocar essas fábricas, ao mesmo tempo em que as colocaram, ter feito algo para que não prejudicasse o rio] (OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013, p. 290) / **Esa gente joven no es consciente o no quiere ser consciente de que deberían de decir [...]** “no señor nosotros no trabajamos en esas condiciones” [Esses jovens não estão cientes ou não querem saber que deveriam dizer [...]] “não senhor, não trabalhamos nessas condições”] (OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013, p. 290).

Ainda de acordo com as autoras, há uma diferença entre ambas as modalidades deônticas subjetivas, pois, na primeira, o evento avaliado pelo falante é realmente contrafactual no sentido de que o Estado-de-Coisas, em questão, não ocorreu e não se espera que ocorra no futuro; enquanto, na segunda, a ocorrência do Estado-de-Coisas não é totalmente excluída, já que pode ocorrer no futuro, caso as circunstâncias mudem (evento não-factual). Para as autoras, os casos de modalidade deôntica subjetiva devem operar na camada do Episódio, pois não “faria justiça” aos fatos linguísticos ter distinções modais subjetivas não-epistêmicas operando na camada do Estado-de-Coisas, ainda que as modalidades subjetivas não-epistêmicas (modalidades deôntica subjetiva e volitiva) preocupem-se com a conveniência de um evento e que tenham o falante como fonte da atitude modal.

Em Verstraete (2004), havia uma discussão acerca da exclusão da modalidade deôntica subjetiva em relação à proposta modular do funcionalismo de linha holandesa, especificamente no que diz respeito à Gramática Funcional (GF) de Simon Dik. Conforme o autor, a descrição e análise da modalidade com base em um modelo de camadas excluiria a possibilidade de existência da modalidade deôntica subjetiva, pois não há a incidência de modalizadores deônticos sobre Conteúdos Proposicionais, o que poderia marcar a subjetividade de uma proposição. Verstraete (2004, p. 243) declara que “a exclusão da modalidade deôntica da categoria modal subjetiva, no modelo tradicional da GF, é uma consequência natural da compreensão da estratificação que está implícita no modelo”.¹¹² Para o autor, a distinção entre modalidades objetivas e subjetivas com base apenas no escopo de atuação dos modalizadores em camadas, em que as modalidades objetivas têm um escopo de atuação sobre predicados e predicções; e as modalidades subjetivas têm um escopo de atuação sobre proposições; ignoram a possibilidade de haver uma subjetivação dos conteúdos modais ao nível da predicção. Nesse sentido, a subjetividade dos conteúdos modais deônticos poderiam ser expressos por meio de operadores modais incidindo sobre predicções no que diz respeito à desejabilidade de realização de um Estado-de-Coisas.

De acordo com Verstraete (2004), a objetivação e a subjetivação da categoria modalidade deve ser investigada em relação ao contexto de ocorrência, ou seja, considerando outros aspectos de ordem pragmático-contextual que interferem na modalização dos enunciados, e não apenas a localização dos modalizadores na estrutura subjacente da oração, como é proposto na GF de Simon Dik. Considera-se, portanto, que o falante, quando se coloca como fonte do ato deôntico instaurado, pode expressar sua própria subjetividade, com base em suas crenças e opiniões particulares, sobre a necessidade de ocorrência de um Estado-de-Coisas.

Para Verstraete (2004), a modalidade deôntica poderia apresentar, com base na proposta tipológica de Hengeveld (1987, 1988, 1989) e Dik (1997), um comportamento de modalidade inerente, objetiva e subjetiva. Os exemplos ilustram isso: (1) “*Eu preciso ver Izzy*”, eu disse. “*Eu disse a você, ela está dormindo. Dormindo profundamente*”. “**Posso** ver por mim mesmo?”. “*Você não **pode***”;¹¹³ (2) *Há uma crise e ele **deve** agir agora*;¹¹⁴ (3) *Mas o Ramadan significa mais do que privação física. Ele envolve obrigações morais e espirituais também. Os*

¹¹² Tradução nossa. O original diz: “The exclusion of deontic modality from the subjective-modal category in the traditional FG model is a natural consequence of the understanding of layering that is implicit in the model” (VERSTRAETE, 2004, p. 243).

¹¹³ Tradução nossa. O original diz: “I need to see Izzy”, I said. “I told you, she’s sound asleep. Deeply asleep” “May I see for myself?” “You may not, you shit-sucking liar!” (VERSTRAETE, 2004, p.253).

¹¹⁴ Tradução nossa. O original diz: “There is a crisis, and he must act now” (VERSTRAETE, 2004, p.253).

*seguidores devem se refrear de maus pensamentos, palavras e ações, fazer atos especiais de caridade e passar mais tempo na adoração do que o usual;*¹¹⁵ e (4) *Mas para alcançar a órbita, um objeto deve atingir a aceleração de cerca de 17.500 milhas por hora na direção horizontal; e ele deve alcançar uma altitude de mais de 100 milhas.*¹¹⁶ De acordo com o autor, nos exemplos (1) e (2), os modalizadores deônticos *poder* e *dever* expressam a subjetividade do falante quanto à necessidade de realização do Estado-de-Coisas que está sob a qualificação da modalidade deôntica (modalidade deôntica subjetiva). Por sua vez, em (3), o modalizador deôntico *dever* refere-se a uma necessidade deôntica já estabelecida pelo código moral religioso, em que a pessoa do falante se limita a reportar a obrigação de realização do Estado-de-Coisas, eximindo-se de manifestar qualquer apreciação subjetiva acerca do evento (modalidade deôntica objetiva). Por seu turno, em (4), o modalizador deôntico *dever* refere-se a uma necessidade de realização de um evento em relação a certas circunstâncias, o que a aproximaria a modalidade deôntica dos modais de habilidade e volição (modalidade deôntica inerente).

No tocante à fonte modal deôntica, ou seja, de onde advém o ato deôntico instaurado, verifica-se, com base em Verstraete (2004), que, nos exemplos (1) e (2), o próprio falante é quem avalia a necessidade de realização do Estado-de-Coisas, imprimindo, no enunciado modalizado, a sua opinião subjetiva acerca da proibição, em (1); e da obrigação, em (2); de que os eventos avaliados venham a ser realizados. Em (3), constata-se que o falante não se coloca como fonte modal deôntica, pois ele não imprime, no enunciado modalizado, sua avaliação subjetiva acerca da necessidade de realização do Estado-de-Coisas. Assim, a fonte modal deôntica é externa ao falante, haja vista que a obrigação instaurada advém de um código moral religioso sobre qual deve ser a conduta dos fiéis mulçumanos. Em (4), a obrigação instaurada não advém de uma fonte modal deôntica, pois há apenas a existência de uma necessidade interna ao Estado-de-Coisas, ou seja, uma necessidade que é inerente à situação reportada pelo falante. Nesses casos, os modalizadores deônticos têm um comportamento semelhante aos modais de habilidade e volição, isto é, um desempenho análogo aos modais dinâmicos, como é proposto em Palmer (1986). Conforme o autor, os modais dinâmicos de habilidade e volição não requerem a existência de uma fonte externa, pois são internos ao Estado-de-Coisas.

¹¹⁵ Tradução nossa. O original diz: “But Ramadan means more than just physical deprivation. It has spiritual and moral obligations, too. Followers must refrain from bad thoughts, words and actions, perform special acts of charity and spend even more time than usual in worship” (VERSTRAETE, 2004, p.253).

¹¹⁶ Tradução nossa. O original diz: “But to reach orbita an object must accelerate to a speed of about 17,500 miles per hour in a horizontal direction; and it must reach an altitude of more than 100 miles, in order to be clear of the atmosphere” (VERSTRAETE, 2004, p.253).

A partir de Hengeveld (2011), Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), Gasparini-Bastos (2014), Nagamura (2016) e Olbertz (2017), passa-se a considerar a subjetividade da modalidade deôntica no âmbito teórico da GDF, com base na atuação dos operadores deônticos na camada do Episódio e das inter-relações entre as categorias Modalidade e Tempo. Essa readequação visava atender aos casos, nas línguas naturais, em que o falante manifestaria uma avaliação pessoal e subjetiva sobre a necessidade de concretização de um evento anterior ao momento de fala, mas avaliado como possível de ser reatualizado com base nas crenças e opiniões subjetivas do falante.

De acordo com Oliveira (2017, 2020a), a modalidade volitiva também pode estar orientada para o Episódio. Conforme o autor, é possível que o falante faça uma avaliação pessoal acerca de um conjunto de Estados-de-Coisas que são anteriores ao momento da enunciação (preteridade), em que a volição expressa remete à (in)desejabilidade de que o evento passado (não) tivesse ocorrido, como no exemplo: *Eu entrei para comprar um refrigerante e cumprimentar uma amiga. O rapaz montou o assalto, eram dois, estavam de capacete e armados. Eu efetuei o disparo porque provavelmente ele tinha intenção de matar alguém. Ele apontou a arma para ela [...] Não **queria** que isso tivesse acontecido, mas já que aconteceu* (OLIVEIRA, 2020a, p. 11). Segundo o autor, a modalidade volitiva instaurada incide sobre um Episódio que pode ser localizado no tempo e no espaço, mas sobre o qual o falante não tem controle [-controle] e situado no campo da contrafactualidade [+contrafactual], haja vista que o falante não pode mudar o curso dos acontecimentos. Conforme o autor, ao empregar o modal *querer* no pretérito imperfeito do indicativo, o falante instaura a volição para manifestar o desejo de que a sucessão de Estado-de-Coisas, que culminou no delito (o disparo sobre os assaltantes), não tivesse ocorrido, como pode ser visto na paráfrase seguinte: *Não queria que [ele tivesse apontado a arma para ela e que eu tivesse efetuado o disparo] tivesse acontecido, mas já que aconteceu.*

Na camada do Conteúdo Proposicional, as modalidades epistêmica subjetiva e evidencial podem atuar por meio de modificadores e/ou operadores. Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), os modificadores de Conteúdo Proposicional estão relacionados com a especificação das atitudes proposicionais do Falante, em que estas atitudes podem dizer respeito ao tipo e ao grau de comprometimento dele com a proposição que ele enuncia (modalidade epistêmica subjetiva) ou com a especificação da fonte (não-verbal) do Conteúdo Proposicional (modalidade evidencial), como no exemplo: **Probably / evidently / hopefully / undoubtedly** *Sheila is ill* [Provavelmente / evidentemente / esperançosamente / sem dúvida Sheila está

doente] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 151). Nesse sentido, os modificadores podem ser representados como expressões designadoras das propriedades que modificam o Conteúdo Proposicional. Em relação aos operadores, de acordo com os autores, estes podem, igualmente, ser subdivididos em distinções relacionadas ao grau e ao tipo de compromisso com relação ao Conteúdo Proposicional e as distinções relacionadas à fonte do Conteúdo Proposicional.

Para a modalidade epistêmica subjetiva, segundo os autores, as subdistinções mais importantes a serem feitas são as doxásticas, as dubitativas e as hipotéticas. A modalidade epistêmica doxástica permite que o Falante indique que acredita que o Conteúdo Proposicional que está sendo apresentado é verdadeiro, como no exemplo da língua Hidatsa: *Wío i hírawe ki ksa c* (*The woman fell asleep **again and again***) [A mulher adormeceu várias vezes] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 153); em que a partícula doxástica “c” indica, nesta língua, que o Falante tem motivos razoáveis para acreditar que o Conteúdo Proposicional que ele está apresentando é verdadeiro. Por sua vez, a modalidade epistêmica dubitativa indica que o Falante tem algumas dúvidas acerca da veracidade do Conteúdo Proposicional que está sendo apresentado, como no exemplo retirado da língua Mapuche: *Amu-y chi* (*Maybe he went away*) [Talvez ele tenha ido embora] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 154). Por seu lado, a modalidade epistêmica hipotética apresenta o Conteúdo Proposicional como uma hipótese, como nos exemplos da língua inglesa: *If he comes, (I’ll leave) / If he came, (I would leave)* [Se ele vier, (eu vou embora) / Se ele viesse (eu sairia)] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 154); em que esse tipo de modalidade é expresso por meio da partícula “if”, que, ao mesmo tempo, funciona como uma conjunção.

No que diz respeito à modalidade evidencial, Hengeveld e Mackenzie (2008) esclarecem que há uma grande divisão entre as modalidades de natureza estritamente reportativa, em que o Falante repassa a fonte da informação obtida por meio de terceiros, e aquelas que não são, pois marcam a percepção subjetiva do Falante, ou seja, o seu próprio material cognitivo. Segundo os autores, a modalidade reportativa é uma categoria que atua na camada do Conteúdo Comunicado (Nível Interpessoal). Ainda conforme os autores, é possível, nas línguas naturais, que uma modalidade reportativa possa combinar-se com uma modalidade evidencial, ou seja, o Falante pode retransmitir um Conteúdo Comunicado que contém, por sua vez, um Conteúdo Proposicional com uma qualificação evidencial, como no exemplo: *Allegedly the area stimulated for the upper plexus would presumably include C7* [Alegadamente, a área estimulada para o plexo superior provavelmente incluía C7] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 152).

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a modalidade evidencial tem um escopo de atuação na camada do Conteúdo Proposicional e diz respeito à especificação de como o Falante chegou a um certo conhecimento, conforme contido no Conteúdo Proposicional. Segundo os autores, o Falante pode ter chegado a esse conhecimento por inferência com base em evidências sensoriais, com base em inferência derivada do conhecimento existente ou com base no conhecimento geral acumulado na comunidade, como no exemplo: “*That no good one must have died*”, *they said* [“Que ninguém bom deve ter morrido”, disseram eles] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 155). Ainda conforme os autores, a modalidade epistêmica subjetiva e a modalidade evidencial podem ocorrer no mesmo *slot* do operador, constituindo-se, assim, como um único paradigma, como no exemplo: *He must have killed a bear* [Ele deve ter matado um urso] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 155).

Especificamente, em trabalhos mais recentes, Hengeveld e Dall’Aglio Hattner (2015), Dall’Aglio Hattner e Hengeveld (2016), Dall’Aglio Hattner (2018) e Miranda e Dall’Aglio Hattner (2019), há uma separação definitiva entre a Evidencialidade (fonte da informação) e a categoria modalidade. Dessa forma, o quadro dos subtipos modais, nos estudos relativos à GDF, passa a ser de apenas quatro: *facultativa, deôntica, volitiva e epistêmica*. Conforme os autores, a Evidencialidade atua em diferentes camadas dos Níveis Interpessoal e Representacional. Nesse sentido, há uma readequação da proposta de categorização dos tipos evidenciais, em que os autores dividem a Evidencialidade em quatro tipos: *Reportativa, Inferencial, Dedutiva e Perceptiva*.¹¹⁷

Em relação à modalidade volitiva orientada para a Proposição, Hengeveld e Mackenzie (2008) especificam que é possível encontrar nas línguas naturais uma ampla variedade de modalidades subjetivas, como no exemplo retirado da língua Pawnee: *ti-ku-itka-is-ta (I want to sleep/It is going to sleep on me)* [Eu quero dormir / Isso vai dormir em mim] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 154). Conforme os autores, na língua Pawnee, há uma formação especial, na qual o verbo é flexionado passivamente (o que justifica o marcador de primeira

¹¹⁷ Conforme Hengeveld e Dall’Aglio Hattner (2015), Dall’Aglio Hattner e Hengeveld (2016), Dall’Aglio Hattner (2018) e Miranda e Dall’Aglio Hattner (2019), a Evidencialidade Reportativa opera na camada do Conteúdo Comunicado, referindo-se que o falante não expressa o seu próprio conhecimento acerca dos fatos, mas que está repassando as informações que são obtidas por terceiros. Por sua vez, a Evidencialidade Inferencial opera na camada do Conteúdo Proposicional, sendo relativa à manifestação dos fatos com base nos conhecimentos prévios do próprio falante, ou seja, ele expressa o seu próprio material cognitivo. Por seu lado, a Evidencialidade Dedutiva, que opera na camada do Episódio, trata da indicação da ocorrência de um evento (conjunto de Estado-de-Coisas tematicamente coerentes e sob o escopo de um tempo absoluto) que é deduzido pelo falante com base em alguma evidência disponível, mas sem que ele tenha testemunhado o evento relatado, sendo capaz de deduzi-lo com base na percepção de alguma evidência resultante. Por seu turno, a Evidencialidade Perceptiva opera na camada do Estado-de-Coisas e está relacionada à indicação de um evento testemunhado ou não pelo falante.

peessoa do singular nessa língua) e provido de um sufixo de aspecto perfectivo intensivo, expressando, assim, um caso de modalidade volitiva orientada para a Proposição. Segundo os autores, a formação é restrita a primeira pessoa do singular, em que o morfema de modo indicativo “ti” mostra que o enunciado não pode ser interpretado como sendo uma Ilocução Optativa básica, haja vista que não se refere ao desejo de concretização de um evento, mas de uma afirmação a respeito dos desejos pessoais do Falante.

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), Oliveira (2017, 2020a, 2020c) especifica que a modalidade volitiva orientada para a Proposição conteria os seguintes aspectos: (i) não expressaria as intenções e as pretensões do Falante em performatizar um dado evento, por isso não atuaria na camada da Propriedade Configuracional; (ii) é restrita à primeira pessoa do singular ou plural nas línguas naturais, haja vista que se trata da asserção pessoal de um desejo do falante acerca de uma proposição relativa a algum construto mental do qual ele faria uma apreciação; (iii) não se refere a uma Ilocução Optativa, o que impossibilitaria de ser apreciada em termos de verdade ou falsidade acerca da possibilidade de concretização da proposição expressa, em que o falante manifestaria seu comprometimento volitivo (com base no que ele julga ser bom, agradável e desejável); e (iv) é referente às asserções dos desejos pessoais do falante sobre um dado evento que pode ser apenas localizado em sua mente, sendo, portanto, relativo ao aspecto *irrealis* (o que é prototípico¹¹⁸ da modalidade volitiva).

De acordo com Oliveira (2017, 2020a, 2020c), os modalizadores volitivos orientados para a Proposição atuam como elementos de apreciação acerca de um dado Conteúdo Proposicional, relativo a um mundo imaginário/fictício ao qual apenas o falante teria acesso, de caráter subjetivo e irrealizável do ponto de vista factual, sem localização no tempo e no espaço, como no exemplo: *Quisiera que fuese Ella misma quien les lleve, hasta lo profundo de sus almas de Pastores* [Quisera que fosse Ela mesma quem os leve até o profundo de suas almas de Pastores] (OLIVEIRA, 2017, p. 101). Conforme o autor, o modalizador volitivo, *quisiera*, atua na camada do Conteúdo Proposicional, tendo um escopo de atuação sobre uma proposição (contida na completiva com *que*), que, por sua vez, é relativa a um construto mental que diz

¹¹⁸ Define-se o conceito de prototípico, para esta pesquisa, com base em Givón (1984). Conforme o autor, o protótipo se refere ao membro mais característico de uma categoria, ou seja, exibe um maior tipo de propriedades e características dessa categoria. Nesse sentido, entende-se que os outros membros podem ser categorizados a partir do seu grau ou não de semelhança com o protótipo. Assim sendo, para a instauração da modalidade volitiva determina-se, como protótipo, o verbo *querer*. Por sua vez, para a modalidade deontica, estipula-se o verbo *deber*. Para Givón (1984), a perspectiva funcionalista de análise linguística estabelece o conceito de protótipo em razão de o uso da língua e de suas mudanças serem uma resposta aos desafios inerentes aos mais variados contextos de interação, sejam eles de ordem pessoal, social, cultural, comunicativo ou biológico, que seriam inviáveis sem a concepção de categorias prototípicas.

respeito aos desejos pessoais do falante (o que pode ser evidenciado pela marca de primeira pessoa do singular) em relação a um mundo imaginário/fictício (o mundo da espiritualidade) e irrealizável do ponto de vista factual, a julgar pela impossibilidade de localização no tempo e no espaço (aspecto *irrealis*).

Segundo Oliveira (2020a, 2020c), os modalizadores volitivos que atuam na camada do Conteúdo Proposicional são indicadores de que, em um mundo imaginário/fictício, o falante toma como possível e verdadeira a concretização do evento por ele volicionado (possibilidade volitiva), com base em suas próprias convicções e no que ele julga ser bom, agradável e desejável (comprometimento volitivo), o que, em certa medida, aproxima a modalidade volitiva da modalidade epistêmica (modalidade que também atua na camada do Conteúdo Proposicional). Assim, enquanto a modalidade epistêmica pode ser empregada para que o falante faça avaliações acerca de crenças e conhecimentos relativos ao mundo real (Conteúdos Proposicionais factuais), a modalidade volitiva pode ser utilizada para que o falante faça apreciações acerca de um mundo imaginário/fictício (Conteúdos Proposicionais não-factuais).

De maneira semelhante, Olbertz (2017) também pondera sobre a existência de modalidade volitiva orientada para a Proposição. Segundo a autora, a modalidade volitiva se refere à manifestação de desejos em termos de necessidade, em que os modais volitivos incidem, geralmente, sobre Estados-de-Coisas incontroláveis e/ou irrealizáveis do ponto de vista factual. Ainda conforme a autora, quando a modalidade volitiva está orientada para a Proposição, os modais volitivos são empregados para modificar uma proposição sempre relativa à descrição de um mundo imaginário/fictício, um cenário puramente inventado, para o qual a relação do Estado-de-Coisas é irreal, como no exemplo: *Se **debería** poder tocar el piano mientras que se va en bicicleta* [Dever-se-ia poder tocar o piano enquanto se anda de bicicleta] (OLBERTZ, 2017, p. 18). A possibilidade de atuação da modalidade volitiva na camada do Conteúdo Proposicional é razoável, se se considera, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), que os Conteúdos Proposicionais são construtos mentais que não existem no espaço e no tempo, existindo apenas na mente daqueles que os entretêm. Assim, os Conteúdos Proposicionais podem ser factuais, quando se referem aos conhecimentos e às crenças sobre o mundo real, ou não-factuais, quando são relativos a esperanças e desejos em relação a um mundo imaginário/fictício.

De acordo com Olbertz (2017), a necessidade volitiva compartilha com a necessidade deôntica subjetiva a propriedade de ter o falante como fonte da atitude modal. Assim, ambos os tipos de modalidades apresentam como denominador comum a necessidade modal subjetiva.

Conforme a autora, a modalidade deôntica prescritiva diz respeito a eventos que podem, em princípio, ser realizados após o momento da enunciação (futuridade), enquanto a modalidade deôntica avaliativa diz respeito a estados-de-coisas anteriores (preteridade), em que o falante indica o desejo de que o evento passado tivesse ocorrido, mesmo sabendo dessa impossibilidade, como se pode averiguar nos exemplos: *Pensaba: yo **tendría** que haber estado allí* [Pensava: eu tinha que haver estado ali] (OLBERTZ, 2017, p. 13) / *Creo que ha hecho mal, no sé, **debería** haber sacado a estos ¿no?, o sea, que los mejores jugadores son los que jugaron en el último partido ¿no?* [Acho que fizeram mal, não sei, deveriam ter tirado a esses jogadores, não?, quer dizer, que os melhores jogadores são os que jogaram no último jogo, não?] (OLBERTZ, 2017, p. 14). Ainda segundo a autora, esse procedimento é característico da avaliação, ou seja, da análise de um evento no passado com base no conhecimento de suas consequências disponíveis no momento da fala.

Para Olbertz (2017), há certa semelhança entre a modalidade deôntica avaliativa (subjativa) e a modalidade volitiva, haja vista que ambos os subtipos modais estão relacionados à desejabilidade de concretização de um evento. No entanto, conforme a autora, a diferença é que a modalidade deôntica avaliativa diz respeito à apreciação de eventos que sejam entendidos como obrigatórios, permitidos ou proibidos a partir de um conjunto de regras e normas estabelecidas. Por sua vez, a modalidade volitiva diz respeito a ideias e fantasias que podem ou não ter relação com a realidade extralinguística. Assim, as modalizações volitivas concernem ao que o falante aprecia como sendo desejável ou indesejável com base em suas crenças e opiniões subjativas.

Com base em Oliveira (2017), entende-se que, ao operar na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva pode ser codificada por meio de diferentes verbos léxicos (*desejar, querer, espero*, etc.), mas dificilmente poderia ser codificada por meio de auxiliares modais, haja vista que esses tipos de modalizadores não tem escopo de atuação sobre Conteúdos Proposicionais. Os exemplos seguintes ilustram esse comportamento da modalidade volitiva na camada do Conteúdo Proposicional: *¿Cómo **quisiera** que el 2021 fuera el año en que se escribiese finalmente la palabra fin al conflicto sirio, que ya hace diez años que comenzó!* [Como quisera que 2021 fosse o ano em que se escrevesse finalmente a palavra do fim do conflito sírio, que começou há dez anos!] (Papa Francisco)¹¹⁹ / *Cuánto **desearía** que la limosna*

¹¹⁹ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco para os cardeais em reunião extraordinária em Roma. Disponível em: <http://www.fides.org/es/news/69573-VATICANO_Papa_Francisco_Fraternidad_y_esperanza_son_como_medicinas_que_hoy_el_mundo_necesita_junto_con_las_vacunas>. Acesso em: 17 set. 2021.

se convirtiera para todos en un auténtico estilo de vida [Como desejaria que a esmola se tornasse um verdadeiro modo de vida para todos] (Papa Francisco)¹²⁰ / *Quiero agradecerles lo que hacen por la paz. Ponen en juego su vida y eso fue lo que hizo Jesús por la paz. Su labor los hace estar más cerca de su presencia. Gracias por arriesgarse por la paz y espero que la paz se consolide en este país que se lo merece* [Quero agradecer o que você faz pela paz. Eles colocaram suas vidas em risco e foi isso que Jesus fez pela paz. Seu trabalho os aproxima de sua presença. Obrigado por arriscar a paz e espero que a paz se consolide neste país que a merece] (Papa Francisco).¹²¹

Tomando por referência os autores mencionados anteriormente, reformula-se, então, as possíveis combinações entre o *domínio semântico* e a *orientação modal*, como pode ser visto no Quadro 9:¹²²

Quadro 9: Reformulação do cruzamento entre o domínio semântico e a orientação modal

Domínio semântico	Orientação modal			
	Participante	Evento	Episódio	Proposição
Facultativa	+	+	-	-
Deôntica	+	+	+	-
Volitiva	+	+	+	+
Epistêmica	-	+	+	+

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Hengeveld (2011), Durigon (2015), Rinaldi (2015), Hengeveld e Dall'Aglio Hattner (2015), Dall'Aglio Hattner e Hengeveld (2016), Nagamura (2016), Olbertz (2017) e Oliveira (2017, 2020)

Como se tem demonstrado, dentro do aparato teórico da GDF, a categoria modalidade é descrita e analisada com base em dois parâmetros principais: o *domínio semântico* e a *orientação modal*. No entanto, pondera-se que a *Volitividade*, não contemplada na GDF como parâmetro de análise da modalidade, possa se mostrar produtiva quanto à delimitação e à caracterização dos aspectos de divergência e convergência entre as modalidades deôntica e volitiva na manifestação do *elemento do desejo*. Assim, objetiva-se verificar, para além do que

¹²⁰ Exemplo retirado da Internet. Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma. Disponível em: <<http://www.salesianoneiva.edu.co/es/content/inicio-de-la-cuaresma-2021>>. Acesso em: 17 set. 2021.

¹²¹ Exemplo retirado da Internet. Mensagem do Papa Francisco ao povo colombiano. Disponível em: <<https://360radio.com.co/papa-francisco-dos-colombianos-villavicencio/>>. Acesso em: 17 set. 2021.

¹²² Em Hengeveld e Mackenzie (2008), a modalidade evidencial passa a ser considerada não um subtipo de modalidade, mas uma categoria linguística, a Evidencialidade.

já proposto na GDF, como a *Volitividade* poderia especificar outros elementos delimitadores de ordem pragmática, semântica e morfossintática relativas à instauração das modalidades deôntica e volitiva.

Nesse sentido, tem-se o objetivo de averiguar como a *Volitividade* se comporta ao operar nas camadas do Componente Gramatical por meio dos operadores modais deônticos e volitivos. Para isso, na sequência, passar-se-á ao tratamento da *Volitividade* nos estudos linguísticos e de como esse parâmetro é empregado na classificação dos subtipos modais em Jespersen (1924), Heine (1995) e Narrog (2012).

3.3 A Volitividade nos estudos linguísticos

Segundo Narrog (2012), nas mais diferentes tipologias para a categoria modalidade, há um senso comum em distingui-la, prototipicamente, com base em dois tipos: *modalidade epistêmica* (eixo do saber) e *modalidade deôntica* (eixo da conduta). Ainda que essa bipartição seja, segundo o autor, insatisfatória para uma abrangência mais ampla da modalidade e dos subtipos modais, ela está baseada em uma importante distinção intuitiva: o *elemento do desejo* ou *Volitividade*. Nesta bipartição, tem-se que o eixo da conduta conteria *Volitividade*, enquanto o eixo do saber não conteria *Volitividade*.

Essa separação das categorias modais com base na *Volitividade* remonta, primeiramente, a Jespersen (1924), em que este autor postula as noções modais com base no *elemento do desejo*, diferenciando os casos de modalidade com base nas que conteriam *Volitividade*, ou seja, as *modalidades volicionais* (*volitional modalities*) das que não conteriam *Volitividade*, isto é, as *modalidades não volicionais* (*non-volitional modalities*).

Dessa forma, os enunciados modalizados que perfazem o eixo da conduta, por exemplo, por meio do modalizador *dever*, derivam em outros significados, tais como o compulsivo (ter), o desiderativo (seria ele...), etc. Da mesma forma, os enunciados modalizados que perfazem o eixo do *saber* derivam também em outros significados, tais como o necessário (deve), o hipotético (provavelmente), o dubitativo (pode ser), etc. Com base no autor, tem-se, para a categoria modalidade, o entendimento de alguma força (F) que é caracterizada por meio de um *elemento de desejo* (*Volitividade*), fazendo que o enunciado modalizado esteja relacionado com o interesse de que um dado evento ocorra ou que ele não ocorra.

Com base na *Volitividade*, Jespersen (1924) divide a categoria modalidade em dois tipos distintos: a *modalidade intrínseca* e a *modalidade extrínseca*. Conforme o autor, a

modalidade intrínseca compreenderia a obrigação, a permissão e a volição, enquanto a modalidade extrínseca está relacionada às leis racionais e às leis da natureza. Nesse sentido, tanto a modalidade intrínseca quanto a extrínseca estariam pautadas a partir da possibilidade e da necessidade com base no *elemento do desejo* (*Volitividade*). Assim, os conteúdos modais poderiam conter o *elemento do desejo* (modalidade intrínseca) ou não conter o *elemento do desejo* (modalidade extrínseca).

Jespersen (1924) ainda acrescenta que há uma diferença entre as modalidades intrínseca e extrínseca no que diz respeito às noções de possibilidade e necessidade. No tocante à possibilidade, a modalidade intrínseca está relacionada com a permissão, enquanto a modalidade extrínseca diz respeito às leis racionais, especificamente no que se refere à falsidade ou à veracidade de algo. Quanto à noção de necessidade, a modalidade intrínseca está relacionada à obrigação e à volição, enquanto a modalidade extrínseca diz respeito à asserção e à constatação. Em resumo, o autor especifica que a modalidade intrínseca (*modalidade volicional*) é aquela que expressa os valores de permissão, obrigação e volição, pois são instaurados com base na vontade (*elemento do desejo*) do falante. Por seu lado, a modalidade extrínseca (*modalidade não volicional*), por não depender da vontade do falante (*elemento do desejo*), expressaria os valores de probabilidade, certeza e dúvida em relação a uma dada proposição.

Jespersen (1924) também tratou de maneira diferenciada as categorias modo e modalidade. Para o autor, o modo é uma categoria de ordem sintática, enquanto a modalidade é uma categoria nocional. Assim, com base no *elemento do desejo*, o autor especifica três tipos de modos nocionais: a *possibilidade*, a *necessidade* e a *contingência* (incerteza sobre a realização de um estado-de-coisas). A partir desses modos nocionais, o autor propõe certo número de subdivisões, a saber: a possibilidade objetiva ou conjuntiva (promessa), a possibilidade subjetiva ou optativa (desejo), a necessidade objetiva ou constativa (asserção) e a necessidade subjetiva ou imperativa (mandado). Desse modo, o autor diferencia os pedidos dos não pedidos, subclassificando-os em exortações e declarações, para o primeiro, e em perguntas e exclamações, para o segundo.

Ainda com base no *elemento do desejo*, Jespersen (1924) estipula diferentes padrões ilocucionais, distinguindo-os entre aqueles que contém *Volitividade*: o Jussivo, o Compulsivo, o Obrigativo, o Aconselhativo, o Precativo, o Exortativo, o Promissivo, o Permissivo, o Optativo, o Desiderativo e o Intencional; daqueles que não contém *Volitividade*: o Apodictivo,

o Necessitativo, o Assertivo, o Presumitivo, o Dubitativo, o Potencial, o Condicional, o Hipotético e o Concessivo.

Na sequência, é possível verificar a exemplificação dos padrões ilocucionais volicionais (que contêm o *elemento do desejo*) e dos não volicionais (que não contêm o *elemento do desejo*), retirados de Jespersen (1924, p. 320-321):

(i) Padrões ilocucionais volicionais¹²³

Jussivo – *Vá.*

Compulsivo – *Ele tem que ir.*

Obrigativo – *Ele deve ir/ Nós devemos ir.*

Aconselhativo – *Você deveria ir.*

Precativo – *Por favor, vá.*

Exortativo – *Vamos.*

Permissivo – *Você pode ir, se você quiser.*

Promissivo – *Eu irei/ Isso será feito.*

Optativo – *Ele pode ainda estar vivo.*

Desiderativo – *Ele poderia ainda estar vivo.*

Intencional – *Ele pretende ir.*

(ii) Padrões ilocucionais não volicionais:¹²⁴

Apodictivo – *Duas vezes duas devem ser (é necessariamente) quatro.*

Necessitativo – *Ele deve ser rico (ou não poderia gastar muito).*

Assertivo – *Ele é rico.*

Presumitivo – *Ele provavelmente é rico; ele saberia.*

Dubitativo – *Ele pode ser (talvez) rico.*

Potencial – *Ele pode falar.*

Condicional – *Se ele é rico.*

Hipotético – *Se ele fosse rico.*

¹²³ Tradução nossa. O original diz: “Jussive: go (command). Compulsive: he has to go. Obligative: he ought to go / we should go. Advisory: you should go. Precative: go, please. Hortative: let us go. Permissive: you may go if you like. Promissive: I will go / it shall be done. Optative (realizable): may he be still alive! Desiderative (unrealizable): would he was still alive! Intentional: in order that he may go” (JESPERSEN, 1924, p. 320).

¹²⁴ Tradução nossa. O original diz: “Apodictive: twice two must be (is necessarily) four. Necessitative: he must be rich (or he could not spend so much). Assertive: he is rich. Presumptive: he is probably rich; he would (will) know. Dubitative: he may be (is perhaps) rich. Potential: he can speak. Conditional: if he is rich. Hypothetical: if he were rich. Concessional: though he is rich” (JESPERSEN, 1924, p. 321).

Concessivo – *Embora ele seja rico.*

Com base em Jespersen (1924), verifica-se que os padrões ilocucionais volicionais e não volicionais podem ainda se subdividir em: (i) *modalidades do enunciado* (modalidades linguísticas – epistêmica, deôntica, volitiva e facultativa), como o Compulsivo, o Obrigativo, o Aconselhativo, o Permissivo, o Optativo, o Desiderativo, o Intencional, o Apodictivo, o Necessitativo, o Presumitivo, o Dubitativo e o Potencial; e (ii) *modalidades da enunciação* (atos de fala), como o Jussivo, o Precativo, o Exortativo, o Promissivo, o Assertivo, o Condicional, o Hipotético e o Concessivo.

Em consonância com Jespersen (1924), Heine (1995) também propõe essa mesma força (F) como delimitadora da modalidade deôntica (*modalidade volicional*), mas em relação à modalidade epistêmica (*modalidade não volicional*). Segundo o autor, as modalizações deônticas e epistêmicas são matizadas em um gradiente que vai do modo *realis* (algo que é verdadeiro ou falso) ao *irrealis* (que se refere a uma verdade possível). Assim, segundo o autor, as atitudes do falante perante o que ele enuncia podem diferenciar-se em dois tipos de julgamentos: (i) um *epistêmico*, que é relativo à verdade, à possibilidade, à certeza, à crença e à evidência; e (ii) um *deôntico* ou *avaliativo*, que diz respeito ao desejo, à preferência, à intenção, à habilidade, à obrigação, à permissão, à necessidade e à manipulação.

Especificamente, para a modalidade deôntica, Heine (1995) delimita as seguintes propriedades:

- (i) existe uma força (F) que se caracteriza por um *elemento de vontade*, da qual culmina a imposição de realização do evento;
- (ii) há a presença de um agente controlador de um evento que deverá ser concretizado por esse mesmo agente;
- (iii) entende-se que o evento é dinâmico, pois é relativo à manipulação de uma situação que leva a uma mudança de estado;
- (iv) percebe-se que o evento ainda não ocorreu no tempo de referência, ou seja, sua realização se dará em um momento posterior (futuridade);
- (v) infere-se que o evento é não factual, ainda que haja certo grau de probabilidade de que ele venha a ocorrer.

Assim, com base no autor, essas propriedades norteiam a identificação de enunciados deonticamente modalizados que, por sua vez, podem ser compreendidos em termos de forças dinâmicas, tais como controle, dinamicidade, agente controlador, etc.

Para Narrog (2012), essa força (F), no caso das *modalidades volicionais*,¹²⁵ advém do próprio falante, de algum grupo de pessoas ou de alguma organização social que representa uma parcela da sociedade; podendo essa força também advir da sociedade como um todo, sendo essa mesma sociedade a fonte das obrigações morais expressas. Baseando-se no autor, entende-se que as modalidades deôntica e bulomaica (modalidades volicionais na perspectiva desse autor) podem se diferenciar com base na origem da deseabilidade, sendo: (i) a *modalidade bulomaica* oriunda de algum indivíduo capaz de volição, que avalia e julga o evento como algo bom e agradável para si e/ou para os demais; e (ii) a *modalidade deôntica* instaurada por parte de um indivíduo ou de alguma instituição, que avalia o que é moralmente obrigatório, permitido ou proibido para o participante expresso no predicado com base no que é aceito moral, legal e socialmente.

Assim sendo, na tipologia das modalidades de Narrog (2012), não apenas as modalidades *deôntica* e *bulomaica* (*volitiva*, na tipologia da GDF) conteriam *Volitividade*, outros dois tipos de modalidade menos salientes, como cita o autor, também conteriam o elemento do desejo, a saber: (iii) a *modalidade preferencial*, que marca uma proposição como uma necessidade ou uma possibilidade com respeito às preferências de alguém; e (iv) a *modalidade teleológica*, que marca uma proposição como uma necessidade ou possibilidade com respeito aos objetivos de alguém.

Sabendo-se que o enunciado modalizado poderia não conter *Volitividade*, Narrog (2012) também identifica outros cinco tipos de modalidades, intituladas de modalidades não volicionais, a saber: (i) a *modalidade epistêmica*, que se refere ao conhecimento de mundo de alguém ou do próprio falante; (ii) a *modalidade evidencial*, que diz respeito à relativa indeterminação da fonte da informação que é fornecida pelo falante; (iii) a *modalidade existencial*, que versa sobre um estado-de-coisas ou situação que é quantificada no sentido de que o estado-de-coisas ou a situação possivelmente ou necessariamente se mantém; (iv) a *modalidade dinâmica*, que está relacionada às habilidades e às necessidades físicas, em que uma dada proposição é marcada como uma necessidade ou uma possibilidade em relação às disposições físicas de alguém; e (v) a *modalidade circunstancial*, que faz referência a uma

¹²⁵ Para esta pesquisa, entender modalidades volicionais como aquelas que contêm *Volitividade*, e modalidades não volicionais como aquelas que não contêm *Volitividade*. Nesse sentido, delimita-se o termo volicional para o que é referente à *Volitividade*, enquanto o termo volitivo fica restrito à modalidade volitiva.

marcação de uma necessidade ou possibilidade em certas circunstâncias. Em outras palavras, temos que os dois domínios que, tradicionalmente, diferem os tipos de modalidade, podem ser redefinidos com base no parâmetro da *Volitividade*.

Narrog (2012) acrescenta que a *Volitividade* não se trata de um conceito estritamente binário, mas que apresenta graus de dinamicidade entre dois polos. Primeiro, existem marcadores modais particulares que cobrem um espaço que, aparentemente, apresenta-se sem domínio em ambos os lados, argumentando, por exemplo, que o modalizador *dever* pode se comportar ora como modal deôntico ora como modal epistêmico. Nesse sentido, as modalidades que perfazem o *continuum* entre esses dois polos, modalidades volicionais de um extremo e as modalidades não volicionais do outro extremo, podem manifestar-se por meio de modalizadores que migrem entre esses tipos de modalidades, podendo haver, pois, uma intersecção entre elas.

Dessa forma, tem-se que os domínios que englobam as modalidades volicionais e as modalidades não volicionais podem se sobrepor, como nesse exemplo: *Bem, senhor. Não me pergunte. Você pergunta às pessoas aqui. Elas **deveriam** saber.*¹²⁶ De acordo com o autor, ambos os significados, o epistêmico (é provável que elas conheçam) e o deôntico (elas têm o dever saber) não estão apenas disponíveis, mas podem ser simultaneamente destinados pelo falante. Essa sobreposição dos domínios das modalidades volicionais e não volicionais pode ser explicada com base em um *continuum*, em que os valores semânticos podem migrar: (i) de uma forte obrigação para uma certeza; ou (ii) de uma obrigação para uma fraca probabilidade.

Narrog (2012) pontua que essas oscilações entre os polos deôntico (modalidade volicional, por conter o elemento do desejo) e epistêmico (modalidade não volicional, por não conter o elemento do desejo) podem ser explicadas também com base na subjetivação dos enunciados modalizados e na própria articulação da *Volitividade*. Em relação às modalidades volicionais, tem-se que a subjetividade pode surgir: (i) de usos em que nenhuma força social, religiosa ou normativa seja especificada ou implícita, sendo a *Volitividade* articulada com base no que o falante julga como desejável, sendo o próprio falante a fonte da força modal; ou (ii) de usos em que o falante se apresenta como a si mesmo ou a um terceiro-reportado como a força (fonte da atitude modal) por trás da obrigação instaurada, sendo a *Volitividade* articulada com base no que é moral, social e legalmente aceito por regras de conduta ou normas sociais. Para o autor, a *Volitividade* pode se manifestar tanto para descrever circunstâncias externas ao

¹²⁶ Tradução nossa. O original diz: “Well, Sir. Don’t ask me. You ask the people here. They should know”. Narrog (2012, p. 48) cita o exemplo de Coates (1983, p. 78).

falante quanto para expressar seus desejos e opiniões, podendo os significados internos preceder os significados externos, haja vista que a força da atitude modal pode ser atribuída também a outras entidades, tais como a Deus, ao céu, ao destino, etc.

Como já citado anteriormente, a partir do parâmetro da *Volitividade*, Narrog (2012) subdivide a modalidade em dois tipos: as *modalidades volicionais* e as *modalidades não volicionais*. No entanto, na seção seguinte, far-se-á um detalhamento do *elemento do desejo* como parâmetro de qualificação dessas modalidades.

3.4 A Volitividade na perspectiva de Heiko Narrog como parâmetro de análise da categoria modalidade

Em Narrog (2012), tem-se que a categoria modalidade pode ser abordada em termos das atitudes do falante e da subjetividade que é manifestada no enunciado modalizado e em relação à *factualidade*, à *atualidade* ou à *realidade*. Segundo o autor, a definição do conceito de modalidade em que se consideram apenas as atitudes do falante não é satisfatória, haja vista que, na linguagem falada, elas podem ser expressas ao longo do enunciado por meio de uma variedade de categorias gramaticais e lexicais. Assim sendo, seria inviável identificar uma única categoria gramatical ou até mesmo um conjunto definido de categorias associados a ela. Conforme o autor, a amplitude do conceito de subjetividade dificulta sua utilização para a categoria modalidade em termos de definição e classificação, pois qualquer elemento do enunciado, seja ele de natureza vocabular, sintática, semântica ou pragmática, poderia contribuir na expressão da subjetividade do falante.

Para Narrog (2012), a categoria modalidade pode ser mais apropriadamente definida em termos de *factualidade*, considerando que a modalidade é uma categoria linguística referente ao estatuto de realidade de uma proposição;¹²⁷ em que essa mesma proposição pode ser modificada, se ela for marcada para ser indeterminada, no que diz respeito a esse mesmo estatuto de realidade, ou seja, não é positiva nem negativamente factual.¹²⁸ Segundo o autor, a

¹²⁷ Para esta pesquisa, foi empregado, para a manifestação da *Volitividade* por meio das modalidades deontica e volitiva, o conceito de proposição proposto pela GDF. Haja vista que, para a GDF, o estatuto de realidade é atribuído para a avaliação modal de um Estado-de-Coisas, enquanto um Conteúdo Proposicional é entendido como construtos mentais que podem ser avaliados em termos de verdade e falsidade, não podendo ser localizados no tempo e no espaço. Em razão de sua natureza apreciativa, os Conteúdos Proposicionais podem ser avaliados no que diz respeito às atitudes proposicionais do falante, as quais podem ser certeza/dúvida, crença/descrença, possibilidade/impossibilidade, etc.

¹²⁸ Outros autores, como Lyons (1977) e Palmer (1986) já utilizavam como parâmetro a “factualidade” para definir e conceituar a categoria modalidade.

conceitualização da modalidade com base nesse parâmetro consiste em pautar esta categoria na referenciação de estados-de-coisas não factuais, ou seja, não realizados ou não atualizados.

De acordo com Narrog (2012), a escolha da *factualidade* como parâmetro para a definição da categoria modalidade apresenta duas vantagens, a saber: (i) a definição da categoria com expoentes de significados mínimos fundamentais que são ditos como tradicionais, tais como necessidade, obrigação, possibilidade ou probabilidade; e (ii) a noção de factualidade, em contraste com as atitudes do falante, é adequada para se delimitar uma categoria, considerando-se que é definida com base nos aspectos semânticos.

Conforme Narrog (2012), o termo *factualidade* parece mais apropriado do que os demais termos empregados para a definição da categoria modalidade. O termo *atualidade* seria apenas relevante com a inclusão da noção de *presente, momento atual*, pois, ao englobar a noção de *não presente*, estaria relacionada a estados-de-coisas anteriores ao momento da enunciação, sendo entendidos como fatos ou relato. Por sua vez, o termo *realidade* está mais intimamente identificado com as distinções de modo, aproximadamente equivalente a indicativo e subjuntivo nas línguas. No entanto, o termo *factualidade* é o mais adequado, tendo em vista que ele está relacionado ao julgamento humano e, em conexão com a modalidade, as declarações podem ser verdadeiras ou falsas.

Segundo Narrog (2012), ao lidar com a categoria modalidade, lida-se com os julgamentos dos falantes que expressam sua visão de mundo e não uma realidade fora da língua. O autor ressalva que os estados-de-coisas apresentados pelo falante que não sejam modalizados e, conseqüentemente, sejam entendidos como *factuais, reais* ou *válidos* também podem incluir estados-de-coisas que tenham relação com o passado ou com o futuro e que não sejam *factuais* em seu sentido objetivo. Neste aspecto, o ponto crucial é o entendimento de que o estudo da língua se refere a coisas que são retratadas como factuais na linguagem, não necessariamente coisas factuais no mundo real.

Uma oposição binária que se mantém entre proposições não modalizadas (*factuais*) e proposições modalizadas (*não factuais*) pode ser exemplificada nesses exemplos retirados de Narrog (2012, p. 07):

(1) *Os gatos estão felizes agora.*¹²⁹

(2) *Os gatos devem estar felizes agora.*¹³⁰

¹²⁹ Tradução nossa. O original diz: “The cats are happy now” (NARROG, 2012, p. 07).

¹³⁰ Tradução nossa. O original diz: “The cats must be happy now” (NARROG, 2012, p. 07).

Em (1), temos que o enunciado não é modalizado, retratando o estado-de-coisas apenas como factual no que se refere ao intervalo de tempo referido. Em contraste, em (2), o enunciado é retratado, especificamente, dentro do campo do pensamento, sendo indeterminado em relação à sua *factualidade* e tido como *aberto* no que diz respeito à sua existência real.

De acordo com Narrog (2012), todos os eventos descritos em um enunciado, que não sejam factuais, podem ser classificados como *possível* ou *necessário*. Assim *factualidade*, *possibilidade* e *necessidade* passam a ser interpretadas como categorias básicas para a definição e conceitualização da modalidade. Se uma sentença é verdadeira, isso independe do estatuto de realidade do mundo, sendo necessariamente verdade. Por sua vez, se uma sentença não é necessariamente falsa, é possível que ela seja verdadeira. Este tipo de modalidade que se refere à verdade lógica é definido como *modalidade alética* e, portanto, o tipo básico de modalidade desde a perspectiva lógico-filosófica. No entanto, em linguagem natural, as frases que expressam a *modalidade alética* são pouco utilizadas, enquanto as modalidades que são mais periféricas para a lógica são as mais fundamentais para as línguas naturais.

Para Narrog (2012), os trabalhos referentes à categoria modalidade, inseridos na semântica formal, demonstram que os conceitos de *necessidade* e *possibilidade* são suficientemente flexíveis para lidar com uma ampla gama de tipos de modalidade que sobrepassam o núcleo original na lógica modal. No entanto, algumas categorias modais de língua parecem ser mais fáceis de interpretar em termos de *possibilidade* e *necessidade* do que outras. Especificamente, para o autor, existem expressões de *desejabilidade*, *evidencialidade* e *epistemicidade* que não são estritamente vinculadas à oposição entre *necessidade* e *possibilidade*.

Para a categoria modalidade e a sua definição e conceitualização em termos de *factualidade*, *necessidade* e *probabilidade*, o autor se pauta na *Volitividade*, definida, anteriormente, como uma força (F) presente no enunciado modalizado que é caracterizada com base na manifestação ou não do *elemento do desejo* contido na proposição e que se refere à *factualidade* ou a *não factualidade* de um estado-de-coisas. Dessa forma, como citado anteriormente, tem-se que a categoria modalidade, na perspectiva do referido autor, pode ser dividida em dois tipos distintos: as modalidades volicionais (*volitional modalities*); e as modalidades não volicionais (*non-volitional modalities*). Por sua vez, as modalidades volicionais se subdividem em *deôntica*, *bulomaica*, *preferencial* e *teleológica*; enquanto as modalidades não volicionais se subdividem em *epistêmica*, *evidencial*, *existencial*, *dinâmica* e *circunstancial*.

A modalidade deôntica marca um estado-de-coisas como sendo necessário ou possível com base em um quadro particular de regras sociais, como no exemplo: *Você **deve** me dizer como chegar a isso.*¹³¹ Em relação à modalidade deôntica, entende-se que a *Volitividade* se manifesta, no enunciado modalizado, com base em regras de conduta moral, social e legal, sendo instaurada por algum agente, pautando-se no que é legal, moral e socialmente aceito.

A modalidade bulomaica marca uma proposição como uma necessidade ou uma possibilidade com base nos desejos, nas vontades e nas intenções particulares dos sujeitos, como no exemplo: ***Devemos** lutar nas praias, vamos lutar nos terrenos de desembarque, **devemos** lutar nos campos e nas ruas, vamos lutar nas colinas; nunca **devemos** nos render,*¹³² No que diz respeito à modalidade bulomaica (volitiva, na perspectiva da GDF), entende-se que a *Volitividade* se manifesta, no enunciado modalizado, com base naquilo que o sujeito julga como bom e agradável (desejável) para si e/ou para os demais. Pondera-se que esse julgamento pode ser feito a partir do que é prescrito social, moral e legalmente, ou não, haja vista que os sujeitos podem instaurar atos de vontade a partir de suas próprias crenças e convicções pessoais, sem que isso esteja, necessariamente, pautado em acordos, contratos, leis e convenções sociais.

A modalidade preferencial marca uma proposição como uma necessidade ou uma possibilidade com respeito às preferências de alguém, como no exemplo: *Você **deve** se exercitar pelo menos 20 minutos por dia para manter a forma.*¹³³

A modalidade teleológica marca uma proposição como uma necessidade ou possibilidade com respeito aos objetivos de alguém, como no exemplo: *Você **deve** ter esse CD dado o seu gosto musical.*¹³⁴

A modalidade epistêmica se refere ao conhecimento de mundo de alguém ou do próprio falante. Se a proposição for relacionada com o conhecimento de mundo, é necessariamente verdadeira; por sua vez, se é compatível com o conhecimento próprio do falante, é possível que seja verdadeira, como nos exemplos: *O Homem-Aranha **pode** não sobreviver na semana que vem com tantas batalhas difíceis à frente* (referência futura) / *O*

¹³¹ Tradução nossa. O original diz: “You must tell me how to get to it” (NARROG, 2012, p. 26).

¹³² Tradução nossa. Os originais dizem: “We shall fight on the beaches, we shall fight on the landing grounds, we shall fight in the fields and in the streets, we shall fight in the hills; we shall never surrender” (NARROG, 2012, p. 09).

¹³³ Tradução nossa. O original diz: “(In order to stay in shape) You should exercise at least 20 minutes a day” (NARROG, 2012, p. 09).

¹³⁴ Tradução nossa. O original diz: “(Given your musical taste) You must have this CD” (NARROG, 2012, p. 08).

*Homem-Aranha já **pode** estar morto* (referência presente) / *O Homem-Aranha **talvez** já tenha morrido no ano passado* (referência anterior).¹³⁵

A modalidade evidencial diz respeito à relativa indeterminação da fonte da informação que é fornecida pelo falante, como no exemplo: ***Alegam** que ela derramou o feijão*.¹³⁶ Narrog (2012) cita que o fato de a Evidencialidade tratar-se de uma categoria ou de um subtipo de modalidade é controverso, haja vista que há autores que consideram a Evidencialidade como parte integrante da modalidade,¹³⁷ enquanto outros consideram-na como uma categoria distinta da modalidade.¹³⁸ Para o autor, a modalidade evidencial se refere à indeterminação da fonte da informação, enquanto a modalidade epistêmica diz respeito à indeterminação de uma dada proposição em relação à sua factualidade, no que concerne ao conhecimento de mundo ou às crenças do falante.

A modalidade existencial é relativa a um estado-de-coisas ou a uma situação que é quantificada no sentido de que o estado-de-coisas ou a situação possivelmente ou necessariamente se mantêm, como no exemplo: *As postagens na Internet **podem** levar a processos judiciais*.¹³⁹ Do ponto de vista funcional, esse tipo de modalidade pode ser entendido como inanimada, já que não apresenta os traços semânticos de [+ humano] e [+ animado].

A modalidade dinâmica está relacionada às habilidades e às necessidades físicas, em que um dado evento é marcado como uma necessidade ou possibilidade em relação às disposições físicas de alguém, como no exemplo: *Ralph **pode** correr mais rápido do que um cavalo*.¹⁴⁰ Esta categoria de modalidade é entendida como deslocada para os parâmetros dicotômicos de *necessidade* e *possibilidade*, uma vez que é comumente associada apenas à *possibilidade* e não à *necessidade*.

A modalidade circunstancial é marcada como uma *necessidade* ou uma *possibilidade* em relação a certas circunstâncias, como no exemplo: *Se você pegar um atalho, você **pode** chegar lá pelo menos dez minutos antes*.¹⁴¹ A modalidade circunstancial em outras tipologias é incluída dentro da modalidade dinâmica, haja vista que, em relação ao termo *necessidade*, não

¹³⁵ Traduções nossas. Os originais dizem: “(With so many tough battles ahead) Spiderman may not survive next week (future reference)/Spiderman may already be dead (present reference)/(Since we haven’t seen him for months now) Spiderman may have already died last year (past reference)” (NARROG, 2012, p. 08).

¹³⁶ Tradução nossa. O original diz: “Sie soll sich verplappert haben/(Allegedly), she spilled the beans” (NARROG, 2012, p. 11).

¹³⁷ Narrog (2012) cita como exemplos Palmer (1986) e Frawley (1992).

¹³⁸ Narrog (2012) cita como exemplos Aikhenvald (2004) e De Haan (2006).

¹³⁹ Tradução nossa. O original diz: “Internet postings can lead to lawsuits” (NARROG, 2012, p. 10).

¹⁴⁰ Tradução nossa. O original diz: “Ralph can run faster than a horse” (NARROG, 2012, p. 09).

¹⁴¹ Tradução nossa. O original diz: “If you take the short cut through the alley, you can be there at least ten minutes earlier” (NARROG, 2012, p. 10).

é fácil encontrar contextos puramente circunstanciais. Assim, a modalidade circunstancial é mais comumente associada à *possibilidade*. Embora a expressão de *necessidade circunstancial* pareça estar intimamente relacionada com a expressão da necessidade deôntica, a expressão de possibilidade circunstancial está mais relacionada às capacidades internas dos participantes (modalidade dinâmica). Este último pode ser o caso, porque a possibilidade circunstancial com agentes animados geralmente pressupõe capacidade, haja vista que chegar a um determinado local dentro de um determinado período, como no exemplo dado, também pressupõe a capacidade de se mover a certa velocidade.

Em resumo, constata-se que, para Narrog (2012), a noção de *factuality* é a que melhor poderia definir a categoria modalidade porque, além de abandonar a noção vaga de *subjetividade*, a factuality é capaz de delimitá-la em relação às suas formas gramaticais, o que uma definição por meio da noção de subjetividade não o faz. Nesse sentido, tem-se, com base nessa nova definição, uma categoria semântica no mesmo nível de outras categorias, tais como o Tempo, o Modo, o Aspecto, etc. Assim sendo, a factuality incorpora as noções tradicionais de necessidade, possibilidade e probabilidade.

Com base em Narrog (2012), pondera-se, portanto, que a factuality está relacionada à realidade e à validade que é feita pelo falante a partir de sua observação subjetiva do contexto de produção dos enunciados modalizados, englobando as noções de necessidade e possibilidade. Nesse sentido, conforme o autor, a factuality, como parâmetro de qualificação da modalidade, refere-se à avaliação e ao julgamento pessoal e subjetivo do falante acerca da forma como ele encara a realidade extralinguística. Portanto, a factuality permite que, a partir da opinião subjetiva do falante, a expressão de um evento seja modalizada, considerando, para isso, asserções que sejam verdadeiras [+factual] ou falsas [-factual] a partir das apreciações e ponderações pessoais do falante.

Resumidamente, apresenta-se o Quadro 10, que faz menção à tipologia das modalidades de Narrog (2012) com base na *Volitividade*, diferenciando as modalidades volicionais das modalidades não-volicionais:

Quadro 10: Tipologia das modalidades com base na *Volitividade*

<i>Volitividade</i>
Entende-se como uma força (F) presente no enunciado modalizado que é caracterizada com base na manifestação ou não do <i>elemento do desejo</i> e que se refere à factuality ou a não factuality do evento.

<i>Modalidades volicionais</i>	<i>Modalidades não volicionais</i>
O <i>elemento do desejo</i> se articula com base na desejabilidade de um estado-de-coisas, oriundo de uma necessidade ou uma possibilidade interna ou externa ao sujeito.	Não há articulação do <i>elemento do desejo</i> e o estado-de-coisas é entendido apenas com base na necessidade ou na probabilidade de sua ocorrência ou de sua existência.
<i>Modalidade deôntica:</i> marca uma proposição como sendo necessária ou possível com base em um quadro particular de regras sociais. Ex.: <i>Você deve me dizer como chegar a isso.</i>	<i>Modalidade epistêmica:</i> refere-se ao conhecimento de mundo de alguém ou do próprio falante. Ex.: <i>O Homem-Aranha pode não sobreviver na semana que vem com tantas batalhas difíceis à frente (referência futura)/O Homem-Aranha já pode estar morto (referência presente)/O Homem-Aranha talvez já tenha morrido no ano passado (referência anterior).</i>
<i>Modalidade bulomaica:</i> marca uma proposição como uma necessidade ou uma possibilidade com base nos desejos, vontades e intenções particulares do sujeito. Ex.: <i>Devemos lutar nas praias, vamos lutar nos terrenos de desembarque, devemos lutar nos campos e nas ruas, vamos lutar nas colinas; nunca devemos nos render.</i>	<i>Modalidade evidencial:</i> refere-se à relativa indeterminação da fonte da informação que é fornecida pelo falante. Ex.: <i>Alegam que ela derramou o feijão.</i>
<i>Modalidade preferencial:</i> marca uma proposição como uma necessidade ou uma possibilidade com respeito às preferências de alguém. Ex.: <i>Você deve se exercitar pelo menos 20 minutos por dia para manter a forma.</i>	<i>Modalidade existencial:</i> refere-se a um estado-de-coisas ou situação que é quantificado no sentido de que o estado-de-coisas ou a situação possivelmente ou necessariamente se mantêm. Ex.: <i>As postagens na Internet podem levar a processos judiciais.</i>
<i>Modalidade teleológica:</i> marca uma proposição como uma necessidade ou possibilidade com respeito aos objetivos de	<i>Modalidade dinâmica:</i> refere-se às habilidades e às necessidades físicas, em que uma dada proposição é marcada como

alguém. Ex.: <i>Você deve ter esse CD dado o seu gosto musical.</i>	uma necessidade ou possibilidade em relação às disposições físicas de alguém. Ex.: <i>Ralph pode correr mais rápido do que um cavalo.</i>
	Modalidade circunstancial: é marcada como uma necessidade ou uma possibilidade em relação a certas circunstâncias. Ex.: <i>Se você pegar um atalho, você pode chegar lá pelo menos dez minutos antes.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Narrog (2012)

No que se referem às modalidades deôntica e bulomaica (volitiva) e sua relação com a *Volitividade*, constata-se, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008) e em Narrog (2012), que a primeira é relativa ao que é moral, legal e socialmente aceito com base em regras e normas de conduta, enquanto a segunda é referente ao que é (in)desejável.

Assim sendo, com base nesses parâmetros: o *domínio semântico*, a *orientação modal* e a *Volitividade*, pretende-se, nesta pesquisa, descrever e analisar os elementos de divergência e convergência entre as modalidades deôntica e volitiva na manifestação do *elemento do desejo*.

3.5 Síntese conclusiva

Neste capítulo, constatou-se que na tradição linguística, não há um consenso quanto à diferenciação ou à delimitação entre as modalidades deôntica e volitiva, haja vista que ora a modalidade volitiva pode se tratar de um subtipo modal deôntico, como a modalidade deôntica subjetiva; ora a modalidade deôntica pode ainda se referir a um subtipo modal volitivo, como a modalidade bulomaica; ora ambas as modalidades podem ser entendidas como um subtipo modal de uma categoria mais abrangente, a modalidade intencional. Verificou-se também, com base em Verplaetse (2003), que essa imprecisão se deve ao fato de a categoria modalidade estar restrita, em algumas tipologias, às noções de possibilidade e necessidade, que, por sua vez, foram contabilizadas em termos dos tipos modais epistêmico e deôntico. Nesse sentido, não havia lugar para a volição na combinação desses parâmetros.

Averigou-se que, no arcabouço teórico da GDF, que o estudo da categoria modalidade está direcionado para a função dos aspectos pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos relacionados à expressão linguística, sendo analisadas tanto as proposições quanto a relação entre os participantes da interação (Falante e Ouvinte) e as suas intenções comunicativas. Assim sendo, as distinções modais são descritas e analisadas no Nível Representacional, em que os diferentes tipos de modalizadores (que podem ser, na GDF, diferenciados em modificadores e operadores) e os subtipos modais aos quais eles se referem (modalidades epistêmica, evidencial, deôntica, volitiva e facultativa) são descritos em termos da categoria semântica que designam, as quais podem ser de quatro tipos: Conteúdos Proposicionais (p), Episódios (ep), Estados-de-Coisas (e) e Propriedades Configuracionais (f).

Constatou-se que os primeiros estudos acerca da *Volitividade*, na seara da Linguística, remontam aos postulados de Jespersen (1924), em que este autor postulou as noções modais com base no *elemento do desejo*, diferenciando os casos de modalidade com base nas que conteriam *Volitividade*, ou seja, as *modalidades volicionais (volitional modalities)* das que não conteriam *Volitividade*, isto é, as *modalidades não volicionais (non-volitional modalities)*. Verificou-se que Heine (1993) propunha a existência de uma força (F) como delimitadora da modalidade deôntica (*modalidade volicional*), mas em relação à modalidade epistêmica (*modalidade não-volicional*). Segundo o autor, as modalizações deônticas e epistêmicas são matizadas em um gradiente que vai do modo *realis* (algo que é verdadeiro ou falso) ao *irrealis* (que se refere a uma verdade possível).

Por fim, constatou-se que Narrog (2012), pautando-se na existência dessa força (F) delimitadora para a categoria modalidade, propôs a *Volitividade* como parâmetro de distinção e qualificação. Dessa forma, o autor propõe a existência de dois tipos básicos de modalidades: (i) as modalidades volicionais, que conteriam o *elemento do desejo*, diferenciando-se em modalidades deôntica, bulomaica (volitiva), preferencial e teleológica; e (ii) as modalidades não volicionais, que não conteriam o *elemento do desejo*, distinguindo-se em modalidades epistêmica, evidencial, existencial, dinâmica e circunstancial. Abordou-se também, com base no autor, acerca da factualidade, que diz respeito à avaliação pessoal e subjetiva do falante da realidade extralinguística a partir da sua observação do contexto de produção dos enunciados, o que também englobaria os conceitos de necessidade e possibilidade.

4 METODOLOGIA

Para esta pesquisa, pretende-se fazer uma descrição e análise da manifestação da *Volitividade* por meio da instauração das modalidades deôntica e volitiva, procurando, dessa forma, verificar que aspectos contidos no *elemento do desejo* favorecem a convergência e a divergência entre as referidas modalidades. Assim, parte-se do pressuposto de que a *Volitividade* influencia, de modo distinto, as operações de Formulação (Nível Interpessoal e Nível Representacional) e de Codificação (Nível Morfossintático) no Componente Gramatical, conforme a Gramática Discursivo-Funcional (GDF).

Assim sendo, considera-se que estudar uma língua (para esta pesquisa, o espanhol) desde uma perspectiva funcionalista, é necessário que se reconheça que as unidades linguísticas (forma) são motivadas pelas funções inerentes que os diferentes tipos de enunciados (modalizados) podem desempenhar na interação comunicativa (homilia) dos Participantes (Papa Francisco e os demais membros da Igreja Católica). Nesse sentido, o princípio funcionalista de que a função motiva e modela a forma é reconhecido na própria arquitetura da GDF, haja vista que os Níveis Morfossintático e Fonológico traduzem os aspectos pragmáticos e semânticos das expressões linguísticas (modalizadores deônticos e volitivos) advindos dos Níveis Interpessoal e Representacional em estruturas morfossintáticas e fonológicas.

Desse modo, esta pesquisa assume o objetivo de descrever e analisar, com base na GDF, a manifestação da *Volitividade* por meio das modalidades deôntica e volitiva, buscando investigar como as motivações funcionais conduzem a uma especificação dos elementos divergentes e convergentes na instauração dos conteúdos modais deônticos e volitivos. Para isso, é necessário que se descreva e se analise, de forma funcional, as homilias do Papa Francisco em língua espanhola (amostra de língua selecionada para a composição do universo desta pesquisa), procurando identificar a frequência da *Volitividade* quanto a:

- (i) o tipo de Ilocução e o posicionamento do Falante na incidência do valor modal (Nível Interpessoal);
- (ii) a orientação modal, os valores modais, a natureza do enunciado modalizado, a qualificação da atitude modal, a controlabilidade do Estado-de-Coisas, a dinamicidade do Estado-de-Coisas, a referência temporal do evento sobre o qual incide o valor modal, os traços semânticos do sujeito, a polaridade do

enunciado modalizado e o tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado (Nível Representacional);

- (iii) o tipo de Expressão Linguística do modal,¹⁴² a pessoa gramatical do sujeito do modal, a marcação morfossintática de tempo verbal do modal, a marcação morfossintática de modo verbal do modal e as formas como os modais se combinam no enunciado modalizado (Nível Morfossintático);

Com base nestas categorias de análise, foi analisado o comportamento da *Volitividade* dentro da Gramática, especificamente no diz respeito à atuação das modalidades deôntica e volitiva nos níveis e nas camadas (à exceção do Nível Fonológico) que compõem o Componente Gramatical.

Considerando os aspectos metodológicos da pesquisa, passa-se agora à constituição e à delimitação do *corpus*.

4.1 A constituição e delimitação do *corpus* da pesquisa

Tendo em vista os objetivos pautados para esta pesquisa, no intuito de se fazer a descrição e análise da manifestação da *Volitividade* nas homilias do Papa Francisco em língua espanhola por meio da instauração das modalidades deôntica e volitiva, adotou-se tanto a perspectiva *qualitativa* quanto *quantitativo-qualitativa* (que diz respeito à natureza da pesquisa) para análise dos dados.

No que tange à parte *qualitativa*, utilizou-se do arcabouço teórico da GDF no que diz respeito à categoria modalidade e de trabalhos referentes ao parâmetro da *Volitividade* e, conseqüentemente, das modalidades deôntica e volitiva. No que se refere à análise *quantitativa*, fez-se a verificação da frequência absoluta e dos resultados obtidos a partir do cruzamento das categorias de análise ao utilizar o *Statistical Package for Social Science* (SPSS) versão 22 para o *Windows*.¹⁴³

Após a obtenção dos resultados percentuais com a utilização do SPSS, procedeu-se, novamente, à análise *qualitativa* dos dados em consonância com a teoria da GDF, para as

¹⁴² Para esta pesquisa, os tipos de Expressão Linguística do modal referem-se aos modalizadores que são empregados para a manifestação da *Volitividade* por meio das modalidades deôntica e volitiva, a saber: auxiliares modais, verbos de significação plena, adjetivos, advérbios, substantivos, adjetivos em função predicativa, construções modalizadoras, etc.

¹⁴³ Disponível em: <<https://ibm-spss-statistics-base.uptodown.com/windows>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

categorias de análise relativas aos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático. Recorreu-se também a trabalhos referentes à categoria modalidade, em especial às modalidades deôntica e volitiva, desenvolvidos com base no aparato teórico da GDF, tais como Hengeveld (2011), Pessoa (2011), Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), Durigon (2015), Rinaldi (2015), Hengeveld e Dall’Aglío Hattner (2015), Dall’Aglío Hattner e Hengeveld (2016), Nagamura (2011, 2016), Olbertz (2017) e Oliveira (2017); em que a modalidade foi descrita e analisada a partir do escopo de atuação dos operadores e/ou modificadores modais nas camadas do Nível Representacional, considerando, para isso, a integração dos aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos. A opção por uma orientação funcionalista fez com que se preferisse trabalhar com um *corpus* de ocorrências reais em língua espanhola, de modo que se pudesse descrever e analisar a manifestação da *Volitividade* nas homílias do Papa Francisco em língua espanhola.

Para o levantamento das ocorrências de *Volitividade*, fez-se uma seleção apenas pelas homílias proferidas em espanhol pelo Sumo Pontífice nas sete viagens apostólicas realizadas a países cuja língua espanhola é o idioma oficial. As homílias encontram-se presentes em sete *e-books* de divulgação on-line e relativas às viagens realizadas aos Estados Unidos,¹⁴⁴ a Cuba, ao México, ao Equador, à Bolívia, ao Paraguai, à Colômbia, ao Peru, ao Chile e ao Panamá.

No Quadro 11, pode-se averiguar as informações relativas ao tema do *e-book*, em que há a especificação do título da viagem, o país de destino e o ano, bem como o *link* e a data de acesso:

Quadro 11: Os *e-books* relativos às seis viagens apostólicas realizadas pelo Papa Francisco

Os <i>e-Books</i> das viagens apostólicas do Papa Francisco
<i>Francisco en Estados Unidos: todos los discursos y homilias que pronunció S.S. Francisco en su viaje apostólico a Estados Unidos en septiembre de 2015.</i> Disponível em: < https://www.aciprensa.com/ebooks/PapaenEstadosUnidos.pdf >. Acesso em: 25 fev. 2018.
<i>Francisco en Cuba: todos los discursos y homilias que pronunció S.S. Francisco en su viaje apostólico a Cuba en septiembre de 2015.</i> Disponível em: < https://www.aciprensa.com/ebooks/PapaenCuba.pdf >. Acesso em: 25 fev. 2018.

¹⁴⁴ A viagem apostólica realizada aos Estados Unidos foi direcionada para a comunidade hispânica residente nos Estados Unidos, em sua maioria, católicos, por isso as homílias foram proferidas em língua espanhola na celebração da missa.

Francisco en México: todos los discursos y homilias que pronunció S.S. Francisco en su viaje apostólico a México en febrero de 2016. Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/ebooks/PapaenMexico.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

Francisco en Sudamérica: todos los discursos y homilias que pronunció S.S. Francisco en su viaje apostólico a Ecuador, Bolivia y Paraguay en julio de 2015. Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/ebooks/FranciscoenSudamerica2015.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

Francisco en Colombia: todos los discursos y homilias que pronunció S.S. Francisco en su viaje apostólico a Colombia en septiembre de 2017. Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/ebooks/FranciscoenColombia.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

Francisco en Chile y Perú: todos los discursos y homilias que pronunció S.S. Francisco en su viaje apostólico a Chile y Perú en enero de 2018. Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/ebooks/Francisco-en-Chile-y-Peru.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

Francisco en Panamá: todos los discursos y homilias que pronunció S.S. Francisco en su viaje apostólico a Panamá en enero de 2019. Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/ebooks/PapaEnPanama.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

Fonte: Elaborado pelo autor

Nos *e-books* selecionados, constam as homilias, os testemunhos, as orações e os discursos proferidos pelo Papa Francisco em suas viagens apostólicas, além de estarem disponibilizados de forma *online* para livre acesso e posterior consulta tanto pelos fiéis católicos quanto pelos demais interessados.

O *e-book* sobre a viagem apostólica do Papa Francisco aos Estados Unidos consta de 97 páginas e traz consigo, para cada discurso e homilia, a data (com dia, mês e ano) no qual foi proferido e um *link* que direciona a uma página do *Youtube* onde o leitor pode visualizar o vídeo no qual o Papa Francisco profere o seu discurso ou sua homilia. Os *e-books* das viagens apostólicas realizadas a Cuba, ao México, à América do Sul (Ecuador, Bolívia e Paraguai), à Colômbia, ao Chile e Peru e ao Panamá contém, respectivamente, 41 páginas, 86 páginas, 116 páginas, 84 páginas, 92 páginas e 54 páginas, e apresentam o mesmo formato (desenho gráfico, cor da capa, *layout*, tamanho da letra, divisão das homilias, dos testemunhos, das orações e dos discursos por datas, *links* de acesso ao *Youtube*, etc.) do *e-book* da viagem apostólica realizada

aos Estados Unidos. Os *e-books* trazem consigo os discursos e as homilias do Papa Francisco separadamente, o que possibilitou que se fizesse apenas a seleção das homilias que foram proferidas na celebração da missa presidida pelo Santo Padre para os líderes católicos (bispos, sacerdotes e religiosos) e para os fiéis católicos.

Para melhor visualização de como o *corpus* foi organizado, apresenta-se a seguir o Quadro 12, em que constam todas 30 homilias que foram selecionadas para a composição do universo desta pesquisa, o local e a data em que elas foram proferidas pelo Santo Padre e a quantidade de páginas:

Quadro 12: As homilias proferidas pelo Papa Francisco em suas viagens apostólicas

Número da Homilia	Título da Homilia	Quantidade de palavras
H1	HOMILÍA EN LA SANTA MISA Y CANONIZACIÓN DEL BEATO JUNÍPERO SERRA EN EL SANTUARIO NACIONAL DE LA INMACULADA CONCEPCIÓN EN WASHINGTON, D.C. Miércoles 23 de setiembre de 2015	1.115
H2	HOMILÍA EN LAS VÍSPERAS CON EL CLERO, RELIGIOSOS Y RELIGIOSAS EN LA CATEDRAL DE SAN PATRICIO EN NUEVA YORK. Jueves 24 de setiembre de 2015	1.232
H3	HOMILÍA EN LA SANTA MISA EN EL MADISON SQUARE GARDEN DE NUEVA YORK. Viernes 25 de setiembre de 2015	1.056
H4	HOMILÍA EN LA SANTA MISA CON OBISPOS, SACERDOTES, RELIGIOSOS Y RELIGIOSAS DE PENNSILVANIA EN LA CATEDRAL DE SAN PEDRO Y SAN PABLO DE FILADELFIA. Sábado 26 de setiembre de 2015	1.030
H5	HOMILÍA EN LA SANTA MISA DE CLAUSURA DEL VIII ENCUENTRO MUNDIAL DE LAS	1.281

	FAMILIAS EN EL B. FRANKLIN PARKWAY DE FILADELFIA. Domingo 27 de setiembre de 2015	
H6	HOMILÍA EN LA SANTA MISA DE LA PLAZA DE LA REVOLUCIÓN “JOSÉ MARTÍ” EN LA HABANA. Domingo 20 de setiembre de 2015	1.137
H7	HOMILÍA EN LA CELEBRACIÓN DE LAS VÍSPERAS CON SACERDOTES, RELIGIOSOS, RELIGIOSAS Y SEMINARISTAS EN LA CATEDRAL DE LA HABANA. Domingo 20 de setiembre de 2015	1.776
H8	HOMILÍA EN LA SANTA MISA DE LA PLAZA DE LA REVOLUCIÓN EN HOLGUÍN. Lunes 21 de setiembre de 2015	1.060
H9	HOMILÍA EN LA SANTA MISA DE LA BASÍLICA MENOR DEL SANTUARIO DE LA “VIRGEN DE LA CARIDAD DEL COBRE” EN SANTIAGO DE CUBA. Martes 22 de setiembre de 2015	1.036
H10	HOMILÍA EN LA SANTA MISA EN LA BASÍLICA DE GUADALUPE. Sábado 13 de febrero de 2016	1.147
H11	HOMILÍA EN LA SANTA MISA EN EL ÁREA DEL CENTRO DE ESTUDIOS DE ECATEPEC. Domingo 14 de febrero de 2016	1.023
H12	HOMILÍA EN LA SANTA MISA CON LAS COMUNIDADES INDÍGENAS DE CHIAPAS EN EL CENTRO DEPORTIVO MUNICIPAL EN SAN CRISTÓBAL DE LAS CASAS. Lunes 15 de febrero de 2016	930
H13	HOMILÍA EN LA SANTA MISA CON SACERDOTES, RELIGIOSOS, RELIGIOSAS, CONSAGRADOS Y SEMINARISTAS. Martes 16 de febrero de 2016	1.136
H14	HOMILÍA EN LA SANTA MISA EN LA FERIA DE CIUDAD JUÁREZ. Miércoles 17 de febrero de 2016	1.227

H15	HOMILÍA. SANTA MISA EN EL PARQUE DE LOS SAMANES. GUAYAQUIL. Lunes 6 de julio de 2015	1.586
H16	HOMILÍA. SANTA MISA EN EL PARQUE DEL BICENTENARIO. QUITO. Martes 7 de julio de 2015	1.593
H17	HOMILÍA. SANTA MISA EN LA PLAZA DEL CRISTO REDENTOR. SANTA CRUZ. Jueves 9 de julio de 2015	1.416
H18	HOMILÍA. SANTA MISA EN LA EXPLANADA DEL SANTUARIO MARIANO DE CAACUPÉ. Sábado 11 de julio de 2015	1.385
H19	HOMILÍA. CELEBRACIÓN DE LAS VÍSPERAS CON LOS OBISPOS, SACERDOTES, DIÁCONOS, RELIGIOSOS, RELIGIOSAS, SEMINARISTAS Y MOVIMIENTOS CATÓLICOS EN LA CATEDRAL METROPOLITANA DE ASUNCIÓN. Sábado 11 de julio de 2015	753
H20	HOMILÍA. SANTA MISA EN EL CAMPO GRANDE DE ÑU GUASÚ. Domingo 12 de julio de 2015	1.254
H21	HOMILÍA DEL SANTO PADRE EN SANTA MISA PARQUE SIMÓN BOLIVAR, BOGOTÁ. Jueves 7 de septiembre de 2017	1.070
H22	HOMILÍA DEL PAPA FRANCISCO EN LA MISA EN VILLAVICENCIO. Catama, Villavicencio. Viernes 8 de septiembre de 2017	1.270
H23	HOMILÍA DEL SANTO PADRE AEROPUERTO ENRIQUE OLAYA HERRERA DE MEDELLÍN. Sábado, 9 de septiembre de 2017	1.275
H24	HOMILÍA DEL SANTO PADRE EN LA SANTA MISA POR LA PAZ Y LA JUSTICIA. Parque O'Higgins (Santiago de Chile). Martes 16 de Enero de 2018	1.110
H25	HOMILÍA DEL SANTO PADRE EN LA SANTA MISA POR EL PROGRESO DE LOS PUEBLOS.	1.219

	Aeródromo de Maquehue (Temuco). Miércoles 17 de Enero de 2018	
H26	HOMILIA Y SALUDO FINAL DEL SANTO PADRE EN LA SANTA MISA DE LA VIRGEN DEL CARMEN Y ORACIÓN POR CHILE. Campus Lobito (Iquique). Jueves, 18 de enero de 2018	1.245
H27	HOMILÍA DEL SANTO PADRE EN SANTA MISA. Explanada de la playa de Huanchaco (Trujillo). Sábado 20 de enero de 2018	1.307
H28	HOMILIA DEL SANTO PADRE EN LA SANTA MISA. Base Aérea de Las Palmas (Lima). Domingo 21 de enero de 2018	1.126
H29	HOMILÍA DE LA MISA CON LA DEDICACIÓN DEL ALTAR DE LA CATEDRAL BASÍLICA DE SANTA MARIA LA ANTIGUA CON LOS SACERDOTES, CONSAGRADOS Y MOVIMIENTOS LAICALES. Catedral Basílica de Santa María La Antigua (Panamá). Sábado 26 de enero de 2019	1.881
H30	HOMILÍA DE LA SANTA MISA DE CLAUSURA DE LA JORNADA MUNDIAL DE LA JUVENTUD Campo San Juan Pablo II – Metro Park (Panamá). 27 de enero 2019	1.509
Total de palavras		37.185

Fonte: Elaborado pelo autor

As homilias proferidas pelo Papa Francisco em suas viagens apostólicas totalizam 37.185 palavras¹⁴⁵. Segundo Pérez (2002), um *corpus*, como o elaborado para esta pesquisa, pode ser definido como *corpus especializado* ou *corpus especial*, haja vista que foi construído com um propósito específico. Conforme a autora, estes tipos de *corpora* não têm por finalidade

¹⁴⁵De acordo com Pérez (2002), os *corpora* de tipo especializado ou especial devem obedecer ao critério da qualidade, não precisando, necessariamente, conter um limite à quantidade de textos (palavras) trabalhados, sobretudo em relação a textos em formato eletrônico, desde que os textos escolhidos sejam completos, haja vista que a omissão de partes do texto poderia repercutir na análise dele ou do conjunto da obra.

serem representativos do uso linguístico geral, já que apresentam algumas particularidades e características que os afastam dos *corpora* de uso geral (representativo) de uma língua. No entanto, a autora ressalva que, mesmo para estes tipos de *corpora especializados* ou *especiais*, é necessário que apresentem algumas características e propriedades similares às dos *corpora de referência*.

De acordo com Pérez (2002), os *corpora de referência* devem ser elaborados considerando os cuidados que se deve ter em relação à: (i) *quantidade*, devendo-se respeitar a integridade dos textos selecionados na composição do *corpus* que será analisado, evitando retirar fragmentos ou partes do texto para não comprometer a análise do fenômeno linguístico que se pretende estudar; (ii) *qualidade*, trabalhando com textos de uso real da língua na qual se pretende fazer a análise do fenômeno estudado; (iii) *simplicidade*, tratando de informações de caráter externo ao texto, como a origem, o(s) autor(es), etc.; (iv) *estandarização*, referindo-se ao tipo de informação que se pode encontrar nos textos selecionados, além dos fatores morfológicos, sintáticos e semânticos; e (v) *representatividade*, relacionando-se com a quantidade de palavras, que deve ser uma quantidade mínima da qual se possa expressar de maneira satisfatória os elementos linguísticos a serem estudados.

Conforme Pérez (2002), um *corpus* linguístico deve estar formado a partir de textos produzidos em situações reais e que sejam selecionados a partir de uma série de critérios que garantam que o *corpus* possa ser usado como amostra representativa da língua. Segundo a autora, é necessário que o *corpus* contenha um limite mínimo de espaço (quantidade mínima de palavras, expressões, etc.) para que o conjunto de textos possa cumprir o requisito da *representatividade*. Segundo Sardinha (2004), os textos de um *corpus* devem ser autênticos, cuja autenticidade deve estar relacionada ao fato de serem escritos em uma linguagem natural, sendo, portanto, produzidos por falantes nativos.¹⁴⁶

Na posição de representante de uma deidade que, para os cristãos católicos se trata de Jesus Cristo,¹⁴⁷ o Papa Francisco expressa em suas homilias tanto aquilo que é desejável em relação aos problemas que afligem a sociedade e os quais ele espera que sejam solucionados para o bem-estar do próprio homem (modalidade volitiva) quanto do que lhe parece obrigatório,

¹⁴⁶Segundo Llamazares (2008), o uso de *corpus* para o estudo de um determinado fenômeno em uma dada língua trata-se de uma metodologia empírica de trabalho, pois deve ser pautada em dados reais com mostras de uso da língua.

¹⁴⁷ Segundo o Catecismo da Igreja Católica (2010, p. 253), o Papa, como Bispo de Roma, é o sucessor do apóstolo Pedro a quem é o “perpétuo e visível princípio fundamento da unidade, quer dos Bispos, quer da multidão dos fiéis”, sendo o Pontífice Romano o Vigário de Cristo e Pastor da Igreja, possuindo pleno poder, supremo e universal.

permitido ou proibido em termos de conduta e moral católica para os fiéis católicos (modalidade deôntica).¹⁴⁸ Portanto, os objetivos estabelecidos para esta pesquisa e a opção pela orientação funcionalista de análise fez com que se trabalhe com um *corpus* de ocorrências reais da língua espanhola, de modo que se possa descrever e analisar a manifestação da *Volitividade* nas homilias do Papa Francisco.

Em relação ao gênero religioso estudado, segundo Moreira Poças (2012), Pereira Junior (2013) e Carpinetti (2014), a palavra portuguesa *homilia* vem do verbo latino *homileein* (que significa estar acompanhado de) e do substantivo latino *homilos* (que significa assembleia). As homilias refletem sobre a leitura do evangelho que é proclamado na celebração da missa (culto católico), em que o líder religioso (papa, bispo, sacerdote ou diácono) explica-a aos cristãos católicos com o intuito de esclarecer acerca do conteúdo teológico contido nas *Sagradas Escrituras* (Bíblia) que, na maioria dos casos, apresenta dificuldades inextricáveis em relação aos pontos doutrinários da fé cristã e, assim, possa facilitar a compreensão dos fiéis católicos. Nesse sentido, as homilias podem propiciar que o Santo Padre instaure modalizações deônticas, já que poderia falar acerca daquilo que é moralmente aceitável e permitido para o seu grupo religioso e a conduta dos fiéis (imposição volicional); ou sobre aquilo que é desejável ou indesejável para o homem e sua convivência em sociedade desde a perspectiva da Bíblia (livro sagrado dos cristãos) e dos preceitos morais católicos, podendo também manifestar os desejos e as vontades da divindade a qual representa (ato volicional), propiciando, portanto, a instauração de modalizações volitivas.

Com o passar dos anos, segundo Pereira Junior (2013), a Igreja Católica foi institucionalizando e internacionalizando as homilias proferidas na celebração da missa, ficando cada vez mais atenta às fórmulas do discurso e do impacto das palavras sobre os católicos diante das afirmações que o clero católico fazia. Para Moreira Poças (2012), a homilia consiste, basicamente, de um tipo de pregação que se caracteriza por se situar no interior de

¹⁴⁸ Em Casimiro (2007), verifica-se que os modais volitivos poderiam ter uma leitura deôntica quando são instaurados a partir de uma fonte de autoridade hierarquicamente (Papa Francisco) superior e aceita pelos ouvintes (bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis católicos), sendo preciso que o sujeito enuncie de um lugar de autoridade e que o evento, que está sob o escopo de atuação da modalidade volitiva, seja controlado [+controle]. No entanto, esta interpretação deôntica da modalidade volitiva revela-se muito “fluida” e dependente da interpretação do ouvinte, em que este poderia entendê-la apenas como um desejo (modalidade volitiva) ou como uma obrigação (modalidade deôntica). Sendo assim, não haveria como traçar uma distinção mais pormenorizada desses subtipos modais. Por isso, recorre-se ao aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), entendendo que a descrição e análise das modalidades deôntica e volitiva é realizada a partir do escopo de atuação dos modais na gramática das línguas (Componente Gramatical).

uma dada ação litúrgica católica e por pertencer à mesma celebração como uma de seus componentes.

Segundo Moreira Poças (2012, p. 05), ela “gira em torno dos acontecimentos que aproximam o Reino e que já estão acontecendo, nos quais se veem a mão e o espírito de Deus e que ocorrem por meio dos homens, porém, de homens movidos por Deus”. Portanto, segundo o autor, pretende-se com a homilia ajudar a captar a mensagem proclamada nas *Sagradas Escrituras* e, dessa forma, torná-la praticável no cotidiano. A homilia, de acordo com o autor, é dirigida a uma assembleia que contém uma finalidade precisa, isto é, a escuta da palavra da divindade e o seu correto seguimento, confluindo, assim, em uma resposta por parte daqueles que a escutam, conduzindo-os a chamada de conversão que se manifesta em gestos concretos e visíveis.

Tendo em vista a composição do *corpus* e a apreciação do tipo de gênero religioso homilia, passa-se, na seção seguinte, para a delimitação das categorias de análise.

4.2 A apreciação das categorias de análise do *corpus*

Para que se pudesse fazer uma análise das ocorrências encontradas no *corpus* em relação à manifestação da *Volitividade* nas homilias do Papa Francisco em língua espanhola, precisou-se recorrer, basicamente, à GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), no que diz respeito à categoria modalidade, e ao parâmetro da *Volitividade*, fundamentado no que é proposto por Narrog (2012).

Na sequência, expor-se-á tais parâmetros de análise, baseando-se na GDF, no que diz respeito ao Componente Gramatical e aos níveis que o compõem (à exceção do Nível Fonológico).¹⁴⁹ Assim, começar-se-á pelo Nível Interpessoal, apresentando alguns conceitos básicos acerca deste nível e das categorias de análise pautadas com base no que é previsto pelo modelo teórico da GDF, passando, posteriormente para os Níveis Representacional e Morfossintático.

¹⁴⁹ Para esta pesquisa, optou-se por não trabalhar com categorias de análise relativas ao Nível Fonológico em virtude de os aspectos prosódicos pouco contribuírem para uma possível delimitação e caracterização das modalidades deontica e volitiva, o que poderia também explicar a escassez de trabalhos, na literatura linguística, sobre a atuação desses subtipos modais nesse nível.

4.2.1 As categorias de análise relativas ao Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal é relativo aos aspectos pragmáticos, conforme especificam Hengeveld e Mackenzie (2008), e diz respeito aos aspectos formais que refletem o papel das expressões linguísticas no momento da interação entre os Participantes (Falante e Ouvinte), captando as informações de natureza retórica e pragmática. Por isso, algumas categorias de análise foram pensadas no intuito de verificar a atuação da *Volitividade* neste nível, a saber: (i) o tipo de *Ilocução*; e (ii) o posicionamento do Falante na incidência do valor modal.

Tendo em vista, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), que cada Ato Discursivo se organiza a partir de um esquema composto por *Ilocuções*, é relevante que se considere os tipos de *Ilocuções* previstos pela GDF como uma categoria de análise para a manifestação da *Volitividade*, já que as *Ilocuções* se referem aos atos de fala que sinalizam e marcam as intencionalidades do Falante. Por isso, em relação aos tipos de *Ilocução* que poderiam ser encontrados nas homilias que compuseram o *corpus*, estas partem da classificação proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008). Dentre os 15 tipos de *Ilocuções* delimitadas na GDF, acredita-se, com base em Jespersen (1924), que alguns padrões ilocucionais poderiam conter o *elemento do desejo*,¹⁵⁰ a saber: (i) *Declarativa*, em que o falante informa o ouvinte acerca do Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado em sua enunciação (Eu terei isso.);¹⁵¹ (ii) *Interrogativa*, em que o falante solicita do ouvinte uma resposta para o Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado (Eles nos viram?);¹⁵² (iii) *Imperativa*, em que o falante direciona o ouvinte para que este realize a ação evocada no Conteúdo Comunicado (Coma!);¹⁵³ (iv) *Exortativa*, em que o falante encoraja a si próprio e/ou a outrem, para que juntos realizem a ação envolvida no Conteúdo Comunicado (Vamos tomar

¹⁵⁰ Ainda que os exemplos empregados pela GDF não exemplifiquem casos de expressão da *Volitividade* por meio das *Ilocuções* que são listadas nesse parágrafo, será detalhado, no capítulo relativo à descrição e análise, que é plenamente possível que as *Ilocuções* mencionadas possam conter o elemento do desejo ao serem expostos casos encontrados nas homilias do Papa Francisco.

¹⁵¹ “I will have it.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71 – exemplo 87). “Declarative: the Speaker informs the Addressee of the Propositional Content evoked by the Communicated Content.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71).

¹⁵² “Did they see us?” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71 – exemplo 88). “Interrogative: the Speaker requests the Addressee’s response to the propositional Content evoked by the Communicated Content.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71).

¹⁵³ “Eat!” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71 – exemplo 89). “Imperative: the Speaker directs the Addressee to carry out the action evoked by the Communicated Content.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71).

banho.);¹⁵⁴ (v) *Proibitiva*, o falante proíbe o ouvinte de realizar a ação evocada pelo Conteúdo Comunicado (Não se vá!);¹⁵⁵ (vi) *Optativa*, em que o falante indica ao ouvinte seu desejo de que a situação positiva evocada pelo Conteúdo Comunicado ocorra (Deixe-a estar lá!);¹⁵⁶ e (vi) *Imprecativa*, em que falante indica ao ouvinte o desejo de que a situação negativa evocada pelo Conteúdo Comunicado venha a ocorrer (Que ele morra como um cão!).¹⁵⁷

No tocante ao *posicionamento do Falante na incidência do valor modal*, pondera-se que o Santo Padre não se inclui ao instaurar a modalidade deôntica, o que pode ser evidenciado pelo emprego da terceira pessoa do singular ou plural (*él, ella, usted, ellos, ellas e ustedes*), haja vista que há uma preferência pela criação ou prescrição de atos deônticos sobre o participante designado pelo predicado. Por sua vez, para a modalidade volitiva, o Sumo Pontífice se inclui, o que é identificado pelas marcas de primeira pessoa do singular ou plural (*yo e nosotros*). Conforme Nagamura (2011), a inclusão ou a não-inclusão do Falante na incidência do valor modal pode ser entendida como uma estratégia de asseveração ou mitigação dos valores modais instaurados, podendo também revelar graus de objetivação e subjetivação dos conteúdos modais.

As categorias de análise relativas ao Nível Interpessoal, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), podem condicionar as categorias de análise referentes ao Nível Representacional, por isso far-se-á uma abordagem deste nível, bem como a apreciação das categorias de análise referentes a ele na subseção seguinte.

4.2.2 As categorias de análise relativas ao Nível Representacional

O Nível Representacional está relacionado aos aspectos semânticos, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), e refere-se aos aspectos de natureza semântica das expressões linguísticas, as quais estabelecem uma relação com o mundo que essas mesmas expressões descrevem. Desse modo, foram pensadas as seguintes categorias de análise: (i) o domínio

¹⁵⁴ “Let’s go bathe.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.72 – exemplo 93). “Hortative: the Speaker encourages himself or an Addressee together with himself to carry out the action evoked by the Communicated Content.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.72).

¹⁵⁵ “Don’t go!” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71 – exemplo 90). “Prohibitive: the Speaker forbids the Addressee to carry out the action evoked by the Communicated Content.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71).

¹⁵⁶ “Let her be there!” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71 – exemplo 91). “Optative: the Speaker indicates to the Addressee his/her wish that the positive situation evoked by the Communicated Content should come about.” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71).

¹⁵⁷ “May he die like a dog!” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.72 – exemplo 92). “Imprecative: the Speaker indicates to the Addressee his/her wish that the negative situation evoked by the Communicated Content should come about”. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.71).

semântico; (ii) a orientação modal; (iii) os valores modais; (iv) a natureza do enunciado modalizado; (v) a qualificação da atitude modal; (vi) a controlabilidade do Estado-de-Coisas; (vii) a dinamicidade do Estado-de-Coisas; (viii) a referência temporal do evento sobre o qual incide o valor modal; (ix) os traços semânticos do sujeito; (x) a polaridade do enunciado modalizado; e (xi) o tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado.

Em relação ao *domínio semântico*, tem-se, conforme Hengeveld (2004), duas categorias de *modalidades volicionais*, a saber: (i) a *modalidade deôntica*, que se refere aos julgamentos que o falante faz com base em regras de norma e de conduta socialmente aceitas acerca do que é obrigatório, permitido e/ou proibido; e (ii) a *modalidade volitiva*, que está relacionada ao que o falante aprecia como sendo bom e agradável para si ou para os demais, manifestando os seus desejos, vontades ou intenções. Tomando por base a tipologia das modalidades de Hengeveld (2004), estes são os únicos tipos de modalidade em que se articula o *elemento do desejo*, a partir da perspectiva de Narrog (2012).

No que diz respeito à *orientação modal*, constata-se que a modalidade deôntica pode estar orientada para: (i) o Participante, em que há a descrição de uma obrigação, uma permissão ou uma proibição que recai sobre o participante para se envolver no tipo de evento que é designado pelo predicado; (ii) o Evento, em que há a caracterização de eventos em termos do que é obrigatório, permitido ou proibido dentro de algum sistema de convenções, seja moral, social ou legal; e (iii) o Episódio,¹⁵⁸ em que o falante faz uma avaliação pessoal acerca de um evento localizado em um momento anterior ao da enunciação, entendido por ele como necessário (necessidade deôntica). Por sua vez, a modalidade volitiva pode estar orientada para: (i) o Participante, em que há uma descrição do desejo do participante de (não) se envolver no evento que é designado pelo enunciado; (ii) o Evento, em que há uma caracterização de eventos em termos do que é geralmente aceito como desejável ou indesejável, mas sem que o falante faça uma apreciação pessoal acerca do evento volicionado; (iii) o Episódio,¹⁵⁹ em que há a apreciação do falante em relação à (in)desejabilidade de um dado evento anterior ou posterior ao momento de fala, sob o escopo de um tempo absoluto e sobre o qual ele avalia ser desejável ou indesejável;¹⁶⁰ e (iv) a Proposição,¹⁶¹ em que há por parte do falante uma apreciação pessoal

¹⁵⁸ Cf. Olbertz (2017), em que a autora define a modalidade deôntica orientada para o Episódio.

¹⁵⁹ Cf. Oliveira (2017), em que o autor define a modalidade volitiva orientada para o Episódio.

¹⁶⁰ Para esta pesquisa, entender, com base em Oliveira (2017), o *evento volitivo* como sendo a (in)desejabilidade de um dado estado-de-coisas (Evento) ou de um conjunto de estado-de-coisas relacionados entre si (Episódio), em que incide sobre o Evento ou o Episódio um valor modal volitivo.

¹⁶¹ Cf. Olbertz (2017) e Oliveira (2017, 2020a, 2020c), em que os autores delimitam os casos em que a modalidade volitiva pode apresentar orientação modal para a Proposição.

acerca de um dado evento que pode ser apenas localizado em sua mente e cuja realização é entendida como possível a partir do que ele avalia como sendo desejável ou indesejável.

Em relação aos *valores modais*, as modalidades deôntica e volitiva se diferenciam com base no eixo ou no domínio de atuação, em que as modalizações deônticas se situam no eixo da conduta (*dever*), enquanto as modalizações volitivas se situam no eixo da volição (*querer*). Para a modalidade deôntica, Lyons (1977), Palmer (1986), Neves (2006), Menezes (2006, 2011), Pessoa (2007, 2011), Oliveira (2015, 2019a, 2019b), Durigon (2015), Rinaldi (2015), Vidal (2016), Batista (2016), Nagamura (2016) e Olbertz (2017) estabelecem os valores de *obrigação* (deve-se realizar o estado-de-coisas designado), *permissão* (é permitida a realização do estado-de-coisas designado) e *proibição* (é proibida a realização do estado-de-coisas designado). Para a modalidade volitiva, Oliveira (2017, 2019a, 2019b, 2020a, 2020b, 2020c, 2021) estipula os valores de *desideração* (volição irrealizável do ponto de vista factual), *opção* (volição realizável, mas dependente de fatores externos), *intenção* (volição realizável da perspectiva do falante) e *exortação* (volição realizável da perspectiva do ouvinte).

No que diz respeito à *natureza do enunciado modalizado*, especifica-se que as modalidades deôntica e volitiva se diferenciam com base em suas funções instrumentais (imposição volicional) e desiderativas (ato volicional), como citado por Lyons (1977). Assim, para a modalidade deôntica, que se refere à imposição de uma vontade (*imposição volicional*) sobre determinado agente ou evento, têm-se, com base em Vázquez Laslop (2001) e Durigon (2015),¹⁶² que os atos deônticos podem ser: (i) *prescritivos*, quando o falante reporta regras que são inerentes à sua conduta pessoal como ser social, político, religioso, etc., e que são impostas social, moral e legalmente; (ii) *normativos*, quando o falante reporta alguma regra ou norma já estabelecida e que deve ser executada por terceiros; (iii) *regulativos*, quando o falante regula normas e regras de condutas em termos do que é entendido como socialmente aceitável, ou seja, eventos referentes a obrigações, permissões ou proibições de modo geral; e (iv) *avaliativos*, quando o falante faz uma avaliação pessoal de um evento como sendo algo obrigatório ou necessário a partir de um julgamento pessoal. Por sua vez, para a modalidade volitiva, que se refere a um ato de vontade (*ato volicional*), com base em Oliveira (2017, 2019a, 2019b, 2020a, 2020b, 2021),¹⁶³ delimitam-se diferentes tipos de expressões volitivas: (i) *disposicional*,

¹⁶² Nesta pesquisa, com base em Vázquez Laslop (2001) e Durigon (2015), há uma ampliação dos diferentes tipos de natureza do enunciado modalizado deonticamente em virtude de se adequar ao escopo de atuação da modalidade deôntica nas camadas do Nível Representacional.

¹⁶³ Nesta pesquisa, com base em Oliveira (2017, 2019a, 2019b, 2020a, 2020b, 2020c, 2021), há uma ampliação dos diferentes tipos de natureza do enunciado modalizado volitivamente em razão de se adequar ao escopo de atuação da modalidade volitiva nas camadas do Nível Representacional.

quando o falante expressa suas pretensões e intenções pessoais de se envolver no evento sobre o qual incide a volição; (ii) *reportativas*, quando o falante reporta as pretensões e intenções de terceiros em se envolver em um dado evento por eles volicionado; (iii) *expressivas*, quando o falante reporta eventos desejáveis ou indesejáveis e dependentes de fatores externos, mas sem que faça uma apreciação pessoal desse evento; e (iv) *apreciativas*, quando o falante manifesta uma apreciação de cunho pessoal acerca de um evento apenas localizado na sua mente.

Tendo em vista à *qualificação da atitude modal*, as modalidades deôntica e volitiva apresentam diferentes focos de qualificação modal, no que tange à fonte da atitude modal e ao alvo da atitude modal. Com base em Casimiro (2007), Dall’Aglío Hattner (2009) e Oliveira (2015, 2019a, 2019b), para a modalidade deôntica, o foco da atitude modal está centrado no *alvo da atitude modal*, haja vista que o falante prescreve, regula e/ou avalia atos deônticos em termos do que é obrigatório, permitido ou proibido da parte do participante expresso no predicado de se envolver no evento. Nesses casos, o sujeito sintático marca o alvo da atitude modal, podendo ser marcas de primeira pessoa do plural, quando há a inclusão do falante na realização do evento, ou marcas de terceira pessoa singular/plural, quando recai sobre o participante designado pelo predicado o dever de realizar o estado-de-coisas. Para a modalidade volitiva, o foco da qualificação modal está centrado na *fonte da atitude modal*, conforme Oliveira (2017, 2019a, 2019b, 2020a, 2020b, 2020c, 2021), haja vista que o falante, normalmente, expressa ou aprecia o que ele entende por bom e agradável para si e/ou para os demais, em que a volição incide sobre um dado evento. Nesses casos, o sujeito sintático marca a fonte da atitude modal, podendo ser por meio de marcas de primeira, segunda ou terceira pessoas do singular/plural, projetando, dessa forma, diferentes fontes da atitude modal (o falante, o ouvinte, um terceiro-reportado, etc.). Entretanto, considerando a *orientação modal*, é possível a instauração de modalizações deônticas e volitivas orientadas para o Evento, em que não há a especificação de um sujeito sintático, o que impossibilita que se qualifique a atitude modal, se centrada na fonte ou no alvo. Nesses casos, denominar-se-á de *não especificado*. Assim, constata-se dois tipos de qualificação da atitude modal: (i) centrada na fonte; e (ii) centrada no alvo; e um caso particular de fonte e alvo da atitude modal, o *não especificado*.

No que diz respeito à *controlabilidade do Estado-de-Coisas*, ao se considerar o modelo teórico da GDF, que prevê a distinção de tipos de Estado-de-Coisas, é interessante que se analisem alguns dos traços significativos de sua tipologia, como a controlabilidade do Estado-de-Coisas, em que este pode ser: controlado [+ controle] ou não controlado [- controle]. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a controlabilidade trata-se de uma espécie de força

presente no enunciado que determina a realização ou não do Estado-de-Coisas. Nesse sentido, para as modalidades deôntica e volitiva e a manifestação da *Volitividade*, tem-se que o Estado-de-Coisas pode ser controlado [+controle], quando há a manifestação de um *querer-fazer* ou um *dever-fazer*; e não controlado [-controle], quando se refere aos aspectos ou às circunstâncias externas que possibilitem a ocorrência do evento, nesses casos, há a manifestação do *querer-desejar*.¹⁶⁴

No tocante à *dinamicidade do Estado-de-Coisas*, Dik (1997) estipula que a dinamicidade está relacionada à possibilidade de que a entidade envolvida no evento passe por algum tipo de mudança, seja ela interna ou externa, enquanto a controlabilidade se refere a uma força presente no enunciado que determina a realização ou não do evento. Conforme o autor, um Estado-de-Coisas não-dinâmico [-dinâmico] não envolve nenhuma alteração, ou seja, refere-se a entidades que são apresentadas como sendo o que são ou permanecendo as mesmas em todos os pontos do intervalo de tempo durante o qual o Estado-de-Coisas é obtido. Por seu turno, os Estados-de-Coisas dinâmicos [+dinâmico] envolvem, necessariamente, algum tipo de mudança, algum tipo de dinamismo interno. Esse dinamismo pode constituir em um padrão recorrente de mudanças durante toda a duração do Estado-de-Coisas ou em uma mudança de algum Estado-de-Coisas inicial para outro Estado-de-Coisas final, mas diferente. Dessa forma, pondera-se que, para a modalidade deôntica, os Estados-de-Coisas sejam dinâmicos [+dinâmico], haja vista que as modalizações deônticas podem conduzir a uma performatividade do evento sobre o qual recai a deonticidade (*dever-fazer*); enquanto, para a modalidade volitiva, eles sejam tanto dinâmicos [+dinâmico], quando a volição conduz a uma possibilidade de performatização do evento desejado e, portanto, poderiam ser realizáveis (*querer-fazer*), quanto não-dinâmicos [-dinâmico], quando a volição expressa é relativa a eventos possíveis de serem executados, mas dependentes de fatores externos, e/ou irrealizáveis quando localizados apenas na mente do falante (*querer-desejar*).¹⁶⁵

No tocante à *referência temporal do evento sobre o qual incide o valor modal*, com base em Menezes (2006, 2011), Pessoa (2007, 2011), Durigon (2015), Rinaldi (2015) e Oliveira (2015, 2017), Nagamura (2016) e Olbertz (2017), para a modalidade deôntica, os eventos

¹⁶⁴ De acordo com Narrog (2009), especificamente, para a modalidade boulomaica (volitiva), quando o estado-de-coisas é controlado [+ controle], o alvo da atitude modal é, geralmente, o falante (a primeira pessoa), marcando as suas *intenções*. Quando o alvo da atitude modal é uma segunda ou terceira pessoa, os marcadores de *desejo* ou *vontade* são usados, tendo em vista que se referem aos estado-de-coisas não controlados [- controle].

¹⁶⁵ Reitera-se que, para a análise desta categoria, foi considerado o traço dinamismo como a diferença entre *Eventos*, que são relativos a Ações e Processos, e *Situações*, que se referem a Posições e Estados. Para a diferença entre eventos realizáveis e irrealizáveis, considerou-se a (im)possibilidade de realização dos eventos que estavam sob a qualificação das modalidades deôntica e volitiva.

deônticos (sobre os quais incidem os valores modais deônticos) apresentam prospecção futura (*futuridade*), a julgar pela localização do evento que, ao incidir sobre normas e regras de conduta que devem ser realizadas pelo participante expresso no predicado, está situado em um momento posterior ao da enunciação. Para os casos em que a modalidade deôntica é subjetiva, os modais deônticos incidem sobre eventos anteriores ao momento de fala (*preteridade*). No tocante à modalidade volitiva, os eventos volitivos (sobre os quais incidem os valores modais volitivos) podem apresentar tanto prospecção futura (*futuridade*), haja vista que a localização do evento volicionado está situado em um momento posterior ao de enunciação, quanto podem estar localizados em um momento anterior ao da enunciação (*preteridade*), já que o falante pode fazer uma apreciação sobre um evento passado, o qual ele não pode reverter, o que intensifica a volição manifestada no momento da enunciação.

Em relação aos *traços semânticos do sujeito*, com base em Durigon (2015), Rinaldi (2015) e Oliveira (2019a, 2019b, 2020b), para a modalidade deôntica, os sujeitos referentes à instauração dos valores deônticos são, geralmente, mais *genéricos* (os jovens, os governos, as pessoas, os políticos, etc.), contendo o traço de genericidade [-específico]; enquanto, para a modalidade volitiva, são, geralmente, mais *específicos* (a Igreja Católica, o Santo Padre, o Papa, o Sumo Pontífice, o Presidente Norteamericano, etc.), em que as pessoas do discurso são referenciadas por meio dos pronomes pessoais do caso reto, o emprego de nomes próprios, etc., contendo, assim o traço de especificidade [+específico]. Em relação à animacidade do sujeito, pondera-se que a modalidade deôntica pode estar relacionada tanto a sujeitos animados [+humano] quanto a sujeitos não-animados [-humano]. No que se refere à modalidade volitiva, é possível apenas a existência de sujeitos animados [+humano], pois estes são sujeitos capazes de volição; ou quando haja a personificação de seres inanimados, atribuindo-lhes propriedades humanas. No entanto, considerando a possibilidade de que as modalidades deôntica e volitiva possam estar orientadas para o Evento, verifica-se, em alguns casos, que não há a especificação de um sujeito sintático, o que impossibilita que se possa averiguar os traços semânticos pautados. Portanto, estes casos são denominados de *não especificado*. Dessa forma, constata-se a existência de cinco tipos: (i) sujeito genérico-animado; (ii) sujeito genérico-inanimado; (iii) sujeito específico-animado; (iv) sujeito específico-inanimado; e (v) não-especificado.

No que diz respeito à *polaridade do enunciado modalizado*, com base em Lyons (1977), Palmer (1986), Menezes (2006, 2011) e Pessoa (2007, 2011), para a modalidade deôntica, a negação anteposta ao modalizador muda o conteúdo modal deôntico em termos do valor semântico instaurado, ou seja, enquanto a polaridade positiva expressa os valores de

obrigação e permissão, a polaridade negativa expressa o valor de proibição (negação de obrigação/permissão). Assim sendo, acredita-se que a partícula de negação possa afetar tanto o predicado principal quanto o modal deôntico. Para exemplificar, trazem-se as seguintes ocorrências que foram elaboradas como forma de ilustração: (i) Ele deve comer – Ele está obrigado a comer (obrigação); (ii) Ele deve não comer – Ele está obrigado a não comer (obrigação); (iii) Ele não deve comer – Ele está proibido de comer (proibição); e (iv) Ele não deve não comer – Ele está proibido de não comer (\cong Ele deve comer) (obrigação). Por sua vez, para a modalidade volitiva, conforme Oliveira (2017, 2019a, 2019b, 2020a), a polaridade do enunciado modalizado não altera o valor modal volitivo instaurado, pois há apenas uma afetação do Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado, em que este pode mostrar-se como desejável (polaridade positiva) ou indesejável (polaridade negativa). Para exemplificar, trazem-se as seguintes ocorrências que também foram elaboradas como forma de ilustração: (v) Ele quer comer – Ele tem vontade de comer (intenção); (vi) Ele quer não comer – Ele tem vontade de não comer (intenção); (vii) Ele não quer comer – Ele não tem vontade de comer (intenção); e (viii) Ele não quer não comer – Ele não tem vontade de não comer (\cong Ele quer comer) (intenção).¹⁶⁶

No que diz respeito ao *tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado*, Dik (1997) especifica que as predicções nucleares consistem em termos que designam entidades em algum mundo e em predicados que designam propriedades ou relações entre essas entidades. Assim, a predicção nuclear como um todo designa um conjunto de Estados-de-Coisas, em que cada membro do conjunto é definido pela propriedade ou relação específica que é designada pelo predicado. Considerando que um Estado-de-Coisas é definido a partir do conceito de que algo possa ocorrer em algum mundo, isto é, o estatuto de realidade de um evento ou de uma situação, essa definição implica que um Estado-de-Coisas é uma entidade conceitual, e não apenas alguma coisa que pode ser localizada na realidade extra-mental ou que diz respeito à existência no mundo real. Segundo o autor, os Estados-de-Coisas podem ser divididos em diferentes tipos e em distintos valores, a partir de parâmetros semânticos

¹⁶⁶ Na literatura linguística, de acordo com Moreno da Silva (2009), é possível de se encontrar o termo *nolição* (do latim *nolle*) para significar a negação de volição, que se refere ao não querer, ao não aceitar, ao se opor ou se recusar a realizar um dado Estado-de-Coisas. No entanto, a *nolição* não poderia configurar como um valor modal (como o de proibição para a modalidade deôntica), haja vista que não há uma afetação do modal volitivo e, conseqüentemente, da volição manifestada, mas apenas do Estado-de-Coisas como sendo desejável ou indesejável. Acredita-se que isso se deva ao fato de a modalidade volitiva se tratar de um *ato volicional* (a fonte volitiva manifesta a volição de realização ou não de um evento), enquanto a modalidade deôntica se refere a uma *imposição volicional* (a fonte deôntica manifesta a obrigação ou a permissão de realização do evento ou a proibição de não realização do evento sobre o alvo deôntico).

delimitados por meio de uma classificação cruzada de Estado-de-Coisas. Nesse sentido, Dik (1997) estabelece quatro tipos específicos com base nos traços de dinâmico e controle, a saber: (i) *Ação* [+dinâmico; +controle]; (ii) *Processo* [+dinâmico; - controle]; (iii) *Estado* [-dinâmico; -controle] e (iv) *Posição* [-dinâmico; + controle]. Assim sendo, pondera-se que a modalidade deôntica estaria mais relacionada a Estados-de-Coisas de Ação e Posição, em virtude da dinamicidade e da controlabilidade do evento (*dever-fazer*); enquanto a modalidade volitiva estaria mais relacionada a Estados-de-Coisas de Processo e Estado, em razão da não-dinamicidade e da não-controlabilidade do evento (*querer-desejar*), podendo também estar relacionada a dinamicidade para os casos em que a volição requer a concretização do evento (*querer-fazer*).

As categorias de análise relativas ao Nível Interpessoal e ao Nível Representacional, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), também condicionam as categorias de análise referentes ao Nível Morfossintático, que será abordado na subseção seguinte.

4.2.3 As categorias de análise relativas ao Nível Morfossintático

O Nível Morfossintático está relacionado aos aspectos morfossintáticos da unidade linguística, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), e diz respeito às propriedades lineares das expressões linguísticas em termos de sentenças, orações, sintagmas ou estrutura interna das palavras. Nesse sentido, algumas categorias de análise foram estabelecidas, a saber: (i) o tipo de Expressão Linguística do modal; (ii) a pessoa gramatical do sujeito do modal; (iii) a marcação morfossintática de tempo verbal do modal; (iv) a marcação morfossintática de modo verbal do modal; e (v) as formas como os modais se combinam no enunciado modalizado.

Em relação ao *tipo de Expressão Linguística do modal*, as modalidades deôntica e volitiva, na manifestação da *Volitividade*, podem ser instauradas tanto por Palavras Lexicais (verbos, substantivos, adjetivos, etc.) quanto Palavras Gramaticais (auxiliares modais, advérbios, etc.), bem como Sintagmas Nominais ou Sintagmas Verbais (referentes às construções modalizadoras com ou sem verbo suporte). Dessa forma, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), ter-se-ia para a manifestação da *Volitividade*: auxiliares modais, verbos léxicos, substantivos, adjetivos, advérbios, adjetivos em função predicativa, construções modalizadoras com verbo suporte, etc.

Em relação à *pessoa gramatical do sujeito do modal*, as modalidades deôntica e volitiva podem ser marcadas tanto com a primeira, segunda e terceira pessoas do singular e

plural. Ao adotar a perspectiva do funcionalismo holandês, pondera-se que as diferentes pessoas gramaticais empregadas pelo Papa Francisco podem estar relacionadas com as intenções comunicativas dele ao proferir suas homilias. Nesse sentido, o objetivo se volta para a verificação de qual domínio semântico (deôntico ou volitivo) está mais relacionado à pessoa gramatical: (i) primeira pessoa do singular; (ii) segunda pessoa do singular; (iii) terceira pessoa do singular; (iv) primeira pessoa do plural; (v) segunda pessoa do plural; e (vi) terceira pessoa do plural.

No tocante à *marcação morfossintática de tempo e modo verbais do modal*, as modalidades deôntica e volitiva podem, de alguma forma, diferenciar-se, se considerarmos que a referência temporal dos eventos deônticos e volitivos (preteridade e futuridade), bem como o aspecto *irrealis* ou a aproximação com o aspecto *realis*, podem levar o Santo Padre a marcar, morfossintaticamente, os tempos verbais e os modos verbais de maneira distinta entre ambas as modalidades. Nesse sentido, em relação à marcação morfossintática de tempo verbal, os modais podem ser flexionados no presente, no passado (os pretéritos *perfecto simple*, *perfecto compuesto*, *imperfecto*, *pluscuamperfecto* e *anterior*), no futuro (*simple* e *compuesto*) ou no condicional (*simple* e *compuesto*).¹⁶⁷ Por sua vez, a marcação morfossintática de modo verbal, os modais podem ser flexionados no *indicativo* (aspecto *realis*) ou no *subjuntivo* (aspecto *irrealis*). Esclarece-se que a não inclusão do modo imperativo (aspecto *irrealis*) se deve a sua relação, no que diz respeito à codificação morfossintática em língua espanhola, com a evocação dos atos de fala (relativos às Ilocuções na GDF), especificamente as Ilocuções Imperativas (que são codificadas por meio do modo imperativo em espanhol). De acordo com Braga (2008), há uma imprecisão ao se associarem a modalidade deôntica e o modo imperativo, haja vista que a modalidade deôntica diz respeito às noções de necessidade e possibilidade que compõem essa função modal, não se apresentando, necessariamente, em enunciados diretivos (o modo imperativo). Nesse sentido, para o autor, a modalidade deôntica se refere às necessidades ou às possibilidades pré-determinadas em um dado grupo social, cuja designação é estabelecida pelo falante (Nível Representacional), não simplesmente estabelecidas em uma relação entre os Participantes do evento de fala (Nível Interpessoal). Em outras palavras, conforme o autor, a marca registrada da modalidade deôntica é a presença da ideia da obrigação, permissão ou proibição veiculada que, por sua vez, pressupõe um conjunto de princípios e regras de conduta e, eventualmente, uma autoridade externa ao falante que os representa e/ou impõe.

¹⁶⁷ A marcação morfossintática de tempo verbal foi estabelecida com base na Real Academia Espanhola – RAE (2010).

No que diz respeito às *formas como os modais se combinam no enunciado modalizado*, com base em Casimiro (2007), as modalidades deôntica e volitiva podem ser marcadas de maneira distinta, a julgar pelo fato de a modalidade deôntica estar relacionada a um único sujeito sobre o qual recai o valor modal deôntico instaurado, o que proporciona o uso do verbo modal com um verbo no infinitivo (*verbo modal+verbo no infinitivo*). Por seu lado, a modalidade volitiva tende a estar relacionada a dois sujeitos distintos, haja vista que o falante pode manifestar volição sobre um evento ou uma pessoa em particular, proporcionando, dessa forma, o emprego do verbo modal com um verbo flexionado (*verbo modal+verbo flexionado*) por meio de *completivas com que* (*verbo modal+que+verbo flexionado*). Para esta pesquisa, tendo em vista a possibilidade de as modalidades deôntica e volitiva serem instauradas por meio de outros modalizadores que não sejam verbais (substantivos, adjetivos, advérbios, etc.), adaptou-se para *modalizador*. Especificamente, em relação à modalidade volitiva, averigua-se que ela pode ser instaurada por meio de predicados de volição (*desejar, querer, anhelar, preferir, etc.*), sem que haja a necessidade de combinação com outros verbos, em que o modalizador requer apenas um Sintagma Nominal. Portanto, fez-se necessário o acréscimo de um outro tipo de combinação, no caso, o *modalizador+sintagma nominal*. Assim, têm-se três tipos de combinações: (i) modalizador+sintagma verbal no infinitivo; (ii) modalizador+sintagma verbal flexionado; (iii) modalizador+sintagma nominal.

O Quadro 13 sintetiza as categorias de análise relativas aos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático para a análise da *Volitividade* nas homilias do Papa Francisco em língua espanhola:

Quadro 13: As categorias de análise relativas ao NI, NR e NM

Categorias de análise referentes ao Nível Interpessoal	
1. O tipo de Ilocução	Declarativa
	Interrogativa
	Imperativa
	Exortativa
	Proibitiva
	Optativa
	Imprecativa
2. A posição do Falante na incidência do valor modal	Inclusão
	Não-inclusão

Categorias de análise referentes ao Nível Representacional	
3. O domínio semântico	Modalidade deôntica
	Modalidade volitiva
4. A orientação modal	Participante
	Evento
	Episódio
	Proposição
5. Os valores modais deônticos e volitivos	Obrigação
	Permissão
	Proibição
	Desideração
	Optação
	Intenção
6. A natureza deôntica ou volitiva do enunciado modalizado	Exortação
	Prescritiva
	Normativa
	Regulativa
	Avaliativa
	Disposicional
	Reportativa
	Expressiva
Apreciativa	
7. A qualificação da atitude modal	Centrada na fonte da atitude modal
	Centrada no alvo da atitude modal
	Não especificado
8. A controlabilidade do Estado-de-Coisas	+controle
	-controle
9. A dinamicidade do Estado-de-Coisas	+dinâmico
	-dinâmico
10. A referência temporal do evento sobre o qual incide o valor modal	Preteridade
	Futuridade
	Genérico-animado

11. Os traços semânticos do sujeito	Genérico-inanimado
	Específico-animado
	Específico-inanimado
	Não especificado
12. A polaridade do enunciado modalizado	Positiva
	Negativa
13. O tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado	Ação
	Processo
	Estado
	Posição
Categorias de análise referentes ao Nível Morfossintático	
14. O tipo de Expressão Linguística do modal	Auxiliar modal
	Verbo léxico
	Substantivo
	Adjetivo
	Advérbio
	Adjetivo em função predicativa
15. A pessoa gramatical do sujeito do modal	Construções modalizadoras (Sintagmas Verbais ou Nominais)
	1ª pessoa do singular
	2ª pessoa do singular
	3ª pessoa do singular
	1ª pessoa do plural
	2ª pessoa do plural
16. A marcação morfossintática de tempo verbal do modal	3ª pessoa do plural
	<i>Presente</i>
	<i>Pretérito Perfecto Simple</i>
	<i>Pretérito Perfecto Compuesto</i>
	<i>Pretérito Imperfecto</i>
	<i>Pretérito Pluscuamperfecto</i>
	<i>Pretérito Anterior</i>
<i>Futuro Simple</i>	

	<i>Futuro Compuesto</i>
	<i>Condicional Simple</i>
	<i>Condicional Compuesto</i>
17. A marcação morfossintática de modo verbal do modal	Indicativo
	Subjuntivo
18. As formas como os modais se combinam no enunciado modalizado	Modalizador+sintagma verbal no infinitivo
	Modalizador+sintagma verbal flexionado
	Modalizador+sintagma nominal

Fonte: Elaborado pelo autor

Apresentada a proposição das categorias de análise, far-se-á, na seção seguinte, a abordagem dos procedimentos metodológicos desta pesquisa.

4.3 Os procedimentos metodológicos da pesquisa

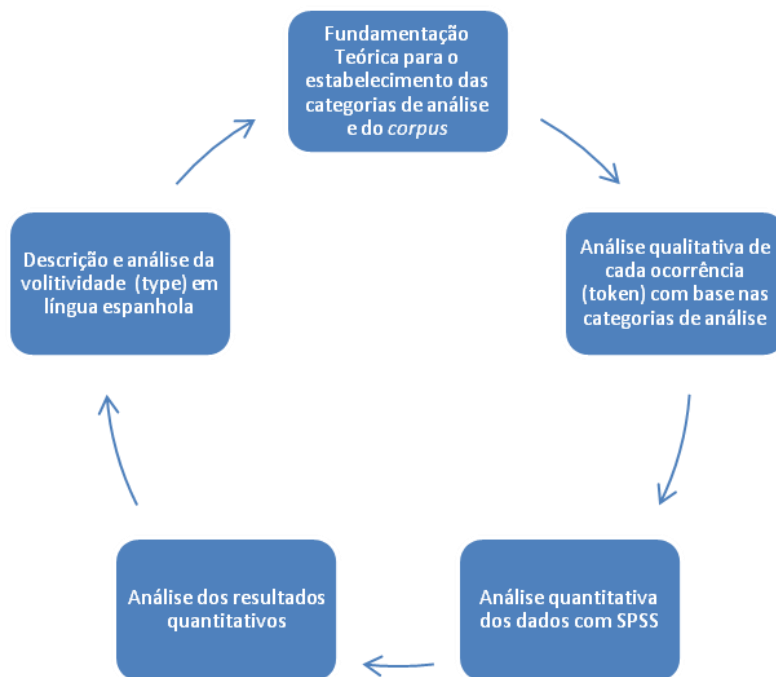
Após a abordagem da delimitação, da constituição do *corpus* e da proposição das categorias de análise, discutir-se-á, nesta seção, sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa, que são assim discriminadas:

- (i) o procedimento estatístico;
- (ii) a identificação e os parâmetros das categorias de análise;
- (iii) a identificação das modalidades deôntica e volitiva no *corpus* delimitado;
- (iv) a confecção de uma ficha de ocorrência, utilizando o *Statistical Package for Social Science (SPSS)*.¹⁶⁸

O procedimento da descrição e análise dos dados pode ser visualizado na Figura 3. Vejamos:

¹⁶⁸Para análise quantitativa, utilizaremos uma versão *free* do SPSS 22 que pode ser baixada no site da IBM, disponível para download na própria página *web* da IBM, para fazermos a rodagem e cruzamento das categorias de análise. A versão *free* encontra-se disponível em: <<https://ibm-spss-statistics-base.uptodown.com/windows>>. Acesso em: 07 de outubro de 2016.

Figura 3: Ciclo do processo de análise dos dados



Fonte: Elaborado pelo autor

Em relação ao procedimento estatístico, optou-se por converter as ocorrências em dados quantitativos como realizações de categorias de análise específicas. Isso fez com que se empregasse o *Statistical Package for Social Science (SPSS)*¹⁶⁹ versão 22 para o *Windows*, para que, dessa forma, fosse possível estabelecer a análise objetivada das ocorrências e o cruzamento das categorias de análise. Para esta pesquisa, as categorias de análise podem ser entendidas como as propriedades que podem caracterizar as operações de Formulação e de Codificação envolvidas na manifestação da *Volitividade* por meio da instauração das modalidades deôntica e volitiva.

No que diz respeito à identificação e aos parâmetros relativos às categorias de análise expostas no Quadro 13, elas foram estabelecidas com base no arcabouço teórico da GDF, especificamente para as categorias de análise relativas aos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático. Posteriormente, elas foram codificadas de modo numérico

¹⁶⁹De acordo com Ferreira (1999), o *package* estatístico SPSS para Windows trata-se de um poderoso sistema de análises estatísticas e manuseamento de dados, possível apenas num ambiente gráfico, em que se utiliza, frequentemente, para efetuar uma série de análises e cruzamento de dados. Segundo o autor, o programa se resume à seleção das respectivas opções em menus e em caixas de diálogo. O sistema dispõe de um editor de comandos, do qual se poderá recorrer para que se realize determinado tipo de análises de cunho mais complexas e mais elaboradas.

no SPSS no intuito de se criar um arquivo de dados a partir do qual fosse possível fazer a quantificação estatística das frequências e do cruzamento das categorias de análise pautadas.

Após o estabelecimento das categorias de análise, recorreu-se ao *corpus* a fim de encontrar cada meio de manifestação da *Volitividade* por meio da instauração das modalidades deôntica e volitiva, em que cada tipo de modalização ocorreu, de modo a selecionar somente as modalizações deônticas e volitivas, com base no parâmetro do domínio semântico estabelecido por Hengeveld (2004).

Feita a etapa de identificação das modalizações deôntica e volitiva, passou-se à confecção da ficha de ocorrência, em que cada uma das formas encontradas foi guardada para posterior análise. Em seguida, recorreu-se ao programa *Statistical Package for Social Science* - SPSS (versão 22 para *Windows*), uma vez que este fornece resultados percentuais precisos, possibilitando a confecção automática de gráficos e/ou tabelas a partir dos dados *quantitativos*.

Após a delimitação das categorias de análise, passou-se para a etapa de análise e classificação de cada ocorrência encontrada no *corpus*. Esta fase esteve constituída de duas partes não excludentes: (i) a análise *quantitativa*, por meio da utilização do pacote computacional do SPSS; e (ii) a análise *qualitativo-quantitativa*, por meio do inter-relacionamento dos dados à luz dos pressupostos da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008) e do parâmetro da *Volitividade* proposto por Narrog (2012), bem como de trabalhos correlatos acerca das modalidades deôntica e volitiva.

O SPSS (versão 22 para o *Windows*) serviu como um meio tanto para guardar as ocorrências, classificá-las e codificá-las, quanto para executar a rodagem dos dados de modo a obter a frequência de cada forma de Expressão Linguística (Orações, Sintagmas, Palavras, etc.); servindo também para que se fizesse a inter-relação entre as categorias de análise e, assim, verificar a relação de influência de algumas categorias de análise sobre as demais (nível de significância) a partir do cruzamento delas e por meio da confecção de gráficos.

Para que as análises *qualitativa* e *qualitativo-quantitativa*¹⁷⁰ fossem eficazes, foi necessário o estabelecimento de parâmetros a partir dos quais cada ocorrência fosse descrita e analisada, de modo a dar conta dos aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos das

¹⁷⁰Segundo Pérez (2002), uma análise qualitativa diz respeito a uma descrição detalhada e completa de um dado fenômeno linguístico ou do comportamento de uma palavra ou grupo de palavras, enquanto uma análise quantitativa se faz por meio da apresentação dos índices numéricos da frequência dos fenômenos linguísticos observados no *corpus*, podendo servir para a construção de modelos estatísticos mais completos que especifiquem a evidência encontrada no texto.

modalizações deontica e volitiva no tocante às operações de Formulação e de Codificação da *Volitividade*, como é proposto pela GDF.

Em relação ao SPSS, ele é um programa computacional utilizado para o cálculo da frequência (*frecuencias*) e do cruzamento de categorias de análise. Assim, o programa possibilita a transformação de dados estatísticos em representações gráficas, o que permite empreender uma análise quantitativamente adequada. Isso foi possível, pois, segundo Ferreira (1999), o programa dispõe de: (i) editor de dados, em que se permite introduzir, modificar, corrigir e visualizar informações; (ii) visualizador (*viewer*), que consiste em uma janela, onde se observam todos os resultados estatísticos, os gráficos e as tabelas; (iii) tabela de referência dinâmica, que permite a exploração dos dados, rearranjando-os em linhas e colunas; (iv) gráficos e (v) acesso à base de dados, que permite a importação de arquivos de texto.

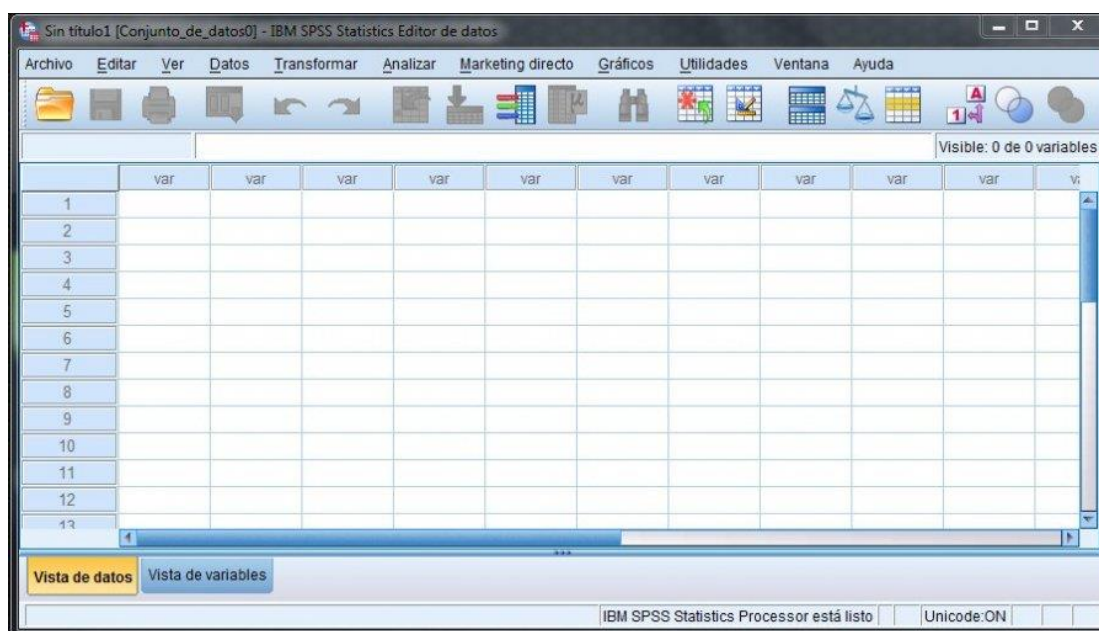
De acordo com Valencia e Romo (2014), o *Statistical Package for Social Science - SPSS* (versão 22 para o *Windows*) é relevante para as análises estatísticas, pois fornece as ferramentas de *software* necessárias, primordialmente, para o estabelecimento da frequência e do cruzamento das categorias de análise entre si, sendo um dos programas mais desenvolvidos para o estudo das Ciências Sociais e da maioria das outras disciplinas. O SPSS também apresenta as informações referentes às análises estatísticas por meio de uma tabela, em que, na primeira coluna, são incluídos os rótulos dos dados válidos e dos dados perdidos e, posteriormente, os nomes dos dados estatísticos solicitados (por exemplo: média, mediana e moda). Os títulos das demais colunas se referem aos rótulos das categorias de análise, enquanto os valores obtidos por meio da análise se encontram na junção dos rótulos da primeira coluna com a variável correspondente.

Conforme Valencia e Romo (2014), o *software* oferece ferramentas que permitem aos usuários visualizar os dados e formular hipóteses para os mais variados testes de forma rápida e, assim, executar os procedimentos que possam esclarecer as relações entre as categorias de análise, a identificação das tendências, a rotação dos dados e as previsões sobre o comportamento dos dados. Os autores ainda acrescentam que o programa contém três visualizadores: os dados, as categorias de análise e os resultados; sendo que, para alternar a exibição entre o modo de exibição de dados e as categorias de análise, é necessário apenas fazer um *click* na tela que corresponde a cada visualizador. Os autores ainda explicam que o SPSS (versão 22 para o *Windows*) apresenta as informações relativas ao modo de tabela estatística. Assim, na primeira coluna (da esquerda para a direita) estão incluídos os rótulos dos dados válidos, os dados que foram perdidos e, em seguida, os nomes dos dados estatísticos solicitados

(por exemplo, média, mediana e moda). Encontra-se também os cabeçalhos do resto das colunas que serão, posteriormente, as etiquetas das categorias de análise, enquanto os valores obtidos serão encontrados na junção das etiquetas da primeira coluna com a categoria de análise correspondente.

A Figura 4 traz os detalhamentos da *interface* e da tela do editor de dados do programa (SPSS versão 22 para *Windows*):

Figura 4 - Tela do editor de dados do SPSS



Fonte: Página oficial da IBM¹⁷¹

Ao se fazer uso do SPSS, buscou-se descrever e analisar a *Volitividade* com base nas categorias de análise pautadas e em duas etapas: (i) a constatação empírica por meio do valor do *Qui-quadrado* ($\leq 0,05$, como critério mais comumente aceito nos estudos estatísticos);¹⁷² e (ii) a exposição dos elementos que se mostrarem problemáticos acerca da manifestação da *Volitividade*.

Dessa forma, a descrição e análise da *Volitividade* nas homilias do Papa Francisco em língua espanhola, seguiu os seguintes procedimentos:

¹⁷¹ Disponível em: <<https://ibm-spss-statistics-base.uptodown.com/windows>>. Acesso em: 26 set. 2016.

¹⁷² O teste do *Qui-quadrado*, segundo Guy e Zilles (2007), consiste em um procedimento relevante para que se possa calcular a probabilidade de que uma dada inter-relação entre categorias de análise seja verdadeira, sendo que, para isso, o valor deve ser $\leq 0,05$ (critério mais comumente aceito nos estudos estatísticos).

- (1) a inter-relação entre o *domínio semântico* (modalidades deôntica e volitiva) com as demais categorias de análise relativas aos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático, no intuito de verificar os aspectos de divergência e convergência entre as modalidades deôntica e volitiva na manifestação da *Volitividade*, respondendo, dessa forma, aos objetivos, aos problemas e às hipóteses elaboradas para esta pesquisa;
- (2) a exposição dos elementos que se mostrarem como problemáticos no que concerne à descrição e à análise da manifestação da *Volitividade* por meio das modalidades deôntica e volitiva, especialmente, no que diz respeito à gramaticalização dos modais deônticos e volitivos, à aspectualidade dos verbos volitivos, às marcas de polidez e cortesia, etc.

Tendo sido expostos os processos de descrição e análise da manifestação da *Volitividade* que configuram tanto a análise *qualitativa* quanto a análise *quantitativo-qualitativa*, far-se-á, no capítulo seguinte, a descrição e análise da manifestação da *Volitividade* nas homilias do Papa Francisco em língua espanhola.

4.4 Síntese Conclusiva

Neste capítulo, discorreu-se acerca da metodologia empregada para o desenvolvimento desta pesquisa, que consiste em fazer uma descrição e análise dos aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na expressão da *Volitividade*. Assim, parte-se do pressuposto de que o *elemento do desejo* influencia, de modo distinto, as operações de Formulação (Nível Interpessoal e Nível Representacional) e de Codificação (Nível Morfossintático) no Componente Gramatical, conforme a Gramática Discursivo-Funcional (GDF).

Para isso, selecionou-se, para a composição do *corpus*, sete *e-books* de divulgação *online* que continham todas as 30 homilias do Papa Francisco, que foram proferidas em suas viagens apostólicas realizadas aos Estados Unidos, a Cuba, ao México, ao Equador, à Bolívia, ao Paraguai, ao Chile, ao Peru e ao Panamá. Nos *e-books*, havia a especificação do título da viagem, o país de destino e o ano, bem como o *link* e a data de acesso.

Após a delimitação do *corpus*, passou-se para a caracterização do gênero homilia, que, segundo Moreira Poças (2012), Pereira Junior (2013) e Carpinetti (2014), diz respeito à reflexão

que é feita pelo líder religioso (Papa Francisco) sobre a leitura do evangelho que é proclamado na celebração da missa (culto católico), em que o líder religioso explica-a aos cristãos católicos com o intuito de esclarecer acerca do conteúdo teológico contido nas *Sagradas Escrituras* (Bíblia) que, na maioria dos casos, apresenta dificuldades inextricáveis em relação aos pontos doutrinários da fé cristã e, assim, possa facilitar a compreensão dos fiéis católicos. Com base nisso, ponderou-se que as homilias podiam propiciar que o Santo Padre instaurasse modalizações deônticas e volitivas, revelando o que é moralmente aceitável e permitido para o seu grupo religioso e a conduta dos fiéis; ou sobre aquilo que é desejável ou indesejável para o homem e sua convivência em sociedade.

Na sequência, discorreu-se sobre as categorias de análise, que, por sua vez, foram pensadas no intuito de corresponder a cada nível do Componente Gramatical, à exceção do Nível Fonológico. Desse modo, pautaram-se categorias de análise relativas ao Nível Interpessoal (o tipo de Ilocução e o posicionamento do Falante na incidência do valor modal), ao Nível Representacional (a orientação modal, os valores modais, a natureza do enunciado modalizado, a qualificação da atitude modal, a controlabilidade do Estado-de-Coisas, a dinamicidade do Estado-de-Coisas, a referência temporal do evento sobre o qual incide o valor modal, os traços semânticos do sujeito, a polaridade do enunciado modalizado e o tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado) e ao Nível Morfossintático (o tipo de Expressão Linguística do modal, a pessoa gramatical do sujeito do modal, a marcação morfossintática de tempo verbal do modal, a marcação morfossintática de modo verbal do modal e as formas como os modais se combinam no enunciado modalizado).

Por fim, abordou-se sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa, que consiste na análise: (i) *qualitativa* das ocorrências de modalidade deôntica e volitiva à luz dos pressupostos teóricos da GDF e de outros trabalhos relacionados a ambas as categorias modais; e (ii) *quantitativa* das ocorrências de modalidade deôntica e volitiva, que se procedeu com base no *Statistical Package for Social Science* (SPSS), por meio do qual se obteve a frequência e a inter-relação entre as categorias de análise.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA MANIFESTAÇÃO DA VOLITIVIDADE

As modalidades deôntica e volitiva se diferenciam conforme o eixo de atuação modal, haja vista que a primeira, conforme Hengeveld (2004), é relativa ao que é moral, legal e socialmente aceito em termos de regras e normas de conduta (*eixo do dever*), enquanto a segunda diz respeito ao que é (in)desejável (*eixo do querer*). Ainda assim, é possível encontrar, na seara da Linguística, diferentes tipologias de modalidade que ora delimitam a modalidade volitiva como subtipo modal deôntico, ora reclassificam-na como um subtipo modal distinto à modalidade deôntica, ora redefinem-na como um parâmetro de delimitação e caracterização dos diferentes subtipos modais.

Com base em Narrog (2012), pode-se averiguar que os diferentes subtipos modais podem ser delimitados a partir da existência ou não do *elemento do desejo* na instauração dos conteúdos modais, diferenciando-se, como citado anteriormente, em modalidades volicionais (deôntica, bulomaica, preferencial e teleológica) e modalidades não-volicionais (epistêmica, evidencial, existencial, dinâmica e circunstancial). A partir da especificação desse parâmetro proposto pelo autor, busca-se, com base no aparato teórico da GDF, verificar o comportamento da *Volitividade* por meio da instauração das modalidades deôntica e volitiva, que, entre as modalidades propostas por Hengeveld e Mackenzie (2008), são as únicas modalidades que contêm o *elemento do desejo*. Desse modo, pretende-se, neste capítulo, utilizando o arcabouço teórico linguístico proposto pela GDF, descrever e analisar a manifestação da *Volitividade* na instauração das modalidades deôntica e volitiva, no intuito de investigar quais são os aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos envolvidos na instauração dos conteúdos modais deônticos e volitivos e que contribuem como parâmetros de divergência e convergência entre elas no engendramento do *elemento do desejo*.

Nesse sentido, desejou-se averiguar como os aspectos de ordem pragmática, semântica e morfossintática se comportam no interior do Componente Gramatical, tendo em vista as operações de Formulação e de Codificação que ocorrem entre os Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático. Assim sendo, o objetivo geral, desta pesquisa, consiste em propor quais são os elementos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos contidos na manifestação da *Volitividade* que podem contribuir como parâmetros de divergência e convergência entre as modalidades deôntica e volitiva, buscando, assim, caracterizá-las como subtipos modais distintos.

Considerando o objetivo geral desta pesquisa, este capítulo está dividido em seis seções. Na seção 5.1, será apresentada a frequência de uso das modalidades deontica e volitiva nas homilias do Papa Francisco em língua espanhola. Na seção 5.2, será exposta a inter-relação entre o domínio semântico (relativo às modalidades deontica e volitiva) e as categorias de análise referentes ao Nível Interpessoal. Na seção 5.3 será discutida acerca da inter-relação entre o domínio semântico e as demais categorias de análise relativas ao Nível Representacional. Na seção 5.4, será abordada a inter-relação entre o domínio semântico e as categorias de análise referentes ao Nível Morfosintático. Na seção 5.5, serão feitos alguns comentários sobre as dificuldades encontradas na descrição e análise da *Volitividade*. Por fim, na seção 5.6, passar-se-á para a síntese conclusiva deste capítulo.

5.1 A Volitividade manifestada por meio das modalidades deontica e volitiva

Conforme a classificação de modalidade adotada nesta pesquisa, procurou-se, com base em Hengeveld (2004) e Hengeveld e Mackenzie (2008), descrever e analisar a manifestação da *Volitividade* por meio das modalidades deontica e volitiva, considerando que, no *eixo da conduta*, os conteúdos modais dizem respeito ao que é moral, legal e socialmente aceito em termos de normas e regras, enquanto, no *eixo da volição*, os conteúdos modais são relativos ao que é (in)desejável. Assim sendo, foram identificadas 157 ocorrências de modalidade deontica e volitiva, o que pode ser averiguado na Tabela 1:

Tabela 1: A frequência do domínio semântico para a manifestação da *Volitividade*

Domínio semântico	Frequência	Porcentagem
Modalidade volitiva	98	62,4%
Modalidade deontica	59	37,6%
Total	157	100%

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

A partir dos dados da Tabela 1, verifica-se que há uma maior recorrência de *Volitividade* por meio da modalidade volitiva (98 ocorrências, que totalizam 62,4%). Em menor número, a *Volitividade* vem expressa por meio da modalidade deontica (59 ocorrências, que totalizam 37,6%). Assim, constata-se que há uma predominância de modalizações volitivas em detrimento das deonticas. Com base em Kratzer (1981, 1991, 2010), acredita-se que a maior recorrência de modalidade volitiva se deva à quantidade de mundos possíveis aos quais o *eixo da volição* dá acesso, o que, por sua vez, seria mais amplo que os do *eixo da conduta*. Em outras

palavras, o mundo da espiritualidade, que é relativo à conexão com o divino, permitiria uma maior instauração de desejos, vontades e intenções (*eixo da volição*) de concretização de eventos tanto no mundo espiritual quanto no mundo físico (mundo material), que, por seu lado, estão sob o controle e a influência da divindade (fugindo ao controle humano), enquanto os comportamentos e as normas de conduta (*eixo da obrigação*) estariam mais restritos ao mundo físico, pois caberia aos seres humanos (restrito ao controle humano) à mudança de pensamento, de comportamento e de atitude em relação ao que é estabelecido pela crença religiosa. Com base na autora, pondera-se que a volição tenha um domínio mais abstrato que o da obrigação.

Conforme Kratzer (1981, 1991, 2010), os diferentes subtipos modais necessitam de determinados parâmetros que possam definir sua semântica. Entre estes parâmetros, a autora especifica a *força modal*, que é a única informação fornecida pela unidade linguística (em termos do campo semântico expresso por ela própria), como, por exemplo, os auxiliares modais, em que estes podem ser de necessidade ou possibilidade (valores semânticos). A autora também determina a existência de um *fundo conversacional* (o contexto de interação entre os participantes da situação discursiva) que irá determinar as variáveis semânticas, a saber: a *base modal* e a *fonte de ordenação*. Em relação à base modal, esta irá restringir os mundos possíveis que estão acessíveis no contexto de interação, enquanto a fonte de ordenação irá formar uma estrutura ordenada nesse conjunto de mundos que são restritos pela base modal em conformidade com o que é estabelecido pelo contexto (para esta pesquisa, o líder religioso que, ao proferir a sua homilia, busca admoestar os fiéis acerca do que é desejável e/ou obrigatório em termos de fé e moral católica).

Segundo Kratzer (1981, 1991, 2010), a base modal pode ser de duas naturezas: (i) uma *epistêmica*, que é relativa ao conjunto de mundos que constituem o conhecimento subjetivo do Falante; e (ii) uma *circunstancial*, que se baseia no conjunto de mundos que constituem os fatos circunstancialmente relevantes. Por sua vez, a fonte de ordenação divide-se em quatro tipos específicos, a saber: (i) *estereotípica*, que organiza os mundos da base modal em conformidade com a normalidade (mundo real); (ii) *deôntica*, que organiza os mundos da base modal em relação às leis vigentes ou ao que é moralmente aceito e definido como correto; (iii) *teleológica*, que organiza os mundos da base modal em relação ao que se tem por objetivo ou meta a ser alcançada; e (iv) *bulética*, que organiza os mundos da base modal em consonância com aquilo que se deseja.

Desse modo, para modalidade deôntica, Kratzer (1981, 1991, 2010) estipula que a base modal é circunstancial, em que são fornecidas as informações relevantes sobre as circunstâncias

que envolvem a situação discursiva. Por seu lado, a fonte de ordenação organiza os mundos da base modal em consonância com a lei, com o que é obrigatório, permitido ou proibido, apoiando-se em regras de conduta e aproximando essas regras e normas de um mundo ideal que é estabelecido pelo contexto. Conforme a autora, os mundos “ideais” (que são diferentes do mundo “real”) referem-se a situações em que todas as regras e normas vigentes funcionam perfeitamente, ou seja, não há possibilidade de violação do que já é prescrito moralmente. Assim sendo, a fonte de ordenação deontica organiza o mundo “real” a partir de um critério de semelhança com os mundos “ideais” (em que não há violação do que é estabelecido).

Por seu turno, para a modalidade bulética (volitiva), Kratzer (1981, 1991, 2010) também especifica que a base modal é de natureza circunstancial, já que as informações relevantes sobre as circunstâncias envolvidas derivam da situação discursiva. No entanto, a fonte de ordenação organiza os mundos da base modal de acordo com o que é desejado, relativos a mundos aos quais apenas o Falante tem acesso. Ainda que a autora não especifique quem seja a fonte da atitude modal bulética (volitiva), infere-se que pode se tratar tanto do Falante (Papa Francisco) quanto de um outro ser capaz de volição (terceiro-reportado).

Para Kratzer (1981, 1991, 2010), a interação entre as diferentes bases modais (epistêmica e circunstancial) e fontes de ordenação (estereotípica, deontica, teleológica e bulética) geram leituras modais ordenadas que farão parte da semântica dos diferentes tipos de modalizadores (unidades linguísticas). Nesse sentido, os modalizadores de raiz, como define a autora, têm bases modais realistas de raiz que interagem com fontes de ordenação normativas para gerar interpretações deonticas, buléticas, teleológicas e estereotípicas. Por seu lado, os modalizadores epistêmicos têm bases modais realistas epistêmicas que interagem com fontes de ordenação estereotípicas, conduzindo a uma interpretação do que é provável que tenha acontecido ou do que venha a acontecer.

Assim sendo, os mundos da base modal, que, por sua vez, organizam-se conforme a fonte de ordenação, propiciam uma leitura deontica do enunciado modalizado quando os mundos mapeados referem-se aos mundos em que as regras e as normas de conduta são cumpridas (mundo “ideal”), fazendo com que o Falante (Papa Francisco) instaurasse 37,6% de modalizações deonticas; enquanto a leitura bulética (volitiva) do enunciado modalizado é relativa aos mundos em que todos os desejos do sujeito são realizados (mundo “ideal”), o que propiciou que o Falante instaurasse 62,4% de modalizações volitivas.

Desse modo, com base em Kratzer (1981, 1991, 2010), delimita-se, para esta pesquisa, que a *Volitividade*, em termos semânticos, apresentaria tanto uma *base volicional* quanto uma

fonte de ordenação volicional que poderiam especificar e delimitar as modalidades deôntica e volitiva. Assim, para a manifestação da *Volitividade*, a base volicional fornece todas as informações significativas sobre as circunstâncias que envolvem a situação discursiva, especificando, assim, os mundos possíveis que estão acessíveis ao contexto discursivo (mundo da espiritualidade, mundo físico, etc.). Por seu lado, a fonte de ordenação volicional organiza os mundos possíveis com base em uma estrutura ordenada nesse conjunto de mundos especificados pela base volicional, conforme o parâmetro que é estabelecido pela interação discursiva, ou seja, o mundo em que todas as regras e normas são cumpridas e não violadas e o mundo em que todos os desejos dos sujeitos são realizados.

Acredita-se que o estabelecimento desses parâmetros possa ter certa relação com os propósitos e as intenções comunicativas do Falante (Papa Francisco), ainda em sua forma pré-linguística, no Componente Conceitual, em que a crença na existência do mundo da espiritualidade e do mundo físico (realidade material) possa influenciar nas representações pragmáticas (Nível Interpessoal) e semânticas (Nível Representacional) e, conseqüentemente, na codificação morfossintática (Nível Morfossintático), entre as modalidades deôntica e volitiva na manifestação da *Volitividade*. Dessa forma, o Falante buscaria especificar e delimitar, a partir de conceitualizações oriundas de sua própria subjetividade e de seus conhecimentos sobre a realidade extralinguística (Componente Conceitual), os mundos em que todas as regras e normas de conduta sejam cumpridas e não violadas (modalidade deôntica), separando-os dos mundos em que todos os desejos dos sujeitos sejam concretizados (modalidade volitiva).

Para ilustrar a *base volicional* e a *fonte de ordenação volicional*, vejamos as ocorrências (1) e (2):

- (1) Lo hemos celebrado hace poco: es el Emmanuel, el Dios que **quiere** estar siempre con nosotros (H28).
[Recentemente celebramos: é o Emanuel, o Deus que quer estar sempre conosco]
- (2) Un espacio que no se regala ni lo ganamos en la lotería, sino un espacio por el que también ustedes deben pelear. Ustedes jóvenes **deben** pelear por su espacio hoy, porque la vida es hoy, nadie te puede prometer un día del mañana (H30).
[Um espaço que não é dado ou ganho na loteria, mas um espaço pelo qual você também deve lutar. Vocês, jovens, devem lutar pelo seu espaço hoje, porque a vida é hoje, ninguém pode prometer amanhã]

Em (1), a base volicional organiza-se a partir do mundo da espiritualidade, em que o Falante, com base em sua crença religiosa e em seu conhecimento subjetivo acerca da existência

de uma *Força Superior* (conceitos relativos à fé e à espiritualidade católica), crença esta também compartilhada pelo seu Ouvinte (bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis católicos), expressa o desejo do participante designado pelo predicado (Deus) em estar presente na vida das pessoas (volição). Desse modo, a fonte de ordenação volicional organiza o mundo especificado pela base volicional a partir de um mundo em que todos os desejos do participante expresso pelo predicado são atendidos. Portanto, em (1), a *Volitividade* se manifesta por meio da modalidade volitiva, que é relativa ao que é (in)desejável, considerando tanto a base volicional, que é referente ao mundo da espiritualidade, quanto a fonte de ordenação volicional, que organiza o mundo da espiritualidade sob a ótica da concretização de todos os desejos dos sujeitos.

Em (2), a base volicional organiza-se com base no mundo físico (o mundo material), em que o Falante, imbuído de suas convicções e crenças subjetivas sobre a realidade extralinguística, instaura sobre o participante designado pelo predicado (*jóvenes*) o dever de lutar pelo seu espaço na sociedade (obrigação). Assim, a fonte de ordenação volicional organiza o mundo delimitado pela base volicional a partir de um mundo em que a norma estabelecida é cumprida e não violada pelo participante expresso pelo predicado. Desse modo, em (2), a *Volitividade* se manifesta por meio da modalidade deôntica, que diz respeito às regras e às normas de conduta prescritas moral, legal e socialmente, tendo em vista tanto a base volicional, que é relativa ao mundo físico (mundo material), quanto a fonte de ordenação volicional, que estrutura o mundo físico a partir dos mundos em que as regras e as normas estabelecidas são cumpridas e não violadas.

Com base em Kratzer (1981, 1991, 2010), constata-se que o *fundo conversacional* (base volicional e fonte de ordenação volicional) determina o tipo de *força modal* (a semântica da unidade linguística) que será empregada pelo Falante na manifestação da *Volitividade*. Assim sendo, em (1), o mundo da espiritualidade e a forma como esse mundo se organiza, tendo em vista que todos os desejos dos sujeitos se concretizam, faz com que o Falante use uma unidade linguística (modalizador) que remeta à noção de volição (modalidade volitiva), optando, assim, pelo verbo *querer*, prototípico para a expressão de volição em língua espanhola, conforme Gómez Torrego (2009). Por sua vez, em (2), o mundo físico (mundo material) e a forma como esse mundo se organiza, considerando que todas as regras e normas são cumpridas e não violadas, faz com que o Falante empregue uma expressão linguística (modalizador) que esteja relacionada aos deveres e às obrigações inerentes aos sujeitos (modalidade deôntica),

escolhendo, portanto, o verbo *deber*, prototípico para a expressão de obrigação em língua espanhola, segundo Gómez Torrego (2009).

Em relação aos casos em que a base volicional refere-se a um mesmo mundo possível, a fonte de ordenação volicional parece organizá-lo a partir de conceitualizações subjetivas do Falante, considerando, para isso, suas intenções e seus propósitos comunicativos (Componente Conceitual), como se pode averiguar nas ocorrências (3) e (4):

- (3) Jesús nos invita a no impedir esos pequeños gestos milagrosos, por el contrario, **quiere** que los provoquemos (H5).

[Jesus nos convida a não impedir aqueles pequenos gestos miraculosos, pelo contrário, quer que os provoquemos]

- (4) **Debemos** cuidarnos de la mirada enjuiciadora y animarnos a creer en la mirada transformadora a la que nos invita Jesús (H6).

[Devemos cuidar do olhar julgador e nos encorajar a acreditar no olhar transformador a que Jesus nos convida]

Em (3) e (4), a base volicional é relativa ao mundo da espiritualidade, a partir do qual o Falante engendra o *elemento do desejo*, respectivamente, por meio da modalidade volitiva e da modalidade deôntica. Ainda que a base volicional seja a mesma, a fonte de ordenação volicional organiza o mundo da espiritualidade, distinguindo-o em dois mundos possíveis: (i) o mundo em que os desejos dos sujeitos são realizados; e (ii) o mundo em que as regras e as normas estabelecidas são cumpridas e não violadas. Assim sendo, em (3), a *Volitividad* se manifesta por meio da modalidade volitiva, em que o Falante expressa o desejo do participante descrito pelo predicado (*Jesús*) de que os cristãos católicos sejam articuladores e promovedores de pequenos gestos milagrosos. Por seu lado, em (4), a *Volitividad* se manifesta por meio da modalidade deôntica, em que o Falante instaura a obrigação de que todos tomem cuidado com os “olhares de julgamento” que se possa ter em relação aos demais, buscando sempre uma “visão reconciliadora” para com o próximo.

Em (3) e (4), constata-se também que a fonte de ordenação volicional parece ter reflexo sobre a *força modal* (unidade linguística) empregada pelo Falante para manifestar a *Volitividad*, utilizando o verbo modal *querer* para expressar a volição dos sujeitos, em um mundo em que todos os desejos dos sujeitos são concretizados (fonte de ordenação volicional volitiva), e o verbo modal *deber* para instaurar deveres e obrigações que são inerentes aos sujeitos, em um mundo no qual todas as regras e as normas prescritas são cumpridas e não violadas (fonte de ordenação volicional deôntica).

Pondera-se que a idealização da existência de mundos possíveis, baseados nas conceitualizações e nos conhecimentos subjetivos do Falante (Componente Conceitual), parece ter reflexo nas designações semânticas, ou seja, a base volicional e fonte de ordenação volicional (Nível Representacional), que, por sua vez, irão influenciar na escolha das unidades linguísticas satisfatórias (força modal), isto é, os modalizadores (Nível Morfossintático), que situem os Estados-de-Coisas contidos no enunciado modalizado para o *eixo da volição* (modalidade volitiva) ou para o *eixo da conduta* (modalidade deôntica). De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), esse tipo de influência entre os Componentes não gramaticais (Conceitual, Contextual e de Saída) sobre o Componente Gramatical alcança também os níveis e camadas que o compõem, devido às questões hierárquicas existentes entre eles, em que os níveis e as camadas superiores influenciam e condicionam os níveis e as camadas inferiores. Assim sendo, as conceitualizações e as crenças subjetivas do Falante (Componente Conceitual) influenciam e condicionam as designações semânticas (Nível Representacional) das unidades linguísticas (Nível Morfossintático) que ocorrem, no Componente Gramatical, por meio das operações de Formulação e de Codificação.

Ainda que, em um primeiro momento, a *base volicional* e a *fonte de ordenação volicional* possam explicitar as principais nuances de diferenciação entre as modalidades deôntica e volitiva, a partir das conceitualizações subjetivas e dos conhecimentos do Falante acerca da realidade extralinguística (Componente Conceitual), outras categorias de ordem pragmática, semântica e morfossintática são necessárias para que se possa atender ao objetivo geral desta pesquisa, como se verá nas seções seguintes, em que será descrito e analisado o comportamento do *elemento do desejo* dentro do Componente Gramatical, a partir da inter-relação entre o domínio semântico, relativo às modalidades deôntica e volitiva, com as demais categorias de análise referentes aos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático.

5.2 A Volitividade e a inter-relação com as categorias de análise referentes ao Nível Interpessoal

Nesta seção, será abordada a inter-relação entre o domínio semântico e as categorias de análise relativas ao Nível Interpessoal, a saber: (i) o tipo de Ilocução; e (ii) a posição do Falante na incidência do valor modal; no intuito de verificar como a *Volitividade* se manifesta por meio das modalidades deôntica e volitiva, no que tange, especificamente, à operação de

Formulação, buscando, assim, averiguar quais os elementos de convergência e divergência entre ambos os conteúdos modais.

No que diz respeito à inter-relação entre o domínio semântico e o tipo de Ilocução, verificou-se que o valor do Qui-quadrado foi 0,40 ($p > 0,05$). Desse modo, parece indicar que não há um condicionamento de uma categoria de análise sobre a outra. No entanto, verificou-se que há um comportamento semelhante entre as modalidades deôntica e volitiva na manifestação da *Volitividade* no que é relativo aos padrões ilocucionais propostos por Hengeveld e Mackenzie (2008) na GDF, como pode ser visto na Tabela 2:

Tabela 2: A inter-relação entre o domínio semântico e os tipos de Ilocução

Tipo de Ilocução	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Declarativa	58 (36,9%)	94 (59,9%)	152 (96,8%)
Interrogativa	01 (0,6%)	04 (2,5%)	05 (3,2%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Por meio da Tabela 2, examina-se que há uma predominância pela *Ilocução Declarativa* (152 ocorrências, que totalizam 96,8%) na manifestação da *Volitividade*. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), as diferentes Ilocuções que estão contidas em um Ato Discursivo capturam as propriedades lexicais e formais desse Ato Discursivo, podendo ser atribuídas ao seu uso interpessoal convencionalizado para que o Falante possa atingir uma intenção comunicativa. Nesse sentido, as intenções comunicativas incluem os diferentes tipos de Atos Discursivos, como chamar a atenção, afirmar, ordenar, questionar, advertir, solicitar, etc., que, por sua vez, podem mapear os diferentes tipos de Ilocuções, tais como Declarativa, Imperativa, Proibitiva, Exortativa, Optativa, Imprecativa, etc. Segundo os autores, como todo Ato Discursivo contém uma Ilocução, a presença de *indicadores ilocucionários* é um diagnóstico para o *status* do Ato Discursivo de uma unidade linguística.

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), as Ilocuções contidas em um Ato Discursivo podem ser modificadas por meio de algum material lexical que se relaciona com o predicado ilocucionário, seja este material abstrato ou lexical. Assim sendo, as Ilocuções podem ser alteradas por meio de: (i) *modificadores*, que são restritivos e, conseqüentemente, serão representados como restritores no predicado ilocucionário, como no exemplo: *I promise you sincerely that this is not a trick* [Prometo sinceramente que isso não é um truque] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 81); em que o modificador *sincerely* modifica um

predicado ilocucionário lexical, não alterando o Ato Discursivo como um todo, mas a Ilocução, que é relativa a uma promessa sincera que está sendo feita; e (ii) *operadores*, que podem enfatizar ou mitigar uma Ilocução específica, haja vista que um Ato Discursivo como um todo pode ser enfatizado ou mitigado, na medida em que os operadores podem se combinar com qualquer Ilocução; assim sendo, a força ilocucionária também pode ser afetada por meio desses operadores, como no exemplo do holandês, em que o operador *maar* pode modificar Ilocuções Declarativas: *Je moet maar gaan fietsen [You should go to for a bike ride, you know]* (Você deveria dar um passeio de bicicleta, você sabe) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 83).

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), a *Volitividade*, expressa por meio das modalidades deôntica e volitiva, atua na camada da Ilocução por meio de operadores deônticos e volitivos que incidem sobre as Ilocuções Declarativas, que, conforme os autores, são relativas à informação fornecida pelo Falante ao Ouvinte acerca do Conteúdo Proposicional que é evocado por meio do Conteúdo Comunicado, como se pode averiguar nas ocorrências (5) e (6):

- (5) Como María, Madre de la Caridad, **queremos** ser una Iglesia que salga de casa para tender puentes, romper muros, sembrar reconciliación (H9).

[Como Maria, Mãe da Caridade, queremos ser uma Igreja que sai de casa para construir pontes, derrubar muros, semear reconciliação]

- (6) En primer lugar, **debemos** estar atentos a la elaboración de «bellos» acuerdos que nunca llegan a concretarse (H25).

[Antes de mais nada, devemos estar atentos à elaboração de acordos "lindos" que nunca se concretizam]

Em (5) e (6), a *Volitividade* é manifestada, respectivamente, por meio das modalidades volitiva e deôntica, em que os operadores *querer* e *deber* incidem sobre as Ilocuções Declarativas, enfatizando o desejo de ser uma Igreja que vai ao encontro dos fiéis, rompendo pontes e muros e buscando a reconciliação (modalidade volitiva – base volicional em que o desejo do Falante é relativo a um mundo em que todos os fiéis católicos vivem em paz, harmonia e em perfeita reconciliação com os demais) e a obrigação de estar atento aos acordos que nunca chegam a ser concretizados (modalidade deôntica – base volicional em que a regra e a norma de conduta nunca é violada, ou seja, luta-se para que esses acordos nunca sejam aprovados).

Ainda em relação às Ilocuções Declarativas, os operadores volitivos podem atuar por meio de *perguntas retóricas*, que, segundo Araújo e Freitag (2010), são feitas pelo Falante, mas que não são respondidas nem pelo Ouvinte nem pelo próprio Falante, haja vista que se referem

a um tipo de asserção [-resposta] e não a uma pergunta em seu sentido pleno, isto é, que precisaria, necessariamente, de uma resposta [+resposta]. Conforme os autores, as perguntas retóricas são formuladas pelo Falante como um recurso para manter o turno e, assim, estabelecer contato (função fática), em que a elaboração desse tipo de pergunta considera o conhecimento e o compartilhamento de informações entre os Participantes (Falante e Ouvinte) da interação (pragmática) e a relevância do contexto comunicativo, como pode ser constatado na ocorrência (7):

- (7) Como sucedió en la sinagoga de Nazaret, el Señor, en medio nuestro, sus amigos y conocidos, vuelve a ponerse de pie, a tomar el libro y decirnos: «Hoy se ha cumplido este pasaje de la Escritura que acaban de oír» (Lc 4,21). Queridos jóvenes ¿**Quieren** vivir la concreción de su amor? Que vuestro “sí” siga siendo la puerta de ingreso para que el Espíritu Santo nos regale un nuevo Pentecostés a la Iglesia y al mundo. Que así sea. (H30).

[Como aconteceu na sinagoga de Nazaré, o Senhor, em nosso meio, seus amigos e conhecidos, se levanta novamente, pega o livro e nos diz: «Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabaram de ouvir.» (Lc 4,21). Queridos jovens, vocês querem viver a realização do seu amor? Que o seu "sim" continue a ser a porta de entrada do Espírito Santo para nos dar um novo Pentecostes à Igreja e ao mundo. Que assim seja]

Em (7), o operador volitivo *querer* é empregado para enfatizar a necessidade volitiva de viver a realização do amor de Jesus na vida dos jovens, o que, do ponto de vista do Falante, parece se tratar de algo desejado pelo Ouvinte (os jovens católicos). Desse modo, o Falante, ao fazer uso de uma pergunta retórica, parte do conhecimento compartilhado com seu Ouvinte, no caso, que eles desejam viver a plenitude do amor de Jesus em suas vidas, o que é justificado pela manifestação da Ilocução Optativa: *Que vuestro “sí” siga siendo la puerta de ingreso para que el Espíritu Santo nos regale un nuevo Pentecostés a la Iglesia y al mundo*; que expressa o desejo do Falante de que a busca pela plenitude do amor de Jesus na vida dos jovens (algo já desejado por eles) se dê por meio da ação do Espírito Santo.

Ainda que não se tenha encontrado nas homilias do Papa Francisco casos de modificadores atuando na camada da Ilocução para expressar *Volitividade*, é possível encontrarmos advérbios deônticos e volitivos (Palavras Gramaticais) que possam engendrar o *elemento do desejo*, alterando o predicado ilocucional contido na Ilocução Declarativa, como nestes exemplos retirados da Internet:¹⁷³

¹⁷³ Devido à inexistência de alguns casos específicos relativos às modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito à expressão da *Volitividade*, recorreu-se a alguns exemplos retirados da Internet como forma de ampliar e especificar aqueles casos não encontrados nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, mas que também dizem respeito à manifestação do *elemento do desejo*. Reitera-se que, ao longo da análise, foram colocados diversos exemplos retirados da Internet, sendo, majoritariamente, relativos a outros

- (8) Pensé que era donde quería estar, pero para serles honesto me di cuenta que no era suficiente, para poder pasar el mayor tiempo posible con mis Hijos. Para darle más atención y para poder ser el padre que **deseosamente** quiero ser, uno que pueda vivir todas sus etapas y aportarle más de los buenos valores que debemos tener como seres humanos.¹⁷⁴
[Achei que era onde eu queria estar, mas para ser sincero percebi que não era suficiente, poder ficar o máximo possível com meus Filhos. Para dar-lhe mais atenção e ser o pai que desejosamente quero ser, aquele que pode viver todas as suas fases e trazer-lhe mais dos bons valores que devemos ter como seres humanos]
- (9) Llegando ahí ya sería una proeza por parte del Barça porque llegar a la final del Bernabeu ya essss... Ganarla no se pero **deseosamente** quiero que GANE y poder ver que Florentino le de la mano a los jugadores cuando vayan a recojer la copa Viscaaaaa Barça!!!¹⁷⁵
[Chegar lá já seria uma façanha para o Barça porque chegar à final do Bernabeu já é essss ... Não sei se vai ganhar, mas espero desejosamente que ele VENÇA e poder ver que Florentino apertar a mão dos jogadores quando forem pegar Taça Viscaaaaa Barça!!!]
- (10) No, yo la uso ya que tengo un Huawei gama alta pero el juego concidera que **obligatoriamente** debo jugar en bajo con fps bajos, con esa app facilmente corro todo al maximo, relax no ocurre nada. Solo hazlo despues de la actualización ya que debes copiar el obb cada actualización.¹⁷⁶
[Não, eu uso já que tenho um Huawei topo de linha, mas o jogo considera que obrigatoricamente devo jogar em low com fps baixo, com esse app eu facilmente executo tudo ao máximo, relaxa nada acontece. Faça isso somente após a atualização, pois você deve copiar o obb a cada atualização]
- (11) #Lodijo la Vicepresidenta@drodriven2 Hay medidas que **obligatoriamente** debemos mantener el uso de la mascarilla, lavarse las manos, el uso de alcohol y distanciamiento social. Las medidas de seguridad se tomarán en cuenta a las sugerencias de integración al trabajo.¹⁷⁷
[#Lodijo la Vice-president @ drodriven2 Existem medidas que obrigatoricamente devemos manter o uso de máscara, lavar as mãos, uso de álcool e distanciamiento social. As medidas de segurança serão levadas em consideração às sugestões de integração ao trabalho]

materiais produzidos pelo Papa Francisco, tais como Exortações Apostólicas, Cartas Apostólicas, Discursos, Mensagens, Entrevistas, Encíclicas, etc. A priori, pensou-se na elaboração de um *corpus* em que todos esses materiais fossem contemplados. No entanto, isto seria inviável em termos de análise dos dados, pois haveria muitas ocorrências (aproximadamente 5.000), em que a maioria delas se repetiam em termos das categorias de análise pautadas para esta pesquisa. Por isso, optou-se por trabalhar apenas com um gênero específico, a homilia; inserindo, pois, na análise, apenas as particularidades encontradas nos demais materiais produzidos pelo Papa Francisco, como forma de exemplificar os casos mais específicos que foram encontrados nesses materiais e que diziam respeito à manifestação da *Volitividade* por meio das modalidades deontica e volitiva.

¹⁷⁴ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://nenp.facebook.com/groups/MarketingyNegociosWeb/permalink/2536787139915435/>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

¹⁷⁵ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.3djuegos.com/comunidad-foros/tema/2023163/0/final-de-la-champions/>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

¹⁷⁶ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/CallofDutyMobileES/comments/i6xi3z/hola_comunidad_creen_que_se_reciba_bann_eo_por/>. Acesso em: 17 jul. 2020.

¹⁷⁷ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://twitter.com/venezuelasaime/status/1258886820458348545?lang=bn>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

Em (8) e (9), o advérbio volitivo *deseosamente* atua como um modificador de uma Ilocução Declarativa, respectivamente, relativa à volição de ser um pai “perfeito” para o filho e ao desejo de que o time de futebol Barça seja o vitorioso da partida. Por sua vez, em (10) e (11), constata-se o emprego do advérbio deôntico *obrigatoriamente* que também atua como um modificador de Ilocução Declarativa, designadamente, referente à obrigação de brincar com o jogo sob as regras estabelecidas e ao dever de manter o uso de máscaras, lavar as mãos, aplicar álcool em gel e manter distanciamento social em virtude da pandemia do novo coronavírus. Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), os modificadores que atuam na camada da Ilocução funcionam como uma espécie de estratégia comunicativa por parte do Falante no que diz respeito à força ilocucionária dos atos de fala (Ilocuções), podendo asseverar ou atenuar o Conteúdo Comunicado contida na Ilocução.

Para além da instauração das modalidades deôntica e volitiva, averiguou-se que a *Volitividade*, como categoria linguística relativa à manifestação do *elemento do desejo* (JESPERSEN, 1924), pode ser expressa por meio de outros tipos de Ilocuições, tais como: Imperativa, Proibitiva, Exortativa e Optativa; como se pode ver na Tabela 3, em que se encontra a frequência desses padrões ilocucionais nas homilias do Papa Francisco, mas que não dizem respeito à instauração de modalidade deôntica e volitiva, por isso não foram contabilizados como ocorrências no *corpus*:

Tabela 3: A frequência das Ilocuições Imperativa, Proibitiva, Exortativa e Optativa nas homilias do Papa Francisco

Tipo de Ilocução	Frequência	Porcentagem
Exortativa	40	33,1%
Optativa	38	31,4%
Imperativa	24	19,8%
Proibitiva	19	15,7%
Total	121	100%

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), as Ilocuições Exortativas (40 ocorrências, que totalizam 33,1%) dizem respeito ao encorajamento do Falante que induz ao seu Ouvinte a juntos realizarem a ação que é evocada pelo Conteúdo Comunicado. Por seu turno, as Ilocuições Optativas (38 ocorrências, que totalizam 31,4%) são relativas à indicação que é fornecida pelo Falante ao Ouvinte acerca do desejo de que um dado evento positivo que é evocado pelo Conteúdo Comunicado venha a ocorrer. Por sua vez, as Ilocuições Imperativas (24 ocorrências, que totalizam 19,8%) se referem à orientação que é fornecida pelo Falante ao

Ouvinte em realizar a ação evocada pelo Conteúdo Comunicado. Por fim, as Ilocuções Proibitivas (19 ocorrências, que totalizam 15,7%) estão relacionadas à proibição que é imposta pelo Falante ao Ouvinte em realizar a ação que é evocada pelo Conteúdo Comunicado. As ocorrências de (12) a (15) ilustram, respectivamente, esses tipos de Ilocuções:

- (12) Dios siempre se acerca a las periferias de los que se han quedado sin vino, los que sólo tienen para beber desalientos; Jesús siente debilidad por derrochar el mejor de los vinos con aquellos a los que por una u otra razón, ya sienten que se les han roto todas las tinajas. Como María nos invita, **hagamos «lo que el Señor nos diga», lo que Él nos diga** y agradezcamos que en este nuestro tiempo y nuestra hora, el vino nuevo, el mejor, nos haga recuperar el gozo de ser familia, el gozo de vivir en familia (H15).

[Deus sempre se aproxima das periferias de quem está sem vinho, de quem só tem desânimo para beber; Jesus tem fraqueza em desperdiçar o melhor dos vinhos com quem, por um motivo ou outro, já sente que todas as jarras estão quebradas. Como Maria nos convida, façamos "o que o Senhor nos diz", o que Ele nos diz e agradecemos que neste nosso tempo e na nossa hora, o vinho novo, o melhor, nos faça recuperar a alegria de ser família, a alegria de morar com família]

- (13) **Ojalá todos fuéramos profetas. Ojalá cada uno de nosotros se abriera a los milagros del amor**, para el bien de su propia familia y de todas las familias del mundo, y estoy hablando de milagro de amor, y de esa manera poder así superar el escándalo de un amor mezquino y desconfiado, encerrado en sí mismo e impaciente con los demás (H5).

[Que todos nós fôssemos profetas. Que cada um de nós esteja aberto aos milagres do amor, para o bem de sua própria família e de todas as famílias do mundo, e estou falando de um milagre de amor, e assim poderemos superar o escândalo de um amor mesquinho e desconfiado, retraído e impaciente com os outros]

- (14) Hermanas y hermanos, consagradas y sacerdotes. **Pedid la gracia de la memoria para hacer crecer el espíritu de gratitud** (H2).

[Irmãs e irmãos, mulheres consagradas e padres. Peça a graça da memória para aumentar o espírito de gratidão]

- (15) Si no tienes pecado, pues tírale la primera piedra, pero solamente con esa condición, sino piensa en tus pecados y piensa que tú puedes ser esa persona, piensa que tú potencialmente puedes llegar más bajo todavía y piensa que tú en ese momento tienes un tesoro en las manos en tus manos que es la misericordia del Padre. Por favor, a los sacerdotes, **no se cansen de perdonar**, sean perdonadores, **no se cansen de perdonar como lo hacía Jesús. No se escondan en miedos o en rigideces** (H7).

[Se você não tem pecado, então atire a primeira pedra nele, mas apenas com aquela condição, mas pense nos seus pecados e pense que você pode ser aquela pessoa, pense que você pode potencialmente chegar ainda mais baixo e pense que você naquele momento você tem um tesouro em suas mãos que é a misericórdia do pai. Por favor, sacerdotes, não se cansem de perdoar, perdoem, não se cansem de perdoar como Jesus. Não se esconda com medo ou rigidez]

Em (12), o Conteúdo Comunicado contém uma recomendação do Falante ao Ouvinte de que juntos realizem a situação evocada, o que pode ser verificado por meio do emprego da

primeira pessoa do plural, *nosotros (hagamos)*, no tange a fazer a vontade do Senhor, conforme o que ele tem dito por meio das Escrituras. Por sua vez, em (13), o Conteúdo Comunicado contém a indicação de um desejo do Falante que é fornecido ao Ouvinte, em relação à concretização de um evento positivo, no caso, que todos os católicos fossem profetas e que cada um abrisse o seu coração para os milagres do amor. Por seu turno, em (14), o Conteúdo Comunicado contém uma solicitação feita pelo Falante ao Ouvinte, o que pode ser constatado por meio da segunda pessoa do plural, *vosotros (Pedid)*, de que seja realizada a situação evocada, no caso, pedir a graça de sempre se lembrar das coisas vividas para que se desperte o espírito de gratidão. Por seu lado, em (15), o Conteúdo Comunicado contém uma proibição imposta pelo Falante ao Ouvinte, o que pode ser averiguado por meio do advérbio de negação *no* e pelo emprego da terceira pessoa do plural, *ustedes (cansen e escondan)*, de que o evento designado seja realizado, em questão, que não se cansem de perdoar e que não se escondam por causa de seus medos.

Em relação às Ilocuções Imprecativas, Hengeveld e Mackenzie (2008) determinam que esse tipo de padrão ilocucional se caracteriza pela indicação feita pelo Falante ao Ouvinte em relação ao desejo de que o evento negativo evocado pelo Conteúdo Comunicado deva ocorrer. Ainda que não se tenha encontrado Ilocuções Imprecativas nas homilias do Papa Francisco, isso não significa que seja impossível encontrá-las em língua espanhola, como se pode atestar nestes exemplos retirados da Internet:

- (16) Pero nosotros no queremos nada, sólo que ella muera. ¡Sí, sí! **Que ella muera.** Será su tumba, nuestra propia muerte, seremos su infierno, su infierno. Estás muerto, estás muerto antes de nacer.¹⁷⁸
[Mas não queremos nada, só que ela morra. Sim Sim! Que ela morra. Será seu túmulo, nossa própria morte, seremos seu inferno, seu inferno. Você está morto, você está morto antes de nascer]
- (17) Aplausos por el colombiano Yepes... y esa basura que tiraba el balón... cuando se muera, **ojalá sea atropellado.**¹⁷⁹
[Aplausos pelos Yepes colombianos ... e aquele lixo que jogou a bola ... quando ele morrer, que seja atropelado]
- (18) Cuantas veces te dije llorando, no juegues conmigo. Ni me eches mentiras, porque vas a quedarte en la calle, tirada y perdida vendiendo tu vida. Yo te dije piensa lo que dices no ves que la vida ss como un columpio, cuando sube se siente bonito, pero cuando baja eso duele mucho. Ya lo vez, hoy te encuentras perdida,

¹⁷⁸ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.ouvirmusica.com.br/los-violadores/985664/>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

¹⁷⁹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://kzblow.info/clone/aparece-un/ka3R2Gmrf6pzmrM.html>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

vendiendo tu vida, y yo muy contento. **Quiera Dios que tu cuerpo se seque y que de repente se lo lleve el viento.**¹⁸⁰

[Quantas vezes já falei pra você chorar, não brinque comigo. Nem minta pra mim, porque você vai ficar na rua, jogado fora e perdido, vendendo a vida. Já falei pra você pensar o que fala, você não vê que a vida é como um balanço, quando sobe fica uma sensação gostosa, mas quando desce dói muito. Veja, hoje você está perdido, vendendo sua vida, e estou muito feliz. Que seu corpo seque e seja levado pelo vento]

De (16) a (18), constata-se a negatividade do evento evocado por meio do Conteúdo Comunicado, em que os diferentes sujeitos manifestam o desejo de concretização da situação contida na Ilocução Imprecativa, respectivamente que uma mulher morra, que uma pessoa seja atropelada e que o corpo de uma mulher seque e que o vento o leve.

No que diz respeito a essas Ilocuções, pode-se inferir que o tipo de situação evocada pelo Conteúdo Comunicado possa diferenciar os padrões ilocucionais supracitados. Nesse sentido, pressupõe-se que a controlabilidade ou não [\pm controle] sobre a situação designada distinguiria as Ilocuções Imperativas, Proibitivas e Exortativas das Ilocuções Optativas e Imprecativas, em que estas conteriam o traço [-controle], enquanto aquelas conteriam o traço [+controle]. Desse modo, as Ilocuções Imperativas, Proibitivas e Exortativas estariam situadas no *eixo da conduta*, impondo-se ao agente a obrigação ou a proibição de realizar a situação designada pelo Conteúdo Comunicado, em virtude da controlabilidade da situação evocada, enquanto as Ilocuções Optativas e Imprecativas estariam situadas no *eixo da volição*, expressando aos demais sujeitos o desejo de concretização da situação designada pelo Conteúdo Comunicado, situação esta não controlada por parte do sujeito que deseja.

Ao se observarem esses padrões ilocucionais em que a *Volitividade* pode se manifestar, seja por meio de Ilocuções Declarativas (modalidades deôntica e volitiva, que contêm o *elemento do desejo*) ou por meio de Ilocuções Imperativas, Proibitivas, Exortativas, Optativas e Imprecativas (padrões ilocucionais que contêm o *elemento do desejo*), é possível que elas sejam diferenciadas também com base na *atitude volicional* do Falante perante o que é enunciado. Baseando-se em Lyons (1977), verifica-se que as funções desiderativas e instrumentais da linguagem servem tanto para expressar ou designar as vontades e os desejos dos sujeitos (*eixo da volição*) quanto para conseguir que algo seja feito a partir da imposição da própria vontade a outros agentes (*eixo da conduta*).

Nesse sentido, com base em Lyons (1977), distingue-se, para esta pesquisa, dois tipos específicos de *atitude volicional*, a saber: (i) o *ato volicional*, que é relativo à expressão ou à

¹⁸⁰ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.lyrics.com/lyric/8250442/Los+Rieleros+del+Norte/El+Columpio>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

designação dos desejos e das vontades dos sujeitos em relação à possibilidade ou à necessidade de concretização de um evento; e (ii) a *imposición volicional*, que se refere à imposição da própria vontade dos sujeitos sobre outros agentes para conseguir que um evento seja levado a cabo. Assim, pode-se inferir que as Ilocuções Declarativas (modalidade volitiva), Optativas e Imprecativas são *atos volicionais*, enquanto as Ilocuções Declarativas (modalidade deôntica), Imperativas, Exortativas e Proibitivas são *imposiciones volicionais*, como se pode constatar, respectivamente, nas ocorrências de (19) a (25):

Ato volicional – expressão ou designação dos desejos e vontades dos sujeitos acerca de um evento.

- (19) Hemos optado por Jesús y no por el demonio. **Queremos seguir sus huellas, pero sabemos que no es fácil. Sabemos lo que significa ser seducidos por el dinero, la fama y el poder (H11).**

[Nós escolhemos Jesus e não o diabo. Queremos seguir seus passos, mas sabemos que não é fácil. Nós sabemos o que significa ser seduzido por dinheiro, fama e poder]

- (20) Todo el que quiera traer a este mundo una familia, que enseñe a los niños a alegrarse por cada acción que tenga como propósito vencer el mal –una familia que muestra que el Espíritu está vivo y actuante– encontrará gratitud y estima, no importando el pueblo o la región o la religión a la que pertenezca. **Que Dios nos conceda a todos, ser profetas del gozo del Evangelio, del Evangelio de la familia, del amor de la familia (H5).**

[Quem quer trazer uma família a este mundo, que ensina os filhos a alegrar-se em cada ação que tem o propósito de vencer o mal - uma família que mostra que o Espírito está vivo e ativo - encontrará gratidão e estima, não importando a cidade ou região ou religião a que pertence. Que Deus nos conceda a todos ser profetas da alegria do Evangelho, do Evangelho da família, do amor à família]

- (21) Un maldito sargento con que vas a mantener una mujer, un diablo que no gana ni para mantenerse, para ponerla a pasar trabajo. **Que el diablo lo lleve al mismo infierno donde quiera que se encuentre.**¹⁸¹

[Um maldito sargento com quem você vai sustentar uma mulher, um demônio que não ganha nem para se sustentar, para colocá-la para trabalhar. Que o diabo te leve para o mesmo inferno onde quer que ele esteja]

Imposición volicional – imposição da vontade dos sujeitos sobre outros agentes para que realizem um evento.

- (22) El descanso es necesario, así como un tiempo para el ocio y el enriquecimiento personal, pero **debemos aprender a descansar de manera que aumente nuestro**

¹⁸¹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://almomento.net/santiago-sargento-pn-asesina-mujer-supuestamente-acosaba-y-se-suicido/>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

deseo de servir generosamente. La cercanía a los pobres, a los refugiados, a los inmigrantes, a los enfermos, a los explotados, a los ancianos que sufren la soledad, a los encarcelados y a tantos otros pobres de Dios nos enseñará otro tipo de descanso, más cristiano y generoso (H2).

[O descanso é necessário, assim como o tempo para o lazer e o enriquecimento pessoal, mas devemos aprender a descansar de forma a aumentar o nosso desejo de servir com generosidade. A proximidade com os pobres, refugiados, imigrantes, doentes, explorados, idosos que sofrem solidão, presos e tantos outros pobres de Deus nos ensinará outro tipo de descanso, mais cristão e generoso]

- (23) Es nuestra historia personal; al igual que muchos otros, cada uno de nosotros puede decir: yo también soy un pecador en el que Jesús puso su mirada. Los invito a que hoy en sus casas, o en la iglesia, estén tranquilos, solos. **Hagan un momento de silencio para recordar con gratitud y alegría aquellas circunstancias, aquel momento en que la mirada misericordiosa de Dios se posó en nuestra vida** (H8).

[É nossa história pessoal; Como muitos outros, cada um de nós pode dizer: Eu também sou um pecador que Jesus buscou. Convido você a ter calma em casa hoje, ou na igreja, sozinho. Tire um momento de silêncio para lembrar com gratidão e alegria aquelas circunstâncias, aquele momento em que o olhar misericordioso de Deus pousou em nossas vidas]

- (24) **Pidámosle a nuestro Dios el don de la conversión, el don de las lágrimas, pidámosle tener el corazón abierto,** como los ninivitas, a su llamado en el rostro sufriente de tantos hombres y mujeres. ¡No más muerte ni explotación! Siempre hay tiempo de cambiar, siempre hay una salida, siempre hay una oportunidad, siempre hay tiempo de implorar la misericordia del Padre (H14).

[Peçamos ao nosso Deus o dom da conversão, o dom das lágrimas, peçamos-lhe que tenha o coração aberto, como os ninivitas, ao seu chamado no rosto sofrido de tantos homens e mulheres. Não há mais morte ou exploração! Sempre há tempo para mudar, sempre há uma saída, sempre há uma oportunidade, sempre há tempo para implorar a misericórdia do Pai]

- (25) Así como esta monja y todas las que están en su mismo trabajo no se ponen furiosas cuando encuentran al enfermo sucio, mal, sino que lo sirven, lo limpian, lo cuidan. Así tú cuando te llega el penitente **no te pongas mal, no te pongas neurótico, no lo echas del confesionario, no lo retes** (H7).

[Assim como esta freira e todas as que estão no mesmo emprego não se irritam quando encontram o doente sujo, ruim, mas servem, limpam, cuidam dele. Então, quando o penitente vier até você, não fique mal, não fique neurótico, não o jogue para fora do confessionário, não o desafie]

De (19) a (21), verifica-se que a situação evocada pelo Conteúdo Comunicado é relativa a eventos que fogem ao controle humano [-controle] e referentes a um mundo em que os desejos dos sujeitos são concretizados (fonte de ordenação volicional volitiva – *eixo da volição*). Por seu lado, de (22) a (25), constata-se que a situação evocada pelo Conteúdo Comunicado diz respeito a eventos controlados [+controle] e referentes a um mundo em que as normas e regras de conduta são cumpridas e não violadas (fonte de ordenação volicional deôntica – *eixo da conduta*).

O Quadro 14 traz o resumo da manifestação da *Volitividade* por meio dos diferentes tipos de Ilocuções:

Quadro 14: A Volitividade manifestada por meio de Ilocuções

<p><i>Volitividade</i>: a manifestação do elemento do desejo</p> <p>↓</p> <p><i>Base volicional</i> circunstancial</p> <p>↓</p>			
<p><i>Fonte de ordenação volicional</i>: relativa a um mundo em que todos os desejos dos sujeitos são concretizados</p> <p>↓</p>		<p><i>Fonte de ordenação volicional</i>: relativa a um mundo em que todas as regras e normas de conduta são cumpridas e não violadas</p> <p>↓</p>	
<p><i>Ato volicional</i>: expressão volicional relativa à concretização de um evento (eixo da volição)</p> <p>↓</p>		<p><i>Imposição volicional</i>: expressão volicional que conduz à realização de um evento (eixo da conduta)</p> <p>↓</p>	
<p>Ilocuções Optativas e Imprecativas</p> <p>↓</p>	<p>Ilocuções Declarativas</p> <p>↓</p>		<p>Ilocuções Imperativas, Proibitivas e Exortativas</p> <p>↓</p>
<p>Optativa: indicação do Falante ao Ouvinte acerca do desejo de concretização de um evento positivo.</p>	<p>Modalidade Volitiva: relativa ao que é (in)desejável.</p>	<p>Modalidade Deontica: relativa ao que é moral, legal e socialmente aceito em termos de regras e normas de conduta.</p>	<p>Imperativa: o Falante solicita ao Ouvinte a realização de um evento.</p>
<p>Imprecativa: indicação do Falante ao Ouvinte acerca do desejo de</p>			<p>Proibitiva: o Falante solicita ao Ouvinte a não realização de um evento.</p>

concretização de um evento negativo.			Exortativa: o Falante solicita ao Ouvinte que juntos realizem um evento.
--------------------------------------	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Considerando a *atitude volicional* do Falante, pondera-se que isso possa ter reflexo na forma como ele se posiciona em relação ao valor modal deôntico ou volitivo instaurado. Assim, para a modalidade deôntica, situada no *eixo da conduta*, a imposição volicional conduziria à não inclusão do Falante no valor modal instaurado, haja vista que este imporá a sua vontade sobre os demais sujeitos, no intuito de que as regras e normas de conduta sejam cumpridas e não violadas (fonte de ordenação volicional deôntica). Por seu lado, para a modalidade volitiva, situada no *eixo da volição*, o ato volicional seria a expressão dos desejos e das vontades do Falante, fazendo com que ele se incluísse no valor modal instaurado, cujo evento volicionado é referente a situações em que todos os desejos são concretizados (fonte de ordenação volicional volitiva).

Ao se fazer a inter-relação entre o domínio semântico e a posição do Falante na incidência do valor modal instaurado, verifica-se que o valor do Qui-quadrado foi 0,94 ($p > 0,05$), ou seja, não há um condicionamento de uma categoria de análise sobre a outra. Em outras palavras, as modalidades deôntica e volitiva apresentam um comportamento similar no que tange à posição do Falante na incidência do valor modal, o que pode ser averiguado na Tabela 4:

Tabela 4: A inter-relação entre o domínio semântico e a posição do Falante na incidência do valor modal

A posição do Falante na incidência do valor modal	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Não inclusão	34 (21,7%)	57 (36,3%)	91 (58%)
Inclusão	25 (15,9%)	41 (26,1%)	66 (42%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

A partir dos dados da Tabela 4, constata-se que o Falante pode tanto se incluir (66 ocorrências, que totalizam 42%) quanto não se incluir (91 ocorrências, que totalizam 58%) no valor modal na instauração das modalidades deôntica e volitiva. Com base em Nagamura

(2011), acredita-se que o posicionamento do Falante na incidência do valor modal instaurado (*inclusão e não inclusão*) pode, em certa medida, revelar os graus de objetivação e subjetivação dos conteúdos modais, funcionando, dessa forma, como uma estratégia de asseveração [+intensificado] ou atenuação [-intensificado] dos valores modais (deônticos e volitivos) instaurados.

Tomando por base Hengeveld (1987, 1988, 1989) e Hengeveld (2004), pode-se constatar que a *não inclusão* do falante na incidência do valor modal favorece a uma *objetivação da modalidade* [-subjetivo], cujos operadores modais incidem sobre predicados/predicações e não há marcas linguísticas que revelem alguma avaliação pessoal do falante acerca do que é dito por meio do enunciado modalizado; enquanto a *inclusão* do falante na incidência do valor modal favorece a uma *subjetivação da modalidade* [+subjetivo], cujos operadores modais incidem sobre proposições, revelando o grau de comprometimento do falante acerca do que é dito no enunciado modalizado.

As ocorrências de (26) a (30) ilustram os conceitos de objetivação e subjetivação dos conteúdos modais, considerando a *inclusão* e a *não inclusão* do Falante na incidência do valor modal:

Não inclusão do Falante na incidência do valor modal – objetivação do conteúdo modal veiculado.

(26) Él nos está esperando y **quiere** sanar nuestros corazones de todo lo que degrada, degradándose o degradando a otros. Es el Dios que tiene un nombre: misericordia (H11).

[Ele está esperando por nós e quer curar nossos corações de tudo que degrada, degrada ou degrada os outros. É o Deus que tem nome: misericórdia]

(27) Los discípulos son aquellos que aprenden a vivir en la confianza de la amistad. El Evangelio nos habla de este discipulado. Nos presenta la cédula de identidad del cristiano. Su carta de presentación, su credencial. Jesús llama a sus discípulos y los envía dándoles reglas claras, precisas. Los desafía con una serie de actitudes, comportamientos que **deben** tener (H20).

[Os discípulos são aqueles que aprendem a viver na confiança da amizade. O Evangelho nos fala sobre esse discipulado. Ele nos apresenta a carteira de identidade do cristão. Sua carta de apresentação, sua credencial. Jesus chama seus discípulos e os envia dando-lhes regras claras e precisas. Ele os desafia com uma série de atitudes, comportamentos que eles devem ter]

(28) En Él vemos cómo esa ley perfecta toma carne, toma rostro, toma la historia para acompañar y sostener a su Pueblo; se hace Camino, se hace Verdad, se hace Vida, para que las tinieblas no tengan la última palabra y el alba no deje de venir sobre la vida de sus hijos. De muchas maneras y de muchas formas **se ha querido** silenciar y callar este anhelo (H12).

[Nele vemos como aquela lei perfeita se faz carne, se faz cara, se faz história para acompanhar e sustentar o Seu povo; Torna-se Caminho, torna-se Verdade, torna-se Vida, para que as trevas não tenham a última palavra e o amanhecer não pare de vir sobre a vida dos seus filhos. De muitas maneiras e de muitas maneiras, tem-se desejado silenciar e silenciar esse desejo]

- (29) La familia constituye la gran «riqueza social», que otras instituciones no pueden sustituir, que **debe** ser ayudada y potenciada, para no perder nunca el justo sentido de los servicios que la sociedad presta a sus ciudadanos (H15).

[A família constitui a grande «riqueza social», que as outras instituições não podem substituir, que deve ser ajudada e fortalecida, para nunca perder o sentido justo dos serviços que a sociedade presta aos seus cidadãos]

Inclusão do Falante na incidência do valor modal – subjetivação do conteúdo modal veiculado.

- (30) Me imagino ese susurro de Jesús en la última Cena como un grito en esta misa que celebramos en «El Parque Bicentenario». Imaginémoslo juntos. El Bicentenario de aquel Grito de Independencia de Hispanoamérica. Ése fue un grito, nacido de la conciencia de la falta de libertades, de estar siendo exprimidos, saqueados, «sometidos a conveniencias circunstanciales de los poderosos de turno» (Evangelií Gaudium 213). **Quisiera** que hoy los dos gritos concuerden bajo el hermoso desafío de la evangelización. No desde palabras altisonantes, ni con términos complicados, sino que nazca de «la alegría del Evangelio», que «llena el corazón y la vida entera de los que se encuentran con Jesús (H16).

[Imagino aquele sussurro de Jesus na Última Ceia como um grito nesta missa que celebramos no "El Parque Bicentenario". Vamos imaginar juntos. O Bicentenario desse Grito de Independência da Hispano-América. Foi um grito que nasceu da consciência da falta de liberdade, de ser espremido, saqueado, "submetido à conveniência circunstancial dos poderosos de serviço" (Evangelií Gaudium 213). Gostaria que os dois gritos concordassem hoje sob o belo desafio da evangelização. Não de palavras pomposas, nem de termos complicados, mas nasce da "alegria do Evangelho", que "enche o coração e a vida inteira de quem encontra Jesus]

Com base em Hengeveld (2004), verifica-se, em (26) e (27), que as modalidades deôntica e volitiva, na manifestação da *Volitividade*, estão orientadas para o Participante (objetivação do conteúdo modal), cujos operadores modais volitivo e deôntico incidem sobre um predicado (nível interno à predicação). Em (26), o Falante reporta o desejo do participante (*Él – Jesús*) de sanar o coração dos homens com seu amor misericordioso e, em (27), a obrigação que recai sobre o participante (*discípulos*), no caso, o dever de ter uma série de atitudes e comportamentos que favoreçam a evangelização.

Por sua vez, em (28) e (29), as modalidades deôntica e volitiva, na manifestação da *Volitividade*, estão orientadas para o Evento (objetivação do conteúdo modal), cujos operadores modais deôntico e volitivo incidem sobre uma predicação. Em (28), o Falante reporta o desejo de concretização de um evento, no caso, a tentativa de silenciar e calar a vontade de que Jesus

(por meio da Igreja) seja Caminho, Verdade e Vida para o mundo e, em (29), a obrigação de realização de um evento, em questão, que a Família (representativo de todas as famílias de um modo geral) seja ajudada e potencializada como instituição basilar da sociedade.

Em (30), a modalidade volitiva, na manifestação da *Volitividade*, está orientada para a proposição, em que o modalizador volitivo *quisiera* incide sobre uma proposição (subjativação do conteúdo modal), revelando o comprometimento emocional e volitivo do Falante (a proposição é entendida como algo bom e agradável a partir da sua avaliação subjetiva) acerca do Conteúdo Proposicional que é veiculado, no caso, que o anúncio da evangelização nos países latino-americanos tenha a mesma força que o “Grito de Independência” nesses países.

No entanto, verificam-se casos em que a inclusão do Falante na incidência do valor modal está relacionada a operadores modais que incidem sobre predicados (nível interno à predicação), como se pode constatar nas ocorrências de (31) a (34):

- (31) En este Año de la Misericordia, y en este lugar, quiero con ustedes implorar la misericordia divina, **quiero** pedir con ustedes el don de las lágrimas, el don de la conversión (H14).

[Neste Ano da Misericórdia, e neste lugar, quero convosco implorar a misericórdia divina, quero pedir-vos o dom das lágrimas, o dom da conversão]

- (32) Los cristianos **queremos** insistir en nuestra propuesta de reconocer al otro, de sanar las heridas, de construir puentes, de estrechar lazos y de ayudarnos “mutuamente a llevar las cargas” (H16).

[Os cristãos queremos insistir na nossa proposta de reconhecer o outro, de curar feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de ajudar-se mutuamente a “carregar os nossos fardos”]

- (33) Dado que estoy llamado a vivir lo que pido a los demás, también **debo** pensar en una conversión del papado.¹⁸²

[Uma vez que fui chamado a viver o que peço aos outros, devo também pensar em uma conversão do papado]

- (34) La invitación al servicio posee una peculiaridad a la que **debemos** estar atentos (H6).

[O convite ao serviço tem uma peculiaridade à qual devemos estar atentos]

Em (31) e (32), a modalidade volitiva, conforme Hengeveld (2004), está orientada para o Participante, em que o operador modal volitivo *querer* incide sobre um predicado, no caso, *pedir* e *insistir*, para manifestar, respectivamente, a intenção (volição) de pedir pelo dom das lágrimas (arrependimento dos pecados) e da conversão (o modalizador flexionado na primeira

¹⁸² Devido à inexistência de casos de primeira pessoa do singular para o modalizador *deber* no *corpus* selecionado para esta pesquisa, recorreu-se a este exemplo retirado da Exortação Apostólica do Papa Francisco *Evangelii Gaudium*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_sp.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

pessoa do singular, *quiere*) e insistir na proposta de reconhecer no outro a presença de Deus e sanar as suas feridas (o modalizador flexionado na primeira pessoa do plural, *queremos*).

Em (33) e (34), a modalidade deôntica, segundo Hengeveld (2004), está também orientada para o Participante, em que o operador modal deôntico *deber* incide sobre um predicado, no caso, *pensar* e *estar*, para instaurar, respectivamente, a obrigação que recai apenas sobre o Falante (o que pode ser evidenciado por meio da marca de primeira pessoa do singular, *debo*), que consiste em pensar em uma renovação do papado e o dever que recai sobre todos os cristãos, o que também inclui o Falante (o que pode ser constatado por meio da marca de primeira pessoa do plural, *debemos*), de estar atento no serviço aos demais (prestar auxílio e amparo aos mais necessitados).

Ao se avaliar as ocorrências de (31) a (34), pode-se ponderar a possibilidade de que a inclusão do Falante na incidência do valor modal possa conduzir a uma subjetivação dos conteúdos modais deônticos e volitivos ao nível do predicado (interno à predicação). A resposta para esta questão parece estar solucionada em Mackenzie (2017). Segundo o autor, as questões de objetividade e subjetividade, no aparato teórico da GDF, estão pautadas na posição em que as unidades linguísticas ocupam dentro do Ato Discursivo, que, por sua vez, pode estar composto por Ilocuções, Conteúdos Comunicados, Participantes (P₁ e P₂), Subatos de Referência e Subatos de Atribuição.

Nesse sentido, conforme Mackenzie (2017), os dados estudados na GDF estão pautados em Atos Discursivos encontrados em textos (orais e escritos) de fala espontânea, em que eles contêm pelos menos um estatuto ilocucionário e uma codificação fonológica. Para exemplificar, o autor sugere que uma exclamação, como *Parabéns!*, tem uma ilocução congratulatória e uma forma segmental e prosódica, mas este Ato Discursivo não tem semântica ideacional nem morfossintaxe. No entanto, Atos Discursivos mais sofisticados, como *Você ganhou um prêmio*, tem não apenas um estatuto ilocucionário (Ilocução Declarativa) e uma expressão fonológica, mas também semântica objetiva de transitividade [Ator – Ação – Paciente] e forma morfossintática [Sujeito – Verbo – Objeto]. Assim sendo, a análise de um Ato Discursivo, na GDF, envolve no mínimo dois e no máximo quatro níveis: dois de Formulação (Níveis Interpessoal e Representacional) e/ou dois de Codificação (Níveis Morfossintático e Fonológico).

De acordo com Mackenzie (2017), a hierarquização do modelo da GDF em níveis e camadas favorece que haja uma co-presença e um entrelaçamento da subjetividade e da objetividade que caracterizam a composição e a realização dos Atos Discursivos, haja vista que

os Níveis Morfossintático e Fonológico (Codificação) conciliam o que sai dos Níveis Interpessoal e Representacional (Formulação). Desse modo, os constituintes que derivam de camadas mais elevadas do Componente Gramatical (subjativas) ocupam, na ordem morfossintática, uma posição mais periférica em relação ao núcleo, ao passo que os constituintes de camadas mais baixas (objetivas) ocupam uma posição mais central. Assim, dentro de cada nível em que ocorre a operação de Formulação, a localização de um elemento em camada superior, que, por sua vez, tem escopo sobre elementos de camada inferior, leva à ocupação de posições mais periféricas em comparação com elementos vindos de camadas inferiores.

Dessa forma, com base em Mackenzie (2017), nas ocorrências de (31) a (34), verifica-se que os operadores modais deônticos e volitivos ocupam posições mais centrais dentro do Ato Discursivo (Ilocução Declarativa), revelando, assim, o estatuto objetivo de concretização de um evento, em que há um Participante (Falante / Falante e Ouvinte) descrito em um evento e a possibilidade de realização desse evento por parte desse Participante (modalidades deôntica e volitiva orientadas para o Participante), ou apenas a designação do estatuto objetivo de concretização de um Evento (modalidades deôntica e volitiva orientadas para o Evento), indicando, portanto, propriedades e relações na medida em que são expressos os valores modais de obrigação, permissão e proibição (modalidade deôntica) e volição (modalidade volitiva).

Uma possível comprovação para essa afirmação de Mackenzie (2017) pode ser encontrada no uso de modificadores de camadas superiores (subjativos – ocupam posições mais periféricas em relação ao predicado principal) tendo um escopo de atuação sobre esses operadores modais deônticos e volitivos que atuam em camadas inferiores (objetivos – ocupam posições mais centrais em relação ao predicado principal), como se pode averiguar nos exemplos de (35) a (38), que foram retirados da Internet:¹⁸³

- (35) Para Mons. Toppo “es todavía pronto para decir qué haré concretamente. Dependerá de las necesidades y por las más concretas de la población. *Ciertamente quiero* incrementar la práctica correcta de la fe, apoyar la educación de los niños, trabajar con los jóvenes sin dejar de lado a los adultos. Continuaremos en la formación espiritual y en la obra de catequesis”. “Sólo cuando llegaré a la diócesis-continúa-y tendré modo de observar la situación, podré definir un programa

¹⁸³ Devido à inexistência de casos de modificadores que operam em camadas mais elevadas do Nível Representacional, tendo um escopo de atuação sobre operadores modais deônticos e volitivos que atuam em camadas mais baixas do Nível Representacional nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a esses exemplos retirados da Internet.

específico”. Sobre la fecha de la ceremonia de su toma de posesión, refiere “no hay nada de definitivo”.¹⁸⁴

[Para Dom Toppo “ainda é muito cedo para dizer o que vou fazer concretamente. Vai depender das necessidades e das especificidades da população. Certamente quero aumentar a prática correta da fé, apoiar a educação dos filhos, trabalhar com os jovens sem descuidar dos adultos. Continuaremos na formação espiritual e no trabalho de catequese”. “Só quando eu chegar à diocese - continua - e tiver uma forma de observar a situação, poderei definir um programa específico”. Na data da cerimónia da sua posse, refere “não há nada definitivo”]

- (36) “Deberíamos quedar con la Organización de las Naciones Unidas (ONU) y darle más apoyo. *Seguramente queremos* vivir en un mundo que está basado en el imperio de la ley internacional. La ONU es quintaesencia del derecho internacional”, recaló el jueves Corbyn.¹⁸⁵

[“Deveríamos ficar com a Organização das Nações Unidas (ONU) e dar-lhe mais apoio. Certamente, queremos viver em um mundo baseado no primado do direito internacional. A ONU é a quintessência do direito internacional”, destacou Corbyn na quinta-feira]

- (37) El Papa habló sobre el derecho a la legítima defensa en una reflexión más general sobre la paz y la violencia. Explicó que tiene en proyecto una encíclica sobre la violencia, pero “no siento que está madura, *ciertamente debo* rezar mucho y buscar el camino”. De hecho, aseguró que, aunque hay un proyecto, la encíclica “la hará el próximo Papa, porque apenas tengo tiempo. Hay un proyecto que está en el cajón. Ahí está madurando”, señaló.¹⁸⁶

[O Papa falou sobre o direito à legítima defesa em uma reflexão mais geral sobre a paz e a violência. Ele explicou que tem uma encíclica sobre violência em andamento, mas “não acho que seja madura, certamente devo rezar muito e buscar o caminho”. De fato, garantiu que, embora haja um projeto, a encíclica “será feita pelo próximo Papa, porque quase não tenho tempo. Há um projeto que está na gaveta. Lá está amadurecendo”, disse ele.]

- (38) El amor no se basa en simpatías, solamente. Un amor de evangelio, un amor de fe, no pone condiciones ni marca fronteras. Quien ama da más de lo que le piden, y ama también a los “no-dignos-de-amor”, incluso a los enemigos. El verdadero amor no juzga ni condena, sino que está siempre listo para mostrar compasión y perdón. Cuando tenemos en cuenta todas estas implicaciones, *seguramente debemos* confesar con vergüenza que estamos muy lejos de este ideal que nos propone nuestro Señor. ¿En qué medida somos nosotros en este mundo, con nuestra vida y conducta, el signo viviente del amor mismo de Dios?¹⁸⁷

[O amor não se baseia apenas em simpatias. O amor pelo evangelho, o amor pela fé, não estabelece condições ou marca limites. Quem ama dá mais do que lhe é pedido, e ama também os “indignos de amor”, até os seus inimigos. O verdadeiro amor não julga nem condena, mas está sempre pronto para mostrar compaixão e perdão. Quando consideramos todas essas implicações, certamente devemos confessar com vergonha que estamos muito longe desse ideal que nosso Senhor nos propõe. Em que medida estamos neste mundo, com nossa vida e conduta, o sinal vivo do amor de Deus?]

¹⁸⁴ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://asianews.it/noticias-es/Nuevo-obispo-de-Ranchi-Trabajaré-para-reforzar-la-fe-de-todos-y-ayudar-a-quien-está-en-la-necesidad-44261.html>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

¹⁸⁵ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://prensaislamica.com/sitio/corbyn-se-opone-a-despliegue-de-tropas-britanicas-en-el-exterior-sin-permiso-de-onu/>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

¹⁸⁶ Exemplo retirado da Internet. *Conferencia de Prensa* do Papa Francisco com jornalistas e repórteres ao final de sua viagem apostólica à Tailândia e ao Japão. Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/noticias/el-papa-reconoce-el-derecho-a-la-legitima-defensa-como-ultimo-recurso-27695>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

¹⁸⁷ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/silvioramirezbliturgia-ordinario-de-la-misa/viernes-de-la-xiii-semana/viernes-de-la-xiii-semana/semana-xxiii/jueves>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

Nas ocorrências de (35) a (38), nota-se que os modificadores epistêmicos (subjativos) que atuam na camada do Conteúdo Proposicional (*seguramente* e *ciertamente*) incidem sobre os operadores modais (objetivos) deônticos e volitivos (*deber* e *querer*) que, por sua vez, operam em camadas inferiores (Propriedade Configuracional), revelando, assim, o comprometimento do Falante em relação ao que é dito por meio da instauração das modalidades deôntica e volitiva na manifestação da *Volitividade*.

Por fim, com base nas ocorrências do *corpus* que foram analisadas, pode-se inferir que a *inclusão do Falante na incidência do valor modal* pode tanto conduzir a uma *subjativação do conteúdo modal* volitivo,¹⁸⁸ necessariamente quando os operadores modais volitivos ocupam posições mais periféricas no Ato Discursivo (Ilocução Declarativa), revelando, desse modo, o posicionamento (emocional e volitivo) do Falante acerca da Proposição contida no enunciado modalizado; quanto a uma *objetivação do conteúdo modal* deôntico ou volitivo, designadamente quando os operadores modais deônticos e volitivos ocupam posições mais centrais no Ato Discursivo (Ilocução Declarativa), manifestando, assim, o estatuto objetivo de um Evento ou um Participante (Falante / Falante e Ouvinte) envolvido na realização de um Evento.¹⁸⁹ Por sua vez, a *não inclusão do Falante* conduz apenas a uma *objetivação do conteúdo modal* deôntico ou volitivo, haja vista que os operadores modais deônticos e volitivos tendem a ocupar posições mais centrais no Ato Discursivo (Ilocução Declarativa), revelando, assim, o estatuto objetivo de um Evento ou um Participante (terceiro-reportado) envolvido na realização de um Evento, mas sem que o Falante recorra a expressões linguísticas que revelem sua apreciação subjetiva sobre esse evento.

Em resumo, verifica-se que, no Nível Interpessoal, as modalidades deôntica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, apresentam um comportamento semelhante, ou seja, apresentam mais elementos de convergência, pois: (i) são instauradas majoritariamente por meio de

¹⁸⁸ Pondera-se que a inclusão do Falante também possa ser analisada em relação aos tipos de Participante (P1 e P2) que integram a interação discursiva. Assim, se houver marcas de P1, a modalização tenderia a ser mais subjetiva, enquanto a ausência de marcas de P1 poderia ser um indício da objetivação dos enunciados modalizados.

¹⁸⁹ Com base em Mackenzie (2017), entende-se que a objetivação dos conteúdos modais deônticos e volitivos é marcada quando as modalidades deôntica e volitiva dizem respeito ao estatuto objetivo de realização de um Estado-de-Coisas, podendo ambas as modalidades estarem qualificadas desde a perspectiva de um sujeito (modalidade orientada para o Participante) ou de um evento (modalidade orientada para o Evento). Por sua vez, a subjetivação dos conteúdos modais deônticos diz respeito a uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento entendido como obrigatório e possível de reatualizado em um momento posterior ao da avaliação subjetiva do falante (modalidade deôntica orientada para o Episódio). Por seu turno, a subjetivação dos conteúdos modais volitivos está relacionada a uma avaliação do falante acerca de um evento anterior ao momento da enunciação, entendido como desejável e irrealizável em um momento posterior (modalidade volitiva orientada para o Episódio); ou diz respeito ao desejo pessoal do falante de que um dado evento se realize em um mundo fictício/imaginário do qual somente ele tem acesso (modalidade volitiva orientada para a Proposição).

Ilocuções Declarativas; e (ii) são relativas à inclusão e à não-inclusão do Falante na incidência do valor modal deôntico e volitivo instaurado. No entanto, pode-se constatar alguns elementos de divergência, especificamente no que tange à *atitude volicional* do Falante, em que, para a modalidade volitiva (*eixo da volição*), ela é um *ato volicional*, já que diz respeito à manifestação de concretização de um evento por parte do sujeito, enquanto, para a modalidade deôntica (*eixo da conduta*), ela é uma *imposição volicional*, pois diz respeito à condução de algum agente que é impelido a realizar um evento. Foi abordado também que a *fonte de ordenação volicional* é distinta entre ambas as modalidades, em que, para a modalidade volitiva (*eixo do querer*), ela é relativa a um mundo em que todos os desejos dos sujeitos são concretizados, enquanto, para a modalidade deôntica (*eixo do dever*), ela diz respeito a um mundo em que todas as regras e normas de conduta são cumpridas e não violadas.

Na seção seguinte, passar-se-á para a manifestação da *Volitividade* dentro do Nível Representacional, em que se fará a inter-relação entre o domínio semântico (modalidades deôntica e volitiva) e as demais categorias de análise relativas a esse nível, buscando, assim, verificar os elementos de convergência e divergência entre ambas as modalidades no que diz respeito aos aspectos semânticos relativos à expressão do *elemento do desejo*.

5.3 A Volitividade e a inter-relação com as categorias de análise referentes ao Nível Representacional

Nesta seção, será abordada a inter-relação entre o domínio semântico (modalidades deôntica e volitiva) com as demais categorias de análise relativas ao Nível Representacional, a saber: (i) a orientação modal; (ii) os valores modais; (iii) a natureza do enunciado modalizado; (iv) a qualificação da atitude modal; (v) a controlabilidade do Estado-de-Coisas; (vi) a dinamicidade do Estado-de-Coisas; (vii) a referência temporal do evento sobre o qual incide o valor modal; (viii) os traços semânticos do sujeito; (ix) a polaridade do enunciado modalizado; e (x) o tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado; no intuito de verificar como a *Volitividade* se manifesta por meio das modalidades deôntica e volitiva, no que diz respeito, especificamente, à operação de Formulação, buscando, assim, averiguar quais os elementos de convergência e divergência entre ambos os conteúdos modais.

Em relação à inter-relação entre o domínio semântico e a orientação modal, constatou-se que o valor do Qui-quadrado foi 0,00 ($p > 0,05$). Assim sendo, pode-se atestar que há um condicionamento de uma categoria de análise sobre outra. Em outras palavras, a orientação

modal das modalidades deôntica e volitiva apresenta não apenas elementos de convergência, como também pontos de divergência entre ambas, como se pode averiguar na Tabela 5:

Tabela 5: A inter-relação entre o domínio semântico e a orientação modal

Orientação modal	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Participante	30 (19,1%)	85 (54,1%)	115 (73,2%)
Evento	29 (18,5%)	06 (3,8%)	35 (22,3%)
Proposição	00 (0,0%)	05 (3,2%)	05 (3,2%)
Episódio	00 (0,0%)	02 (1,3%)	02 (1,3%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Com base na Tabela 5, verifica-se que as modalidades deôntica e volitiva, nas homilias do Papa Francisco, podem estar orientadas para o Participante e o Evento (ponto de convergência), enquanto apenas a modalidade volitiva pode apresentar orientação para a Proposição (ponto de divergência), haja vista que auxiliares modais dificilmente podem ter um escopo de atuação sobre Conteúdos Proposicionais (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).¹⁹⁰ No que diz respeito à orientação modal para o Episódio, com base em Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) e Olbertz (2017), é plenamente possível que haja modalidade deôntica e volitiva com orientação modal para o Episódio (ponto de convergência), ainda que não se tenha encontrado ocorrências desse tipo nas homilias do Papa Francisco.

Como citado anteriormente, Hengeveld (2004) estabeleceu dois parâmetros principais de distinção da categoria modalidade: o *domínio semântico* e a *orientação modal*. Com base na orientação modal, Hengeveld e Mackenzie (2008), na GDF, passam a descrever e analisar os diferentes tipos de modalidade a partir de seu escopo de atuação nas camadas que compõem o Nível Representacional. Assim, as modalidades (epistêmica, facultativa, deôntica e volitiva) são descritas em termos da categoria semântica que designam, as quais podem ser de quatro tipos: Conteúdos Proposicionais (p), Episódios (ep), Estados-de-Coisas (e) e Propriedades Configuracionais (f).

Dessa forma, as modalidades com orientação modal para o Participante atuam na camada da Propriedade Configuracional. Por sua vez, as modalidades com orientação modal

¹⁹⁰ Conforme Oliveira (2020), na camada do Conteúdo Proposicional, os modalizadores volitivos operam em sua forma plena (*querer, esperar, deseo*, etc.) e não em sua forma de auxiliar modal (*querer+infinitivo, esperar+infinitivo, desear+infinitivo*), funcionando como partículas de apreciação sobre a proposição que é enunciada pelo Falante, revelando, desse modo, seu comprometimento volitivo (o que é avaliado pelo Falante como sendo bom e agradável a partir de sua própria subjetividade) acerca do Conteúdo Proposicional veiculado.

para o Evento atuam na camada do Estado-de-Coisas. Por seu lado, as modalidades com orientação modal para o Episódio atuam na camada do Episódio. Por fim, as modalidades com orientação modal para a Proposição atuam na camada do Conteúdo Proposicional. Nesse sentido, a partir dos dados da Tabela 5, verifica-se que as modalidades deôntica e volitiva atuam, majoritariamente, nas camadas da *Propriedade Configuracional* (115 ocorrências, que totalizam 73,2%) e do *Estado-de-Coisas* (35 ocorrências, que totalizam 22,3%), como já é previsto no modelo teórico da GDF. As ocorrências de (39) a (42) ilustram isso:

- (39) En este momento de oración, me uno, nos unimos en la plegaria a Dios nuestro Padre Todopoderoso y misericordioso. Escuchamos al apóstol: «Alegrése, aunque ahora sea preciso padecer un poco en pruebas diversas» (1P 1,6). Estas palabras nos recuerdan algo esencial: **tenemos que** vivir nuestra vocación con alegría (H2).

[Neste momento de oração, eu me uno, nos unimos em oração a Deus nosso Pai Todo-Poderoso e misericordioso. Escutamos o apóstolo: «Alegrai-vos, ainda que agora seja necessário sofrer um pouco nas várias provações» (1P 1,6). Estas palavras nos remetem a algo essencial: temos que viver nossa vocação com alegria]

- (40) La oración litúrgica, su estructura y modo pausado, quiere expresar a la Iglesia toda, esposa de Cristo, que intenta configurarse con su Señor. Cada uno de nosotros en nuestra oración **queremos** ir pareciéndonos más a Jesús (H19).

[A oração litúrgica, a sua estrutura e modo de lazer, quer exprimir toda a Igreja, noiva de Cristo, que procura conformar-se ao seu Senhor. Cada um de nós em nossa oração queremos começar a se parecer mais com Jesus]

- (41) No permitas que nos gane el enfrentamiento ni la división. Esta unidad, clamada por Jesús, es un don que hay que pedir con insistencia por el bien de nuestra tierra y de sus hijos. Y **es necesario** estar atentos a posibles tentaciones que pueden aparecer y «contaminar desde la raíz» este don que Dios nos quiere regalar y con él que nos invita a ser auténticos protagonistas de la historia (H25).

[Não deixe o confronto ou a divisão nos vencer. Esta unidade, exigida por Jesus, é um dom que deve ser pedido com insistência para o bem da nossa terra e dos seus filhos. E é preciso estar atento às possíveis tentações que podem surgir e "contaminar desde a raiz" este dom que Deus nos quer dar e com o qual nos convida a ser autênticos protagonistas da história]

- (42) La unidad, si **quiere** construirse desde el reconocimiento y la solidaridad, no puede aceptar cualquier medio para lograr este fin. Existen dos formas de violencia que más que impulsar los procesos de unidad y reconciliación terminan amenazándolos (H25).

[A unidade, se quiser ser construída a partir do reconhecimento e da solidariedade, não pode aceitar nenhum meio para atingir esse fim. Existem duas formas de violência que acabam por ameaçá-los em vez de promover processos de unidade e reconciliação]

Em (39) e (40), as modalidades deôntica e volitiva atuam na camada da Propriedade Configuracional. Em (39), verifica-se que o operador modal deôntico *tener que* incide sobre um predicado (*vivir*), em que recai sobre o Participante (Falante e Ouvinte, o que pode ser

averiguado por meio da marca de primeira pessoa do plural, *tenemos*) a obrigação de realizar o evento descrito pelo predicado, no caso, o dever de viver a vocação religiosa com alegria. Em (40), atesta-se que o operador modal volitivo *querer* também recai sobre um predicado (*ir*), em que o Participante (Falante e Ouvinte, o que pode ser averiguado por meio da marca de primeira pessoa do plural, *queremos*) expressa o desejo de concretizar o evento designado pelo predicado, em questão, tornar-se semelhante a Jesus Cristo (divindade cristã).

Por seu turno, em (41) e (42), as modalidades deôntica e volitiva atuam na camada do Estado-de-Coisas. Em (41), averigua-se que o operador modal deôntico *es necesario* (adjetivo em função predicativa) incide sobre uma predicação (*estar atento a posibles tentaciones*), em que o Falante reporta a obrigação de concretização do evento, no caso, atentar-se às tentações que podem aparecer na prática das virtudes cristãs (o que tornaria os cristãos católicos como protagonistas da sua própria história). Em (42), constata-se que o operador modal volitivo *querer* também recai sobre uma predicação (*construirse la unidad desde el reconocimiento y solidaridad*), em que o Falante reporta a volição de concretização de um evento, em questão, que a unidade seja construída com base no reconhecimento de que todos somos iguais e nos gestos de solidariedade. Tanto em (41) quanto em (42), confere-se a falta de marcas linguísticas (modificadores subjetivos) que poderiam revelar o grau de comprometimento do Falante acerca do que é dito. Assim, o Falante se restringe apenas a reportar o estatuto objetivo do evento, seja este evento entendido como obrigatório (*eixo da conduta*) ou desejável (*eixo da volição*) que se realize, empregando, para isso, marcas de impessoalização (adjetivos em função predicativa e a partícula de impessoalização *se*).

Baseando-se em Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) e Gasparini-Bastos (2014), constata-se que o principal elemento de divergência entre as modalidades deôntica e volitiva nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas seja a controlabilidade [\pm controle] do evento designado pelo predicado/predicação. Desse modo, o traço [+controle] favorece uma leitura deôntica do enunciado modalizado, enquanto o traço [-controle] favorece uma leitura volitiva. Para ilustrar, recorreu-se para os casos de modalidades deôntica e volitiva orientadas para o Evento (modalidades operando na camada do Estado-de-Coisas), como se pode constatar, respectivamente, nos exemplos (43) e (44), que foram retirados de Gasparini-Bastos (2014):

- (43) então a aula que eu gostei bastante foi de prime(i)ro emprego... como que você **deve se portá::(r)**... no:: seu prime(i)ro emprego... tipo:: não/... í(r) com o cabelo cur::to... unhas corta::das... que mais?... (GASPARINI-BASTOS, 2014, p. 277).

- (44) droga é TUdo... e que:: – “ah me dá um (inint.) que num sei quê:... e no::ssa no momento é muito bom:: num sei quê” – mas num pensa nas consequência que vai causá(r) depo::is... e acho que num **deveria existí(r)** isso... porque assim porque (inint.) coisa da nature::za sabe? acho que:: (tem que vê(r) o) melhor tem que sê(r) uma coisa pra::... pra nossa saúde assim uma coisa pra trazê(r) saúde que de(i)xe a gente feliz mas não só por um mome::nto que de(i)xe feliz pro resto da vida sabe? (GASPARINI-BASTOS, 2014, p. 279).

De acordo com Gasparini-Bastos (2014), em (43), a leitura modal deôntica é favorecida em virtude de o falante discorrer acerca de regras que devem ser cumpridas em um primeiro emprego, cujo evento “se portar no primeiro emprego” (o uso de você, nesse caso, é impessoal) é caracterizado em termos do que é obrigatório dentro de um sistema de convenções, em questão, uma instituição trabalhista, sendo o evento possível de realizar e controlado [+controle], podendo ser parafraseado como “é obrigatório portar-se bem no primeiro emprego”. Por seu lado, em (44), a leitura modal volitiva é favorecida em razão de o falante expressar a desejabilidade de concretização de um evento irrealizável, no caso, “a inexistência de drogas”, o que foge, portanto, ao controle humano [-controle], podendo ser parafraseado como “é desejável que as drogas não existam”.

Nesse sentido, em (39) e (41), os eventos designados pelo predicado/predicação são controlados [+controle], favorecendo, portanto, uma leitura deôntica do enunciado modalizado, já que o Participante teria controle sobre o “viver a vocação com alegria” ao seguir os preceitos ditados pela Igreja Católica em seu catecismo; e o Evento “estar atento às tentações” também apresentaria esse traço, a julgar pelo fato de a Igreja Católica prescrever e orientar formas de identificar as tentações (o controle não está em vencer todas as tentações, mas na capacidade de reconhecê-las, o que poderia ser feito com base no que é pré-disposto no Catecismo da Igreja Católica). Por seu lado, em (40) e (42), os eventos descritos pelo predicado/predicação são não controlados [-controle], favorecendo, assim, uma leitura volitiva do enunciado modalizado, haja vista que o Participante não teria controle suficiente sobre o que é desejado, no caso, um humano parecer-se a Jesus Cristo, que é uma divindade; e o Evento “construir a unidade com base no reconhecimento e na solidariedade” também conteria este traço, pois não há como controlar que todas as pessoas passassem a reconhecer que todos são iguais perante Deus e que todos, sem exceção, fossem solidários com o seu próximo.

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), infere-se que essas conceitualizações do Falante acerca da possibilidade ou não de realização de um evento, a partir do que é entendido como sendo, humanamente, possível ou impossível (Componente Conceitual), parece ter um impacto direto na operação de Codificação que ocorre no Nível Morfossintático.

Assim sendo, os casos que são entendidos como possíveis, tendo em vista as capacidades humanas, favorecem o uso de operadores modais (*deber, tener que, etc.*) que situem o evento no *eixo na conduta* (modalidade deôntica), enquanto os casos que são interpretados como humanamente impossíveis, propiciam o emprego de operadores modais (*querer, esperar, desear, etc.*) que situem o evento no *eixo da volição* (modalidade volitiva).

Desse modo, a manifestação da *Volitividade* estaria condicionada por essas conceitualizações do Falante acerca do que é compreendido como possível ou impossível de ocorrer, tendo em consideração as capacidades humanas e os mundos possíveis (*base volicional*) desses eventos ocorrerem (*futuridade*). Assim sendo, nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas, os eventos relativos às modalidades deôntica e volitiva são sempre *não factuais* porque estão previstos de acontecerem (se todas as exigências forem atendidas), aproximando-se, portanto, do aspecto *irrealis*.

Em relação à camada do Episódio, verificaram-se apenas casos de modalidade volitiva atuando nessa camada nas homilias do Papa Francisco (2 ocorrências, que totalizam 1,3%), como se pode averiguar nas ocorrências (45) e (46):

(45) Gratiud y laboriosidad: estos son los dos pilares de la vida espiritual que **deseaba** compartir con ustedes sacerdotes, religiosas y religiosos esta tarde (H2).
[Gratidão e laboriosidade: estes são os dois pilares da vida espiritual que desejava partilhar convosco, sacerdotes, religiosos e religiosas esta tarde]

(46) Así como ellos enfrentaron la tempestad sobre el mar, a ustedes les tocó enfrentar el duro golpe del «Niño costero», cuyas consecuencias dolorosas todavía están presentes en tantas familias, especialmente aquellas que todavía no pudieron reconstruir sus hogares. También por esto **quise** estar y rezar aquí con ustedes (H27).
[Assim como enfrentaram a tempestade sobre o mar, vocês tiveram que enfrentar o duro golpe da «Criança do Litoral», cujas dolorosas consequências ainda estão presentes em tantas famílias, especialmente aquelas que ainda não puderam reconstruir suas casas. É também por isso que eu quis estar e orar aqui com vocês]

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), um Episódio pode consistir em apenas um único evento, como em (45), ou de uma série de eventos inter-relacionados, ou seja, a realização de um evento implica, necessariamente, a realização do outro, como em (46). No entanto, é necessário, conforme Hengeveld (2011), que o operador modal (*desear* e *querer*) tenha um escopo de atuação sobre um operador de tempo absoluto, o que se pode verificar, respectivamente, *esta tarde*, que está sob o escopo do modal *desear*, e *aquí* (entendido como *nesta celebração da Santa Missa*), que está sob o escopo do modal *querer*. Em (45) e (46),

verifica-se também que os operadores modais volitivos estão flexionados, respectivamente, no pretérito imperfeito e no pretérito perfeito simples do indicativo, o que, de acordo com Olbertz (2017), poderia marcar a natureza avaliativa do Falante acerca do evento.

Conforme Oliveira (2020), o emprego das formas pretéritas na flexão dos operadores modais volitivos poderia ser também um indicativo de que, em um momento anterior ao da enunciação, o evento avaliado pelo Falante já era desejado, sendo estendido ao momento da interação com o Ouvinte. Em outras palavras, instaura-se a volição no momento da enunciação, mas relativa a um evento desejado em um momento anterior. Assim sendo, na camada do Episódio, os eventos poderiam ser localizados no tempo e no espaço, ou seja, os eventos seriam *factualis*, aproximando, assim, a modalidade volitiva do aspecto *realis*. Em (45), constata-se que o evento volicionado pelo Falante, de fato, concretizou-se, já que ele discorreu acerca da gratidão e do trabalho que são os pilares da vida espiritual do cristão católico. Em (46), atesta-se também que o evento volicionado pelo Falante veio a se concretizar, pois, ao saber do ocorrido com as famílias após a passagem do furacão, desejou estar naquele país e celebrar a Santa Missa por essas famílias, o que de fato aconteceu.

Ainda conforme Oliveira (2020a), a modalidade volitiva, ao operar na camada do Episódio, pode estar relacionada a eventos *contrafactualis* [+contrafactual], o que intensificaria a volição instaurada, em razão da impossibilidade de reatualização do evento [-realizável] desejado, aproximando, assim, a modalidade volitiva do aspecto *irrealis*, como no exemplo (47), que foi retirado de Oliveira (2020a):

- (47) Eu entrei para comprar um refrigerante e cumprimentar uma amiga. O rapaz montou o assalto, eram dois, estavam de capacete e armados. Eu efetuei o disparo porque provavelmente ele tinha intenção de matar alguém. Ele apontou a arma para ela [...] Não **queria** que isso tivesse acontecido, mas já que aconteceu (OLIVEIRA, 2020a, p. 11).

Conforme o autor, em (47), a modalidade volitiva instaurada incide sobre um evento que pode ser localizado no tempo e no espaço (aspecto *realis*), mas sobre o qual o falante não tem controle [-controle] e situado no campo da *contrafactualidade* [+contrafactual], haja vista que o falante não pode mudar o curso dos acontecimentos. Assim sendo, ao fazer uso do modal *querer* no pretérito imperfeito do indicativo, o falante instaura a volição para manifestar o desejo de que a sucessão de eventos, que culminou no delito (o disparo sobre os assaltantes), não tivesse ocorrido, como pode ser visto na paráfrase seguinte: *Não queria que [ele tivesse apontado a arma para ela e que eu tivesse efetuado o disparo] tivesse acontecido, mas já que*

aconteceu. Neste exemplo, pode-se inferir que o modalizador volitivo atua como uma partícula de apreciação sobre o Episódio, com base na avaliação subjetiva do falante.

Ao se avaliar o que foi proposto por Oliveira (2020a), considera-se, na camada do Episódio, que as modalidades deôntica e volitiva poderiam ser diferenciadas com base na possibilidade [+realizável] ou impossibilidade [-realizável] de reatualização do evento avaliado pelo falante. Nesse sentido, a avaliação subjetiva do autor recai sobre um evento que, desde a perspectiva do momento da enunciação, é entendido como algo no campo da *factualidade* [+factual], pois esse evento pode ser localizado no tempo e no espaço.

Assim sendo, a leitura deôntica é favorecida pela possibilidade de o evento ser reatualizado [-factual], sendo prevista a possibilidade de sua reatualização [+realizável] em um momento posterior ao da avaliação subjetiva do falante. Nesse sentido, entende-se que o operador de tempo, na camada do Episódio, seria *absoluto-relativo*, no sentido de que o tempo em que o evento avaliado ocorreu é absoluto, pois está localizado em um momento preciso em relação ao momento da avaliação subjetiva, mas relativo em relação à possibilidade de ele vir a ser novamente realizado em um momento posterior ao da avaliação subjetiva do falante. Por seu lado, a leitura volitiva é favorecida pela impossibilidade de o evento ser atualizado [+contrafactual], não sendo possível a sua atualização [-realizável] em um momento posterior ao da avaliação subjetiva do falante. Assim, entende-se que o operador de tempo, na camada do Episódio, seria *absoluto*, em razão de o tempo em que ocorreu o evento avaliado estar localizado em um momento preciso em relação ao momento da avaliação e restrito a esse momento no passado, sem possibilidade de ser novamente executado.

Dessa forma, a leitura deôntica (*eixo da conduta*) do enunciado modalizado seria favorecida pela possibilidade de reatualização do evento, o que, em certa medida, pressupõe o controle do evento [+controle] por parte do sujeito sobre quem recai a avaliação modal deôntica feita pelo falante, cuja possibilidade de reatualização do evento permite que ele seja inserido no campo da *não factualidade* [-factual] e de prospecção futura [+futuridade]. Por seu lado, a leitura volitiva (*eixo da volição*) do enunciado modalizado seria favorecida pela impossibilidade de reatualização do evento, o que, de fato, pressupõe o não controle [-controle] sobre o evento que é apreciado pelo falante, cuja impossibilidade permite que o evento seja inserido no campo da *contrafactualidade* [+contrafactual] e localizado no passado [+preteridade].

Para ilustrar, expõem-se os exemplos de (48) a (51), que foram retirados da Internet, em que as modalidades deôntica e volitiva são instauradas por meio do modal *deber*, flexionado no *condicional simple* do espanhol (futuro do pretérito em português):¹⁹¹

- (48) Para numerosos historiadores, Eugenio Pacelli, quien había sido durante años embajador del Vaticano (nuncio apostólico) en Alemania, **debería** haber condenado de forma más firme la masacre de los judíos, pero no lo hizo por prudencia diplomática para no poner en peligro a los católicos de la Europa ocupada por los nazis.¹⁹²

[Para muitos historiadores, Eugenio Pacelli, que foi embaixador do Vaticano (núncio apostólico) na Alemanha durante anos, deveria ter condenado com mais veemência o massacre dos judeus, mas não o fez por prudência diplomática para não colocar em risco aos católicos na Europa ocupada pelos nazistas]

- (49) Debido a la situación de emergencia en Italia y Roma relacionada con el coronavirus COVID-19, la habitual Celebración Penitencial que el Papa Francisco **debería** haber presidido en la Basílica de San Pedro el próximo viernes 20 de marzo, a las 17:00 horas, ha sido cancelada.¹⁹³

[Devido à situação de emergência na Itália e em Roma relacionada ao coronavírus COVID-19, a habitual celebração penitencial que o Papa Francisco deveria ter presidido na Basílica de São Pedro na próxima sexta-feira, 20 de março, às 17 horas, foi cancelada]

- (50) De entrada, creo que el Vaticano **debería** haber puesto como condición que el Papa Francisco pueda viajar inmediatamente a China. Algo que el Partido Comunista prohibió a Juan Pablo II, a Benedicto XVI y al propio Francisco.¹⁹⁴

[Para começar, acho que o Vaticano deveria ter estabelecido a condição de que o Papa Francisco pudesse viajar imediatamente para a China. Algo que o Partido Comunista proibiu João Paulo II, Bento XVI e o próprio Francisco]

- (51) Francisco no debe mediar pues es parcial. BERGOGLIO **debería** haber condenado abiertamente la Violación obscena de los DDHH en Venezuela y la corrupción. Pero al peroncho esos dictadores le caen bien...en fin, un peronio en Roma.¹⁹⁵

[Francisco não deve mediar porque é parcial. BERGOGLIO deveria ter condenado abertamente a violação obscena dos direitos humanos na Venezuela e a corrupção. Mas Peroncho gosta daqueles ditadores ... bem, um peronista em Roma]

¹⁹¹ Estes exemplos foram retirados da Internet, em virtude da não ocorrência de casos de modalidade deôntica orientada para o Episódio e de modalidade volitiva orientada para o Episódio, cujo evento fosse contrafactual, nas homilias do Papa Francisco.

¹⁹² Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.swissinfo.ch/spa/afp/papa-francisco-anuncia-apertura-en-2020-de-archivos-del-vaticano-sobre-pío-xii/44799828>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

¹⁹³ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://www.pcpne.va/content/pcpne/es/attivita/24ore/24-ore-per-il-signore-2020.html>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

¹⁹⁴ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://www.hispanidad.com/confidencial/acuerdo-china-vaticano-en-que-ha-cedido-xi-jinping-francisco-tiene-que-viajar-a-pekín_12004149_102.html>. Acesso em: 24 ago. 2020.

¹⁹⁵ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://www.perfil.com/noticias/internacional/embajadores-argentinos-piden-que-francisco-medie-en-venezuela.phtml?fbcommentid=2183368465018846218371037_8317988>. Acesso em: 24 ago.2020.

De acordo com Vázquez Laslop (2001, p. 95-98), as fontes da modalidade deôntica objetiva (na perspectiva da GDF, quando a modalidade deôntica opera nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas) são regras e normas gerais, podendo ser: (i) leis, (ii) qualquer tipo de instruções, como regras de jogos ou receitas culinárias, e (iii) diretrizes morais, que podem ser de natureza geral ou específicas para alguma instituição, como uma igreja. Nesse sentido, a diferença crucial, segundo a autora, entre a modalidade deôntica objetiva e a modalidade deôntica subjetiva (na perspectiva da GDF, quando a modalidade deôntica opera na camada do Episódio) consiste no comprometimento ou não do falante com a realização do evento em questão. Visto sob essa perspectiva, todos os casos em que o falante se abstém de estabelecer uma distância entre seu próprio ponto de vista e a norma referida será interpretado como modalidade deôntica subjetiva.

Conforme Olbertz (2017), a modalidade volitiva e a modalidade deôntica subjetiva (ambas operando na camada do Episódio) têm em comum o fato de o falante ser a fonte da atitude modal instaurada. Assim, nos dois casos, o falante faz uma avaliação do(s) Estado(s)-de-Coisas que estão localizados em um tempo anterior ao momento de fala, em que o falante aprecia como desejáveis (na perspectiva desta pesquisa, entendido como modalidade volitiva – necessidade volitiva) ou obrigatórios (na perspectiva desta pesquisa, entendido como modalidade deôntica – necessidade deôntica), mas que ainda não havia(m) ocorrido.

De fato, os exemplos de (48) a (51) são relativos a Estado(s)-de-Coisas que, desde a perspectiva do momento de fala, são anteriores ao momento da enunciação, situando o evento passado no campo da *factualidade* [+factual]. No entanto, em (48) e (49), verifica-se a impossibilidade de reatualização do evento [-realizável] que é avaliado pelo falante, haja vista que, respectivamente, não teria como Eugenio Pacelli voltar no tempo da Alemanha Nazista e condenar de forma veemente o massacre dos judeus e que o Papa Francisco presida a celebração da Santa Missa na Basílica de São Pedro na data estabelecida, já que não se pode voltar no tempo. Desse modo, o modal *deber*, nas ocorrências (48) e (49), atua como um operador modal volitivo na camada do Episódio, cujos eventos avaliados pelo falante são não controlados [-controle] e contrafactuais [+contrafactual].

Por sua vez, em (50) e (51), verifica-se a possibilidade de reatualização do evento [+realizável] que é avaliado pelo falante, caso as circunstâncias mudem, pois, respectivamente, é possível que o Vaticano possa, em um momento posterior ao da avaliação feita pelo falante, o que permite que o evento possa ser inserido no campo da não factualidade [-factual], conseguir que o Papa Francisco consiga fazer uma viagem à China, ainda que, no momento da

avaliação feita pelo falante, o Governo Chinês o tenha proibido; e que o Papa Francisco possa, em um momento posterior ao da avaliação feita pelo falante, falar abertamente acerca da violação dos direitos humanos e da corrupção na Venezuela, ainda que não o tenha feito na época em que esteve na Venezuela, ou seja, no momento anterior ao da avaliação feita pelo falante. Assim, o modal *deber*, nos exemplos (50) e (51), atua como um operador modal deôntico na camada do Episódio, cujos eventos avaliados pelo falante são controlados [+controle] por parte do sujeito sobre quem recai a avaliação modal deôntica, caso as circunstâncias sejam favoráveis a isso e assim o sujeito deseje, situando o evento avaliado para o campo da *não factualidade* [-factual].

No que diz respeito à camada do Conteúdo Proposicional, foi possível apenas encontrar casos de modalidade volitiva (5 ocorrências, que totalizam 3,2%) operando nesta camada, como se pode verificar nas ocorrências (52) e (53):

- (52) Dos sentimientos tengo hoy para con nuestros hermanos islámicos. Primero, mi saludo por celebrarse hoy el Día del Sacrificio. **Hubiera querido** que mi saludo fuera más caluroso según los sentimientos, que es mi cercanía, mi cercanía ante la tragedia que su pueblo ha sufrido hoy en la Meca (H2).
[Hoje tenho dois sentimentos por nossos irmãos islâmicos. Em primeiro lugar, minhas saudações por celebrar o Dia do Sacrificio hoje. Quisera que a minha saudação fosse mais calorosa de acordo com os meus sentimentos, que é a minha proximidade, a minha proximidade à tragédia que hoje o vosso povo sofreu em Meca]

- (53) Hay algo dentro de nosotros que nos invita a la alegría y a no conformarnos con placebos que siempre quieren contentarnos. Pero a su vez, vivimos las tensiones de la vida cotidiana. Son muchas las situaciones que parecen poner en duda esta invitación. La propia dinámica a la que muchas veces nos vemos sometidos parece conducirnos a una resignación triste que poco a poco se va transformando en acostumbamiento, con una consecuencia letal: anestesiarnos el corazón. No **queremos** que la resignación sea el motor de nuestra vida (H1).
[Há algo dentro de nós que nos convida a ser felizes e a não nos contentar com placebos que sempre querem nos satisfazer. Mas, por sua vez, experimentamos o estresse da vida cotidiana. Muitas são as situações que parecem colocar em dúvida este convite. A própria dinâmica a que muitas vezes somos submetidos parece nos conduzir a uma triste resignação que aos poucos se transforma em costume, com uma consequência letal: anestesiarmos nossos corações. Não queremos que a resignação seja o motor da nossa vida]

Em (52) e (53), constata-se que o operador modal volitivo *querer* atua como uma partícula de apreciação, conforme Oliveira (2020), acerca do Conteúdo Proposicional que é veiculado pelo Falante, que, por sua vez, é relativo a um mundo imaginário/fictício e não factual, sendo realizável apenas na mente da Falante. Nesse sentido, averígua-se que há um comprometimento volitivo e emocional do Falante, a julgar pelo fato de ele avaliar a proposição como sendo boa e agradável, no tocante ao seu desejo pessoal (o que pode ser atestado por meio

da marca de primeira pessoa do singular, *hubiera querido*) de que sua saudação possa ser calorosa e acolhedora com os sofrimentos dos povos islâmicos, em (52), e no que se refere à volição de que todos os cristãos católicos (o que também o inclui, haja vista que emprega a primeira pessoa do plural, *queremos*) não desejem que a resignação (o estado de ânimo no qual podem se encontrar os católicos diante das adversidades ao professar e vivenciar a fé católica, portanto algo relativo à natureza da psíquica humana) seja o motor da vida cristã, em (53).

Verifica-se também, em (52) e (53), que a marcação morfossintática (operação de Codificação que ocorre no Nível Morfossintático) parece estar condicionada pelos aspectos semânticos envolvidos na instauração da modalidade volitiva quanto à possibilidade [\pm possibilidade] de concretização do evento volicionado. Nesse sentido, em (52), há uma menor certeza [-certeza] quanto à possibilidade [-possibilidade] de concretização do evento contido na proposição que é apreciada pelo Falante, fazendo com que ele empregue o *pretérito pluscuamperfecto do subjuntivo* do espanhol, enquanto, em (53), há uma maior certeza [+certeza] quanto à possibilidade [+possibilidade] de concretização do evento contido na proposição, fazendo com que ele faça uso do *presente do indicativo*.

Ainda em relação à atuação das modalidades deôntica e volitiva nas camadas que compõem o Nível Representacional e considerando a operação de Formulação que ocorre nesse nível, pode-se verificar que há um condicionamento sobre a operação de Codificação que ocorre no Nível Morfossintático, no que tange, especificamente, à forma como a *Volitividade* é manifestada por meio desses conteúdos modais. Conforme Steffler (2013), os diferentes conteúdos modais podem ser avaliados a partir do *escopo da modalização*, que, no Nível Representacional, está relacionado ao escopo de atuação dos operadores modais nas camadas, podendo ser de natureza direta [+direto], quando incide, na codificação morfossintática, diretamente sobre o predicado principal (interno à predicação), como no exemplo: *João deve comprar um livro* (modalidade deôntica operando na camada da Propriedade Configuracional) (STEFFLER, 2013, p. 42), em que o modalizador *dever* incide diretamente sobre o predicado *comprar*; ou de natureza menos direta [-direto], quando não incidir, na codificação morfossintática, diretamente sobre o predicado principal (interno à predicação), como no exemplo: *João deve ter comprado um livro ontem* (modalidade epistêmica operando na camada do Episódio) (STEFFLER, 2013, p. 42), em que modalizador *dever* não incide diretamente sobre o predicado *comprar*.

Dessa forma, nota-se que, nas camadas inferiores do Nível Representacional, as modalidades deôntica e volitiva atuam por meio de operadores modais que incidem, na

codificação morfossintática, diretamente [+direto] sobre o predicado principal, como nas ocorrências de (39) a (42): *Tenemos que vivir nuestra vocación con alegría* e *Queremos ir pareciéndonos más a Jesús*, cujos operadores modais atuam na camada da Propriedade Configuracional; e *Es necesario estar atentos a posibles tentaciones que pueden aparecer* e *La unidad, si quiere construirse desde el reconocimiento y la solidaridad*, cujos operadores modais atuam na camada do Estado-de-Coisas. No entanto, é plenamente possível que o escopo da modalização deôntica e volitiva possa ser, na camada do Estado-de-Coisas, de natureza não direta [-direto], quando o predicado principal (interno à predicação) requerer um sujeito sintático, como nas ocorrências (54) e (55), em que os operadores modais deôntico e volitivo, respectivamente, *es necesario* e *es deseable*, não incidem, na codificação morfossintática, diretamente sobre o predicado principal, no caso, *animar* e *dejar*:

- (54) Reconciliarse es abrir una puerta a todas y a cada una de las personas que han vivido la dramática realidad del conflicto. Cuando las víctimas vencen la comprensible tentación de la venganza, se convierten en los protagonistas más creíbles de los procesos de construcción de la paz. **Es necesario** que algunos se animen a dar el primer paso en tal dirección (H22).

[Reconciliar é abrir uma porta para cada uma das pessoas que vivenciaram a dramática realidade do conflito. Quando as vítimas superam a compreensível tentação de vingança, tornam-se os protagonistas mais credíveis dos processos de construção da paz. É necessário que algunsousem dar o primeiro passo nessa direção]

- (55) **Es deseable** que también el lenguaje de la política y de la diplomacia se deje inspirar por la misericordia, que nunca da nada por perdido.¹⁹⁶

[É desejável que também a linguagem da política e da diplomacia seja inspirada na misericórdia, que nunca dá nada por perdido]

Por sua vez, nas camadas superiores, como na camada do Episódio, as modalidades deôntica e volitiva atuam por meio de operadores que não incidem, na codificação morfossintática, diretamente sobre o predicado principal [-direto], como nas ocorrências de (48) a (51): *Debería haber condenado de forma más firme la masacre de los judíos / el Papa Francisco debería haber presidido en la Basílica de San Pedro / El Vaticano debería haber puesto como condición que el Papa Francisco pueda viajar inmediatamente a China / Bergoglio debería haber condenado abiertamente la Violación obscena de los DDHH en Venezuela y la corrupción*. No entanto, a exceção fica a cargo da modalidade volitiva, em que

¹⁹⁶ Devido à inexistência de ocorrências de adjetivos em função predicativa na instauração da modalidade volitiva nas homilias do Papa Francisco, recorreu-se a este exemplo retirado da mensagem proferida pelo Santo Padre na 50ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais. Disponível em: <<http://www.vatican.va/content/francesco/es/messages/communications/documents/papafrancesco20160124mes-saggio-comunicazioni-sociali.html>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

é possível que haja operadores modais volitivos que incidam, na codificação morfossintática, diretamente sobre o predicado principal (interno à predicação), como nas ocorrências (45) e (46): *Deseaba compartir con ustedes sacerdotes, religiosas y religiosos esta tarde / También por esto **quise** estar y rezar aquí con ustedes.*¹⁹⁷

Por fim, na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva atua por meio de operadores modais que não incidem, na codificação morfossintática, diretamente [-direto] sobre o predicado principal (interno à predicação), como nas ocorrências (52) e (53): *Hubiera querido que mi saludo fuera más caluroso según los sentimientos / No **queremos** que la resignación sea el motor de nuestra vida.*

Para além do *escopo da modalização*, considera-se também, como elemento de divergência entre as modalidades deôntica e volitiva, a *sobreposição de operadores modais* (a sobreposição de operadores que atuam em camadas superiores sobre operadores de camadas inferiores no Nível Representacional), isto é, a precedência de um modal (deôntico ou volitivo) de necessidade sobre um modal (deôntico ou volitivo) de possibilidade. Hengeveld e Mackenzie (2008) argumentam que isso pode, plenamente, ocorrer nas línguas naturais, tendo em vista que essa sobreposição ocorre em virtude de esses modais (deônticos ou volitivos) atuarem em diferentes camadas do Nível Representacional. Conforme Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), essa ordenação mútua de dois modais não seria uma mera coincidência, haja vista que essa ordenação refletiria, iconicamente, as diferenças de escopo entre os operadores modais, o que pode ser constatado nos exemplos (56) e (57), que foram retirados do trabalho das autoras:

(56) A polícia **deveria poder** armar ciladas! (OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013, p. 280).

(57) El pueblo cubano **debe poder** elegir qué sistema desea (OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013, p. 280).

[O povo cubano deve poder escolher o sistema que deseje]

De acordo com Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), verifica-se um modal deôntico de necessidade (*deveria* e *debe*) tendo um escopo de atuação sobre um modal deôntico de possibilidade (*poder*). Nesse sentido, segundo as autoras, averígua-se que operadores podem ocorrer antes ou depois do material que têm em seu escopo (iconicidade).¹⁹⁸ Assim sendo, pode-

¹⁹⁷ Pondera-se que a codificação morfossintática possa, de alguma maneira, sugerir a interpretação da camada em que incide o operador modal.

¹⁹⁸ De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a iconicidade forma um dos princípios básicos do Nível Morfossintático, em que a operação de Codificação está condicionada pela operação de Formulação que ocorre nos níveis superiores (Níveis Interpessoal e Representacional).

se constatar que há um operador modal subjetivo incidindo sobre um operador modal objetivo. Em outras palavras, pode-se verificar, então, nas línguas naturais, a incidência de uma modalidade subjetiva (que opera nas camadas do Conteúdo Proposicional e do Episódio, no caso das modalidades deôntica e volitiva) sobre uma modalidade objetiva (modalidades que atuam na camada do Estado-de-Coisas e da Propriedade Configuracional).

Considerando que, na camada do Episódio, a modalidade volitiva e a modalidade deôntica subjetiva são, segundo Olbertz (2017), de natureza avaliativa (subjetiva), pondera-se que os modais deônticos e volitivos de necessidade (que operam na camada do Episódio) possam ter um escopo de atuação sobre um modal de possibilidade (que opera em camadas inferiores, no caso, nas camadas do Estado-de-Coisas e da Propriedade Configuracional). Para ilustrar isso, recorreu-se a alguns exemplos retirados da Internet, como se pode averiguar nos exemplos de (58) a (61), em que os modais deônticos e volitivos de necessidade, respectivamente *deber* e *querer*, têm um escopo de atuação sobre o modal *poder*:

- (58) Dios nos ama. Pero la fe necesita ser acogida, es decir, necesita nuestra respuesta personal, el coraje de poner nuestra confianza en Dios, de vivir su amor, agradecidos por su infinita misericordia. Es un don que no se reserva sólo a unos pocos, sino que se ofrece a todos generosamente. Todo el mundo **debería poder** experimentar la alegría de ser amados por Dios, el gozo de la salvación. Y es un don que no se puede conservar para uno mismo, sino que debe ser compartido.¹⁹⁹
[Deus nos ama. Mas a fé precisa ser acolhida, isto é, precisa da nossa resposta pessoal, da coragem de confiar em Deus, de viver o seu amor, agradecidos pela sua infinita misericórdia. É um presente que não é reservado apenas a alguns, mas generosamente oferecido a todos. Todos deveriam poder experimentar a alegria de ser amados por Deus, a alegria da salvação. E é um presente que não pode ser guardado para si mesmo, mas deve ser compartilhado]
- (59) Para ello, se hace eco de las palabras del papa Francisco: «Donde la Iglesia esté presente, allí debe ser evidente la misericordia del Padre. En nuestras parroquias, en las comunidades, en las asociaciones y movimientos, en fin, donde quiera que haya cristianos, cualquiera **debía poder** encontrar un oasis de misericordia».²⁰⁰
[Por isso, ele faz eco às palavras do Papa Francisco: “Onde a Igreja está presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai. Nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos, enfim, onde quer que haja cristãos, qualquer pessoa devia poder encontrar um oásis de misericórdia]
- (60) “Yo **quería poder** volver en el tiempo y revivir esos días, así que podría amar a la gente que estaba a mi alrededor”, dijo. Cuando su familia decidió volver a Corea del Norte, Sook tenía siete años de edad, pero tanto en China y en Corea el

¹⁹⁹ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco na Jornada Mundial das Missões. Disponível em: <http://www.teinteresa.es/religion/Papa-Francisco-Jornada-Mundial-Misiones_0_1013899620.html>. Acesso em: 26 ago. 2020.

²⁰⁰ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco sobre o Ano da Misericórdia. Disponível em: <<https://www.diariosur.es/malaga-capital/201602/21/cuando-enfermedad-hace-fuerte-20160224135815-v.html>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

comunismo estaba en alta. Las fronteras entre los dos países estaban abiertas, entonces todos podían viajar con facilidad.²⁰¹

[“Eu queria poder voltar no tempo e reviver aqueles dias, para que eu pudesse amar as pessoas que estavam ao meu redor”, disse ele. Quando sua família decidiu retornar à Coreia do Norte, Sook tinha sete anos, mas tanto na China quanto na Coreia o comunismo estava em alta. As fronteiras entre os dois países foram abertas, para que todos pudessem viajar com facilidade]

- (61) ¿Jorge Mario Bergoglio ha sido un confesor severo o indulgente? He intentado siempre dedicarle tiempo a las confesiones, incluso siendo obispo o cardenal. Ahora confieso menos, pero aún lo hago. A veces **quisiera poder** entrar en una iglesia y sentarme en el confesionario. Así pues, para contestar a la pregunta: cuando confesaba siempre pensaba en mí mismo, en mis pecados, en mi necesidad de misericordia y, en consecuencia, intentaba perdonar mucho.²⁰²

[Jorge Mario Bergoglio foi um confessor severo ou indulgente? Sempre tentei dedicar tempo às confissões, mesmo como bispo ou cardeal. Agora confesso menos, mas ainda confesso. Às vezes, quisera poder entrar em uma igreja e sentar-me no confessionário. Então, para responder à pergunta: quando me confessei sempre pensei em mim, nos meus pecados, na minha necessidade de misericórdia e, conseqüentemente, procurei perdoar muito]

Em (58) e (59), o operador modal *deber* de necessidade tem um escopo de atuação sobre o operador modal *poder* de possibilidade, relativo, respectivamente, à capacidade de experimentar a alegria de ser amado por Deus e à possibilidade de encontrar um oásis de misericórdia nas comunidades cristãs católicas. Assim, nos exemplos (58) e (59), há uma modalidade deôntica subjetiva (na camada do Episódio) tendo um escopo de atuação, respectivamente, sobre uma modalidade facultativa (na camada da Propriedade Configuracional) e uma modalidade epistêmica objetiva (na camada do Estado-de-Coisas). Em (60) e (61), o operador modal *querer* também tem um escopo de atuação sobre o operador modal *poder* de possibilidade, referente, respectivamente, à capacidade de voltar no tempo e reviver os momentos passados e à capacidade de entrar em uma igreja e confessar os fiéis (a leitura facultativa é favorecida em virtude de o Santo Padre, em razão de seus compromissos papais, não ter o tempo hábil para confessar os fiéis católicos como antigamente, quando era apenas um sacerdote católico). Desse modo, nas ocorrências (60) e (61), há uma modalidade volitiva (na camada do Episódio) tendo um escopo de atuação sobre uma modalidade facultativa (na camada da Propriedade Configuracional).

Especificamente, em relação ao operador modal *querer*, verifica-se que ele pode também ter um escopo de atuação sobre o operador modal *poder* na expressão de possibilidade deôntica, como se pode averiguar nos exemplos (62) e (63), que foram retirados da Internet,

²⁰¹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://noticias.laibiblia.in/una-victima-del-regimen-dictador-de-corea-cuenta-como-sobrevivio-a-las-torturas/>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

²⁰² Exemplo retirado da Internet. Entrevista concedida pelo Papa Francisco ao Editorial Planeta. Disponível em: <<http://parroquiastelldefels.org/misericordia-papa-francisco/>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

podendo ser um indicativo do comportamento das modalidades deôntica e volitiva como subtipos modais distintos na manifestação da *Volitividade* (elemento de divergência):

- (62) **Quería poder** trabajar cuando lo necesitara sin sentir la constante llamada del deber y la responsabilidad. Quería viajar sin sentir que había otro lugar en el que debía estar. Quería libertad.²⁰³

[Quería poder trabalhar quando precisasse, sem sentir o chamado constante do dever e da responsabilidade. Eu queria viajar sem sentir que deveria estar em outro lugar. Eu queria liberdade]

- (63) Padre Francisco soy una mujer de 40 años quien vive en union libre con un hombre de 47 años de edad. el cual hace 22 años se encuentra separado de su esposa por la Iglesia Catolica. Yo **quisiera poder** comulgar pero no lo puedo hacer porq vivo en union libre. Ademas deseo poderme casar por lo catolico pero el no lo desea. Les pido de manera muy cordial su ayuda para el ESPIRITU SANTO entre en nuestro hogar.²⁰⁴

[Padre Francisco, sou uma mulher de 40 anos que vive em união livre com um homem de 47 anos. que está separado de sua esposa há 22 anos pela Igreja Católica. Eu quisera poder receber a comunhão, mas não posso porque vivo em união livre. Eu também gostaria de poder me casar como uma católica, mas ele não quer. Peço-lhe de forma muito cordial a sua ajuda para que o ESPÍRITO SANTO entre em nossa casa]

Em (62) e (63), o operador modal *querer* de necessidade tem um escopo de atuação sobre o operador modal *poder* de possibilidade deôntica, relativo, respectivamente, à permissão de trabalhar quando assim o desejar e à permissão de comungar (relativo à Eucaristia, dogma católico sobre a presença real de Jesus Cristo na hóstia consagrada), ainda que esteja em situação irregular perante a Igreja Católica (de acordo com os ensinamentos do Catecismo da Igreja Católica, pessoas em situação de “união livre”, ou seja, que não receberam o sacramento do matrimônio, mas convivem como marido e mulher, estariam impedidas de receber a Eucaristia). Assim, tem-se um operador volitivo (*querer*) operando na camada do Episódio incidindo sobre um operador de modalidade deôntica (*poder*) atuando na camada da Propriedade Configuracional.

Em relação aos modais deôntico e volitivo *deber* e *querer*, verifica-se que o primeiro tem escopo de atuação sobre o segundo, como se pode constatar nos exemplos de (64) e (65), que foram retirados da Internet,²⁰⁵ o que poderia comprovar também que as modalidades

²⁰³ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=0h3hCwAAQBAJ&pg=PT21&lpg=PT21&dq="quería+poder+trabajar"&source=bl&ots=44dD9cpVCO&sig=ACfU3U1Z_fDIC_-R6-o6BTkYLpXaeL6Nqw&hl=es&sa=X&ved=2ahUKEwjCtrLC8LjrAhV1CrkGHfSaAEc4ChDoATAEegQIARAB#v=onepage&q="quería%20poder%20trabajar"&f=false](https://books.google.com.br/books?id=0h3hCwAAQBAJ&pg=PT21&lpg=PT21&dq=)>. Acesso em: 26 ago. 2020.

²⁰⁴ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://yorezoxelpapa.wordpress.com/tu-y-el-papa-francisco/escibir-al-papa-francisco/comment-page-9/>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

²⁰⁵ Esses exemplos foram retirados da Internet, em razão de não terem sido encontrados, nas homilias do Papa Francisco, casos do modal *deber* tendo escopo de atuação sobre o modal *querer*.

deôntica e volitiva, na manifestação da *Volitividade*, apresentam um comportamento diferenciado (elemento de divergência) ao operarem nas camadas do Nível Representacional:

(64) “Eres mi hermana, Mi hermana, mi sangre, **debería querer** protegerte...Protegerte de la clase de chicos que quieren hacer contigo exactamente lo que yo quiero hacer...” [Jace sobre Clary]”.²⁰⁶

[“Você é minha irmã, minha irmã, meu sangue, eu deveria querer proteger você ... Proteger você do tipo de caras que querem fazer com você exatamente o que eu quero fazer ...” (Jace em Clary)].

(65) "El chico quiere quedarse aquí. Está en el club correcto, no hay duda alguna. Y para nosotros ha sido fantástico. No **debería querer** ir a otra parte", añadió. Por último, Ferguson insistió en que "ambas partes esperamos llegar a un acuerdo para que Cristiano Ronaldo se quede durante los próximos años" en Manchester.²⁰⁷

[“O menino quer ficar aqui. Está no clube certo, não há dúvida. E para nós tem sido fantástico. Ele não deveria querer ir para outro lugar”, acrescentou. Finalmente, Ferguson insistiu que "ambas as partes esperam chegar a um acordo para que Cristiano Ronaldo fique nos próximos anos" em Manchester]

Em (64) e (65), verifica-se que há um escopo de atuação de um modal *deber* de necessidade sobre um modal *querer* de possibilidade. Assim, constata-se que há um operador modal deôntico (*deber*) operando na camada do Episódio, de caráter avaliativo, incidindo sobre um operador modal volitivo (*querer*) que atua na camada da Propriedade Configuracional. Dessa forma, o falante faz uma avaliação subjetiva sobre a necessidade deôntica (obrigação) em relação à possibilidade volitiva (opção) de que o participante expreso (sujeito sintático) deseje concretizar o evento descrito pelo predicado, no caso, “proteger a sua irmã do mal pretendido por outros rapazes”, em (64); e “a permanência de Cristiano Ronaldo no time de futebol em que ele se encontra”, em (65). Ainda que o falante não detenha o controle [-controle] sobre os desejos do participante que está sob o escopo da sua avaliação pessoal, esse participante, por sua vez, detém controle [+controle] sobre aquilo que ele deseja. Assim, a modalidade que opera na camada do Episódio tem uma leitura deôntica (necessidade deôntica) em razão de o participante, em um momento posterior [+futuro], poder vir a desejar realizar [+realizável] (possibilidade volitiva) o evento expreso pelo predicado (*querer-fazer*), que está localizado na camada da Propriedade Configuracional.

²⁰⁶ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.goodreads.com/quotes/8050613-eres-mi-hermana-mi-hermana-mi-sangre-deber-a-querer-protegerte-protegerte>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

²⁰⁷ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.sport.es/es/noticias/futbol-internacional/ferguson-cristiano-ronaldo-no-deberia-querer-ir-a-otro-club-5542681>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

Por sua vez, é possível que os modais *deber* e *querer*, na manifestação de modalidade volitiva, possam operar em camadas diferentes, em que o *deber* tem escopo de atuação sobre o *querer*, como se pode averiguar nas ocorrências (66) e (67), que foram retiradas da Internet.²⁰⁸

- (66) “Creemos que esto debería acabar y que lo que ha ocurrido es un escándalo que afecta a la seguridad nacional, a la hacienda pública y a la imagen y decencia de este país. Por tanto, como si se es republicano o monárquico, se **debería querer** aclarar lo que sucedido. Pero ni PSOE ni PP tienen ninguna intención de hacerlo”.²⁰⁹

[Acreditamos que isso deveria acabar e que o que aconteceu é um escândalo que afeta a segurança nacional, as finanças públicas e a imagem e decência deste país. Portanto, como se você fosse um republicano ou monarquista, dever-se-ia querer esclarecer o que aconteceu. Mas nem PSOE nem PP têm qualquer intenção de fazer isso]

- (67) Los programas de interacción con delfines se pueden encontrar en todo el mundo, desde complejos hoteleros a parques temáticos. Pero realmente el único lugar en el que se **debería querer** ver a un delfín se encuentra en la naturaleza. Es cierto que, para el ojo inexperto, parecen felices cuando se les ve haciendo sus pequeños trucos, pero los recintos de retención de delfines no son únicamente poco profundos para ellos, sino también demasiado pequeños.²¹⁰

[Os programas de interação com golfinhos podem ser encontrados em todo o mundo, de complexos de hotéis a parques temáticos. Mas realmente o único lugar onde se deveria querer ver um golfinho é na natureza. É certo que, para o olho destreinado, eles parecem felizes quando vistos fazendo seus pequenos truques, mas os lugares de retenção dos golfinhos não são apenas rasos para eles, mas também pequenos demais]

Em (66) e (67), verifica-se também que há um escopo de atuação do modal *deber* de necessidade sobre o modal *querer* de possibilidade. Assim, constata-se que há um operador modal volitivo (*deber*) operando na camada do Episódio, de caráter avaliativo, incidindo sobre outro operador modal volitivo (*querer*) que atua na camada do Estado-de-Coisas. Dessa forma, o falante faz uma avaliação subjetiva sobre a necessidade volitiva (desejação) em relação à possibilidade volitiva (opção) de que um dado evento desejado venha a se concretizar um momento posterior [+futuridade] ao da sua apreciação, no caso, “o desejo de se esclarecer o fato acontecido”, em (66); e “o desejo de ver apenas os golfinhos em seu meio natural, que é a natureza”, em (67). De fato, o falante faz uma avaliação subjetiva, por meio do operador modal *deber*, sobre a possibilidade volitiva, expressa por meio do modal *querer*, de que um dado evento desejado venha a se concretizar (*querer-desejar*). A falta de controle [-controle] sobre o

²⁰⁸ Esses exemplos foram retirados da Internet, pois não foram encontrados casos dos modais *deber* e *querer* manifestando modalidade volitiva em um mesmo enunciado modalizado nas homilias do Papa Francisco.

²⁰⁹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.publico.es/politica/entrevista-alberto-garzon-garzon.html>>. Acesso em: 16 set. 2020.

²¹⁰ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://intrioper.com/nadar-con-delfines-razones-por-las-que-quiero-hacerlo-pero-no/>>. Acesso em: 16 set. 2020.

evento desejado, faz com o enunciado modalizado tenha uma leitura volitiva tanto na camada do Episódio, em que opera o modal *deber*, quanto na camada do Estado-de-Coisas, em que opera o modal *querer*. Pondera-se também que essa leitura volitiva do modal *deber* operando na camada do Episódio seja asseverada pela falta de agentividade [-agente] do modal *querer* que opera na camada do Estado-de-Coisas, haja vista que não há um sujeito que possa desejar concretizar (*querer-fazer*) o evento que é desejado e apreciado pelo falante.

Ponderamos que a impossibilidade de se encontrar um operador modal volitivo que atua em camadas inferiores, que tenha um escopo de atuação sobre um operador modal deôntico, que opera em camadas superiores, deve-se, segundo Casimiro (2007), ao fato de a modalidade deôntica ser uma gramaticalização da modalidade volitiva. Apoiando-se em Hengeveld (2011, 2017), o processo de gramaticalização das unidades linguísticas é unidirecional, ou seja, uma vez que a unidade linguística tenha alcançado os níveis e as camadas superiores, dificilmente ela consegue retornar à mesma posição dos níveis e camadas inferiores. Sendo assim, é plenamente possível que operadores modais deônticos, que operam em camadas mais elevadas, tenham um escopo de atuação sobre operadores modais volitivos que operam em uma camada mais baixa. No entanto, operadores modais volitivos de camadas mais baixas não conseguiriam ter um escopo de atuação sobre operadores modais deônticos de camadas mais elevadas.

Por isso, parafraseando os exemplos de (64) a (67), constata-se a agramaticalidade dos enunciados modalizados: (64) **La gente **querría deber** hacer...;* (65) **Algo que uno **quería deber** hacer...;* (66) **Eres mi hermana, Mi hermana, mi sangre, **querría deber** protegerte...;* e (67) **No **querría deber** ir a otra parte.* Pondera-se, ao se considerar o uso efetivo da língua e os propósitos comunicativos dos falantes (Componente Conceitual), pouco plausível que se instaure volição (modalidade volitiva) sobre a necessidade de realização de um evento já entendido como obrigatório (modalidade deôntica).

Em resumo, o Quadro 15 traz a síntese dos principais elementos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na manifestação da *Volitividade* no que diz respeito à orientação modal, ou seja, à camada de atuação de ambas as modalidades no Nível Representacional:

Quadro 15: Os aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva em relação à orientação modal (a camada de atuação no NR)

Camada de atuação no NR	<i>Volitividade</i>
Propriedade Configuracional (f)	Divergência: a modalidade deôntica contém o traço [+controle], enquanto a modalidade volitiva pode conter tanto o traço controle como não [±controle].
	Convergência: os operadores modais deônticos e volitivos incidem diretamente sobre o predicado principal (interno à predicação) [+direto]. O aspecto é <i>irrealis</i> . Os eventos são <i>não factuais</i> [-factual] e relativos a um momento posterior ao da enunciação [+futuro].
Estado-de-Coisas (e)	Divergência: a modalidade deôntica contém o traço [+controle], enquanto a modalidade volitiva contém o traço [-controle].
	Convergência: os operadores modais deônticos e volitivos podem incidir diretamente sobre o predicado principal (interno à predicação) [+direto] ou indiretamente [-direto]. O aspecto é <i>irrealis</i> . Os eventos são <i>não factuais</i> [-factual] e relativos a um momento posterior ao da enunciação [+futuro].
Episódio (ep)	Divergência: na modalidade deôntica, há a possibilidade de reatualização do evento avaliado [+realizável], enquanto, na modalidade volitiva, não há a possibilidade de reatualização do evento avaliado [-realizável]. A necessidade volitiva pode ter um escopo de atuação sobre uma possibilidade deôntica (<i>querer</i> → <i>poder</i>), enquanto uma necessidade deôntica pode ter um escopo de atuação sobre uma possibilidade volitiva (<i>deber</i> → <i>querer</i>). A possibilidade de reatualização do evento faz com este seja apreciado como <i>não factual</i> [-factual], enquanto a impossibilidade de reatualização do evento faz com que este seja apreciado como <i>contrafactual</i> [+contrafactual]. Para a modalidade deôntica, o operador de tempo é <i>absoluto-relativo</i> , enquanto, para a modalidade volitiva, o operador de tempo é <i>absoluto</i> .

	Convergência: as modalidades deôntica e volitiva referem-se à avaliação subjetiva do Falante acerca de um evento anterior ao momento de fala [+pretérito]. Os operadores modais deônticos e volitivos não incidem diretamente sobre o predicado principal (interno à predicação) [-direto].
Conteúdo Proposicional (p)	Divergência: a modalidade deôntica não apresenta atuação nesta camada, enquanto a modalidade volitiva opera nesta camada, relativa a eventos <i>não factuais</i> [-factual], irrealizáveis [-realizável] e localizados apenas na mente do falante [+mental].

Fonte: Elaborado pelo autor

Para além da orientação modal, que é relativa à camada de atuação das modalidades deôntica e volitiva na manifestação da *Volitividade* no Nível Representacional, pareceu produtivo que se fizesse a inter-relação entre o domínio semântico e os valores modais instaurados. Considerando que as modalidades deôntica e volitiva são pertencentes a eixos modais distintos, espera-se não apenas verificar os valores modais que são instaurados por cada subtipo modal, como também em qual camada do Nível Representacional esses mesmos valores modais operam, buscando, assim, descrever e analisar como o eixo de atuação modal (*conduta-dever* e *volição-querer*) pode interferir na interpretação semântica desses valores modais.

A Tabela 6 traz a inter-relação entre o domínio semântico e os valores modais deônticos e volitivos, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,00 ($p < 0,05$), revelando, assim, que há um condicionamento de uma categoria de análise sobre outra. Em outras palavras, o tipo de avaliação modal que se faz do enunciado modalizado (domínio semântico) condiciona os valores modais que podem ser instaurados pela modalidade deôntica e volitiva, a partir do eixo de atuação modal, respectivamente o da *conduta* e o da *volição*.

Assim, para a modalidade deôntica, que é relativa ao que é moral, legal e socialmente aceito em termos de regras e normas de conduta (HENGEVELD, 2004), é possível a instauração dos valores modais de *obrigação* (o que deve ser realizado), *permissão* (o que pode ser realizado) e *proibição* (o que não deve e/ou pode ser realizado); enquanto, para a modalidade volitiva, que se refere ao que é desejável ou indesejável (HENGEVELD, 2004), é possível a instauração dos valores modais de *desideração* (volição irrealizável), *optação* (volição realizável, mas dependente de fatores externos), *intenção* (volição realizável e dependente

apenas do falante a concretização do evento volicionado) e *exortação* (volição realizável e dependente apenas do ouvinte a concretização do evento volicionado); o que pode ser averiguado na Tabela 6:

Tabela 6: A inter-relação entre o domínio semântico e os valores modais deônticos e volitivos

Os valores modais deônticos e volitivos	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Obrigaçã	36 (22,9%)	00 (0,0%)	36 (22,9%)
Proibiçã	21 (13,4%)	00 (0,0%)	21 (13,4%)
Permissã	02 (1,3%)	00 (0,0%)	02 (1,3%)
Intençã	00 (0,0%)	72 (45,9%)	72 (45,9%)
Optaçã	00 (0,0%)	15 (9,6%)	15 (9,6%)
Exortaçã	00 (0,0%)	06 (3,8%)	06 (3,8%)
Desideraçã	00 (0,0%)	05 (3,2%)	05 (3,2%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Considerando os diferentes valores modais que podem ser instaurados pelas modalidades deôntica e volitiva, passar-se-á à descrição e à análise da atuação desses valores modais com base nas camadas do Nível Representacional. Começar-se-á pelas camadas inferiores (Propriedade Configuracional e Estado-de-Coisas), para, posteriormente, passar para as camadas superiores (Episódio e Conteúdo Proposicional).

Na camada da Propriedade Configuracional, verifica-se que a modalidade deôntica diz respeito à obrigação, à permissão ou à proibição que recaem sobre um participante em realizar o evento que é designado pelo predicado. Por sua vez, a modalidade volitiva diz respeito à intenção do participante em concretizar o evento descrito pelo predicado. As ocorrências de (68) a (71) ilustram, respectivamente, os valores modais de *obrigação*, *permissão*, *proibição* e *intenção*:

- (68) Hay un «servicio» que sirve a los otros; pero **tenemos que** cuidarnos del otro servicio, de la tentación del «servicio» que «se» sirve de los otros (H6).
[Existe um "serviço" que serve aos outros; mas temos que ter cuidado com o outro serviço, com a tentação do "serviço" que "usa" outros]
- (69) El milagro comienza cuando los servidores acercan los barriles con agua que estaban destinados a la purificación. Así también cada uno de nosotros **puede** comenzar el milagro (H26).
[O milagre começa quando os servidores trazem para mais perto os barris com água que eram destinados à purificação. Cada um de nós também pode iniciar o milagre]
- (70) Hay algo que es cierto, no **podemos** obligar a nadie a recibirnos, a hospedarnos; es cierto y es parte de nuestra pobreza y de nuestra libertad (H20).

[Há algo que é verdade, não podemos obrigar ninguém a nos receber, a nos hospedar; é verdade e faz parte da nossa pobreza e da nossa liberdade]

- (71) **Deseo** dirigir ahora la mirada a la Virgen María (H8).
[Desejo agora voltar meu olhar para a Virgem Maria]

Em (68), verifica-se que sobre o participante (*nosotros*) recai a obrigação de realizar o evento descrito pelo predicado, que consiste em cuidar do serviço voltado para o próximo. Em (69), constata-se que sobre o participante (*cada uno de nosotros*) recai a permissão de começar o “milagre” em suas vidas, assim como Jesus fez um milagre no casamento em Caná da Galileia, a partir da oferta feita pelos servidores do casamento dos barris que estavam destinados à purificação. Em (70), averigua-se que sobre o participante (*nosotros*) recai a proibição (negação de permissão) de realizar o evento designado pelo predicado, que diz respeito a obrigar as pessoas a recebê-los quando saem em missão (o Papa Francisco se refere ao discurso proselitista, que intimida as pessoas a aceitarem os ensinamentos doutrinários católicos por meio de uma condenação eterna). Em (71), examina-se que o participante manifesta a intenção de realizar o evento descrito pelo predicado, no caso, voltar o seu olhar para a imagem da Virgem Maria.

Ainda em relação à modalidade volitiva, constata-se também que, na camada da Propriedade Configuracional, o Falante (Papa Francisco) pode solicitar que o Ouvinte (bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis católicos) realize o evento que é designado pelo predicado, cuja concretização depende apenas do Ouvinte (*exortação*). Assim sendo, a modalidade volitiva, nessa camada, pode se referir também ao desejo (volição) do participante de que um outro sujeito se envolva no evento que é designado pelo predicado, como se pode verificar nas ocorrências (72) e (73):

- (72) Hoy los invito a que cuiden esa vocación, a que cuiden estos dones que Dios les ha regalado, pero especialmente **quiero** invitarlos a que cuiden y sirvan, de modo especial, la fragilidad de sus hermanos (H6).

[Hoje convido-vos a cuidar dessa vocação, a cuidar destes dons que Deus vos deu, mas quero sobretudo convidar-vos a cuidar e a servir, de maneira especial, a fragilidade dos vossos irmãos]

- (73) Jesús nos invita a no impedir esos pequeños gestos milagrosos, por el contrario, **quiere** que los provoquemos, que los hagamos crecer, que acompañemos la vida como se nos presenta, ayudando a despertar todos los pequeños gestos de amor, signos de su presencia viva y actuante en nuestro mundo (H5).

[Jesus nos convida a não impedir esses pequenos gestos miraculosos, pelo contrário, quer que os provoquemos, que os façamos crescer, que acompanhemos a vida como ela se apresenta a nós, ajudando a despertar todos os pequenos gestos de amor, sinais de sua presença viva e ativa em nosso mundo]

Em (72), constata-se que o participante (Papa Francisco) expressa o desejo de que outro sujeito (bispos, sacerdotes e religiosos, que é marcado pelo pronome *los*) se envolva no evento descrito pelo predicado, que consiste no convite em cuidar e servir aos irmãos nas suas fragilidades, em decorrência dos pecados (o Papa Francisco se refere ao sacramento da Confissão, no qual se obtém a absolvição dos pecados). Em (73), verifica-se que o Falante (Papa Francisco) reporta o desejo do participante (Jesus Cristo) de que outro sujeito (Falante e Ouvinte) concretize o evento designado pelo predicado, que consiste em provocar e fazer crescer pequenos gestos milagrosos na vida dos irmãos.

No que diz respeito à camada do Estado-de-Coisas, atesta-se que a modalidade deôntica está relacionada à prescrição da obrigação, da permissão ou da proibição de realização de um evento, enquanto a modalidade volitiva é referente à manifestação da vontade de que um dado evento venha a ocorrer, mas sem que o falante faça uma avaliação subjetiva, manifestando apenas o estatuto objetivo de realização desse evento. As ocorrências de (74) a (77) ilustram, respectivamente, os valores modais de *obrigação*, *permissão*, *proibição* e *opção*:

(74) La pobreza siempre tratamos de escamotearla, sea por cosas razonables, pero estoy hablando de escamotearla en el corazón, que **hay que** saber administrar los bienes, es una obligación, los bienes son un don de Dios, pero cuando esos bienes entran en el corazón y te empiezan a conducir la vida, ahí perdiste, ya no eres como Jesús, tienes tu seguridad donde la tenía el joven triste, el que se fue entristecido (H7).

[Procuramos sempre ocultar a pobreza, seja por motivos razoáveis, mas estou a falar de escondê-la no coração, que é preciso saber gerir os bens, é uma obrigação, os bens são um dom de Deus, mas quando esses bens entram o teu coração e a tua vida passam a te conduzir, aí estás perdido, já não és como Jesus, tens a tua segurança onde a tinha o jovem triste, aquele que partiu entristecido]

(75) Por eso, quiero proponer a todos que redescubramos la belleza de rezar el Rosario en casa durante el mes de mayo. Se **puede** rezar juntos o de manera personal, según sean las circunstancias, pero aprovechando al máximo ambas posibilidades. Pero, en cualquier caso, el secreto es rezarlo con sencillez. Es fácil encontrar, también en internet, buenas guías para poder rezarlo.²¹¹

[Por isso, quero propor que redescubramos a beleza de rezar o Rosário em casa durante o mês de maio. Vocês podem orar juntos ou de forma pessoal, dependendo das circunstâncias, mas aproveitando ao máximo as duas possibilidades. Mas, em qualquer caso, o segredo é orar com simplicidade. É fácil encontrar, também na internet, bons guias para poder rezá-lo]

²¹¹ Devido à inexistência de casos de modalidade deôntica orientada para o Evento (operando na camada do Estado-de-Coisas) com o valor modal de permissão nas homilias do Papa Francisco, recorreu-se a este exemplo retirado a Internet, relativo à Carta Apostólica do Papa Francisco direcionada a todos os fiéis católicos no mês de maio de 2020. Disponível em: <<https://cristodelavictoria.archimadrid.es/mes-de-mayo-carta-del-papa-y-oraciones/>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

(76) Jesús enseña que la relación con Dios no **puede** ser un apego frío a normas y leyes, ni tampoco un cumplimiento de ciertos actos externos que no llevan a un cambio real de vida (H23).

[Jesús ensina que a relação com Deus não pode ser um apego frio a normas e leis, nem pode ser o cumprimento de certos atos externos que não conduzem a uma mudança real na vida]

(77) De muchas maneras y de muchas formas se ha querido silenciar y callar este anhelo, de muchas maneras han intentado anestesiarnos el alma, de muchas formas **han pretendido** aletargar y adormecer la vida de nuestros niños y jóvenes con la insinuación de que nada puede cambiar o de que son sueños imposibles (H12).

[De muitas maneiras, eles tentaram silenciar e silenciar esse desejo, de muitas maneiras eles tentaram anestésiar nossas almas, de muitas maneiras eles tentaram letargia e entorpecer a vida de nossos filhos e jovens com a insinuação de que nada pode mudar ou que são sonhos impossíveis]

Em (74), o Falante reporta a obrigação de saber administrar os bens materiais, já que também são um presente de Deus, mas sem que isso se transforme em um apego aos bens materiais. Em (75), o Falante reporta a permissão de rezar individual e/ou coletivamente, mas aproveitando, ao máximo, ambas as possibilidades. Em (76), o Falante reporta a proibição de que a relação com Deus se dê por meio de um apego frio às normas e leis religiosas. Em (77), o Falante reporta a opção de concretização de um evento, no caso, a vontade de “desacelerar” e “adormecer” a vida das crianças e dos jovens em relação aos seus sonhos e aos seus projetos pessoais. Como se pode constatar, na camada do Estado-de-Coisas, o Falante se limita a reportar a necessidade ou não de concretização de um evento, buscando eximir-se de alguma avaliação subjetiva, recorrendo, para isso, às marcas de terceira pessoa do singular/plural ou por meio da impessoalização com a partícula *se*.

No tocante à camada do Episódio, constata-se que a modalidade deôntica é relativa a uma avaliação subjetiva que o falante faz acerca da possibilidade de reatualização de um evento, entendido por ele como sendo obrigatório (*obrigação*), e que é anterior ao momento de fala. Por seu lado, a modalidade volitiva diz respeito a uma apreciação subjetiva que o falante faz sobre a impossibilidade de reatualização de um evento anterior ao momento da enunciação, revelando, assim, a desejabilidade (*desejabilidade*) de que esse evento não tivesse ocorrido. Os exemplos de (78) a (81), que foram retirados da Internet, exemplificam isso:

(78) Müller comprende que **tenía que** haber denunciado esas herejías de Francisco en su momento; al menos comienza a darse cuenta que, aunque un poco tarde, todavía es tiempo de denunciar la deriva de Francisco ante el desastre que está provocando el argentino en la Iglesia.²¹²

²¹² Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://adoracionyliberacion.com/2019/02/14/el-blog-de-damian-galeron-en-adoracion-y-liberacion-muller-un-poco-tarde/>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

[Müller entende que ele tinha que ter denunciado essas heresias de Francisco na época; pelo menos começa a perceber que, embora um pouco tarde, ainda é hora de denunciar a deriva de Francisco diante do desastre que o argentino está causando na Igreja]

- (79) Sheen, quien murió en 1979 y a veces fue llamado el primer "televangelista", **debía** haber sido beatificado en una ceremonia dirigida por un cardenal del Vaticano en Peoria, Illinois, el 21 de diciembre. Pero el obispo de esa diócesis, Daniel Jenky, anunció el martes que se pospondría y que no se había elegido una nueva fecha.²¹³

[Sheen, que morreu em 1979 e às vezes foi chamado de o primeiro "televangelista", devia ter sido beatificado em uma cerimônia conduzida por um cardeal do Vaticano em Peoria, Illinois, em 21 de dezembro. Mas o bispo daquela diocese, Daniel Jenky, anunciou terça-feira que seria adiado e que não havia data marcada]

- (80) Consultado sobre la designación de Battista Ricca como asesor en la Instituto para las Obras de Religión, -que fue señalado como protagonista de un romance homosexual con un capitán de la guardia suiza- Cotugno respondió: “En la foja no aparecía nada. El papa lo había conocido cuando iba a Roma y era una persona bien. Cuando le presentaron todo el expediente de él no había nada, pero verdaderamente es una cosa lamentable, que no **tenía que** haber pasado. Son todas cosas que se dan en sociedades humanas y la iglesia no deja de ser una sociedad humana. Son errores, pero está toda la voluntad de poderlos subsanar”.²¹⁴

[Questionado sobre a nomeação de Battista Ricca como assessor do Instituto para as Obras da Religião, -que foi apontado como o protagonista de um caso homossexual com um capitão da Guarda Suíça- Cotugno respondeu: “Nada apareceu na página. O papa o conheceu quando ele foi a Roma e ele era uma boa pessoa. Quando o apresentaram com todo o processo, não havia nada, mas é realmente uma coisa lamentável que não tinha que ter acontecido. Todas são coisas que ocorrem nas sociedades humanas e a igreja continua a ser uma sociedade humana. São erros, mas existe toda a vontade de poder corrigi-los”]

- (81) Francisco podría realizar el sueño de Juan Pablo II, quien tenía la intención de visitar la llanura de Ur de los Caldeos. Esta **debía** haber sido la primera etapa de la peregrinación jubilar de Juan Pablo II para el año 2000. El viaje del Papa Wojtyla había sido programado del 1º al 3 de diciembre de 1999. Pero se suspendió por motivos políticos y logísticos.²¹⁵

[Francisco poderia realizar o sonho de João Paulo II, que tinha a intenção de visitar a planície de Ur dos Caldeus. Essa devia ter sido a primeira etapa da peregrinação do jubileu de João Paulo II no ano 2000. A viagem do Papa Wojtyla estava programada para 1 a 3 de dezembro de 1999. Mas foi suspensa por razões políticas e logísticas]

Em (78) e (79), constatam-se casos de modalidade deontica operando na camada do Episódio, em que o falante faz uma avaliação subjetiva acerca de um evento ocorrido em um momento anterior, respectivamente, a denúncia das heresias do Papa Francisco da parte de

²¹³ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.voanoticias.com/noticias-internacional/vaticano-pospone-beatificacion-primer-televangelista-eeuu>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

²¹⁴ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.montevideo.com.uy/Noticias/Con-Cotugno-en-Rio-de-Janeiro-uc207807?plantilla=1340>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

²¹⁵ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.swissinfo.ch/blueprint/servlet/spa/afp/un-cardenal-francés-condenado-por-ocultar-casos-de-pederastia-presentará-su-dimisión-al-papa/44807060>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

Müller (agente sobre quem recai a obrigação avaliada pelo falante) e a beatificação do falecido missionário Sheen no dia 21 de dezembro. No entanto, o falante deixa claro a possibilidade de reatualização do evento, ao manifestar, respectivamente, que “ainda é tempo de denunciar os erros cometidos pelo Papa Francisco” e “que ainda não havia sido escolhida uma data para a beatificação do falecido missionário”, o que propicia que se instaure o valor de obrigação sobre esses eventos, a partir da avaliação subjetiva do falante.

Por sua vez, em (80) e (81), averíguam-se casos de modalidade volitiva operando na camada do Episódio, em que o falante faz uma avaliação subjetiva acerca do evento que tem localização em um momento anterior, respectivamente, o fato de as provas terem sido adulteradas quando passaram pelo processo e a peregrinação do Papa João Paulo II à cidade de Ur, no atual Iraque, no ano 2000. Nesses casos, o falante manifesta a impossibilidade de reatualização do evento, considerando a “impossibilidade de reaver as provas”, pois os crimes não foram denunciados na época em que ocorreram; e a “peregrinação do Papa João Paulo II à cidade de Ur no ano 2000”, haja vista a impossibilidade de o antecessor do Papa Francisco, falecido em 2005, reatualizar o evento que está sob o escopo da qualificação modal, o que é asseverado pelo operador de tempo absoluto “no ano 2000”. Nesse sentido, a leitura volitiva é favorecida, instaurando-se, dessa forma, o valor de desideração sobre os eventos, com base na avaliação subjetiva do falante.

Ainda em relação à atuação da modalidade volitiva na camada do Episódio, verificou-se, nas homilias do Papa Francisco, a possibilidade de o valor modal de *intenção* também atuar nesta camada, considerando que as formas pretéritas podem refletir uma opinião subjetiva do falante acerca de um evento que é anterior ao momento de fala e que era avaliado por ele como sendo desejável, estendendo-se, portanto, ao momento da interação com o ouvinte. Por conveniência, as ocorrências (82) e (83) reportam, respectivamente, as ocorrências (45) e (46), em que se instaura o valor de intenção (volição realizável da perspectiva do falante) na camada do Episódio:

(82) Gratiud y laboriosidad: estos son los dos pilares de la vida espiritual que **deseaba** compartir con ustedes sacerdotes, religiosas y religiosos esta tarde (H2).
[Gratidão e laboriosidade: estes são os dois pilares da vida espiritual que desejava partilhar convosco, sacerdotes, religiosos e religiosas esta tarde]

(83) Así como ellos enfrentaron la tempestad sobre el mar, a ustedes les tocó enfrentar el duro golpe del «Niño costero», cuyas consecuencias dolorosas todavía están presentes en tantas familias, especialmente aquellas que todavía no pudieron

reconstruir sus hogares. También por esto **quise** estar y rezar aquí con ustedes (H27).

[Assim como enfrentaram a tempestade sobre o mar, vocês tiveram que enfrentar o duro golpe da «Criança do Litoral», cujas dolorosas consequências ainda estão presentes em tantas famílias, especialmente aquelas que ainda não puderam reconstruir suas casas. É também por isso que eu quis estar e orar aqui com vocês]

Na camada do Episódio, pondera-se ser possível também, com base em Oliveira e Prata (2020), a instauração do valor modal de *imprecação*. Conforme os autores, o evento sobre o qual recai a volição pode ser avaliado pelo falante como sendo [+bom] e [+agradável]. Ao apreciar um evento como sendo ruim [-bom] e desagradável [-agradável], o falante pode também desejar a sua concretização. Baseando-se nos autores, o valor modal de *imprecação* pode também operar na camada do Episódio, especificamente nos casos em que o falante faz uma apreciação subjetiva sobre um evento anterior ao momento de fala [+preteridade] e do qual ele desejaria que não tivesse ocorrido ou que tivesse ocorrido de outra forma, como no exemplo (84), que foi retirado de Oliveira e Prata (2020, p. 142):

(84) ¡**Quisiera** haber muerto, sin que nadie me viera! ¡Preferiría no haber existido, y haber pasado del vientre a la tumba!

[Quisera ter morrido, sem que ninguém me visse! Preferiria não ter existido, e ter passado do ventre para a tumba!]

Segundo Oliveira e Prata (2020), em (84), o evento não é possível de vir a se concretizar [-realizável], pois o evento desejado pelo falante não poderia ser revertido [+contrafactual], o que poderia justificar o emprego do pretérito imperfeito do subjuntivo na primeira pessoa do singular (*quisiera*). Ao instaurar a modalidade volitiva, o falante faz uma apreciação subjetiva sobre um evento anterior ao momento de fala e do qual ele deseja que tivesse ocorrido de outra forma.

No que diz respeito à camada do Conteúdo Proposicional, constata-se que apenas a modalidade volitiva atua nesta camada. Por se tratar de construtos mentais, os eventos sobre os quais incidem à modalidade volitiva são *não factuais*, com localização apenas na mente do falante [+mental] e realizáveis em um mundo do qual somente o falante tem acesso. Assim, o único valor modal possível é o de *desideração* (volição irrealizável), como se pode averiguar nas ocorrências (85) e (86) que, por conveniência, reportam, respectivamente, as ocorrências (30) e (52):

(85) Me imagino ese susurro de Jesús en la última Cena como un grito en esta misa que celebramos en «El Parque Bicentenario». Imaginémoslo juntos. El

Bicentenario de aquel Grito de Independencia de Hispanoamérica. Ése fue un grito, nacido de la conciencia de la falta de libertades, de estar siendo exprimidos, saqueados, «sometidos a conveniencias circunstanciales de los poderosos de turno» (Evangelií Gaudium 213). **Quisiera** que hoy los dos gritos concuerden bajo el hermoso desafío de la evangelización. No desde palabras altisonantes, ni con términos complicados, sino que nazca de «la alegría del Evangelio», que «llena el corazón y la vida entera de los que se encuentran con Jesús (H16).

[Imagino aquele sussurro de Jesus na Última Ceia como um grito nesta Missa que celebramos no "El Parque Bicentenario". Vamos imaginar juntos. O Bicentenario desse Grito de Independência da Hispano-América. Foi um grito que nasceu da consciência da falta de liberdade, de ser espremido, saqueado, "submetido à conveniência circunstancial dos poderosos de serviço" (Evangelií Gaudium 213). Quisera que os dois gritos concordassem hoje sob o belo desafio da evangelização. Não de palavras pomposas, nem de termos complicados, mas nasce da "alegria do Evangelho", que "enche o coração e a vida inteira de quem encontra Jesus]

- (86) Dos sentimientos tengo hoy para con nuestros hermanos islámicos. Primero, mi saludo por celebrarse hoy el Día del Sacrificio. **Hubiera querido** que mi saludo fuera más caluroso según los sentimientos, que es mi cercanía, mi cercanía ante la tragedia que su pueblo ha sufrido hoy en la Meca (H2).

[Tenho dois sentimentos hoje por nossos irmãos islâmicos. Em primeiro lugar, minhas saudações por celebrar o Dia do Sacrificio hoje. Quisera que a minha saudação fosse mais calorosa de acordo com os meus sentimentos, que é a minha proximidade, a minha proximidade à tragédia que hoje o vosso povo sofreu em Meca]

Em (85) e (86), o Falante faz uma apreciação subjetiva sobre uma proposição, na qual ele expressa, respectivamente, o desejo de que a força da evangelização ecoasse da mesma forma que o grito da independência e que a sua saudação fosse tão calorosa conforme os seus sentimentos pelo povo que sofre na cidade de Meca. Os eventos apreciados pelo Falante podem ser apenas localizados em sua mente [+mental], entendidos como possíveis e verdadeiros com base em suas crenças e convicções pessoais.

Ainda em relação à camada do Conteúdo Proposicional, é possível que a modalidade volitiva também possa instaurar o valor modal de *imprecação*. Ao apreciar um evento como sendo ruim [-bom] e desagradável [-agradável], o falante pode também desejar a sua concretização em um mundo do qual apenas ele tem acesso, cujo evento não pode ser localizado no tempo e no espaço e que esteja restrito à mente do falante [+mental], como no exemplo (87), que foi retirado de Oliveira e Prata (2020, p. 142):

- (87) **Quería** que le atropellase un autobús.
[Quería que ele fosse atropelado por um ônibus]

Em (87), averigua-se que o falante faz uma avaliação subjetiva sobre uma proposição relativa a um evento que pode ser apenas localizado em sua mente, no qual ele deseja que um determinado sujeito seja atropelado por um ônibus. Ainda que esse evento só possa ser

localizado na mente do falante, ele poderia vir a se concretizar no mundo real, haja vista que há uma pequena possibilidade de que o evento se concretize. Pondera-se que essa possibilidade possa justificar o emprego do pretérito imperfeito na primeira pessoa do singular (*quería*).

Ao se analisar o comportamento dos valores modais deônticos e volitivos nas camadas do Nível Representacional, eles parecem apresentar uma adequação semântica não apenas pautada nos eixos modais da *conduta* (modalidade deôntica) e da *volição* (modalidade volitiva), mas na avaliação modal que se faz do enunciado modalizado (domínio semântico) e na *atitude volicional* do falante (imposição volicional e ato volicional).

Nesse sentido, o *eixo da conduta* requer que as normas e as regras que são aceitas social, legal e moralmente (*domínio semântico*) advenham de uma força, podendo ser um conjunto de leis, de costumes, de hábitos sociais, de uma instituição moralmente reconhecida, etc., como pondera Lyons (1977), que exerça um determinado poder para impor a sua vontade (*elemento do desejo*) sobre os demais sujeitos (*imposição volicional*), derivando, assim, nos valores modais de:

- (i) obrigação (o que deve ser realizado);
- (ii) permissão (o que pode ser realizado, mas não é obrigatório);
- (iii) proibição (o que não deve/pode ser realizado).

Em compensação, o *eixo da volição* requer apenas que os eventos que sejam desejáveis ou indesejáveis (*domínio semântico*) advenham de um ser capaz de volição (*ato volicional*) que, por sua vez, deseja a concretização de algum evento, podendo este evento realizar-se com ou sem a intervenção humana, derivando, assim, nos valores modais de:

- (i) desideração (volição irrealizável e avaliada como agradável);
- (ii) imprecação (volição irrealizável e avaliada como desagradável);
- (iii) opção (volição realizável, mas dependente de fatores externos);
- (iv) intenção (volição realizável e dependente apenas do falante a sua concretização);
- (v) exortação (volição realizável, mas dependente apenas do ouvinte a sua concretização).

Assim, para a manifestação da *Volitividade*, constata-se que:

- (i) na camada da Propriedade Configuracional, os valores modais deônticos de obrigação, permissão e proibição são instaurados a partir do que é imposto aos sujeitos (*imposição volicional*) com base no que é aceito em termos de regras e normas de conduta, enquanto os valores modais volitivos de intenção e exortação são instaurados a partir do que é manifestado como desejável ou indesejável da parte do falante ou de um participante reportado no discurso (*ato volicional*), podendo a concretização do evento volicionado ficar a cargo apenas do falante ou de outro sujeito;
- (ii) na camada do Estado-de-Coisas, os valores modais deônticos de obrigação, permissão e proibição são instaurados a partir do que é prescrito ou regulado (*imposição volicional*) social, legal e moralmente acerca da realização ou não de um determinado evento, enquanto o valor modal volitivo de opção é instaurado a partir do que é entendido como desejável ou indesejável (*ato volicional*), mas que é dependente de fatores externos para a sua concretização;
- (iii) na camada do Episódio, o valor modal de obrigação é instaurado com base na avaliação subjetiva do falante acerca de um evento que pode ser reatualizado e é avaliado por ele como sendo obrigatório (*imposição volicional*), enquanto o valor modal de desideração e imprecação é instaurado com base na avaliação subjetiva do falante acerca de um evento que não pode ser reatualizado, mas sendo desejável da sua parte (*ato volicional*) que ele pudesse sê-lo;
- (iv) na camada do Conteúdo Proposicional, o valor modal de desideração e de imprecação é instaurado a partir da avaliação subjetiva do falante acerca de um evento que pode ser apenas localizado na sua mente e irrealizável do ponto de vista factual (*ato volicional*).

Assim como os valores modais podem atuar em diferentes camadas do Nível Representacional, considerando o eixo modal (conduta ou volição), o domínio semântico (deôntica ou volitiva) e a atitude volicional (imposição volicional ou ato volicional), acredita-se que a natureza do enunciado deôntica ou volitivamente modalizado possa ser diferenciada com base no escopo de atuação das modalidades deôntica e volitiva nas camadas do Nível Representacional.

A Tabela 7 traz a inter-relação entre o domínio semântico e a natureza do enunciado modalizado deôntico e volitivo, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,00 ($p < 0,05$), revelando,

assim, que há um condicionamento de uma categoria de análise sobre outra. Em outras palavras, o tipo de avaliação modal que se faz do enunciado modalizado (domínio semântico) condiciona as diferentes naturezas do enunciado modalizado, sejam eles deônticos ou volitivos, a partir do eixo de atuação modal, respectivamente, o da *conduta* e o da *volição*:

Tabela 7: A inter-relação entre o domínio semântico e a natureza do enunciado modalizado

A natureza do enunciado modalizado	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Prescritiva	26 (16,6%)	00 (0,0%)	26 (16,6%)
Regulativa	29 (18,5%)	00 (0,0%)	29 (18,5%)
Normativa	04 (2,5%)	00 (0,0%)	04 (2,5%)
Reportativa	00 (0,0%)	52 (33,1%)	52 (33,1%)
Disposicional	00 (0,0%)	35 (22,3%)	35 (22,3%)
Expressiva	00 (0,0%)	06 (3,8%)	06 (3,8%)
Apreciativa	00 (0,0%)	05 (3,2%)	05 (3,2%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Desse modo, os enunciados modalizados que estão inseridos no *eixo do dever* poderiam apresentar quatro tipos de natureza modal: *prescritiva*, *regulativa*, *normativa* e *avaliativa*. Por seu lado, os enunciados modalizados que estão inseridos no *eixo do querer* poderiam também apresentar quatro tipos de natureza modal: *disposicional*, *reportativa*, *expressiva* e *apreciativa*. Para esta pesquisa, a natureza do enunciado modalizado é vista como uma categoria de ordem semântica, pois está relacionada às possíveis designações semânticas que a *Volitividade* manifestada é engendrada no discurso, cuja qualificação da atitude modal pode estar voltada para sujeitos e/ou eventos. Assim sendo, quando relativa a sujeitos, entende-se a *Volitividade* expressa como sendo de caráter acional (deseja-se realizar um evento que está sob a qualificação modal volitiva ou impõe-se a própria vontade sobre outros sujeitos quando um evento está sob a qualificação modal deôntica). Por sua vez, quando voltada para eventos, geralmente a *Volitividade* se reveste de um caráter mental (manifesta-se a probabilidade de que um dado evento, que está sob a qualificação modal deôntica e volitiva, venha a se concretizar, podendo este evento ser entendido como algo obrigatório a partir de um conjunto de leis ou normas vigentes ou apenas o que é entendido como desejável ou indesejável).

Considerando os diferentes tipos de natureza modal entre as modalidades deôntica e volitiva, passar-se-á à descrição e à análise da atuação da natureza do enunciado modalizado com base nas camadas do Nível Representacional. Começar-se-á pelas camadas inferiores

(Propriedade Configuracional e Estado-de-Coisas), para, posteriormente, passar para as camadas superiores (Episódio e Conteúdo Proposicional).

Conforme Vázquez Laslop (2001), a modalidade deôntica pode ser de natureza modal *prescritiva* ou *avaliativa*.²¹⁶ A modalidade deôntica prescritiva está relacionada a normas, regras, leis, condutas, etc., das diferentes instituições (políticas, religiosas, sanitárias, etc.) ou a regras morais de âmbito geral (estabelecidas por contratos sociais e vigentes em uma dada sociedade). Por sua vez, a modalidade deôntica avaliativa diz respeito a um julgamento pessoal que o falante faz acerca de alguma regra ou norma já estabelecida ou ainda não vigente. Como forma de ilustração, os exemplos (88) e (89), retirados de Vázquez Laslop (2001), exemplificam, respectivamente, os dois tipos de natureza modal deôntica, a prescritiva e a avaliativa:

(88) **Deben** usarse cuchillos perfectamente afilados para que no desmerezca el corte (VÁZQUEZ LASLOP, 2001, p. 96).

[Facas perfeitamente afiadas devem ser usadas para que não prejudiquem o corte]

(89) Si te decepciona a muchos niveles, pero luego ves que, en el fondo, si al final crees que es lo único que **deberías** haber estudiado, que tenías que haber estudiado, al final te da igual (VÁZQUEZ LASLOP, 2001, p. 96).

[Se te decepciona em muitos níveis, mas então você vê que, no fundo, se no final você pensa que é a única coisa que você deveria ter estudado, que você tinha que ter estudado, no final você não liga]

De acordo com Vázquez Laslop (2001), a natureza modal deôntica, em (88), é prescritiva, haja vista que se refere a uma instrução ou recomendação já estabelecida em termos de comportamento social e relativa ao cuidado que deve se ter em relação à manutenção de objetos cortantes (facas). Por seu turno, em (89), a natureza modal deôntica é avaliativa, pois o falante se compromete com aquilo que é descrito no enunciado modalizado, ou seja, ele exprime uma opinião ou julgamento com relação à ocorrência de um evento anterior ao momento de fala. No tocante ao aparato teórico da GDF, constata-se que, em (88), a modalidade deôntica opera na camada do Estado-de-Coisas, pois é relativa à obrigação de realização de um evento, cujo tempo é relativo, enquanto, em (89), a modalidade deôntica opera na camada do Episódio,

²¹⁶ Para Vázquez Laslop (2001), a natureza do enunciado modal deôntico pode estar relacionada com a objetivação e a subjetivação da modalidade deôntica. Segundo a autora, a *modalidade deôntica objetiva*, quando o falante se exime de fazer alguma avaliação pessoal acerca do ato deôntico instaurado, é de natureza *prescritiva*, em que o falante atua apenas como um “porta-voz” de alguma regra ou norma vigente já estabelecida. Por sua vez, a *modalidade deôntica subjetiva* pode ser de natureza *prescritiva*, quando o falante estipula uma regra ou norma de conduta, ou *avaliativa*, quando o falante manifesta a sua opinião pessoal acerca da obrigatoriedade ou necessidade de concretização de um evento.

pois diz respeito à avaliação subjetiva do falante acerca de um evento que é anterior ao momento de fala, cujo tempo é absoluto.

Com base em Vázquez Laslop (2001) e considerando a atuação da modalidade deôntica nas camadas do Nível Representacional, propõem-se quatro tipos de natureza modal deôntica nesta pesquisa: (i) *prescritiva*, quando o falante reporta regras que são inerentes à sua conduta pessoal como ser social, político, religioso, etc., e que são impostas social, moral e legalmente; (ii) *normativa*, quando o falante reporta alguma regra ou norma já estabelecida e que deve ser executada por terceiros; (iii) *regulativa*, quando o falante regula normas e regras de condutas em termos do que é entendido como socialmente aceitável, ou seja, eventos referentes a obrigações, permissões ou proibições de âmbito geral; e (iv) *avaliativa*, quando o falante faz uma avaliação pessoal de um evento como sendo algo obrigatório ou necessário a partir de um julgamento pessoal. Assim sendo, as diferentes naturezas modais deônticas são de caráter acional [+ação], haja vista que são relativas à realização de um evento ou que um dado participante execute um dado evento [+performativa]. Pondera-se que todas as naturezas modais deônticas são derivadas da *imposição volicional* (atitude volicional do Falante).

Na camada da Propriedade Configuracional, em que a modalidade deôntica é relativa à imposição de obrigações, permissões ou proibições de realização de um dado evento ao participante que está contido no predicado, verifica-se que a natureza modal deôntica pode ser *prescritiva* ou *normativa*, o que pode ser averiguado, respectivamente, nas ocorrências de (90) a (93):

- (90) Él no me indicará todos los lugares, los tiempos y los detalles, que yo elegiré prudentemente, pero sí hay una orientación de mi vida que Él debe indicarme porque es mi Creador, mi alfarero, y necesito escuchar su voz para dejarme moldear y llevar por Él. Entonces sí seré lo que **debo** ser, y seré también fiel a mi propia realidad.²¹⁷

[Ele não vai me indicar todos os lugares, horários e detalhes, que vou escolher sabiamente, mas há uma orientação da minha vida que Ele deve indicar para mim porque Ele é meu Criador, meu oleiro, e eu preciso ouvir sua voz para me permitir moldar e ser liderado por Ele. Então, serei o que devo ser e também serei fiel à minha própria realidade]

- (91) **Debemos** cuidarnos de la mirada enjuiciadora y animarnos a creer en la mirada transformadora a la que nos invita Jesús (H6).

[Devemos nos resguardar do olhar crítico e nos encorajar a acreditar no olhar transformador a que Jesus nos convida]

²¹⁷ Devido à inexistência de casos de primeira pessoa do singular para os modais deônticos nas homilias do Papa Francisco, recorreu-se a este exemplo retirado da Internet, e relativo à Exortação Apostólica *Christus Vivit*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/papa-francescoesort-azione-ap20190325christus-vivit.html>. Acesso em: 28 ago. 2020.

(92) Un mentor debe confiar sinceramente en la capacidad que tiene cada joven de poder participar en la vida de la Iglesia. Por ello, un mentor **debe** simplemente plantar la semilla de la fe en los jóvenes, sin querer ver inmediatamente los frutos del trabajo del Espíritu Santo.²¹⁸

[O mentor deve confiar sinceramente na capacidade de cada jovem de participar da vida da Igreja. Portanto, um mentor deve simplesmente plantar a semente da fé nos jovens, não querendo ver imediatamente os frutos da obra do Espírito Santo]

(93) Un espacio que no se regala ni lo ganamos en la lotería, sino un espacio por el que también ustedes deben pelear. Ustedes jóvenes **deben** pelear por su espacio hoy, porque la vida es hoy, nadie te puede prometer un día del mañana (H30).

[Um espaço que não é dado ou ganho na loteria, mas um espaço pelo qual você também deve lutar. Vocês, jovens, devem lutar pelo seu espaço hoje, porque a vida é hoje, ninguém pode prometer amanhã]

Em (90) e (91), a natureza modal deôntica é *prescritiva*, sendo codificada, morfossintaticamente, por meio da primeira pessoa do singular/plural. Em (90), o Falante reporta a necessidade deôntica de “ser aquilo para o qual ele foi eleito para ser”, ou seja, Chefe da Igreja Católica e Vigário de Cristo, o que pode ser evidenciado pela marca de primeira pessoa do singular, *debo*. Assim, o Falante reporta a obrigação que lhe é imposta pelo próprio sistema religioso do qual faz parte, devendo agir conforme os ensinamentos da divindade (*Creador*) e que estão contidos na doutrina católica. Em (91), o Falante reporta a necessidade deôntica de que todos os católicos, o que também o inclui, justificando, assim, a marca de primeira pessoa do plural, *debemos*, devam se animar a desenvolver um olhar mais misericordioso e transformador para com o próximo, como foi pedido por Jesus Cristo (divindade cristã). Desse modo, tanto o Falante quanto o Ouvinte estão sob a imposição de seguir o modelo deixado e ensinado por Jesus Cristo em relação ao tratamento que deve ser dado aos seus semelhantes.

Por sua vez, em (92) e (93), a natureza modal deôntica é *normativa*, sendo codificada, morfossintaticamente, por meio da terceira pessoa do singular/plural. Em (92), o Falante reporta a necessidade deôntica de que o participante descrito pelo predicado, o *mentor* (pessoa responsável por cuidar da educação religiosa das crianças e jovens, podendo ser religiosos, catequistas, missionários, etc.), cumpra o dever de “plantar a semente” da fé (ensinar a doutrina católica) para os mais jovens, deixando que o Espírito Santo²¹⁹ colha esses frutos. Em (93), o Falante reporta a necessidade deôntica que recai sobre o participante designado pelo predicado

²¹⁸ Devido à inexistência de casos de terceira pessoa do singular para os modais deônticos nas homilias do Papa Francisco, recorreu-se a este exemplo retirado da Internet, e relativo à Exortação Apostólica *Christus Vivit*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/papa-francescoesort-azione-ap20190325christus-vivit.html>. Acesso em: 28 ago. 2020.

²¹⁹ Conforme O Catecismo da Igreja Católica – CIC (2010), o Espírito Santo é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, procede do Pai e do Filho, e é o responsável pela santificação das almas.

(*los jóvenes*), que consiste em “lutar pelo seu espaço na sociedade”. Desse modo, em (92) e (93), a modalidade deôntica é instaurada, respectivamente, em relação ao que já é estabelecido institucional (ensinar a doutrina católica aos mais jovens) e socialmente (o dever de todos de lutar para conquistar o seu espaço na sociedade). Verifica-se que, na camada da Propriedade Configuracional, as naturezas modais deônticas *prescritiva* e *normativa* são de caráter acional [+ação].

Na camada do Estado-de-Coisas, em que a modalidade deôntica diz respeito à obrigação, permissão ou proibição de realização de eventos, constata-se que a natureza modal deôntica é *regulativa*, o que pode ser verificado nas ocorrências (94) e (95):

(94) Queremos entrar con Él en este huerto de dolor, también con nuestros dolores, para pedirle al Padre con Jesús: que también nosotros seamos uno. No permitas que nos gane el enfrentamiento ni la división. Esta unidad, clamada por Jesús, es un don que **hay que** pedir con insistencia por el bien de nuestra tierra y de sus hijos (H25).

[Queremos entrar com Ele neste jardim da dor, também com a nossa dor, para pedir ao Pai com Jesus: que também nós sejamos um. Não deixe que o confronto ou a divisão nos vença. Esta unidade, exigida por Jesus, é um dom que é preciso ser pedido com insistência pelo bem da nossa terra e dos seus filhos]

(95) La defensa de estos derechos es «una llamada profética en favor de la institución familiar que **debe** ser respetada y defendida contra toda agresión», sobre todo en el contexto actual donde suele ocupar poco espacio en los proyectos políticos.²²⁰

[A defesa destes direitos é “um apelo profético a favor da instituição familiar que deve ser respeitada e defendida contra todas as agressões”, especialmente no contexto atual em que costuma ocupar pouco espaço nos projetos políticos]

Em (94) e (95), a modalidade deôntica é de natureza *regulativa*, e sendo codificada, morfossintaticamente, por meio da terceira pessoa do singular. Em (94), o Falante reporta a obrigação de concretização do evento que consiste em pedir com insistência o bem para a nossa terra (a comunidade do convívio social) e os nossos filhos (obrigação moral regulada social e moralmente de proteger os descendentes). Em (95), o Falante também reporta a obrigação de realização de um evento, no que diz respeito à defesa da instituição familiar como núcleo e base da sociedade (dever moral de âmbito legal e moralmente estabelecido socialmente). Verifica-se que, na camada do Estado-de-Coisas, a natureza modal deôntica *regulativa* é de caráter acional [+ação].

²²⁰ Exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* do Papa Francisco em língua espanhola. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia_sp.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

De (90) a (95), verifica-se que o Falante se abstém de fazer uma apreciação subjetiva das regras e normas de conduta estabelecidas social, moral e legalmente, tanto no âmbito religioso (deveres regulados e prescritos pela Igreja Católica, com base nos Evangelhos) e social (normas de âmbito geral e estabelecidas pelas sociedades), atuando, portanto, como um “porta-voz” dessas regras e normas de conduta. No entanto, é plenamente possível que o Falante faça uma avaliação subjetiva de alguma regra e norma já constituída, podendo também criar atos deônticos (regras e normas de conduta) a partir de seus conhecimentos e crenças pessoais. Nesses casos, a natureza modal deôntica é *avaliativa* e opera na camada do Episódio, em que a modalidade deôntica é relativa a uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento anterior ao momento de fala e entendido por ele como obrigatório (necessidade deôntica), o que pode ser averiguado nos exemplos (96) e (97), que foram retirados da Internet:

(96) Muchas veces, el tiempo de noviazgo no es suficiente, la decisión de casarse se precipita por diversas razones y, como si no bastara, la maduración de los jóvenes se ha retrasado. Entonces, los recién casados tienen que completar ese proceso que **debería** haberse realizado durante el noviazgo.²²¹

[Muitas vezes, não basta o namoro, a decisão de se casar precipita-se por diversos motivos e, como se não bastasse, o amadurecimento dos jovens tem sido retardado. Então, os recém-casados têm que completar aquele processo que deveria ter sido feito durante o namoro]

(97) Si todos fueran personas que han madurado normalmente, las crisis serían menos frecuentes o menos dolorosas. Pero el hecho es que a veces las personas necesitan realizar a los cuarenta años una maduración atrasada que **debería** haberse logrado al final de la adolescencia.²²²

[Se todos fossem pessoas que amadureceram normalmente, as crises seriam menos frequentes ou menos dolorosas. Mas o fato é que às vezes as pessoas precisam passar por uma maturação retardada aos 40 anos que deveria ter sido alcançada no final da adolescência]

Em (96) e (97), a natureza modal deôntica é *avaliativa*, operando na camada do Episódio, e, nestes casos específicos, sendo codificada na terceira pessoa do singular. Em (96), o Falante faz uma avaliação pessoal acerca da necessidade deôntica de que os noivos devam amadurecer seu compromisso de se casarem ainda no noivado (*durante el noviazgo* – operador de tempo absoluto); e, em (97), a avaliação subjetiva do Falante se volta para a necessidade deôntica de que o processo de amadurecimento para a vida adulta ocorra ainda na adolescência (*al final de la adolescencia* – operador de tempo absoluto). Observa-se que os eventos, que

²²¹ Exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* do Papa Francisco em língua espanhola. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia_sp.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

²²² Exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* do Papa Francisco em língua espanhola. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia_sp.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

estão sob o julgamento do falante, podem ser reatualizados [+realização], haja vista que os conselhos e as recomendações do Santo Padre se voltam, respectivamente, para a necessidade de que os noivos (curso para os noivos) avaliem o compromisso de se casarem ainda antes do noivado e que os jovens (crismandos) iniciem o seu processo de amadurecimento (na fé católica) para a vida adulta ainda na adolescência. Assim sendo, verifica-se que, na camada do Episódio, a natureza modal deôntica *avaliativa* é de caráter acional [+ação].

No tocante à modalidade volitiva, Oliveira (2019a, 2019b, 2020a, 2020b, 2020c, 2021) pondera que os enunciados modais volitivos podem apresentar diferentes naturezas modais a depender do tipo de camada em que a modalidade volitiva opera. Com base no autor, propõem-se, para esta pesquisa, quatro tipos de natureza modal volitiva: (i) *disposicional*,²²³ quando o falante expressa suas pretensões e intenções pessoais de se envolver no evento sobre o qual incide a volição; (ii) *reportativa*, quando o falante reporta as pretensões e intenções de terceiros em se envolver em um dado evento por eles volicionado; (iii) *expressiva*, quando o falante reporta eventos desejáveis ou indesejáveis e dependentes de fatores externos, podendo esses eventos serem localizados no tempo e no espaço; e (iv) *apreciativa*, quando o falante manifesta uma apreciação de cunho pessoal acerca de um evento apenas localizado na sua mente. Dessa forma, as diferentes naturezas modais volitivas podem ser tanto de caráter acional [+ação], quando a volição se refere à concretização [+performativo] de um evento por parte do sujeito que deseja; quanto mental [+mental], quando a volição diz respeito à concretização de um evento irrealizável do ponto de vista factual [-performativo], estando, portanto, restrito ao plano do pensamento. Pondera-se que as naturezas modais volitivas são derivadas do *ato volicional* (atitude volicional do Falante).

Na camada da Propriedade Configuracional, em que a modalidade volitiva diz respeito à manifestação do desejo do participante descrito pelo predicado de se envolver em um evento, verifica-se que a natureza modal volitiva pode ser tanto *disposicional* quanto *reportativa*, o que pode ser constatado, respectivamente, nas ocorrências de (98) a (101):

- (98) Así le pasó a Pedro, después de haber renegado de Jesús, lloró y las lágrimas le abrieron el corazón. Que esta palabra suene con fuerza hoy entre nosotros, esta palabra es la voz que grita en el desierto y nos invita a la conversión. En este Año de la Misericordia, y en este lugar, **quiero** con ustedes implorar la misericordia

²²³ Em Oliveira (2019a, 2019b, 2020a, 2020b, 2020c, 2021), o autor denomina de *intencional*. No entanto, para fins de nomenclatura, optou-se, nesta pesquisa, pelo termo *disposicional*, para que não se confunda com o valor modal de intenção (volição realizável e dependente apenas do falante para a sua concretização); ainda que os termos *intencional* e *disposicional* se refiram ao fato de a modalidade volitiva voltar-se para atos volicionais em que o falante expresse seus desejos pessoais em realizar o evento contido no enunciado modalizado.

divina, quiero pedir con ustedes el don de las lágrimas, el don de la conversión (H14).

[Foi o que aconteceu com Pedro, depois de ter negado Jesus, ele chorou e as lágrimas lhe abriram o coração. Que esta palavra ressoe entre nós hoje, esta palavra é a voz que grita no deserto e nos convida à conversão. Neste Ano da Misericórdia, e neste lugar, quero com vocês implorar a misericórdia divina, quero pedir-lhes o dom das lágrimas, o dom da conversão]

(99) Como María, **queremos** ser una Iglesia que sirve, que sale de casa, que sale de sus templos, que sale de sus sacristías, para acompañar la vida, sostener la esperanza, ser signo de unidad de un pueblo noble y digno (H9).

[Como Maria, queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai de seus templos, que sai de suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade de um povo nobre e digno]

(100) «Al ver a la multitud» (Mt 5,1). En estas primeras palabras del Evangelio que acabamos de escuchar encontramos la actitud con la que Jesús **quiere** salir a nuestro encuentro, la misma actitud con la que Dios siempre ha sorprendido a su pueblo (cf. Ex 3,7) (H24).

["Quando viu a multidão" (Mt 5,1). Nessas primeiras palavras do Evangelho que acabamos de ouvir, encontramos a atitude com que Jesus nos quer encontrar, a mesma atitude com que Deus sempre surpreendeu o seu povo (cf. Ex 3,7)]

(101) Cuántas religiosas y religiosos queman y repito, luego queman su vida acariciando material de descarte, acariciando a quienes el mundo descarta, a quienes el mundo desprecia, a quienes el mundo prefiere que no estén, a quienes el mundo hoy día con métodos de análisis nuevos que hay, cuando se prevé que puede venir con una enfermedad degenerativa se propone mandarlo de vuelta antes de que nazca, el más pequeño. [...] pero qué linda para Dios y qué bien que hace a uno por ejemplo la sonrisa de un espástico que no sabe cómo hacerla o cuando te **quieren** besar y te babosean la cara, esa es la ternura de Dios, esa es la misericordia de Dios (H7).

[Quantos religiosos e religiosas queimam e repito, depois queimam suas vidas acariciando material descartado, acariciando aqueles que o mundo descarta, a quem o mundo despreza, a quem o mundo prefere não estar, a quem o mundo hoje usa métodos de novas análises que houver, quando se prevê que pode vir com uma doença degenerativa, propõe-se devolvê-la antes de nascer, a menor. [...] Mas que lindo para Deus e que bem faz para alguém, por exemplo, o sorriso de um espasmo que não sabe fazer ou quando querem te beijar e babar no seu rosto, essa é a ternura de Deus, essa é a misericórdia de Deus]

Em (98) e (99), a natureza modal volitiva é *disposicional*, sendo codificada, morfossintaticamente, por meio da primeira pessoa do singular/plural. Em (98), o Falante expressa o desejo pessoal (o que pode ser averiguado por meio da primeira pessoa do singular, *quiero*) de implorar pela misericórdia divina. Em (99), o Falante expressa o desejo coletivo (o que também inclui a sua pessoa, sendo marcado por meio da primeira pessoa do plural, *queremos*) de ser uma Igreja que serve ao próximo, em especial, às pessoas pobres e marginalizadas.

Por seu lado, em (100) e (101), a natureza modal volitiva é *reportativa*, sendo codificada, morfossintaticamente, na terceira pessoa do singular/plural. Em (100), o Falante

reporta o desejo do participante descrito pelo predicado (*Jesús*) de ir ao encontro de todos aqueles que necessitam de sua misericórdia. Em (101), o Falante também reporta o desejo do participante designado pelo predicado (*a quienes el mundo descarta* – crianças com necessidades especiais) de beijar a todos aqueles que deles se aproximam. Verifica-se que, na camada da Propriedade Configuracional, as naturezas modais volitivas *disposicional* e *reportativa* são de caráter acional [+ação].

Na camada do Estado-de-Coisas, em que a modalidade volitiva está relacionada ao que é desejável ou indesejável em relação à concretização de um evento, constata-se que a natureza modal volitiva é *expressiva*, como se pode averiguar nas ocorrências (102) e (103):

(102) Uno de los esfuerzos más necesarios es aprender a usar imágenes en la predicación, es decir, a hablar con imágenes. A veces se utilizan ejemplos para hacer más comprensible algo que se **quiere** explicar, pero esos ejemplos suelen apuntar sólo al entendimiento; las imágenes, en cambio, ayudan a valorar y aceptar el mensaje que se quiere transmitir.²²⁴

[Um dos esforços mais necessários é aprender a usar imagens na pregação, ou seja, falar com imagens. Às vezes, exemplos são usados para tornar algo que você deseja explicar mais compreensível, mas esses exemplos geralmente apontam apenas para o entendimento; as imagens, por outro lado, ajudam a valorizar e aceitar a mensagem a ser transmitida]

(103) Nuestro Padre no sólo comparte ese anhelo, Él mismo lo ha estimulado y lo estimula al regalarnos a su hijo Jesucristo. En Él encontramos la solidaridad del Padre caminando a nuestro lado. En Él vemos cómo esa ley perfecta toma carne, toma rostro, toma la historia para acompañar y sostener a su Pueblo; se hace Camino, se hace Verdad, se hace Vida, para que las tinieblas no tengan la última palabra y el alba no deje de venir sobre la vida de sus hijos. De muchas maneras y de muchas formas se ha querido silenciar y callar este anhelo, de muchas maneras **han intentado** anestesiarnos el alma (H12).

[Nosso Pai não só compartilha deste desejo, ele mesmo o estimulou e estimula dando-nos seu filho Jesus Cristo. Nele encontramos a solidariedade do Pai caminhando ao nosso lado. Nele vemos como aquela lei perfeita se encarna, assume um rosto, assume a história para acompanhar e sustentar o Seu povo; Torna-se Caminho, torna-se Verdade, torna-se Vida, para que as trevas não tenham a última palavra e o amanhecer não pare de vir sobre a vida dos seus filhos. De muitas maneiras, eles tentaram silenciar e silenciar esse desejo, de muitas maneiras eles tentaram anestesiarem nossas almas]

Em (102) e (103), a natureza modal volitiva é expressiva, sendo codificada, morfossintaticamente, por meio da terceira pessoa do singular/plural. Em (102), o Falante reporta o desejo de concretização do evento, que consiste em explicar as Sagradas Escrituras (o Evangelho) de forma mais compreensível, podendo utilizar o uso de imagens também para isso.

²²⁴ Exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco em língua espanhola. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_sp.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

Em (103), o Falante também reporta o desejo de concretização de um evento, que diz respeito à tentativa de anestesiá-lo a alma dos cristãos católicos no intuito de afastá-los daquele que é o Caminho, Verdade e Vida (Jesus Cristo). Consta-se que, na camada do Estado-de-Coisas, a natureza modal volitiva *expressiva* é de caráter acional [+ação].

Na camada do Episódio, em que a modalidade volitiva é relativa a uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento anterior ao momento de fala, mas apreciado como desejável ou indesejável, atesta-se que a natureza modal volitiva pode ser *disposicional* e *apreciativa*, como se pode averiguar, respectivamente, na ocorrência (104), que, por conveniência, remete à ocorrência (46), e no exemplo (105), que foi retirado da Internet:

(104) Así como ellos enfrentaron la tempestad sobre el mar, a ustedes les tocó enfrentar el duro golpe del «Niño costero», cuyas consecuencias dolorosas todavía están presentes en tantas familias, especialmente aquellas que todavía no pudieron reconstruir sus hogares. También por esto **quise** estar y rezar aquí con ustedes (H27).

[Assim como enfrentaram a tempestade sobre o mar, vocês tiveram que enfrentar o duro golpe do «Menino do Litoral», cujas dolorosas consequências ainda estão presentes em tantas famílias, especialmente aquelas que ainda não puderam reconstruir as suas casas. É também por isso que eu quis estar e orar aqui com vocês]

(105) El hermano de Samuil lo expresa con estas palabras: "Mi hermano ya no está con nosotros en cuerpo, pero el alma si está presente. Para nosotros se convirtió en un santo, en mártir, porque murió por su fe. Yo **quisiera** haber estado en su lugar, de todo corazón".²²⁵

[O irmão de Samuil o expressa com as seguintes palavras: "Meu irmão não está mais conosco no corpo, mas a alma está presente. Por nós ele se tornou um santo, um mártir, porque morreu por sua fé. Eu quisera ter estado em seu lugar, de todo o coração"]

Em (104), a natureza modal volitiva é *disposicional*, sendo codificada, morfossintaticamente, por meio da primeira pessoa do singular, em que o Falante manifesta a volição de haver estado naquela celebração (*aquí* – operador de tempo absoluto) e de rezar por todos aqueles que não puderam reconstruir suas casas e suas vidas após a tragédia (passagem do furacão – evento anterior ao momento de fala), o que, de fato, aconteceu (aspecto *realis*). Por sua vez, em (105), a natureza modal volitiva é *apreciativa*, sendo também codificada, morfossintaticamente, por meio da primeira pessoa do singular, em que o falante manifesta o desejo de haver morrido no lugar de seu irmão (evento anterior ao momento de fala). Nesse caso, o evento volicionado é irrealizável [-realizável], estando, portanto, restrito ao plano do pensamento (aspecto *irrealis*). Assim sendo, verifica-se que, na camada do Episódio, a natureza

²²⁵ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://www.hispanidad.com/confidencial/oh-mi-senor-jesus-grito-un-cristiano-copto-antes-de-ser-martirizado-por-el-daesh_272277_102.html>. Acesso em: 31 ago. 2020.

modal volitiva *disposicional* é de caráter acional [+ação], enquanto a *apreciativa* é de caráter mental [+mental].

Na camada do Conteúdo Proposicional, em que a modalidade volitiva diz respeito à avaliação subjetiva do falante acerca de um dado evento que pode ser apenas localizado em sua mente e irrealizável do ponto de vista factual, verifica-se que a natureza modal volitiva, nessa camada, é *apreciativa*, como se pode verificar nos exemplos (106) e (107), que foram retirados da Internet:

(106) “¡Cuánto **desearía** que en la Iglesia cada fiel, cada institución, cada actividad revelara que Dios ama al hombre!”, dijo este viernes en el Vaticano el Papa Francisco.²²⁶

[“Como desejaria que, na Igreja, cada fiel, cada instituição, cada atividade revelasse que Deus ama o homem!”, Disse o Papa Francisco esta sexta-feira no Vaticano]

(107) "**Quisiera** que se escuchara el grito de Dios preguntándonos a todos: ¿Dónde está tu hermano? ¿Dónde está ese que estás matando cada día en el taller clandestino, en la red de prostitución, en los niños que utilizas para mendicidad, en aquel que tiene que trabajar a escondidas porque no ha sido formalizado? No nos hagamos los distraídos. Hay mucho de complicidad. ¡La pregunta es para todos! Y en nuestras ciudades muchos tienen las manos preñadas de sangre debido a la complicidad cómoda y muda".²²⁷

[“Quisera que o clamor de Deus se ouvisse perguntando a todos nós: Cadê o teu irmão? Cadê aquele que tu matas todos os dias na oficina clandestina, na rede de prostituição, nas crianças que usas para mendigar, naqueles que têm que trabalhar em segredo porque não foi formalizado? Não vamos fingir que nos distraímos. Há muita cumplicidade. A questão é para todos! E nas nossas cidades muitos estão com as mãos grávidas de sangue devido à cômoda e muda cumplicidade"]

Em (106) e (107), a natureza modal volitiva é *apreciativa*, sendo codificada, morfossintaticamente, por meio da primeira pessoa do singular. Em (106), o Falante faz uma apreciação volitiva acerca de uma proposição, que é relativa ao desejo de que todas as Igrejas Católicas no mundo, seus fiéis, cada instituição católica e cada atividade pastoral fosse capaz de revelar o amor que Deus tem pela humanidade. Em (107), o Falante também faz uma apreciação volitiva acerca de uma proposição, que diz respeito ao desejo de que toda a humanidade pudesse escutar o grito de Deus ao questionar sobre o cuidado que se deve ter com o próximo. Em (106) e (107), a proposição que é apreciada pelo Falante por meio do operador volitivo é relativa a um evento que pode ser apenas localizado em sua mente e realizável apenas

²²⁶ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco no Congresso Internacional sobre a Caridade. Disponível em: <<https://www.valoresreligiosos.com.ar/Noticias/el-papa-aseguro-que-la-caridad-es-el-corazon-de-la-iglesia-6350>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

²²⁷ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco sobre a Economia Mundial. Disponível em: <http://www.teinteresa.es/religion/Las_332_frases_del_Papa_0_1319268568.html>. Acesso em: 31 ago. 2020.

em um mundo do qual somente o Falante tem acesso (o mundo da espiritualidade). Verifica-se que, na camada do Conteúdo Proposicional, a natureza modal volitiva apreciativa é de caráter mental [+mental].

O Quadro 16 traz o resumo da natureza do enunciado modalizado para as modalidades deôntica e volitiva, ao operarem nas camadas do Nível Representacional, para a expressão da Volitividade:

Quadro 16: Os aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva em relação à natureza do enunciado modalizado

Camada do Nível Representacional	Volitividade: a manifestação do elemento do desejo. Ato volicional: expressão volicional relativa à concretização de um evento (<i>eixo da volição</i>). Imposição volicional: expressão volicional que conduz à realização de um evento (<i>eixo da conduta</i>).
Propriedade Configuracional (f)	Divergência: a natureza modal deôntica é prescritiva ou normativa, enquanto a volitiva é disposicional ou reportativa.
	Convergência: ambas as naturezas modais são de caráter acional [+ação].
Estado-de-Coisas (e)	Divergência: a natureza modal deôntica é regulativa, enquanto a volitiva é expressiva.
	Convergência: ambas as naturezas modais são de caráter acional [+ação].
Episódio (ep)	Divergência: a natureza modal deôntica é avaliativa, enquanto a volitiva é disposicional ou apreciativa. A natureza modal volitiva pode ser de caráter mental [+mental].
	Convergência: as naturezas modais deôntica e volitiva podem ser de caráter acional [+ação].
Conteúdo Proposicional (p)	Divergência: a modalidade deôntica não opera nesta camada. A natureza modal volitiva é apreciativa e de caráter mental [+mental].

Fonte: Elaborado pelo autor

Considerando que a natureza do enunciado modalizado pode diferenciar as modalidades deontica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, a partir do tipo de *atitude volicional* do Falante, podendo esta ser um *ato volicional* ou uma *imposição volicional*, e ser de caráter acional [+ação] ou mental [+mental], pondera-se que a *qualificação da atitude modal* possa, na codificação morfossintática, condicionar a marcação da *fonte da atitude modal* e do *alvo da atitude modal*.

Assim sendo, o ato volicional, que é relativo à expressão volicional de concretização de um evento, marcaria a fonte da atitude modal, revelando, portanto, o sujeito que deseja (*fonte volicional*) a concretização do evento. Por sua vez, a imposição volicional, que diz respeito à expressão que conduz à realização de um evento, marcaria o alvo da atitude modal, revelando, desse modo, o sujeito sobre quem recai (*alvo volicional*) a realização do evento.

A Tabela 8 traz a inter-relação entre o domínio semântico (modalidades deontica e volitiva) e a qualificação da atitude modal, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,00 ($p < 0,05$), revelando, portanto, o condicionamento de uma categoria de análise sobre outra, ou seja, o tipo de avaliação que se faz do enunciado modalizado incide sobre a marcação da fonte volicional e do alvo volicional na codificação morfossintática:

Tabela 8: A inter-relação entre o domínio semântico e a qualificação da atitude modal

Qualificação da atitude modal	Domínio semântico		Total
	Deontica	Volitiva	
Centrada na fonte volicional	00 (0,0%)	92 (58,6%)	92 (58,6%)
Centrada no alvo volicional	41 (26,1%)	00 (0,0%)	41 (26,1%)
Não especificado (orações sem sujeito)	18 (11,5%)	06 (3,8%)	24 (15,3%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

A partir dos dados expostos na Tabela 8, constata-se que a modalidade volitiva opta pela marcação da fonte volicional (92 ocorrências, que totalizam 58,6%), enquanto a modalidade deontica prefere a marcação do alvo volicional (41 ocorrências, que totalizam 26,1%) na codificação morfossintática (o sujeito sintático do operador modal); o que pode ser averiguado, respectivamente, nas ocorrências (108) e (109):

(108) Dios **quiere** que todos sus hijos participen de la fiesta del Evangelio (H5).

[Deus quer que todos os seus filhos participem da festa do Evangelho]

(109) El obispo siempre **debe** fomentar la comunión misionera en su Iglesia diocesana siguiendo el ideal de las primeras comunidades cristianas, donde los creyentes tenían un solo corazón y una sola alma (cf. Hch 4,32).²²⁸

[O Bispo deve promover sempre a comunhão missionária na sua Igreja diocesana, segundo o ideal das primeiras comunidades cristãs, onde os fiéis têm um só coração e uma só alma (cf. At 4, 32)]

Em (108), a modalidade volitiva é relativa ao desejo de que todos participem da “festa” do Evangelho (que todos tenham conhecimento e vivam as Sagradas Escrituras em sua vida), cujo sujeito sintático (*Dios*) é a fonte volicional (fonte da atitude modal), codificado, morfossintaticamente, por meio da terceira pessoa do singular (*quiere*). Em (109), a modalidade deôntica é relativa à obrigação de animar a comunhão missionária nas igrejas diocesanas, cujo dever recai sobre o sujeito sintático (*el obispo*) que é o alvo volicional (alvo da atitude modal), codificado, morfossintaticamente, por meio da terceira pessoa do singular (*debe*). Assim sendo, a modalidade volitiva marca a fonte volicional, enquanto a modalidade deôntica assinala o alvo volicional na codificação do sujeito sintático.

No entanto, a exceção parece ficar a cargo dos casos de *oración sem sujeto*, em que não há a marcação explícita de um sujeito sintático, não sendo possível, desse modo, identificar, morfossintaticamente, a fonte volicional e o alvo volicional, como se pode observar na ocorrência (110) e na ocorrência (111), que, por conveniência, remete à ocorrência (42):

(110) Las fatigas del camino acontecen y se hacen sentir. Gusten o no gusten están, y **es bueno** tener la misma valentía que tuvo el Maestro para decir: «dame de beber» (H29).

[O cansaço da estrada acontece e é sentido. Quer gostem ou não, e é bom ter a mesma coragem que o Mestre teve para dizer: "dá-me um copo"]

(111) La unidad, si **quiere** construirse desde el reconocimiento y la solidaridad, no puede aceptar cualquier medio para lograr este fin. Existen dos formas de violencia que más que impulsar los procesos de unidad y reconciliación terminan amenazándolos (H25).

[A unidade, se quiser construir-se a partir do reconhecimento e da solidariedade, não pode aceitar nenhum meio para atingir esse fim. Existem duas formas de violência que acabam por ameaçá-los em vez de promover processos de unidade e reconciliação]

Em (110), a modalidade deôntica refere-se à obrigação de realização do evento descrito pelo predicado, no caso, possuir a mesma valentia que tinha o Mestre (*Jesus Cristo*)

²²⁸ Devido à inexistência de casos de terceira pessoa do singular/plural, nas homilias do Papa Francisco, cujo sujeito sintático fosse o participante reportado (terceiro-reportado) sobre quem recaia o valor modal deôntico instaurado, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco em língua espanhola. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_sp.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

para dizer “dá-me de beber” (no que se refere a pedir auxílio e a recorrer à compaixão dos demais). Em (111), a modalidade volitiva refere-se ao desejo de concretização do evento designado pelo predicado, no caso, a construção da unidade a partir do reconhecimento e da solidariedade entre todos os irmãos (humanidade). Como citado anteriormente, pondera-se que a controlabilidade ou não [\pm controle] do Estado-de-Coisas seja o elemento característico de distinção entre ambos os subtipos modais, em que o traço controle [+controle] favoreça a leitura deôntica, enquanto o traço não controle [-controle] favoreça a leitura volitiva do enunciado modalizado.

Ao se analisar a qualificação da atitude modal nas camadas do Nível Representacional, foram constatadas algumas divergências e convergências entre as modalidades deôntica e volitiva, na manifestação da *Volitividade*, em relação à fonte volicional e ao alvo volicional.

Na camada da Propriedade Configuracional, em que a modalidade deôntica diz respeito às obrigações, às permissões ou às proibições que são impostas a um dado participante de realizar o evento descrito pelo predicado, enquanto a modalidade volitiva remete ao desejo do participante descrito pelo predicado de realizar o evento designado no enunciado modalizado, pode-se averiguar que, em alguns contextos, a fonte volicional e o alvo volicional convergem, isto é, tratam-se do mesmo indivíduo, como se pode constatar nas ocorrências de (112) a (115):

(112) Los animo a que renueven la alegría, el estupor, de ese primer encuentro con Jesús y a sacar de esa alegría renovada fidelidad y fuerza. **Espero** con ilusión compartir con ustedes estos días y les pido que lleven mi saludo afectuoso a los que no pudieron estar con nosotros, especialmente a los numerosos sacerdotes, religiosos y religiosas ancianos que se unen espiritualmente (H4).

[Encorajo-vos a renovar a alegria, o assombro daquele primeiro encontro com Jesus e a haurir dessa alegria renovada fidelidade e força. Espero ansioso compartilhar estes dias com vocês e peço-lhe que transmita a minha saudação afetuosa àqueles que não puderam estar conosco, especialmente aos muitos sacerdotes idosos, religiosos e religiosas que se unem espiritualmente]

(113) Como María, **queremos** ser una Iglesia que sepa acompañar todas las situaciones «embarazosas» de nuestra gente, comprometidos con la vida, la cultura, la sociedad, no borrándonos sino caminando con nuestros hermanos (H9).

[Como Maria, queremos ser uma Igreja que sabe acompanhar todas as situações "embaraçosas" do nosso povo, comprometida com a vida, a cultura, a sociedade, não nos apagando, mas caminhando com os nossos irmãos]

(114) En el diálogo, Francisco reconoce que está viviendo “este momento con mucha incertidumbre. Es un momento de mucha inventiva, de creatividad”. “¿Cómo lo vivo yo espiritualmente? Rezo más, porque creo que **debo** hacerlo, y pienso en la gente. Es algo que me preocupa: la gente. Pensar en la gente a mí me unge, me hace bien, me saca del egoísmo”. El Papa confiesa que “la gran preocupación mía

–al menos la que siento en la oración– es cómo acompañar al pueblo de Dios y estar más cercano a él”.²²⁹

[No diálogo, Francisco reconhece que está vivendo “este momento com grande incerteza. É um momento de muita inventividade, de criatividade”. “Como faço para viver espiritualmente? Eu oro mais, porque acho que devo fazê-lo, e penso nas pessoas. É algo que me preocupa: gente. Pensar nas pessoas me unge, me faz bem, me tira do egoísmo. O Papa confessa que “a minha grande preocupação - pelo menos a que sinto na oração - é acompanhar o povo de Deus e estar mais perto dele”]

(115) Pienso que en este momento el mayor obstáculo para alcanzar la paz es la terrible sed de venganza que se ha apoderado de los colombianos. En los corazones de los colombianos hay un deseo de revancha, hay un deseo de intolerancia, es como una sed de castigo que en el fondo no es sino una sed de venganza. Pienso que **debemos** trabajar por el perdón, en Colombia han existido problemas serios, se han producido hechos tremendos que han causado que tengamos millones de víctimas.²³⁰

[Acho que, neste momento, o maior obstáculo para alcançar a paz é a terrível sede de vingança que se apodera dos colombianos. No coração dos colombianos existe um desejo de vingança, existe um desejo de intolerância, é como uma sede de punição que, no fundo, não é senão uma sede de vingança. Acho que devemos trabalhar pelo perdão, na Colômbia houve sérios problemas, houve eventos tremendos que nos fizeram ter milhões de vítimas]

Em (112) e (113), a modalidade volitiva marca, morfossintaticamente, tanto a fonte volicional quanto o alvo volicional, que é expresso por meio do operador modal volitivo (*querer*). Assim, nos casos em que a modalidade volitiva instaura o valor modal de *intención*, o sujeito sintático (*yo* e *nosotros*) marcam tanto a fonte da atitude modal quanto o alvo da atitude modal, haja vista que a volição expressa (*ato volicional*) remete à concretização do evento volicionado, respectivamente, compartilhar com os demais dias proveitosos de oração (durante as celebrações da Santa Missa) e ser uma Igreja capaz de entender o sofrimento de todas as pessoas e caminhar junto como irmãos.

Por sua vez, em (114) e (115), a modalidade deôntica marca, por meio do operador modal deôntico (*deber*), apenas o alvo da atitude volicional (*yo* e *nosotros*), recorrendo a outros tipos de operadores e/ou modificadores (*creo* e *pienso*), que atuam em camadas superiores (Conteúdo Proposicional), a marcação da fonte da atitude volicional. Ao recorrer a esses operadores e/ou modificadores de camadas superiores, a modalidade deôntica busca assinalar que a imposição de *obligación* (*imposición volicional*), respectivamente o dever de rezar e de

²²⁹ Devido à inexistência de casos de primeira pessoa do singular para a modalidade deôntica nas homilias do Papa Francisco, recorreu-se a este exemplo da Internet. Entrevista concedida pelo Papa Francisco a uma revista sobre a pandemia do coronavírus. Disponível em: <<https://www.vidanuevadigital.com/2020/04/08/francisco-ante-la-crisis-del-coronavirus-el-despues-va-ser-tragico-conviene-pensar-desde-ahora/>>. Acesso em: 01 set. 2020.

²³⁰ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://elnuevosiglo.com.co/articulos/2-2014-mayor-obstaculo-a-paz-es-terrible-sed-de-venganza?page=2>>. Acesso em: 01 set. 2020.

trabalhar pelo perdão, é prescrita pelo próprio Falante, marcando, de maneira *explícita*, a fonte volicional.

Ainda em relação à modalidade deôntica, a fonte volicional pode estar *implícita*, podendo ser recuperada por meio do contexto, no caso, um líder religioso (Papa Francisco) que predica os ensinamentos doutrinários para os fiéis, segundo os regulamentos e as normas da própria instituição religiosa (Igreja Católica), como se pode averiguar nas ocorrências (116) e (117):

(116) La cruz nos indica una forma distinta de medir el éxito: a nosotros nos corresponde sembrar, y Dios ve los frutos de nuestras fatigas. Si alguna vez nos pareciera que nuestros esfuerzos y trabajos se desmoronan y no dan fruto, **tenemos que** recordar que nosotros seguimos a Jesucristo, cuya vida, humanamente hablando, acabó en un fracaso: en el fracaso de la cruz (H2).

[A cruz nos mostra uma maneira diferente de medir o sucesso: cabe a nós semear, e Deus vê os frutos de nossos esforços. Se alguma vez nos parece que nossos esforços e obras estão se desintegrando e não dando frutos, temos que nos lembrar que seguimos Jesus Cristo, cuja vida, humanamente falando, terminou em fracasso: no fracasso da cruz]

(117) Ahí está lo que somos y lo que Dios puede hacer con nosotros si decimos sí a la verdad, a la bondad, a la reconciliación. Y esto sólo es posible si llenamos de la luz del Evangelio nuestras historias de pecado, violencia y desencuentro. La reconciliación no es una palabra que **debemos** considerarla como abstracta; si eso fuera así, sólo traería esterilidad, traería más distancia. Reconciliarse es abrir una puerta a todas y a cada una de las personas que han vivido la dramática realidad del conflicto (H22).

[Aí está o que somos e o que Deus pode fazer por nós se dissermos sim à verdade, ao bem, à reconciliação. E isso só é possível se preenchermos nossas histórias de pecado, violência e incompreensão com a luz do Evangelho. Reconciliação não é uma palavra que devemos considerar abstrata; se assim fosse, só traria esterilidade, traria mais distância. Reconciliar é abrir a porta para cada uma das pessoas que vivenciaram a dramática realidade do conflito]

Em (116), a modalidade deôntica refere-se à obrigação de realização do evento descrito pelo predicado por parte do participante (*nosotros* – Falante e Ouvinte), no que tange à lembrança de que todos eles (cristãos católicos) seguem os ensinamentos de Jesus Cristo. Assim, a fonte da atitude volicional diz respeito ao dogma católico de que todos os católicos (o que inclui o Falante, por isso o emprego da primeira pessoa do plural, *tenemos*) devem seguir e praticar uma única revelação, a de Jesus Cristo (ato deôntico prescrito pela Igreja Católica).

Em (117), a modalidade deôntica diz respeito à proibição que recai sobre o participante designado pelo predicado (*nosotros* – Falante e Ouvinte) de considerar a palavra “reconciliação” como algo abstrata, ou seja, afastada da prática de pedir perdão ao próximo. Desse modo, a fonte volicional é relativa ao ensinamento de Jesus Cristo que diz que se deve perdoar sempre o semelhante, indo ao encontro dele, pedindo-lhe perdão (ato concreto de

reconciliação). O ato de reconciliar-se na Igreja Católica também está institucionalizado por meio do sacramento da confissão, em que todos os católicos (o que inclui o Falante, por isso, o emprego da primeira pessoa do plural, *debemos*) estão obrigados a buscar um sacerdote para confessar os seus pecados. Em resumo, a fonte volicional, que é a origem do ato deontico criado, está baseada nos ensinamentos e dogmas ditados pela divindade (Jesus Cristo) e pela própria instituição religiosa (Igreja Católica), tendo o Falante (Papa Francisco) apenas como o “porta-voz” dos deveres e das obrigações que já são impostos (VÁZQUEZ LASLOP, 2001).

Ainda em relação à camada da Propriedade Configuracional, há casos mais específicos em que a fonte volicional e o alvo volicional divergem, como nas ocorrências de (118) a (121):

(118) Quiero decirles: no hay salida, no hay otra salida mejor que la del Evangelio: se llama Jesucristo. Llenen siempre sus vidas de Evangelio. **Quiero** estimularlos a que sean comunidad que se dejen ungir por su Señor con el aceite del Espíritu. Él lo transforma todo, lo renueva todo, lo conforta todo (H27).

[Quero dizer-lhe: não há saída, não há melhor maneira que a do Evangelho: o seu nome é Jesus Cristo. Sempre preencha sua vida com o Evangelho. Eu quero encorajá-los a serem uma comunidade que se permite ser ungidos pelo seu Senhor com o óleo do Espírito. Ele transforma tudo, renova tudo, conforta tudo]

(119) **Espero** que todas las comunidades procuren poner los medios necesarios para avanzar en el camino de una conversión pastoral y misionera, que no puede dejar las cosas como están. Ya no nos sirve una «simple administración». ²³¹

[Espero que todas as comunidades procurem colocar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. A "administração simples" já não nos serve]

(120) No soy la excepción para las reglas de la iglesia, ni tampoco soy la excepción para las reglas sexuales, las reglas financieras, o alguna de las reglas de Dios. Como líder, no soy la excepción; debo ser el ejemplo. Según las Escrituras, debo vivir de tal manera que pueda decir: “Sígueme. Estaciónense donde yo me estaciono. Vivan como yo vivo” ²³²

[Não sou a exceção às regras da igreja, nem sou a exceção às regras sexuais, financeiras ou a qualquer regra de Deus. Como líder, não sou exceção; Devo ser o exemplo. De acordo com as escrituras, devo viver de forma a poder dizer: “Siga-me. Estacione onde eu estacionar. Viva como eu vivo”]

(121) «Y esto me hace pensar: ¿soy también así de libre ante Dios? -ha proseguido-. Cuando Jesús dice que **debemos** llegar a ser como niños, nos dice que debemos

²³¹ Exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco em língua espanhola. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_sp.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

²³² Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=R3tDDgAAQBAJ&pg=PA161&lpg=PA161&dq=%22seg%C3%BA9n%20las%20escrituras%2C%20debo%22&source=bl&ots=hVIIqnWHrf&sig=ACfU3U0UxDRxI_FxZcWjbc11buq99e_Psw&hl=es&sa=X&ved=2ahUKEwiIrsWelcjrAhVrHbkGHcscbCIIQ6AEwAHoECAEQAQ#v=onepage&q=%22seg%C3%BA9n%20las%20escrituras%2C%20debo%22&f=false>. Acesso em: 01 set. 2020.

tener la libertad que un niño tiene ante su padre. Sí, creo que este muchacho ha predicado para todos nosotros, y pedimos la gracia de que pueda hablar».²³³

[«E isto faz-me pensar: sou eu também o livre diante de Deus? -Ele continuou-. Quando Jesus diz que devemos nos tornar como crianças, ele nos diz que devemos ter a liberdade que uma criança tem antes de seu pai. Sim, acho que este menino pregou por todos nós, e pedimos a graça para que ele possa falar]

Em (118) e (119), a modalidade volitiva, na instauração do valor modal de *exortação*, marca a fonte volicional por meio do operador modal (*querer e esperar*), indicando que a fonte volicional é o próprio Falante, codificando-o, morfossintaticamente, por meio da primeira pessoa do singular (*quiero e espero*). Em relação ao alvo volicional, sobre quem recai o que é desejado pela fonte volicional, este é marcado por meio de outras unidades linguísticas (*pronomes e sintagmas nominais*). Assim, em (118), o Falante expressa o desejo de que o Ouvinte (codificado, morfossintaticamente, por meio do pronome *los*) se deixe ungir pelo Senhor (Jesus Cristo) por meio do Espírito Santo. Em (119), o Falante expressa o desejo de que o Ouvinte (codificado, morfossintaticamente, por meio do sintagma nominal, *todas las comunidades*) procure os meios necessários para avançar no caminho da conversão pastoral e missionária.

Em (120) e (121), a modalidade deôntica, na instauração do valor modal de obrigação, marca o alvo volicional por meio do operador modal (*deber*), indicando que o alvo volicional pode ser apenas o Falante (*yo*) ou o Falante e o Ouvinte (*nosotros*), codificando-o, morfossintaticamente, por meio da primeira pessoa do singular e do plural (*debo e debemos*). Dessa forma, recai, respectivamente, sobre o alvo volicional a obrigação de viver conforme os ensinamentos das Sagradas Escrituras e o dever de “tornar-se” uma criança (confiar plenamente em Deus, como uma criança que confia nos seus pais). Em relação à fonte volicional, a modalidade deôntica recorre a marcadores de Evidencialidade Reportativa (que operam na camada do Conteúdo Comunicado) para identificá-la, no caso, *Según las Escrituras e Jesús*, que são a fonte da atitude modal, ou seja, a origem do ato deôntico.

Na camada do Estado-de-Coisas, em que a modalidade deôntica é relativa à obrigação, à permissão ou à proibição de realização de algum evento, enquanto a modalidade volitiva diz respeito à desejabilidade ou indesejabilidade de concretização de algum evento, em termos do estatuto objetivo desse evento, pondera-se que, nessa camada, não há uma marcação explícita,

²³³ Exemplo retirado da Internet. Discurso proferido por Sua Santidade, o Papa Francisco, em uma audiência com bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis católicos na Praça de São Pedro. Disponível em: <<https://www.ultimahora.es/noticias/sociedad/2018/11/28/1041383/nino-autismo-sube-estrado-audiencia-del-papa-quiere-jugar-aca-dejalo.html>>. Acesso em: 01 set. 2020.

por meio de algum sujeito sintático, da fonte volicional e do alvo volicional. Assim sendo, como pondera Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) e Gasparini-Bastos (2014), o principal elemento de divergência entre as modalidades deôntica e volitiva é a controlabilidade ou não do Estado-de-Coisas [\pm controle], como citado anteriormente, o que pode ser constatado nas ocorrências (122) e (123):

(122) Siempre **es bueno** crecer en esa conciencia de trabajo apostólico en comunión (H19).

[É sempre bom crescer nessa consciência do trabalho apostólico em comunhão]

(123) Carmena explica que Madrid es una ciudad de acogida y de derechos humanos y que **es deseable** que la paz llegue cuanto antes a Palestina.²³⁴

[Carmena explica que Madrid é uma cidade de acolhimento e de direitos humanos e que é desejável que a paz chegue à Palestina o mais rapidamente possível]

Em (122), a modalidade deôntica refere-se à obrigação de realização do evento que é descrito pelo predicado, referindo-se ao dever de ter consciência em desenvolver um trabalho apostólico (promoção da fé católica) em um espírito de comunhão, ou seja, que a ação pastoral nas igrejas católicas ocorra de forma conjunta, em que todos os movimentos e pastorais trabalhem em prol da manutenção e da propagação da fé católica [$+$ controle]. Por sua vez, em (123), a modalidade volitiva diz respeito ao desejo de que a paz chegue logo à região da Palestina [$-$ controle].

Especificamente, em relação à modalidade deôntica, verifica-se que ela pode operar na camada do Estado-de-Coisas sem a marcação explícita da fonte volicional e/ou do alvo volicional. No entanto, é plenamente possível que haja a codificação de um sujeito sintático, mas sem que este sujeito sintático se configure como fonte ou alvo da atitude modal, como se pode averiguar na ocorrência (124), que, por conveniência, remete à ocorrência (29):

(124) La familia constituye la gran «riqueza social», que otras instituciones no pueden sustituir, que **debe** ser ayudada y potenciada, para no perder nunca el justo sentido de los servicios que la sociedad presta a sus ciudadanos (H15).

[A família constitui a grande «riqueza social», que as outras instituições não podem substituir, que deve ser ajudada e fortalecida, para nunca perder o sentido justo dos serviços que a sociedade presta aos seus cidadãos]

²³⁴ Devido à inexistência de adjetivos em posição predicativa na instauração da modalidade volitiva nas homilias do Papa Francisco, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.madrid.es/portales/munimadrid/es/Inicio/Actualidad/Noticias/Carmena-se-suma-al-recuerdo-del-40-aniversario-del-Dia-de-la-Tierra-Palestina/?vgnnextfmt=default&vgnnextoid=f89cc26549cc3510VgnVCM200001f4a900aRCRD&vgnnextchannel=a12149fa40ec9410VgnVCM100000171f5a0aRCRD>>. Acesso em: 02 set. 2020.

Em (124), o operador modal deôntico *deber* é flexionado em razão de seu sujeito sintático (*La familia*), sobre quem recai o dever de ser ajudada e potencializada. Assim, o sujeito sintático não se configura na fonte volicional, pois não é a origem do ato deôntico instaurado e tampouco pode ser entendido como o alvo volicional, haja vista que não se trata de um agente que está obrigado a realizar o evento descrito pelo predicado, já que o sujeito sintático (*La familia*) irá sofrer a ação do predicado [+paciente]. Em outras palavras, ainda que, na camada do Estado-de-Coisas, a modalidade deôntica possa ser codificada, morfossintaticamente, com a presença de um sujeito sintático expresso por meio do operador modal, este não se configura nem na fonte volicional nem no alvo volicional. Parafraseando a ocorrência (124), ter-se-ia o seguinte caso de modalidade deôntica operando na camada do Estado-de-Coisas: *Es necesario que la familia sea ayudada y potenciada* ou *Es necesario ayudar a la familia*.

Para a modalidade volitiva é possível que, na camada do Estado-de-Coisas, haja a codificação morfossintática de um sujeito sintático, haja vista que há a possibilidade de se instaurar modalidade, quando esse sujeito sintático, de acordo com Sedano (2007), refere-se a um produto da atividade humana, como fruto de uma extensão metonímica, o que pode ser verificado nas ocorrências (125) e (126):

(125) *La bendición siempre es misión, tiene un destino, compartir, el condicionar lo que se ha recibido, ya que sólo en la entrega, en el compartir es cuando las personas encontramos la fuente de la alegría y la experiencia de salvación. Una entrega que **quiere** reconstruir la memoria de pueblo Santo, de pueblo invitado, a ser y a llevar por la alegría de la salvación (H17).*

[A bênção é sempre uma missão, tem um destino, partilhar, partilhar o que foi recebido, pois só na entrega, na partilha, o homem encontra a fonte da alegria e a experiência da salvação. Uma dedicação que quer reconstruir a memória do povo santo, das pessoas convidadas, a ser e a ser levado pela alegria da salvação]

(126) *Hoy el Señor te invita a caminar con Él la ciudad, te invita a caminar con Él tu ciudad. Te invita a que seas discípulo misionero, y así te vuelvas parte de ese gran susurro que **quiere** seguir resonando en los distintos rincones de nuestra vida (H28).*

[Hoje o Senhor te convida a andar pela cidade com Ele, Ele te convida a andar pela tua cidade com Ele. Ele te convida a ser um discípulo missionário, e assim você se torna parte daquele grande sussurro que quer continuar ressoando nos diferentes cantos de nossas vidas]

Conforme Sedano (2007), os verbos volitivos, na expressão de volição, requerem sujeitos sintáticos com traços semânticos de animacidade [+animado], pois apenas estes sujeitos animados teriam a possibilidade de desejar algo e de que seu desejo tenha caráter de voluntariedade. Para a autora, esse traço pode se materializar por meio de nomes próprios, de nomes comuns referidos a pessoas, de entidades, de instituições (que representam a maneira

coletiva aos membros que a compõem, como sujeitos coletivos), etc., como nesse exemplo apontado pela autora: *Los delegados **anhelaban** que alguien les diera algo en lo que creer* [Os delegados desejavam que alguém lhes desse algo em que acreditar] (SEDANO, 2007, p. 467). No entanto, os verbos volitivos podem ser empregados quando se referem a um sujeito plenamente inanimado [-humano], mas, nestes casos, eles perdem seu valor primitivo de volição [-volição], como no exemplo: *El agua parece que **quiere** salirse del barril* [Parece que a água quer sair do barril] (SEDANO, 2007, p. 468).

Para Sedano (2007), é plenamente possível que se possa encontrar casos de modalidade volitiva com sujeitos inanimados [-humano], desde que estes sujeitos semânticos sejam produto da atividade humana, ou seja, resultado de uma extensão metonímica, como no exemplo: *Sus risas ahogan los secretos que **ansían** salir de sus gargantas* [Seus risos afogam os segredos que desejam sair de suas gargantas] (SEDANO, 2007, p. 472). Assim, em (125) e (126), verifica-se que os sujeitos sintáticos *Una entrega* e *Ese gran susurro*, por serem frutos da atividade humana, poderiam ser entendidos como eventos volitivos desejados, no sentido de “reconstruir a memória do povo Santo” e “seguir ressonando nos mais diferentes cantinhos da vida das pessoas”.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a modalidade volitiva, na camada do Estado-de-Coisas, parece não ser codificada, morfossintaticamente, nas línguas naturais, por meio de operadores modais próprios, compartilhando com a modalidade deôntica os mesmos modais, especificamente no que tangem aos adjetivos em função predicativa, como nos exemplos de (127) a (130), que foram retirados da Internet:²³⁵

(127) Todo formador debería ser un buen conocedor de la persona humana, de sus ritmos de crecimiento, de sus potencialidades y debilidades y de su modo de vivir la relación con Dios. Por esto, **es deseable** que los Obispos, aprovechando experiencias, programas e instituciones reconocidas, proporcionen una idónea preparación a los formadores en pedagogía vocacional, según las indicaciones ya emanadas por la Congregación para la Educación Católica.²³⁶

[Todo formador deve ser um bom conhecedor da pessoa humana, das suas taxas de crescimento, das suas potencialidades e fragilidades e da sua forma de viver a relação com Deus. Por isso, é desejável que os Bispos, valendo-se de experiências, programas e instituições reconhecidas, proporcionem uma preparação adequada aos formadores da pedagogia vocacional, segundo as indicações já emitidas pela Congregação para a Educação Católica]

²³⁵ A escolha por esses exemplos da Internet se deu em razão da inexistência, nas homilias do Papa Francisco, de casos de adjetivos em posição predicativa que pudessem atuar como um mesmo operador modal tanto para a modalidade deôntica quanto para a modalidade volitiva na expressão da *Volitividade*.

²³⁶ Exemplo retirado da Internet. Congregación para la Educación Católica: orientaciones para el uso de las competencias de la psicología en la admisión y en la formación de los candidatos al sacerdocio. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20080628_ori entamenti_sp.html>. Acesso em: 02 set. 2020.

(128) Las rutinas aportan seguridad, siempre que sean claras y lógicas. **Es necesario** que los padres respeten las necesidades de desarrollo de sus hijos, dejándolos ser y vivir cada etapa de su vida. Muchas veces vemos niños que exhiben un mal comportamiento y en realidad solo son el resultado de poco descanso, sobreestimulación, uso excesivo de pantallas o falta de estructura en general en el hogar.²³⁷

[As rotinas oferecem segurança, desde que sejam claras e lógicas. É necessário que os pais respeitem as necessidades de desenvolvimento dos filhos, deixando-os ser e viver cada etapa da vida. Muitas vezes, vemos crianças que apresentam mau comportamento e são, na verdade, apenas resultado de pouco descanso, superestimulação, uso excessivo de telas ou falta de estrutura na casa em geral]

(129) Del mismo modo, **es deseable** que la esperanza media de vida de la población suba en algunos años mejorando las bajas cotas actuales y que el país gane algún puesto respecto en los distintos rankings: puesto 56º en el Índice de Desarrollo Humano de la ONU en 2015 (España el 26º) y 28º en la clasificación del Banco Mundial sobre facilidad para hacer negocios en 2019 (Doing Business Report 2019).²³⁸

[Da mesma forma, é desejável que a esperança média de vida da população aumente em poucos anos, melhorando os baixos níveis atuais e que o país ganhe alguma posição nos diferentes rankings: 56º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano do ONU em 2015 (Espanha 26º) e 28º no ranking do Banco Mundial sobre facilidade para fazer negócios em 2019 (Doing Business Report 2019)]

(130) Y ante todo **es necesario** que la paz reine en los corazones. Porque de poco valdría una exterior apariencia de paz, que hace que los hombres se traten mutuamente con urbanidad y cortesía, sino que es necesaria una paz que llegue al espíritu, los tranquilice e incline y disponga a los hombres a una mutua benevolencia fraternal.²³⁹

[E acima de tudo é necessário que a paz reine nos corações. Porque uma aparência exterior de paz, que faz com que os homens se tratem com civilidade e cortesia, seria de pouca utilidade, mas uma paz que alcance o espírito, os reassegure e os incline, e disponha os homens para a benevolência fraternal mútua é necessária]

De (127) a (130), os operadores modais deônticos e volitivos não codificam, morfossintaticamente, a fonte volicional e o alvo volicional, em que as modalidades deôntica e volitiva são instauradas por meio de adjetivos em posição predicativa (*es deseable* e *es necesario*).

Em (127) e (128), a modalidade deôntica opera na camada do Estado-de-Coisas, referindo-se à obrigação de realização de um evento, respectivamente, o dever dos bispos

²³⁷ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.diariolibre.com/estilos/buena-vida/4-practicas-en-la-crianza-de-tus-hijos-en-las-que-ser-coherente-es-la-clave-AJ20389238>>. Acesso em: 02 set. 2020.

²³⁸ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.icex.es/icex/es/navegacion-principal/todos-nuestros-servicios/informacion-de-mercados/paises/navegacion-principal/el-pais/informacion-economica-y-comercial/informacion-del-mercado/index.html?idPais=KZ>>. Acesso em: 02 set. 2020.

²³⁹ Exemplo retirado da Internet. Ubi arcano Dei consilio foi a primeira encíclica do Papa Pio XI, escrita em 06 de fevereiro de 1922. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Ubi_arcano_Dei_consilio>. Acesso em: 02 set. 2020.

católicos de proporcionarem uma formação adequada aos formadores em pedagogia vocacional (para a formação dos seminaristas) e a obrigação dos pais em respeitar as necessidades inerentes ao desenvolvimento de seus filhos. Pondera-se que a leitura deôntica seja favorecida não apenas pela controlabilidade do Estado-de-Coisas [+controle], mas pela especificação de um agente (*los Obispos e los padres*) [+agente], por meio do predicado principal (*proporcionar e respetar*), que irá executar o evento que é designado como obrigatório de ser realizado.

Em (129) e (130), a modalidade volitiva opera na camada do Estado-de-Coisas, referindo-se ao desejo de concretização de um evento, respectivamente, a volição de que a esperança média de vida da população espanhola suba em alguns anos e o desejo de que a paz reine no coração das pessoas. Acredita-se que a leitura volitiva seja favorecida não apenas pela não controlabilidade do Estado-de-Coisas [-controle], mas pela não especificação de um agente (*la esperanza media de vida de la población e la paz*) [-agente] por parte do predicado principal (*subir e reine*), designando apenas a deseabilidade de concretização de um evento.

Contrapondo o que foi dito em Hengeveld e Mackenzie (2008), é possível que, na camada do Estado-de-Coisas, as modalidades deôntica e volitiva possam operar por meio de modais prototípicos de obrigação e volição, mas sem que eles designem a fonte volicional e/ou o alvo volicional, como se pode constatar nos exemplos de (131) a (134), que foram retirados da Internet:

(131) El interés superior del niño debe primar en los procesos de adopción y acogida».

Por otra parte, «se **debe** frenar el tráfico de niños entre países y continentes mediante oportunas medidas legislativas y el control estatal».²⁴⁰

[O superior interesse da criança deve prevalecer nos processos de adoção e acolhimento familiar”. Por outro lado, “o tráfico de crianças entre países e continentes deve ser interrompido por meio de medidas legislativas apropriadas e controle estatal”]

(132) Esto implica aceptar con sólida voluntad la posibilidad de afrontar algunas renuncias, momentos difíciles y situaciones conflictivas, y la decisión firme de prepararse para ello. Se **deben** detectar las señales de peligro que podría tener la relación, para encontrar antes del casamiento recursos que permitan afrontarlas con éxito.²⁴¹

[Isso implica aceitar com força de vontade a possibilidade de enfrentar algumas demissões, momentos difíceis e situações de conflito, e a firme decisão de se preparar para isso. Deve-se detectar os sinais de perigo que o relacionamento poderia ter, a fim de encontrar recursos antes do casamento que lhes permitam enfrentá-los com sucesso]

²⁴⁰ Exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* do Papa Francisco em língua espanhola. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia_sp.pdf>. Acesso em: 02 set. 2020.

²⁴¹ Exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* do Papa Francisco em língua espanhola. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia_sp.pdf>. Acesso em: 02 set. 2020.

(133) La expectativa va más allá. Se **quiere** enriquecer el avance tecnológico con los principios de la Doctrina Social de la Iglesia. Es decir, armonizar los productos basados en IA con nociones tales como: dignidad de la persona, justicia, subsidiariedad y solidaridad. Estos serían sus cánones fundamentales para definir las características éticas de los sistemas construidos dentro de los nuevos paradigmas digitales. De esta manera los nuevos servicios serían accesibles a la población, “sin discriminaciones ni exclusiones”.²⁴²

[A expectativa vai além. Quer-se enriquecer o progresso tecnológico com os princípios da Doutrina Social da Igreja. Em outras palavras, harmonizar produtos baseados em IA com noções como: dignidade da pessoa, justiça, subsidiariedade e solidariedade. Esses seriam seus cânones fundamentais para definir as características éticas dos sistemas construídos dentro dos novos paradigmas digitais. Desta forma, os novos serviços seriam acessíveis à população, “sem discriminação ou exclusão”]

(134) “El fuego prendido por intereses que destruyen, como los que recientemente devastaron la Amazonía, no es el del Evangelio. El fuego de Dios es calor que atrae y reúne en la unidad. El fuego devorador, en cambio, avanza cuando se **quieren** llevar adelante las propias ideas, quemar la diversidad para homologar todo y todos”, destacó el Papa.²⁴³

[“O fogo ateado por interesses destruidores, como os que assolaram recentemente a Amazônia, não é o do Evangelho. O fogo de Deus é o calor que atrai e reúne em unidade. O fogo devorador, por outro lado, avança quando se quer levar adiante as próprias ideias, queimar a diversidade para padronizar tudo e todos”, destacou o Papa]

Em (131) e (132), a modalidade deôntica opera na camada do Estado-de-Coisas, sendo instaurada por meio do operador modal *deber*, e relativa à obrigação de concretização de um evento, respectivamente, o dever de freiar os casos de tráfico de crianças entre os países e os continentes que podem ser realizados por meio de medidas legislativas e controle estatal; e a obrigação de detectar os sinais que poderiam indicar o desgaste no relacionamento do casal. Por sua vez, em (133) e (134), a modalidade volitiva, que também opera na camada do Estado-de-Coisas, é instaurada por meio do operador modal *querer*, referindo-se ao desejo de concretização do evento, respectivamente, a volição de enriquecer o avanço tecnológico com os princípios da Doutrina Social da Igreja e o desejo de levar adiante as próprias ideias. Nas ocorrências de (131) a (134), pondera-se que a marca de impessoalização feita por meio da partícula *se* especifica o não comprometimento do Falante acerca da obrigatoriedade ou da desejabilidade de concretização do Estado-de-Coisas.

Na camada do Episódio, em que a modalidade deôntica diz respeito a uma avaliação subjetiva do falante acerca da obrigatoriedade de concretização de um evento anterior ao momento de fala, indicando, assim, uma possível reatualização do evento, enquanto a

²⁴² Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://medium.com/t5es/ética-inteligencia-artificial-y-el-papa-francisco-725ce050907b>>. Acesso em: 02 set. 2020.

²⁴³ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.telesurtv.net/news/papa-francisco-condena-incendios-amazonas-20191006-0015.html>>. Acesso em: 02 set. 2020.

modalidade volitiva se refere a uma avaliação subjetiva do falante em relação à desejabilidade de concretização de um evento anterior ao momento de fala, mas que é impossível a sua reatualização, pondera-se, com base em Olbertz (2017), que a fonte volicional é sempre o falante, haja vista que ele é a fonte da atitude modal, cujo evento é avaliado, subjetivamente, por ele como sendo obrigatório (deôntico) ou desejável (volitivo). Nesse sentido, a *imposição volicional* faz com que a modalidade deôntica marque, por meio do operador modal deôntico, o *alvo volicional*, enquanto o *ato volicional* faz com que a modalidade volitiva marque, por meio do operador modal volitivo, a *fonte volicional*, como se pode averiguar, respectivamente, nos exemplos de (135) e (138), que foram retirados da Internet.²⁴⁴

- (135) El papa Francisco reconoció haberse equivocado cuando afirmó que "todo feminismo termina siendo un machismo con faldas", y que la "frase justa" que **debería** haber pronunciado es "todo feminismo puede correr el riesgo de transformarse en un machismo con faldas".²⁴⁵

[O Papa Francisco se enganou ao afirmar que "todo feminismo acaba sendo machismo com saias", e que a "frase justa" que deveria ter sido pronunciada é "todo feminismo pode correr o risco de se tornar machismo com saias"]

- (136) "Este es el plan de acción que **tendría que** haber presentado ayer el papa Francisco en su discurso en vez de hablar de generalidades. Son medidas de sentido común", explicó a EFE el portavoz en español de ECA, Miguel Hurtado y que denunció por abusos a un monje de la abadía de Monserrat.²⁴⁶

["Este é o plano de ação que o Papa Francisco tinha que ter apresentado ontem em seu discurso em vez de falar de generalidades. São medidas de bom senso", explicou à EFE o porta-voz da ECA, Miguel Hurtado. Ele denunciou um monge da Abadia de Monserrat por abusos]

- (137) La respuesta de Jesús a las dudas de Juan ("vayan a contar a Juan") es a base de signos y pistas. **Quisiera** haber visto la cara que pusieron aquellos discípulos cuando Jesús no respondió directamente. La respuesta tiene que buscarla, descubrirla, experimentarla cada uno. "Los ciegos ven, los sordos oyen, los cojos andan, los leprosos quedan limpios, los muertos resucitan, a los pobres se les anuncia la buena nueva".²⁴⁷

[A resposta de Jesus às dúvidas de João ("vai e conta João") é baseada em sinais e pistas. Quisera ter visto a cara daqueles discípulos quando Jesus não respondeu diretamente. Cada um deve buscá-lo, descobri-lo, vivê-lo. "Os cegos veem, os surdos ouvem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os mortos ressuscitam, as boas novas são anunciadas aos pobres"]

²⁴⁴ Devido à inexistência de casos de operadores modais deônticos e volitivos operando na camada do Episódio e relativos a um evento anterior ao momento de fala que é avaliado, subjetivamente, pelo Falante (Papa Francisco), recorreu-se a esses exemplos retirados da Internet.

²⁴⁵ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.ultimahora.com/papa-admite-error-al-decir-que-feminismo-es-machismo-faldas-n2810796.html>>. Acesso em: 03 set. 2020.

²⁴⁶ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.ultimahora.com/victimas-abusos-presentan-plan-que-tendria-que-haber-adoptado-la-iglesia-n2800859.html>>. Acesso em: 03 set. 2020.

²⁴⁷ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.diocesisdezacatecas.com/copia-de-dom2016-apertura-y-univers-1>>. Acesso em: 03 set. 2020.

(138) «**Preferiría** haber muerto en la guerra que haber venido aquí», sostiene Ahmet. La larga espera se traduce en desesperación. Es otro de los miles de refugiados atrapados en el país heleno tras el acuerdo que firmó la Unión Europea con Turquía en marzo de 2016 con el objetivo de frenar las llegadas de miles de personas al continente.²⁴⁸

["Eu preferia ter morrido na guerra do que vir aqui", diz Ahmet. A longa espera resulta em desespero. É mais um dos milhares de refugiados presos no país helênico após o acordo que a União Europeia assinou com a Turquia em março de 2016 com o objetivo de impedir a chegada de milhares de pessoas ao continente]

Em (135) e (136), a modalidade deôntica é instaurada a partir de avaliação subjetiva do falante acerca da possibilidade de reatualização [+realizável] de um evento anterior ao momento de fala e entendido por ele como obrigatório (necessidade deôntica), respectivamente, o dever do Papa Francisco (agente sobre quem recai a obrigatoriedade avaliada pelo falante) de haver pronunciado de outra maneira o que havia dito em relação ao feminismo e a obrigação de apresentar um plano de ação que combatesse os casos de pedofilia noticiados em relação ao monge de Monserrat. Acredita-se na possibilidade de reatualização desses eventos se forem atendidas as circunstâncias necessárias para isso, como o Papa Francisco fazer um novo pronunciamento acerca do feminismo e de Sua Santidade propor um plano de ação contra os casos de pedofilia. Como se pode verificar, os operadores modais deônticos *deber* e *tener que* são instaurados tendo em vista o agente, justificando o emprego da terceira pessoa do singular, *debería* e *tendría*, sobre quem recai a avaliação subjetiva do falante acerca da reatualização do evento, ou seja, o Papa Francisco (alvo volicional).

Por seu lado, em (137) e (138), a modalidade volitiva também é instaurada a partir da avaliação subjetiva do falante em relação a um evento localizado em um momento anterior ao da enunciação, mas impossível de ser reatualizado [-realizável], respectivamente, o desejo do falante de haver estado no momento em que Jesus não deu uma resposta definitiva para os apóstolos e ter visto a cara deles diante dessa escusa, e de haver morrido na época da guerra ocorrida na Turquia. Como se pode constatar, os operadores modais volitivos *querer* e *preferir* são instaurados tendo em vista o ser capaz de volição que expressa a impossibilidade de concretização do evento, no caso, o falante (fonte volicional), justificando, assim, o emprego da primeira pessoa do singular, *quisiera* e *preferiría*.

Especificamente, em relação à modalidade volitiva, é possível que o operador modal volitivo marque, morfossintaticamente, tanto a fonte volicional quanto o alvo volicional, designadamente nos casos em que o falante expressa o seu desejo pessoal de haver realizado

²⁴⁸ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://solidaridad.net/migrantes-en-lesbos-preferiria-haber-muerto-en-la-guerra-que-haber-venido-aqui/>>. Acesso em: 03 set. 2020.

um dado evento em um momento anterior ao da enunciação, mas impossível de ser reatualizado [-realizável], como nos exemplos (139) e (140), que foram também retirados da Internet:

(139) Yo **quería** haber dicho algo al respecto, pero no me salía sin que pareciera un ataque a otro comentarista (ciertamente me molesta que haya quien aproveche cualquier oportunidad para hacer insinuaciones contra el papa), así que, como no podía expresarme sin dar rienda suelta a mi indignación, lo borré y no dije nada.²⁴⁹

[Eu queria ter dito algo sobre isso, mas não saiu sem parecer um ataque a outro comentarista (certamente me irrita que haja quem aproveite qualquer oportunidade para fazer insinuações contra o papa), então como eu poderia não me expressar sem dar vazão à minha indignação, apaguei e não disse nada]

(140) Esa frágil bebé con sus ojos que lastimaba la luz, con sus manitas cerradas apretando sus puños, en señal de lucha por la vida, lucha por conservar la paz que tenía dentro del vientre de su madre, era yo, **desearía** haber cantado y hecho feliz a los que me rodeaban, como cuando mi corazón se ponía feliz cuando cantaba mi madre.²⁵⁰

[Aquele bebê frágil com os olhos que doem a luz, com as mãozinhas cerradas cerrando os punhos, em sinal de luta pela vida, luta para preservar a paz que tinha no ventre materno, era eu, queria ter cantado e ter feito àqueles ao meu redor felizes, como quando meu coração ficou feliz quando minha mãe cantou]

Em (139) e (140), os operadores modais volitivos *querer* e *desear* marcam, morfossintaticamente, tanto a fonte volicional quanto o alvo volicional, que correspondem ao falante (marcado por meio da primeira pessoa do singular, *quería* e *desearía*), que, por sua vez, expressa a impossibilidade de reatualização [-realizável] do evento por meio de um desejo. Em (139), o falante expressa o desejo de haver dito algo que não parecesse ser um ataque a um comentário feito anteriormente, decidindo, então, calar-se, sendo impossível que volte no tempo e reatualize esse evento que é avaliado por ele. Em (140), o falante expressa o desejo de haver cantado e feito feliz à sua mãe, quando era criança, da mesma forma como a sua mãe a fazia feliz quando cantava para ela, sendo impossível o falante voltar a ser criança e, assim, reatualizar esse evento que é avaliado como desejável.

Em relação aos operadores modais prototípicos na instauração de modalidade deôntica atuando na camada do Episódio, em que estes são flexionados na primeira pessoa do singular e plural (*yo* e *nosotros*), tendem a uma leitura volitiva e não deôntica, no que diz respeito à avaliação subjetiva do falante acerca do evento anterior ao momento de fala. Pondera-se que essa leitura volitiva se deva à impossibilidade de reatualização do evento [-realizável], já que

²⁴⁹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.infocatolica.com/blog/coradcor.php/1401130100-ique-da-ya-claro-lo-que-opina>>. Acesso em: 03 set. 2020.

²⁵⁰ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://quintafuerza.mx/quintana-roo/playa-del-carmen/como-desearia-opinion-escuchando-corazon/>>. Acesso em: 03 set. 2020.

este foge ao controle do falante [-controle]. Acredita-se, do ponto de vista lógico, que não fosse produtivo, em termos de uso efetivo da língua, que o falante pudesse fazer uma avaliação subjetiva sobre a obrigatoriedade (necessidade deôntica) de realização de um evento anterior ao momento da enunciação, quando ele detinha o controle [+controle] para realizar esse evento.

Entende-se que, nesses casos, o mais natural seja que os operadores modais deônticos tenham um escopo direto [+direto] sobre o predicado principal (*deber+infinitivo*) quando o falante ainda pressupõe o controle [+controle] sobre o evento avaliado, podendo, assim, reatualizá-lo [+realizável], favorecendo a leitura deôntica do enunciado modalizado. Para os casos em que o falante não detém mais o controle [-controle] sobre o evento avaliado, a leitura volitiva seja favorecida, em que o operador modal tem um escopo de atuação indireto [-direto] sobre o predicado principal (*deber+haber+infinitivo*). Assim sendo, ao avaliar eventos anteriores ao momento de fala, fosse mais provável que o falante se referisse à impossibilidade de reatualização desses eventos quando a fonte volicional coincide com o alvo volicional, como se pode verificar nos exemplos (141) e (142), que foram retirados da Internet, em que o operador modal *deber* marca tanto a fonte volicional quanto o alvo volicional, que consiste na pessoa do falante, instaurando, nesses casos, modalidade volitiva:

- (141) “Me retuvo ahí, no me dejó salir hasta hoy (ayer) en la mañana, me tenía encerrada en su celda y nadie se mete ahí, yo **debería** haber salido el domingo muy temprano a las 7 de la mañana. Los custodios pasaron lista pero no van a la celda de él, ahí nunca pasan lista”, dice la mujer que ingresó el sábado pasado a las 8 de la noche.²⁵¹

[“Ele me manteve lá, não me deixou sair até hoje (ontem) de manhã, ele me trancou na cela dele e ninguém vai lá, eu deveria ter saído no domingo bem cedinho às 7 da manhã. Os guardas chamam, mas não vão à cela dele, lá nunca fazem rolagem”, diz a mulher que entrou no sábado passado, às 20h]

- (142) Francisco expresaba a su amigo Ramiro: Recuerdo su cara cuando la encontramos, estaba pálida y apenas pudo gesticular palabras. Seguro, aquella presencia la había alejado de nosotros para siempre, dijo Ramiro. Pero ella, solo pudo señalar un espejo en el que estaba escrito: “He Vuelto” señaló Francisco. Entonces los amigos comprendieron que ninguno de nosotros lograríamos enterrar el recuerdo de la amiga Laura. Nunca debimos permitir que Laura pasara por eso, **deberíamos** haber pedido ayuda, pero no hicimos nada. Nos quedamos callados. Por eso aquella noche Laura volvió. María fue la única que la vio y desde ese momento, la perdimos para siempre.²⁵²

[Francisco expressou ao amigo Ramiro: Lembro-me do rosto dele quando o encontramos, era pálido e mal conseguia gesticular as palavras. Claro, aquela presença a tirou de nós para sempre, Ramiro

²⁵¹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://elreborujo.com/exhiben-privilegios-a-reos-en-el-cereso/>>. Acesso em: 03 set. 2020.

²⁵² Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.laprensa.com.ni/2015/03/07/cultura/1794376-un-espejo-escrito>>. Acesso em: 03 set. 2020.

disse. Mas ela só conseguiu apontar para um espelho em que estava escrito: "Voltei", assinalou Francisco. Então os amigos entenderam que nenhum de nós seria capaz de enterrar a memória da nossa amiga Laura. Nunca devíamos ter permitido que Laura passasse por isso, devíamos ter pedido ajuda, mas não fizemos nada. Ficamos em silêncio. É por isso que Laura voltou naquela noite. Maria foi a única que a viu e daquele momento em diante, nós a perdemos para sempre]

Em (141), o operador modal *deber* expressa a avaliação subjetiva do falante acerca de um evento anterior ao momento da enunciação, expressando o desejo de haver saído da prisão no domingo às 7 horas da manhã, quando foi visitar um parente que havia sido detido pela polícia. Em (142), o operador modal *deber* também remete a uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento anterior ao momento de fala, manifestando o desejo de haver pedido ajuda para a situação de sua filha Laura.

Na camada do Episódio, acredita-se que a *atitude volicional do falante* parece condicionar as leituras deôntica e volitiva dos enunciados modalizados, em que o *ato volicional* condiciona que os operadores modais marquem, necessariamente, a fonte volicional, instaurando, assim, a modalidade volitiva (*eixo da volição*). Por sua vez, a *imposição volicional* condiciona que os operadores modais marquem, necessariamente, o alvo volicional, instaurando, desse modo, a modalidade deôntica (*eixo da conduta*). Em relação aos casos em que o operador modal marca tanto a fonte volicional quanto o alvo volicional, a leitura favorecida é a de modalidade volitiva.

Na camada do Conteúdo Proposicional, em que a modalidade volitiva diz respeito a uma apreciação subjetiva do falante acerca de um evento que pode ser apenas localizado na sua mente [+mental], entendido como possível (possibilidade volitiva) e verdadeiro com base em suas crenças e opiniões subjetivas e realizável apenas em um mundo do qual apenas ele tem acesso (*não factual*), pondera-se que a fonte volicional é sempre o falante, haja vista que é ele quem faz a avaliação subjetiva do evento, que, por sua vez, refere-se a um construto mental. Especificamente, nessa camada, a modalidade volitiva opera em sua forma mais básica, em que pode apenas identificar uma fonte volicional (marcada por meio do operador modal) que deseja a concretização de um evento (contido na proposição), como se pode averiguar nos exemplos (143) e (144), que foram retirados da Internet:

- (143) Gracias. Gracias por este hermoso encuentro y pensando en el papa Juan, **quisiera** que la bendición que les doy ahora sea una caricia del Señor para cada uno de ustedes. Él había dado esta bendición con el deseo que fuera una caricia, la bendición que impartió a la luz de la luna. Recemos juntos, recemos a la Virgen

que es imagen de la Iglesia. Recen en su idioma el Ave María... María Madre de la Iglesia, reza por nosotros.²⁵³

[Obrigado. Obrigado por este lindo encontro e pensando no Papa João, quisera que a bênção que vos dou agora seja um carinho do Senhor para cada um de vós. Ele havia dado esta bênção com o desejo de que fosse uma carícia, a bênção que ele concedeu à luz da lua. Rezemos juntos, rezemos à Virgem que é a imagem da Igreja. Reze a Ave Maria na sua língua ... Maria Mãe da Igreja, rogai por nós]

(144) La minería ilegal, declaró, conduce a otro asalto devastador a la vida: el tráfico de personas, la esclavitud y el abuso sexual. «Cómo **desearía** que todos oyéramos el clamor de Dios: ‘¿Dónde está tu hermano?’ ¿Dónde está tu hermano o hermana que está esclavizado? No pretendamos y miremos hacia otro lado. Hay una mayor complicidad de la que pensamos. El problema nos involucra a todos.» Y otra vez: «El llanto de esta gente a menudo se silencia o no se le permite hablar. Esa profecía debe permanecer viva en nuestra Iglesia, que nunca dejará de suplicar por el marginado y los que sufren».²⁵⁴

[A mineração ilegal, declarou ele, leva a outro ataque devastador à vida: tráfico de pessoas, escravidão e abuso sexual. Como eu desejaria que todos nós ouvíssemos o clamor de Deus: “Onde está seu irmão?” Onde está seu irmão ou irmã que está escravizado? Não vamos fingir e olhar para o outro lado. A cumplicidade é maior do que pensamos. O problema envolve todos nós. ” E ainda: «O choro destas pessoas muitas vezes é silenciado ou não podem falar. Essa profecia deve permanecer viva em nossa Igreja, que nunca cessará de implorar pelos marginalizados e pelos que sofrem]

Em (143) e (144), verifica-se que os operadores modais volitivos *querer* e *desear* marcam, na codificação morfossintática, a fonte volicional que, por sua vez, diz respeito à pessoa do Falante, o que pode ser evidenciado pela flexão dos verbos modais na primeira pessoa do singular, respectivamente *quisiera* e *desearía*. Em (143), o Falante faz uma apreciação subjetiva, por meio de um desejo, da possibilidade de concretização de um evento (construto mental), no caso, que a sua bênção papal fosse como uma carícia do Senhor (Jesus Cristo) em cada um daqueles que recebe a sua oração. Em (144), o Falante também faz uma apreciação subjetiva sobre a possibilidade de concretização de um evento, expressando o desejo de que todas as pessoas (a humanidade) pudessem escutar o clamor de Deus.

Com base em Lyons (1977), pode-se inferir que a modalidade volitiva apresenta um caráter mais básico que a modalidade deôntica, pois aquela necessita de uma fonte da atitude modal (*fonte volicional*), que é a origem do desejo, que voliciona a concretização de um evento (*ato volicional*). Por sua vez, a modalidade deôntica requer uma fonte da atitude modal (*fonte volicional*), que pode ser um conjunto de deveres socialmente estabelecidos, de regras e normas

²⁵³ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco na Comuniade Católica da Bulgária. Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/noticias/discurso-del-papa-francisco-en-el-encuentro-con-la-comunidad-catolica-en-bulgaria-22863>>. Acesso em: 04 set. 2020.

²⁵⁴ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco sobre a situação da Igreja Católica na Amazônia. Disponível em: <<https://redamazonica.org/2018/01/papa-francisco-amazonas-la-periferia-las-periferias/>>. Acesso em: 04 set. 2020.

institucionalizadas, um conjunto de hábitos e costumes, uma instituição ou um indivíduo (LYONS, 1977), que, por sua vez, impõe a um alvo da atitude modal (*alvo volicional*) a realização de um evento (*imposição volicional*). Como já citado anteriormente, essa possível gramaticalização da volição em direção à obrigação, deve-se, conforme Lyons (1977), à origem das modalidades deôntica e volitiva nas funções desiderativas e instrumentais da linguagem.

Segundo Casimiro (2007), a caracterização das modalidades deôntica e volitiva como subtipos modais distintos não impede que sejam identificados possíveis sobreposições entre os sentidos modais deônticos e volitivos. Nesse sentido, segundo o autor, considerando aspectos pragmático-discursivos e semântico-contextuais, a possibilidade de se reconhecer a presença de uma *fonte volitiva*, que designa a origem da volição, e um *alvo volitivo*, que poderá concretizar o que é volicionado pela fonte volitiva, pode conduzir a uma aproximação dos verbos modais volitivos (modalidade volitiva) dos verbos modais deônticos (modalidade deôntica). Isso se justifica, pois a modalidade deôntica também requer, conforme Lyons (1977), uma *fonte deôntica*, que impõe uma regra ou norma de conduta, e um *alvo deôntico*, que se refere a um agente sobre o qual recai a obrigação de realizar um dado evento.

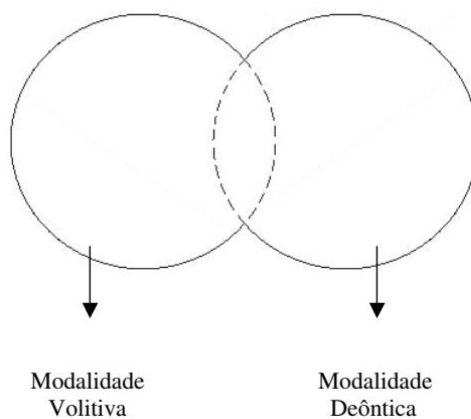
Para Casimiro (2007), essa aproximação entre as modalidades deôntica e volitiva deve-se ao fato de que toda expressão de desejo, de pedido, de solicitação, de mandado, de ordem, etc., apresenta uma origem (*fonte volicional*), seja ela uma pessoa ou uma instituição, e se dirige a algo ou alguém que possa cumpri-la ou executá-la (*alvo volicional*). No entanto, para que o alvo volicional de uma ordem a obedeça, é preciso que duas condições essenciais sejam atendidas: (i) reconhecer a autoridade de onde a ordem tenha se originado (Papa Francisco como Chefe da Igreja Católica); e (ii) reconhecer ou interpretar uma expressão linguística como ordem (volição interpretada como ordem ou mandado).

Com base em Casimiro (2007), entende-se que a imagem que o ouvinte faz do Falante (Papa Francisco) é fundamental no processo de interpretação de uma expressão linguística, no caso, o entendimento da volição como uma obrigação. Dessa forma, é a superioridade hierárquica do Falante (Papa Francisco) que pode permitir ao Ouvinte (bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis católicos) entender e aceitar uma expressão sua como ordem, pedido ou comando. Como citado anteriormente, isso poderia justificar a aproximação entre as modalidades deôntica e volitiva, haja vista que, em sua forma mais básica, a modalidade volitiva requer apenas uma *fonte volicional* e um *evento volicionado*. Por sua vez, a modalidade deôntica requer uma *fonte volicional*, um *evento entendido como obrigatório* e um *alvo volicional*.

Em consonância com Casimiro (2007), García (2009) também estabelece que a modalidade volitiva pode, nos casos em que a volição é de caráter acional [+ação], pressupor a existência de um sujeito que deseja (S1), de uma ação desejada (AD), sendo essa ação real, e de um sujeito da ação desejada (S2). Nesse sentido, o autor faz algumas ponderações acerca de algumas diferenciações semânticas no que tange à expressão da volição, a saber: (i) o *significado propriamente do desejo*, que, em Oliveira (2017), refere-se aos valores modais de desideração, opção e intenção; (ii) o *desejo como uma ordem ou mandado*, que, em Oliveira (2017), está relacionado ao valor de exortação; e (iii) o *desejo irrealizável relacionado ao passado*, que, em Oliveira (2017), diz respeito ao valor modal de desideração. Especificamente, no traço semântico relativo à volição como ordem ou mandado, encontra-se a possibilidade de a modalidade volitiva ser instaurada a partir de uma fonte volicional (sujeito que deseja), que expressa a necessidade de concretização de um evento (ação desejada) por parte do alvo volicional (o sujeito da ação desejada).

A Figura 5, retirada de Casimiro (2007, p. 103), mostra que há uma área de intersecção entre as modalidades deôntica e volitiva:

Figura 5: Sobreposição das modalidades deôntica e volitiva



Fonte: Retirado de Casimiro (2007, p. 103)

Como forma de ilustração da gramaticalização da modalidade volitiva em direção à modalidade deôntica, como aponta Casimiro (2007), foram elaborados os seguintes enunciados modalizados a partir do Sintagma Nominal (*el trabajo*) e do Sintagma Verbal (*trabajar*), considerando, para isso, a marcação, na codificação morfossintática, da fonte volicional e do

alvo volicional por meio do operador modal deôntico *deber* e do operador modal volitivo *querer*.²⁵⁵

(145) **Quisiera** que el trabajo no fuera tan exhaustivo.
[Quisera que o trabalho não fosse tão exaustivo]

(146) **Quería** que el trabajo empezase antes de las nueve.
[Queria que o trabalho começasse antes das nove]

(147) **Quiero** trabajar.
[Quero trabalhar]

(148) **Quiero** que usted trabaje.
[Quero que você trabalhe]

(149) Usted **debe** trabajar.
[Você deve trabalhar]

Em (145), o operador modal volitivo *querer* marca a fonte volicional, que é o próprio falante, que, por sua vez, expressa o desejo de concretização de um evento (*desideração*, que se trata de uma volição irrealizável do ponto de vista factual), que se configura no ato volicional manifestado.

Em (146), o operador modal volitivo *querer* também assinala a fonte volicional, que se refere ao falante, que deseja a concretização de um evento (*optação*, que se refere a uma volição realizável do ponto de vista factual, mas dependente de fatores externos), que se configura no ato volicional expresso.

Em (147), o operador modal volitivo *querer* indica tanto a fonte volicional quanto o alvo volicional que, por seu lado, trata-se da mesma pessoa, o falante, que manifesta o desejo de trabalhar (*intenção*, que está relacionada a uma volição realizável e dependente apenas do falante para a sua concretização), o que configura no ato volicional.

Em (148), o operador modal volitivo *querer* designa apenas a fonte volicional, que diz respeito ao falante, que, por seu turno, expressa o desejo de que o ouvinte, que se trata do alvo volicional, concretize o evento desejado (*exortação*, que é referente a uma volição realizável, mas dependente apenas do ouvinte para a sua concretização), que se configura no ato volicional (a leitura volitiva é favorecida em razão de o falante não ter controle sobre o evento desejado, haja vista que este é dependente de fatores externos, no caso, que o ouvinte o concretize).²⁵⁶

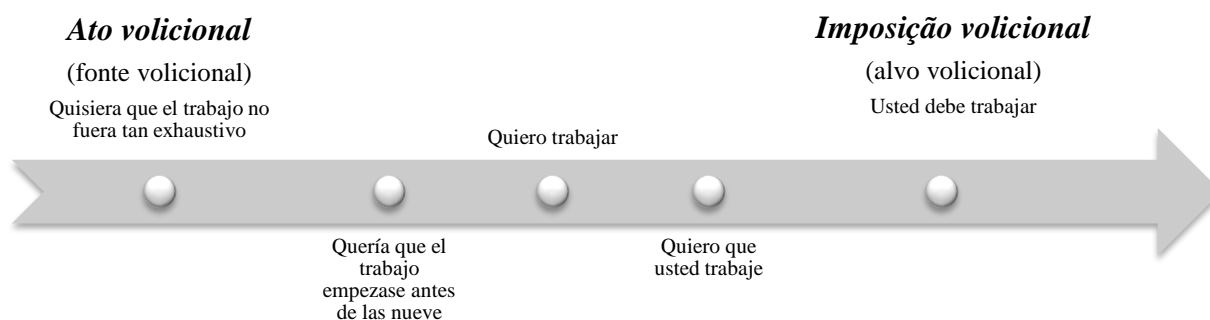
²⁵⁵ Exemplos elaborados pelo autor.

²⁵⁶ Para Casimiro (2007), quando o evento volicionado se configura em um agente sobre quem recai o desejo expresso pelo falante de que aquele realize o evento descrito no enunciado modalizado, tendo em vista questões

Em (149), o operador modal deôntico *deber* descreve apenas o alvo volicional, sobre quem recai a obrigação de realizar o evento que é designado pelo predicado, configurando, assim, em uma imposição volicional. Em relação à fonte volicional, seriam necessárias outras informações que pudessem qualificá-la, tais como operadores/modificadores epistêmicos, marcadores de Evidencialidade Reportativa ou Inferencial, o contexto da interação, a imposição de regras e normas de conduta social, legal e moralmente institucionalizadas, conjunto de hábitos e costumes de uma comunidade, etc.

Na Figura 6, é possível observar a gradação na expressão da *Volitividade*, tendo por base as ocorrências de (145) a (149), em relação à atitude volicional do falante, a saber: (i) o ato volicional, que diz respeito à expressão volicional relativa à concretização de um evento (*eixo da volição*); e (ii) a *imposição volicional*, que se refere à expressão volicional que conduz à realização de um evento (*eixo da conduta*):

Figura 6: Gradação na expressão da *Volitividade* em relação à atitude volicional do falante



Fonte: Elaborado pelo autor

Considerando que tanto a natureza do enunciado modalizado quanto a qualificação da atitude modal foram condicionadoras da expressão da *Volitividade* na instauração das modalidades deôntica e volitiva, seria necessário também verificar a controlabilidade ou não do

pragmático-discursivas e contextuais, é possível que a modalidade volitiva possa ter uma leitura deôntica quando: (i) o falante está em uma posição hierarquicamente superior ao ouvinte; (ii) o evento volicionado é controlado; e (iii) o falante enuncia de um lugar de autoridade, cuja autoridade é reconhecida pelo agente sobre quem recai o desejo de concretização do evento. Para esta pesquisa, considerando apenas os aspectos semânticos da operação de Formulação que ocorre no Nível Representacional, a designação semântica do Estado-de-Coisas sobre o qual incide o operador modal *querer* terá uma leitura volitiva e não deôntica, em razão da não controlabilidade do Estado-de-Coisas por parte do falante (a GDF trabalha a partir da perspectiva do Falante na qualificação das modalidades dentro do Nível Representacional). Especificamente, nesses casos, entende-se que o falante deseja a concretização de um evento, do qual ele não tem controle, ainda que esse evento se configure em um agente sobre quem recai a concretização do Estado-de-Coisas desejado. Entende-se, com base em Neves (2006), que o traço controle [+controle] é relativo ao evento em si, como algo possível de ser executado [+performativo], e não em relação ao controle humano do falante sobre o ouvinte.

Estado-de-Coisas, a partir do valor do Qui-quadrado, como condicionadora das modalidades deôntica e volitiva, buscando, assim, descrever e analisar a qualificação dos Estados-de-Coisas sobre os quais operam os modalizadores deônticos e volitivos.

Ao se fazer a inter-relação entre o domínio semântico (modalidades deôntica e volitiva) e a controlabilidade do Estado-de-Coisas, constatou-se que o valor do Qui-quadrado foi 0,00 ($p < 0,05$), comprovando, assim, o condicionamento de uma categoria de análise sobre outra. Com base em Dik (1997), verificou-se que a modalidade deôntica está relacionada a Estados-de-Coisas controlados [+controle] (59 ocorrências, que totalizam 37,6%), enquanto a modalidade volitiva está relacionada tanto a Estados-de-Coisas controlados [+controle] (72 ocorrências, que totalizam 45,9%) quanto a não controlados [-controle] (26 ocorrências, que totalizam 16,6%), como se pode averiguar na Tabela 9:

Tabela 9: A inter-relação entre o domínio semântico e a controlabilidade do Estado-de-Coisas

Controlabilidade do Estado-de-Coisas	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Controlado	59 (37,6%)	72 (45,9%)	131 (83,4%)
Não controlado	00 (0,0%)	26 (16,6%)	26 (16,6%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

De acordo com Dik (1997), a controlabilidade [+controle] do Estado-de-Coisas diz respeito a uma força que conduz à realização de um evento, ou seja, quando o primeiro argumento da predicação tem o poder de determinar a ocorrência de um evento, como no exemplo: *John opened the door* [João abriu a porta] (DIK, 1997, p. 112). Por sua vez, a não controlabilidade [-controle] do Estado-de-Coisas seria a ausência dessa força, isto é, quando a entidade representada no primeiro argumento não é o controlador do evento, como no exemplo: *The tree fell down* [A árvore caiu] (DIK, 1997, p. 112).

Segundo Neves (1996, 2006, 2010), a modalidade deôntica se caracteriza por incidir sobre Estados-de-Coisas controlados [+controle]. Conforme a autora, a modalidade deôntica está relacionada às normas e às regras de conduta social, contendo, como um dos seus traços lexicais específicos, a controlabilidade do evento, em que o agente (o Participante designado pelo predicado e marcado pelo operador modal deôntico) aceite o valor de verdade do Estado-

de-Coisas para realizá-lo²⁵⁷ em um momento futuro.²⁵⁸ Considerando a atuação da modalidade nas camadas do Nível Representacional, verifica-se que a controlabilidade do Estado-de-Coisas [+controle] é um traço semântico característico desse subtipo modal na expressão da *Volitividade*.

As ocorrências de (150) a (152) ilustram, respectivamente, a atuação da modalidade deôntica nas camadas da Propriedade Configuracional, do Estado-de-Coisas e do Episódio:

(150) La mayoría de ustedes conocen la historia de Santa Catalina Drexel, una de las grandes santas que esta Iglesia local ha dado. Cuando le habló al Papa León XIII de las necesidades de las misiones, el Papa —era un Papa muy sabio— le preguntó intencionadamente: «¿Y tú?, ¿qué vas a hacer?». Esas palabras cambiaron la vida de Catalina, porque le recordaron que al final todo cristiano, hombre o mujer, en virtud del bautismo, ha recibido una misión. Cada uno de nosotros **tiene que** responder lo mejor que pueda al llamado del Señor para edificar su Cuerpo, la Iglesia (H4).

[Muitos de vocês conhecem a história de Santa Catarina Drexel, uma das grandes santas que esta Igreja local deu. Quando falou ao Papa Leão XIII sobre as necessidades das missões, o Papa - ele era um Papa muito sábio - perguntou-lhe deliberadamente: "E você? O que você vai fazer?" Essas palavras mudaram a vida de Catarina, porque a lembravam que, no final, todo cristão, homem ou mulher, em virtude do batismo, recebeu uma missão. Cada um de nós tem que responder da melhor maneira possível ao chamado do Senhor para edificar o seu Corpo, a Igreja]

(151) La Iglesia, como la quería Jesús, es la casa de la hospitalidad. Y cuánto bien podemos hacer si nos animamos a aprender el lenguaje de la hospitalidad, del acoger. Cuántas heridas, cuánta desesperanza se puede curar en un hogar donde uno se pueda sentir recibido. Para eso **hay que** tener las puertas abiertas sobre todo las puertas del corazón. Hospitalidad con el hambriento, con el sediento, con el forastero, con el desnudo, con el enfermo, con el preso (cf. Mt 25,34-37) con el leproso, con el paralítico (H20).

[A Igreja, como queria Jesus, é a casa da hospitalidade. E quanto bem podemos fazer se nos ativermos a aprender a linguagem da hospitalidade, do acolhimento. Quantas feridas, quanta desesperança pode ser curada em um lar onde a pessoa pode se sentir acolhida. Para isso, as portas devem estar abertas, principalmente as portas do coração. Hospitalidade com os famintos, com os sedentos, com os estrangeiros, com os nus, com os enfermos, com os prisioneiros (cf. Mt 25,34-37) com os leprosos, com os paráliticos]

(152) El padre Lombardi dijo que el tribunal también examinará algunos de los casos de abusos cometidos por miembros del clero que estaban “aún pendientes” en la Congregación para la Doctrina de la Fe. “Todavía son muy numerosos y se han acumulado”, dijo. El tribunal “acelerará” las cosas, dijo, e indicó que se había

²⁵⁷ Neves (1996, p. 174) define um estado-de-coisas “como uma codificação linguística (e possivelmente cognitiva) que o falante faz da situação. Sendo algo que pode ocorrer em um determinado mundo, um estado-de-coisas está sujeito a determinadas operações, isto é, ele pode ser: localizado no espaço e no tempo; ter uma certa duração; ser visto, ouvido, ou, de algum modo, percebido”.

²⁵⁸ Segundo Neves (1996 p. 193), a futuridade está, intrinsecamente, relacionada à modalidade deôntica, pois “levando-se em conta que essa modalização diz respeito à conduta, que se projeta para momento posterior à manifestação do déon, isto é, da necessidade deôntica”, a realização do Estado-de-Coisas ocorra em um momento posterior ao da enunciação.

reservado dinero para reforzar la nueva sección. El padre Lombardi dijo que la responsabilidad del tribunal para juzgar a los obispos incluiría cuestiones de omisión, “lo que se **debería** haber hecho y no se hizo”, dijo. “Este es otro tipo de responsabilidad y falta, y tiene que ser juzgado de manera adecuada con reglas adecuadas”.²⁵⁹

[Padre Lombardi disse que o tribunal também examinará alguns dos casos de abusos cometidos por membros do clero que estavam "ainda pendentes" na Congregação para a Doutrina da Fé. "Eles ainda são muito numerosos e se acumularam" disse. O tribunal vai "acelerar" as coisas, disse ele, observando que o dinheiro foi reservado para fazer cumprir a nova seção. O padre Lombardi disse que a responsabilidade do tribunal de julgar os bispos incluiria questões de omissão, "o que deveria ter sido feito e o que não foi feito", disse ele. "Este é outro tipo de responsabilidade e falha, e deve ser julgado adequadamente com regras adequadas."]

Em (150), a modalidade deôntica atua na camada da Propriedade Configuracional, em que recai sobre o participante designado pelo predicado (*cada uno de nosotros*) a obrigação de responder, da melhor forma possível, ao chamado do Senhor (Jesus Cristo) para edificar seu Corpo (A Igreja Católica). Assim, entende-se que, devido a uma regra de fé cristã, que diz que os cristãos devem responder ao chamado de Jesus Cristo (*fonte volicional*), estariam obrigados a evangelizar os demais para torná-los seguidores da divindade cristã. Dessa forma, o Estado-de-Coisas sobre o qual recai o valor modal deôntico instaurado é visto como controlado [+controle] por parte do participante descrito pelo predicado (*tiene que responder*).

Em (151), a modalidade deôntica atua na camada do Estado-de-Coisas, em que o Falante reporta a obrigatoriedade de realização do evento descrito pelo predicado, no caso, que todas as Igrejas Católicas espalhadas pelo mundo mantenham as suas portas sempre abertas para acolher a todos que desejem aproximar-se de Jesus Cristo, em especial, as “portas do coração” (que todos os católicos saibam acolher aos que necessitam de consolo, compreensão, etc.). Desse modo, a obrigatoriedade do evento reportado pelo Falante tem origem em um preceito católico instituído pelo próprio Jesus Cristo (*fonte volicional*), ao dizer que todos aqueles que estão cansados (pelos pecados) e oprimidos (pela dor, pelo sofrimento, pelas angústias, etc.) devem se aproximar dele, pois seu julgo é leve e o seu fardo não é pesado. Assim sendo, o Estado-de-Coisas sobre o qual recai o valor modal instaurado é entendido como controlado [+controle] e que é descrito na predicação (*hay que tener las puertas abiertas de las Iglesias Católicas*).

Em (152), a modalidade deôntica atua na camada do Episódio, em que o falante (*el padre Lombardi*) faz uma avaliação subjetiva sobre um evento que é anterior ao momento da enunciação, entendido por ele como obrigatório e possível de ser reatualizado [+realizável].

²⁵⁹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/es/2015/07/06/espanol/el-papa-crea-un-tribunal-para-juzgar-a-obispos-en-casos-de-abuso-sexual.html>>. Acesso em: 07 set. 2020.

Nesse sentido, a avaliação do falante (*fonte volicional*) recai sobre a necessidade deôntica de que os casos omissos considerados pelo Tribunal Eclesiástico em relação aos padres acusados de pedofilia tivessem sido considerados no processo de julgamento dos réus. A leitura deôntica, nesse caso, é favorecida não apenas pela possibilidade de reatualização do evento [+realizável], já que haverá a criação de um novo tribunal que examinará os casos omissos considerados no passado (*también examinará algunos de los casos de abusos cometidos por miembros del clero que estaban “aún pendientes” en la Congregación para la Doctrina de la Fe*), mas pela controlabilidade [+controle] do Estado-de-Coisas que integra o Episódio.

Por sua vez, a modalidade volitiva, conforme Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) e Olbertz (2017) e Oliveira (2017, 2019a, 2019b, 2020a, 2020b, 2020c, 2021), caracteriza-se pela não controlabilidade do Estado-de-Coisas [-controle], como se pode verificar nos exemplos de (153) a (156), que foram retiradas da Internet,²⁶⁰ em que a modalidade volitiva opera, respectivamente, nas camadas da Propriedade Configuracional, do Estado-de-Coisas, do Episódio e do Conteúdo Proposicional:

(153) "**Quiero** que los obispos trabajen por la unidad, no se queden presos de divisiones que paralizan la misión a la que hemos llamado", exhortó Francisco. "Sean sacramento de comunión. Ver cómo se amaban. Esa era, es y será la mejor evangelización".²⁶¹

[«Quero que os bispos trabalhem pela unidade, não fiquem prisioneiros de divisões que paralisam a missão a que chamamos», exortou Francisco. "Seja o sacramento da comunhão. Veja como se amavam. Essa foi, é e será a melhor evangelização."]

(154) Para el Papa, “hoy estamos tentados por una forma de sociología esterilizada. Parece que se considera a un país como si fuese un quirófano, donde todo está esterilizado: mi raza, mi familia, mi cultura... como si se tuviese miedo de ensuciarla, mancharla, infectarla. Se **quiere** bloquear ese proceso tan importante que da vida a los pueblos y que es el mestizaje. Mezclar te hace crecer, te da nueva vida. Desarrolla cruces, mutaciones, y confiere originalidad”.²⁶²

[Para o Papa, “hoje somos tentados por uma forma esterilizada de sociologia. Parece que um país é considerado como uma sala de cirurgia, onde tudo se esteriliza: minha raça, minha família, minha cultura ... como se tivesse medo de sujar, manchar, infectar. Se quer bloquear aquele importante

²⁶⁰ Devido à inexistência de casos em que o Falante desejasse a concretização de um evento por parte do Ouvinte e em razão de haver poucos casos ou não haver nenhum em que a modalidade volitiva operasse na camada do Estado-de-Coisas, do Episódio (relativa a um momento anterior ao da enunciação) e do Conteúdo Proposicional, recorreu-se a esses exemplos retirados da Internet para especificar outros exemplos em que a modalidade volitiva pudesse ser instaurada, ampliando, dessa forma, a descrição e análise da modalidade volitiva na expressão da *Volitividade* em língua espanhola.

²⁶¹ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco direcionado a todos os bispos católicos. Disponível em: <https://www.religiondigital.org/america/Quiero-obispos-trabajen-divisiones-paralizan_0_1978302162.html>. Acesso em: 07 set. 2020.

²⁶² Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco aos bispos de Moçambique e Madagascar. Disponível em: <<https://jesuitas.lat/es/noticias/1679-francisco-denuncia-la-fijacion-moral-exclusiva-del-clericalismo-con-el-sexo>>. Acesso em: 07 set. 2020.

processo que dá vida ao povo e que é a miscigenação. Misturar te faz crescer, te dá uma nova vida. Desenvolve cruzamentos, mutações e confere originalidade”]

(155) “Lo único que siento es que yo **quería** haber vuelto a ser el obispo de Roma y no una especie de obispo universal. Pero eso puede esperar: durante mucho tiempo mis predecesores, aun estando en Roma, se desentendieron de su diócesis y nombraban un vicario para ella... De modo que no se hable más del tema. Lo consultaré con el Señor y con unos amigos de fiar. Y ustedes, por favor, guardenme el más absoluto secreto”. Una semana después Francisco anunciaba su decisión de trasladar la sede papal a un lugar de la península ibérica: en concreto a esa zona casi de nadie entre Cataluña y Aragón, que suelen llamar la Franja, donde se habla un catalán tapao que algunos, por error, llaman el lapao.²⁶³

[“A única coisa que sinto é que queria ter voltado a ser o bispo de Roma e não uma espécie de bispo universal. Mas isso pode esperar: por muito tempo meus predecessores, mesmo em Roma, ignoraram sua diocese e nomearam um vigário para ela ... Portanto, não falemos mais sobre isso. Vou consultar o Senhor e alguns amigos confiáveis. E você, por favor, mantenha-me em segredo absoluto”. Uma semana depois, Francisco anunciou sua decisão de mudar a sede papal para um lugar na Península Ibérica: especificamente para aquela área de quase ninguém entre a Catalunha e Aragão, que eles costumam chamar de Faixa, onde falam um catalão que alguns, por engano, eles chamam de lapao]

(156) Ante unas 250,000 personas que llenaron en una mañana soleada, aunque con algunas nubes, la plaza de San Pedro del Vaticano y las calles anexas, el papa Francisco expresó su satisfacción por haber comenzado su pontificado con la Semana Santa "y poder anunciaros: ¡Cristo ha resucitado!". "**Quisiera** que llegara sobre todo al corazón de cada uno, porque es allí donde Dios quiere sembrar esta buena nueva: Jesús ha resucitado, hay esperanza para ti, ya no estás bajo el dominio del pecado, del mal. Ha vencido el amor, ha triunfado la misericordia", afirmó.²⁶⁴

[Diante de cerca de 250.000 pessoas que lotaram a Praça de São Pedro no Vaticano e as ruas circundantes em uma manhã ensolarada, embora com algumas nuvens, o Papa Francisco expressou sua satisfação por ter iniciado seu pontificado com a Semana Santa "e por poder anunciar-vos: Cristo ressuscitou!". «Quisera que chegasse ao coração de cada um sobretudo, porque é aí que Deus quer semear esta boa nova: Jesus ressuscitou, há esperança para ti, já não estás sob o domínio do pecado, do mal. O amor venceu, venceu a misericórdia triunfou", afirmou]

Em (153), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, em que a volição expressa diz respeito ao desejo pessoal do Falante (Papa Francisco) de que o evento volicionado venha a ser concretizado pelo referente do sujeito sintático contido na *completiva com que (los obispos)*, no que diz respeito à volição de que os bispos trabalhem pela unidade, não ficando presos a divisões que paralisam a missão para a qual foram chamados. Pondera-se que a leitura volitiva seja favorecida em razão de o participante designado pelo operador modal *querer* e fonte da atitude modal (*fonte volicional*) não ter controle [-controle]

²⁶³ Exemplo retirado da Internet. Entrevista concedida pelo Papa Francisco. Disponível em: <<https://www.atrrio.org/2014/05/macondo-2/>>. Acesso em: 07 set. 2020.

²⁶⁴ Exemplo retirado da Internet. Primeiro discurso do Papa Francisco como Sumo Pontífice em sua primeira bênção *Urbe et orbi* de Páscoa na Praça de São Pedro, no Vaticano. Disponível em: <<https://www.chicagotribune.com/hoy/ct-hoy-8336813-el-papa-dice-que-el-egoismo-amenaza-vida-y-familia-story.html>>. Acesso em: 07 set. 2020.

sobre o evento desejado, haja vista que a sua concretização depende de fatores externos a ele, ou seja, que o sujeito sintático contido na *completiva com que* venha a realizar o evento desejado.

Conforme Kratzer (1981, 1991, 2010), a *força modal* expressa no enunciado modalizado, em (153), é reforçada pelo tipo de modalizador empregado pelo Falante, em que o verbo *querer* desloca a referida modalização para o *eixo da volição*, intensificando, assim, a não controlabilidade [-controle] do Falante em relação ao Estado-de-Coisas sobre o qual incide o valor modal instaurado (*exortação*).²⁶⁵ Para Oliveira (2017), o controle do Estado-de-Coisas [+controle], que configura no evento volicionado pelo Falante, está restrito ao sujeito sintático expresso pelo predicado principal (*trabajar*) contido na *completiva com que*, podendo esta ser modalizada de forma a instaurar modalidade deôntica, a saber: *Los obispos deben trabajar por la unidad*.

Em (154), a modalidade volitiva opera na camada do Estado-de-Coisas, em que o Falante reporta a desejabilidade de concretização de um evento, que consiste em freiar um processo tão importante na vida dos povos, que é a miscigenação. Como se pode verificar, nessa camada, o Falante não expressa uma avaliação subjetiva sobre o evento designado pela predicação, recorrendo, para isso, ao uso da partícula de impessoalização *se*. Assim sendo, o Falante se limita a reportar um Estado-de-Coisas que é desejável, mas não controlado [-controle], haja vista que é impossível que se contenha a miscigenação entre os povos.

Em (155), a modalidade volitiva opera na camada do Episódio, em que o Falante faz uma avaliação subjetiva acerca de um evento anterior ao momento de fala (a data de sua nomeação como Papa, ou seja, o conclave que o designou, no mesmo dia, Bispo de Roma e Vigário da Igreja de Cristo), que consiste no desejo que tivesse se tornado apenas Bispo de Roma e não Bispo Universal da Igreja de Cristo (Chefe da Igreja Católica). Ainda que o Falante possa nomear um vigário que o auxilie no que diz respeito aos deveres e às obrigações que são inerentes ao Bispo de Roma, é impossível que ele governe, por questões de jurisdição regulada pela própria Igreja Católica, apenas como Bispo de Roma. Assim, a leitura volitiva é favorecida não apenas pela impossibilidade de reatualização do evento [-realizável], mas pela não controlabilidade do Estado-de-Coisas [-controle] contido no Episódio.

²⁶⁵ Segundo Oliveira (2017), a modalidade volitiva se configura como um subtipo modal em que há, necessariamente, um sujeito que deseja (fonte volitiva) a concretização de um evento (o que é desejado). Conforme o autor, é plenamente possível que os eventos desejados pelo falante possam se referir a sujeitos sobre quem recai a concretização do evento volicionado pelo falante, em que a leitura volitiva é favorecida pela não controlabilidade [-controle] do falante sobre o evento (o que é desejado), ainda que o sujeito sobre quem recai o evento desejado (alvo volitivo) tenha controle sobre esse evento.

Em (156), a modalidade volitiva opera na camada do Conteúdo Proposicional, em que o Falante faz uma apreciação subjetiva acerca do Conteúdo Proposicional contido na *completiva com que*, no caso, o desejo de que chegasse ao coração de todos que Jesus ressuscitou. A leitura volitiva é favorecida pela não controlabilidade [-controle] do Estado-de-Coisas que está contido no Conteúdo Proposicional, haja vista que se refere a um construto mental, relativo a um evento *não factual*, localizado apenas na mente do Falante [+mental] e realizável somente em um mundo ao qual o Falante tem acesso (mundo da espiritualidade). Conforme Oliveira (2017, 2019a, 2019b, 2020a), o operador modal volitivo atua como uma partícula de apreciação subjetiva, em que o Falante toma como verdadeiro e possível a concretização de um evento com base em seus desejos e suas convicções pessoais.

Segundo Oliveira (2017, 2019a, 2019b, 2020a), a modalidade volitiva pode incidir sobre Estados-de-Coisas controlados [+controle], assim como a modalidade deôntica (elemento de convergência na expressão da *Volitividade*), especificamente quando esses subtipos modais operam na camada da Propriedade Configuracional, como nas ocorrências (157) e (158):

(157) Así como tantas otras situaciones que ustedes conocen y sufren, que como los peores huaicos destruyen la confianza mutua tan necesaria para construir una red de contención y esperanza. Huaicos que afectan el alma y nos preguntan por el aceite que tenemos para hacerles frente. ¿Cuánto aceite tenés? Muchas veces nos interrogamos sobre cómo enfrentar estas tormentas, o cómo ayudar a nuestros hijos a salir adelante frente a estas situaciones. **Quiero** decirles: no hay salida, no hay otra salida mejor que la del Evangelio: se llama Jesucristo. Llenen siempre sus vidas de Evangelio (H27).

[Assim como tantas outras situações que você conhece e sofre, que como os piores huaicos destroem a confiança mútua tão necessária para construir uma rede de contenção e esperança. Huaicos que afetam a alma e nos perguntam sobre o óleo que temos para lidar com eles. Quanto óleo você tem? Muitas vezes nos perguntamos como lidar com essas tempestades ou como ajudar nossos filhos a lidar com essas situações. Quero dizer-lhes: não há saída, não há outra saída melhor do que a do Evangelho: o seu nome é Jesus Cristo. Sempre preencham suas vidas com o Evangelho]

(158) La JMJ era una cita a la que el Papa no podía faltar. ¿Pero los demás viajes? Después de Río llegó otra invitación y luego otra. Simplemente respondí que sí, dejándome, de alguna manera, “llevar”. Y ahora siento que **debo** viajar, ir a visitar a las Iglesias, animar las semillas de esperanza que hay.²⁶⁶

[A JMJ foi um encontro que o Papa não poderia faltar. Mas as outras viagens? Depois do Rio veio outro convite e depois outro. Eu simplesmente respondi que sim, me permitindo, de alguma forma, “carregar”. E agora sinto que devo viajar, ir visitar as Igrejas, alimentar as sementes de esperança que existem]

²⁶⁶ Devido à inexistência de casos de modalidade deôntica instaurada na primeira pessoa do singular, recorreu-se a este exemplo retirado da Internet. Entrevista concedida pelo Papa Francisco à jornalista Andrea Tornielli. Disponível em: <<https://espanol.clonline.org/noticias/prensa/2017/01/08/papa-francisco-comprendí-que-debía-viajar-después-de-la-misión-a-lampedusa>>. Acesso em: 07 set. 2020.

Em (157), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, em que o participante descrito pelo predicado (Papa Francisco) expressa a intenção de concretizar o evento volicionado, no caso, dizer aos bispos que a “única saída” para a realização de seu episcopado é a vivência do Evangelho pregado por Jesus Cristo. Em (158), a modalidade deôntica também opera na camada da Propriedade Configuracional, em que recai sobre o participante designado pelo predicado (Papa Francisco) a obrigação de viajar pelo mundo, visitando as Igrejas e trabalhando para que as “sementes de esperança” (desejo de seguir o Evangelho e a Jesus Cristo) possam ser cultivadas. Em (157) e (158), verifica-se que o sujeito sintático expresso pelos operadores modais volitivo e deôntico, respectivamente *querer* e *deber*, tem controle sobre o Estado-de-Coisas [+controle].

Pondera-se que a leitura volitiva e deôntica desses enunciados modalizados seja favorecida por questões relativas à forma como a *Volitividade* se manifesta nas ocorrências (157) e (158), designadamente no que diz respeito à *atitude volicional do falante* e a *fonte de ordenação volicional*.

Assim sendo, em (157), a leitura volitiva é favorecida, pois a atitude volicional do falante remete apenas à manifestação de concretização de um evento (ato volicional), em que o falante deseja realizar um dado Estado-de-Coisas, cuja fonte de ordenação volicional reorganiza o mundo da espiritualidade (base volicional) a partir dos mundos em que os desejos e as intenções do falante são concretizados. Dessa forma, o Falante deseja realizar um evento, cuja controlabilidade depende, exclusivamente, dele, podendo, a depender de sua vontade e inclinação pessoal, vir a concretizar o Estado-de-Coisas ou não.

Pondera-se também, com base em Kratzer (1981, 1991, 2010), que a *força modal* (a semântica do modalizador - *querer*) favoreça e desloque o enunciado modalizado para o *eixo da volição*. Segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola,²⁶⁷ o verbo *querer* vem do latim *quaerere*, que significa *buscar* ou *pedir*, apresentando, em língua espanhola, as seguintes designações semânticas na instauração de modalidade volitiva: (i) desejar; (ii) apetecer; (iii) resolver; (iv) determinar; (v) pretender; (vi) tentar; (vii) procurar; e (viii) ter vontade ou determinação para realizar algo.²⁶⁸

²⁶⁷ Recorreu-se à versão *online* do Dicionário da Real Academia Espanhola para a explicitação do verbo *querer*. Disponível em: <<https://dle.rae.es/querer?m=form>>. Acesso em: 07 set. 2020.

²⁶⁸ Tradução do autor. O original diz: “desear, apetecer, resolver, determinar, pretender, intentar, procurar y tener voluntad o determinación de ejecutar algo”. Disponível em: <<https://dle.rae.es/querer?m=form>>. Acesso em: 07 set. 2020.

Por sua vez, em (158), a leitura deôntica é favorecida, pois a atitude volicional do falante remete à expressão volicional que conduz à realização de um evento (imposição volicional), em que sobre o falante (quando este prescreve sobre si mesmo um dado ato deôntico, ou seja, o valor modal deôntico) recai a obrigação de realizar o Estado-de-Coisas, cuja fonte de ordenação volicional reorganiza o mundo da espiritualidade (base volicional) a partir dos mundos em que as regras e as normas de conduta já prescritas social, moral e legalmente são cumpridas e não violadas. Assim sendo, sobre o Falante recai a obrigação de realizar um Estado-de-Coisas do qual ele tem controle [+controle], cuja origem da atitude modal (*fonte volicional*) remonta às obrigações e aos deveres que são inerentes ao papado, como visitar as igrejas católicas pelo mundo em viagens pastorais, verificar o andamento e a maneira como os bispos, sacerdotes e religiosos, em comunhão com o papado, estão evangelizando, bem como as diferentes formas de evangelização que são empregadas e ver se condizem com a fé e a moral católica, etc.

Acredita-se também, com base em Kratzer (1981, 1991, 2010), que a *força modal* (a semântica do modalizador - *deber*) favoreça e desloque o enunciado modalizado para o *eixo da conduta*. De acordo com o Dicionário da Real Academia Espanhola,²⁶⁹ o verbo *deber* vem do latim *debēre*, apresentando, em língua espanhola, as seguintes designações semânticas na instauração de modalidade deôntica: (i) estar obrigado a algo por lei divina, natural ou positiva; (ii) ter obrigação de corresponder a alguém no que diz respeito à moral; e (iii) cumprir obrigações relativas ao respeito, à gratidão ou a outros motivos.²⁷⁰

Pautando-se na *força modal* (o tipo de modalizador que instaura a modalidade deôntica e volitiva na expressão da *Volitividade*), é possível que o emprego de um operador modal deôntico por um volitivo e vice-versa, nas ocorrências (157) e (158), favoreça uma leitura diferenciada do enunciado modalizado, ao operarem na mesma camada do Nível Representacional (a camada da Propriedade Configuracional), no que diz respeito às designações semânticas dos enunciados sobre os quais a *Volitividade* é engendrada, como nas ocorrências (159) e (160), que são paráfrases, respectivamente, das ocorrências (157) e (158):

(159) Así como tantas otras situaciones que ustedes conocen y sufren, que como los peores huaicos destruyen la confianza mutua tan necesaria para construir una red

²⁶⁹ Recorreu-se à versão *online* do Dicionário da Real Academia Espanhola para a explicitação do verbo *deber*. Disponível em: <<https://dle.rae.es/deber?m=form>>. Acesso em: 07 set. 2020.

²⁷⁰ Tradução do autor. O original diz: “Estar obligado a algo por la ley divina, natural o positiva, Tener obligación de corresponder a alguien en lo moral y Cumplir obligaciones nacidas de respeto, gratitud u otros motivos”. Disponível em: <<https://dle.rae.es/deber?m=form>>. Acesso em: 07 set. 2020.

de contención y esperanza. Huaicos que afectan el alma y nos preguntan por el aceite que tenemos para hacerles frente. ¿Cuánto aceite tenés? Muchas veces nos interrogamos sobre cómo enfrentar estas tormentas, o cómo ayudar a nuestros hijos a salir adelante frente a estas situaciones. **Debo** decirles: no hay salida, no hay otra salida mejor que la del Evangelio: se llama Jesucristo. Llenen siempre sus vidas de Evangelio.

[Como tantas outras situações que você conhece e sofre, que como os piores huaicos destroem a confiança mútua tão necessária para construir uma rede de contenção e esperança. Huaicos que afetam a alma e nos perguntam sobre o óleo que temos para lidar com eles. Quanto óleo você tem? Muitas vezes nos perguntamos como lidar com essas tempestades ou como ajudar nossos filhos a lidar com essas situações. Devo dizer-lhe: não há saída, não há melhor maneira que a do Evangelho: o seu nome é Jesus Cristo. Sempre preencha sua vida com o Evangelho]

(160) La JMJ era una cita a la que el Papa no podía faltar. ¿Pero los demás viajes? Después de Río llegó otra invitación y luego otra. Simplemente respondí que sí, dejándome, de alguna manera, “llevar”. Y ahora siento que **quiero** viajar, ir a visitar a las Iglesias, animar las semillas de esperanza que hay.

[A JMJ foi um encontro que o Papa não poderia faltar. Mas as outras viagens? Depois do Rio veio outro convite e depois outro. Eu simplesmente respondi que sim, me permitindo, de alguma forma, “carregar”. E agora sinto que quero viajar, ir visitar as Igrejas, alimentar as sementes de esperança que existem]

Em (159), a leitura modal deôntica é favorecida, pois o Falante prescreve para si uma norma de conduta imposta pela organização religiosa, em virtude de seu posto como Vigário de Cristo e Chefe da Igreja Católica, estando, portanto, obrigado a dizer aos seus ouvintes que a “única saída” possível para a realização do ministério deles é seguir o que diz o Evangelho e Jesus Cristo. Por sua vez, em (160), a leitura modal volitiva é favorecida, haja vista que o Falante apenas expressa o desejo de viajar, pretendendo, assim, visitar as igrejas católicas espalhadas pelo mundo e, assim, fortalecer as “sementes de esperança” existentes no coração daqueles que desejam seguir ao Evangelho e a Jesus Cristo.

Assim como a controlabilidade do Estado-de-Coisas poderia ser um elemento de divergência e convergência entre as modalidades deôntica e volitiva na expressão da *Volitividade*, pensou-se também que a dinamicidade do Estado-de-Coisas poderia também conter esses mesmos elementos. No entanto, ao se verificar, na Tabela 10, a inter-relação entre o domínio semântico (as modalidades deôntica e volitiva) e a dinamicidade do Estado-de-Coisas, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,94 ($p > 0,05$), comprovando, assim, que não há um condicionamento de uma categoria de análise sobre outra, verifica-se que as modalidades deôntica e volitiva tendem a ser instauradas, na expressão da *Volitividade*, por meio de Estados-de-Coisas dinâmicos (144 ocorrências, que totalizam 91,7%):

Tabela 10: A inter-relação entre o domínio semântico e a dinamicidade do Estado-de-Coisas

Dinamicidade do Estado-de-Coisas	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Dinâmico	54 (34,4%)	90 (57,3%)	144 (91,7%)
Não dinâmico	05 (3,2%)	08 (5,1%)	13 (8,3%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

De acordo com Dik (1997), o Estado-de-Coisas é não dinâmico [-dinamismo] quando não envolve nenhuma mudança, seja ela interna ou externa. Nele, as entidades envolvidas são apresentadas como sendo as mesmas em todos os pontos do intervalo de tempo durante o qual o Estado-de-Coisas ocorre. Nesse sentido, segundo o autor, os Estados-de-Coisas não dinâmicos denotam *situações*, como no exemplo: *John's money is in an old sock* [O dinheiro de John está em uma meia velha] (DIK, 1997, p. 114). Contrariamente, conforme o autor, o Estado-de-Coisas é dinâmico [+dinamismo] quando envolve, necessariamente, algum tipo de mudança, seja ela interna ou externa. De acordo com o autor, os Estados-de-Coisas dinâmicos podem ser chamados de *eventos*, como no exemplo: *John cut down the tree for my sake* [John cortou a árvore por minha causa] (DIK, 1997, p. 114).

Com base em Dik (1997), pondera-se que a modalidade deôntica, ao operar nas camadas da Propriedade Configuracional, do Estado-de-Coisas e do Episódio, esteja mais relacionada a Estados-de-Coisas que contenham dinamismo [+dinâmico], ou seja, que haja algum tipo de mudança, seja ela interna ou externa, referindo-se, portanto, a eventos que devem ser realizados (Propriedade Configuracional e Estado-de-Coisas) ou que o falante julga serem obrigatórios (necessidade deôntica) de serem realizados (Episódio), como se pode constatar, respectivamente, nas ocorrências de (161) a (163):

(161) De un tiempo a esta parte no son pocas las veces que parece haberse instalado en nuestras comunidades una sutil especie de fatiga, que no tiene nada que ver con la fatiga del Señor. Aquí **tenemos que** estar atentos (H29).

[Já faz algum tempo, não poucas vezes, parece que se instalou em nossas comunidades uma espécie de cansaço sutil, que nada tem a ver com o cansaço do Senhor. Aqui temos que estar vigilantes]

(162) En comunidades donde todavía arrastramos estilos patriarcales y machistas **es bueno** anunciar que el Evangelio comienza subrayando mujeres que marcaron tendencia e hicieron historia (H22).

[Nas comunidades onde ainda carregamos o estilo patriarcal e machista, é bom anunciar que o Evangelho começa destacando as mulheres que marcaram tendências e fizeram história]

(163) ¡Vaya con los dos papás!: vaya con Francisco y vaya con Benedicto. Se ve que uno apuesta por que se casen los curas y el otro dice que 'no chico, que de eso ni hablar'. Yo creo que Francisco está bastante mal aconsejado. Si sugiere que los

curas pueden casarse pues es normal que encuentre oposición. Lo que tenía que haber propuesto Francisco no es que los curas pueden casarse. **Tendría que** haber propuesto que los curas puedan divorciarse y así le habían dicho 'hombre no Francisco, eso ni hablar. ¿Cómo podemos tolerar un cura divorciado?'.²⁷¹

[Vai com os dois pais!: Vai com o Francisco e vai com o Bento. Vê-se que um aposta nos padres para casar e o outro diz que 'não rapaz, sem falar nisso'. Acho que o Francisco é mal aconselhado. Se você sugere que os padres podem se casar, é normal que encontre oposição. O que Francisco tinha que ter proposto não é que os padres se casassem. Tinha que ter proposto que os padres se divorciassem e foi assim que lhe disseram 'cara, Francisco não, não é isso. Como podemos tolerar um padre divorciado?']

Em (161), a modalidade deôntica opera na camada da Propriedade Configuracional, em que sobre o participante descrito pelo predicado (*nosotros*) recai a obrigação de estar atento à fadiga que não vem do Senhor (o falso cansaço que impede a evangelização), requerendo, dessa forma, que haja uma mudança interna de atitude por parte do participante (Falante e Ouvinte) em relação à sua prática cristã católica, ao procurar distinguir o que seria a fadiga vinda do Senhor daquela que viria das fraquezas humanas.

Por seu lado, em (162), a modalidade deôntica opera na camada do Estado-de-Coisas, em que o Falante reporta a obrigação de realização de um evento, que consiste no dever de anunciar que o Evangelho começa ao se relatar que as mulheres marcaram tendência e fizeram história na Igreja de Cristo (o Sumo Pontífice faz menção ao fato de as mulheres terem sido as primeiras testemunhas oculares da ressurreição de Jesus Cristo e terem sido as primeiras a anunciar a boa nova da ressurreição). Nesse sentido, a obrigatoriedade de realização do evento requer uma mudança de mentalidade em relação à situação em que muitas mulheres vivem nas comunidades cristãs, sempre colocadas em segundo plano.

Por seu turno, em (163), a modalidade deôntica opera na camada do Episódio, em que o falante faz uma avaliação subjetiva acerca de um evento anterior ao momento da enunciação, mas entendido por ele como sendo obrigatório (necessidade deôntica). Assim, o falante faz uma apreciação pessoal, o que pode ser recuperado pelo operador modal epistêmico, *creo* (que atua na camada do Conteúdo Proposicional), no que diz respeito à proposta do Papa Francisco em considerar que os padres (que vivem o celibato) deveriam não apenas se casar, como também lhes poderia ser permitido o divórcio. Pondera-se que a dinamicidade do Estado-de-Coisas, que integra o Episódio, seja dinâmico, em virtude da possibilidade de reatualização do evento, na medida em que haja a possibilidade, ainda que remota, de o evento apreciado pelo falante vir a ocorrer no mundo real.

²⁷¹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://cadenaser.com/programa/2020/01/15/hora_25/1579125399_961947.html>. Acesso em: 11 set. 2020.

Em relação à modalidade volitiva, acredita-se que a dinamicidade [+dinâmico] do Estado-de-Coisas se deva ao fato de o Falante expressar ou reportar eventos que requeiram algum tipo de mudança interna ou externa a partir do que é entendido como desejável ou indesejável, em que a modalidade volitiva opera nas camadas da Propriedade Configuracional (predicado) e do Estado-de-Coisas (predicação), como se pode averiguar nas ocorrências de (164) a (166):

(164) A «todos» dijo Jesús, a todos vayan y anuncien; a toda esa vida como es y no como nos gustaría que fuese, vayan y abracen en mi nombre. Vayan al cruce de los caminos, vayan a anunciar sin miedo, sin prejuicios, sin superioridad, sin purismos a todo aquel que ha perdido la alegría de vivir, vayan a anunciar el abrazo misericordioso del Padre. Vayan a aquellos que viven con el peso del dolor, del fracaso, del sentir una vida truncada y anuncien la locura de un Padre que **busca** ungiros con el óleo de la esperanza, de la salvación (H1).

[A "todos" Jesus disse, a todos vão e anunciem; a toda essa vida como ela é e não como gostaríamos que fosse, vá e abraça em meu nome. Vai à encruzilhada, vai anunciar sem medo, sem preconceito, sem superioridade, sem purismos a todos aqueles que perderam a alegria de viver, vai e anuncia o abraço misericordioso do Pai. Ide àqueles que vivem com o peso da dor, do fracasso, de sentir uma vida truncada e anunciam a loucura de um Pai que busca ungi-lhes o óleo da esperança, da salvação]

(165) La misericordia rechaza siempre la maldad, tomando muy en serio al ser humano. Apela siempre a la bondad de cada persona, aunque esté dormida, anestesiada. Lejos de aniquilar, como muchas veces pretendemos o **queremos** hacerlo nosotros, la misericordia se acerca a toda situación para transformarla desde adentro. Ese es precisamente el misterio de la misericordia divina (H14).

[A misericórdia sempre rejeita o mal, levando o ser humano muito a sério. Sempre apele para a bondade de cada pessoa, mesmo que ela esteja dormindo, anestesiada. Longe de aniquilar, como muitas vezes pretendemos ou queremos fazer, a misericórdia aborda cada situação para transformá-la por dentro. Esse é precisamente o mistério da misericórdia divina]

(166) Bergoglio también se ha lanzado a pedir auditorías. Desde McKinsey&Company, hasta KPMG. En el primer caso, se **desea** elaborar un plan integrado para organizar los medios de comunicación de manera más operativa. San Agustín asegura que "igual esas empresas auditoras podrían acabar con el Vaticano".²⁷²

[Bergoglio também começou a solicitar auditorias. Da McKinsey & Company para a KPMG. No primeiro caso, deseja-se desenvolver um plano integrado para organizar a mídia de uma forma mais operacional. Santo Agostinho garante que "assim como essas empresas de auditoria podem acabar com o Vaticano"]

²⁷² Exemplo retirado da Internet. Devido aos poucos casos de modalidade volitiva operando na camada do Estado-de-Coisas, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet, no intuito de ilustrar outros tipos de operadores modais volitivos que poderiam atuar nessa camada. Disponível em: <https://galicia.economiadigital.es/politica-y-sociedad/el-papa-francisco-no-es-un-revolucionario-pero-lograra-un-vaticano-mas-transparente_360984_102.html>. Acesso em: 11 set. 2020.

Em (164), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, em que se constata que há um participante (*Padre*) que deseja se envolver no evento descrito pelo predicado, no caso, ungir seus filhos (todas as pessoas) com óleo de esperança e de salvação. Nesse caso, o desejo de realização do evento por parte do participante culmina em uma mudança externa, em que os filhos passam de uma situação de “não abençoado” para uma de “abençoado”.

Em (165), a modalidade volitiva também opera na camada da Propriedade Configuracional, em que averigua que o participante (*nosotros*) expressa o desejo de concretizar o evento designado pelo predicado, em questão, o desejo de fazer com que a misericórdia seja aniquilada, afastando, assim, os demais de se aproximarem de Jesus Cristo. Assim sendo, o desejo de concretização do evento faz com que haja uma mudança de pensamento por parte do participante, passando de uma atitude de “misericórdia” para uma de “condenação”.

Por seu turno, em (166), a modalidade volitiva opera na camada do Estado-de-Coisas, em que o falante (porta-voz do Vaticano) reporta o desejo de elaboração de um plano integrado para a organização dos meios de comunicação de forma mais eficiente. Dessa forma, o evento volicionado passa por uma mudança interna, resultante de uma ação que culmina na organização dos meios de comunicação a partir da elaboração de um plano desejado.

Em relação à camada do Episódio, os eventos sobre os quais incidem a modalidade volitiva instaurada podem ser relativos a Estados-de-Coisas dinâmicos [+dinâmico], desde que o Falante seja a força ativa que impulsiona a mudança no evento volicionado, como nas ocorrências (167) e (168), que, por conveniência, remetem, respectivamente, às ocorrências (45) e (46):

(167) Gratiitud y laboriosidad: estos son los dos pilares de la vida espiritual que **deseaba** compartir con ustedes sacerdotes, religiosas y religiosos esta tarde (H2).
[Gratidão e laboriosidade: estes são os dois pilares da vida espiritual que deseja partilhar convosco, sacerdotes, religiosos e religiosas esta tarde]

(168) Así como ellos enfrentaron la tempestad sobre el mar, a ustedes les tocó enfrentar el duro golpe del «Niño costero», cuyas consecuencias dolorosas todavía están presentes en tantas familias, especialmente aquellas que todavía no pudieron reconstruir sus hogares. También por esto **quise** estar y rezar aquí con ustedes (H27).

[No momento em que enfrentaram a tempestade sobre o mar, foi necessário enfrentar o duro golpe do «Menino do Litoral», cujas dolorosas consequências ainda estão presentes em tantas famílias, especialmente naquelas que ainda não puderam reconstruir as suas casas. É também por isso que eu quis estar e orar aqui com vocês]

Em (167) e (168), a modalidade volitiva opera na camada do Episódio, em que o Falante expressa a intenção de realizar um evento que é anterior ao momento de fala e do qual ele detinha o controle para realizá-lo, sendo, portanto, ele a força capaz de provocar a realização do evento, respectivamente, o desejo de compartilhar os pilares da vida espiritual de um cristão católico e a volição de estar junto aos mais necessitados e rezar por eles.

No tocante à camada do Conteúdo Proposicional, os eventos sobre os quais incidem à modalidade volitiva instaurada podem possuir alguma força externa que os impulsionem a mudança, apresentando, assim, certo dinamismo [+dinâmico], designadamente em um mundo do qual apenas o Falante tem acesso e do qual todos os seus desejos e vontades são realizados, como se pode constatar na ocorrência (169), que, por conveniência, remete à ocorrência (52):

(169) Dos sentimientos tengo hoy para con nuestros hermanos islámicos. Primero, mi saludo por celebrarse hoy el Día del Sacrificio. **Hubiera querido** que mi saludo fuera más caluroso según los sentimientos, que es mi cercanía, mi cercanía ante la tragedia que su pueblo ha sufrido hoy en la Meca (H2).

[Tenho dois sentimentos hoje por nossos irmãos islâmicos. Em primeiro lugar, minhas saudações por celebrar o Dia do Sacrificio hoje. Quisera que a minha saudação fosse mais calorosa de acordo com os meus sentimentos, que é a minha proximidade, a minha proximidade à tragédia que hoje o vosso povo sofreu em Meca]

Em (169), a modalidade volitiva opera na camada do Conteúdo Proposicional, em que o Falante expressa o desejo de que a sua saudação se tornasse mais calorosa e afetuosa, na mesma intensidade da dor sofrida pelo povo em Meca (terra sagrada para os muçulmanos) em decorrência da tragédia. Nesse sentido, parece haver uma força externa ao Falante que impulsiona a concretização do evento volicionado, fazendo com que este passe por alguma mudança em um mundo no qual todos os desejos do Falante podem ser realizados (fonte de ordenação volicional).

Sabendo-se que a controlabilidade e a dinamicidade do Estado-de-Coisas estão relacionadas à caracterização dos eventos sobre o qual incidem os valores modais deônticos e volitivos, pondera-se, em relação à referência temporal do evento, que ambas as modalidades possam também apresentar elementos de convergência e divergência na expressão da *Volitividade*. Ao se fazer a inter-relação entre o domínio semântico (modalidades deôntica e volitiva) e a referência temporal do evento sobre o qual incide o valor modal, constatou-se que o valor do Qui-quadrado foi 0,02 ($p < 0,05$), comprovando, assim, que há o condicionamento de uma categoria de análise sobre outra. Em outras palavras, a avaliação que se faz do enunciado modalizado pode condicionar a referência temporal do evento, podendo este ser: (i) *futuro*

[+futuro], quando o evento está situado em um momento posterior ao da enunciação; ou (ii) *pretérito* [+passado], quando o evento está localizado em um momento anterior ao da enunciação.

A Tabela 11 traz a inter-relação entre o domínio semântico e a referência temporal do evento sobre o qual incide o valor modal, em que se constata que a modalidade deôntica está relacionada apenas à futuridade (59 ocorrências, que totalizam 37,6%), enquanto a modalidade volitiva pode estar relacionada tanto à futuridade (90 ocorrências, que totalizam 57,3%) quanto à preteridade (08 ocorrências, que totalizam 5,1%).²⁷³

Tabela 11: A inter-relação entre o domínio semântico e a referência temporal do evento

A referência temporal do evento	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Futuridade	59 (37,6%)	90 (57,3%)	149 (94,9%)
Preteridade	00 (0,0%)	08 (5,1%)	08 (5,1%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

De acordo com Lyons (1977), a modalidade deôntica está, intrinsecamente, relacionada à noção de futuridade, uma vez que as obrigações, permissões e proibições estabelecidas estão em um Estado-de-Coisas que será obtido por meio de atos a serem realizados em um momento posterior ao da enunciação [+futuro], cuja noção de futuridade é de natureza semântica e não temporal normativa, explicando, assim, o caráter *não factual* da modalidade deôntica. Nesse sentido, considerando a atuação da modalidade deôntica nas camadas inferiores do Nível Representacional (Propriedade Configuracional e Estado-de-Coisas), verifica-se que os eventos sobre os quais incidem os valores modais deônticos são posteriores ao momento da enunciação (*futuridade*), como se pode averiguar nas ocorrências (170) e (171):

(170) Un segundo aspecto es el espíritu de laboriosidad. Un corazón agradecido busca espontáneamente servir al Señor y llevar un estilo de vida de trabajo intenso. El recuerdo de lo mucho que Dios nos ha dado nos ayuda a entender que la renuncia a nosotros mismos para trabajar por Él y por los demás es el camino privilegiado para responder a su gran amor. Sin embargo, y para ser honestos, **tenemos que** reconocer con qué facilidad se puede apagar este espíritu de generoso sacrificio personal (H2).

²⁷³ Essa maior ocorrência de casos de futuridade em relação ao de preteridade tem relação com o fato de as modalidades deôntica e volitiva encontradas no *corpus* estarem operando, majoritariamente, nas camadas mais baixas do Nível Representacional, ou seja, nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas.

[Um segundo aspecto é o espírito industrial. Um coração grato busca espontaneamente servir ao Senhor e levar um estilo de vida intenso de trabalho. A memória do quanto Deus nos deu ajuda a compreender que renunciar a trabalhar para Ele e para os outros é a forma privilegiada de responder ao seu grande amor. No entanto, e para ser honesto, temos que reconhecer a facilidade com que esse espírito de sacrifício pessoal generoso pode ser apagado]

(171) Y esa es la buena noticia: el mejor de los vinos está por ser tomado, lo más lindo, lo más profundo y lo más bello para la familia está por venir. Está por venir el tiempo donde gustamos el amor cotidiano, donde nuestros hijos redescubren el espacio que compartimos, y los mayores están presentes en el gozo de cada día. El mejor de los vinos está en la esperanza, está por venir para cada persona que se arriesga al amor. Y en la familia **hay que** arriesgarse al amor, hay que arriesgarse a amar. Y el mejor de los vinos está por venir, aunque todas las variables y estadísticas digan lo contrario; el mejor vino está por venir en aquellos que hoy ven derrumbarse todo (H15).

[E essa é a boa notícia: o melhor dos vinhos ainda está para ser bebido, o mais bonito, o mais profundo e o mais bonito para a família ainda está por vir. Chegou o momento em que desfrutamos do amor cotidiano, em que nossos filhos redescobrem o espaço que compartilhamos e os mais velhos estão presentes na alegria de cada dia. O melhor dos vinhos está na esperança, ainda está por vir para cada pessoa que arrisca o amor. E na família tem que se arriscar o amor, tem que se arriscar o amor. E o melhor dos vinhos ainda está por vir, embora todas as variáveis e estatísticas digam o contrário; o melhor vinho ainda está por vir para aqueles que hoje veem tudo desabar]

Em (170), a modalidade deôntica opera na camada da Propriedade Configuracional, em que sobre o participante (*nosotros*) recai a obrigação de realizar o evento descrito pelo predicado, no caso, o dever de reconhecer a facilidade com que se pode apagar, nos corações dos bispos, sacerdotes e religiosos, o espírito do sacrifício pessoal de entrega ao serviço do Senhor. Por sua vez, em (171), a modalidade deôntica opera na camada do Estado-de-Coisas, em que o Falante reporta a obrigação de ser arriscar ao amor nas famílias, para que se possa realizar o mesmo milagre feito por Jesus Cristo nas Bodas de Caná, quando transformou água em vinho na festa de casamento a pedido de sua mãe, Maria de Nazaré. Como se pode verificar, em (170) e (171), há a descrição de um evento, cuja obrigatoriedade de realização está situada em um momento posterior ao da enunciação [+futuro].

No que diz respeito à modalidade volitiva, conforme Felix de Oliveira (2016) e Oliveira (2017), este subtipo modal também está relacionado à noção de futuridade, haja vista que os desejos, as vontades e as intenções do falante serão ou poderão ser concretizados em um momento posterior ao da enunciação [+futuro], o que poderia explicar o caráter *não factual* da modalidade volitiva. Assim sendo, considerando a atuação da modalidade volitiva nas camadas inferiores do Nível Representacional (Propriedade Configuracional e Estado-de-Coisas), constata-se também que os eventos sobre os quais incidem os valores modais volitivos são posteriores ao momento de fala (*futuridade*), como se pode atestar nas ocorrências (172) e (173):

(172) Dios vive en nuestras ciudades, la Iglesia vive en nuestras ciudades y Dios y la Iglesia que viven en nuestras ciudades quieren ser fermento en la masa, **quiere** mezclarse con todos, acompañando a todos, anunciando las maravillas de Aquel que es Consejero maravilloso, Dios fuerte, Padre para siempre, Príncipe de la paz. «El pueblo que caminaba en tinieblas ha visto una gran luz» y nosotros cristianos, somos testigos (H3).

[Deus mora em nossas cidades, a Igreja mora em nossas cidades e Deus e a Igreja que mora em nossas cidades quer ser fermento na massa, quer se misturar com todos, acompanhar a todos, anunciar as maravilhas d'Aquela que é um maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai para sempre, Príncipe da paz. "As pessoas que andavam nas trevas viram uma grande luz" e nós, cristãos, somos testemunhas]

(173) La segunda visita de un Sumo Pontífice a nuestro país trae para la mayoría de la población paraguaya vientos de esperanza. Se **anhela** que la presencia del Papa Francisco pueda revitalizar el deseo de rescatar al gran porcentaje de la población que vive en penosas condiciones.²⁷⁴

[A segunda visita de um Sumo Pontífice ao nosso país traz ventos de esperança à maioria da população paraguaia. Espera-se que a presença do Papa Francisco possa revitalizar o desejo de resgatar a grande porcentagem da população que vive em condições terríveis]

Em (172), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, em que o participante (*La Iglesia*) expressa a intenção de se envolver no evento descrito pelo predicado, no caso, a volição de “misturar-se” com todos, acompanhando a todos, para, assim, anunciar as maravilhas (o Evangelho) de Jesus Cristo. Por sua vez, em (173), a modalidade volitiva opera na camada do Estado-de-Coisas, em que o falante reporta o desejo de realização do evento, no caso, a volição de que a presença do Papa Francisco seja capaz de resgatar aquelas pessoas que vivem em péssimas condições. Como se pode constatar, em (172) e (173), há a descrição de um evento, cuja possibilidade de concretização se dará em um momento posterior ao da enunciação [+futuro].

Em resumo, ponderamos que haja uma estreita relação entre a expressão de noção de futuridade [+futuro] e as modalidades deôntica e volitiva, especificamente quando ambas as modalidades operam nas camadas inferiores do Nível Representacional (Propriedade Configuracional e Estado-de-Coisas). Nesse sentido, acredita-se que essa estreita relação entre as modalidades deôntica e volitiva e a noção de futuridade se deva às suas origens na função desiderativa da linguagem, como aponta Lyons (1977), uma vez que as funções desiderativas e instrumentais da linguagem servem tanto para expressar ou para designar as vontades e os desejos (modalidade volitiva) quanto para conseguir que algo seja feito a partir da imposição

²⁷⁴ Devido aos poucos casos de modalidade volitiva operando na camada do Estado-de-Coisas que foram encontrados nas homilias do Papa Francisco, recorreu-se a este exemplo retirado da Internet como forma de explicitar outros tipos de operadores modais volitivos que poderiam atuar nesta camada. Disponível em: <<https://www.abc.com.py/edicion-impresa/opinion/esperanzador-1389237.html>>. Acesso em: 14 set. 2020.

da própria vontade a outros agentes (modalidade deôntica), incidindo sobre eventos que se localizam em um momento posterior ao da enunciação (prospecção futura).

No entanto, é possível que a modalidade volitiva, especificamente na camada da Propriedade Configuracional, esteja relacionada à noção de preteridade [+pretérito], designadamente quando o Falante emprega o *pretérito perfecto compuesto*, cujo evento volicionado no passado se estende até o momento de fala (*antepresente*), como se pode averiguar nas ocorrências (174) e (175):

(174) Cuántas veces hemos tenido que llorar y arrepentirnos por darnos cuenta que no hemos reconocido esa dignidad en otros. Cuántas veces —y con dolor lo digo— somos ciegos e inmunes ante la falta del reconocimiento de la dignidad propia y ajena. Cuaresma, tiempo para ajustar los sentidos, abrir los ojos frente a tantas injusticias que atentan directamente contra el sueño y el proyecto de Dios. Tiempo para desenmascarar esas tres grandes formas de tentaciones que rompen, dividen la imagen que Dios **ha querido** plasmar (H11).

[Quantas vezes tivemos que chorar e nos arrepender por perceber que não reconhecemos essa dignidade nos outros. Quantas vezes - e digo com dor - ficamos cegos e imunes à falta de reconhecimento da nossa própria dignidade e da dos outros. Quaresma, hora de ajustar os sentidos, abrir os olhos para tantas injustiças que ameaçam diretamente o sonho e o projeto de Deus. É hora de desmascarar essas três grandes formas de tentações que se rompem, dividem a imagem que Deus quis expressar]

(175) En el Evangelio hemos escuchado la genealogía de Jesús (cf. Mt 1,1-17), que no es una simple lista de nombres, sino historia viva, historia de un pueblo con el que Dios ha caminado y, al hacerse uno de nosotros, nos **ha querido** anunciar que por su sangre corre la historia de justos y pecadores, que nuestra salvación no es una salvación aséptica, de laboratorio, sino concreta, una salvación de vida que camina (H22).

[No Evangelho ouvimos a genealogia de Jesus (cf. Mt 1,1-17), que não é uma simples lista de nomes, mas a história viva, a história de um povo com quem Deus caminhou e, por se tornar um de nós quis anunciar que a história dos justos e dos pecadores corre pelo seu sangue, que a nossa salvação não é uma salvação asséptica, laboratorial, mas concreta, uma salvação da vida que caminha]

De acordo com a Real Academia Espanhola (2010), o *pretérito perfecto compuesto* é um tempo verbal em que se expressa a anterioridade da situação denotada (evento) em relação a um ponto de referência situado no presente (momento da enunciação), caracterizando-o como um *tempo relativo*. Assim sendo, a interpretação de *antepresente*, que é dada a esse tempo verbal, faz referência a um ponto inespecífico do passado (*preteridade*), mas que se prolonga até o momento de fala. Dessa forma, as situações (eventos) são medidas e apreciadas a partir do momento da enunciação. Nesse sentido, pondera-se que o emprego dos operadores modais volitivos, quando codificados, morfossintaticamente, neste tempo verbal, manifestam que o evento era desejado pelo participante designado pelo predicado em um momento anterior ao

evento de fala (*preteridade*), mas estendendo-se até o momento da enunciação, ou seja, quando se instaura a volição.

Assim sendo, em (174) e (175), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, em que o participante descrito pelo predicado não apenas desejou envolver-se no evento volicionado, como ainda o deseja. Em (174), o participante designado pelo predicado (*Dios*) não apenas desejou refletir a sua imagem e semelhança no homem criado no momento da criação (*evento pretérito*), como ainda deseja refleti-la na hodiernidade, quando as pessoas passam a reconhecer não apenas a sua dignidade como a dos seus semelhantes. Em (175), verifica-se também que o participante designado pelo predicado (*Jesús*) não apenas desejou anunciar a salvação ao mundo quando esteve presente fisicamente entre as pessoas e entregou sua vida na cruz, como ainda deseja caminhar com as pessoas e anunciá-las a salvação por meio da Igreja.

Como aponta Olbertz (2017), é plenamente possível, na camada do Episódio, que o falante possa fazer uma avaliação subjetiva sobre um evento anterior ao momento de fala [+pretérito] e do qual ele faz uma apreciação sobre a desejabilidade ou a obrigatoriedade de reatualização desse evento, em que a leitura deôntica é favorecida pela possibilidade de reatualização [+realizável], enquanto a leitura volitiva é favorecida pela impossibilidade de reatualização [-realizável], como já explicitado anteriormente. Desse modo, em camadas superiores do Nível Representacional (a camada do Episódio), as modalidades deôntica e volitiva apresentam, como aspecto de convergência, a possibilidade de avaliação subjetiva sobre eventos anteriores ao momento de fala, como se pode averiguar nos exemplos (176) e (177), que foram retirados da Internet:

(176) El Papa Francisco no sólo debería haber pedido perdón por los abusos cometidos por el clero en contra de niños y jóvenes, en todo caso también **debería** haber exigido que la sociedad denunciara a estos nefandos criminales para purgarla, junto con la iglesia, de semejantes parásitos alevosos que, aprovechándose de su autoridad espiritual, engañan a los menores hasta acabar psicológicamente con ellos y, en consecuencia, con sus vidas, salvo que los menores encuentren todavía alguna posibilidad para reparar el daño sufrido, objetivo que jamás se alcanzará con dinero, el de las limosnas pagadas por los doloridos feligreses a título de indemnización.²⁷⁵

[O Papa Francisco não deveria apenas ter pedido perdão pelos abusos cometidos pelo clero contra crianças e jovens, em qualquer caso, ele também deveria ter exigido que a sociedade denunciasse

²⁷⁵ Devido à inexistência de ocorrências de modalidade deôntica operando na camada do Episódio nas homilias do Papa Francisco, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2018/01/19/america/1516320202_545081.html?id_externo_rsoc=TW_MX_C>. Acesso em: 16 set. 2020.

esses criminosos nefastos para expurgá-la, junto com a Igreja, de semelhantes parasitas traiçoeiros que, valendo-se de sua autoridade espiritual, enganam os menores até que terminem psicologicamente com eles e, conseqüentemente, com suas vidas, a menos que os menores ainda encontrem alguma possibilidade de reparar os danos sofridos, objetivo que nunca será alcançado com dinheiro, aquele das esmoladas pagas pelos paroquianos feridos, como compensação]

(177) ¿La realidad aún supera a la (ciencia) ficción? Mark Twain decía que la diferencia entre la realidad y la ficción es que la ficción tiene que ser coherente y la realidad no... Yo **querría** haber publicado mucha más ciencia ficción de la que he hecho, porque sólo tengo cuatro libros. En la ciencia ficción cada vez se ha vuelto muy difícil proyectar futuros distantes; el mundo cambia tanto que se vuelve imposible... Antes los *cyberpunks* decían que escribían 15 minutos en el futuro pero ya no podemos hacerlo. Gerardo Cifuentes dice que ahora escribimos 15 minutos en el pasado, ¡y eso lo decía hace muchos años! Cada vez se ha recortado más ese tiempo, y en la novela policíaca sucede lo mismo: se te ocurre una cosa como muy extrema, un crimen o lo que sea, y cuando abres la prensa, y ahora tristemente la nota roja se ha mudado a la primera plana y ahí queda rebasada tu novela.²⁷⁶

[A realidade ainda supera à (ciência) ficção? Mark Twain costumava dizer que a diferença entre realidade e ficção é que a ficção tem que ser coerente e a realidade não... Eu quisera ter publicado muito mais ficção científica do que já fiz, porque tenho apenas quatro livros. Na ficção científica, tornou-se muito difícil projetar futuros distantes; o mundo muda tanto que fica impossível ... Os *cyberpunks* costumavam dizer que escreveriam 15 minutos no futuro, mas não podemos mais fazer isso. Gerardo Cifuentes diz que agora escrevemos 15 minutos atrás, e isso ele disse há muitos anos! Esse tempo foi encurtado cada vez mais, e no romance policial acontece a mesma coisa: algo como muito extremo ocorre com você, um crime ou o que quer que seja, e quando você abre a impressora, e agora, infelizmente, a nota vermelha mudou para a primeira página e aí o seu romance é ultrapassado]

Em (176), a modalidade deôntica opera na camada do Episódio, em que o falante faz uma avaliação subjetiva sobre um evento localizado em um momento anterior ao evento de fala [+pretérito], especificamente em relação ao pronunciamento do Papa Francisco sobre os casos de pedofilia ocorridos na Igreja Católica, em que o Santo Padre pouco falou a respeito da condenação dos sacerdotes acusados de pedofilia. Assim, o falante avalia que o participante sobre quem recai a obrigação apreciada (*Papa Francisco*) deveria ter agido de outra maneira, exigindo que a sociedade denunciasse, com mais veemência, os abusos sofridos pelas crianças vítimas dos padres católicos. A leitura deôntica é favorecida pela possibilidade de reatualização do evento [+realizável] avaliado como obrigatório pelo falante, haja vista que o participante (*Papa Francisco*) poderia realizá-lo, fazendo um novo pronunciamento sobre os casos de pedofilia ocorridos na Igreja Católica.

Em (177), a modalidade volitiva opera na camada do Episódio, em que o falante faz uma avaliação subjetiva sobre um evento anterior ao momento de fala [+pretérito], no caso, a

²⁷⁶ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.elsoldemexico.com.mx/cultura/arte/mis-dibujos-no-son-guapos-pero-son-simpaticos-bef-cartoons-novela-grafica-caricaturistas-premio-nacional-periodismo-5683410.html>>. Acesso em: 16 set. 2020.

época em que escrevia e publicava livros de ficção. Desse modo, o falante faz uma avaliação subjetiva sobre um evento anterior ao momento da enunciação (momento da entrevista) e do qual ele não pode mais reatualizar [-realizável], haja vista que houve muitas mudanças no mercado editorial, em decorrência da velocidade com que as notícias são disseminadas na era da informação (era da Internet) e com que rapidez as pessoas têm acesso à tecnologia.

Na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva diz respeito a eventos que não apresentam localização no tempo e no espaço, haja vista que se trata de construtos mentais relativos a um mundo fictício/imaginário, do qual apenas o falante tem acesso. Dessa forma, o falante, com base em suas crenças e convicções pessoais, manifesta a possibilidade de realização de um evento que poderá apenas ocorrer nesse mundo imaginário/fictício. Em outras palavras, nesse mundo imaginário/fictício, é plenamente possível que os eventos desejados pelo falante venham a ocorrer em um momento posterior ao da enunciação (*futuridade*), ainda que, no mundo real, eles não possam ser localizados no tempo e no espaço. O exemplo (178), que foi retirado da Internet, ilustra isso:

(178) **Querría** que mi voz traspasara las fronteras de la Iglesia Católica, para que llegara a todos ustedes, hombres y mujeres de buena voluntad, dispuestos a escuchar a Dios. Si se sienten afligidos como nosotros, porque en el mundo se extiende la iniquidad, si les preocupa la frialdad que paraliza el corazón y las obras, si ven que se debilita el sentido de una misma humanidad, únense a nosotros para invocar juntos a Dios, para ayunar juntos y entregar juntos lo que podamos como ayuda para nuestros hermanos.²⁷⁷

[Queria que a minha voz ultrapassasse as fronteiras da Igreja Católica, chegasse a todos vós, homens e mulheres de boa vontade, dispostos a ouvir Deus. Se você se sente aflito como nós, porque a iniquidade está se espalhando no mundo, se você está preocupado com a frieza que paralisa o coração e as obras, se você vê que o sentido de uma humanidade está enfraquecido, junte-se a nós para invocarmos Deus juntos, jejuarmos juntos e darmos juntos o que pudermos para ajudar nossos irmãos]

Em (178), a modalidade volitiva opera na camada do Conteúdo Proposicional, em que o Falante expressa uma avaliação subjetiva sobre a possibilidade de ocorrência de um evento, contido na proposição, apreciado por ele como desejável, no caso, o desejo de que sua voz transpasse as fronteiras da Igreja Católica e chegue a todos aqueles, homens e mulheres de boa vontade, que estão dispostos a escutar a mensagem de Deus. Como se pode constatar, o evento contido na proposição e apreciado pelo Falante é de realização futura [+futuro], em um mundo do qual apenas ele tem acesso e com base em suas crenças e convicções pessoais, sendo

²⁷⁷ Devido aos poucos casos de modalidade volitiva operando na camada do Conteúdo Proposicional nas homilias do Papa Francisco, recorreu-se a esse exemplo da Internet. Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma de 2018. Disponível em: <<https://santamariadelbosque.es/tag/papa-francisco/>>. Acesso em: 16 set. 2020.

verdadeiro e possível nesse mundo fictício/imaginário em que todos os seus desejos são realizados.

Em resumo, verifica-se, no que tange à referência temporal sobre a qual incidem os valores modais deônticos e volitivos, que nas camadas inferiores do Nível Representacional, as modalidades deôntica e volitiva incidem sobre eventos localizados em um momento posterior ao da enunciação [+futuro]. Por sua vez, na camada do Episódio, as modalidades deôntica e volitiva referem-se a uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento localizado em um momento anterior ao momento da enunciação [+pretérito]. Na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva trata-se de uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento localizado em sua mente e de realização futura [+futuro], cuja concretização é apenas possível em um mundo do qual somente ele tem acesso (mundo fictício/imaginário).

Assim como a referência temporal do evento mostrou-se produtiva em revelar os aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na expressão da *Volitividade*, acredita-se que os traços semânticos do sujeito sintático do modal possam também fazê-lo. A Tabela 12 traz a inter-relação entre o domínio semântico e os traços semânticos do sujeito sintático do modal, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,00 ($p < 0,05$), revelando, assim, que a avaliação que se faz do enunciado modalizado condiciona as características semânticas, em termos de especificação/genericidade e animacidade/inanimacidade do sujeito sintático do modal:

Tabela 12: A inter-relação entre o domínio semântico e os traços semânticos do sujeito sintático do modal

Os traços semânticos do sujeito sintático do modal	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Genérico-animado	30 (19,1%)	43 (27,4%)	73 (46,5%)
Específico-animado	04 (2,5%)	49 (31,2%)	53 (33,8%)
Específico-inanimado	07 (4,5%)	00 (0,0%)	07 (4,5%)
Não especificado²⁷⁸	18 (11,5%)	06 (3,8%)	24 (15,3%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

²⁷⁸ Referem-se aos casos em que não há, na codificação morfossintática, a marcação de um sujeito sintático por meio do modal deôntico ou volitivo.

Com base na Tabela 12, é possível verificar que, na expressão da *Volitividade*, a modalidade deôntica pode estar relacionada a sujeitos semânticos especificados [+específicos] e genéricos [-específicos], bem como a seres animados [+humano] e inanimados [-humano]. Por sua vez, a modalidade volitiva pode estar relacionada a sujeitos semânticos especificados [+específicos] e genéricos [-específicos], mas apenas a seres animados [+humano].²⁷⁹ Assim, constata-se que as modalidades deôntica e volitiva podem estar relacionadas a sujeitos semânticos genéricos-animados (73 ocorrências, que totalizam 46,5%) e específicos-animados (53 ocorrências, que totalizam 33,8%), como se pode averiguar nas ocorrências de (179) a (182):

(179) Son tres actitudes que **tenemos que** plasmar en nuestra vida de discípulos. Lo primero, ir a lo esencial. No quiere decir «romper con todo», romper con aquello que no se acomoda a nosotros, porque tampoco Jesús vino «a abolir la ley, sino a llevarla a su plenitud» (Mt 5,17). Ir a lo esencial es más bien ir a lo profundo, a lo que cuenta y tiene valor para la vida. Jesús enseña que la relación con Dios no puede ser un apego frío a normas y leyes, ni tampoco un cumplimiento de ciertos actos externos que no llevan a un cambio real de vida (H23).

[Essas são três atitudes que temos que expressar em nossa vida como discípulos. Em primeiro lugar, vá ao essencial. Não significa "romper com tudo", romper com o que não nos convém, porque Jesus também não veio "para abolir a lei, mas para a cumprir em plenitude" (Mt 5,17). Ir ao essencial é antes ir ao fundo, ao que conta e tem valor para a vida. Jesus ensina que o relacionamento com Deus não pode ser um apego frio a normas e leis, nem pode ser o cumprimento de certos atos externos que não conduzem a uma mudança real na vida]

(180) No **puedo** dejar de evocar a ese gran pastor que tuvo Santiago cuando en un Te Deum decía: «“Si quieres la paz, trabaja por la justicia”» Y si alguien nos pregunta: “¿qué es la justicia?” o si acaso consiste solamente en “no robar”, le diremos que existe otra justicia: la que exige que cada hombre sea tratado como hombre» (H24).

[Não posso deixar de evocar aquele grande pastor que Santiago teve quando em um *Te Deum* dizia: «Se quieres a paz, trabalha pela justiça» E se alguém nos pergunta: «o que é a justiça?» ou se consiste apenas em “não roubar”, dir-lhe-emos que existe uma outra justiça: aquela que exige que cada homem seja tratado como homem]

(181) Venimos siempre con nuestra vida, porque acá se está en casa y lo mejor es saber que alguien nos espera. Como tantas otras veces, hemos venido porque **queremos** renovar nuestras ganas de vivir la alegría del Evangelio. Cómo no reconocer que este santuario es parte vital del pueblo paraguayo, de ustedes (H18).

[A gente vem sempre com a nossa vida, porque aqui estamos em casa e o melhor é saber que tem alguém nos esperando. Como tantas outras vezes, viemos porque queremos renovar o nosso desejo de viver a alegria do Evangelho. Como não reconhecer que este santuário é uma parte vital do povo paraguaio, de vocês]

²⁷⁹ Isso não descarta a possibilidade de encontrarmos casos em que um sujeito sintático inanimado [-humano] possa ser empregado para a instauração de modalidade volitiva, desde que se refira, por um processo de metonímia, às atividades que são produto de ações humanas.

(182) Dios vive en nuestras ciudades, la Iglesia vive en nuestras ciudades y Dios y la Iglesia que viven en nuestras ciudades **quieren** ser fermento en la masa, quiere mezclarse con todos, acompañando a todos, anunciando las maravillas de Aquel que es Consejero maravilloso, Dios fuerte, Padre para siempre, Príncipe de la paz. «El pueblo que caminaba en tinieblas ha visto una gran luz» y nosotros cristianos, somos testigos (H3).

[Deus mora em nossas cidades, a Igreja mora em nossas cidades e Deus e a Igreja que mora em nossas cidades querem ser fermento na massa, quer se misturar com todos, acompanhar a todos, anunciar as maravilhas daquele que é um maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai para sempre, Príncipe da paz. “As pessoas que andavam nas trevas viram uma grande luz” e nós, cristãos, somos testemunhas]

Em (179) e (180), a modalidade deôntica opera na camada da Propriedade Configuracional, em que recai, respectivamente, sobre o participante [+animado] designado pelo predicado a obrigação e a proibição de realizar o evento descrito no enunciado modalizado. No entanto, os traços semânticos do sujeito sintático descrito por meio do modal deôntico divergem, haja vista que, em (179), refere-se a um coletivo de pessoas [+genérico], expresso por meio da primeira pessoa do plural (*tenemos*), que estão obrigados a refletir, em suas vidas, as atitudes tomadas por Jesus Cristo. Por seu lado, em (180), trata-se de uma pessoa em particular [+específico], o próprio Falante (*Papa Francisco*), expresso por meio da primeira pessoa do singular (*puedo*), que outorga sobre si a proibição de deixar de falar acerca da vida de um Santo Católico (modelo de fé a ser seguido pelos cristãos católicos) e sobre os ensinamentos deles para que se obtenha a paz.

Em (181) e (182), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, em que o participante [+animado] expresso pelo predicado manifesta a intenção (volição) de se envolver no evento descrito no enunciado modalizado. Entretanto, os traços semânticos do sujeito sintático do modal volitivo divergem, já que, em (181), diz respeito a um coletivo de pessoas [+genérico], expresso por meio da primeira pessoa do plural (*queremos*), que volicionam poder renovar sua alegria de viver o Evangelho. Por seu turno, em (182), refere-se a uma entidade em particular (*Dios*) e a uma instituição específica (*La Iglesia Católica*) [+específico], expresso por meio da terceira pessoa do plural (*quieren*), em que o Falante reporta o desejo deles de se tornarem “fermento na massa”, ou seja, fazer com que a fé das pessoas aumente, estando ao lado das pessoas.

Por seu lado, a modalidade deôntica é a única (em relação à modalidade volitiva para esta pesquisa) em que a *Volitividad* pode ser manifestada por meio de sujeitos específico-inanimados na camada do Estado-de-Coisas (07 ocorrências, que totalizam 4,5%), como se pode averiguar na ocorrência (183):

(183) Esto no significa desconocer o disimular las diferencias y los conflictos. No es legítimar las injusticias personales o estructurales. El recurso a la reconciliación concreta no **puede** servir para acomodarse a situaciones de injusticia (H22).

[Isso não significa ignorar ou ocultar diferenças e conflitos. Não é legítimar injustiças pessoais ou estruturais. O recurso à reconciliação concreta não pode servir para acomodar situações de injustiça]

Em (183), a modalidade deôntica opera na camada do Estado-de-Coisas, designando que o evento descrito pelo predicado não pode ser realizado (polaridade negativa – negação de permissão), no caso, que o recurso a reconciliação sirva para se acomodar perante as situações de injustiça. Assim, o traço semântico do sujeito sintático do modal deôntico *poder*, flexionado na terceira pessoa do singular (*puede*), é específico (o recurso a reconciliação) [+específico] e não contém características humanas (inanimado) [-humano].

No tocante à modalidade volitiva, a animacidade [+humano] do sujeito sintático do modal pode se tratar da personificação de algum ser inanimado, atribuindo-lhe propriedades humanas, no caso, manifestar intenção (volição), em que a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, como na ocorrência (184):

(184) El Pueblo de Dios es invitado en cada época histórica a contemplar esta luz. Luz que **quiere** iluminar a las naciones. Así, lleno de júbilo, lo expresaba el anciano Simeón. Luz que quiere llegar a cada rincón de esta ciudad, a nuestros conciudadanos, a cada espacio de nuestra vida. «El pueblo que caminaba en tinieblas ha visto una gran luz». Una de las particularidades del pueblo creyente pasa por su capacidad de ver, de contemplar en medio de sus «oscuridades» la luz que Cristo viene a traer [...] Profeta Isaías nos hará de guía en este «aprender a mirar». Habló de la luz que es Jesús y ahora nos presenta a Jesús como «Consejero maravilloso, Dios fuerte, Padre para siempre, Príncipe de la paz» (9,5-6). De esta manera, nos introduce en la vida del Hijo para que también esa sea nuestra vida (H3).

[O Povo de Deus é convidado em todas as épocas históricas a contemplar esta luz. Luz que quer iluminar as nações. Assim, cheio de alegria, o velho Simeão o expressou. Luz que quer chegar a todos os cantos desta cidade, aos nossos concidadãos, a todos os espaços da nossa vida. "As pessoas que andavam nas trevas viram uma grande luz." Uma das peculiaridades do povo crente é sua capacidade de ver, de contemplar em meio às suas "trevas" a luz que Cristo vem trazer [...] O profeta Isaías nos guiará neste "aprender a olhar". Ele falou da luz que é Jesus e agora nos apresenta Jesus como "um conselheiro maravilhoso, um Deus forte, um Pai para sempre, um Príncipe da paz" (9,5-6). Desta forma, ele nos introduz na vida do Filho para que esta seja também a nossa vida]

Em (184), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, em que o participante [+animado] expresso pelo predicado manifesta a intenção de realizar o evento descrito no enunciado modalizado. Assim, o sujeito sintático expresso pelo modal volitivo *querer* trata-se da personificação de Jesus Cristo (*Luz*), como era anunciado pelos Profetas Simeão e Isaías, cuja intenção é a de iluminar todas as nações.

No que diz respeito aos casos não especificados, estes se referem à instauração das modalidades deontica e volitiva, ambas modalidades operando na camada do Estado-de-Coisas, sem a codificação morfossintática de um sujeito, como se pode comprovar nas ocorrências (185) e (186):

(185) De ahí, la necesidad de luchar por la inclusión a todos los niveles, luchar por la inclusión a todos los niveles evitando egoísmos, promoviendo la comunicación y el diálogo, incentivando la colaboración. **Hay que** confiar el corazón al compañero de camino sin recelos, sin desconfianzas. «Confiarse al otro es algo artesanal, porque la paz es algo artesanal» (Evangelii Gaudium 244), es impensable que brille la unidad si la mundanidad espiritual nos hace estar en guerra entre nosotros, en una búsqueda estéril de poder, prestigio, placer o seguridad económica (H16).

[Daí a necessidade de lutar pela inclusão em todos os níveis, lutar pela inclusão em todos os níveis evitando o egoísmo, promovendo a comunicação e o diálogo, incentivando a colaboração. É preciso confiar seu coração ao seu companheiro de viagem, sem receios, sem desconfiança. “Confiar no outro é algo feito à mão, porque a paz é algo feito à mão” (Evangelii Gaudium 244), é impensável que a unidade brilhe se o mundanismo espiritual nos faz guerrear uns com os outros, numa busca estéril de poder, prestígio, prazer ou segurança econômica]

(186) La unidad que nuestros pueblos necesitan reclama que nos escuchemos, pero principalmente que nos reconozcamos, que no significa tan solo «recibir información sobre los demás, sino de recoger lo que el Espíritu ha sembrado en ellos como un don también para nosotros». Esto nos introduce en el camino de la solidaridad como forma de tejer la unidad, como forma de construir la historia; esa solidaridad que nos lleva a decir: nos necesitamos desde nuestras diferencias para que esta tierra siga siendo bella [...] Si **quiere** construirse desde el reconocimiento y la solidaridad, no puede aceptar cualquier medio para lograr este fin. Existen dos formas de violencia que más que impulsar los procesos de unidad y reconciliación terminan amenazándolos (H25).

[A unidade, de que os nossos povos precisam, exige que nos escutemos, mas principalmente que nos reconheçamos, o que não significa apenas "receber informações sobre os outros, mas também recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós". Isso nos introduz no caminho da solidariedade como forma de tecer a unidade, como forma de construir a história; aquela solidariedade que nos leva a dizer: precisamos uns dos outros, das nossas diferenças para que esta terra continue linda [...] Quer construir-se a partir do reconhecimento e da solidariedade, não pode aceitar nenhum meio para chegar a este fim. Existem duas formas de violência que acabam por ameaçá-los em vez de promover processos de unidade e reconciliação]

Em (185), a modalidade deontica opera na camada do Estado-de-Coisas e se refere à obrigação de realização do evento designado pelo predicado, especificamente o dever de confiar o coração ao companheiro de caminhada, sem medo e sem desconfiança, no tocante a atitudes concretas que demonstrem confiança e zelo pastoral pela evangelização, no anúncio do Evangelho, na celebração da Santa Missa, no recebimento dos sacramentos, etc. Em (186), a modalidade volitiva também opera na camada do Estado-de-Coisas e se trata do desejo de concretização do evento descrito pelo predicado, designadamente a vontade de se construir

desde o reconhecimento e a solidariedade até a unidade desejada por Jesus Cristo. Em (185) e (186), os operadores modais deôntico e volitivo não expressam um sujeito sintático, no caso, um agente [+humano], recorrendo, para isso, ao emprego da terceira pessoa do singular (*hay* e *quiere*).

Na camada do Episódio, verifica-se que as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas por meio de operados modais que designem sujeitos sintáticos com traços semânticos de especificidade [+específico] e genericidade [+genérico], como se pode averiguar nas ocorrências de (187) a (190), que foram retiradas da Internet:²⁸⁰

(187) Los temas chinos siguen preocupando. Sigue provocando comentarios la supresión del texto incluido en el Ángelus del último domingo relacionado con la situación de Hong Kong. El Papa Francisco **debería** haber lanzado una invitación a los habitantes de la antigua colonia británica para enfrentar la nueva condición impuesta por Pekín con «coraje, humildad y no violencia», alegando haber seguido con especial atención, y no sin preocupación, el desarrollo de la compleja situación en Hong Kong.²⁸¹

[As questões chinesas continuam a ser uma preocupação. A supressão do texto incluído no Angelus do último domingo relacionado com a situação em Hong Kong continua a suscitar comentários. O Papa Francisco deveria ter feito um convite aos habitantes da ex-colônia britânica para enfrentar a nova condição imposta por Pequim com "coragem, humildade e não violência", alegando ter seguido com especial atenção, e não sem preocupação, o desenvolvimento da situação complexa em Hong Kong]

(188) Primero, porque en Argentina con el tema de las elecciones de medio término y la distancia de 4 años entre elección presidencial y elección presidencial, estamos en campaña la mitad del tiempo de cada período electoral. O sea, que si quisiéramos forzar esta interpretación, el Papa Francisco **debería** haber venido a su tierra de nacimiento durante el año 2016. Visitó Bolivia, Ecuador, Paraguay y Cuba entre julio y septiembre del 2015. Visitó Brasil en el 2013. Parece que tuviéramos Ébola. Segundo, porque no son pocos, más bien son muchos, los fieles cristianos que no comprenden su apoyo, más allá de cualquier posición ideológica.²⁸²

[Em primeiro lugar, porque na Argentina com a questão das eleições intermediárias e o hiato de 4 anos entre as eleições presidenciais e eleições presidenciais, estamos na campanha pela metade de cada período eleitoral. Em outras palavras, se quiséssemos forçar essa interpretação, o Papa Francisco deveria ter vindo à sua terra natal em 2016. Ele visitou a Bolívia, Equador, Paraguai e Cuba entre julho e setembro de 2015. Ele visitou o Brasil em 2013. Parece que tivemos Ebola. Em segundo lugar, porque não são poucos, antes são muitos, os fiéis cristãos que não entendem seu apoio, para além de qualquer posição ideológica]

²⁸⁰ Esses exemplos foram retirados da Internet, em razão da inexistência de casos de modalidade deôntica orientada para o Episódio nas homilias do Papa Francisco. No tocante à modalidade volitiva, deveu-se à inexistência do operador modal *deber* atuando na camada do Episódio.

²⁸¹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://infovaticana.com/blogs/specola/cuidar-el-cuerpo-y-cuidar-el-alma-conclave-a-la-vista-en-vaticano-las-cosas-chinas-del-papa-francisco-benedicto-y-su-hermano/>>. Acesso em: 17 set. 2020.

²⁸² Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://lostoldosesnoticia.com.ar/movil/nota.php?ID=14154>>. Acesso em: 17 set. 2020.

(189) Puedes intentar atacarme personalmente tanto como quieras. No está cambiando la situación actual. Los hechos son que el sector financiero, el sector hipotecario, el sector de alquiler y los mercados de valores deberían haberse congelado a partir de marzo. Y las personas **deberían** haber recibido GRATIS vivienda, servicios públicos, información, alimentos, transporte y otros elementos esenciales hasta que tengamos un tratamiento y una vacuna probados para COVID. Deja de intentar culpar a otros en esta situación. **TODOS ESTAMOS HERIDOS.**²⁸³

[Você pode tentar me atacar pessoalmente o quanto quiser. A situação atual não está mudando. O fato é que o setor financeiro, o setor de hipotecas, o setor de aluguel e o mercado de ações devem ter congelado a partir de março. E as pessoas deveriam ter recebido moradia, serviços públicos, informações, alimentação, transporte e outros itens essenciais GRATUITOS até que tenhamos um tratamento e vacina comprovados para COVID. Pare de tentar culpar os outros nesta situação. **TODOS ESTAMOS FERIDOS**]

(190) Pero ¿nunca has encontrado que alguna de las distopías feministas que escribes, por decir en El cuento de la criada, que se hace realidad? Ah sí. A las mujeres siempre se les ha dicho qué hacer –quedarse en casa durante la Depresión para que los hombres puedan obtener puestos de trabajo, trabajar durante la guerra, y de nuevo volver a casa una vez que termine la guerra. Ya había signos de una reacción (contra el feminismo) cuando el cuento de La criada fue publicado– el conjunto de la discusión de cómo-hacer-que-la-mujer-de-quede-en-casa fue en los años 80. Si partidos y grupos están hablando de un determinado programa, lo más probable es que lo lleven al final. Las personas **deberían** haber prestado atención cuando Mein Kampf fue publicado. Ahora estamos en la tercera ola del feminismo, donde la violencia, la violación y asesinato de mujeres es noticias diarias y los eventos en la India fueron un gran empujón en esta ola.²⁸⁴

[Mas você nunca descobriu que nenhuma das distopias feministas que você escreve, digamos em The Handmaid's Tale, se tornou realidade? Ah sim. Sempre foi dito às mulheres o que fazer - ficar em casa durante a Depressão para que os homens possam conseguir empregos, trabalhar durante a guerra e voltar para casa depois que a guerra terminar. Já havia sinais de um retrocesso (contra o feminismo) quando a história de The Maid foi publicada - toda a discussão sobre como-fazer-a-mulher-ficar-em-casa foi nos anos 1980. partidos e grupos estão falando sobre um determinado programa, provavelmente o levarão ao fim. As pessoas deveriam estar prestando atenção quando Mein Kampf foi publicado. Estamos agora na terceira onda do feminismo, onde a violência, o estupro e o assassinato de mulheres são notícias diárias e os eventos na Índia foram um grande impulso nessa onda]

Em (187) e (188), as modalidades deôntica e volitiva operam na camada do Episódio, em que o falante faz uma avaliação subjetiva sobre um evento anterior ao momento de fala [+pretérito], cujo sujeito sintático expresso pelo operador modal é especificado [+específico] (Papa Francisco). Em (187), o falante avalia a necessidade deôntica (obrigação) de o participante expresso pelo predicado (Papa Francisco) ter feito um convite aos habitantes da antiga colônia britânica (Hong Kong) para enfrentar a nova condição imposta por Pequim (China). A leitura deôntica é favorecida pela possibilidade de reatualização do evento

²⁸³ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: < <https://sanjosespotlight.com/es/san-jose-launches-rent-mediation-program-before-eviction-moratorium-expires/>>. Acesso em: 17 set. 2020.

²⁸⁴ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://adrianaraggi.com/soy-caricaturesita-feminista-distopica-arquera-muchas-cosas-margaret-atwood/>>. Acesso em: 17 set. 2020.

[+realizável], já que o participante designado pelo predicado poderia vir a lançar um convite ao povo de Hong Kong para enfrentar a situação imposta pela China. Por sua vez, em (188), o falante faz uma apreciação acerca da necessidade volitiva (desejo) de o participante descrito pelo predicado (Papa Francisco) ter feito uma visita pastoral ao seu país de nascimento (Argentina) no ano de 2016 (operador de tempo absoluto). A leitura volitiva é favorecida pela impossibilidade de reatualização do evento [-realizável], o que é imposto pelo próprio operador de tempo absoluto (*no ano de 2016*), haja vista que não há como o participante expresso pelo predicado (Papa Francisco) voltar ao ano de 2016 e realizar uma visita pastoral ao seu país de nascimento, como é volicionado pelo falante.

Em (189) e (190), as modalidades deôntica e volitiva também operam na camada do Episódio, pois o falante também faz uma avaliação subjetiva sobre um evento anterior ao momento de fala, entretanto, o sujeito sintático designado pelo operador modal é genérico (as pessoas) [+genérico]. Em (189), o falante avalia a necessidade deôntica (obrigação) de as pessoas (sujeito sintático) terem recebido, gratuitamente, moradia, serviços públicos, informação, alimentos, transporte e outros elementos essenciais enquanto não se tenha um tratamento para a covid-19, em que a leitura deôntica é favorecida pela possibilidade de reatualização do evento [+realizável], pois ainda se pode realizar a necessidade deôntica avaliada pelo falante, já que não há uma vacina para o coronavírus, sendo necessária a assistência às pessoas mais vulneráveis. Por seu lado, em (190), o falante faz uma apreciação sobre a necessidade volitiva (desejo) de as pessoas (sujeito sintático) terem prestado mais atenção quando o livro de Adolf Hitler, *Mein Kampf*, foi publicado. A leitura volitiva é favorecida pela impossibilidade de reatualização do evento [-realizável], o que é imposto pelo próprio operador de tempo absoluto (*quando o livro Mein Kampf foi publicado*), já que não há como o participante descrito pelo predicado (as pessoas) voltar no tempo e realizar o que é desejado pelo falante.

No entanto, na camada do Episódio, tanto a modalidade deôntica quanto a modalidade volitiva pode estar relacionada a sujeitos sintáticos expressos pelo modal com o traço semântico: (i) de animacidade [+humano], como se pode verificar nas ocorrências de (187) a (190), cujos sujeitos sintáticos expressos foram *Papa Francisco* e *las personas*; e (ii) de inanimacidade [-humano], como se pode constatar nos exemplos (191) e (192), que foram retirados da Internet:

(191) Muchas gracias a todos por los comentarios. La verdad es que el trato del taller no esta siendo malo, salvo que el coche **deberia** haber sido revisado mas a fondo.

En cuanto al trato de la gente del taller.... pues de aqui no digo lo mismo. Antes de pasar a lo del paralelo y de tomar la decision de devolverlo, me pase por recambios para ver la posibilidad de mejorar los altavoces, o la radio, y para comprar la barra que va sujeta en los amortiguadores de delante, que segun tengo entendido libera de ruido el coche y por 140 euros me merece la pena, y bueno, el trato de recambios fue de pasotismo total hacia mi y total desinteres. Segun ellos, la barra no existe y eso que el jefe de taller juraba que el mismo habia montado una y que si existia. Pero no, para los de recambios no existe si no aparece en su libro.²⁸⁵

[Muito obrigado a todos por seus comentários. A verdade é que o tratamento da oficina não está sendo ruim, exceto que o carro deveria ter sido verificado mais detalhadamente. Quanto ao tratamento das pessoas na oficina ... bem, aqui não estou dizendo o mesmo. Antes de passar para o paralelo e tomar a decisão de devolvê-lo, procurei peças de reposição para ver a possibilidade de melhorar os alto-falantes, ou o rádio, e comprar a barra que acompanha os amortecedores frontais, que eu entendo que liberta o carro do ruído e por 140 euros vale a pena, e bem, o tratamento das peças foi mal-feito e um total desinteresse para comigo. Segundo eles, o bar não existe e que o gerente da oficina jurou que ele próprio tinha montado um e que existia. Mas não, para peças de reposição não existe se não aparecer no seu livro]

- (192) Los taxis con licencia temporal tendrán su horario restringido a unas horas al día, entre once y trece en función de la fecha y el día de la semana que se trate. Además, estos vehículos solo podrán recoger pasajeros dentro del término municipal de Maó. En principio, los coches **deberían** haber estado en la calle el pasado viernes, pero los trámites burocráticos que conllevan los permisos lo ha demorado unos días.²⁸⁶

[Os táxis com licença temporária terão o seu horário restrito a algumas horas diárias, entre onze e treze horas dependendo da data e do dia da semana em questão. Além disso, esses veículos só poderão pegar passageiros dentro do município de Maó. Em princípio, os carros deveriam estar nas ruas na última sexta-feira, mas a papelada burocrática envolvida nas licenças demorou alguns dias]

Em (191), a modalidade deôntica diz respeito a uma avaliação subjetiva feita pelo falante em relação a um evento anterior ao momento de fala [+pretérito], no qual ele avalia como sendo necessária (obrigação) a sua concretização, no caso, que o carro (sujeito sintático expresso pelo modal deôntico) seja revisado de maneira mais cuidadosa. A leitura deôntica é favorecida pela possibilidade de reatualização do evento [+realizável], haja vista que o próprio falante, fonte da atitude modal deôntica (*fonte volicional*), relata acerca de alguns reparos que devem ser feitos no carro. Em (192), a modalidade volitiva também diz respeito a uma apreciação subjetiva do falante, fonte da atitude modal volitiva (*fonte volicional*) sobre um evento anterior ao momento da enunciação [+pretérito], em que avalia como sendo necessária (desejo) a sua concretização, em questão, que os carros (sujeito sintático expresso pelo modal volitivo) tivessem estado na rua na sexta-feira passada (operador de tempo absoluto). A leitura volitiva é favorecida pela impossibilidade de reatualização do evento [-realizável], o que é

²⁸⁵ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.volvo4life.es/threads/devolucion-coche-premium-muy-tocho.49256/>>. Acesso em: 17 set. 2020.

²⁸⁶ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.infotaxi.net/los-taxis-de-verano-de-mao-ya-estan-en-la-calle/>>. Acesso em: 17 set. 2020.

evidenciado pelo próprio operador de tempo absoluto (*el pasado viernes*) e pelo que é enunciado pelo falante em relação aos trâmites burocráticos que inviabilizaram a saída dos carros naquela sexta-feira.

Na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva só pode ser instaurada por meio de operadores modais que se refiram a sujeitos sintáticos cujo traço semântico é específico [+específico] ou genérico [+genérico], mas restritamente animado [+humano], como se pode examinar nas ocorrências (193) e (194):

(193) El Obispo Castrense y Director Ejecutivo de la Visita, Monseñor Fabio Suescún, añadió: "Ustedes van a ser los anfitriones de Jesús a través del Papa. Yo **quisiera** que nos emocionáramos, que no fuéramos tan fríos porque este es un gran acontecimiento. Y tranquilidad, porque el Papa está en las manos de ustedes. Dios va a estar muy bien en las manos de ustedes porque van a transportar al Papa con seguridad".²⁸⁷

[O Bispo Militar e Diretor Executivo da Visita, Dom Fábio Suescún, acrescentou: “Vocês vão ser os anfitriões de Jesus através do Papa. Quisera que nos emocionássemos, que não estejamos com tanto frio porque este é um grande acontecimento. E paz de espírito, porque o Papa está em suas mãos. Deus estará muito bem em suas mãos porque você vai transportar o Papa em segurança”]

(194) Hay algo dentro de nosotros que nos invita a la alegría y a no conformarnos con placebos que siempre quieren contentarnos. Pero a su vez, vivimos las tensiones de la vida cotidiana. Son muchas las situaciones que parecen poner en duda esta invitación. La propia dinámica a la que muchas veces nos vemos sometidos parece conducirnos a una resignación triste que poco a poco se va transformando en acostumbramiento, con una consecuencia letal: anestesiarnos el corazón. No queremos que la resignación sea el motor de nuestra vida, ¿o lo queremos?; no **queremos** que el acostumbramiento se apodere de nuestros días, ¿o sí? (H1).

[Há algo dentro de nós que nos convida a ser felizes e a não se contentar com placebos que sempre querem nos satisfazer. Mas, por sua vez, experimentamos o estresse da vida cotidiana. Muitas são as situações que parecem colocar em dúvida este convite. A própria dinâmica a que muitas vezes somos submetidos parece nos conduzir a uma triste resignação que aos poucos se transforma em costume, com uma consequência letal: anestesiarmos nossos corações. Não queremos que a resignação seja o motor de nossa vida, ou queremos? Não queremos que o hábito tome conta de nossos dias, queremos?]

Em (193) e (194), a modalidade volitiva opera na camada do Conteúdo Proposicional, em que a volição expressa incide sobre uma proposição avaliada como desejável por parte do falante, relativa a um evento localizado apenas em sua mente (campo mental) e realizável somente em um mundo do qual ele tem acesso. Em (193), o sujeito sintático expresso pelo modal *querer* é animado [+humano] e especificado [+específico], haja vista que se trata do *Monseñor Fabio Suescún* (sujeito sintático expresso pelo modal volitivo e flexionado na

²⁸⁷ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://zonacero.com/generales/avianca-presento-la-tripulacion-que-acompanara-al-papa-francisco-en-sus-vuelos-88719>>. Acesso em: 17 set. 2020.

primeira pessoa do singular, *quisiera*), em que ele avalia como sendo desejável que todos se emocionassem com a visita do Papa Francisco e que as pessoas não fossem tão “frias” perante este acontecimento (a visita do Santo Padre). Em (194), o sujeito sintático expresso pelo modal *querer* também é animado [+humano], no entanto, ele é genérico [+genérico], pois se refere a um coletivo de pessoas, dentre as quais está incluso o próprio Falante (o que justifica o emprego da primeira pessoa do plural, *queremos*), que avalia como desejável que a resignação não seja o motor da vida das pessoas.

Em resumo, verifica-se que as modalidades deôntica podem apresentar, como aspectos de convergência, a possibilidade de manifestarem a *Volitividade* por meio de sujeitos sintáticos expressos pelos modais deônticos e volitivos com traços semânticos de especificidade e animacidade na camada da Propriedade Configuracional. Por seu lado, na camada do Estado-de-Coisas, a modalidade deôntica é a única (em relação à modalidade volitiva para esta pesquisa) que pode ser instaurada por meio de sujeitos sintáticos inanimados (aspecto de divergência). Por seu turno, na camada do Episódio, tanto a modalidade deôntica quanto a modalidade volitiva pode ser instaurada por meio de sujeitos sintáticos expressos pelo modais deônticos e volitivos com traços semânticos de especificidade e genericidade, assim como animacidade e inanimacidade (aspecto de convergência). Por seu lado, na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva pode ser instaurada por meio de sujeitos sintáticos expressos por meio de modais volitivos com traços semânticos de especificidade e genericidade, mas apenas com animacidade (aspecto de divergência).

Assim como os traços semânticos do sujeito sintático do modal mostraram-se produtivos em revelar os aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na expressão da *Volitividade*, pondera-se que a polaridade do enunciado modalizado possa também fazê-lo. A Tabela 13 traz a inter-relação entre o domínio semântico e a polaridade do enunciado modalizado, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,00 ($p < 0,05$), revelando, assim, que a avaliação que se faz do enunciado modalizado condiciona o tipo de polaridade (positiva ou negativa):

Tabela 13: A inter-relação entre o domínio semântico e a polaridade do enunciado modalizado

A polaridade do enunciado modalizado	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Positiva	38 (24,2%)	90 (57,3%)	128 (81,5%)
Negativa	21 (13,4%)	08 (5,1%)	29 (18,5%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Com base nos dados da Tabela 13, verifica-se que a polaridade positiva (128 ocorrências, que totalizam 81,5%) foi a mais recorrente, seguida pela polaridade negativa (29 ocorrências, que totalizam 18,5%), em que o *elemento do desejo* marca mais a necessidade (deôntica e volitiva) de que o evento seja concretizado. Em Hengeveld e Mackenzie (2008), a polaridade se mostra como uma categoria relevante na camada do Estado-de-Coisas, concentrando-se, portanto, na positividade ou na negatividade da ocorrência de um evento. Assim sendo, no sistema de polaridade, o valor *positivo* seria *não marcado*, o que justificaria sua maior incidência nas homilias do Papa Francisco em virtude do uso recorrente nas línguas naturais, para esta pesquisa, na língua espanhola (128 ocorrências, que totalizam 81,5%). Por sua vez, o valor *negativo* seria *marcado*, o que justificaria sua menor incidência nas homilias do Santo Padre (29 ocorrências, que totalizam 18,5%). Com base nos autores, constata-se que, na perspectiva da GDF, a negação do enunciado, enquanto aspecto da operação de Formulação, corresponde a um operador que atua no Nível Representacional.

Dik (1997) propõe a existência de cinco níveis de análise nos quais a negação pode ser relevante, são eles: (i) *cláusula* (ato de fala) que, na GDF, opera na camada da Ilocução (Nível Interpessoal); (ii) *proposição* (fato possível) que, na GDF, opera na camada do Conteúdo Proposicional (Nível Representacional); (iii) *predicação* (evento) que, na GDF, opera na camada do Estado-de-Coisas (Nível Representacional); (iv) *predicado* (propriedade/relação) que, na GDF, opera na camada da Propriedade Configuracional (Nível Representacional); e (v) *termo* (entidades). Assim sendo, a atuação da polaridade negativa é abordada, segundo o autor, em dois aspectos que se complementam, são eles o nível funcional e o escopo. Conforme o autor, essa correlação visa auxiliar na configuração dos seguintes níveis de incidência da polaridade negativa: *ilocucionária*, *proposicional*, *predicacional*, *predicado* e *negação do termo* ou *quantificação zero*.

Para esta pesquisa, a associação das noções de possibilidade e necessidade (comumente empregadas para definir a categoria modalidade) à negação, por exemplo, permite que seja descrito e analisado o escopo de atuação da polaridade no Nível Representacional, auxiliando, portanto, na identificação em que nível está atuando a negação, se no predicado (nível interno à predicação – negação interna) ou no operador modal deôntico e volitivo (negação externa). Assim sendo, é possível verificar se há a negação da modalidade ou da proposição.

Com base em Lyons (1977), verifica-se que a polaridade pode condicionar as nuances dos valores modais deônticos (*obrigação*, *permissão* e *proibição*), em que a polaridade positiva

[+positivo] designa a obrigação ou a permissão de realização do evento, enquanto a polaridade negativa marca a proibição de realização do evento [-positivo]. Em relação à modalidade volitiva, acredita-se que haja certa neutralidade em relação aos valores modais volitivos instaurados (*desideração, opção, intenção e exortação*), já que a polaridade expressaria apenas a desejabilidade ou indesejabilidade de concretização do evento, atingindo, dessa forma, apenas o evento que está sob o escopo da qualificação modal volitiva. Assim sendo, a volição assinala a positividade [+positivo] do evento, ou seja, o evento apreciado é entendido como desejável. Por sua vez, a nolição²⁸⁸ marca a negatividade [-positivo] do evento, isto é, o evento apreciado é entendido como indesejável. Dessa forma, tanto a volição [+positivo] quanto a nolição [+negativo] podem conter os mesmos valores modais (*desideração, opção, intenção e exortação*), não há, portanto, uma mudança quanto ao valor modal instaurado como ocorre com a modalidade deôntica.

Nesse sentido, para esta pesquisa, defende-se que, na expressão da *Volitividade*, a polaridade do enunciado modalizado interfira na semântica do valor modal instaurado na medida em que a partícula de negação incide, diretamente, sobre o predicado principal ou sobre o modal deôntico. Por sua vez, para a modalidade volitiva, a polaridade revelaria apenas se o evento, sobre o qual recai o valor modal volitivo, é desejável (volição) ou indesejável (nolição), sem alterar, portanto, a semântica do valor modal instaurado. Acredita-se que isso se deva à *atitude volicional*, em que o *ato volicional* revela apenas a manifestação da ocorrência de um evento entendido como desejado ou indesejado (modalidade volitiva), em que a polaridade marcaria se o evento é necessário (polaridade positiva) ou não necessário (polaridade negativa) de se concretizar; enquanto a *imposição volicional* revela a determinação de ocorrência de um evento a partir do que é prescrito ou avaliado como necessário ou possível (modalidade deôntica), em que a polaridade marcaria a necessidade ou a possibilidade de realização (polaridade positiva) ou de não efetivação (polaridade negativa) de um evento.

Para a modalidade deôntica, em Lyons (1977), as sentenças modais deônticas são avaliadas em termos da noção de obrigação (necessidade deôntica), tentando estabelecer uma relação entre as noções de permissão (possibilidade deôntica) e de proibição (negação de necessidade ou possibilidade deôntica). Nesse sentido, a polaridade positiva favorece a instauração dos valores modais deônticos de *obrigação* (deve ser realizado o Estado-de-Coisas) e *permissão* (pode ser realizado o Estado-de-Coisas), enquanto a polaridade negativa favorece

²⁸⁸ Segundo Moreno da Silva (2009), o termo *nolição* (do latim *nolle*) significa a negação de volição, que se refere ao não querer, ao não aceitar, ao se opor ou se recusar a realizar um dado evento.

ao valor modal de *proibição* (não deve ser ou não pode ser realizado o Estado-de-Coisas). As ocorrências de (195) a (198) ilustram as questões de polaridade positiva e negativa em relação à modalidade deôntica:

(195) La riqueza de la escucha entre generaciones, la riqueza del intercambio y el valor de reconocer que nos necesitamos, que **tenemos que** esforzarnos en propiciar canales y espacios en los que involucrarse en soñar y trabajar el mañana ya desde hoy (H30).

[A riqueza da escuta entre gerações, a riqueza da troca e o valor de reconhecer que precisamos uns dos outros, que temos que nos esforçar para oferecer canais e espaços nos quais nos envolvamos no sonho e no trabalho de amanhã, a partir de hoje]

(196) Si partimos de la convicción de que el Espíritu sigue suscitando vocaciones al sacerdocio y a la vida religiosa, podemos “volver a echar las redes” en nombre del Señor, con toda confianza. **Podemos** atrevernos, y debemos hacerlo, a decirle a cada joven que se pregunte por la posibilidad de seguir este camino.²⁸⁹

[Se partimos da convicção de que o Espírito continua a suscitar vocações ao sacerdócio e à vida religiosa, podemos «voltar a lançar as redes» em nome do Senhor, com total confiança. Podemos ousar, e devemos contar a cada jovem que se pergunta a possibilidade de seguir este caminho]

(197) Es importante ser claros en el rechazo de toda forma de sometimiento sexual. Por ello conviene evitar toda interpretación inadecuada del texto de la carta a los Efesios donde se pide que «las mujeres estén sujetas a sus maridos» (Ef 5,22). San Pablo se expresa aquí en categorías culturales propias de aquella época, pero nosotros no **debemos** asumir ese ropaje cultural, sino el mensaje revelado que subyace en el conjunto de la perícopa.²⁹⁰

[É importante ser claro ao rejeitar todas as formas de submissão sexual. Por isso, convém evitar qualquer interpretação inadequada do texto da carta aos Efésios, onde se pede que "as mulheres se sujeitem aos maridos" (Ef 5,22). São Paulo se expressa aqui em categorias culturais típicas da época, mas não devemos assumir essa roupagem cultural, mas sim a mensagem revelada que subjaz a toda a perícopa]

(198) Hemos crecido pensando que éramos sus propietarios y dominadores, autorizados a expoliarla. La violencia que hay en el corazón humano, herido por el pecado, también se manifiesta en los síntomas de enfermedad que advertimos en el suelo, en el agua, en el aire y en los seres vivientes. Por eso, entre los pobres más abandonados y maltratados, está nuestra oprimida y devastada tierra, que “gime y sufre dolores de parto” (Rm 8,22)» (Laudato si’, 2). El desafío ambiental que vivimos, y sus raíces humanas, nos impactan a todos (cf. Laudato si’, 14) y nos interpelan. Ya no **podemos** hacernos los sordos frente a una de las mayores crisis ambientales de la historia (H12).

²⁸⁹ Devido à inexistência de casos de polaridade positiva incidindo sobre o modal deôntico *poder* nas homilias do Papa Francisco, recorreu-se a esse exemplo da Internet. Exortação Apostólica do Papa Francisco *Christus Vivit* em língua espanhola. Disponível em: <https://www.corazondepaul.org/wp-content/uploads/2019/04/Exhortacion_Christus_vivit.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

²⁹⁰ Devido à inexistência de casos de polaridade negativa incidindo sobre o modal deôntico *deber* nas homilias do Papa Francisco, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica do Papa Francisco *Amoris Laetitia* em língua espanhola. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia_sp.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

[Crescemos pensando que éramos seus donos e dominadores, autorizados a saqueá-lo. A violência que existe no coração do homem, ferido pelo pecado, também se manifesta nos sintomas de doenças que percebemos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, está a nossa terra oprimida e devastada, que ‘geme e sofre as dores do parto’ (Rm 8,22)” (Laudato si’, 2). O desafio ambiental que enfrentamos e suas raízes humanas afetam a todos nós (cf. Laudato si’, 14) e nos desafiam. Não podemos mais ficar surdos a uma das maiores crises ambientais da história]

Em (195) e (196), a modalidade deôntica é instaurada com polaridade é positiva e opera na camada da Propriedade Configuracional. Em (195), recai sobre o participante expresso pelo predicado (*nosotros*) a obrigação (necessidade deôntica) de realizar o evento contido no enunciado modalizado, no caso, o dever de se esforçar para propiciar canais e espaços em que as diferentes gerações possam sonhar e trabalhar o futuro a partir do presente. Por seu turno, em (196), recai sobre o participante designado pelo predicado (*nosotros*) a permissão (possibilidade deôntica) de realizar o evento descrito no enunciado modalizado, em questão, a permissão de se atrever a dizer a cada jovem que se pergunte pela possibilidade de seguir o caminho da vida religiosa.

Por sua vez, em (197) e (198), a modalidade deôntica é instaurada com polaridade negativa (com a anteposição de um advérbio de negação *no*) e, também, opera na camada da Propriedade Configuracional. Em (197), recai sobre o participante designado pelo predicado (*nosotros*) a proibição (negação de obrigação) de realizar o evento contido no enunciado modalizado, no caso, a proibição de assumir uma roupagem cultural em que as mulheres estejam em posição inferior aos homens. Em (198), recai sobre o participante descrito pelo predicado (*nosotros*) a proibição (negação de permissão) de realizar o evento designado no enunciado modalizado, em questão, a proibição de se “fazer de surdo” (de desentendido ou de despreocupado) em relação a uma das maiores crises ambientais da História da humanidade.

Em (197) e (198), constata-se que o advérbio de negação *no* se antepõe, diretamente, aos modais deônticos *deber* (*no debemos*) e *poder* (*no podemos*), cujo valor semântico deôntico instaurado é o de *proibição*. No entanto, pondera-se que a anteposição desse advérbio de negação diretamente sobre o predicado principal (*asumir* e *hacer*) pode alterar o valor semântico deôntico instaurado, fazendo com que sobre o participante descrito pelo predicado (*nosotros*) recaia, respectivamente, a *obrigação* e a *permissão* de não realizar o evento contido no enunciado modalizado. Para exemplificar isso, pode-se averiguar as ocorrências (199) e (200) que são, respectivamente, paráfrases das ocorrências (197) e (198):

(199) Es importante ser claros en el rechazo de toda forma de sometimiento sexual.
Por ello conviene evitar toda interpretación inadecuada del texto de la carta a los

Efesios donde se pide que «las mujeres estén sujetas a sus maridos» (Ef 5,22). San Pablo se expresa aquí en categorías culturales propias de aquella época, pero nosotros **debemos no** asumir ese ropaje cultural, sino el mensaje revelado que subyace en el conjunto de la perícopa.

[É importante ser claro ao rejeitar todas as formas de submissão sexual. Por isso, convém evitar qualquer interpretação inadequada do texto da carta aos Efésios, onde se pede que "as mulheres se sujeitem aos maridos" (Ef 5,22). São Paulo se expressa aqui em categorias culturais típicas da época, mas devemos não assumir aquela roupagem cultural, mas sim a mensagem revelada que está na base de toda a perícopa]

(200) Hemos crecido pensando que éramos sus propietarios y dominadores, autorizados a expoliarla. La violencia que hay en el corazón humano, herido por el pecado, también se manifiesta en los síntomas de enfermedad que advertimos en el suelo, en el agua, en el aire y en los seres vivientes. Por eso, entre los pobres más abandonados y maltratados, está nuestra oprimida y devastada tierra, que “gime y sufre dolores de parto” (Rm 8,22)» (Laudato si’, 2). El desafío ambiental que vivimos, y sus raíces humanas, nos impactan a todos (cf. Laudato si’, 14) y nos interpelan. Ya **podemos no** hacernos los sordos frente a una de las mayores crisis ambientales de la historia.

[Crescemos pensando que éramos seus donos e dominadores, autorizados a saqueá-lo. A violência que existe no coração do homem, ferido pelo pecado, também se manifesta nos sintomas de doenças que percebemos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, está a nossa terra oprimida e devastada, que ‘geme e sofre as dores do parto’ (Rm 8,22)” (Laudato si’, 2). O desafio ambiental que enfrentamos e suas raízes humanas afetam a todos nós (cf. Laudato si’, 14) e nos desafiam. Não podemos mais brincar de surdos para uma das maiores crises ambientais da história]

Em (199), a modalidade deôntica opera na camada da Propriedade Configuracional, haja vista que recai sobre o participante descrito pelo predicado (*nosotros*) a obrigação de não realizar o evento contido no enunciado modalizado, no caso, o dever de não assumir essa roupagem cultural que busca colocar a mulher em um patamar de inferioridade ao homem. Em (200), a modalidade deôntica também opera na camada da Propriedade Configuracional, pois recai sobre o participante designado pelo predicado (*nosotros*) a permissão de não realizar o evento descrito no enunciado modalizado, em questão, a permissão de não se “fazer de surdo” perante uma das maiores crises ambientais da História da humanidade.

Ainda em relação à polaridade negativa, Fernández Martín (2014) especifica que, para além da *negação de obrigação* e a *negação de permissão*, a modalidade deôntica pode ainda estar relacionada à *negação de necessidade (derrogação)*,²⁹¹ que, por sua vez, trata-se de uma negação de obrigação externa ou interna excessivamente fraca, haja vista que é solicitado que o sujeito não realize o ato deôntico, mas poderia fazê-lo, caso sentisse necessidade ou desejo de concretizar o evento, não estando obrigado a isso, como no exemplo: *No tienes que abrir la*

²⁹¹ O termo *derrogação*, já dicionarizado em língua portuguesa, remete ao termo usado em língua espanhola por Fernández Martín (2014), no caso, *exención (negación de necesidad)*.

puerta [Você não precisa abrir a porta] (FERNÁNDEZ MARTÍN, 2014, p. 81). Assim sendo, para a modalidade deôntica, a polaridade negativa pode ainda favorecer a instauração do valor modal de *derrogação* (não precisa ser realizado o Estado-de-Coisas, podendo sê-lo, caso seja desejável por parte do alvo da atitude modal deôntica).

Os exemplos (201) e (202), que foram retirados da Internet, exemplificam os casos de *derrogação* na instauração da modalidade deôntica:

(201) Por último, Francisco dio lo que para él sería el programa de acción de los católicos de hoy. «¿Qué tenemos que hacer padre?, Mira lee las bienaventuranzas que te van a venir bien y si querés saber qué cosa práctica tienes que hacer, lee Mateo 25 que es el protocolo con el cual nos van a juzgar. Con esas dos cosas tienen el programa de acción: las bienaventuranzas y Mateo 25 no **necesitan** leer otra cosa», concluyó.²⁹²

[Por fim, Francisco deu o que para ele seria o programa de ação para os católicos de hoje. «O que temos de fazer, pai? Olha, lê as bem-aventuranças que te vão ser boas e se queres saber o que tens de fazer de forma prática, lê Mateus 25, que é o protocolo com que nos julgarão. Com essas duas coisas eles têm o programa de ação: as bem-aventuranças e Mateus 25 não precisam ler mais nada», concluiu]

(202) Las parejas necesitan la fortaleza de reconocer cuando hayan hecho algo mal y pidan perdón. La reacción “instintiva” de echarle la culpa a otra persona “es la causa de muchos desastres”, empezando con Adán, que comió el fruto prohibido. Cuando Dios le preguntó si lo había hecho, dijo el papa, Adán se quitó la culpa inmediatamente, diciendo “¡Oh, no, ella, que está allí fue quien me la dio!” Y así, acusó a la otra persona para evitar decir ‘Lo siento mucho’, ‘Perdón’”. Obviamente, las parejas cometerán errores y discutirán, pero “nunca, nunca, nunca dejen que termine el día sin hacer las paces”, dijo el papa. “Y no se **necesita** decir un discurso elocuente”, dijo, “pero las cosas se tienen que aclarar, pues si no, los malos sentimientos de adentro se vuelven fríos y duros y es mucho más difícil hacer las paces” con el transcurso del tiempo.²⁹³

[Os casais precisam de força para reconhecer quando fizeram algo errado e pedir perdão. A reação "instintiva" de culpar outra pessoa "é a causa de muitos desastres", começando com Adão, que comeu o fruto proibido. Quando Deus perguntou se ele tinha feito isso, o papa disse, Adão imediatamente removeu a culpa, dizendo "Oh, não, ela, que está lá, foi quem me deu! diga 'Sinto muito', 'Desculpe'". Obviamente, os casais cometem erros e discutem, mas "nunca, nunca, nunca deixe o dia terminar sem fazer as pazes", disse o papa. "E não se precisa dizer um discurso eloquente", disse ele, "mas as coisas precisam ser esclarecidas, porque senão, os sentimentos ruins internos se tornam frios e duros e é muito mais difícil consertar" com o tempo]

Em (201), a modalidade deôntica opera na camada da Propriedade Configuracional, em que recai sobre o participante expresso pelo predicado (*ustedes – los católicos*) a não

²⁹² Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco proferido aos jovens católicos na Jornada Mundial da Juventude. Disponível em: <<https://cnnespanol.cnn.com/2013/07/26/papa-francisco-quiero-lio-quiero-que-la-iglesia-salga-a-la-calle/>>. Acesso em: 22 set. 2020.

²⁹³ Exemplo retirado da Internet. Mensagem do Papa Francisco a todos aqueles que desejam se casar e receber o sacramento do matrimônio. Disponível em: <<http://thericatholic.com/stories/el-papa-les-aconseja-a-parejas-comprometidas,6520?>>. Acesso em: 22 set. 2020.

necessidade (derrogação) de realizar o evento contido no enunciado modalizado, no caso, o de ler outras coisas além do evangelho acerca das bem-aventuranças e do capítulo 25 do Evangelho de São Matheus. Nesse sentido, o participante descrito pelo predicado (*ustedes – los católicos*) poderia, sim, ler outras fontes que pudessem alimentar e aumentar sua fé cristã em relação às bem-aventuranças, ainda que não fosse necessário. Por sua vez, em (202), a modalidade deôntica opera na camada do Estado-de-Coisas, em que o Falante reporta a não necessidade de realização do evento, em questão, que se faça um discurso eloquente quando se falar a respeito do sacramento do matrimônio, ainda que se possa fazê-lo, caso seja desejável para explicitar a importância desse sacramento para a Igreja Católica.

No tocante à polaridade positiva, o operador modal deôntico *necesitar* em construções perifrásticas com verbos no infinitivo instaura o valor modal deôntico de obrigação (*necessidade deôntica*), como se pode constatar nos exemplos (203) e (204), que também foram retiradas da Internet:

(203) El Papa Juan Pablo II pidió que se le ayudara a encontrar «una forma del ejercicio del primado que, sin renunciar de ningún modo a lo esencial de su misión, se abra a una situación nueva». Hemos avanzado poco en ese sentido. También el papado y las estructuras centrales de la Iglesia universal **necesitan** escuchar el llamado a una conversión pastoral. El Concilio Vaticano II expresó que, de modo análogo a las antiguas Iglesias patriarcales, las Conferencias episcopales pueden «desarrollar una obra múltiple y fecunda, a fin de que el afecto colegial tenga una aplicación concreta».²⁹⁴

[O Papa João Paulo II pediu ajuda para encontrar «uma forma de exercer o primado que, sem renunciar de modo algum ao essencial da sua missão, abra uma nova situação. Fizemos poucos progressos nesse sentido. O papado e as estruturas centrais da Igreja universal também precisam ouvir o apelo à conversão pastoral. O Concílio Vaticano II afirmou que, à semelhança das antigas Igrejas patriarcais, as Conferências Episcopais podem «desenvolver um trabalho múltiplo e fecundo, para que o afeto colegial tenha uma aplicação concreta»]

(204) La memoria es una dimensión de nuestra fe que podríamos llamar «deuteronomica», en analogía con la memoria de Israel. Jesús nos deja la Eucaristía como memoria cotidiana de la Iglesia, que nos introduce cada vez más en la Pascua (cf. Lc 22,19). La alegría evangelizadora siempre brilla sobre el trasfondo de la memoria agradecida: es una gracia que **necesitamos** pedir.²⁹⁵

[A memória é uma dimensão da nossa fé que poderíamos chamar de "deuteronomica", em analogia com a memória de Israel. Jesus deixa-nos a Eucaristia como memória cotidiana da Igreja, que nos

²⁹⁴ Exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica do Papa Francisco *Evangelii Gaudium* em língua espanhola. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_sp.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

²⁹⁵ Exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica do Papa Francisco *Evangelii Gaudium* em língua espanhola. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_sp.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

introduce cada vez mais na Páscoa (cf. Lc 22,19). Evangelizar a alegria brilha sempre no pano de fundo da memória agradecida: é uma graça que necessitamos pedir]

Em (203) e (204), a modalidade deôntica opera na camada da Propriedade Configuracional, em que recai sobre o participante designado pelo predicado a obrigação (necessidade deôntica) de realização do evento descrito no enunciado modalizado. Em (203), o participante (*el papado e la Iglesia Católica*) estão obrigados a escutar o chamado feito pelo Concílio Vaticano II a uma conversão pastoral, abrindo-se às novas exigências que a sociedade atual requer, sem que isso incorra no abandono da moral e fé católica. Em (204), o participante (*nosotros – todos aqueles que fazem parte da Igreja Católica*) tem o dever de pedir pelo dom de ter uma memória agradecida, cuja raiz é a missão evangelizadora.

Em relação à modalidade volitiva, constata-se que a polaridade do enunciado modalizado diz respeito apenas à desejabilidade (polaridade positiva – volição) ou à indesejabilidade (polaridade negativa – nolição) de concretização de um evento, não mudando, portanto, o valor modal volitivo instaurado, como se pode averiguar nas ocorrências (205) e (206):

(205) La Iglesia es madre, como María. En ella tenemos un modelo. Alojarse, como María, que no dominó ni se adueñó de la Palabra de Dios, sino que, por el contrario, la hospedó, la gestó, y la entregó. Alojarse como la tierra que no domina la semilla, sino que la recibe, la nutre y la germina. Así **queremos** ser los cristianos, así queremos vivir la fe en este suelo paraguayo, como María, alojando la vida de Dios en nuestros hermanos con la confianza, con la certeza que: «El Señor nos dará la lluvia y nuestra tierra dará su fruto». Que así sea (H20).

[A Igreja é mãe, como Maria. Nela, temos um modelo. Acolhendo, como Maria, que não dominou nem se apoderou da Palavra de Deus, mas, pelo contrário, acolheu-a, gestou-a e entregou-a. Habitação como a terra que não domina a semente, mas a recebe, nutre e germina. É assim que os cristãos querem ser, é assim que queremos viver a nossa fé neste solo paraguaio, como Maria, acomodando com confiança a vida de Deus nos nossos irmãos, com a certeza de que: “O Senhor nos dará chuva e a nossa terra dará os seus frutos”. Assim seja]

(206) Nuestra primera llamada es aprender a decir «Padre nuestro», como Pablo insiste, Abba. ¡Ay de mí sino evangelizara!, dice Pablo. ¡Ay de mí! porque evangelizar -prosigue- no es motivo de gloria sino de necesidad (cf. 1 Co 9,16). Nos ha invitado a participar de su vida, de la vida divina, ay de nosotros si no la compartimos, ay de nosotros consagrados, consagradas, seminaristas, obispos, ay de nosotros si no la compartimos, ay de nosotros si no somos testigos de lo que hemos visto y oído, ay de nosotros. **No queremos** ser funcionarios de lo divino, no somos ni queremos ser nunca empleados de la empresa de Dios, porque somos invitados a participar de su vida, somos invitados a introducirnos en su corazón, un corazón que reza y vive diciendo: «Padre nuestro» (H13).

[Nosso primeiro chamado é aprender a dizer "Pai Nosso", como Paulo insiste, Aba. Ai de mim se não evangelizei!, diz Pablo. Ai de mim! Porque evangelizar - continua - não é motivo de glória, mas de necessidade (cf. 1 Cor 9, 16). Ele nos convidou a participar de sua vida, da vida divina, ai

de nós se não a compartilharmos, ai de nós consagrados, mulheres consagradas, seminaristas, bispos, ai de nós se não a compartilharmos, ai de nós se não formos testemunhas do que que vimos e ouvimos, ai de nós. Não queremos ser funcionários do divino, não somos nem queremos ser empregados da companhia de Deus, porque somos convidados a participar da sua vida, somos convidados a entrar no seu coração, um coração que reza e vive dizendo: “Pai nosso”]

Em (205) e (206), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, em que o participante expresso pelo predicado (*nosotros*) expressa a intenção de (não) se envolver no evento contido no enunciado modalizado. Em (205), o participante manifesta a intenção de ser (polaridade positiva) como Maria Santíssima, que não se apoderou da Palavra de Deus (Jesus Cristo, o Verbo que se fez carne), mas o entregou à humanidade para que pudesse cumprir sua missão salvífica. Em (206), o participante expressa a intenção de não ser (polaridade negativa) funcionário do divino (tratar a evangelização como algo burocrático), tratando a Igreja Católica como uma “empresa” que oferece aos “seus clientes” o “produto Jesus Cristo”. Assim sendo, a polaridade do enunciado indica apenas se o Estado-de-Coisas é entendido como desejável (polaridade positiva) ou indesejável (polaridade negativa), não alterando, portanto, o valor semântico volitivo instaurado.

Em (206), constata-se que o advérbio de negação *no* se antepõe, diretamente, ao modal volitivo *querer* (*no queremos*), cujo valor semântico volitivo instaurado é o de *intenção*. Nesse sentido, pondera-se que a anteposição desse advérbio de negação diretamente sobre o predicado principal (*ser*) não altera o valor semântico volitivo instaurado, pois o Falante expressaria a intenção de não realizar o evento designado no enunciado modalizado, como se pode averiguar na ocorrência (207) que é uma paráfrase da ocorrência (206):

(207) Nuestra primera llamada es aprender a decir «Padre nuestro», como Pablo insiste, Abba. ¡Ay de mí sino evangelizara!, dice Pablo. ¡Ay de mí! porque evangelizar -prosigue- no es motivo de gloria sino de necesidad (cf. 1 Co 9,16). Nos ha invitado a participar de su vida, de la vida divina, ay de nosotros si no la compartimos, ay de nosotros consagrados, consagradas, seminaristas, obispos, ay de nosotros si no la compartimos, ay de nosotros si no somos testigos de lo que hemos visto y oído, ay de nosotros. **Queremos no** ser funcionarios de lo divino, no somos ni queremos ser nunca empleados de la empresa de Dios, porque somos invitados a participar de su vida, somos invitados a introducirnos en su corazón, un corazón que reza y vive diciendo: «Padre nuestro».

[O nosso primeiro apelo é aprender a dizer "Pai Nosso", como insiste Paulo, Abba. Ai de mim se não evangelizei!, diz Pablo. Ai de mim! Porque evangelizar - continua - não é motivo de glória, mas de necessidade (cf. 1 Cor 9, 16). Ele nos convidou a participar de sua vida, da vida divina, ai de nós se não a compartilharmos, ai de nós consagrados, mulheres consagradas, seminaristas, bispos, ai de nós se não a compartilharmos, ai de nós se não formos testemunhas do que vimos e ouvimos, ai de nós. Queremos não ser funcionários do divino, não somos e nunca queremos ser empregados da companhia de Deus, porque somos convidados a participar da sua vida, somos convidados a entrar no seu coração, um coração que reza e vive dizendo: “Pai nosso”]

Em resumo, a polaridade do enunciado modalizado muda a semântica do valor modal deôntico instaurado, em que a polaridade positiva [+positivo] diz respeito aos valores modais deônticos de obrigação e permissão, enquanto a polaridade negativa [-positivo] está relacionada aos valores modais de proibição e derrogação. Por sua vez, para a modalidade volitiva, a polaridade do enunciado modalizado não altera o valor modal volitivo instaurado, indicando apenas a desejabilidade (polaridade positiva – volição) ou a indesejabilidade (polaridade negativa – nolição) de concretização do evento volicionado.

Assim como a polaridade do enunciado modalizado pareceu produtiva em revelar os aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na manifestação da *Volitividade*, pondera-se que o tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado também possa sê-lo. De acordo com Dik (1997), o tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado pode ser de: (i) *Ação* [+dinamismo, +controle]; (ii) *Posição* [-dinamismo, +controle]; (iii) *Processo* [+dinamismo, -controle]; ou (iv) *Estado* [-dinamismo, -controle].

Segundo Dik (1997), um Estado-de-Coisas constitui uma concepção linguisticamente codificada pela predicação (predicado e seus argumentos), sendo uma estrutura básica e subjacente aos enunciados linguísticos, dizendo respeito, portanto, à realização de algo em algum mundo. Ainda segundo o autor, o Estado-de-Coisas não se confunde com a realidade extramental, mas, antes, constitui uma interpretação codificada que reflete as opções significativas dos falantes. Nesse sentido, conforme o autor, a predicação designa um Estado-de-Coisas como algo que pode acontecer em algum mundo (real ou mental), ser localizado no tempo e no espaço, ter certa duração e ser percebido em algum mundo. Assim sendo, a tipologia do Estado-de-Coisas é definida em termos da função das propriedades semânticas do predicado e dos argumentos.

Na Tabela 14, verifica-se a inter-relação entre o domínio semântico (modalidades deôntica e volitiva) e o tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,00 ($p < 0,05$). Desse modo, averigua-se que há um condicionamento de uma categoria de análise sobre outra, em que a avaliação que se faz do enunciado modalizado tem reflexo no tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado deôntica ou volitivamente.

Com base nos dados da Tabela 14 a seguir, constata-se que as modalidades deôntica e volitiva, na manifestação da *Volitividade*, optam por Estados-de-Coisas de Ação (124 ocorrências, que totalizam 79%) e Posição (07 ocorrências, que totalizam 4,5%), em

decorrência do traço controle [+controle], ainda que o evento possa ser de natureza dinâmica ou não dinâmica [±dinâmico]. Por sua vez, a modalidade volitiva é a única que, na expressão da *Volitividade*, opta por Estados-de-Coisas de Processo (20 ocorrências, que totalizam 12,7%) e Estado (06 ocorrências, que totalizam 3,8%), em decorrência da não controlabilidade do evento [-controle], ainda que esse evento possa ser de natureza dinâmica ou não dinâmica [±dinâmico], como se verifica na Tabela 14:

Tabela 14: A inter-relação entre o domínio semântico e o tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado

O tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Ação	54 (34,4%)	70 (44,6%)	124 (79%)
Processo	00 (0,0%)	20 (12,7%)	20 (12,7%)
Estado	00 (0,0%)	06 (3,8%)	06 (3,8%)
Posição	05 (3,2%)	02 (1,3%)	07 (4,5%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Na camada da Propriedade Configuracional, a modalidade deôntica diz respeito à obrigação, à permissão ou à proibição que recai sobre um dado participante em realizar o evento descrito no enunciado modalizado. Assim sendo, nessa camada, os Estados-de-Coisas sobre os quais incidem os valores modais deônticos são geralmente de *Ação* [+dinamismo, +controle] e *Posição* [-dinamismo, +controle], como se pode constatar nas ocorrências (208) e (209), que, por conveniência, remetem, respectivamente, às ocorrências (39) e (34):

(208) En este momento de oración, me uno, nos unimos en la plegaria a Dios nuestro Padre Todopoderoso y misericordioso. Escuchamos al apóstol: «Alégrese, aunque ahora sea preciso padecer un poco en pruebas diversas» (1P 1,6). Estas palabras nos recuerdan algo esencial: **tenemos que** vivir nuestra vocación con alegría (H2).

[Neste momento de oração, uno-me, unimo-nos em oração a Deus, nosso Pai Todo-Poderoso e misericordioso. Escutamos o apóstolo: «Alegrai-vos, ainda que agora seja necessário sofrer um pouco nas várias provações» (1P 1,6). Estas palavras nos remetem a algo essencial: temos que viver nossa vocação com alegria]

(209) La invitación al servicio posee una peculiaridad a la que **debemos** estar atentos (H6).

[O convite ao serviço tem uma peculiaridade a que devemos estar atentos]

Em (208), recai sobre o participante (*nosotros*) a obrigação de viver a sua vocação (episcopal, sacerdotal, religiosa e leiga) com alegria, em que o Estado-de-Coisas designado é controlado [+controle] e apresenta dinamismo [+dinâmico], sendo, portanto, um Estado-de-Coisas de Ação. Por sua vez, em (209), recai sobre o participante (*nosotros*) o dever de estar atento ao convite do serviço, em que o Estado-de-Coisas descrito é controlado [+controle] por parte do participante, mas não apresenta dinamismo [-dinâmico], sendo, assim, um Estado-de-Coisas de Posição.

Na camada do Estado-de-Coisas, a modalidade deôntica diz respeito à obrigação, à permissão ou à proibição de realização de um evento, especificamente em termos do estatuto objetivo de concretização desse evento. Dessa forma, nessa camada, os Estados-de-Coisas sobre os quais incidem os valores modais deônticos são geralmente de *Ação* [+dinamismo, +controle] e *Posição* [-dinamismo, +controle], como se pode constatar nas ocorrências (210) e (211):

(210) En segundo lugar, **es imprescindible** defender que una cultura del reconocimiento mutuo no puede construirse en base a la violencia y destrucción que termina cobrándose vidas humanas (H25).

[Em segundo lugar, é essencial defender que uma cultura de reconhecimento mútuo não pode ser construída com base na violência e na destruição que acaba ceifando vidas humanas]

(211) Así logra despertar algo que él no sabía expresar, una verdadera bandera de amor y de justicia: en la construcción de ese otro santuario, el de la vida, el de nuestras comunidades, sociedades y culturas, nadie **puede** quedar afuera (H10).

[Assim consegue despertar algo que não soube exprimir, uma verdadeira bandeira do amor e da justiça: na construção desse outro santuário, o da vida, o das nossas comunidades, sociedades e culturas, ninguém pode ficar de fora]

Em (210), o falante reporta a obrigatoriedade de realização do evento, que consiste em defender uma cultura de reconhecimento mútuo entre as pessoas, em que o Estado-de-Coisas se mostra como controlado [+controle] e dinâmico [+dinâmico], sendo, nesse caso, um Estado-de-Coisas de Ação. Por seu lado, em (211), o falante reporta a proibição de realização do evento, que diz respeito a não deixar ninguém de fora da sociedade e da comunidade religiosa, em que o Estado-de-Coisas se revela como controlado [+controle], mas não apresenta dinamismo [-dinâmico], sendo, portanto, um Estado-de-Coisas de Posição.

Na camada do Episódio, a modalidade deôntica diz respeito a uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento anterior ao momento de fala, apreciado por ele como sendo obrigatório e podendo ser reatualizado. Desse modo, nessa camada, os Estados-de-Coisas sobre os quais incidem os valores modais deônticos são geralmente de *Ação* [+dinamismo, +controle],

em que a combinação da controlabilidade e do dinamismo do Estado-de-Coisas poderia garantir a possibilidade de reatualização [+realizável] do evento que é avaliado pelo falante, o que pode ser constatado no exemplo (212), que foi retirado da Internet:

(212) El Papa Francisco **debería** haber aludido a que eso es lo “natural” cuando ofenden a un cristiano apelando a su fe. Y es que hay que discernir en este punto. Ser católico no es ser gilipollas, y cuando a uno le mentan a su madre, a sus hijos o le provocan reiteradamente, como cualquier otro ser humano lo más “normal” es que reaccione de forma violenta. Sería hipócrita decir que por ser católico, o profesar una religión, sus integrantes tienen que tener la paciencia del Santo Job y permitir todo tipo de provocaciones sin reaccionar. Somos católicos y eso no implica ser santos. Lo que sí somos es respetuosos y comprensivos con aquellos que no creen como nosotros y si bien nos duele que alguien se meta con nosotros por creer en Dios, o por hacer chistes sobre la religión que profesamos no conozco a nadie que reaccionara de la manera en que puede llegar a reaccionar un islamista radical.²⁹⁶

[O Papa Francisco deveria ter insinuado que isso é "natural" quando eles ofendem um cristão apelando para sua fé. E é necessário discernir neste ponto. Ser católico não é ser idiota, e quando você é enganado por sua mãe, seus filhos, ou repetidamente provocado, como qualquer outro ser humano, o mais “normal” é você reagir com violência. Seria hipócrita dizer que, por serem católicos, ou professarem uma religião, seus membros devem ter a paciência de São Jó e permitir todo tipo de provocações sem reagir. Somos católicos e isso não significa ser santos. O que somos é respeitoso e compreensivo com quem não acredita como nós e embora nos machuque que alguém nos bagunce por acreditar em Deus, ou por fazer piadas sobre a religião que professamos, não conheço ninguém que reagiria no caminho em que um islâmico radical pode reagir]

Em (212), o falante faz uma avaliação subjetiva sobre um evento anterior ao momento da enunciação, em que ele impõe ao participante descrito pelo predicado (*Papa Francisco*) a obrigação de ter insinuado que é “natural” quando os não cristãos ofendem a um cristão apelando para a sua fé. Nesse caso, o Estado-de-Coisas que integra o Episódio se mostra dinâmico [+dinâmico] e controlado [+controle] por parte do participante que, em um momento posterior ao da avaliação subjetiva do falante, poderia vir a reatualizar esse evento. Assim sendo, o Estado-de-Coisas que integra o Episódio é de Ação.

Em relação à modalidade volitiva, verifica-se que, na camada da Propriedade Configuracional, ela diz respeito à intenção do participante em realizar o evento descrito pelo predicado ou à exortação feita pelo participante a um dado sujeito para que este concretize o evento volicionado. Assim sendo, nessa camada, os Estados-de-Coisas sobre os quais incidem os valores modais volitivos são geralmente de *Ação* [+dinamismo, +controle] e *Processo* [+dinamismo, -controle], como se pode constatar nas ocorrências de (213) a (215):

²⁹⁶ Devido à inexistência de casos de modalidade deontica com orientação modal para o Episódio, recorreu-se a este exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://lordcirus.com/tag/catolico/>>. Acesso em: 23 set. 2020.

(213) Esta tragedia humana que representa la migración forzada hoy en día es un fenómeno global. Esta crisis, que se puede medir en cifras, nosotros **queremos** medirla por nombres (H14).

[Esta tragédia humana que a migração forçada representa hoje é um fenômeno global. Essa crise, que pode ser medida em números, queremos medi-la por nomes]

(214) A rezar se aprende, como aprendemos a caminar, a hablar, a escuchar. La escuela de la oración es la escuela de la vida y en la escuela de la vida es donde vamos haciendo la escuela de la oración. Y Pablo a su discípulo predilecto Timoteo, cuando le enseñaba o le exhortaba a vivir la fe, le decía acuérdate de tu madre y de tu abuela. Y a los seminaristas cuando entran al seminario muchas veces me preguntaban: “Padre, pero yo **quisiera** tener una oración más profunda, más mental” (H13).

[Aprendemos a orar, como aprendemos a andar, a falar, a ouvir. A escola de oração é a escola de vida e é na escola de vida que fazemos a escola de oração. E Paulo, ao seu discípulo favorito Timóteo, quando ele o ensinou ou o exortou a viver a fé, ele disse: lembre-se de sua mãe e de sua avó. E aos seminaristas, quando estes entram no seminário, muitas vezes, me perguntam: "Padre, mas eu queria ter uma oração mais profunda, mais mental"]

(215) **Quiero** exhortarlos a todos ustedes, sacerdotes, religiosos y religiosas, laicos y seminaristas a comprometerse en esta colaboración eclesial, especialmente en torno a los planes de pastoral de las diócesis y la misión continental, cooperando con toda su disponibilidad al bien común (H19).

[Quero exortar a todos vocês, sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos e seminaristas, a empenhar-vos nesta colaboração eclesial, especialmente em torno dos planos pastorais das dioceses e da missão continental, cooperando com toda a sua disponibilidade para o bem comum]

Em (213), a modalidade volitiva diz respeito à intenção do participante descrito pelo predicado (*nosotros*) em se envolver no enunciado contido no enunciado modalizado, no caso, a intenção de medir a crise humanitária não por números, mas por nomes (não reduzindo as pessoas a dados estatísticos, mas a vidas humanas). Nesse sentido, o Estado-de-Coisas apresenta dinamismo [+dinâmico] e é controlado por parte do participante [+controle], sendo, portanto, um Estado-de-Coisas de Ação.

Por seu turno, em (214), a modalidade volitiva se refere à opção do participante descrito pelo predicado (*yo*) em realizar o evento designado no enunciado modalizado, em questão, o desejo de ter uma oração mais profunda e mais mental. Como se pode averiguar, o Estado-de-Coisas apresenta dinamismo [+dinâmico], mas não é controlado pelo participante [-controle], sendo, deste modo, um Estado-de-Coisas de Processo.

Em (215), a modalidade volitiva se trata de uma exortação feita pelo participante designado pelo predicado (*yo – Papa Francisco*) ao seu Ouvinte (bispos, sacerdotes, religiosos e demais fiéis católicos), para que este realize o evento volicionado, no caso, que ele se comprometa com os serviços de sua comunidade de fé, especificamente no que tangem aos planos pastorais da diocese. Nesse caso, o Estado-de-Coisas se mostra dinâmico [+dinâmico],

mas sem que o Falante (Papa Francisco) tenha controle efetivo [-controle] sobre o evento volicionado, haja vista que a controlabilidade do evento recai sobre o Ouvinte (bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis católicos), configurando, assim, em um Estado-de-Coisas de Processo. Nesse sentido, o Papa Francisco expressa a volição de que a ação desejada (comprometer-se na formação eclesial e pastoral dos fiéis católicos) venha a ser concretizada sobre o alvo da atitude volicional (bispos, sacerdotes, religiosos e seminaristas).

Ainda em relação à camada da Propriedade Configuracional, a modalidade volitiva pode se referir à volição manifestada pelo participante designado pelo predicado no que diz respeito à concretização de um evento. Dessa forma, os Estados-de-Coisas sobre os quais incidem os valores modais volitivos são geralmente de *Posição* [-dinamismo, +controle], como se pode constatar na ocorrência (216):

(216) Hermanos, la Iglesia no es una aduana, **quiere** las puertas abiertas porque el corazón de su Dios está no sólo abierto, sino traspasado por el amor que se hizo dolor (H23).

[Irmãos, a Igreja não é uma alfândega, ela quer as portas abertas porque o coração do seu Deus não só está aberto, mas atravessado pelo amor que se fez dor]

Em (216), a modalidade volitiva diz respeito à intenção do participante designado pelo predicado (*La Iglesia*) de deixar as portas sempre abertas (acolher a todos aqueles que desejam se aproximar da fé cristã, sem restrições), assim como é o coração de Deus. Assim, verifica-se que o Estado-de-Coisas se revela como controlado por parte do participante [+controle], ainda que não se mostre dinâmico [-dinamismo], configurando, deste modo, em um Estado-de-Coisas de Posição.

Na camada do Estado-de-Coisas, a modalidade volitiva diz respeito à opção de realização de um evento, especificamente em termos do estatuto objetivo de concretização desse evento. Dessa forma, nessa camada, os Estados-de-Coisas sobre os quais incidem os valores modais volitivos são geralmente de *Proceso* [+dinamismo, -controle], como se pode constatar na ocorrência (217), que, por conveniência, remete à ocorrência (28):

(217) En Él vemos cómo esa ley perfecta toma carne, toma rostro, toma la historia para acompañar y sostener a su Pueblo; se hace Camino, se hace Verdad, se hace Vida, para que las tinieblas no tengan la última palabra y el alba no deje de venir sobre la vida de sus hijos. De muchas maneras y de muchas formas **se ha querido** silenciar y callar este anhelo (H12).

[Nele vemos como aquela lei perfeita se faz carne, faz cara, faz história para acompanhar e sustentar o seu povo; Torna-se Caminho, torna-se Verdade, torna-se Vida, para que as trevas não tenham a

última palavra e o amanhecer não pare de vir sobre a vida dos seus filhos. De muitas maneiras e de muitas maneiras tem-se querido silenciar e calar esse desejo]

Em (217), o falante reporta a desejabilidade de concretização de um evento, no caso, a volição de silenciar e calar a vontade de que Jesus se faça a Verdade, a Vida e o Caminho na vida de todas as pessoas. Assim sendo, o Estado-de-Coisas se revela como não controlado [-controle], ainda que apresente certo dinamismo [+dinâmico], configurando, dessa forma, em um Estado-de-Coisas de Processo.

Na camada do Episódio, a modalidade volitiva diz respeito a uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento anterior ao momento de fala, apreciado por ele como desejável e não podendo ser reatualizado. Desse modo, nessa camada, os Estados-de-Coisas (que formam o Episódio) sobre os quais incidem os valores modais volitivos são geralmente de *Processo* [+dinamismo, -controle], o que pode ser constatado no exemplo (218), que foi retirado da Internet:

(218) «**Quería** haber pensado qué decirle, pero llegado el momento no era capaz de decirle nada», ha confesado Forlani después a varios medios. Según ha relatado, el Papa le preguntó cómo se llamaba y a qué se dedicaba. Después, el periodista italiano le pidió una «bendición especial» para su hija y su mujer. «El Papa pensó en mi perro y dijo: "y una también para el perro", se inclinó y lo acarició», ha asegurado.²⁹⁷

["Eu queria ter pensado sobre o que dizer a ele, mas quando chegou o momento, não pude dizer nada a ele", Forlani confessou posteriormente a vários meios de comunicação. Conforme relatou, o Papa perguntou-lhe qual era seu nome e o que fazia. Mais tarde, o jornalista italiano pediu a ele uma "bênção especial" para sua filha e sua esposa. «O Papa pensou no meu cão e disse: e um também para o cão, inclinou-se e afagou-o», assegurou]

Em (218), o falante expressa uma avaliação subjetiva sobre um evento anterior ao momento da enunciação, sendo apreciado por ele como desejável, mas sem possibilidade de reatualização, cujo desejo remete a uma avaliação subjetiva sobre a necessidade volitiva de haver pensado no que ele poderia ter tido ao Papa Francisco quando se encontrou com ele pela primeira vez, o que de fato não aconteceu. Nesse caso, o Estado-de-Coisas que integra o Episódio, que está sob o escopo da avaliação subjetiva do falante, mostra-se dinâmico [+dinâmico], mas não sendo controlado [-controle], já que este não poderia reatualizá-lo no momento da avaliação subjetiva. Assim sendo, o Estado-de-Coisas é de Processo.

²⁹⁷ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.abc.es/sociedad/20130316/abci-papa-francisco-periodista-ciego-201303161850.html>>. Acesso em: 23 set. 2020.

Ainda em relação à camada do Episódio, é possível que o falante faça uma apreciação subjetiva sobre um evento volicionado por ele em um momento anterior ao da enunciação e do qual ele tenha controle para concretizar. Desse modo, nessa camada, os Estados-de-Coisas (que formam o Episódio) sobre os quais incidem os valores modais volitivos são geralmente de *Ação* [+dinamismo, +controle], o que pode ser averiguado na ocorrência (219), que, por conveniência, remete à ocorrência (46):

(219) Así como ellos enfrentaron la tempestad sobre el mar, a ustedes les tocó enfrentar el duro golpe del «Niño costero», cuyas consecuencias dolorosas todavía están presentes en tantas familias, especialmente aquellas que todavía no pudieron reconstruir sus hogares. También por esto **quise** estar y rezar aquí con ustedes (H27).

[Assim como enfrentaram a tempestade sobre o mar, vocês tiveram que enfrentar o duro golpe do «Menino do Litoral», cujas dolorosas consequências ainda estão presentes em tantas famílias, especialmente aquelas que ainda não conseguiram reconstruir as suas casas. É também por isso que eu quis estar e rezar aqui com vocês]

Em (219), o Falante faz uma avaliação subjetiva sobre um evento volicionado por ele em um momento anterior ao da enunciação, revelando a intenção (necessidade volitiva) de se fazer presente e rezar aquela missa em oração por todos aqueles que tinham sofrido a tragédia (a passagem do furacão). Deste modo, o Estado-de-Coisas que integra o Episódio se mostra dinâmico [+dinâmico] e controlado [+controle] por parte do Falante, sendo, portanto, um Estado-de-Coisas de *Ação*.

Na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva diz respeito a uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento que pode ser apenas localizado em sua mente [+mental], cuja realização é possível somente em um mundo do qual ele tem acesso (mundo imaginário/fictício) e sendo interpretado por ele como verdadeiro (comprometimento volitivo) a partir de suas crenças e convicções pessoais. Dessa forma, nessa camada, os Estados-de-Coisas (que formam o Episódio que, por sua vez, está contido no Conteúdo Proposicional) sobre os quais incidem os valores modais volitivos são de *Estado* [-dinamismo, -controle], como se pode averiguar na ocorrência (220), que, por conveniência, remete à ocorrência (53):

(220) Hay algo dentro de nosotros que nos invita a la alegría y a no conformarnos con placebos que siempre quieren contentarnos. Pero a su vez, vivimos las tensiones de la vida cotidiana. Son muchas las situaciones que parecen poner en duda esta invitación. La propia dinámica a la que muchas veces nos vemos sometidos parece conducirnos a una resignación triste que poco a poco se va transformando en acostumbramiento, con una consecuencia letal: anestesiarnos el corazón. No **queremos** que la resignación sea el motor de nuestra vida (H1).

[Há algo dentro de nós que nos convida a ser felizes e a não se contentar com placebos que sempre querem nos satisfazer. Mas, por sua vez, experimentamos o estresse da vida cotidiana. Muitas são as situações que parecem colocar em dúvida este convite. A própria dinâmica a que, muitas vezes, somos submetidos parece nos conduzir a uma triste resignação que, aos poucos, se transforma em costume, com uma consequência letal: anestesiar nossos corações. Não queremos que a resignação seja o motor da nossa vida]

Em (220), a modalidade volitiva instaurada diz respeito a uma avaliação subjetiva do Falante que incide sobre uma proposição, em que ele manifesta o desejo de que a resignação não seja o motor da vida dele e dos demais católicos (bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis católicos). Nesse caso, o Estado-de-Coisas que integra o Episódio, que, por sua vez, está contido no Conteúdo Proposicional não se mostra controlado [-controle] por parte do Falante e tampouco apresenta dinamismo [-dinâmico], sendo, deste modo, um Estado-de-Coisas de Estado.

Em resumo, o Quadro 17 traz os principais aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na manifestação da *Volitividade*, especificamente no que diz respeito ao tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado:

Quadro 17: Os principais aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito ao tipo de Estado-de-Coisas

Camada do Nível Representacional	Volitividade: a manifestação do elemento do desejo no enunciado modalizado
Propriedade Configuracional (f)	Divergência: a modalidade volitiva incide preferencialmente sobre Estados-de-Coisas de Processo [+dinamismo, - controle].
	Convergência: as modalidades deôntica e volitiva incidem preferencialmente sobre Estados-de-Coisas de Ação [+dinamismo, +controle] e Posição [-dinamismo, +controle].
Estado-de-Coisas (e)	Divergência: a modalidade deôntica incide preferencialmente sobre Estados-de-Coisas de Ação [+dinamismo, +controle] e Posição [-dinamismo, +controle], enquanto a modalidade volitiva incide preferencialmente sobre Estados-de-Coisas de Processo [+dinamismo, -controle].

Episódio (ep)	Divergência: a modalidade volitiva incide preferencialmente sobre Estados-de-Coisas de Processo [+dinamismo, - controle].
	Convergência: as modalidades deôntica e volitiva incidem preferencialmente sobre Estados-de-Coisas de Ação [+dinamismo, +controle].
Conteúdo Proposicional (p)	Divergência: a modalidade deôntica não opera nesta camada. A modalidade volitiva incide preferencialmente sobre Estados-de-Coisas de Estado [-dinamismo, - controle].

Fonte: Elaborado pelo autor

Na seção seguinte, passar-se-á para a manifestação da *Volitividade* dentro do Nível Morfossintático, em que se fará a inter-relação entre o domínio semântico (modalidades deôntica e volitiva) e as categorias de análise relativas a esse nível, buscando, assim, verificar os elementos de convergência e divergência entre ambas as modalidades no que diz respeito aos aspectos morfossintáticos relativos à expressão do *elemento do desejo*.

5.4 A Volitividade e a inter-relação com as categorias de análise referentes ao Nível Morfossintático

Nesta seção, será abordada a inter-relação entre o domínio semântico (modalidades deôntica e volitiva) com as categorias de análise relativas ao Nível Morfossintático, a saber: (i) o tipo de Expressão Linguística do modal; (ii) a pessoa gramatical do sujeito do modal; (iii) a marcação morfossintática de tempo verbal do modal; (iv) a marcação morfossintática de modo verbal do modal; e (v) as formas como os modais se combinam no enunciado modalizado; no intuito de verificar como a *Volitividade* se manifesta por meio das modalidades deôntica e volitiva, no que diz respeito, especificamente, à operação de Codificação, buscando, assim, averiguar quais os elementos de convergência e divergência entre ambos os conteúdos modais.

Em relação aos diferentes *tipos de Expressões Linguísticas* que podem ser empregadas na expressão da *Volitividade*, constata-se que as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas por meio de diferentes unidades linguísticas, a depender do tipo de camada em que ambas as modalidades operam no Nível Representacional. Assim sendo, para esta pesquisa,

hipotetizou-se que, ao atuar na camada da Propriedade Configuracional, as modalidades deôntica e volitiva são instauradas, majoritariamente, por meio de auxiliares modais, verbos plenos e construções modalizadoras. Por seu turno, na camada do Estado-de-Coisas, há uma preferência pelo uso de adjetivos em função predicativa, de verbos plenos e de auxiliares modais (acompanhados de partículas de impessoalização). Por sua vez, na camada do Episódio, as modalidades deôntica e volitiva são instauradas por meio de auxiliares modais e verbos plenos. Por seu lado, na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva é instaurada por meio de verbos plenos e construções modalizadoras.

No que diz respeito à inter-relação entre o domínio semântico (modalidades deôntica e volitiva) e o tipo de Expressão Linguística, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,00 ($p < 0,05$), comprovando, assim, que há um condicionamento entre o tipo de avaliação que se faz do enunciado modalizado e o tipo de Expressão Linguística empregada para expressar o *elemento do desejo*; verifica-se, por meio da Tabela 15, que a *Volitividade* é manifestada, majoritariamente, por meio de auxiliares modais (126 ocorrências, que totalizam 80,2%), seguida de verbos plenos (19 ocorrências, que totalizam 12,1%), adjetivos em posição predicativa (10 ocorrências, que totalizam 6,4%) e construções modalizadoras (2 ocorrências, que totalizam 1,3%):²⁹⁸

Tabela 15: A inter-relação entre o domínio semântico e o tipo de Expressão Linguística do modal

O tipo de Expressão Linguística do modal	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Auxiliar modal	48 (30,5%)	78 (49,7%)	126 (80,2%)
Verbo pleno	00 (0,0%)	19 (12,1%)	19 (12,1%)
Adjetivo em função predicativa	10 (6,4%)	00 (0,0%)	10 (6,4%)
Construção modalizadora	01 (0,6%)	01 (0,6%)	02 (1,3%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

²⁹⁸ Para esta pesquisa, as construções modalizadoras, na GDF, referem-se aos Sintagmas Verbais e aos Sintagmas Nominais que funcionam como modalizadores deônticos e volitivos. Geralmente, as construções modalizadoras se formam a partir de um verbo ou de um substantivo suporte, como *tengo ganas de*, *tengo la obligación de*, *mi deseo*, *mi deber*, etc.; em que essas construções modalizadoras têm um escopo de atuação sobre predicados/predicações que indicam, geralmente, algum tipo de ação (*tengo ganas de estudiar*, *tengo la obligación de trabajar*, *mi deseo es estudiar*, *mi deber es trabajar*, etc.).

De acordo com Rigat (2004), os verbos em língua espanhola podem ser classificados em *principais* ou *auxiliares*. Nesse sentido, os verbos, na língua espanhola, tendem a aparecer referidos a ações, isto é, no uso como auxiliar e nunca como verbos principais (*soler, haber, etc.*); enquanto outros podem sempre ser utilizados em sua função de principais e nunca como auxiliares (*soñar, comer, etc.*); e outros aparecem arbitrariamente empregados como verbos autônomos e plenos semanticamente, ou seja, principais, mas em outras ocasiões seu uso reflete uma falta de autonomia e a conseguinte dependência de outra forma verbal não pessoal (*empezar, acabar, ir, venir, echar, etc.*), o qual indica seu uso como auxiliares nesses casos.

Dessa forma, a autora caracteriza os elementos do universo verbal diferenciando aqueles verbos que possuem traços [+autônomo, -modificador], que são os verbos em seu uso pleno ou principal; daqueles que se definem pelos traços inversos [-autônomo, +modificador], que são os verbos auxiliares. No entanto, ainda se pode encontrar verbos “fronteiriços”, ou seja, aqueles que contêm concomitantemente ambos os traços [±autônomo, ±modificador]. Assim, esse espaço “fronteiriço” abriga a aqueles verbos estabelecem um *continuum* desde uma condição de verbo principal até uma condição de verbo auxiliar, bem como uma condição de verbo auxiliar até uma condição de verbo principal. Em outras palavras, trata-se de verbos que contêm elementos próprios dos verbos auxiliares e dos verbos principais.

A partir de uma classificação perceptiva do paradigma funcional dos verbos em língua espanhola, Rigat (2004) divide os verbos em quatro tipos: (i) *verbos auxiliares puros* [-autônomo, +modificador], como os verbos *haber, soler, etc.*; (ii) *verbos principais puros* [+autônomo, -modificador], como os verbos *beber, volar, soñar, saltar, etc.*; (iii) *verbos fronteiriços* [±autônomo, ±modificador], como os verbos *empezar, acabar, comenzar, terminar, poder, etc.*, que aparecem em situações intermediárias e que não podem ser limitados de maneira unívoca; e (iv) *verbos aderentes* [±autônomo, ±modificador], como os *ser, estar, querer, deber, necesitar, continuar, ir, venir, dar, volver, echar, ponerse, romper, etc.*, que contêm traços que os caracterizam ora como auxiliares ora como principais.

Com base em Rigat (2004), verifica-se que os verbos modais deôntico (*deber*) e volitivos (*querer*) apresentam um comportamento de verbos aderentes, ou seja, podem se comportar como verbos principais ou de significação plena (*querer*)²⁹⁹ ou como verbos auxiliares (*deber* e *querer*), como podemos averiguar nos exemplos seguintes: *Quiero tarta de postre* [Quero uma torta de sobremesa] / *Quería llamar a Toni* [Queria chamar ao Toni] / *Debía*

²⁹⁹ O verbo *deber* em sua forma plena não instaura modalidade deôntica, haja vista que, conforme Rigat (2004), não remete ao conceito de obrigação, mas dívida, como no exemplo: *Te debo cien euros* [Devo-te cem euros] (RIGAT, 2004, p. 625).

valer algo menos [Devia valer bem menos] (RIGAT, 2004, p. 625). Assim sendo, averigua-se que os verbos modais deônticos tendem a ter um comportamento de verbos auxiliares, enquanto os verbos volitivos podem comportar-se de maneira plena (principal) ou auxiliar.

Na camada da Propriedade Configuracional, a modalidade deôntica se refere à obrigação, à permissão ou à proibição de realização do evento por parte do participante que é designado pelo predicado; enquanto a modalidade volitiva diz respeito à intenção de realização do evento por parte do participante descrito pelo predicado. Nesse sentido, a *Volitividade* é geralmente marcada por meio de auxiliares modais, verbos plenos e construções modalizadoras, como nas ocorrências de (221) a (225):

(221) Profeta Isaías nos hará de guía en este «aprender a mirar». Habló de la luz que es Jesús y ahora nos presenta a Jesús como «Consejero maravilloso, Dios fuerte, Padre para siempre, Príncipe de la paz» (9,5-6). De esta manera, nos introduce en la vida del Hijo para que también esa sea nuestra vida. «Consejero maravilloso». Los Evangelios nos narran cómo muchos van a preguntarle: «Maestro, ¿qué **debemos** hacer?». El primer movimiento que Jesús genera con su respuesta es proponer, incitar, motivar (H3).

[O profeta Isaías nos guiará neste "aprender a olhar". Ele falou da luz que é Jesus e agora nos apresenta Jesus como "um conselheiro maravilhoso, um Deus forte, um Pai para sempre, um Príncipe da paz" (9,5-6). Desta forma, ele nos introduz na vida do Filho para que esta seja também a nossa vida. Conselheiro maravilhoso. Os Evangelhos dizem-nos quantos lhe vão perguntar: «Mestre, o que devemos fazer?». O primeiro movimento que Jesus gera com sua resposta é propor, incitar, motivar]

(222) La Iglesia es madre, como María. En ella tenemos un modelo. Alojjar, como María, que no dominó ni se adueñó de la Palabra de Dios, sino que, por el contrario, la hospedó, la gestó, y la entregó. Alojjar como la tierra que no domina la semilla, sino que la recibe, la nutre y la germina. Así queremos ser los cristianos, así **queremos** vivir la fe en este suelo paraguayo, como María, alojando la vida de Dios en nuestros hermanos con la confianza, con la certeza que: «El Señor nos dará la lluvia y nuestra tierra dará su fruto». Que así sea (H20).

[A Igreja é mãe, como Maria. Nela, temos um modelo. Acolhendo, como Maria, que não dominou nem se apoderou da Palavra de Deus, mas, pelo contrário, acolheu-a, gestou-a e entregou-a. Habitação como a terra que não domina a semente, mas a recebe, nutre e germina. É assim que os cristãos querem ser, é assim que queremos viver a nossa fé neste solo paraguaio, como Maria, acomodando com confiança a vida de Deus nos nossos irmãos, com a certeza de que: "O Senhor nos dará chuva e a nossa terra dará os seus frutos". Que assim seja]

(223) Son de las mejores bendiciones de Dios a su Iglesia, los ecónomos desastrosos, porque la hacen libre, la hacen pobre, nuestra Santa Madre Iglesia es pobre, Dios la **quiere** pobre, como quiso pobre a Nuestra Santa Madre María (H7).

[Os desastrosos ecónomos são uma das melhores bênçãos de Deus para a sua Igreja, porque a tornam livre, a tornam pobre, a nossa Santa Mãe Igreja é pobre, Deus a quer pobre, como queria Nossa Santa Mãe Maria pobre]

(224) **Tenemos la responsabilidad de** anunciar el mensaje de Jesús. Porque la fuente de nuestra alegría «nace de ese deseo inagotable de brindar misericordia, fruto de

haber experimentado la infinita misericordia del Padre y su fuerza difusiva» (Evangeli Gaudium, 24). Vayan a todos a anunciar ungiendo y a ungir anunciando (H1).

[Temos a responsabilidade de anunciar a mensagem de Jesus. Porque a fonte da nossa alegria «surge daquela vontade inesgotável de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e da sua força difusora» (Evangeli Gaudium, 24). Vá a todos anunciar ungiendo e a ungir anunciando]

(225) Amen la pobreza como a madre, y simplemente les sugiero si alguno de ustedes **tiene ganas de** preguntarse cómo está mi espíritu de pobreza, cómo está mi despojo interior, creo que puede hacer bien a nuestra vida consagrada, a nuestra vida presbiteral, después de todo no nos olvidemos que es la primera de las Bienaventuranzas: “Felices los pobres de espíritu”, los que no están apegados a las riquezas, a los poderes de este mundo (H7).

[Ame a pobreza como mãe, e simplesmente sugiro se algum de vocês tiver vontade de perguntar-se a si mesmo como está o meu espírito de pobreza, como está a minha privação interior, acho que pode fazer bem à nossa vida consagrada, à nossa vida sacerdotal, afinal, não esqueçamos que é a primeira das bem-aventuranças: "Bem-aventurados os pobres de espírito", aqueles que não estão apegados às riquezas, aos poderes deste mundo]

Em (221) e (222), a *Volitividade* expressa pelas modalidades deôntica e volitiva é marcada por meio de auxiliares modais, em que os operadores *deber* e *querer* têm um escopo de atuação sobre predicados performativos (*hacer* e *vivir*), designando, respectivamente, a obrigação que recai sobre o participante (*nosotros* – todos os que seguem a Jesus Cristo) de cumprir os preceitos e os mandamentos propostos por Jesus Cristo e a manifestação da intenção por parte do participante (*nosotros* – os cristãos católicos) de viver a Palavra de Deus conforme viveu Maria, a mãe de Jesus.

Em (223), a *Volitividade* é expressa pela modalidade volitiva, que é instaurada por meio do modal *querer* em sua forma plena, para manifestar o desejo do participante descrito pelo predicado (*Dios*) de que a Igreja Católica permaneça pobre, assim como a Virgem Maria. Pondera-se que a inexistência de modalidade deôntica instaurada por meio do verbo *deber* em sua forma plena, deva-se ao tipo de designação semântica que este verbo remete, no caso, ao conceito de dívida, como nesse exemplo retirado da Internet: *Seguramente, haya construida una nueva urbanización; otra que nadie podrá pagar porque seguiremos todos en paro, o con la dichosa crisis de dios... Y hablando de esto, la Iglesia debe mucho dinero, que pague la crisis ella y no el obrero.*³⁰⁰

De acordo com Martínez (2010), o valor de obrigação, quando instaurado por meio da construção perifrástica *deber+infinitivo*, remonta ao domínio cognitivo que o verbo *deber*

³⁰⁰ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://devaneosmodernopeterpan.blogspot.com/2011/05/>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

apresenta com relação aos substantivos (*deber+sustantivo*), em que há a especificação de uma dívida, estabelecendo, assim, uma associação conceitual. Assim sendo, a forma *deber+sustantivo* remete ao conceito de “dívida”, enquanto a forma *deber+infinitivo* refere-se à designação modal de “obrigação”. Conforme a autora, o processo metonímico oriundo do conceito de dívida fez com que surgisse, por meio da gramaticalização do verbo *deber*, ao ter escopo de atuação sobre verbos no infinitivo, o conceito modal de obrigação (necessidade deôntica) em língua espanhola.

Em (224) e (225), a *Volitividad* expressa pelas modalidades deôntica e volitiva é marcada por meio de construções modalizadoras, em que os operadores *tener la responsabilidad de* e *tener ganas de* (Sintagmas Verbais para a GDF) têm um escopo de atuação sobre predicados performativos (*anunciar* e *preguntarse*), designando, respectivamente, a obrigação que recai sobre o participante (*nosotros* – membros da Igreja Católica) de anunciar a mensagem do evangelho de Jesus Cristo e a intenção manifestada pelo participante (*ustedes* – bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis católicos) de perguntar a si mesmo como anda o seu espírito de pobreza.

Ainda que não se tenha encontrado casos de substantivos (Sintagmas Nominais para a GDF) atuando como operadores modais deônticos e volitivos para a manifestação de *Volitividad*, isso não significa que não se possa encontrar ocorrências em língua espanhola, como nesses exemplos de (226) a (229), que foram retirados da Internet, em que as modalidades deôntica e volitiva, operando na camada da Propriedade Configuracional, são instauradas por meio de substantivos (Sintagmas Nominais):

(226) Queridos hermanos y hermanas de Ecuador, Bolivia y Paraguay: Falta poco para el viaje. Con este saludo previo quisiera expresar mi cercanía, mi simpatía, mi buena voluntad. Mi **deseo** es estar con ustedes, compartir sus preocupaciones, manifestarles mi afecto y cercanía y alegrarme con ustedes también.³⁰¹

[Caros irmãos e irmãs do Equador, da Bolívia e do Paraguai: O caminho está muito próximo. Com esta saudação anterior, desejo expressar a minha proximidade, a minha simpatia, a minha boa vontade. O meu desejo é estar convosco, partilhar as vossas preocupações, manifestar o meu carinho e proximidade e alegrar-me também convosco]

(227) "Puedo asegurarles que mi **intención** es hacer el bien y que a esta edad mis intereses ya tienen poco que ver con mi persona. Pero, aunque Dios me confió una

³⁰¹ Exemplo retirado da Internet. Mensagem do Papa Francisco ao povo equatoriano, boliviano e paraguaio. Disponível em: <<http://jesuitasaru.org/papafrancisco/mi-deseo-es-estar-con-ustedes-dice-francisco/>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

tarea tan importante y Él me ayuda, no me liberó de la fragilidad humana. Por eso puedo equivocarme como todos", afirmó.³⁰²

[“Posso assegurar-lhes que a minha intenção é fazer o bem e que nesta idade os meus interesses pouco têm a ver comigo. Mas, embora Deus me tenha confiado uma tarefa tão importante e me ajude, não me livrou da fragilidade. É por isso que posso estar errado como todo mundo”, disse ele]

(228) Milia le dijo que la gente lo veía como un Papa más humano, al que podían tocar, hablar. Y Bergoglio respondió: "¿Y cómo no? Tienen que poder hacerlo. Y mi **deber** es escucharlos, confortarlos, rezar con ellos, estrecharles las manos para que sientan que no están solos".³⁰³

[Milia disse-lhe que as pessoas o viam como um Papa mais humano, a quem podiam tocar e falar. E Bergoglio respondeu: "E é claro? Eles têm que ser capazes. E meu dever é ouvi-los, confortá-los, rezar com eles, apertar suas mãos para que sintam que não estão sozinhos."]

(229) "Amo a mi país y creo que mi **obligación** es servirlo y protegerlo, además es la Tierra Santa donde Jesús creció y creo que los cristianos estamos obligados a proteger este país", ha subrayado esta joven que entró en el Ejército a los 25 años.³⁰⁴

[“Amo o meu país e creio que a minha obrigação é servi-lo e protegê-lo, é também a Terra Santa onde Jesus cresceu e creio que os cristãos têm a obrigação de proteger este país”, sublinhou esta jovem que ingressou no Exército aos 25 anos]

Em (226) e (227), constata-se que a modalidade volitiva, operando na camada da Propriedade Configuracional, é instaurada por meio de construções modalizadoras (Sintagmas Nominais), *mi deseo* e *mi intención*, que, ao terem um escopo de atuação sobre verbos performativos (*estar* e *hacer*) manifestam o desejo do participante (descrito por meio do adjetivo possessivo *mi*) de realizar o evento volicionado, respectivamente de estar com os fiéis católicos do Equador, da Bolívia e do Paraguai e de fazer o bem como Sumo Pontífice.

Em (228) e (229), averigua-se que a modalidade deôntica, também operando na camada da Propriedade Configuracional, é instaurada por meio de construções modalizadoras (Sintagmas Nominais), *mi deber* e *mi obligación*, que, ao terem um escopo de atuação sobre predicados performativos (*escuchar*, *confortar*, *rezar*, *estrechar*, *servir* e *proteger*), descrevem a obrigação que é instaurada pelo próprio participante (descrito por meio do adjetivo possessivo *mi*), respectivamente o dever de escutar, confortar, rezar e apertar as mãos daqueles que seguem a Jesus Cristo e de servir e proteger a terra de Israel.

³⁰² Exemplo retirado da Internet. Mensagem do Papa Francisco ao povo argentino. Disponível em: <<https://www.elcomercio.com/actualidad/papafrancisco-perdon-argentinos-visita-vaticano.html>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

³⁰³ Exemplo retirado da Internet. Notícia sobre o pontificado do Papa Francisco. Disponível em: <<https://www.infobae.com/2013/07/13/720001-en-cuatro-meses-francisco-hizo-del-vaticano-una-iglesia-cercana/>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

³⁰⁴ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://www.lainformacion.com/asuntos-sociales/arin-sha-aviq-oficial-del-ejercito-israeli-que-ha-saludado-al-papa-ser-cristiana-y-mujer-en-el-ejercito-es-duro_bIDKr0GYBAvI36WmQewem2/>. Acesso em: 02 nov. 2020.

Na camada do Estado-de-Coisas, a modalidade deôntica diz respeito à obrigatoriedade, à permissão ou à proibição de realização de um evento; enquanto a modalidade volitiva está relacionada ao desejo de realização de um evento. Em ambos os casos, não há a especificação do ponto de vista subjetivo do falante. Nesse sentido, a *Volitividade* é geralmente marcada por meio de adjetivos em função predicativa, de verbos plenos e de auxiliares modais, como se pode averiguar nas ocorrências de (230) a (234):

(230) Y Jesús una vez más vuelve a hablarnos y nos dice ...: No, no, no **es necesario** excluirlos, no es necesario que se vayan, denles ustedes de comer (H17).

[E Jesus mais uma vez fala-nos e diz-nos...: Não, não, não é necessário excluí-los, não é necessário que saiam, alimentem-nos]

(231) «Para anunciar con profundidad el Evangelio en Asia **es necesario** que la fe penetre en todas las facetas de la vida de los creyentes, imitado a los santos y a los mártires asiáticos que han dado a la fe católica el máximo testimonio de la sangre», explicó a los cardenales y obispos participantes en el sínodo.³⁰⁵

[«Para anunciar o Evangelho em profundidade na Ásia, é necessário que a fé penetre em todas as facetas da vida dos crentes, imitando os santos e mártires asiáticos que deram à fé católica o máximo testemunho de sangue», explicou aos cardeais e bispos participantes do sínodo]

(232) La importancia de las tareas educativas de la escuela y la universidad explica cuánto sea crucial el tema de la preparación de los enseñantes, de los dirigentes y de todo el personal que tiene responsabilidad en el campo de la instrucción. La competencia profesional representa la condición para que se pueda manifestar mejor la dimensión educativa de la acogida. A los docentes y a los dirigentes se les pide mucho. **Se desea** que tengan la capacidad de crear, de inventar y de gestionar ambientes de aprendizaje ricos en oportunidades.³⁰⁶

[A importância das tarefas educacionais da escola e da universidade explica como é crucial a questão da preparação de professores, dirigentes e todo o pessoal com responsabilidade no campo da instrução. A competência profissional representa a condição para que a dimensão educativa do acolhimento se manifeste melhor. Professores e líderes são muito questionados. Deseja-se que eles tenham a capacidade de criar, inventar e gerenciar ambientes de aprendizagem ricos em oportunidades]

(233) El nuncio apostólico, Ettore Balestrero, representante del papa Francisco en Colombia, dijo a la AFP que se trata de una noticia falsa: “El papa no ha dicho esto. Todo lo contrario (...) la Iglesia custodia la palabra de Dios y no puede cambiarla, simplemente porque es de Dios. (...) Naturalmente esta palabra con el

³⁰⁵ Devido à inexistência de casos de modalidade volitiva instaurada por meio de adjetivos em função predicativa nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus*, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://es.zenit.org/2004/11/19/la-evangelizacion-de-asia-depende-del-testimonio-de-sus-cristianos-dice-el-papa/>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

³⁰⁶ Devido à inexistência de casos de modalidade volitiva instaurada por meio de verbos plenos operando na camada do Estado-de-Coisas nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus*, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Documento do Papa Francisco *Instrumentum laboris* para a educação católica. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_sp.html>. Acesso em: 02 nov. 2020.

tiempo se puede entender mejor, se puede y se **tiene que** profundizar. Pero no para cambiarla, sino para comprenderla más”, aseguró.³⁰⁷

[O nuncio apostólico, Ettore Balestrero, representante do Papa Francisco na Colômbia, disse à AFP que esta é uma notícia falsa: “O Papa não disse isso. Pelo contrário (...) a Igreja guarda a palavra de Deus e não pode mudá-la, simplesmente porque é de Deus. (...) Naturalmente essa palavra pode ser melhor entendida com o tempo, pode e tem que ser aprofundada. Mas não para mudar, mas para entender mais”, garantiu]

(234) A través del anuncio de la Iglesia, nosotros, como los pastores del Evangelio (cf. Lucas 2, 9), somos guiados para buscar y encontrar la verdadera luz, la de Jesús que, hecho hombre como nosotros, se muestra de forma sorprendente: nace de una pobre chica desconocida, que da a luz en un establo, solo con la ayuda del marido... El mundo no se da cuenta de nada, pero ¡en el cielo los ángeles que lo saben exultan! Y es así que el Hijo de Dios se presenta también hoy a nosotros: como el don de Dios para la humanidad que está inmersa en la noche y en el torpor del sueño (cf. Isaías 9, 1). Y todavía hoy asistimos al hecho de que a menudo la humanidad prefiere la oscuridad, porque sabe que la luz desvelaría todas esas acciones y esos pensamientos que harían enrojecer y remorder la conciencia. Así, se **prefiere** permanecer en la oscuridad y no revolver las propias costumbres equivocadas.³⁰⁸

[Pelo anúncio da Igreja, nós, pastores do Evangelho (cf. Lc 2, 9), somos guiados a procurar e a encontrar a luz verdadeira, a de Jesus que, feito homem como nós, se mostra em maneira surpreendente: nasce de uma pobre menina desconhecida, que dá à luz em um estábulo, só com a ajuda do marido ... O mundo nada percebe, mas no céu os anjos que O conhecem, exultam! E é assim que o Filho de Deus também se apresenta a nós hoje: como dom de Deus à humanidade que está imersa na noite e no torpor do sono (cf. Is 9, 1). E ainda hoje testemunhamos o fato de que a humanidade muitas vezes prefere as trevas, porque sabe que a luz revelaria todas aquelas ações e todos aqueles pensamentos que tornariam a consciência vermelha e formigando. Portanto, prefere-se permanecer no escuro e não despertar dos próprios hábitos errados]

Em (230) e (231), a *Volitividade* expressa pelas modalidades deôntica e volitiva, ao operar na camada do Estado-de-Coisas, é instaurada por meio de adjetivo em função predicativa (*es necesario*), em que a modalidade deôntica diz respeito à proibição (o que se evidencia por meio do uso do advérbio de negação, *no*) de excluir aqueles que buscam a Jesus Cristo, enquanto a modalidade volitiva está relacionada ao desejo de que a fé dos fiéis possa estar presente em todos os momentos da vida deles.

Em (232), a modalidade volitiva é instaurada por meio do modal *desear* em sua forma plena (*desea*), para manifestar o desejo de realização do evento, no caso, que os docentes e os dirigentes tenham a capacidade de criar, inventar e gerenciar os ambientes educativos de forma

³⁰⁷ Devido à inexistência de casos de modalidade deôntica instaurada por meio de auxiliares modais operando na camada do Estado-de-Coisas nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus*, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://factual.afp.com/el-papa-francisco-propone-eliminar-la-biblia-y-crear-un-nuevo-libro-falso>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

³⁰⁸ Como forma de ilustrar a modalidade volitiva operando na camada do Estado-de-Coisas por meio de outros tipos de modais volitivos, recorreu-se a este exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco em uma Audiência Pública. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/es/audiencias/2017/documentspapa-francesco_20171227_udienza-generale.html>. Acesso em: 02 nov. 2020.

a proporcionar diferentes formas de aprendizagem. Reitera-se que não foi possível encontrar casos de modalidade deôntica instaurada por meio de verbos modais deônticos em sua forma plena ao operar na camada do Estado-de-Coisas, já que estes estão relacionados ao conceito de dívida e não designam, portanto, conteúdo modal.

Em (233) e (234), a *Volitividade* manifestada por meio das modalidades deôntica e volitiva é instaurada por meio de auxiliares modais, acompanhados por uma partícula de impessoalização (partícula *se*). Em (233), a modalidade deôntica é instaurada por meio do auxiliar modal *tener que*, em que o falante reporta a obrigação de realização de um evento, no caso, o dever de se aprofundar nos conhecimentos que são transmitidos por Deus por meio de sua Palavra. Em (234), a modalidade volitiva é instaurada por meio do auxiliar modal *preferir*, em que o falante reporta o desejo de concretização de um evento, no caso, a vontade de permanecer na escuridão e não querer se desfazer dos maus costumes.

Entendendo que as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas por meio de Sintagmas Verbais, é plenamente possível que a *Volitividade* seja manifestada por meio de construções modalizadoras com verbo suporte seguidas de alguma partícula de impessoalização, que remontem à obrigação ou ao desejo de realização de algum evento, como nos exemplos (235) e (236), que foram retirados da Internet:³⁰⁹

(235) En Japón fue donde conoció al misionero vasco Pedro Arrupe, superviviente de la bomba atómica de Hiroshima, del que fue secretario personal durante dos años y quien terminaría siendo padre general de los jesuitas y al que define como "un santo" y "un hombre de oración, de una vida paupérrima". "El papa hace lo mismo. Por la mañana, se **tiene la obligación de** tener una hora de oración y meditación. Arrupe siempre tenía tres horas, siendo quizá el jesuita más ocupado. Siempre lo hacía además sentado a la japonesa", narra este sacerdote.³¹⁰

[Foi no Japão que conheceu o missionário basco Pedro Arrupe, sobrevivente da bomba atômica de Hiroshima, de quem foi secretário pessoal durante dois anos e que acabaria por ser o pai geral dos jesuítas e que define como "um santo" e "homem de oração, de vida muito pobre". "O Papa faz o mesmo. Pela manhã, tem-se a obrigação de ter uma hora de oração e meditação. Arrupe sempre tinha três horas, sendo talvez o jesuíta mais ocupado. Ele sempre o fazia também sentado no estilo japonês", narra o padre]

(236) Al reflexionar en el valor de la Eucaristía en la vida de Carlo Acutis, el Obispo de Asís subrayó que "si entendemos que la Eucaristía no es una 'cosa', sino la presencia especial de Jesús entre nosotros, es natural vivirla como vivimos una

³⁰⁹ Devido à inexistência de casos de construções modalizadoras com verbo suporte instaurando as modalidades deôntica e volitiva, ao operarem na camada do Estado-de-Coisas, nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus*, recorreu-se a esses exemplos retirados da Internet.

³¹⁰ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.lavanguardia.com/vida/20191118/471717005512/el-papa-se-encuentra-con-lo-que-el-pudo-haber-sido-en-japon.html>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

relación de amistad” y añadió que “cuando se es verdaderamente amigo, se **tiene el deseo de** encontrarse, se encuentra el tiempo para hacerlo”.³¹¹

[Refletindo sobre o valor da Eucaristia na vida de Carlo Acutis, o Bispo de Assis destacou que “se entendemos que a Eucaristia não é uma 'coisa', mas sim a presença especial de Jesus entre nós, é natural vivê-la como vivemos uma relação de amizade” e acrescentou que “quando você é realmente um amigo, tem-se vontade de se encontrar, encontra tempo para isso”]

Em (235), a modalidade deôntica, ao operar na camada do Estado-de-Coisas, é instaurada por meio da construção modalizadora *tener la obligación de* (Sintagma Verbal), em que o falante expressa a obrigação de realização do evento, em questão, o dever de todos os dias uma hora para a oração e a meditação. Em (236), a modalidade volitiva, que também opera na camada do Estado-de-Coisas, é instaurada por meio da construção modalizadora *tener el deseo de* (Sintagma Verbal), em que o falante reporta o desejo de concretização do evento, no caso, a volição de se encontrar com Jesus na Eucaristia.

Na camada do Episódio, a modalidade deôntica diz respeito a uma avaliação subjetiva do falante acerca da obrigatoriedade de um evento que é anterior ao momento de fala, mas que pode ser reatualizado [+realização]. Por sua vez, a modalidade volitiva também se refere a uma apreciação subjetiva do falante acerca de um evento volicionado que é anterior ao momento da enunciação, mas que não pode ser reatualizado [-realização]. Assim sendo, a *Volitividade* é geralmente codificada por meio de auxiliares modais e verbos plenos, como se pode atestar nos exemplos de (237) a (239), que foram retirados da Internet:

(237) "Mi hicieron una pregunta en un vuelo - después me dio rabia, me dio rabia por cómo la transmitió un medio - sobre la integración familiar de las personas con orientación homosexual, y yo dije: las personas homosexuales tienen derecho a estar en la familia, las personas con una orientación homosexual tienen derecho a estar en la familia y los padres tienen derecho a reconocer ese hijo como homosexual, esa hija como homosexual. No se puede echar de la familia a nadie ni hacer la vida imposible por esa... Otra cosa es - dije - cuando se ven algunos signos en los chicos que están creciendo y ahí mandarlos... **tendría que** haber dicho 'profesional', me salió 'psiquiatra'. Quise decir un profesional porque a veces hay signos en la adolescencia o preadolescencia que no saben si son de una tendencia homosexual o es que la glándula timo no se atrofió a tiempo, vaya a saber, mil cosas ¿no? Entonces un profesional."³¹²

[“Fizeram-me uma pergunta durante um voo - depois me irritou, irritou-me pela forma como o médium a transmitiu - sobre a integração familiar de pessoas com orientação homossexual, e eu

³¹¹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://es.detroitcatholic.com/news/redaccion-aciprensa/jesus-era-el-centro-de-la-vida-de-carlo-acutis-relata-obispo-de-asis>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

³¹² Devido à inexistência de ocorrências de modalidade deôntica operando na camada do Episódio nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Nota de esclarecimento concedida pelo Papa Francisco em uma entrevista. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/imprensa-erra-papa-francisco-nao-equipara-uniao-homossexual-ao-matrimonio/>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

disse: os homossexuais têm o direito de estar em família, as pessoas com orientação homossexual têm o direito de estar na família e os pais têm o direito de reconhecer aquele filho como homossexual, aquela filha como homossexual. Ninguém pode ser expulso da família ou tornar a vida impossível por isso... Outra coisa é - falei - quando você vê algum sinal nas crianças que estão crescendo, deve-se mandá-las... Eu tinha que ter falado 'profissional', saiu 'psiquiatra'. Eu queria dizer profissional porque, às vezes, há sinais na adolescência ou na pré-adolescência e não se sabe se são de tendência homossexual ou se é que o timo não atrofiou no tempo, quem sabe mil coisas, né? Então, profissional]

(238) Respecto a su viaje a Marruecos a finales de marzo, Francisco ha revelado que «yo **quería** haber ido a Marrakech (para la firma de los pactos globales de Naciones Unidas sobre Refugiados e Inmigración), pero había problemas de protocolo. No podía ir a un encuentro internacional, sin visitar antes el país, y no tenía tiempo».³¹³

[Sobre a viagem a Marrocos no final de março, Francisco revelou que “Eu queria ter ido a Marraquexe (para a assinatura dos pactos globais das Nações Unidas sobre Refugiados e Imigração), mas havia problemas de protocolo. Não poderia ir a um encontro internacional sem antes visitar o país e não tinha tempo]

(239) Buenas noches y gracias por estar aquí. El que voy a leer surge de un hecho que **quisiera** que no hubiera ocurrido nunca, pero ocurrió, aquí cerca, al comienzo de la calle de Santa Engracia, el jueves pasado, a las cinco de la tarde.³¹⁴

[Boa noite e obrigado por estar aqui. O que vou ler surge de um facto que eu quisera que isso nunca tivesse acontecido, mas aconteceu, perto daqui, no início da rua Santa Engracia, quinta-feira passada, às cinco da tarde]

Em (237), a modalidade deôntica opera na camada do Episódio, sendo instaurada por meio de um auxiliar modal (*tener que*) para se referir a uma avaliação subjetiva do Falante acerca da obrigatoriedade de realização de um evento, evento este localizado em um momento anterior ao da enunciação. Verifica-se que a possibilidade de reatualização do evento é feita pelo próprio Falante, ao instaurar sobre si a necessidade deôntica (obrigação) de concretização do evento, no caso, de haver dito “profissional” e não “psiquiatra”.

Em (238), a modalidade volitiva também opera na camada do Episódio, sendo instaurada por meio de um auxiliar modal (*querer*), em que o Falante faz uma apreciação subjetiva sobre um evento ocorrido em um momento anterior ao de fala, expressando o desejo de haver feito uma viagem a Marraquexe, o que lhe era impossível devido à impossibilidade de realizar uma visita internacional sem antes conhecer o país que pretendia visitar.

³¹³ Devido à inexistência de ocorrências de modalidade volitiva operando na camada do Episódio nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Entrevista concedida pelo Papa Francisco. Disponível em: <<https://www.laprensalarca.com/ve/nota/-1853/2019/02/papa-dispuesto-a-medi-ar-en-venezuela>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

³¹⁴ Devido à inexistência de ocorrências de modalidade volitiva operando na camada do Episódio nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://danielromeropoeta.blogspot.com/2014/01/>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

Por sua vez, em (239), ao operar na camada do Episódio, a modalidade volitiva recorre a um verbo de significação plena (*querer*) para expressar a avaliação subjetiva do falante acerca da impossibilidade de reatualização de um evento, evento este localizado em um momento anterior ao da enunciação e do qual o falante deseja que não tivesse ocorrido.

Na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva diz respeito a uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento que pode ser apenas localizado na sua mente, irrealizável do ponto de vista factual e verdadeiro com base em seu conjunto de crenças e valores. Dessa forma, a *Volitividad* é codificada apenas por meio de verbos plenos, como se pode atestar nos exemplos de (240) a (242), que foram retirados da Internet:³¹⁵

(240) "El amor de Jesús es grande. Por esto hoy, al abrir esta Puerta Santa, **quisiera** que el Espíritu Santo abriera el corazón de todos los romanos, y les hiciera ver cuál es el camino de la salvación. No es el lujo, no es el camino de las grandes riquezas, no es el camino del poder. Es el camino de la humildad. Y los más pobres, los enfermos, los detenidos -los más pecadores, si se arrepienten-, nos precederán en el Cielo. Ellos tienen la llave", indicó. "Quien hace la caridad es aquel que se deja abrazar por la misericordia del Señor", agregó.³¹⁶

[«Grande é o amor de Jesus. Por isso, hoje, ao abrir esta Porta Santa, quisera que o Espírito Santo abrisse o coração de todos os romanos e os fizesse ver qual é o caminho da salvação. Não é o luxo, não é o caminho das grandes riquezas, não é o caminho do poder; é o caminho da humildade, e os mais pobres, os enfermos, os detidos - os mais pecadores, se se arrependerem - nos precederão no céu. Eles têm a chave", disse ele. «Quem faz caridade é quem se deixa abraçar pela misericórdia do Senhor», acrescentou]

(241) El ejercicio de la limosna nos libera de la avidez y nos ayuda a descubrir que el otro es mi hermano: nunca lo que tengo es sólo mío. Cuánto **desearía** que la limosna se convirtiera para todos en un auténtico estilo de vida. Al igual que, como cristianos, me gustaría que siguiésemos el ejemplo de los Apóstoles y viésemos en la posibilidad de compartir nuestros bienes con los demás un testimonio concreto de la comunión que vivimos en la Iglesia. A este propósito hago mía la exhortación de san Pablo, cuando invitaba a los corintios a participar en la colecta para la comunidad de Jerusalén: «Os conviene» (2 Co 8,10). Esto vale especialmente en Cuaresma, un tiempo en el que muchos organismos realizan colectas en favor de iglesias y poblaciones que pasan por dificultades.³¹⁷

[O exercício da esmola liberta-nos da ganância e ajuda-nos a descobrir que o outro é meu irmão: o que tenho nunca é só meu. Como quisera que a esmola se tornasse um verdadeiro estilo de vida para todos. Assim como cristãos, gostaria que seguíssemos o exemplo dos Apóstolos e víssemos na possibilidade de partilhar os nossos bens com os outros um testemunho concreto da comunhão que vivemos na Igreja. A este propósito, faço minha a exortação de São Paulo, quando convidou

³¹⁵ Debido à ocorrência de poucos casos de modalidade volitiva operando na camada do Conteúdo Proposicional nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus*, recorreu-se a estes exemplos retirados da Internet como forma de ampliar e ilustrar a atuação da modalidade volitiva nessa camada.

³¹⁶ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco no Jubileu da Misericórdia. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/el-mundo/nuevo-gesto-de-caridad-del-papa-francisco-nid1855449/>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

³¹⁷ Exemplo retirado da Internet. Mensagem do Papa Francisco para o Tempo Quaresmal. Disponível em: <<https://www.ucal.edu.ar/mensaje-de-cuaresma-del-papa-francisco/>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

os coríntios a participarem na coleta para a comunidade de Jerusalém: "É para vós" (2 Cor 8,10). Isso é especialmente verdadeiro na Quaresma, uma época em que muitas organizações arrecadam dinheiro para igrejas e populações em dificuldades]

(242) La legislación española ignora la evidencia científica. No es que yo lo diga como víctima, es que, si los políticos hablaran con los expertos, los psicólogos, los científicos, les dirían que debería haber unos casos de prescripción muy muy amplios, lo máximo que pueda permitir la Ley. Yo **preferiría** que los delitos de pederastia en España fuesen imprescriptibles, pero es muy difícil, por la mentalidad que tienen los juristas en España, porque hay muy pocos delitos que no prescriben, y todos se relacionan con genocidio. Entonces, de forma realista y pragmática, lo máximo que podemos conseguir es ampliar mucho los plazos. Por eso llevamos mucho tiempo peleando para que los pasos de prescripción comiencen a contar a partir de que la víctima cumpla 50 años, porque entonces ya ha tenido suficiente tiempo para superar el trauma, buscar ayuda, ponerse en terapia e independizarse del entorno abusador.³¹⁸

[A legislação espanhola ignora as evidências científicas. Não é que eu fale como vítima, é que se os políticos falassem com os especialistas, os psicólogos, os cientistas, eles diriam que deveria haver casos de prescrição muito amplos, o máximo que a Lei pode permitir. Eu preferiria que os crimes de pederastia na Espanha fossem imprescritíveis, mas é muito difícil, devido à mentalidade dos juristas na Espanha, porque são poucos os crimes que não prescrevem, e todos estão relacionados com o genocídio. Então, de forma realista e pragmática, o melhor que podemos fazer é estender muito os prazos. É por isso que lutamos há muito tempo para que as etapas da prescrição comecem a contar depois de a vítima completar 50 anos, porque então ela teve tempo suficiente para superar o trauma, buscar ajuda, fazer terapia e se tornar independente do ambiente abusivo]

De (240) a (242), verifica-se que a modalidade volitiva opera na camada do Conteúdo Proposicional por meio de verbos de significação plena (*querer, desear e preferir*), cujos modais têm um escopo de atuação sobre uma dada proposição. Nessas ocorrências, constata-se que o falante expressa um desejo relativo a um evento localizado apenas em sua mente, irrealizável do ponto de vista factual e entendido como verdadeiro com base em suas crenças e convicções pessoais.

Em (240), o Falante expressa o desejo de que o Espírito Santo abra o coração de todos os cidadãos romanos e que faça com que eles vejam qual é o caminho da salvação. Por seu lado, em (241), o Falante manifesta o desejo de que as esmolas dadas aos pobres se tornassem um autêntico estilo de vida. Por seu lado, em (242), o falante revela o desejo de que os crimes de pederastia na Espanha não prescrevessem.

Em resumo, o Quadro 18 traz os principais aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na manifestação da *Volitividade*, especificamente no que diz respeito ao tipo de Expressão Linguística empregada para codificar o *elemento do desejo* no enunciado modalizado:

³¹⁸ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: < <https://asuntosdemujeres.com/miguel-hurtado-como-los-ninos-no-votan-el-tema-de-la-pederastia-clerical-no-entra-en-agenda-politica/>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

Quadro 18: Aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito ao tipo de Expressão Linguística do modal

Camada do Nível Representacional	A Expressão Linguística da <i>Volitividade</i> nas modalidades deôntica e volitiva
Propriedade Configuracional (f)	Convergência: as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas por meio de auxiliares modais e de construções modalizadoras.
	Divergência: a modalidade volitiva é a única que pode ser instaurada por meio de verbos de significação plena, sem que os modais volitivos tenham escopo de atuação, em alguns contextos de uso, sobre verbos no infinitivo.
Estado-de-Coisas (e)	Convergência: as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas por meio de adjetivos em função predicativa, de auxiliares modais e de construções modalizadoras.
	Divergência: a modalidade volitiva é a única que pode ser instaurada por meio de verbos de significação plena.
Episódio (ep)	Convergência: as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas por meio de auxiliares modais.
	Divergência: a modalidade volitiva é a única que pode ser instaurada por meio de verbos de significação plena.
Conteúdo Proposicional (p)	A modalidade deôntica não opera nesta camada. A modalidade volitiva é instaurada apenas por meio de verbos de significação plena.

Fonte: Elaborado pelo autor

Para além do tipo de Expressão Linguística, buscou-se averiguar também sobre o *tipo de pessoa gramatical do sujeito do modal*, no intuito de constatar como as modalidades deôntica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, codificam, morfossintaticamente, as diferentes pessoas gramaticais, o que, por sua vez, pode estar relacionado às intenções e aos propósitos comunicativos do Falante (Componente Conceitual). Dessa forma, o objetivo se volta para a verificação de qual domínio semântico (deôntico ou volitivo) está mais relacionado à pessoa gramatical, a saber: (i) primeira pessoa do singular; (ii) segunda pessoa do singular; (iii) terceira

pessoa do singular; (iv) primeira pessoa do plural; (v) segunda pessoa do plural; e (vi) terceira pessoa do plural.

Para esta categoria de análise, pondera-se que a modalidade volitiva é instaurada por meio de marcas de primeira pessoa do singular/plural, em virtude de a qualificação modal volitiva estar centrada na fonte volicional, ou seja, de quem parte a volição instaurada. Por sua vez, acredita-se que a modalidade deôntica é instaurada por meio de marcas de terceira pessoa do singular/plural, a julgar pelo fato de a qualificação modal deôntica estar centrada no alvo volicional, ou seja, sobre quem recai a obrigação instaurada. Para os casos de segunda pessoa singular/plural, pensa-se que as modalidades deôntica e volitiva são instauradas referindo-se a algo genérico, que remeta a um evento, ainda que, em alguns casos específicos, possa se referir a quem o Falante (Papa Francisco) se direciona em seu discurso, no caso, o Ouvinte (bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis católicos).

Ao ser feita a inter-relação entre o domínio semântico (modalidades deôntica e volitiva) e o tipo de pessoa gramatical do sujeito do modal, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,00 ($p < 0,05$), constata-se que há um condicionamento entre o tipo de avaliação que se faz do enunciado modalizado e o tipo de pessoa gramatical que é codificada no enunciado modalizado. Averigua-se, por meio da Tabela 16, que a Volitividade é expressa, majoritariamente, por meio da terceira pessoa do singular (72 ocorrências, que totalizam 45,9%), seguida pela primeira pessoa do plural (47 ocorrências, que totalizam 29,9%), primeira pessoa do singular (19 ocorrências, que totalizam 12,1%), terceira pessoa do plural (14 ocorrências, que totalizam 8,9%) e segunda pessoa do singular (05 ocorrências, que totalizam 3,2%):

Tabela 16: A inter-relação entre o domínio semântico e o tipo de pessoa gramatical do sujeito do modal

O tipo de pessoa gramatical do sujeito do modal	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Terceira pessoa do singular	32 (20,4%)	40 (25,5%)	72 (45,9%)
Primeira pessoa do plural	22 (14%)	25 (15,9%)	47 (29,9%)
Primeira pessoa do singular	02 (1,3%)	17 (10,8%)	19 (12,1%)
Terceira pessoa do plural	03 (1,9%)	11 (7%)	14 (8,9%)
Segunda pessoa do singular	00 (0,0%)	05 (3,2%)	05 (3,2%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Na camada da Propriedade Configuracional, a modalidade deôntica se refere a uma obrigação, a uma permissão ou a uma proibição que recai sobre o participante descrito pelo predicado; enquanto a modalidade volitiva diz respeito às intenções do participante designado pelo predicado em realizar um dado evento. Nesse sentido, a *Volitividade* pode ser codificada por meio de diferentes pessoas gramaticais, como se pode verificar nas ocorrências de (243) a (246):

(243) El mundo de hoy, preso del pragmatismo, **necesita** reaprender el valor de la gratuidad (H12).

[O mundo de hoje, prisioneiro do pragmatismo, precisa reaprender o valor da gratuidade]

(244) No **podemos** negar la crisis humanitaria que en los últimos años ha significado la migración de miles de personas (H14).

[Não podemos negar a crise humanitária que, nos últimos anos, significou a migração de milhares de pessoas]

(245) El padre de la mentira, escuchamos en el evangelio lo que hacía con Jesús por aquel que **busca** separarnos, generando una sociedad dividida y enfrentada (H11).

[O pai da mentira, ouvimos no evangelho o que ele fez com Jesus por aquele que busca nos separar, gerando uma sociedade dividida e confrontada]

(246) La misericordia rechaza siempre la maldad, tomando muy en serio al ser humano. Apela siempre a la bondad de cada persona, aunque esté dormida, anesthesiada. Lejos de aniquilar, como muchas veces **pretendemos** o queremos hacerlo nosotros, la misericordia se acerca a toda situación para transformarla desde adentro. Ese es precisamente el misterio de la misericordia divina (H14).

[A misericórdia sempre rejeita o mal, levando o ser humano muito a sério. Sempre apele para a bondade de cada pessoa, mesmo que ela esteja dormindo, anesthesiada. Longe de aniquilar, como muitas vezes pretendemos ou queremos fazer, a misericórdia aborda cada situação para transformá-la por dentro. Esse é precisamente o mistério da misericórdia divina]

Em (243) e (244), a modalidade deôntica opera na camada da Propriedade Configuracional, cujos operadores modais deônticos são flexionados, respectivamente, na terceira pessoa do singular (*necesita*) e primeira pessoa do plural (*podemos*). Em (243), a modalidade deôntica se refere a uma obrigação que recai sobre o participante descrito pelo predicado (*el mundo de hoy* – as pessoas de um modo geral), em que este está obrigado a reaprender o valor da gratidão. Em (244), a modalidade deôntica, por sua vez, refere-se à proibição que recai sobre o participante contido no predicado (*nosotros* – as pessoas de um modo geral), em que este está proibido (negação de permissão) de negar a atual crise humanitária que leva milhões de pessoas a migrarem. Na camada da Propriedade Configuracional, constata-se que a modalidade deôntica pode, a partir de um conjunto de crenças e valores que culminam na ponderação de regras e condutas, como entender o valor

social da gratidão e demonstrar empatia pelas necessidades dos demais (*fonte volicional*), o Falante prescreve deveres e obrigações sobre si e/ou outros sujeitos. Como se pode perceber, o sujeito sintático expresso pelo modal marca o *alvo volicional*, ou seja, sobre quem recai a qualificação modal deôntica.

Em (245) e (246), a modalidade volitiva também opera na camada da Propriedade Configuracional, cujos operadores modais volitivos são flexionados, respectivamente, na terceira pessoa do singular (*busca*) e primeira pessoa do plural (*pretendemos*). Em (245), a modalidade volitiva se refere ao desejo do participante descrito pelo predicado (*el padre de la mentira*) de separar as pessoas umas das outras, gerando divisão e enfrentamento. Em (246), a modalidade volitiva diz respeito ao desejo do participante expresso pelo predicado (*nosotros – as personas de un modo geral*) de aniquilar, esquecendo-se de agir com misericórdia. Na camada da Propriedade Configuracional, averigua-se que a modalidade volitiva remete às pretensões e às intenções do participante descrito pelo predicado, em que o operador modal volitivo marca a *fonte volicional*, ou seja, de onde parte a atitude modal volitiva. Para marcar o *alvo volicional*, isto é, sobre quem recai o evento volicionado, a modalidade volitiva recorre a outros meios para isso, como o pronome complemento *nos*, em (245). Na forma mais básica da modalidade volitiva, verifica-se que há apenas uma fonte volicional e um evento desejado, como em (246), em que se expressa apenas o desejo de aniquilar. No entanto, pode-se pressupor que haja algo ou alguém que se pretenda aniquilar, ainda que isso não tenha sido codificado morfossintaticamente.

Como citado anteriormente, as modalidades deôntica e volitiva, na camada da Propriedade Configuracional, podem ser instauradas por meio da primeira pessoa do singular, como nas ocorrências (247) e (248):

(247) Así que lo que **voy a decir** va a estar en esa línea, pensado en los sacerdotes, las religiosas, las religiosas, los laicos consagrados, son todos los que trabajan en esta Iglesia particular (H29).

[Então o que vou dizer vai ser nessa linha, pensando nos sacerdotes, nas religiosas, nos leigos consagrados, que são todos aqueles que trabalham nesta Igreja particular]

(248) Con el propósito de ayudarles a seguir en el camino de la fidelidad a Jesucristo, y me **permito hacer** dos breves reflexiones. La primera se refiere al espíritu de gratitud [...] Un segundo aspecto es el espíritu de laboriosidad (H2).

[Com o propósito de ajudá-lo a continuar no caminho da fidelidade a Jesus Cristo, e permito-me fazer duas breves reflexões. O primeiro se refere ao espírito de gratidão [...] Um segundo aspecto é o espírito de serviço]

Em (247), a modalidade volitiva é instaurada por meio da perífrase de infinitivo *ir+a+infinitivo*, em que o Falante expressa a intenção pessoal, evidenciada pela marca de primeira pessoa do singular *voy*, de realizar o evento descrito pelo predicado, no caso, dizer algumas orientações aos sacerdotes, religiosos e laicos consagrados que trabalham com a Igreja particular (as famílias). De acordo com Topor (2011), a perífrase *ir+a+infinitivo* instaura modalidade volitiva quando o verbo principal se trata de um verbo performativo [+diretivo], indicando, assim, a pretensão, a intenção ou a disposição do falante ou de um outro sujeito em realizar o evento sobre o qual recai a volição, como no exemplo: *Voy a denunciar a los ladrones* [Vou denunciar os ladrões] (TOPOR, 2011, p. 179).³¹⁹

Em (248), a modalidade deôntica é instaurada por meio da construção perifrástica *permitir(se)+infinitivo*, em que o Falante instaura sobre sua pessoa, o que pode ser constatado por meio da marca de primeira pessoa *permito*, a permissão de realizar o evento descrito pelo predicado, no caso, fazer duas breves reflexões, especificamente sobre o espírito de gratidão e de trabalho (estar a serviço). De acordo com Ferrari (2006), a construção perifrástica *permitir(se)+infinitivo* não instaura apenas modalidade deôntica, como em (248), quando o falante pode prescrever alguma permissão sobre o sujeito sintático expresso pelo modal, sujeito este que pode ser o próprio falante ou um outro indivíduo; pode também instaurar modalidade facultativa orientada para o Evento, em que o falante reporta condições físicas que possibilitam a concretização de um estado-de-coisas, como no exemplo: *La evolución aquí propuesta permite confirmar que Deusilites (presente en los cuatro niveles analizados) es una forma marina hasta salobre [...] y por lo tanto no indicadora por sí misma de un tipo de paleambiente determinado* [A evolução aqui proposta permite confirmar que Deusilites (presente nos quatro níveis analisados) é uma forma marinha a salobra [...] e, portanto, não um indicador por si só de um tipo específico de palambiente] (FERRARI, 2006, p. 522).

Na camada do Estado-de-Coisas, a modalidade deôntica diz respeito à obrigatoriedade, à permissividade ou à proibição de realização de um evento, enquanto a modalidade volitiva se refere ao desejo ou à intenção de concretização de um evento, em que, em ambos os casos, as modalidades deôntica e volitiva são qualificadas sem que o falante expresse alguma opinião

³¹⁹ Segundo Topor (2011), outras perífrases de infinitivo, em língua espanhola, também poderiam expressar modalidade volitiva com valor modal de intenção, como *estar+por+infinitivo*, *haber+de+infinitivo*, *pensar+infinitivo*, *tratar+de+infinitivo* e *venir+a+infinitivo*, como nos exemplos: *Mira lo que te digo, estoy por irme y no volver más* [Olha o que eu vou te dizer, eu vou embora e não voltar mais] / *Cuando vuelvas por la tienda, he de darte los catálogos* [Quando você voltar da loja, eu vou te dar os catálogos] / *Pienso comprar terrenos* [Penso em comprar terrenos] / *Trató de ayudarnos* [Tentou nos ajudar] / *¿Qué vienes a hacer aquí?* [O que você veio fazer aqui] (TOPOR, 2011, p. 179).

subjativa sobre o evento. Assim sendo, verifica-se que as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas por meio de terceira-pessoa do singular/plural, como nas ocorrências de (249) a (252).³²⁰

(249) La familia es el hospital más cercano, cuando uno está enfermo lo cuidan ahí mientras se puede, la familia es la primera escuela de los niños, es el grupo de referencia imprescindible para los jóvenes, es el mejor asilo para los ancianos. La familia constituye la gran «riqueza social», que otras instituciones no pueden sustituir, que **debe** ser ayudada y potenciada, para no perder nunca el justo sentido de los servicios que la sociedad presta a sus ciudadanos (H15).

[A família é o hospital mais próximo, quando você está doente, eles cuidam de você lá enquanto podem; a família é a primeira escola dos filhos, é o grupo de referência essencial para os jovens, é o melhor asilo para idosos. A família constitui a grande «riqueza social», que as outras instituições não podem substituir, que deve ser ajudada e fortalecida, para nunca perder o sentido justo dos serviços que a sociedade presta aos seus cidadãos]

(250) “El Catecismo de la Iglesia Católica lo explica muy bien. Dice que no **deben** ser marginados debido a esto (su orientación) pero que deben ser integrados en la sociedad”, agregó, hablando en italiano y utilizando la palabra “gay” en lugar de “homosexual” que otros pontífices solían usar.³²¹

[“O Catecismo da Igreja Católica o explica muito bem. Ele diz que eles não devem ser marginalizados por causa disso (sua orientação), mas que devem ser integrados à sociedade”, acrescentou, falando em italiano e usando a palavra “gay” em vez de “homossexual” que outros pontífices costumavam usar]

(251) Otra tentación puede venir en consideración de cuáles son las armas de la unidad. La unidad, si **quiere** construirse desde el reconocimiento y la solidaridad, no puede aceptar cualquier medio para lograr este fin. Existen dos formas de violencia que más que impulsar los procesos de unidad y reconciliación terminan amenazándolos (H25).

[Outra tentação pode vir em consideração de quais são as armas da unidade. A unidade, se quiser construir-se a partir do reconhecimento e da solidariedade, não pode aceitar nenhum meio para atingir esse fim. Existem duas formas de violência que acabam por ameaçá-los em vez de promover processos de unidade e reconciliação]

(252) Destaca Ripa que otro de los objetivos de la instrucción es dejar claro que en la Iglesia “hay lugar para todos y cada uno puede encontrar su lugar” según su vocación. Se **pretenden** evitar así ciertas derivas frente a las que ha advertido en numerosas ocasiones el papa Francisco, como son la “clericalización” de los laicos o la “secularización” del clero. Otros peligros son la conversión de las parroquias

³²⁰ Devido à inexistência ou às poucas ocorrências de modalidade deôntica e volitiva operando na camada do Estado-de-Coisas, com o operador modal sendo flexionado na terceira pessoa do singular/plural, nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus*, recorreu-se a alguns exemplos retirados da Internet como forma de ampliar e analisar outros tipos de operadores modais deônticos e volitivos. Reitera-se que as ocorrências selecionadas são relativas a outros textos orais e/ou escritos do Papa Francisco, como discursos, exortações apostólicas, encíclicas, mensagens, entrevistas, etc.

³²¹ Exemplo retirado da Internet. Entrevista concedida pelo Papa Francisco a um periódico italiano. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/internacional-papa-idLTASIE96S00Q20130729>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

en “empresas prestadoras de servicios espirituales” o meras “agencias de servicio social”.³²²

[Ripa sublinha que outro dos objetivos da instrução é deixar claro que na Igreja «há um lugar para todos e todos podem encontrar o seu lugar» segundo a sua vocação. A intenção é, assim, evitar certas derivas contra as quais o Papa Francisco advertiu em numerosas ocasiões, como a "clericalização" dos leigos ou a "secularização" do clero. Outros perigos são a conversão de paróquias em "empresas que prestam serviços espirituais" ou meras "agências de serviço social"]

Em (249) e (250), a modalidade deôntica opera na camada do Estado-de-Coisas, em que o operador modal deôntico *deber*, flexionado, respectivamente, na terceira pessoa do singular e do plural, remete à obrigação de se cuidar e proteger o núcleo familiar, que é a célula básica da sociedade e à proibição (negação de obrigação) de marginalizar aos homossexuais, buscando integrá-los na sociedade. Como se pode constatar, o sujeito sintático expresso pelo modal, no caso, *la familia* e *los homosexuales*, sofre a ação imposta pelo predicado [+paciente], flexionado com um verbo na forma passiva e cuja qualificação modal deôntica está centrada na obrigação, na permissão ou na proibição de realização do evento (o estatuto objetivo do evento).

Em (251) e (252), a modalidade volitiva opera na camada do Estado-de-Coisas, em que os operadores modais volitivos *querer* e *pretender*, flexionados, respectivamente, na terceira pessoa do singular e do plural, dizem respeito à intenção de se construir a unidade a partir do reconhecimento e da solidariedade e à intenção de se evitar certas derivas em relação à clericalização dos leigos e à secularização do clero católico. Como se pode averiguar, não há a especificação de um sujeito sintático animado [+humano], em que a flexão verbal remete somente à (in)desejabilidade de concretização do evento.

Ainda em relação à camada do Estado-de-Coisas, pondera-se que os pronomes pessoais *tú* e *usted* possam ser empregados, em contextos mais específicos, necessariamente quando se reportam necessidades (deônticas e volitivas) mais gerais e de âmbito coletivo, como sujeitos genéricos, ou seja, referindo-se à necessidade de realização de um evento na instauração das modalidades deôntica e volitiva. Em outras palavras, ainda que se empregue as formas pronominais *tú* e *usted*, estas qualificam os conteúdos modais deônticos e volitivos para o Evento (modalidade atuando na camada do Estado-de-Coisas) e não para o Participante (modalidade atuando na camada da Propriedade Configuracional), como nas ocorrências de (253) a (256).³²³

³²² Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.vidanuevadigital.com/2020/07/20/el-vaticano-pide-una-renovacion-de-las-parroquias-para-que-sean-el-centro-propulsor-de-la-evangelizacion/>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

³²³ Devido à inexistência de casos de uso genérico dos pronomes *tú* e *usted* na instauração das modalidades deôntica e volitiva nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus*, recorreu-se a esses exemplos da Internet.

(253) Y frente a la resignación que como un murmullo grosero socava nuestros lazos vitales y nos divide, Jesús nos dice: bienaventurados los que se comprometen por la reconciliación. Felices aquellos que son capaces de ensuciarse las manos y trabajar para que otros vivan en paz. Felices aquellos que se esfuerzan por no sembrar división. De esta manera, la bienaventuranza nos hace artífices de paz; nos invita a comprometernos para que el espíritu de la reconciliación gane espacio entre nosotros. **¿Quieres dicha? ¿Quieres felicidad?** Felices los que trabajan para que otros puedan tener una vida dichosa. **¿Quieres paz?**, trabaja por la paz (H24). [E diante da resignação que, como um rude murmúrio, mina nossos laços vitais e nos divide, Jesus nos diz: bem-aventurados os que se comprometem com a reconciliação. Felizes os que conseguem sujar as mãos e trabalhar para que os outros vivam em paz. Felizes os que se esforçam para não semear divisão. Assim, a bem-aventurança nos torna pacificadores; Ele nos convida a nos comprometermos para que o espírito de reconciliação ganhe espaço entre nós. Você quer felicidade? Você quer felicidade? Felizes são aqueles que trabalham para que outros tenham uma vida feliz. Você quer paz? Trabalhe pela paz]

(254) "La fe del Pueblo de Dios -dijo el Papa- es una fe simple, es una fe que tal vez no tiene mucha teología, pero lleva dentro una teología que no se equivoca, porque hay en ella el Espíritu". El Papa Francisco recordó el Concilio Vaticano I y el Vaticano II, allí donde se dice que "el pueblo santo de Dios...no puede equivocarse en la fe" (Lumen Gentium). Y para explicar esta formulación teológica agregó: "Si usted **quiere** saber quién es María vaya del teólogo y se lo dirá exactamente quién es María. Pero si usted **quiere** saber cómo amar a María vaya al pueblo de Dios que se lo enseñará mejor". El pueblo de Dios -continuó el Papa- "siempre se acerca para pedir algo más a Jesús, a veces es un poco insistente, pero es la insistencia de quien cree".³²⁴

[«A fé do Povo de Deus - disse o Papa - é uma fé simples, é uma fé que talvez não tenha muita teologia, mas carrega consigo uma teologia que não se engana, porque nela está o Espírito». O Papa Francisco recordou o Vaticano I e o Vaticano II, onde se diz que "o povo santo de Deus... não pode errar na fé" (Lumen Gentium). E para explicar esta formulação teológica acrescentou: "Se você quer saber quem é Maria, vá ao teólogo e ele lhe dirá exatamente quem é Maria. Mas se você quiser saber como amar Maria, vá ao povo de Deus, que lhe ensinará melhor". O povo de Deus - continuou o Papa - "vem sempre pedir algo mais a Jesus, às vezes é um pouco insistente, mas é a insistência de quem crê"]

(255) Luego, el pontífice ofreció la Santa Misa por la paz y la justicia en el Parque O'Higgins. "¿Quieres las paz? Entonces **debes** trabajar por la paz y la justicia. Sembrar la paz a golpe de proximidad y vecindad. Salir al encuentro de otro que la está pasando mal", dijo.³²⁵

[Mais tarde, o pontífice ofereceu a Santa Missa pela paz e justiça no Parque O'Higgins. "Você quer paz? Então você deve trabalhar pela paz e pela justiça. Semeie a paz através da proximidade e da vizinhança. Saia para encontrar outra pessoa que está passando um momento ruim", disse ele]

(256) "No se puede hablar de religión, es una cosa privada, ¿no? No hablar de esto públicamente. Se eliminan los signos religiosos. Usted **debe** obedecer las órdenes que vienen de los poderes terrenales. Usted puede hacer muchas cosas, cosas hermosas, pero no adorar a Dios Prohibición de culto, este es el centro de este fin

³²⁴ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco aos fiéis católicos na Praça de São Pedro no Vaticano. Disponível em: <http://www.archivioradiovaticana.va/storico/2013/05/26/la_fe_del_pueblo_de_dios_lleva_dentro_una_teologia_que_no_se/spa-695735>. Acesso em: 25 nov. 2020.

³²⁵ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco em sua primeira visita pastoral ao Chile. Disponível em: <<https://www.telesurtv.net/news/Papa-Francisco-culmina-primeira-jornada-de-visita-a-Chile-20180116-0048.html>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Y cuando se llega a la plenitud - el "kairos" de esta actitud pagana, cuando se hace en este tiempo - entonces sí, se verá a Él: 'y verán al Hijo del Hombre que vendrá en una nube con gran poder y gloria'. Los cristianos que sufren tiempo de persecución, los tiempos de la prohibición del culto son una profecía de lo que va a pasar a todos nosotros".³²⁶

["Você não pode falar sobre religião, é uma coisa privada, certo? Não fale sobre isso publicamente. Os sinais religiosos são removidos. Você deve obedecer às ordens que vêm dos poderes terrenos. Você pode fazer muitas coisas, coisas lindas, mas não adorar a Deus, por proibição de culto, nesse caso, esse é o cerne desse fim. E quando chegar à plenitude - ao "kairos" dessa atitude pagã, quando chegar este tempo - aí sim, Ele será visto: 'e eles verão o Filho do Homem vindo em uma nuvem com grande poder e glória. "Cristãos que sofrem tempos de perseguição, tempos de proibição de culto são uma profecia do que acontecerá a todos nós"]

Em (253) e (254), a modalidade volitiva é instaurada por meio do operador modal *querer*, atuando na camada do Estado-de-Coisas. Ainda que se empregue, respectivamente, a segunda pessoa do singular (*quieres*) e a terceira pessoa do singular (*quiere*), o foco da qualificação modal volitiva se volta para a concretização do evento volicionado, no caso, o desejo de sucesso, de felicidade e de paz, em (253); e o desejo de saber quem é Maria e de saber como é amar Maria (Mãe de Jesus Cristo), em (254). Parafraseando as ocorrências (253) e (254), poder-se-ia constatar, com mais precisão, por meio de marcas de impessoalização, a atuação da modalidade volitiva na camada do Estado-de-Coisas, a saber: *¿Se desea suceso? ¿Se desea felicidad? Felices los que trabajan para que otros puedan tener una vida dichosa ¿Se desea paz?, trabaja por la paz; e Si se quiere saber quién es María vaya del teólogo y se lo dirá exactamente quién es María. Pero si se quiere saber cómo amar a María vaya al pueblo de Dios que se lo enseñará mejor.*

Em (255) e (256), a modalidade deôntica é instaurada por meio do operador modal *deber*, atuando também na camada do Estado-de-Coisas. Ainda que se faça uso, designadamente, da segunda pessoa do singular (*debes*) e da terceira pessoa do singular (*debe*), o foco da qualificação modal deôntica também se volta para o evento entendido como necessário (necessidade deôntica), em questão, a obrigação de se trabalhar pela paz e pela justiça, em (255); e o dever de obedecer aos mandados que advêm dos poderes terrenos, em (256). Parafraseando as ocorrências (255) e (256), poder-se-ia averiguar, com mais exatidão, ao se empregar alguma marca de impessoalização, a atuação da modalidade deôntica na camada do Estado-de-Coisas, a saber: *Entonces se debe trabajar por la paz y la justicia; e Se debe obedecer las órdenes que vienen de los poderes terrenales.*

³²⁶ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco sobre a perseguição dos cristãos no mundo. Disponível em: < <http://www.asianews.it/noticias-es/Papa:-la-persecucion-de-los-cristianos-dice-que-esta-cerca-la-victoria-de-Jesus-29664.html>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Os usos da segunda e terceira pessoas do singular (*tú/usted*) como marca de impessoalização, segundo Orozco (2019), cujo foco da qualificação modal se volta para o evento, trata-se de uma estratégia generalizadora de apresentar a informação, para esta pesquisa, e a expressão da *Volitividade* por meio das modalidades deôntica e volitiva, de forma a aplicá-la a um grupo mais amplo, em que o uso do *tú* e do *usted* não é correferencial com o destinatário da mensagem veiculada. Ainda conforme a autora, a língua espanhola emprega vários recursos linguísticos para codificar a impessoalidade, tais como o uso de sujeitos pronominais como *uno*, a segunda e a terceira pessoas do singular (*tú/usted*), o sujeito tácito de terceira pessoa do plural e as formas impessoais com a partícula *se*. Esses recursos linguísticos têm em comum a capacidade de desfocalizar a referência dêitica de pessoa, centralizando-se no evento em si, como se pode constatar nos exemplos (257) e (258), que foram retirados do trabalho de Orozco (2019):

(257) este pues <~pus> como todo niño/ ¿no? **tú quieres jugar** tú no sabes de quehacer/ esto/ no sabes de nada/ o sea llegaban y me encontraban en la calle jugando con los niños/ o en casa de la vecina/ y ya sabes que era tunda segura/ ¿no? / porque “pues <~pus> a ti te dejo en la casa/ y tienes quehaceres y...” / o sea/ así fue mi vida (Entrevista 57, CSCM) (OROZCO, 2019, p. 283).

[Assim pois, como toda criança, não? Você quer jogar, você não se interessa pelos afazeres, isso, não sabe de nada. Ou seja, eles chegavam e me encontravam na rua brincando com as outras crianças, ou na casa da vizinha e você já sabe que era um local seguro, não? Porque, pois te deixavam em casa e você não tinha afazeres e... ou seja, assim foi minha vida]

(258) mm/ cómo no/ se está fomentando mucho el turismo interno en Polonia/ parecidas a <Copane>/ son las montañas/ con nieve/ es increíble **puedes <~puedes> estar** en camisa// al lado de un lago en las montañas con nieve (Entrevista 13, La norma culta) (OROZCO, 2019, p. 287).

[Como não, o turismo interno está sendo muito promovido na Polônia, é semelhante a <Copane>, são as montanhas, com neve, é incrível você pode estar com a sua camisa, próximo a um lago nas montanhas com neve]

Conforme Orozco (2019), o emprego da forma genérica do *tú* nas ocorrências (257) e (258) remetem, respectivamente, ao desejo de brincar (modalidade volitiva) e à capacidade de poder vestir uma camisa em uma montanha com neve e próximo a um lago (modalidade facultativa). Em ambos os casos, o foco da qualificação modal não está voltada para o sujeito destinatário da mensagem, ainda que este possa estar incluso, mas para o evento em si. Nessas ocorrências, o foco da qualificação modal está voltado para o Evento (modalidade operando na camada do Estado-de-Coisas) e não para o Participante (modalidade operando na camada da Propriedade Configuracional).

Na camada do Episódio, a modalidade deôntica está relacionada a uma avaliação subjetiva do falante sobre um dado evento localizado em um momento anterior ao da enunciação [+preteridade], mas possível de ser realizado [+realizável]. Nessa camada, especifica-se que o falante poderia apenas qualificar a modalidade deôntica sobre outros sujeitos que não a sua pessoa (segunda e terceira pessoas do singular/plural), haja vista que, como citado anteriormente, a qualificação sobre a sua pessoa (primeira pessoa do singular) teria uma leitura volitiva e não deôntica, em virtude da impossibilidade de reatualização do evento [-realizável] e da não controlabilidade do evento [-controle] por parte do falante que faz a apreciação subjetiva. Em circunstâncias em que o falante possa reatualizar o evento [+realizável], pois ele detém o controle [+controle] desse evento, favorece à atuação da modalidade deôntica na camada da Propriedade Configuracional. Os exemplos (259) e (260), que foram retiradas da Internet, ilustram isso:³²⁷

(259) Francisco, no me hagas reír. A estas alturas de tu vida ya **deberías** haber aprendido que los humanos no tienen remedio, por muy Papa que seas. Sin la autoridad inapelable de un poder absoluto, que sujete y contenga los deseos y las ambiciones de dominio y riqueza de los hombres, no sería posible la convivencia en sociedad y menos entre los pueblos del mundo.³²⁸

[Francisco, não me faça rir. Agora em sua vida você deveria ter aprendido que os humanos não têm esperança, não importa o quanto você seja papa. Sem a autoridade inapelável de um poder absoluto, que detém e contém os desejos e as ambições de dominação e riqueza dos homens, não seria possível coexistir em sociedade e muito menos entre os povos do mundo]

(260) Los antiliberales que saludaron las críticas del Papa Francisco al liberalismo en su entrevista en El País **deberían** haber leído con cuidado sus declaraciones, igual que los liberales deberían haber leído mejor a Juan Pablo II, como apunté en un artículo anterior en Actuell. Francisco rechazó explícitamente el marxismo a propósito de la llamada teología de la liberación, y saludó a los mercaderes: “El intermediario es el que tiene por ejemplo una oficina de compra y venta de inmuebles, busca quién quiere vender una casa y quién quiere comprar una casa, se ponen de acuerdo, cobra la comisión, hizo un buen servicio, pero gana siempre algo, y tiene derecho porque es su trabajo”.³²⁹

[Os antiliberais que acolheram as críticas do Papa Francisco ao liberalismo em sua entrevista no El País deveriam ter lido suas declarações com atenção, assim como os liberais deveriam ter lido melhor João Paulo II, como indiquei em um artigo anterior da Actuell. Francisco rejeitou explicitamente o marxismo quanto à chamada teologia da libertação e saudou os mercadores: “O intermediário é aquele que tem, por exemplo, um escritório de compra e venda de um imóvel,

³²⁷ Devido à inexistência de casos de modalidade deôntica operando na camada do Episódio nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a estes exemplos retirados da Internet como forma de explicitar a atuação da modalidade deôntica nesta camada.

³²⁸ Exemplo retirado da Internet. Entrevista fictícia entre o filósofo Thomas Hobbes e o Papa Francisco. Disponível em: <<https://www.hechosdehoy.com/dilogo-entre-el-papa-francisco-y-el-filosofo-thomas-hobbes-29887.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

³²⁹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://www.elojodigital.com/contenido/16064-el-papa-francisco-contra-marxistas-nazis-y-liberales>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

procurando quem quer vender uma casa e quem quer comprar uma casa, eles combinam, ele cobra comissão, faz um bom serviço, mas sempre ganha alguma coisa, e ele tem direito a isso porque é o trabalho dele”]

Em (259), a modalidade deôntica remete à uma avaliação subjetiva do falante (Thomas Hobbes) sobre o alvo volicional (*Papa Francisco* – sujeito sobre quem recai a apreciação subjetiva do falante sobre a obrigação de realização do evento), em relação à necessidade do Papa Francisco de aprender que os humanos não têm remédio, ainda que deva atuar como se eles tivessem (acreditando no poder divino que pode mudar o comportamento das pessoas). Ao fazer a sua avaliação subjetiva, o falante (Thomas Hobbes) emprega a segunda pessoa do singular (*deberías*) para instaurar a necessidade deôntica (*obligación*) sobre o alvo volicional (*Papa Francisco*), em que este detém controle [+controle] sobre o evento avaliado pelo falante.

Em (260), o falante faz uma apreciação subjetiva sobre um evento localizado em um momento anterior da enunciação (ler com cuidado as declarações do Papa Francisco), cuja apreciação modal recai sobre o sujeito sintático expresso pelo modal (*los antiliberales*), expresso por meio da terceira pessoa do plural (*deberían*). Sobre o alvo volicional (*los antiliberales*) recai a avaliação subjetiva do falante sobre a necessidade de ler com mais cuidado as declarações do Papa Francisco sobre o liberalismo. Pondera-se que a leitura deôntica seja favorecida pela possibilidade do alvo volicional reatualizar o evento [+realizável], haja vista que este poderia reler as declarações do Papa Francisco sobre o tema do liberalismo.

No tocante à modalidade volitiva, ela está relacionada, na camada do Episódio, a uma apreciação subjetiva do falante acerca de um evento também localizado em um momento anterior ao da enunciação [+preteridade], mas impossível de ser reatualizado [-realizável]. Nessa camada, constata-se que o falante poderia qualificar a modalidade volitiva tanto sobre a sua pessoa (primeira pessoa do singular/plural) quanto sobre outros sujeitos (segunda e terceira pessoas do singular/plural). Os exemplos de (261) a (263), que foram retirados da Internet, ilustram isso:³³⁰

(261) “Aquella situación era definitivamente abusiva, sin ninguna duda”, ha contado al Washington Post Pam Bond, de 63 años, quien dio a luz en 1986 al hijo de un cura franciscano al que había acudido para apoyo y para intentar rescatar a su matrimonio. “Yo asumo la responsabilidad para mis propios errores”, reconoce Bond, quien actualmente reside en la ciudad de San Luis y admite que “yo **debería** haber sido lo suficientemente fuerte como para no ponerme en aquella situación”.

³³⁰ Devido à existência de poucos casos de modalidade volitiva operando na camada do Episódio nas homílias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a exemplos retirados da Internet como forma de ampliar a atuação da modalidade volitiva na camada do Episódio.

Bond, sin embargo, considera ahora que la relación de cinco años que mantuvo con el cura no fue consensual debido al diferencial de poder entre ellos.³³¹

[“Aquela situação foi definitivamente abusiva, sem dúvida”, disse Pam Bond, de 63 anos, ao Washington Post, que deu à luz, em 1986, ao filho de um padre franciscano a quem ela havia recorrido para obter apoio e tentar resgatar seu casamento. “Eu assumo a responsabilidade pelos meus próprios erros”, admite Bond, que atualmente reside na cidade de San Luis e admite que “deveria ter sido forte o suficiente para não me colocar naquela situação”. Bond, porém, agora considera que a relação de cinco anos que teve com o padre não foi consensual devido ao diferencial de poder entre eles]

(262) Y si solo hubo un encuentro, ¿por qué usted piensa que el Papa quiere venir a verlo? Es la primera pregunta que **deberías** haber hecho (risas). “¿Por qué se ha fijado en mí? ¿Por qué en medio de tanta barahúnda se acordó de mí?”. Supongo porque vinieron unos 30 jóvenes jesuitas argentinos a ayudar al colegio y yo los atendí espiritualmente, puede ser que por ahí sea.³³²

[E se houve apenas um encontro, por que você acha que o Papa quer vir vê-lo? É a primeira pergunta que você deveria ter feito (risas). "Por que você me notou? Por que no meio de toda a confusão ele se lembrou de mim? Suponho que seja porque cerca de 30 jovens jesuítas argentinos vieram ajudar a escola e eu cuidei deles espiritualmente, pode ser que seja isso]

(263) El papa Francisco se disculpó este miércoles, antes de la tradicional oración del Ángelus, por haber "perdido la paciencia" la víspera cuando una fiel lo forzó a darle la mano y él le dio un golpe en el antebrazo [...] Los guardaespaldas **deberían** haber controlado a la mujer de inmediato. Reaccionaron tarde.³³³

[O Papa Francisco pediu desculpas nesta quarta-feira, antes da tradicional oração do Angelus, por ter "perdido a paciência", na véspera, quando um fiel o obrigou a apertar sua mão e ele bateu em seu antebraço [...] Os guarda-costas deveriam ter controlado a mulher imediatamente. Eles reagiram tarde]

De (261) a (263), a modalidade volitiva é instaurada por meio do operador modal *deber*, em que este é flexionado, respectivamente, na primeira pessoa do singular (*debería*), segunda pessoa do singular (*deberías*) e terceira pessoa do plural (*deberían*). Em (261), o falante faz uma avaliação subjetiva sobre um evento localizado em um momento anterior ao da enunciação (ter se relacionado com um sacerdote católico e ter tido um filho com ele), mas que o falante não desejaria que tivesse ocorrido, o que inviabiliza a reatualização do evento [-realizável], em razão da contrafactualidade [+contrafactual] do evento.

Em (262), o falante também faz uma avaliação subjetiva sobre um evento localizado em um momento anterior ao de fala (o início da entrevista), no qual ele deseja que o seu entrevistador (ouvinte com quem dialoga diretamente) tivesse feito aquela pergunta no início

³³¹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.cristianosgays.com/tags/celibato/>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

³³² Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://marielatv.com/entrevista-al-padre-paquito-uno-de-los-protagonistas-de-la-visita-del-papa-francisco/>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

³³³ Exemplo retirado da Internet. Notícia sobre a atitude do Papa Francisco em relação a uma senhora que puxou o seu braço. Disponível em: <<https://www.subrayado.com.uy/el-papa-se-disculpa-haber-perdido-la-paciencia-fiel-demasiado-insistente-n585333>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

da entrevista, o que impossibilita a realização do evento [-realizável], haja vista que a entrevista já havia começado e haviam sido feitas várias perguntas [+contrafactual].

Em (263), o falante faz uma apreciação pessoal sobre um evento anterior ao momento de fala (uma mulher puxou o braço do Papa, fazendo com que Sua Santidade perdesse a paciência), em que a volição recai sobre os guarda-costas que cuidavam da segurança do Papa Francisco, que deveriam ter controlado a mulher de imediato. A volição expressa remete à impossibilidade de reatualização do evento [-realizável], devido à contrafactualidade do Episódio [+contrafactual].

Em relação ao operador modal *querer*, a modalidade volitiva atua na camada do Episódio quando é instaurada por meio de marcas de primeira pessoa singular/plural, pois expressam o desejo pessoal, subjetivo e avaliativo do falante acerca de um evento anterior ao momento da enunciação [+preteridade] e do qual ele não pudesse mais realizá-lo [-realizável], como se pode averiguar nos exemplos (264) e (265), que foram retirados da Internet:³³⁴

(264) **Quisiera** haber puesto un título más esperanzado y gozoso, pero no he sido capaz. He hablado de la Laudato sí en muchos lugares, casi siempre con gozo por el evangelio de la tierra hecha campo de gozo y esperanza para todos. Pero este año del quinquenio, año del Coronavirus, en un momento que parece ya de desescalada, me viene a la mente una dura palabra de Francisco diciendo cuando dice (GS 57) que, con motivo de la gran "lucha (anti-)ecológica por el dominio de la naturaleza al servicio del egoísmo de los (algunos hombres), puede esconderse un riesgo de guerras, camufladas (disfrazadas) con nobles reivindicaciones.³³⁵

[Eu quisera ter dado um título mais esperançoso e alegre, mas não fui capaz. Já falei de *Laudato si* em muitos lugares, quase sempre com alegria porque o evangelho da terra fez campo de alegria e esperança para todos. Mas, neste ano do quinquênio, o ano do Coronavírus, em um momento que já parece desacelerado, uma palavra dura de Francisco vem à mente quando diz (GS 57) que, por ocasião da grande “luta (anti) ecológica devido ao domínio da natureza a serviço do egoísmo de (alguns homens), o risco de guerras pode ser escondido, camuflado (disfarçado) com nobres exigências]

(265) **Queríamos** haber comido en el Mercado de San Miguel, picando delicatessen, pero siendo sábado a las dos de la tarde, como era de prever, estaba completamente abarrotado, por lo que nops dirigimos a un cercano lugar que Alberto G. Font nos propuso y que fue todo un acierto. El contexto era el encuentro coctelero que un grupo de amigos aficionados a los cócteles celebramos recientemente en Madrid y del que daré cuenta en breve en esta página. El hallazgo de este curioso, humilde y pequeño local fue sorprendentemente estimulante para todos. Es una auténtica

³³⁴ Devido à existência de poucos casos de modalidade volitiva operando na camada do Episódio nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a exemplos retirados da Internet como forma de ampliar a atuação da modalidade volitiva na camada do Episódio.

³³⁵ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://www.religiondigital.org/el_blog_de_x-pikaza/LAUDATO-CRITICA-RAZON-ECOLOGICA_7_2233046691.html>. Acesso em: 27 nov. 2020.

taquería mexicana que apenas llega al año de vida, y le deseamos y auguramos muchos más.³³⁶

[Queríamos ter comido no Mercado de São Miguel, cortando *delicatessen*, mas sendo sábado às duas da tarde, como era de se esperar, estava completamente lotado, por isso, fomos a um lugar próximo que Alberto G. Font nos propôs e foi um sucesso. O contexto foi o coquetel que um grupo de amigos apaixonados por coquetéis realizou recentemente em Madrid e que relatarei em breve nesta página. A descoberta deste lugar curioso, humilde e pequeno foi surpreendentemente estimulante para todos. É uma autêntica taqueria mexicana que mal chega a um ano de vida, e desejamos e esperamos muito mais]

Em (264) e (265), a modalidade volitiva opera na camada do Episódio e é instaurada por meio do operador modal *querer*, em que o modalizador volitivo é flexionado, respectivamente, na primeira pessoa do singular (*quisiera*) e do plural (*queríamos*). Em (264), o Falante (Papa Francisco) expressa o desejo pessoal de haver colocado um título esperançoso e que transmitisse alegria para a sua Exortação Apostólica (*Laudato si*). O desejo expresso remete à impossibilidade de reatualização desse evento [-realizável], haja vista que a referida Exortação Apostólica já havia sido publicada [+contrafactual]. Em (265), o falante também expressa um desejo pessoal de haver comido no Mercado São Miguel, no sábado, às duas da tarde (operador de tempo absoluto); entretanto, não foi possível a sua realização [-realizável], haja vista que o falante (e as demais pessoas que estavam com ele) decidiu ir comer em um outro local (que foi indicado pelo amigo dele, Alberto G. Font).

Na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva se refere à apreciação subjetiva do falante, marcada por meio da primeira pessoa do singular/plural, sobre uma proposição relativa a um mundo fictício (*não factual*), em relação a um evento que pode ser apenas localizado na mente do falante e verdadeiro com base em suas crenças e opiniões subjetivas, como se pode atestar nos exemplos (266) e (267), que foram retirados da Internet.³³⁷

(266) Ante unas 250,000 personas que llenaron en una mañana soleada, aunque con algunas nubes, la plaza de San Pedro del Vaticano y las calles anexas, el papa Francisco expresó su satisfacción por haber comenzado su pontificado con la Semana Santa "y poder anunciaros: ¡Cristo ha resucitado!". "**Quisiera** que llegara sobre todo al corazón de cada uno, porque es allí donde Dios quiere sembrar esta buena nueva: Jesús ha resucitado, hay esperanza para ti, ya no estás bajo el dominio del pecado, del mal. Ha vencido el amor, ha triunfado la misericordia", afirmó.³³⁸

³³⁶ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.periodistadigital.com/elbuenvivir/20100513/taqueria-mi-ciudad-689403095915/>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

³³⁷ Devido à existência de poucos casos de modalidade volitiva operando na camada do Conteúdo Proposicional nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a exemplos retirados da Internet como forma de ampliar a atuação da modalidade volitiva na camada do Conteúdo Proposicional.

³³⁸ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.chicagotribune.com/hoy/ct-hoy-8336813-el-papa-dice-que-el-egoismo-amenaza-vida-y-familia-story.html>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

[Diante de cerca de 250.000 pessoas que lotaram a Praça de São Pedro no Vaticano e as ruas circundantes em uma manhã ensolarada, embora com algumas nuvens, o Papa Francisco expressou sua satisfação por ter iniciado seu pontificado com a Semana Santa" e por poder anunciar-vos: "Cristo ressuscitou!". "«Quisera que chegasse ao coração de cada um sobretudo, porque é aí que Deus quer semear esta boa nova: Jesus ressuscitou, há esperança para ti, já não estás sob o domínio do pecado, do mal. O amor venceu, venceu a misericórdia, triunfou”, afirmou]

(267) En San Salvador, la iglesia católica ha preparado una serie de actividades para celebrar la canonización. Este domingo, el arzobispo de San Salvador también aseguró que aprovechará su visita a Roma para "reiterar" la invitación al papa Francisco para que, en enero próximo, en el marco de su viaje a la Jornada Mundial de la Juventud (JMJ) en Panamá, pueda hacer una escala en San Salvador y visitar la tumba de monseñor Romero. "Nosotros **quisiéramos** que se diera la visita de su santidad, pero tengo que ser honesto con todos, por hoy no sabemos nada, no se nos ha confirmado nada, no hay nada oficial, pero vamos a insistir", remarcó Escobar.³³⁹

[Em San Salvador, a Igreja Católica preparou uma série de atividades para celebrar a canonização. Este domingo, o Arcebispo de San Salvador assegurou também que aproveitará a sua visita a Roma para "reiterar" o convite ao Papa Francisco para que, no próximo mês de janeiro, no âmbito da sua viagem à Jornada Mundial da Juventude (JMJ) no Panamá, você pode fazer uma escala em San Salvador e visitar o túmulo de Monsenhor Romero. "Nós quiséramos que sua Santidade nos visitasse, mas tenho que ser honesto com todos, pois hoje não sabemos de nada, nada foi confirmado, não há nada de oficial, mas vamos insistir", disse Escobar]

Em (266) e (267), a modalidade volitiva opera na camada do Conteúdo Proposicional, em que o modalizador volitivo *querer* é empregado como uma partícula de apreciação subjetiva sobre uma proposição, relativa a um evento que pode ser apenas localizado na mente do falante e realizável desde o ponto de vista não factual [-factual]. Em (266), o Falante (Papa Francisco) manifesta o desejo pessoal, evidenciado pela marca de primeira pessoa do singular (*quisiera*), de que chegasse ao coração de todos a boa nova de que Jesus Cristo ressuscitou, cujo evento volicionado é apreciado por ele com base em suas crenças e desejos pessoais (a propagação e expansão da fé católica). Em (267), o falante (o arcebispo de San Salvador) expressa o desejo pessoal, ao falar em nome de toda a comunidade católica do Panamá, o que explica o emprego da primeira pessoa do plural (*queríamos*), de que o Santo Padre fizesse uma visita apostólica ao seu país, cujo evento volicionado é avaliado também e apreciado com base em seus desejos pessoais e opiniões subjetivas sobre a possibilidade de concretização do evento contido na proposição.

Em resumo, o Quadro 19 traz os principais aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na manifestação da *Volitividade*, especificamente no

³³⁹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.france24.com/es/20181007-7000-salvadorenos-peregrinan-al-vaticano-canonizacion-de-monsenor-romero>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

que diz respeito ao tipo de pessoa gramatical empregada para codificar o *elemento do desejo* no enunciado modalizado:

Quadro 19: Os principais aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito ao tipo de pessoa gramatical do modal

Camada do Nível Representacional	O tipo de pessoa gramatical do modal na expressão da Volitividade nas modalidades deôntica e volitiva
Propriedade Configuracional (f)	Convergência: os operadores modais deônticos e volitivos podem ser flexionados na primeira, segunda e terceira pessoas do singular/plural.
Estado-de-Coisas (e)	Convergência: os operadores modais deônticos e volitivos podem ser flexionados na terceira pessoa do singular/plural.
Episódio (ep)	Convergência: os operadores modais deônticos e volitivos podem ser flexionados na segunda e terceira pessoas do singular/plural.
	Divergência: os operadores modais volitivos são os únicos que podem ser flexionados na primeira pessoa do singular.
Conteúdo Proposicional (p)	A modalidade deôntica não opera nesta camada. A modalidade volitiva é instaurada por meio de operadores modais flexionados na primeira pessoa do singular/plural.

Fonte: Elaborado pelo autor

Para além do tipo de Expressão Linguística e do tipo de pessoa gramatical do modal, pretendeu-se examinar também acerca da *marcação morfossintática de tempo verbal do modal*, em razão de se averiguar como as modalidades deôntica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, codificam, morfossintaticamente, o tempo verbal, o que, por seu lado, pode estar relacionado com o aspecto *realis* ou *irrealis* do evento sobre o qual incidem os valores modais deônticos e volitivos. Dessa forma, o objetivo se volta para a verificação de qual domínio semântico (deôntico ou volitivo) está mais relacionado ao tipo de tempo verbal, a saber: (i) *presente*; (ii) *pretérito perfecto simple*; (iii) *pretérito perfecto compuesto*; (iv) *pretérito imperfecto*; (v) *pretérito pluscuamperfecto*; (vi) *pretérito anterior*; (vii) *futuro simple*; (viii) *futuro compuesto*; (ix) *condicional simple*; e (x) *condicional compuesto*.

Ao ser feita a inter-relação entre o domínio semântico (modalidades deôntica e volitiva) e o tipo de marcação morfossintática de tempo verbal, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,72 ($p > 0,05$), constata-se que não há um condicionamento entre o tipo de avaliação que se faz do enunciado modalizado e o tipo de tempo verbal do modal. Acredita-se que esse não condicionamento se deva ao fato de as modalidades deôntica e volitiva poderem ser instauradas por diferentes tempos verbais nas camadas que compõem o Nível Representacional. Ainda que, majoritariamente, o presente seja o tempo verbal mais recorrente na instauração de ambos os conteúdos modais, especificamente em camadas mais baixas (Propriedade Configuracional e Estado-de-Coisas), as modalidades deôntica e volitiva se diferenciam, designadamente, em camadas mais altas (Episódio) e pelo fato de a modalidade volitiva operar na camada mais alta do Nível Representacional (Conteúdo Proposicional).

Pondera-se também que o fato de a *futuridade* poder ser codificada, morfossintaticamente, tanto pelo presente quanto pelo futuro, possa influenciar nesse não condicionamento. De acordo com Oliveira (2015, 2017, 2019a, 2019b, 2020a, 2020b, 2020c, 2021), o presente aproxima os valores modais deônticos e volitivos do aspecto *realis*, enquanto o evento, que está sob a qualificação modal deôntica e volitiva, está situado no aspecto *irrealis*. Nesse sentido, os conteúdos modais deônticos e volitivos instaurados, nesse tempo verbal, localizam o valor modal para o momento da enunciação, ainda que o evento entendido como obrigatório ou desejável esteja alocado em um momento posterior (prospecção futura). Por isso, há uma estreita relação entre as modalidades deôntica e volitiva e a noção de futuridade. No entanto, é plenamente possível que as modalidades deôntica e volitiva possam ser instauradas sob a ótica da avaliação subjetiva do falante, em que ele faz uma apreciação sobre algum evento anterior ao momento de fala [+preteridade], e sobre o qual, no momento da enunciação, ele expressa a obrigatoriedade de sua atualização [+realizável] ou a desejabilidade de que ele pudesse ser atualizado, ainda que não possa sê-lo [-realizável].

De acordo com Bittencourt (2014), as modalidades que guardam relação com a *futuridade* são aquelas ditas modalidades *não-factuais* e que expressem valores semânticos de obrigação, volição e intenção. Desse modo, tomando por base a tipologia de modalidades de Hengeveld (2004), apenas as modalidades deôntica e volitiva seriam modalidades *não-factuais*. Em Lyons (1977), Palmer (1986) e Pessoa (2011), constata-se que a modalidade deôntica está relacionada aos valores modais de obrigação, permissão e proibição; e, em Oliveira (2017), averigua-se que a modalidade volitiva se relaciona com os valores modais de desideração, opção, intenção e exortação. Nesse sentido, pondera-se que as modalidades deônticas e

volitivas, com base em Oliveira (2019a, 2019b, 2019c), guardam certa relação com a noção de *futuridade*, tendo em vista que os valores modais deônticos e volitivos incidem sobre eventos que se localizam em um momento posterior ao da enunciação (prospecção futura).

Averigua-se, por meio da Tabela 17, que a *Volitividade* é expressa, majoritariamente, no *presente* (142 ocorrências, que totalizam 90,4%):

Tabela 17: A inter-relação entre o domínio semântico e a codificação morfossintática de tempo verbal do modal

A codificação morfossintática de tempo verbal do modal	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Presente	58 (36,9%)	84 (53,5%)	142 (90,4%)
Pretérito perfecto compuesto	00 (0,0%)	06 (3,8%)	06 (3,8%)
Pretérito imperfecto	00 (0,0%)	06 (3,8%)	06 (3,8%)
Pretérito perfecto simple	00 (0,0%)	01 (0,6%)	01 (0,6%)
Condiciona simple	01 (0,6%)	01 (0,6%)	02 (1,3%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Na camada da Propriedade Configuracional, a modalidade deôntica diz respeito à obrigação, à permissão ou à proibição que recai sobre o participante de realizar o evento descrito pelo predicado; enquanto a modalidade volitiva se refere à intenção, à disposição ou à pretensão de concretizar o evento descrito pelo predicado. Assim sendo, nessa camada, as modalidades deôntica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, são instauradas no *presente*, como se pode constatar nas ocorrências de (268) a (273):³⁴⁰

(268) Jesús no se queda en un cumplimento aparentemente «correcto», Él lleva la ley a su plenitud y por eso **quiere** ponernos en esa dirección, en ese estilo de seguimiento que supone ir a lo esencial, renovarse, involucrarse (H23).

[Jesus não fica num cumprimento aparentemente “correto”, leva a lei à sua plenitude e é por isso que nos quer colocar nessa direção, naquele estilo de seguir que passa pelo essencial, renovar, envolver]

(269) Y saben una cosa, que a muchos jóvenes esto les gusta. Por favor, ayudémosle a que no les guste, a que se rebelen, a que **quieran** vivir el ahora de Dios (H30).

³⁴⁰ Devido à pouca recorrência de casos de permissão e obrigação por meio dos modais deônticos *poder* e *deber* nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus*, recorremos a alguns exemplos retirados da Internet como forma de explicitar mais casos de modalidade deôntica instaurada no presente do indicativo.

[E você sabe de uma coisa, que muitos jovens gostam disso. Por favor, vamos ajudá-los a não gostar, a se rebelar, a querer viver o *agora* de Deus]

(270) Aun cuando la existencia de alguien haya sido un desastre, aun cuando lo veamos destruido por los vicios o las adicciones, Dios está en su vida. Si nos dejamos guiar por el Espíritu más que por nuestros razonamientos, podemos y **debemos** buscar al Señor en toda vida humana. Esto es parte del misterio que las mentalidades gnósticas terminan rechazando, porque no lo pueden controlar.³⁴¹

[Mesmo quando a existência de alguém foi um desastre, mesmo quando o vemos destruído por vícios ou vícios, Deus está em sua vida. Se nos permitirmos ser guiados pelo Espírito e não pelo nosso raciocínio, podemos e devemos buscar o Senhor em toda a vida humana. Isso faz parte do mistério que as mentalidades gnósticas acabam rejeitando, porque não conseguem controlá-lo]

(271) Cuando hay circunstancias que nos abruman, siempre **podemos** recurrir al ancla de la súplica, que nos lleva a quedar de nuevo en las manos de Dios y junto a la fuente de la paz: «Nada os preocupe; sino que, en toda ocasión, en la oración y en la súplica, con acción de gracias, vuestras peticiones sean presentadas a Dios. Y la paz de Dios, que supera todo juicio, custodiará vuestros corazones» (Flp 4,6-7).³⁴²

[Quando há circunstâncias que nos oprimem, podemos sempre recorrer à âncora da súplica, que nos leva a permanecer novamente nas mãos de Deus e junto à fonte da paz: «Não te preocupes; mas, em todas as ocasiões, em oração e súplica, com ação de graças, suas petições sejam apresentadas a Deus. E a paz de Deus, que excede todo o juízo, guardará os vossos corações» (Fl 4,6-7)]

(272) No **podemos** ser cristianos que alcen continuamente el estandarte de «prohibido el paso», ni considerar que esta parcela es mía, adueñándome de algo que no es absolutamente mío (H23).

[Não podemos ser cristãos que continuamente levantam a bandeira da "não invasão", ou consideram esta trama como minha, apoderando-se de algo que não é absolutamente meu]

(273) Por esto, las comunidades cristianas no **deben** dejar solos a los padres divorciados en nueva unión. Al contrario, deben incluirlos y acompañarlos en su función educativa.³⁴³

[Por isso, as comunidades cristãs não devem deixar os pais divorciados sozinhos em uma nova união. Ao contrário, devem inclui-los e acompanhá-los em seu papel educativo]

Em (268) e (269), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, em que o modalizador volitivo *querer* é flexionado no presente, respectivamente do indicativo e do subjuntivo. Em (268), o Falante (Papa Francisco) reporta o desejo do participante expresso pelo predicado (*Jesús*) de realizar o evento volicionado, no caso, a necessidade volitiva (*intención*) de colocar a todos aqueles que o seguem na direção

³⁴¹ Exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* do Papa Francisco em língua espanhola. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html>. Acesso em: 28 nov. 2020.

³⁴² Exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* do Papa Francisco em língua espanhola. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html>. Acesso em: 28 nov. 2020.

³⁴³ Exemplo retirado da Internet. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* do Papa Francisco em língua espanhola. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia_sp.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2020.

correta da lei divina (Jesus Cristo é a personificação da lei divina para os cristãos). Em (269), o Falante (Papa Francisco) reporta a possibilidade volitiva (*opção*) de que o participante descrito pelo predicado (*los jóvenes*) venha a concretizar o evento desejado, em questão, o desejo de querer viver o *agora* de Deus (Sua vontade divina). Com base nas ocorrências (268) e (269), pondera-se que o presente do indicativo e o presente do subjuntivo deslocam, respectivamente, a modalidade volitiva instaurada para o aspecto *realis* e o *irrealis*, em virtude de a necessidade volitiva (*intenção*) revestir o valor modal volitivo de um caráter mais assertivo (presente do indicativo), ou seja, o participante descrito pelo predicado pretende levar a cabo o evento desejado. Por sua vez, a possibilidade volitiva (*opção*) reveste o valor modal volitivo de um caráter mais dubitativo, haja vista que o falante não poderia assegurar que o participante designado pelo predicado poderia ou não desejar a realização do evento.

Em (270) e (271), a modalidade deôntica opera na camada da Propriedade Configuracional, em que os modalizadores deônticos *deber* e *poder* são flexionados no presente do indicativo (*debemos* e *podemos*). Em (270), o Falante (Papa Francisco) reporta a necessidade deôntica (*obrigação*) que recai sobre o participante designado pelo predicado (*nosotros – todos os cristãos católicos*) de buscar ao Senhor em toda vida humana. Em (271), o Falante (Papa Francisco) reporta a possibilidade deôntica (*permissão*) que recai sobre o participante descrito pelo predicado (*nosotros – todos os cristãos católicos*) de recorrer a Deus, suplicando-lhe que os leve em suas mãos, para que obtenham a paz necessária. Baseando-se em (270) e (271), verifica-se que tanto a necessidade deôntica (*obrigação*) quanto a possibilidade deôntica (*permissão*) deslocam a modalidade deôntica para o aspecto *realis*, haja vista que o valor modal deôntico instaurado trata-se de uma regra de conduta católica já prescrita moralmente (a partir da moral católica), e da qual todos os cristãos católicos podem e devem cumpri-las. Em outras palavras, há uma maior certeza [+certeza] de que as regras e normas de conduta prescritas e reguladas venham a ser cumpridas.

Pondera-se também que a negação de necessidade e possibilidade deônticas (*proibição*) desloca a modalidade deôntica para o aspecto *realis* na camada da Propriedade Configuracional, haja vista que as proibições reportadas pelo Falante (Papa Francisco) são instauradas a partir do que é prescrito e regulado pela fé e moral católica, isto é, há uma maior certeza [+certeza] de que as proibições serão cumpridas. Em (272), o Falante reporta a proibição (negação de obrigação) que recai sobre o participante descrito pelo predicado (*nosotros – todos os cristãos católicos*) de ser um cristão que exclua aos demais, tomando para si uma parcela dos cristãos como sua propriedade (ditando quem pode ou não seguir a Jesus Cristo). Em (273), o

Falante reporta a proibição (negação de permissão) que recai sobre o participante expresso pelo predicado (*las comunidades cristianas*) de que deixe sozinho e sem o auxílio pastoral necessário os casais de segunda união (pessoas que já foram casadas no matrimônio e convivem com outro cônjuge, mas sem que o seu casamento anterior tenha sido considerado nulo para o Tribunal da Igreja Católica), buscando incluí-los e acompanhá-los em sua função educativa.

Para além do *presente*, a modalidade deôntica, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), na camada da Propriedade Configuracional, pode ser codificada, morfossintaticamente, no *condicional simple* (futuro do pretérito em português), como na ocorrência (274):

(274) La oración hace emerger aquello que vamos viviendo o **deberíamos** vivir en la vida cotidiana, al menos la oración que no quiere ser alienante o solo preciosista (H19).

[A oração traz à tona o que vivemos ou deveríamos viver no dia a dia, pelo menos, a oração que não quer ser alienante ou apenas preciosa]

Em (274), a modalidade deôntica é instaurada por meio do operador modal deôntico *deber*, flexionado no condicional simple (*deberíamos*), em que o Falante (Papa Francisco) instaura a obrigação que recai sobre o participante descrito pelo predicado (*nosotros* – todos os cristãos católicos) de viver a oração na vida cotidiana, mas uma oração fruto do espírito e não de uma coisa alienante ou fruto das necessidades individuais dos fiéis.

No entanto, considerando trabalhos posteriores ao da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008), verifica-se que em Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), Durigon (2015) e Olbertz (2017), os casos em que a modalidade deôntica é instaurada no *condicional simple* do espanhol, este subtipo modal atuaria na camada do Episódio e não na camada da Propriedade Configuracional. Segundo as autoras, é evidente que há uma avaliação subjetiva do falante acerca da necessidade deôntica (*obrigação*) instaurada.

De acordo com Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas, a modalidade deôntica diz respeito ao estatuto objetivo de realização de um evento, haja vista que não há a avaliação subjetiva do falante sobre a necessidade ou possibilidade de concretização desse evento. Por sua vez, na camada do Episódio, a modalidade deôntica diz respeito a uma avaliação subjetiva do falante acerca da necessidade ou possibilidade de realização de um evento. Assim sendo, com base no *Princípio de Escopo* e a *noção de tempo* (presente, pretérito, futuro e condicional – para a língua espanhola), as autoras defendem que a modalidade deôntica subjetiva opera na camada do

Episódio sob o escopo de um tempo absoluto, enquanto a modalidade deôntica objetiva opera na camada do Estado-de-Coisas sob o escopo de um tempo relativo.

Para Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), a distinção entre modalidade deôntica objetiva e modalidade deôntica subjetiva depende crucialmente do *comprometimento* ou do *não comprometimento* do falante com a conveniência do evento que está sob o escopo da modalidade deôntica. Visto sob essa perspectiva, todos os casos em que o falante se abstém de estabelecer uma distância entre seu próprio ponto de vista e a norma referida será interpretado como deôntico subjetivo. Os exemplos (275) e (276), que foram retiradas de Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), explicitam essa distinção:

(275) A. No no no, mi casa está a mi servicio no yo al servicio de la casa. B. Como **debe** ser (OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013, p. 288).

[A. Não, não, não, minha casa está ao meu serviço, não eu ao serviço da casa. B. Como deve ser]

(276) Esa gente joven no es consciente o no quiere ser consciente de que... **deberían** de decir “No señor nosotros no trabajamos en estas condiciones” (OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013, p. 290).

[Estes jovens não sabem ou não querem saber que ... deveriam dizer: "Não senhor, não trabalhamos nestas condições"]

Segundo Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), a modalidade deôntica, em (275), opera na camada do Estado-de-Coisas e é objetiva, haja vista que o falante não expressa seu comprometimento com a obrigatoriedade do evento que está sob o escopo do valor modal deôntico instaurado, restringindo-se a reportar uma necessidade deôntica (obrigação) já prescrita socialmente. Por sua vez, em (276), a modalidade deôntica opera na camada do Episódio e é subjetiva, a julgar pelo fato de o falante expressar seu comprometimento com o evento que está sob o escopo do valor modal deôntico instaurado, em que o falante manifesta a sua apreciação subjetiva acerca da necessidade deôntica (obrigação) que recai sobre o participante descrito pelo predicado (*Esa gente joven*). Conforme as autoras, essa distinção entre objetivação e subjetivação da modalidade deôntica também tem relação com a noção de tempo, cuja distinção é marcada por meio do *presente do indicativo* (modalidade deôntica objetiva – camada do Estado-de-Coisas) e *condicional simple* (modalidade deôntica subjetiva – camada do Episódio).

Em consonância com Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), Durigon (2015) também pondera que a codificação morfossintática de tempo verbal pode diferenciar a modalidade deôntica que opera na camada do Estado-de-Coisas (objetiva) da que opera na camada do

Episódio (subjativa), como nas ocorrências de (277) a (279), que foram retiradas de Durigon (2015):

(277) E.: ¿Tú qué opinas sobre el servicio militar? I.: Yo es cierto que **debería** de desmilitarizarse todo, yo soy pacifista (DURIGON, 2015, p. 135).

[E.: O que você acha do serviço militar? I.: É verdade que tudo deveria ser desmilitarizado, eu sou um pacifista]

(278) I.: Siempre dice la iglesia que lo que se da la mano izquierda no **debe** saberlo la derecha o al revés (DURIGON, 2015, p. 135).

[I.: A igreja sempre diz que o que é dado à mão esquerda não deve ser conhecido à direita ou vice-versa]

(279) I.: Bueno lo primero que **debo** preguntar en este caso es ¿cómo quiere cómo prefiere que la llame? (DURIGON, 2015, p. 136).

[I.: Bem, a primeira coisa que devo perguntar, neste caso, é: como você quer que eu chame você?]

Conforme Durigon (2015), a modalidade deôntica, em (277), é subjativa e opera na camada do Episódio, em que a qualificação modal deôntica diz respeito à avaliação subjativa do falante acerca da necessidade deôntica (obrigação) de realização do evento que ainda não ocorreu, mas que pode vir a ocorrer. Por sua vez, em (278), a modalidade deôntica é objetiva e opera na camada do Estado-de-Coisas, em que o falante prescreve uma norma de conduta já prescrita moralmente desde a ótica cristã do Evangelho (fazer obras de caridade de forma que apenas Deus saiba que a caridade está sendo feita). Em (279), a modalidade deôntica também é objetiva e opera na camada da Propriedade Configuracional, em que o falante, que é o participante descrito pelo predicado, prescreve sobre si mesmo uma regra de conduta já estabelecida socialmente, no que tange à forma de se fazer uma entrevista, solicitando, primeiramente, o nome pelo qual o entrevistado deseja ser apresentado.

Em Olbertz (2017), verifica-se também essa readequação do escopo de atuação da modalidade deôntica na camada do Episódio. De acordo com a autora, a modalidade deôntica objetiva diz respeito a eventos que podem ser realizados em um momento após o da enunciação (futuridade), enquanto a modalidade deôntica subjativa diz respeito a eventos anteriores (preteridade), especificamente nos casos em que o falante expressa a necessidade de que esses eventos tivessem ocorrido no passado e que o falante sabe que de fato não aconteceu (e_i) ou que aconteceu de forma contrária ($\sim e_i$). Segundo a autora, esse tipo de procedimento é característico da avaliação, ou seja, a análise de um evento passado com o conhecimento de suas consequências disponíveis no momento da enunciação.

Nas palavras de Olbertz (2017), a modalidade deôntica subjetiva, que opera na camada do Episódio, expressa a necessidade deôntica (obrigação), oriunda dos desejos e vontades do falante (*Volitividade*), de que algo aconteça, com base na opinião subjetiva do falante acerca de algum evento passado, como no exemplo (280), que foi retirado de Olbertz (2017):

(280) Se debería abolir la distinción de procedimientos para gastos obligatorios y no obligatorios, es decir que el Parlamento Europeo **debería** poder actuar como interlocutor en términos de igualdad para todo tipo de gastos (OLBERTZ, 2017, p. 15).

[A distinção entre os procedimentos aplicáveis às despesas obrigatórias e não obrigatórias deve ser suprimida, ou seja, o Parlamento Europeu deveria poder agir como interlocutor em igualdade de condições para todos os tipos de despesas]

De acordo com Olbertz (2017), a modalidade deôntica, em (280), opera na camada do Episódio, em que o falante faz uma avaliação subjetiva sobre a necessidade deôntica (obrigação) de que o Parlamento Europeu tenha o direito de poder agir de maneira específica. Assim sendo, o modalizador *deber*, flexionado no *condicional simple* do espanhol (*debería*), é codificado, morfossintaticamente, para expressar uma necessidade a partir da perspectiva do falante, em que este não teria a capacidade e nem o controle para mudar a situação que descreve.

Ponderando as considerações feitas por Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), Durigon (2015) e Olbertz (2017), acredita-se que o caso de modalidade deôntica, expressa na ocorrência (274), operaria na camada do Episódio e não na camada da Propriedade Configuracional. Como citado anteriormente e defendido nesta tese, na camada do Episódio, a modalidade deôntica diz respeito a uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento localizado em um momento anterior ao da enunciação [+preteridade], cuja reatualização desse evento é apreciada como sendo necessária (obrigação) e possível [+realizável].

Analisando a ocorrência (274): *La oración hace emerger aquello que vamos viviendo o deberíamos vivir en la vida cotidiana, al menos la oración que no quiere ser alienante o solo preciosista*; verifica-se que o Falante (Papa Francisco), com base em seus conhecimentos sobre o mundo da espiritualidade e a vivência da fé dos católicos, que estão sob a sua ação pastoral (informações estas predispostas no Componente Conceitual), faz com que ele avalie um evento anterior ao momento de fala, em que é sabido que a oração de alguns católicos parece não “brotar” da ação do espírito (informação esta obtida por meio do sacramento da confissão ou por meio de outros cardeais, bispos, sacerdotes, etc., em suas confissões com os fiéis); julgando, assim, necessário (obrigação) que a oração de todos os católicos (o que inclui também o Santo Padre, o que justifica o uso da primeira pessoa do plural, *deberíamos*) “brote” da ação do

espírito. O evento apreciado como necessário pelo Sumo Pontífice pode ser reatualizado [+realizável], contanto que todos os católicos entendam a necessidade de uma oração guiada pelo Espírito Santo.

Dessa forma, o Falante (Papa Francisco) recorre ao uso do *condicional simple* (*deberíamos*) do espanhol, codificando, morfossintaticamente, a modalidade deôntica para, na camada do Episódio, expressar: (i) a sua avaliação subjetiva sobre o evento que está sob o escopo da modalidade deôntica; (ii) a atenuação da força ilocucionária deôntica, fazendo com que a obrigação imposta seja lida como uma recomendação/conselho (o que pode ser entendido também como uma marca de polidez e cortesia); (iii) a não controlabilidade do evento [-controle], em virtude da sua incapacidade para mudar a situação que avalia, pois não depende, exclusivamente, da pessoa do falante contornar o evento que está sob o escopo da qualificação modal deôntica; e (iv) a aproximação da modalidade deôntica do aspecto *irrealis*, em razão de o evento avaliado poder vir a se concretizar ou não.

Pondera-se também que a *noção de tempo verbal* (OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013) e o *escopo da modalização* (STEFFLER, 2013), em que [+direto] incide diretamente sobre o predicado principal; e [-direto] não incide diretamente sobre o predicado principal; podem explicitar as noções de subjetividade e objetividade e a camada de atuação das modalidades deôntica e volitiva. Assim sendo, têm-se os seguintes casos, que são ilustrados pelas ocorrências de (281) a (290), que, por conveniência, remetem a outras ocorrências já abordadas anteriormente nesta análise:

O escopo da modalização é [+direto] e o tempo verbal empregado é o presente – as modalidades deôntica e volitiva operam na camada da Propriedade Configuracional (objetivação do conteúdo modal).

(281) Lo hemos celebrado hace poco: es el Emmanuel, el Dios que **quiere** estar siempre con nosotros (H28).³⁴⁴
[Recentemente celebramos: é o Emanuel, o Deus que quer estar sempre conosco]

(282) Un espacio que no se regala ni lo ganamos en la lotería, sino un espacio por el que también ustedes deben pelear. Ustedes jóvenes **deben** pelear por su espacio hoy, porque la vida es hoy, nadie te puede prometer un día del mañana (H30).³⁴⁵
[Um espaço que não é dado ou ganho na loteria, mas um espaço pelo qual você também deve lutar. Vocês, jovens, devem lutar pelo seu espaço hoje, porque a vida é hoje, ninguém pode prometer amanhã]

³⁴⁴ Remete à ocorrência (1).

³⁴⁵ Remete à ocorrência (2).

O escopo da modalização é [+direto] e o tempo verbal empregado é o presente – as modalidades deôntica e volitiva operam na camada do Estado-de-Coisas (objetivação do conteúdo modal).

- (283) Esto implica aceptar con sólida voluntad la posibilidad de afrontar algunas renunciaciones, momentos difíciles y situaciones conflictivas, y la decisión firme de prepararse para ello. Se **deben** detectar las señales de peligro que podría tener la relación, para encontrar antes del casamiento recursos que permitan afrontarlas con éxito.³⁴⁶

[Isso implica aceitar com força de vontade a possibilidade de enfrentar algumas demissões, momentos difíceis e situações de conflito, e a firme decisão de se preparar para isso. Deve-se detectar os sinais de perigo que o relacionamento poderia ter, a fim de encontrar recursos antes do casamento que lhes permitam enfrentá-los com sucesso]

- (284) Uno de los esfuerzos más necesarios es aprender a usar imágenes en la predicación, es decir, a hablar con imágenes. A veces se utilizan ejemplos para hacer más comprensible algo que se **quiere** explicar, pero esos ejemplos suelen apuntar sólo al entendimiento; las imágenes, en cambio, ayudan a valorar y aceptar el mensaje que se quiere transmitir.³⁴⁷

[Um dos esforços mais necessários é aprender a usar imagens na pregação, ou seja, falar com imagens. Às vezes, exemplos são usados para tornar algo que você deseja explicar mais compreensível, mas esses exemplos geralmente apontam apenas para o entendimento; as imagens, por outro lado, ajudam a valorizar e aceitar a mensagem a ser transmitida]

O escopo da modalização é [+direto] e o tempo verbal empregado é o condicional simple ou o pretérito perfecto simple – as modalidades deôntica e volitiva operam na camada do Episódio (subjetivação do conteúdo modal).

- (285) La oración hace emerger aquello que vamos viviendo o **deberíamos** vivir en la vida cotidiana, al menos la oración que no quiere ser alienante o solo preciosista (H19).³⁴⁸

[A oração traz à tona o que vivemos ou deveríamos viver no dia a dia, pelo menos, a oração que não quer ser alienante ou apenas preciosa]

- (286) Así como ellos enfrentaron la tempestad sobre el mar, a ustedes les tocó enfrentar el duro golpe del «Niño costero», cuyas consecuencias dolorosas todavía están presentes en tantas familias, especialmente aquellas que todavía no pudieron reconstruir sus hogares. También por esto **quise** estar y rezar aquí con ustedes (H27).³⁴⁹

[Assim como enfrentaram a tempestade sobre o mar, vocês tiveram que enfrentar o duro golpe da «Criança do Litoral», cujas dolorosas consequências ainda estão presentes em tantas famílias, especialmente aquelas que ainda não puderam reconstruir suas casas. É também por isso que eu quis estar e orar aqui com vocês]

³⁴⁶ Remete à ocorrência (132).

³⁴⁷ Remete à ocorrência (102).

³⁴⁸ Remete à ocorrência (274).

³⁴⁹ Remete à ocorrência (46).

O escopo da modalização é [-direto] e o tempo verbal empregado é o condicional simple ou o pretérito imperfecto – as modalidades deôntica e volitiva operam na camada do Episódio (subjativação do conteúdo modal).

- (287) El papa Francisco reconoció haberse equivocado cuando afirmó que "todo feminismo termina siendo un machismo con faldas", y que la "frase justa" que **debería** haber pronunciado es "todo feminismo puede correr el riesgo de transformarse en un machismo con faldas".³⁵⁰

[O Papa Francisco se enganou ao afirmar que "todo feminismo acaba sendo machismo com saias", e que a "frase justa" que deveria ter sido pronunciada é "todo feminismo pode correr o risco de se tornar machismo com saias"]

- (288) La respuesta de Jesús a las dudas de Juan (“vayan a contar a Juan”) es a base de signos y pistas. **Quisiera** haber visto la cara que pusieron aquellos discípulos cuando Jesús no respondió directamente. La respuesta tiene que buscarla, descubrirla, experimentarla cada uno. “Los ciegos ven, los sordos oyen, los cojos andan, los leprosos quedan limpios, los muertos resucitan, a los pobres se les anuncia la buena nueva”.³⁵¹

[A resposta de Jesus às dúvidas de João (“vai e conta a João”) é baseada em sinais e pistas. Quisera ter visto a cara daqueles discípulos quando Jesus não respondeu diretamente. Cada um deve buscá-lo, descobri-lo, vivê-lo. “Os cegos veem, os surdos ouvem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os mortos ressuscitam, as boas novas são anunciadas aos pobres”]

O escopo da modalização é [-direto] e o tempo verbal empregado é o pretérito imperfecto ou o condicional simple – a modalidade volitiva opera na camada do Conteúdo Proposicional (subjativação do conteúdo modal).

- (289) Gracias. Gracias por este hermoso encuentro y pensando en el papa Juan, **quisiera** que la bendición que les doy ahora sea una caricia del Señor para cada uno de ustedes. Él había dado esta bendición con el deseo que fuera una caricia, la bendición que impartió a la luz de la luna. Recemos juntos, recemos a la Virgen que es imagen de la Iglesia. Recen en su idioma el Ave María... María Madre de la Iglesia, reza por nosotros.³⁵²

[Obrigado. Obrigado por este lindo encontro e pensando no Papa João, quisera que a bênção que vos dou agora seja um carinho do Senhor para cada um de vós. Ele havia dado esta bênção com o desejo de que fosse uma carícia, a bênção que ele concedeu à luz da lua. Rezemos juntos, rezemos à Virgem que é a imagem da Igreja. Reze a Ave Maria na sua língua ... Maria Mãe da Igreja, rogai por nós]

- (290) La minería ilegal, declaró, conduce a otro asalto devastador a la vida: el tráfico de personas, la esclavitud y el abuso sexual. «Cómo **desearía** que todos oyéramos el clamor de Dios: ‘¿Dónde está tu hermano?’ ¿Dónde está tu hermano o hermana que está esclavizado? No pretendamos y miremos hacia otro lado. Hay una mayor complicidad de la que pensamos. El problema nos involucra a todos.» Y otra vez:

³⁵⁰ Remete à ocorrência (135).

³⁵¹ Remete à ocorrência (137).

³⁵² Remete à ocorrência (143).

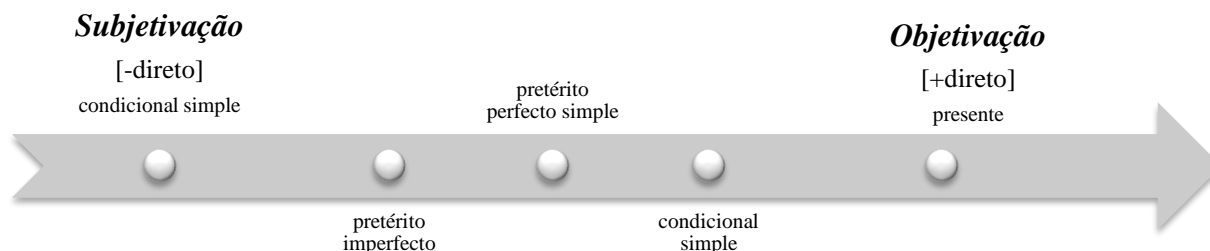
«El llanto de esta gente a menudo se silencia o no se le permite hablar. Esa profecía debe permanecer viva en nuestra Iglesia, que nunca dejará de suplicar por el marginado y los que sufren».³⁵³

[A mineração ilegal, declarou ele, leva a outro ataque devastador à vida: tráfico de pessoas, escravidão e abuso sexual. Como eu desejaria que todos nós ouvíssemos o clamor de Deus: “Onde está seu irmão?” Onde está seu irmão ou irmã que está escravizado? Não vamos fingir e olhar para o outro lado. A cumplicidade é maior do que pensamos. O problema envolve todos nós.” E ainda: «O choro destas pessoas muitas vezes é silenciado ou não podem falar. Essa profecia deve permanecer viva em nossa Igreja, que nunca cessará de implorar pelos marginalizados e pelos que sofrem]

De (281) a (290), pode-se verificar que há uma gradação entre o *escopo da modalização* e a *noção de tempo verbal*, em que a objetivação das modalidades deôntica e volitiva é codificada por meio de operadores modais que incidem diretamente sobre o predicado principal [+direto] e flexionados no *presente*. Por sua vez, a subjetivação das modalidades deôntica e volitiva é codificada por meio de operadores modais que não incidem diretamente sobre o predicado principal [-direto] e flexionados no *pretérito* ou no *condicional*.

A Figura 7 ilustra a gradação entre o escopo da modalização e a noção de tempo verbal:

Figura 7: Gradação entre o escopo da modalização e a noção de tempo verbal



Fonte: Elaborado pelo autor

Ainda na camada da Propriedade Configuracional, a modalidade volitiva pode operar por meio de operadores modais flexionados no *pretérito*, especificamente no *pretérito perfecto compuesto*, também denominado, em língua espanhola, de *antepresente*. A ocorrência (291), que remete à ocorrência (174), e o exemplo (292), que foi retirado da Internet,³⁵⁴ ilustram isso:

(291) Cuántas veces hemos tenido que llorar y arrepentirnos por darnos cuenta que no hemos reconocido esa dignidad en otros. Cuántas veces —y con dolor lo digo—

³⁵³ Remete à ocorrência (144).

³⁵⁴ Devido à inexistência de casos de modalidade volitiva sendo instaurada por meio do *pretérito perfecto simple* e flexionado na primeira pessoa do singular nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus*, recorreu-se a este exemplo retirado da Internet.

somos ciegos e inmunes ante la falta del reconocimiento de la dignidad propia y ajena. Cuaresma, tiempo para ajustar los sentidos, abrir los ojos frente a tantas injusticias que atentan directamente contra el sueño y el proyecto de Dios. Tiempo para desenmascarar esas tres grandes formas de tentaciones que rompen, dividen la imagen que Dios **ha querido** plasmar (H11).

[Quantas vezes tivemos que chorar e nos arrepender por perceber que não reconhecemos essa dignidade nos outros. Quantas vezes - e digo com dor - ficamos cegos e imunes à falta de reconhecimento da nossa própria dignidade e da dos outros. Quaresma, hora de ajustar os sentidos, abrir os olhos para tantas injustiças que ameaçam diretamente o sonho e o projeto de Deus. É hora de desmascarar essas três grandes formas de tentações que se rompem, dividem a imagem que Deus quis expressar]

(292) ¡Queridos hermanos y hermanas! Hoy la Iglesia celebra la Jornada Mundial del Migrante y del Refugiado. Saludo a los refugiados y a los migrantes presentes en la plaza en torno al monumento titulado: “Ángeles sin saberlo” (cfr. Hb 13, 2), que bendije hace un año. Este año **he querido** dedicar mi mensaje a los desplazados internos, los cuales están obligados a huir, como les sucedió también a Jesús y a su familia. «Como Jesús obligados a huir», así los desplazados, los migrantes. A ellos, de forma particular, y a quien les asiste va nuestro recuerdo y nuestra oración.³⁵⁵

[Queridos irmãos e irmãs! Hoje a Igreja celebra o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado. Saúdo os refugiados e migrantes presentes na praça em torno do monumento intitulado: “Anjos sem saber” (cf. Hb 13, 2), que abençoei há um ano. Este ano quis dedicar a minha mensagem aos deslocados internos, que são obrigados a fugir, como também aconteceu com Jesus e a sua família. “Como Jesus forçado a fugir”, também o são os deslocados, os migrantes. A eles, de modo particular, e a quantos os assistem vão a nossa memória e a nossa oração]

Em (291) e (292), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, em que o operador modal volitivo *querer*, flexionado, respectivamente, na terceira pessoa do singular e na primeira pessoa do singular, remete ao desejo expresso pelo participante designado pelo predicado. Em (291), o participante (*Dios*), reportado pelo Falante (Papa Francisco), manifesta a intenção de expressar a sua imagem no homem (humanidade). Em (292), o participante (*Papa Francisco*), que diz respeito ao próprio Falante, manifesta a intenção de dedicar sua mensagem do *Ângelus* a todos os refugiados e migrantes. Em (291) e (292), a volição expressa tem início em um momento anterior ao da enunciação e se estende até o momento de fala. Em outras palavras, o evento volicionado que se pretende levar a cabo foi e é desejado pelo participante descrito pelo predicado.

Ainda que não se tenha encontrado casos de modalidade deôntica e volitiva sendo instauradas em algum tempo *futuro* e operando na camada da Propriedade Configuracional nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, é plenamente possível

³⁵⁵ Exemplo retirado da Internet. Mensagem do *Ângelus* do Papa Francisco na Praça de São Pedro dedicada a todos os migrantes e os refugiados. Disponível em: <https://migrants-refugees.va/es/blog/mr_article/papa-francisco-angelus-46/>. Acesso em: 28 nov. 2020.

de se encontrar casos desse tipo em língua espanhola, como nos exemplos (293) e (294), que foram retirados da Internet:

(293) El Santo Padre ha insistido en el especial cuidado que deben tener los obispos con “cero tolerancia”, y con “especial diligencia en proteger a quienes son los más débiles entre las personas a ellos confiadas”. Esto significa que los obispos **deberán** cumplir con más eficiencia las normas que sobre el tema ya existían previstos en el “motu proprio sacramentorum sanctitatis tutela”, promulgado por San Juan Pablo II e actualizado por Benedicto XVI. Todo clérigo, sea diácono, presbítero u obispo, así sea un cardenal, si comete abusos sexuales contra menores o adultos vulnerables, es imputado por causa grave en juicio ante un tribunal eclesiástico, y se imponen sanciones eclesiásticas correspondientes, incluyendo la destitución del cargo y la pérdida del estado clerical.³⁵⁶

[O Santo Padre insistiu no cuidado especial que os bispos devem ter com "tolerância zero" e com "especial diligência na proteção dos mais fracos entre as pessoas que lhes são confiadas". Isto significa que os bispos deverão cumprir com mais eficácia as normas já existentes sobre o assunto, previstas no "motu proprio sacramentorum sanctitatis tutela", promulgado por São João Paulo II e atualizado por Bento XVI. Qualquer clérigo, seja diácono, sacerdote ou bispo, mesmo que seja um cardeal, se cometer abuso sexual contra menores ou adultos vulneráveis, é acusado por causa grave em um julgamento perante um tribunal eclesiástico, e as correspondentes sanções eclesiásticas são impostas, incluindo destituição do cargo e a perda do estado clerical]

(294) Todo parece listo para que la visita del papa Francisco se dé en el primer trimestre del próximo año. La agenda se terminará de confeccionar en los próximos meses en el Vaticano. Lo que no está aún claro es si la gira del Pontífice estará supeditada a que en Colombia ya se haya firmado un acuerdo de paz con las guerrillas, como lo insinuara el propio Papa en sus diálogos con los periodistas durante su reciente gira por México. Aun así, lo cierto es que hay destinos que ya son seguros en la agenda colombiana del máximo jerarca católico: Tumaco, Bogotá y Chiquinquirá, en Boyacá, en donde está ubicado el santuario de Nuestra Señora del Rosario. Medellín y Cali también piden pista así como el santuario de Las Lajas, en Nariño. También, acorde con lo que acaba de pasar en México, hay quienes consideran que el papa Francisco **querrá** visitar a una comunidad indígena y una zona afectada por la violencia del conflicto armado interno, que muy posiblemente sea en una región del Caribe.³⁵⁷

[Tudo parece pronto para a visita do Papa Francisco, que terá lugar no primeiro trimestre do próximo ano. A agenda será finalizada nos próximos meses no Vaticano. O que ainda não está claro é se a viagem do pontífice dependerá do fato de já ter sido assinado um acordo de paz com os guerrilheiros na Colômbia, como o próprio Papa insinuou em seus diálogos com jornalistas durante sua recente passagem pelo México. Mesmo assim, a verdade é que há destinos que já estão seguros na agenda colombiana da mais alta hierarquia católica: Tumaco, Bogotá e Chiquinquirá, em Boyacá, onde está o santuário de Nossa Senhora do Rosário. Medellín e Cali também pedem uma trilha além do santuário Las Lajas, em Nariño. Além disso, de acordo com o que acaba de acontecer no México, há quem acredite que o Papa Francisco desejará visitar uma comunidade indígena e uma área afetada pela violência do conflito armado interno, que muito possivelmente fica em uma região do Caribe]

³⁵⁶ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.elnuevodiario.com.ni/opinion/474365-caso-monsenor-vigano/>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

³⁵⁷ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://elnuevosiglo.com.co/articulos/2-2016-visita-papal>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

Em (293), a modalidade deôntica opera na camada da Propriedade Configuracional, sendo instaurada por meio do modalizador deôntico *deber*, flexionado no *futuro simple* do espanhol (*deberán*). Pode-se constatar que a obrigação recai sobre o participante descrito pelo predicado (*los obispos*), em relação à necessidade deôntica de cumprir com mais eficiência as normas acerca da conduta dos clérigos no que diz respeito aos casos de abuso sexual contra menores e adultos vulneráveis. Ao empregar o *futuro simple*, a modalidade deôntica localiza tanto o valor modal quanto o evento sobre o qual incide a obrigação para um momento posterior ao da enunciação, expressando, assim, a necessidade deôntica de realização do evento.

Em (294), a modalidade volitiva também opera na camada da Propriedade Configuracional, sendo instaurada por meio do modalizador volitivo *querer*, flexionado no *futuro simple* do espanhol (*querrá*). Pode-se averiguar que o falante reporta a possibilidade volitiva (*optação*) de que o participante descrito pelo predicado (*Papa Francisco*) tenha a intenção de realizar o evento contido no enunciado modalizado, em questão, que o Santo Padre pretenda visitar uma comunidade indígena e uma zona mexicana afetada pela violência na região do Caribe. Ao empregar o *futuro simple*, a modalidade volitiva localiza tanto o valor modal quanto o evento sobre o qual incide a volição para um momento posterior ao da enunciação, manifestando, dessa forma, a possibilidade volitiva de concretização de um evento.

De acordo com Santos (2015), é possível que se estabeleça uma distinção entre as noções semânticas de *futuro* e *futuridade*. Para a autora, a *futuridade* recobre uma série de noções que apontam para eventos que são projetados a partir do momento de fala, em que há uma projeção hipotética [- certeza] oriunda dos conhecimentos experienciais dos sujeitos. Assim sendo, o *futuro* está contido na *futuridade*, pois também aquele recobre situações projetadas a partir do momento de fala (prospecção futura). No entanto, a autora ressalva que o futuro é entendido como uma previsão de certeza proferida pelos sujeitos em relação ao evento descrito no enunciado modalizado. Em outras palavras, a autora assegura que há um maior grau de confiabilidade [+ certeza] de que o evento que está sob o escopo da modalidade será, de alguma forma, realizado. Nesse sentido, com base na autora, averigua-se que a expressão do futuro, nas línguas naturais, pode ser marcada tanto por meio de tempos verbais, como o *presente*, o *futuro simple* e o *futuro compuesto* (na língua espanhola), quanto pela diferenciação entre acontecimentos *realis* (indicativo) e *irrealis* (subjuntivo e imperativo).

De acordo com Oliveira (2019a, 2019b, 2019c), há uma estreita relação entre as modalidades deôntica e volitiva e a noção de *futuridade*, ainda que esta não seja marcada, morfossintaticamente, por meio de um tempo *presente* ou *futuro*. Segundo o autor, as

modalidades deôntica e volitiva projetam as noções de futuridade no que concerne aos eventos sobre os quais incidem as atitudes modais, expressas por meio dos valores modais deônticos (*obrigação, permissão, proibição e derrogação*) e volitivos (*desideração, imprecação, opção, intenção e exortação*). Nesse sentido, a noção de futuridade está ancorada com base no conteúdo semântico dos enunciados modalizados, que situam o valor modal para o momento da enunciação, ainda que o evento se dê em um momento posterior (prospecção futura). Em outras palavras, os modais deônticos e volitivos funcionam como um indicativo (implicatura) de futuridade, em que a performatização do evento projetado para o futuro é resultado daquilo que está situado no eixo da conduta (*dever-fazer – acional*) ou no eixo da volição (*querer-fazer – acional / querer-desejar – mental*).

Com base em Santos (2015) e Oliveira (2019a, 2019b, 2019c), as modalidades deôntica e volitiva podem expressar a noção de *futuridade* por meio do *presente* ou do *futuro*, em que as distinções de uso com estes dois tempos verbais implicam a localização do valor modal instaurado, a saber: (i) para o momento da enunciação, quando os modais deônticos e volitivos são flexionados no presente; e (ii) para um momento posterior ao da enunciação, quando os modais deônticos e volitivos são flexionados no futuro; como nas ocorrências de (295) a (298).³⁵⁸

(295) Jesús es el Emanuel que nace y el Emanuel que nos acompaña cada día, el Dios con nosotros que nace y el Dios que camina con nosotros hasta el fin del mundo. Esa promesa se cumple también en Colombia: Mons. Jesús Emilio Jaramillo Monsalve, Obispo de Arauca, y el sacerdote Pedro María Ramírez Ramos, mártir de Armero, son signo de ello, expresión de un pueblo que **quiere** salir del pantano de la violencia y el rencor (H22).

[Jesus é o Emanuel que nasce e o Emanuel que nos acompanha todos os dias, o Deus que nasce conosco e o Deus que caminha conosco até ao fim do mundo. Esta promessa também se cumpriu na Colômbia: o bispo Jesús Emilio Jaramillo Monsalve, bispo de Arauca, e o padre Pedro María Ramírez Ramos, mártir de Armero, são um sinal disso, uma expressão de um povo que quer sair do pântano da violência e do ressentimento]

(296) “Yo creo que no debe venir porque tiene una agenda muy apretada y que a él le preocupa estar presente en países que están pasando por situaciones mucho más críticas que la nuestra, buscando acuerdos de paz. Y posiblemente tiene que ver con cuidados políticos y momentos históricos de nuestro país en donde él **querrá** cuidar su imagen y que no sea usada para con algún otro fin. Creo. Esa es una apreciación mía”. Las palabras son de la Doctora Carolina Bergoglio, sobrina del Papa Francisco que habló con Radio Mitre Mendoza.³⁵⁹

³⁵⁸ Devido à inexistência de casos de modalidade deôntica e volitiva sendo instauradas no futuro nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus*, recorreu-se a exemplos retirados da Internet.

³⁵⁹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://radiomitre.cienradios.com/el-uso-politico-de-su-imagen-condiciona-la-visita-del-papa-argentina/>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

[“Acredito que ele não deva vir porque tem uma agenda muito apertada e se preocupa em estar presente em países que passam por situações muito mais críticas do que o nosso, em busca de acordos de paz. E possivelmente tenha a ver com cuidado político e momentos históricos em nosso país onde ele queira cuidar de sua imagem, para que ela não seja usada para nenhum outro fim. Eu acho. Esse é o meu agradecimento”. As palavras são da Dra. Carolina Bergoglio, sobrinha do Papa Francisco que falou com a Rádio Mitre Mendoza]

(297) No **podemos** ser cristianos que alcen continuamente el estandarte de «prohibido el paso», ni considerar que esta parcela es mía, adueñándome de algo que no es absolutamente mío (H23).

[Não podemos ser cristãos que levantam continuamente a bandeira da "não invasão", nem consideram que esta trama é minha, apoderar-se de algo que não é absolutamente meu]

(298) De acuerdo con el ordenamiento canónico, al establecer cualquier tipo de agrupación de parroquias vecinas, se entiende que deben ser respetados los elementos esenciales establecidos por el derecho universal para la persona jurídica de la parroquia, los cuales no son dispensables por el Obispo. Él **deberá** emitir un decreto específico para cada parroquia que quiera suprimir, en el que consten los motivos pertinentes.³⁶⁰

[De acordo com o decreto canônico, ao estabelecer qualquer tipo de agrupamento de freguesias vizinhas, entende-se que devem ser respeitados os elementos essenciais fixados pelo direito universal para a pessoa jurídica da freguesia, os quais não são dispensáveis pelo Bispo. Ele deverá emitir um decreto específico para cada paróquia que deseja suprimir, indicando as razões pertinentes]

Em (295) e (296), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, em que o conteúdo modal volitivo é instaurado por meio do modalizador *querer*. Em (295), o modal *querer* está flexionado no presente do indicativo, cujo valor modal de intenção está situado no momento da enunciação, enquanto o evento sobre o qual recai a qualificação volitiva está situado em um momento posterior. O Falante (Papa Francisco) reporta a intenção do participante descrito pelo predicado (*el pueblo colombiano*) de sair do pântano da violência e do rancor. Em (296), o modal *querer* é flexionado no *futuro simple*, em que tanto o valor modal de opção quanto o evento sobre o qual recai a qualificação volitiva estão situados em um momento posterior. O falante (Doutora Carolina Bergoglio) reporta a possibilidade de que o participante designado pelo predicado (Papa Francisco) deseje cuidar da imagem dele, para que não possa ser usada para outros fins.

Averigua-se que a codificação morfossintática de tempo pode ainda qualificar e diferenciar as noções de necessidade volitiva (*intención*) e possibilidade volitiva (*opción*), em que o presente remete à primeira e o futuro remete à segunda. Isso pode ter relação com a *atitude volicional do falante*, em que este pode assegurar as suas intenções, pretensões ou disposições

³⁶⁰ Exemplo retirado da Internet. Instrucción del Papa Francisco para la conversión pastoral de la comunidad parroquial al servicio de la misión evangelizadora de la Iglesia a cargo de la Congregación para el Clero. Disponível em: <<https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2020/07/20/inst.html>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

(o falante é a *fonte volicional*) em concretizar um dado evento (necessidade volitiva), empregando o presente do indicativo. No entanto, ele não poderia assegurar as intenções, pretensões ou disposições de terceiros (possibilidade volitiva) em realizar um evento (o participante reportado é a *fonte volicional*), empregando o *futuro simple*. A exceção, parece ser os casos em que o falante já tenha conhecimento das necessidades volitivas de terceiros. Nesses casos, o falante tenderia a recorrer ao uso do presente do indicativo, e não do *futuro simple*.

Em (297) e (298), a modalidade deôntica também opera na camada da Propriedade Configuracional, em que o conteúdo modal deôntico é instaurado, respectivamente, por meio dos modalizadores *poder* e *deber*. Em (297), o modal *poder* está flexionado no presente do indicativo, cujo valor modal de proibição (negação de permissão) está situado no momento da enunciação, enquanto o evento, que está sob a qualificação deôntica, está localizado em um momento posterior. O Falante (Papa Francisco) instaura a proibição de realização do evento sobre si e o Ouvinte (bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis católicos), o que pode ser evidenciado pelo emprego da primeira pessoa do plural (*podemos*), e que consiste em não serem cristãos que propaguem “é proibido passar”, considerando-se donos da comunidade religiosa e impedindo que outras pessoas tenham acesso à mensagem de Jesus Cristo. Em (298), o modal *deber* está flexionado no *futuro simple*, em que tanto o valor modal de obrigação quanto o evento que está sob a qualificação deôntica estão localizados em um momento posterior. O Falante (Papa Francisco) instaura a obrigação sobre o participante expresso pelo predicado (*Obispo*), que está obrigado a emitir um decreto específico para cada paróquia que ele deseje suprimir, desde que haja motivos para isso.

Constata-se que a codificação morfossintática de tempo verbal parece não diferenciar as noções de necessidade deôntica (*obrigação*) e possibilidade deôntica (*permissão*), bem como a negação de necessidade/possibilidade deôntica (*proibição*). Isso pode estar relacionado com a *atitude volicional do falante*. Considerando que a modalidade deôntica centra a qualificação modal no *alvo volicional*, o falante reportaria deveres e obrigações que são inerentes a ele e/ou a outros sujeitos com base em um código de leis morais, de regras de conduta, de contratos sociais, etc., em que o uso do presente ou do futuro apenas indicaria a localização do valor modal, sem diferenciar as noções de possibilidade e necessidade deônticas, haja vista que tanto o presente quanto o futuro poderiam remeter a essas noções semânticas.

Na camada do Estado-de-Coisas, a modalidade deôntica diz respeito à obrigação, à permissão ou à proibição de realização de um evento; enquanto a modalidade volitiva se refere ao desejo de concretização de um evento. Em ambos os casos, o falante reporta apenas o estatuto

objetivo desse evento, sem revelar algum tipo de apreciação subjetiva sobre ele. Assim sendo, o *presente* se revela como o tempo verbal empregado para a qualificação modal deôntica e volitiva dos Estados-de-Coisas, como nas ocorrências (299), que remete à ocorrência (283), e (300), que remete à ocorrência (284):

(299) Esto implica aceptar con sólida voluntad la posibilidad de afrontar algunas renunciaciones, momentos difíciles y situaciones conflictivas, y la decisión firme de prepararse para ello. Se **deben** detectar las señales de peligro que podría tener la relación, para encontrar antes del casamiento recursos que permitan afrontarlas con éxito.

[Isso implica aceitar com força de vontade a possibilidade de enfrentar algumas demissões, momentos difíceis e situações de conflito, e a firme decisão de se preparar para isso. Deve-se detectar os sinais de perigo que o relacionamento poderia ter, a fim de encontrar recursos antes do casamento que lhes permitam enfrentá-los com sucesso]

(300) Uno de los esfuerzos más necesarios es aprender a usar imágenes en la predicación, es decir, a hablar con imágenes. A veces se utilizan ejemplos para hacer más comprensible algo que se **quiere** explicar, pero esos ejemplos suelen apuntar sólo al entendimiento; las imágenes, en cambio, ayudan a valorar y aceptar el mensaje que se quiere transmitir.

[Um dos esforços mais necessários é aprender a usar imagens na pregação, ou seja, falar com imagens. Às vezes, exemplos são usados para tornar algo que você deseja explicar mais compreensível, mas esses exemplos geralmente apontam apenas para o entendimento; as imagens, por outro lado, ajudam a valorizar e aceitar a mensagem a ser transmitida]

Em (299) e (300), as modalidades deôntica e volitiva operam na camada do Estado-de-Coisas, em que a modalidade deôntica diz respeito à obrigação de realização do evento que está sob o escopo do valor modal deôntico, no caso, o dever de se detectar os possíveis perigos que possam arruinar uma relação (vida matrimonial). Por sua vez, a modalidade volitiva diz respeito ao desejo de concretização do evento, no caso, o desejo de explicar as verdades do Evangelho por meio de exemplos. A codificação morfossintática por meio da partícula *se* impessoaliza o Estado-de-Coisas descrito, fazendo com que o falante se abstenha de fazer alguma apreciação subjetiva sobre o evento qualificado. Como se pode verificar, os modais *deber* e *querer* são flexionados no presente do indicativo.

Na camada do Episódio, tanto a modalidade deôntica quanto a modalidade volitiva se referem à avaliação subjetiva do falante acerca de um evento localizado em um momento anterior ao da enunciação [+preteridade], em que a leitura deôntica é favorecida pela possibilidade de reatualização do evento [+realizável], enquanto a leitura volitiva é favorecida pela impossibilidade de reatualização desse evento [-realizável]. Nessa camada, o *condicional simple* e o *pretérito imperfecto* é o tempo verbal empregado para expressar essa avaliação

subjativa do falante, como se pode averiguar nas ocorrências (301), que remete à ocorrência (288), e (302), que remete à ocorrência (289):

(301) El papa Francisco reconoció haberse equivocado cuando afirmó que "todo feminismo termina siendo un machismo con faldas", y que la "frase justa" que **debería** haber pronunciado es "todo feminismo puede correr el riesgo de transformarse en un machismo con faldas".

[O Papa Francisco se enganou ao afirmar que "todo feminismo acaba sendo machismo com saias", e que a "frase justa" que deveria ter sido pronunciada é "todo feminismo pode correr o risco de se tornar machismo com saias"]

(302) La respuesta de Jesús a las dudas de Juan ("vayan a contar a Juan") es a base de signos y pistas. **Quisiera** haber visto la cara que pusieron aquellos discípulos cuando Jesús no respondió directamente. La respuesta tiene que buscarla, descubrirla, experimentarla cada uno. "Los ciegos ven, los sordos oyen, los cojos andan, los leprosos quedan limpios, los muertos resucitan, a los pobres se les anuncia la buena nueva".

[A resposta de Jesus às dúvidas de João ("vai e conta ao João") é baseada em sinais e pistas. Quisera ter visto a cara daqueles discípulos quando Jesus não respondeu diretamente. Cada um deve buscá-lo, descobri-lo, vivê-lo. "Os cegos veem, os surdos ouvem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os mortos ressuscitam, as boas novas são anunciadas aos pobres"]

Em (301) e (302), as modalidades deôntica e volitiva operam na camada do Episódio, cujos operadores modais *deber* e *querer* são empregados, especificamente no *condicional simple* e no *pretérito imperfecto*, para expressar a avaliação subjetiva do falante sobre o evento anterior ao momento de fala. Em (301), a modalidade deôntica expressa a obrigação de que o Papa Francisco (sujeito sob quem recai a avaliação da necessidade do falante, o que pode ser evidenciado pela marca de terceira pessoa do singular, *debería*) tivesse tido que: *todo feminismo puede correr el riesgo de transformarse en un machismo con faldas*; e não que: *todo feminismo termina siendo un machismo con faldas*. O evento que está sob a apreciação subjetiva do falante pode ser reatualizado [+realizável], desde que o sujeito que está sob a avaliação da necessidade deôntica expressa se retrate e faça um novo pronunciamento.

Em (302), a modalidade volitiva expressa o desejo pessoal do falante, o que pode ser constatado por meio da marca de primeira pessoa do singular (*quisiera*), de que o evento localizado no passado (A resposta que Jesus Cristo deu a João Evangelista, seu discípulo, quando ele lhe perguntou sobre João Batista) pudesse ocorrer novamente. No entanto, devido à contrafactualidade do evento [+contrafactual], o evento desejado pelo falante fica impossibilitado de se concretizar [-realizável], intensificando a volição expressa.

Na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva está relacionada à apreciação pessoal do falante sobre uma dada proposição, em que há a manifestação do

comprometimento volitivo dele (o evento é avaliado, é entendido e afirmado como desejável pelo falante) em relação a um evento que pode ser localizado apenas em sua mente [+mental] e irrealizável do ponto de vista factual [-factual], por se tratar de um construto mental relativo a um mundo imaginário/fictício. Nessa camada, a modalidade volitiva pode ser codificada por diferentes tempos verbais, em que a utilização de um ou outro tempo verbal pode indicar o grau de confiabilidade do falante [\pm certeza] em relação à possibilidade de concretização desse evento, ainda que a sua concretude se dê em um mundo do qual somente ele tenha acesso e que a proposição apreciada pelo falante seja verdadeira com base em suas crenças e desejos pessoais. As ocorrências de (303) a (307), que remetem a outras ocorrências já analisadas, ilustram isso.

Em (303), verifica-se um caso de instauração de modalidade volitiva no *pretérito pluscuamperfecto* do subjuntivo:

- (303) Dos sentimientos tengo hoy para con nuestros hermanos islámicos. Primero, mi saludo por celebrarse hoy el Día del Sacrificio. **Hubiera querido** que mi saludo fuera más caluroso según los sentimientos, que es mi cercanía, mi cercanía ante la tragedia que su pueblo ha sufrido hoy en la Meca (H2).³⁶¹
 [Hoje tenho dois sentimentos por nossos irmãos islâmicos. Em primeiro lugar, minhas saudações por celebrar o Dia do Sacrificio hoje. Quisera que a minha saudação fosse mais calorosa de acordo com os meus sentimentos, que é a minha proximidade, a minha proximidade à tragédia que hoje o vosso povo sofreu em Meca]

De acordo com a Real Academia Espanhola - RAE (2010), o *pretérito pluscuamperfecto* do subjuntivo (*hubiera querido*) diz respeito à situações hipotéticas que poderiam ter ocorrido em um momento passado, como no exemplo: *Me hubiera gustado trabajar con él* [Eu teria gostado de trabalhar com ele] (RAE, 2010, p. 459); podendo também expressar o desejo de algo que tivesse ocorrido (conteúdo modal), como nos exemplos: *¡Hubieras esperado un poco más!* [Si você tivesse esperado um pouco mais!] / *Le hubieras visto cómo abrazó a un jorobadito* [Si você tivesse visto como ele abraçou o corcunda] / *Si la canción llega a tener éxito, hubiera sido una gran sorpresa* [Se a música fizesse sucesso, teria sido uma grande surpresa] (RAE, 2010, p. 459).

Assim sendo, em (303), o Falante (Papa Francisco), ao fazer a sua saudação ao povo da cidade de Meca, expressa o desejo de que sua saudação fosse tão calorosa e na mesma proporção que os sentimentos experienciados pela população da cidade de Meca em relação à

³⁶¹ Remete à ocorrência (52).

tragédia ocorrida nos últimos dias (um atentado à bomba). Nesse sentido, pondera-se que o emprego do *pretérito pluscuamperfecto* do subjuntivo seja empregado para assinalar não apenas o não controle [-controle] sobre o Conteúdo Proposicional contido na *completiva com que*, mas a pouca certeza [--certeza] de que o evento desejado possa vir a se concretizar, ainda que este seja interpretado pelo falante como verdadeiro e possível em um mundo imaginário/fictício (mundo em que todos os seus desejos sejam realizados – *fonte de ordenação volicional*).

Em (304), constata-se um caso de instauração de modalidade volitiva no *pretérito imperfecto* do subjuntivo:

(304) Me imagino ese susurro de Jesús en la última Cena como un grito en esta misa que celebramos en «El Parque Bicentenario». Imaginémoslo juntos. El Bicentenario de aquel Grito de Independencia de Hispanoamérica. Ése fue un grito, nacido de la conciencia de la falta de libertades, de estar siendo exprimidos, saqueados, «sometidos a conveniencias circunstanciales de los poderosos de turno» (Evangelií Gaudium 213). **Quisiera** que hoy los dos gritos concuerden bajo el hermoso desafío de la evangelización. No desde palabras altisonantes, ni con términos complicados, sino que nazca de «la alegría del Evangelio», que «llena el corazón y la vida entera de los que se encuentran con Jesús (H16).³⁶²

[Imagino aquele sussurro de Jesus na Última Ceia como um grito nesta missa que celebramos no "El Parque Bicentenario". Vamos imaginar juntos. O Bicentenario desse Grito de Independência da Hispano-América. Foi um grito que nasceu da consciência da falta de liberdade, de ser espremido, saqueado, "submetido à conveniência circunstancial dos poderosos de serviço" (Evangelií Gaudium 213). Gostaria que os dois gritos concordassem hoje sob o belo desafio da evangelização. Não de palavras pomposas, nem de termos complicados, mas nasce da "alegria do Evangelho", que "enche o coração e a vida inteira de quem encontra Jesus]

Conforme a RAE (2010), o *pretérito imperfecto* do subjuntivo (*quisiera*) é usado para expressar incertezas, arrependimentos, desejos improváveis, recomendações e conselhos que deveriam ser realizados em um momento anterior ao da enunciação. Pode ser empregado também para: (i) marcar a possibilidade de ocorrência de algum evento, como no exemplo: *Pudiera ser como dices* [Poderia ser como você está dizendo] (RAE, 2010, p. 457); (ii) expressar desejo ou intenção de realizar um evento, especificamente com o verbo *querer*, como no exemplo: *Esta es una película que no quisiera perderme* [Este é um filme que eu não queria perder] (RAE, 2010, p. 457); ou (iii) manifestar polidez e cortesia, especificamente nos casos em que se solicita a um sujeito a realização de algum evento, como no exemplo: *Quisiera pedirle un aumento de sueldo* [Querida pedir-lhe um aumento de salário] (RAE, 2010, p. 459).

Dessa forma, em (304), o Falante (Papa Francisco) expressa o seu desejo pessoal de que o evento, contido na proposição avaliada por ele, venha a ocorrer, em questão, a volição de

³⁶² Remete à ocorrência (30).

que a evangelização tenha a mesma força que os gritos de independência que levaram o país, que o Santo Padre realiza a sua viagem apostólica, à liberdade. Assim, o Falante, ao fazer uso do *pretérito imperfecto* do subjuntivo marcaria tanto o não controle [-controle] sobre o evento desejado quanto a pouca possibilidade [-certeza] de que esse evento se concretize.

Em (305), verifica-se um caso de instauração de modalidade volitiva no *condicional simple* do indicativo:

(305) **Querría** que mi voz traspasara las fronteras de la Iglesia Católica, para que llegara a todos ustedes, hombres y mujeres de buena voluntad, dispuestos a escuchar a Dios. Si se sienten afligidos como nosotros, porque en el mundo se extiende la iniquidad, si les preocupa la frialdad que paraliza el corazón y las obras, si ven que se debilita el sentido de una misma humanidad, únense a nosotros para invocar juntos a Dios, para ayunar juntos y entregar juntos lo que podamos como ayuda para nuestros hermanos.³⁶³

[Queria que a minha voz ultrapassasse as fronteiras da Igreja Católica, chegasse a todos vós, homens e mulheres de boa vontade, dispostos a ouvir Deus. Se você se sente aflito como nós, porque a iniquidade está se espalhando no mundo, se você está preocupado com a frieza que paralisa o coração e as obras, se você vê que o sentido de uma humanidade está enfraquecido, junte-se a nós para invocarmos Deus juntos, jejuarmos juntos e darmos juntos o que pudermos para ajudar nossos irmãos]

Para a RAE (2010), o *condicional simple* do indicativo (*querría*) é empregado para manifestar ações ou situações hipotéticas que poderiam vir a suceder, bem como expressar cortesia, desejos ou recomendações/conselhos. A leitura de cortesia ocorre em solicitações, como no exemplo: *Desearía hablar con el doctor* [Eu queria falar com o doutor] (RAE, 2010, p. 451); podendo também expressar volição, como no exemplo: *Podría interpretarse mal* [Poderia ser interpretado mal] (RAE, 2010, p. 451); ou recomendação/conselho, como no exemplo: *Me parece que deberías prestar más atención* [Eu acho que você deveria prestar mais atenção].

Desse modo, em (305), o Falante (Papa Francisco) expressa o desejo de que o evento contido na proposição viesse a se concretizar, no que tange, especificamente, à volição de que a sua voz (que transmite a mensagem de Jesus Cristo) pudesse atravessar os muros da Igreja Católica e pudesse chegar a todos os homens e mulheres de boa vontade. Nesse sentido, ao fazer uso do *condicional simple* do indicativo, o Falante revela a não controlabilidade do evento [-controle] e uma possível possibilidade [\pm certeza] de que o evento desejado se concretize.

³⁶³ Remete à ocorrência (178).

Em (306), verifica-se um caso de instauração de modalidade volitiva no *pretérito imperfecto* do indicativo:

(306) El tercer testimonio pertenecía a un sacerdote religioso de 53 años que fue abusado cuando era adolescente y que cuando denunció su caso ante sus superiores no fue ayudado. “Me siento mal, porque ni ese sacerdote ni el obispo respondieron a mi carta, y ya han pasado ocho años y tampoco él ha respondido”, ha explicado. Así ha pedido a los obispos que escuchen a las víctimas. “Yo **quería** que alguien me escuchara, que se supiera quién es ese hombre, ese sacerdote y lo que hace. Perdono de todo corazón a ese sacerdote y al obispo. Doy gracias a Dios por la Iglesia, estoy agradecido de estar en la Iglesia. Tengo muchos amigos sacerdotes que me han ayudado”, ha apuntado.³⁶⁴

[O terceiro testemunho pertence a um padre religioso de 53 anos que foi abusado quando era adolescente e que quando relatou seu caso aos seus superiores não foi ajudado. «Sinto-me mal, porque nem aquele padre nem o bispo responderam à minha carta, e já se passaram oito anos e ele também não respondeu», explicou. Assim, ele pediu aos bispos que escutassem as vítimas. “Querida que alguém me ouvisse, soubesse quem é este homem, aquele padre e o que ele faz. Eu perdoo de todo o coração aquele padre e o bispo. Agradeço a Deus pela Igreja, estou grato por estar na Igreja. Tenho muitos amigos padres que me ajudaram”, destacou]

Segundo a RAE (2010), o *pretérito imperfecto* do indicativo (*quería*) diz respeito a eventos passados sem relação com o momento de fala, apresentando as situações em curso, dando ênfase ao desenvolvimento interno dos eventos e sem fazer qualquer tipo de alusão ao seu começo e fim, por isso, a denominação de imperfeito. Em relação aos usos modais, o *pretérito imperfecto* do indicativo possui estreita relação com as situações irrealis, haja vista que pode estar relacionado a noções de *espacio mental paralelo* e *plano não atual* (realidade afastada do plano da realidade/atualidade dos fatos). Entre os seus principais usos modais, encontramos o de cortesia e volição, como nos exemplos: *Venía a pedirte un consejo* [Eu venho te pedir um conselho] / *Le quería pedir el favor de que me guardara mi revólver* [Eu queria te pedir o favor de guardar o meu revólver] / *Me quería excusar* [Eu queria pedir desculpas] / *¿No podíamos salir un poco antes?* [Não podíamos sair um pouco antes?] / *Le quería pedir un favor* [Eu queria te pedir um favor] (RAE, 2010, p. 455).

Nesse sentido, em (306), o falante (sacerdote que relata o abuso sexual sofrido na infância) expressa o desejo pessoal de concretização do evento contido na proposição, que, por sua vez, remete à volição de que sua voz fosse ouvida, que as pessoas soubessem quem era esse sacerdote que lhe abusou na infância e o que ele faz. Ao empregar o *pretérito imperfecto*, o

³⁶⁴ Devido à inexistência de casos de modalidade volitiva sendo instaurada por meio do *pretérito imperfecto* do indicativo, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.cmmedia.es/noticias/mundo/cumbre-antipederastia-el-papa-francisco-pide-que-se-adopten-medidas-concretas/>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

falante expressaria não apenas o não controle sobre o evento desejado [-controle], como a possibilidade de que o evento desejado pudesse se realizar [+certeza]. Essa confiabilidade de que o evento volicionado possa se concretizar dar-se-ia em virtude de o evento (contido na proposição apreciada pelo falante) migrar do mundo imaginário/fictício, no qual ele está alocado, para o mundo real (mundo factual). Em outras palavras, o *pretérito imperfecto* marcaria a possibilidade de que o evento desejado se desloque do *plano não actual* (mundo imaginário/fictício) para o *plano actual* (mundo real).

Em (307), verifica-se um caso de instauração de modalidade volitiva no *presente* do indicativo:

(307) El pontífice explicó que conoce bien esta realidad por su experiencia en Argentina y dio "ánimos" a aquellos que sufren el drama de la crisis del trabajo. "Voy a hacer de todo para que esta palabra (ánimo) no sea sólo una palabra de paso, no sea sólo una sonrisa de un funcionario de la Iglesia que viene aquí y os da ánimos. **Quiero** que este encuentro me empuje a hacer todo lo posible como pastor y como hombre", agregó.³⁶⁵

[O pontífice explicou que conhece bem esta realidade por sua experiência na Argentina e deu "ânimo" a quem sofre o drama da crise do emprego. "Farei de tudo para que esta palavra (encorajamento) não seja apenas uma palavra de passagem, não seja apenas o sorriso de um oficial da Igreja que vem aqui e te encoraja. Quero que este encontro me empurre para fazer tudo possível como pastor e como homem", acrescentou]

Conforme a RAE (2010), o *presente* do indicativo (*quiero*) está relacionado à expressão da coincidência existente entre a situação designada com o momento de fala, em que esta coincidência pode ser exata, se o predicado for de natureza pontual. Em relação aos conteúdos modais, o *presente* do indicativo parece indicar a assertividade dos enunciados modalizados, revelando, assim, como precisas e pontuais a necessidade e/ou a possibilidade das situações apresentadas.

Dessa forma, em (307), o Falante (Papa Francisco) manifesta o desejo pessoal de que o evento, contido na proposição, venha a se concretizar, em questão, que o encontro com a igreja presente na Argentina possa fazer com que o Santo Padre realize as mudanças necessárias a partir de sua visão como "pastor" e "homem". Ao instaurar a modalidade volitiva, e, desse modo, expressar o seu comprometimento volitivo (o que é avaliado por ele como sendo desejável) com a situação designada no Conteúdo Proposicional, o Falante emprega o *presente*

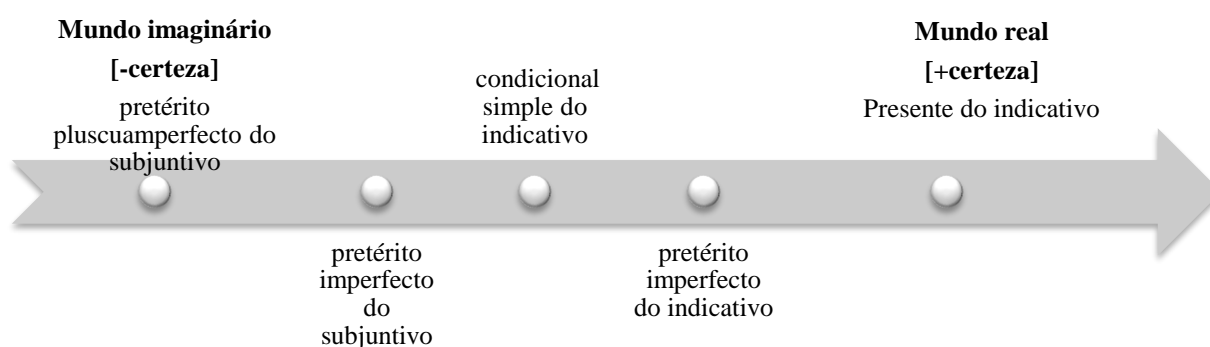
³⁶⁵ Devido à inexistência de casos de modalidade volitiva sendo instaurada por meio do presente do indicativo, com modais volitivos flexionados na primeira pessoa do singular e operando na camada do Conteúdo Proposicional, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco sobre trabalho e as condições laborais. Disponível em: <https://cadenaser.com/ser/2013/09/22/internacional/1379810718_850215.html>. Acesso em: 29 nov. 2020.

do indicativo, indicando uma maior confiabilidade [++certeza] de que o evento volicionado possa se concretizar, ainda que ele não detenha o controle total [-controle] da situação designada no Conteúdo Proposicional avaliado.

Considerando as noções semânticas dos tempos verbais empregados para a instauração da modalidade volitiva na camada do Conteúdo Proposicional, pondera-se que haja uma gradação nesses usos, em que os tempos verbais do subjuntivo parecem indicar pouca confiabilidade [-certeza] de que o evento volicionado venha a se concretizar (do evento contido na proposição migrar do mundo imaginário/fictício para o mundo real), enquanto os tempos verbais do indicativo parecem indicar uma maior confiabilidade [+certeza] (do evento contido na proposição migrar do mundo imaginário/fictício para o mundo real).

A Figura 8 ilustra essa gradação semântica, que, por sua vez, tem reflexo na codificação morfossintática da modalidade volitiva na camada do Conteúdo Proposicional:

Figura 8: Gradação dos efeitos de sentido dos tempos verbais da modalidade volitiva na camada do Conteúdo Proposicional



Fonte: Elaborado pelo autor

Como se pode verificar, as modalidades deôntica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, podem ser codificadas, morfossintaticamente, por meio de diferentes tipos de tempos verbais, a depender do tipo de camada em que elas operam no Nível Representacional. Geralmente, nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas, as modalidades deôntica e volitiva tendem a ser codificadas, no que diz respeito ao tempo verbal, no presente do indicativo, ainda que a noção de tempo semântico seja de prospecção futura [+futuro], enquanto na camada do Episódio, ambas as modalidades tendem a ser codificadas em algum tempo pretérito ou no condicional, o que seria um indicativo da avaliação subjetiva do Falante em relação ao evento passado que está sob o escopo da avaliação modal. Por fim, na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva tende a ser codificada por meio de

diferentes tempos verbais, que, por sua vez, podem indicar um maior ou menor grau de certeza quanto à possibilidade de realização do que é volicionado pelo Falante.

O Quadro 20 traz os principais aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na manifestação da *Volitividade*, especificamente no que diz respeito ao tipo de tempo verbal empregado na expressão do *elemento do desejo*:

Quadro 20: Aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito à codificação morfossintática de tempo verbal

Camada do Nível Representacional	Aspectos de convergência e divergência em relação ao tipo de tempo verbal
Propriedade Configuracional (f)	Convergência: as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas no <i>presente</i> do indicativo e no <i>futuro simple</i> .
	Divergência: a modalidade volitiva pode ser instaurada no <i>pretérito perfecto compuesto</i> .
Estado-de-Coisas (e)	Convergência: as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas no <i>presente</i> do indicativo.
	Divergência: a modalidade volitiva pode ser instaurada no <i>pretérito perfecto compuesto</i> .
Episódio (ep)	Convergência: as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas no <i>condicional simple</i> do indicativo.
	Divergência: a modalidade volitiva pode ser instaurada no <i>pretérito perfecto simple</i> do indicativo e no <i>pretérito imperfecto</i> do subjuntivo.
Conteúdo Proposicional (p)	A modalidade deôntica não opera nesta camada. A modalidade volitiva é codificada, morfossintaticamente, por meio de diferentes tipos de tempos verbais, entre eles se destacam: o <i>pretérito pluscuamperfecto</i> e o <i>pretérito imperfecto</i> do subjuntivo; e o <i>condicional simple</i> , o <i>pretérito imperfecto</i> e o <i>presente</i> do indicativo.

Fonte: Elaborado pelo autor

Para além da codificação morfossintática do tempo verbal, acreditou-se que a *codificação morfossintática de modo verbal do modal*, empregado para instaurar as modalidades deontica e volitiva, pudesse também ser relevante para que se verificassem os aspectos de divergência e convergência entre ambos os conteúdos modais na expressão do *elemento do desejo*. Assim sendo, pondera-se, especificamente no que diz respeito ao valor modal instaurado, que o modo indicativo aproximaria as modalidades deontica e volitiva do aspecto *realis* [+assertivo], enquanto o modo subjuntivo as aproximaria do aspecto *irrealis* [+dubitativo].

Ao ser feita a inter-relação entre o domínio semântico (modalidades deontica e volitiva) e o tipo de marcação morfossintática de modo verbal, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,01 ($p < 0,05$), constata-se que há um condicionamento entre o tipo de avaliação que se faz do enunciado modalizado e o tipo de modo verbal do modal. Acredita-se que este condicionamento seja favorecido, em razão de o modo indicativo: (i) aproximar o valor modal deontico e volitivo do aspecto *realis*, enfatizando os deveres e os desejos expressos pelo enunciado modalizado, alocando esses valores para o momento de fala; (ii) atualizar a informação veiculada no enunciado, revestindo os valores modais deonticos e volitivos de assertividade; e (iii) descrever o evento, que está sob a qualificação modal deontica e volitiva, de forma factual, fazendo com que esse evento seja interpretado como um fato concreto e não como uma mera hipótese, ou seja, a situação designada passa a ser lida como real e factual, ainda que seja de prospecção futura.

Constata-se, por meio da Tabela 18, que a *Volitividade* é expressa, majoritariamente, no *indicativo* (148 ocorrências, que totalizam 94,3%):

Tabela 18: A inter-relação entre o domínio semântico e a codificação morfossintática de modo verbal do modal

A codificação morfossintática de modo verbal do modal	Domínio semântico		Total
	Deontica	Volitiva	
Indicativo	59 (37,6%)	89 (56,7%)	148 (94,3%)
Subjuntivo	00 (0,0%)	09 (5,7%)	09 (5,7%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Na camada da Propriedade Configuracional, em que a modalidade deontica diz respeito a deveres e obrigações que recaem sob o participante descrito pelo predicado e a modalidade volitiva está relacionada às intenções do falante de realizar o evento volicionado,

examina-se que o modo indicativo é empregado para instaurar os conteúdos modais deônticos e volitivos nesta camada, como se pode averiguar nas ocorrências (308) e (309):

(308) Para Jesús no hay un “mientras tanto” sino amor de misericordia que quiere anidar y conquistar el corazón. Él **quiere** ser nuestro tesoro, porque Jesús no es un “mientras tanto” en la vida o una moda pasajera, es amor de entrega que invita a entregarse (H30).

[Para Jesus não há um "entretanto", mas amor de misericórdia que quer aninhar e conquistar o coração. Ele quer ser nosso tesouro, porque Jesus não é um "entretanto" da vida ou uma moda passageira, é um amor à entrega que nos convida a nos entregar]

(309) La Iglesia no es nuestra, hermanos, es de Dios; Él es el dueño del templo y del sembrado; todos tienen cabida, todos son invitados a encontrar aquí y entre nosotros su alimento. Todos. Y Él, el que preparó las bodas para su Hijo- manda a buscar a todos, sanos y enfermos, buenos y malos, todos. Nosotros somos simples «servidores» (cf. Col 1,23) no **podemos** ser quienes impidamos ese encuentro (H23).

[A Igreja não é nossa, irmãos, é de Deus; Ele é o dono do templo e das colheitas; todos têm um lugar, todos são convidados a encontrar sua comida aqui e entre nós. Todo mundo. E Ele, que preparou as núpcias de seu Filho, manda a todos, sãos e enfermos, bons e maus, a todos. Somos simples "servos" (cf. Col 1,23), não podemos ser os que impedem esse encontro]

Em (308) e (309), as modalidades deôntica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, operam na camada da Propriedade Configuracional, sendo instauradas por meio de operadores modais (*querer* e *poder*) flexionados no modo indicativo. Em (308), a modalidade volitiva diz respeito à intenção (necessidade volitiva) do participante expresso pelo predicado (*Jesús*) de realizar o evento volicionado, no caso, ser o único tesouro das pessoas. Em (309), a modalidade deôntica se refere à proibição (negação de possibilidade deôntica) que recai sobre o participante descrito pelo predicado (*nosotros* – todos os membros do clero católico), em que este não pode impedir que as pessoas se aproximem de Jesus Cristo, haja vista que não são donos do templo religioso, apenas servidores do “dono da casa” (*Deus*).

Ainda na camada da Propriedade Configuracional, a modalidade volitiva pode operar por meio do modo subjuntivo (*presente*), especificamente nos casos de possibilidade volitiva (*optação*), em que o falante reporta a possibilidade ou não de que o participante descrito pelo predicado venha a realizar o evento desejado, como se pode averiguar nos exemplos de (310) a (312), que foram retirados da Internet:³⁶⁶

³⁶⁶ Devido à inexistência de casos de modalidade volitiva, operando na camada da Propriedade Configuracional, sendo instaurada por meio de operadores modais volitivos flexionados no presente do subjuntivo nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus*, recorreu-se a esses exemplos retirados da Internet.

(310) “Y no hablo sobre sacerdotisas mujeres, sino de la presencia de mujeres dentro de las principales organizaciones e instituciones católicas. Es un tema transversal que va desde Europa a América, África y Asia”, anota. “Y a diferencia de la apertura relativa y el apoyo a la unión civil homosexual, el papa Francisco no dado ninguna señal de que **quiera** hacer una reforma en este sentido”.³⁶⁷

[“E não estou falando de sacerdotisas, mas da presença feminina nas principais organizações e instituições católicas. É um tema transversal que vai da Europa à América, África e Ásia”, defende. “E ao contrário da relativa abertura e apoio à união civil homossexual, o Papa Francisco não deu nenhum sinal de que queira fazer uma reforma a este respeito”]

(311) Y ... digamos, la oración «oficial», la oración litúrgica, ¿cómo está regulada para los Hermanos Cartujos? - Como la de los Monjes del Claustro, por el rezo de las Horas canónicas, aunque algo más reducida. - ¿Suplen los Hermanos las Horas canónicas con algo...? - Es frecuente que los Hermanos **prefieran** rezar determinado número de padrenuestros y avemarías por cada Hora del Oficio Divino. Así se hacía antiguamente.³⁶⁸

[E ... digamos, a oração "oficial", a oração litúrgica, como é regulada para os Cartuxos? - Como a dos Monges do Claustro, para a recitação das Horas Canônicas, embora um pouco mais reduzida. - Os Irmãos complementam as Horas Canônicas com algo...? - É frequente que os Irmãos prefiram rezar um certo número de Pai-Nossos e Ave-Marias por cada Hora do Ofício Divino. É assim que costumava ser]

(312) Es realmente un privilegio para nosotros. Es verdaderamente una gracia que Dios nos ame hasta el punto de que Él **desea** venir a nosotros físicamente en lugar de ser invisible, pero aún no es el momento para que eso suceda. Jesús sacrificó su cuerpo en el Calvario para salvarnos. Él vino y se fue para que el Espíritu Santo habitara en nosotros para derramar una miríada de gracias sobre nosotros y provocar nuestro grito de "¡Abba, Padre!".³⁶⁹

[É realmente um privilégio para nós. É realmente uma graça que Deus nos ame a ponto de que ele deseje vir até nós fisicamente em vez de ser invisível, mas ainda não é o momento para isso acontecer. Jesus sacrificou seu corpo no Calvário para nos salvar. Ele veio e foi para o Espírito Santo habitar em nós para derramar uma miríade de graças sobre nós e provocar nosso grito de "Aba, Pai!"]

De (310) a (312), a modalidade volitiva é instaurada, respectivamente, pelos operadores modais *querer*, *preferir* e *desear*, em que o falante reporta a possibilidade volitiva (*optação*) de que o participante descrito pelo predicado, respectivamente *el Papa Francisco*, *los Hermanos* e *Dios*, intencione realizar o evento desejado, no caso, o desejo de realizar uma reforma que inclua as mulheres dentro das principais organizações e instituições católicas, em (310); de rezar um determinado número de pai-nossos e ave-marias por cada Hora do Ofício

³⁶⁷ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-54648895>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

³⁶⁸ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://www.vocatiochartreux.org/ENCANTADO%20DE%20SER%20CARTUJO.html>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

³⁶⁹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.eucharisticjesus.net/espanol>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

Divino, em (311); e de voltar uma segunda vez para estar fisicamente entre os cristãos (o segundo retorno de Jesus Cristo), em (312).

No entanto, há casos em que a possibilidade volitiva (*optação*), com a modalidade volitiva operando na camada da Propriedade Configuracional, também pode ser codificada, morfossintaticamente, por meio do indicativo, especificamente em contextos que expressam condição por meio da partícula condicional *si*, como na ocorrência (313):

(313) «El Señor también te llama a ser parte de su pueblo y lo hace con gran respeto y amor» (Evangelii Gaudium 113). Porque nuestro Dios nos respeta hasta en nuestras bajezas y en nuestro pecado. Con qué este llamamiento del Señor, con qué humildad y con qué respeto lo describe en el texto del Apocalipsis: “Mira, estoy a la puerta y llamo, si **quieres** abrir”. No fuerza, no hace saltar la cerradura, simplemente toca el timbre, golpea suavemente y espera, ese es nuestro Dios (H16).

[«O Senhor também vos chama a fazer parte do seu povo e fá-lo com grande respeito e amor» (Evangelii Gaudium 113). Porque nosso Deus nos respeita até em nossa baixeza e em nossos pecados. Com que apelo do Senhor, com que humildade e com que respeito o descreve no texto do Apocalipse: “Olha, estou à porta e bato, se queres abrir”. Não force, não abra a fechadura, apenas toque a campainha, bata suavemente e espere, esse é o nosso Deus]

Em (313), a modalidade volitiva é instaurada pelo operador modal *querer*, flexionado na segunda pessoa do singular (*quieres*), cuja volição reportada pelo Falante (Papa Francisco) indica a possibilidade volitiva (*optação*) de que o participante descrito pelo predicado (*tú* – remete a cada pessoa em particular)³⁷⁰ deseje realizar o evento volicionado, no caso, que abra a porta de seu *coração* (a alma, o espírito, a vida, etc.) para Jesus Cristo. Pondera-se que a possibilidade volitiva (*optação*) seja reforçada pelo uso da partícula condicional *si*, que antecede o modal volitivo *querer*.

Na camada da Propriedade Configuracional, é possível que a modalidade volitiva, instaurada no modo subjuntivo (*pretérito imperfecto*), possa manifestar necessidade volitiva (*intención*), ainda que o Falante (Papa Francisco) também pretenda ser polido e cortês com o seu Ouvinte (bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis católicos), como na ocorrência (314):

(314) La mirada de Jesús no acepta una lógica, una mirada que siempre «corta el hilo» por el más débil, por el más necesitado. Tomando «la posta» Él mismo nos da el ejemplo, nos muestra el camino. Una actitud en tres palabras, toma un poco de pan

³⁷⁰ Nesta passagem do Apocalipse, reportada pelo Papa Francisco em sua homilia, entende-se que o uso da forma pronominal *tú* seja direcionada, de maneira muito particular, a cada um daqueles que seguem ou não a Jesus Cristo, em razão de cada “alma ter o seu encontro pessoal com Deus”. Sendo assim, entendeu-se o emprego da segunda pessoa do singular (*quieres*) como um chamado particular e pessoal de Jesus Cristo, e não um *tú* genérico, como já foi citado nesta pesquisa.

y unos peces, los bendice, los parte y entrega para que los discípulos lo compartan con los demás. Y este es el camino del milagro. Ciertamente no es magia o idolatría. Jesús, por medio de estas tres acciones logra transformar una lógica del descarte, en una lógica de comunión, en una lógica de comunidad. **Quisiera** subrayar brevemente cada una de estas acciones (H17).

[O olhar de Jesus não aceita uma lógica, um olhar que sempre "corta o fio" pelos mais fracos, pelos mais necessitados. Tomando "o posto" Ele mesmo nos dá o exemplo, nos mostra o caminho. Uma atitude em três palavras, ele pega um pouco de pão e um pouco de peixe, os abençoa, parte e entrega para os discípulos compartilharem com os outros. E esse é o caminho do milagre. Certamente não é mágica ou idolatria. Jesus, por meio dessas três ações, consegue transformar uma lógica do descarte, em uma lógica de comunhão, em uma lógica de comunidade. Eu quisera pontuar brevemente cada uma dessas ações]

Em (314), a modalidade volitiva é instaurada por meio do operador modal *querer*, flexionado no *pretérito imperfecto* do subjuntivo, em que o Falante (Papa Francisco) expressa o seu desejo pessoal, o que pode ser evidenciado por meio da marca de primeira pessoa do singular (*quisiera*), de pontuar para os fiéis, brevemente, as ações realizadas por Jesus Cristo na passagem do Evangelho que foi lida antes da homilia.

Na camada do Estado-de-Coisas, a modalidade deôntica diz respeito à obrigação, à permissão ou à proibição de realização do evento que está sob a qualificação modal deôntica, enquanto a modalidade volitiva se refere ao desejo de concretização de um evento. Desse modo, verifica-se que o indicativo é empregado para expressar *Volitividade*, por meio desses subtipos modais, nesta camada, remetendo ao estatuto objetivo de concretização do evento, como se pode averiguar nas ocorrências (315) e (316):

(315) La familia también forma una pequeña Iglesia, la llamamos «Iglesia doméstica» que, junto con la vida, encauza la ternura y la misericordia divina. En la familia la fe se mezcla con la leche materna: experimentando el amor de los padres se siente más cercano el amor de Dios. Y en la familia y de esto todos somos testigos los milagros se hacen con lo que hay, con lo que somos, con lo que uno tiene a mano y muchas veces no es el ideal, no es lo que soñamos, ni lo que «**debería** ser» (H15).
[A família forma também uma pequena Igreja, a que chamamos «Igreja doméstica» que, juntamente com a vida, canaliza a ternura e a misericórdia divina. Na família, a fé se mistura com o leite materno: experimentar o amor dos pais aproxima-se do amor de Deus. E na família e todos nós somos testemunhas disso, milagres se fazem com o que existe, com o que somos, com o que se tem à mão e muitas vezes não é o ideal, não é o que sonhamos, nem o que «deveria ser»]

(316) En segundo lugar, es imprescindible defender que una cultura del reconocimiento mutuo no puede construirse en base a la violencia y destrucción que termina cobrándose vidas humanas. No se **puede** pedir reconocimiento aniquilando al otro, porque esto lo único que despierta es mayor violencia y división. La violencia llama a la violencia, la destrucción aumenta la fractura y separación. La violencia termina volviendo mentirosa la causa más justa (H25).
[Em segundo lugar, é essencial defender que uma cultura de reconhecimento mútuo não pode ser construída com base na violência e na destruição que acaba ceifando vidas humanas. Não se pode pedir reconhecimento aniquilando o outro, porque isso só desperta maior violência e divisão. A

violência exige violência, a destruição aumenta a fratura e a separação. A violência acaba tornando mentirosa a causa mais justa]

Em (315), a modalidade volitiva opera na camada do Estado-de-Coisas e é instaurada por meio do operador modal *deber*, flexionado no *condicional simple* do indicativo; em que o Falante (Papa Francisco) reporta a desejabilidade de concretização de um evento, no caso, o desejo de que toda família (Igreja doméstica) fosse igual ao modelo idealizado pela própria Igreja Católica (a *Família Sagrada*, composta por Jesus, Maria e José). Acredita-se que a leitura volitiva seja propiciada pela não controlabilidade do evento [-controle], haja vista que o modelo de família proposto pela Igreja Católica seja inalcançável e inatingível [-possível], o que reforça a volição expressa.

Em (316), a modalidade deôntica também opera na camada do Estado-de-Coisas e é instaurada por meio do operador modal *poder*, flexionado no *presente* do indicativo; em que o Falante (Papa Francisco) reporta a negação (uso do advérbio *no*) de permissão deôntica (*proibição*) em relação à realização do evento que está sob o escopo da qualificação modal deôntica, no caso, a proibição de se pedir reconhecimento aniquilando ao outro, já que isso gera mais violência e divisão. Pondera-se que a leitura deôntica seja reforçada pela controlabilidade do evento [+controle], pois é possível [+possível] que o reconhecimento e a valorização dos diferentes grupos humanos seja feito por outros meios, sem que se recorra, necessariamente, ao aniquilamento e à desvalorização de alguns grupos humanos.

Ainda em relação à camada do Estado-de-Coisas, é possível que a modalidade volitiva opere por meio do modo subjuntivo, expressando, assim, possibilidade volitiva (*opção*) acerca do evento que está sob a qualificação modal da volição, como nos exemplos (317) e (318), que foram retirados da Internet:³⁷¹

(317) Este domingo, desde la Basílica de San Pedro, el papa Francisco condenó los incendios y los nuevos colonialismos tras la destrucción del Amazonas. Criticó que “se **quiera** sacar adelante solo las ideas propias”.³⁷²

[Neste domingo, na Basílica de São Pedro, o Papa Francisco condenou os incêndios e os novos colonialismos após a destruição da Amazônia. Ele criticou que “se queira avançar apenas com suas próprias ideias”]

³⁷¹ Devido à inexistência de casos de modalidade volitiva operando na camada do Estado-de-Coisas e sendo instaurada no modo subjuntivo nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a esses exemplos retirados da Internet.

³⁷² Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.unotv.com/noticias/portal/internacional/detalle/papa-francisco-condena-destruccion-amazonas-incendios-colonialismos-evangelio-416611/>>. Acesso em: 01 dez. 2020.

(318) “Cómo es posible que se **pretenda** construir un futuro mejor sin pensar en la crisis del ambiente y en los sufrimientos de los excluidos”, reflexiona el Papa Francisco en ese mismo texto. Y agrega: “Merecen una gratitud especial quienes luchan con vigor para resolver las consecuencias dramáticas de la degradación ambiental en las vidas de los más pobres del mundo”.³⁷³

[“Como é possível que se pretenda construir um futuro melhor sem pensar na crise ambiental e nos sofrimentos dos excluídos”, reflete o Papa Francisco no mesmo texto. E acrescenta: “Eles merecem uma gratidão especial os que lutam vigorosamente para resolver as dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais pobres do mundo”]

Em (317) e (318), a modalidade volitiva opera na camada do Estado-de-Coisas, sendo instaurada, respectivamente, pelos operadores modais *querer* e *pretender*, em que o Falante (Papa Francisco) reporta a possibilidade volitiva (*optação*) de concretização do evento que está sob a qualificação modal volitiva, no caso, o desejo de impulsionar algumas ideias próprias de alguns setores da sociedade em relação à região da Amazônia, em (317); e de construir um futuro sem que se pense na crise ambiental e no sofrimento daqueles setores da sociedade que são marginalizados e excluídos, em (318).

Na camada do Episódio, as modalidades deôntica e volitiva estão relacionadas à avaliação subjetiva do falante acerca de um evento anterior ao momento de fala [+preteridade], em que ele avalia como sendo obrigatório ou desejável a possibilidade de reatualização [+realizável] desse evento, em que a leitura deôntica é favorecida pela possibilidade de reatualização, enquanto a leitura volitiva remete à impossibilidade dessa reatualização.

No que diz respeito à modalidade deôntica, ela pode operar, na camada do Episódio, por meio de operadores modais flexionados tanto no indicativo quanto no subjuntivo, como se pode averiguar nos exemplos de (319) a (321), que foram retirados da Internet:³⁷⁴

(319) Junto a la pandemia, Francisco ha tenido tiempo, mucho tiempo, para terminar de repasar, y corregir, el proyecto de reforma de la Curia. "Praedicate Evangelium" ya **debía** haber sido aprobada, pero resulta francamente complicado hacer una revolución curial en plena pandemia mundial. Con todo, ya no hay marcha atrás, y a lo largo de este otoño veremos cambios en la Curia. Otras reformas vendrán directamente con la aprobación del documento, que extinguirá algunos dicasterios y creará otros. Todos los responsables de organismos vaticanos presentarán su renuncia al Papa, que tendrá las manos libres (y la excusa perfecta) para tener a personal de su confianza. A todos de su confianza.³⁷⁵

³⁷³ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.actualidadambiental.pe/por-que-el-papa-francisco-decidio-visitar-puerto-maldonado/>>. Acesso em: 01 dez. 2020.

³⁷⁴ Devido à inexistência de casos de modalidade deôntica operando na camada do Episódio nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a esses exemplos retirados da Internet.

³⁷⁵ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.memo.com.ar/poder/en-que-trabajo-el-papa-durante-la-pandemia/>>. Acesso em: 01 dez. 2020.

[Junto com a pandemia, Francisco teve tempo, muito tempo, para terminar de revisar e corrigir o projeto de reforma da Cúria. "Praedicate Evangelium" já devia ter sido aprovado, mas é francamente difícil fazer uma revolução curial em meio a uma pandemia global. Mesmo assim, não há como voltar atrás e, ao longo deste outono, veremos mudanças na Cúria. Outras reformas virão diretamente com a aprovação do documento, que extinguirá alguns dicastérios e criará outros. Todos os responsáveis pelas organizações vaticanas apresentarão sua renúncia ao Papa, que terá carta branca (e a desculpa perfeita) para ter pessoal em quem confiar. De toda a sua confiança]

- (320) Aún mucho más dolorosa y reveladora es otra anécdota: durante la noche que siguió al doble magnicidio del 6 de abril de 1994, los tres jesuitas de Remera que serían asesinados al día siguiente estuvieron festejando el terrible atentado. Lo conocí por un testigo directo, jesuita hutu, que quedó profundamente turbado por semejante festejo. Que en el corazón de algunos miembros hutus de la Iglesia triunfase el odio étnico sobre la fraternidad evangélica, no es por tanto el único pecado de la Iglesia por el que el papa Francisco **debería** haber pedido perdón. Todo ese odio tuvo unas raíces históricas, aquellas raíces cuya denuncia ocasionó a monseñor André Perraudin tanta persecución y sufrimiento: el complejo de superioridad étnica de la aristocracia feudal tutsi, un complejo que incluso en muchos eclesiásticos tutsis triunfó sobre la fraternidad evangélica.³⁷⁶

[Ainda mais doloroso e revelador é outra anedota: durante a noite que se seguiu ao duplo assassinato de 6 de abril de 1994, os três jesuítas Remera que seriam assassinados no dia seguinte estavam celebrando o terrível ataque. Eu o conheci por meio de uma testemunha direta, um jesuíta hutu, que ficou profundamente perturbado com tal celebração. Esse ódio étnico pela fraternidade evangélica triunfa nos corações de alguns membros Hutu da Igreja não é, portanto, o único pecado da Igreja pelo qual o Papa Francisco deveria ter pedido perdão. Todo esse ódio tinha raízes históricas, aquelas raízes cujas denúncias causaram tantas perseguições e sofrimentos ao arcebispo André Perraudin: o complexo de superioridade étnica da aristocracia feudal tutsi, complexo que mesmo em muitos eclesiásticos tutsis triunfou sobre a fraternidade evangélica]

- (321) El obispo de Astorga parece estar cómodo en los brazos del Derecho Canónico y en las trasnochadas prebendas penales – y de las otras – de las que durante siglos se beneficiaron los miembros de la iglesia católica. Hace meses que **debiera** haber tomado en consideración las denuncias de los seminaristas de La Bañeza y Puebla de Sanabria que sufrieron en su día los abusos sexuales de profesores con sotana y alma tan negras como la noche.³⁷⁷

[O bispo de Astorga parece confortável nos braços do Direito Canônico e nas regalias penais ultrapassadas - e outras - das quais os membros da Igreja Católica se beneficiaram durante séculos. Meses atrás devesse ter levado em consideração as denúncias dos seminaristas de La Bañeza e Puebla de Sanabria que sofreram abusos sexuais por professores com batinas e almas negras como a noite]

De (319) a (321), a modalidade deôntica opera na camada do Episódio, em que a expressão da *Volitividade*, é marcada por meio do operador modal deôntico *deber*, flexionado, respectivamente, no *pretérito imperfecto* do indicativo (*debía*), no *condicional simple* do indicativo (*debería*) e no *pretérito imperfecto* do subjuntivo (*debiera*). A modalidade deôntica remete à uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento apreciado por ele como sendo

³⁷⁶ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.mallorcadiario.com/la-pasion-de-cristo-hoy-en-el-vaticano-y-iv>>. Acesso em: 01 dez. 2020.

³⁷⁷ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://cadenaser.com/emisora/2018/09/14/radio_leon/1536944146_196423.html>. Acesso em: 01 dez. 2020.

obrigatório a sua reatualização [+realizável]. Em (319), o dever de se aprovar o projeto de reforma da Cúria Romana por meio do documento papal *Praedicate Evangelium*, em que a possibilidade de reatualização do evento é marcada pelo próprio falante, ao afirmar que, neste outono (operador de tempo absoluto), já será possível identificar algumas mudanças na Cúria Romana. Em (320), a necessidade de que o Papa Francisco (*alvo volicional* que está sob a apreciação subjetiva do falante) peça perdão pela perseguição e pelo sofrimento ocasionado pela fraternidade evangélica (missionários católicos) aos povos indígenas da região. Em (321), a obrigação de o bispo de Astorga considerar as denúncias dos seminaristas de La Bañeza e Puebla de Sanabria pelos abusos sexuais sofridos pelos professores do seminário (sacerdotes católicos).

Em relação à modalidade volitiva, ela pode operar, na camada do Episódio, também por meio de operadores modais flexionados no indicativo e no subjuntivo, como se pode constatar nos exemplos de (322) a (325), que foram retirados da Internet:³⁷⁸

(322) Con esto de las redes sociales, las noticias no corren sino vuelan y me ha provocado que ande todo el día pegado al teléfono para escuchar las expresiones generosas de los sentimientos de alegría y de felicitación hacia mi persona por mi nombramiento de Párroco de una nueva Parroquia. Pues sí, Don Carlos, el Arzobispo de Valencia me ha nombrado nuevo párroco de la parroquia de San Antonio de Padua, cuyo templo parroquial está en la calle San Jacinto, allá por Fernando el Católico, paseo de la Petxina y calle Quart, frente a los jesuitas. **Quería** haber sido el primero en anunciarlo desde este blog, pero se me han adelantado. Es igual, a fin de cuentas, una buena noticia (ésta lo es para mí) aun es mejor cuando se proclama a los cuatro vientos.³⁷⁹

[Com estas redes sociais, a notícia não flui, mas voa e me fez passar o dia todo colado ao telefone para ouvir as generosas expressões de sentimento de alegria e de parabéns para comigo mesmo pela nomeação como Pároco de uma nova paróquia. Pois sim, D. Carlos, o Arcebispo de Valência nomeou-me novo pároco da paróquia de Santo António de Pádua, cuja igreja paroquial se encontra na rua São Jacinto, ali junto a Fernando *el* Católico, passeio Petxina e rua Quart, em frente Os Jesuítas. Eu queria ter sido o primeiro a anunciá-lo neste *blog*, mas eles me adiantaram. É a mesma coisa, afinal, a boa notícia (é isso para mim) é ainda melhor quando é proclamada aos quatro ventos]

(323) Recuerdo que primero me lo contaron; pero, luego, lo vi con mis propios ojos; en realidad, lo he visto decenas de veces. Y, cada vez que lo veo, me embarga el mismo deseo... Oh, Dios, cómo **querría** haber sido, cómo quería ser aún hoy aquel Leonard Cohen de aquel lejano día de finales de agosto en la Isla de Wight [...] No estuve en la Isla de Wight, claro; pero ahora sé que, como imaginé las letras de tantas canciones, también estuve allí de verdad, sí, estuve allí ese día y vi a Leonard Cohen cuando impuso silencio al caos; cuando solo tenía su voz y su música para

³⁷⁸ Devido aos poucos casos de modalidade volitiva operando na camada do Episódio nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a esses exemplos retirados da Internet como forma de ampliar e especificar outros contextos de uso da modalidade volitiva nessa camada.

³⁷⁹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://umbraldezona.blogspot.com/2014/05/>>. Acesso em: 01 dez. 2020.

hacerlo, y lo hizo. Primero me lo contaron; pero, luego, lo vi; lo he visto decenas de veces y cuando lo veo allí solo con su voz y su música poniendo orden en el caos, quiero ser él, el amo de la noche en la Isla de Wight.³⁸⁰

[Lembro-me que primeiro eles me contaram; mas então eu vi com meus próprios olhos; na verdade, já vi dezenas de vezes. E cada vez que o vejo, o mesmo desejo toma conta de mim ... Oh, Deus, como eu queria ter sido, como que Leonard Cohen queria ser até hoje daquele dia distante no final de agosto na Ilha de Wight [...] Eu não estava na Ilha de Wight, é claro; mas agora eu sei que, ao imaginar a letra de tantas canções, eu também estava lá de verdade, sim, eu estava lá naquele dia e vi Leonard Cohen quando ele silenciava o caos; quando ele só tinha sua voz e sua música para fazer isso, e ele fez. Primeiro, eles me disseram; mas então eu vi; Já o vi dezenas de vezes e quando o vejo ali sozinho com sua voz e sua música trazendo ordem ao caos, quero ser ele, o mestre da noite na Ilha de Wight]

- (324) **Quisiera** haber escrito este artículo cuando me enteré de la muerte de Nelson Mandela, pero me fue imposible. Además, las televisiones se inundaron de Mandelas y Madibas. Los periódicos se llenaron de obituarios y artículos de opinión unánimemente laudatorios. Las redes sociales de trending topics. Los medios se ubicaron en Johannesburgo, con viajes organizados a Soweto o a Robben Island. Sus funerales se colmataron de mandatarios de todo el mundo, dispuestos a hacer su gimnasia matinal en los mejores hoteles y posar ante las cámaras formulando pretenciosas declaraciones alabando al hombre que acababa de morir.³⁸¹

[Quisera ter escrito este artigo quando soube da morte de Nelson Mandela, mas era impossível. Além disso, as televisões foram inundadas com Mandelas e Madibas. Os jornais estavam repletos de obituários e artigos de opinião unanimemente elogiosos. Tendências de redes sociais de tópicos. A mídia estava localizada em Joanesburgo, com viagens organizadas ao Soweto ou à Ilha Robben. Seus funerais foram preenchidos por líderes de todo o mundo, prontos para fazer sua ginástica matinal nos melhores hotéis e posar para as câmeras fazendo afirmações pretenciosas elogiando o homem que acabara de morrer]

- (325) El cirujano plástico, Christian Rivera también conocía a la anestesióloga y había compartido con ella. Él expresó su dolor a través de sus redes sociales, donde aseguró que, como sociedad, hemos fallado. “Como creyente se pone todo en manos de Dios; como hombre hubiera querido estar allí para defenderla, como médico **hubiera querido** haber estado para allí para luchar por su vida; porque en la memoria de Luisa está representada cada mujer de mi país, cada adolescente que sueña, cada niña que hoy camina de la mano de sus padres, cada bebé que está por nacer; y merecen hacerlo en un país que les de la seguridad y la libertad que ellas y nosotros necesitamos... pero como sociedad hemos fallado. Dios reciba a Luisa, le de paz a sus familiares y a nosotros el coraje, la inteligencia y la sabiduría para hacer lo necesario para que a ninguna mujer más le sea arrebatada su vida”, manifestó.³⁸²

[A cirurgia plástica, Christian Rivera, também conhecia a anestesiolegista e havia compartilhado com ela. Ela expressou sua dor através de suas redes sociais, onde garantiu que, como sociedade, falhamos. “Como crente, tudo é colocado nas mãos de Deus; como homem, quisera haver estado lá para defendê-la; como médica, quisera haver estado lá para lutar por sua vida; porque na memória de Luísa está representada toda mulher do meu país, toda adolescente que sonha, toda menina que

³⁸⁰ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.todoliteratura.es/noticia/11357/>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

³⁸¹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.madridiario.es/noticia/406893/opinion/mandela:-de-terrorista-a-hypster.html>>. Acesso em: 01 dez. 2020.

³⁸² Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.crhoy.com/nacionales/medicos-y-comunidad-lamentan-el-terrible-asesinato-de-anestesiologa/>>. Acesso em: 01 dez. 2020.

hoje anda de mãos dadas com os pais, todo bebê que está por nascer; e eles merecem fazê-lo em um país que lhes dê a segurança e a liberdade de que eles e nós precisamos ... mas como sociedade, falhamos. Deus receba Luísa, dê paz aos seus familiares e a nós, a coragem, inteligência e sabedoria para fazer o que for necessário para que nenhuma mulher tenha sua vida arrebatada de si”, disse]

De (322) a (325), verifica-se que a modalidade volitiva opera na camada do Episódio, em que o operador modal *querer*, flexionado, respectivamente, no *pretérito imperfecto* do indicativo (*quería*), no *condicional simple* do indicativo (*querría*), no *pretérito imperfecto* do subjuntivo (*quisiera*) e no *pretérito pluscuamperfecto* do subjuntivo (*hubiera querido*). A modalidade volitiva remete a uma apreciação subjetiva do falante acerca de um evento anterior ao momento da enunciação [+preteridade], que ele avalia ser desejável, ainda que seja impossível a sua concretização [-realizável]. Em (322), o falante expressa o desejo de ter sido o primeiro em anunciar, em seu *blog*, sobre sua nomeação como novo pároco da Paróquia de *San Antonio de Padua*, sendo impossível a sua concretização, pois outras pessoas se adiantaram em passar a notícia sobre sua nomeação. Em (323), o falante expressa o desejo de ter sido o seu ídolo, o cantor Leonard Cohen, quando este conseguiu, com a sua música, parar o caos na apresentação musical na *Isla de Wight*; no entanto, o evento desejado é impossível de se realizar, haja vista que o falante nem pode ser o cantor Leonard Cohen nem pode reviver essa situação. Em (324), o falante expressa o desejo de ter escrito o artigo que está produzindo no momento em que soube da morte de Nelson Mandela, mas lhe foi impossível fazê-lo. Em (325), o falante (a cirurgiã, Christian Rivera) manifesta o desejo de ter acompanhado e tratado, clinicamente, a jovem Luísa, mas infelizmente, a paciente veio a óbito, o que, por sua vez, inviabilizaria a possibilidade de concretização do evento volicionado.

Na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva se refere à apreciação subjetiva (comprometimento volitivo) do falante acerca de um evento desejável por ele com base em suas crenças e convicções pessoais, localizado apenas em sua mente e irrealizável do ponto de vista factual. Desse modo, a modalidade volitiva, como citado anteriormente, pode operar, na camada do Conteúdo Proposicional, por meio de operadores modais volitivos flexionados tanto no modo indicativo quanto no modo subjuntivo. Os exemplos (326) e (327), que foram retirados da Internet,³⁸³ ilustram isso:

³⁸³ Devido às poucas ocorrências de modalidade volitiva operando na camada do Conteúdo Proposicional encontradas nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a esses exemplos da Internet como forma de exemplificar o uso de outros operadores modais volitivos na camada do Conteúdo Proposicional.

(326) Cómo **desearía** que nuestro modo de comunicar, y también nuestro servicio de pastores de la Iglesia, nunca expresara el orgullo soberbio del triunfo sobre el enemigo, ni humillara a quienes la mentalidad del mundo considera perdedores y material de desecho. La misericordia puede ayudar a mitigar las adversidades de la vida y a ofrecer calor a quienes han conocido sólo la frialdad del juicio. Que el estilo de nuestra comunicación sea tal, que supere la lógica que separa netamente los pecadores de los justos.³⁸⁴

[Como desejaria que a nossa forma de comunicar e, também, o nosso serviço como pastores da Igreja, nunca expressem o orgulho arrogante do triunfo sobre o inimigo, nem humilhe aqueles que a mentalidade do mundo considera perdedores e desperdícios. A misericórdia pode ajudar a mitigar as adversidades da vida e oferecer cordialidade àqueles que conheceram apenas a frieza do julgamento. Que o estilo de nossa comunicação é tal que ultrapassa a lógica que separa claramente os pecadores dos justos]

(327) **Quisiera** que todos, después de estos días de gracia, tengamos el valor, precisamente el valor, de caminar en presencia del Señor, con la cruz del Señor; de edificar la Iglesia sobre la sangre del Señor, derramada en la cruz; y de confesar la única gloria: Cristo crucificado. Y así la Iglesia avanzará.³⁸⁵

[Quisera que todos nós, após estes dias de graça, tivéssemos a coragem, precisamente a coragem, de caminhar na presença do Senhor, com a cruz do Senhor; construir a Igreja sobre o sangue do Senhor derramado na cruz; e para confessar a única glória: Cristo crucificado. E assim a Igreja avançará]

Em (326) e (327), a modalidade volitiva opera na camada do Conteúdo Proposicional, em que os operadores modais volitivos (*desear* e *querer*), flexionados, respectivamente, no *condicional simple* (*desearía*) do indicativo e no *pretérito imperfecto* (*quisiera*) do subjuntivo. A modalidade volitiva remete à apreciação pessoal do Falante (Papa Francisco) acerca do evento contido na proposição que está sob o escopo da qualificação modal volitiva. Em (326), o Falante expressa o desejo de que a forma com que o Evangelho e o serviço pastoral são comunicados pelos pastores da Igreja Católica não fosse embasada no orgulho e na soberba, e tampouco se recorresse às humilhações às pessoas consideradas “perdedores” e “material de descarte”. Em (327), o Falante expressa o desejo de que todos pudessem ter a coragem de caminhar na presença do Senhor, com a cruz do Senhor, e, assim, edificar a Igreja Católica com o sangue do Senhor derramado na cruz. Nas ocorrências (326) e (327), constata-se que a apreciação subjetiva do falante diz respeito a construtos mentais alocados em um mundo imaginário/fictício no qual todos os seus desejos são concretizados (*fonte de ordenação volicional*).

³⁸⁴ Exemplo retirado da Internet. Mensagem do Papa Francisco pela Jornada Mundial das Comunicações. Disponível em: <<https://accp.org.py/el-mensaje-del-papa-francisco-por-la-jornada-mundial-de-las-comunicaciones/>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

³⁸⁵ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco na Jornada Mundial da Juventude no Brasil. Disponível em: <http://www.jesuites.net/sites/default/files/Textos%20Papa%20Francisco_marzo_abril_2013_0.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

Como citado na metodologia, os casos referentes ao modo *imperativo* não foram contabilizados como ocorrência de modalidade deôntica, em razão de a GDF diferenciar atos ilocucionários (camada da Ilocução, que está alocada no Nível Interpessoal, em que as unidades linguísticas são evocadas a partir da relação entre os Participantes da interação) da categoria modalidade (categoria linguística expressa por meio de operadores/modificadores que atuam nas camadas do Nível Representacional, em que ocorre a designação das unidades linguísticas no enunciado modalizado). Assim sendo, as Ilocuções Imperativas, Exortativas e Proibitivas, que foram encontradas no *corpus* desta pesquisa e codificadas, morfossintaticamente, no modo *imperativo*, não foram contabilizadas como forma de expressão da modalidade deôntica.

Entretanto, especificamente, para a modalidade volitiva, é possível encontrarmos, em língua espanhola, casos em que os operadores modais volitivos estão codificados, morfossintaticamente, no modo *imperativo*, em que o falante parece exortar o ouvinte de que este deseje realizar um dado evento. Os exemplos (328) e (329), que foram retirados da Internet,³⁸⁶ ilustram, respectivamente, um caso de Ilocução Imperativa e um caso de modalidade volitiva com o operador modal *querer* flexionado no modo imperativo:

(328) Comprométete a hacer una sola cosa. Los estudios de investigación indican que las personas son más exitosas si se concentran en una sola meta, como por ejemplo hacer ejercicio todos los días durante 30 minutos. **Ayuda a tus padres a comprometerse con una tarea específica.**³⁸⁷

[Comprometa-se a fazer apenas uma coisa. Pesquisas indicam que as pessoas têm mais sucesso se se concentrarem em um único objetivo, como se exercitar todos os dias por 30 minutos. Ajude seus pais a se comprometerem com uma tarefa específica]

(329) —Eso es igual. Comprendo sus sentimientos y la comprendo a ella. Pero bueno, bueno, no hablaré de eso —se interrumpió al ver la expresión descontenta de su rostro—. Pero también comprendo que después de ver el sufrimiento y todos los horrores que ocurren en las cárceles —decía Mariette, deseando sólo atraérselo y adivinando con su intuición femenina todo lo que para él resultaba más importante y querido—, **quiera** usted ayudar a los que sufren tan horriblemente por culpa de la gente, la indiferencia, la crueldad... Comprendo que se puede sacrificar por esto la vida, y yo misma la sacrificaría. Pero cada uno tiene su destino.³⁸⁸

[- É o mesmo. Eu entendo seus sentimentos e eu a entendo. Mas hey, bem, eu não vou falar sobre isso. “Ela parou quando viu a expressão descontente em seu rosto. Mas também entendo que depois de ver o sofrimento e todos os horrores que acontecem nas prisões - disse Mariette, desejando apenas atraí-lo e adivinhando com sua intuição feminina tudo o que ele tinha de mais importante e

³⁸⁶ Estes exemplos foram retirados da Internet, em razão de não haver sido encontrados casos de operadores modais volitivos sendo flexionados no modo imperativo nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa.

³⁸⁷ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.rchsd.org/health-articles/ayudar-a-que-tus-padres-sean-sanos-2/>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

³⁸⁸ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <http://www.solidaridadobrera.org/ateneo_nacho/libros/Leon%20Tolstoi%20-%20Resurreccion.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

querido - queira você ajudar quem sofre tão horrivelmente por causa das pessoas, da indiferença, da crueldade ... Eu entendo que a vida pode ser sacrificada por isso, e eu mesmo a sacrificaria. Mas todo mundo tem seu destino]

Pondera-se, com base na *Volitividade*, especificamente, na *atitude volicional do falante*, que um *ato volicional*, que é a expressão da *Volitividade* em relação à necessidade de concretização de um evento, possa se “revestir” de uma *imposição volicional*, que a expressão da *Volitividade* relativa à necessidade que impulsiona alguém à realização de um evento. Por isso, seria possível que operadores modais volitivos possam instaurar modalidade volitiva quando flexionados no modo *imperativo*, diferenciando-se dos atos ilocucionários imperativos.

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), em (328), constata-se um caso de Ilocução Imperativa, que diz respeito à direção do falante ao ouvinte para que este realize a ação evocada no Conteúdo Comunicado, em que o predicado *ayudar*, flexionado no modo imperativo, evoca a ação que deve ser executada, em questão, ajudar os pais a se comprometerem em fazer uma tarefa específica. Por sua vez, em (329), averigua-se um caso de modalidade volitiva instaurada por meio do operador modal volitivo *querer*, flexionado no modo imperativo, em que a fonte volicional (*pessoa que solicita que se execute a ação desejada*) exorta ao alvo volicional (*usted*) a realizar o evento descrito pelo predicado, no caso, que o alvo volicional queira ajudar aos mais necessitados, que sofrem devido à indiferença dos demais.

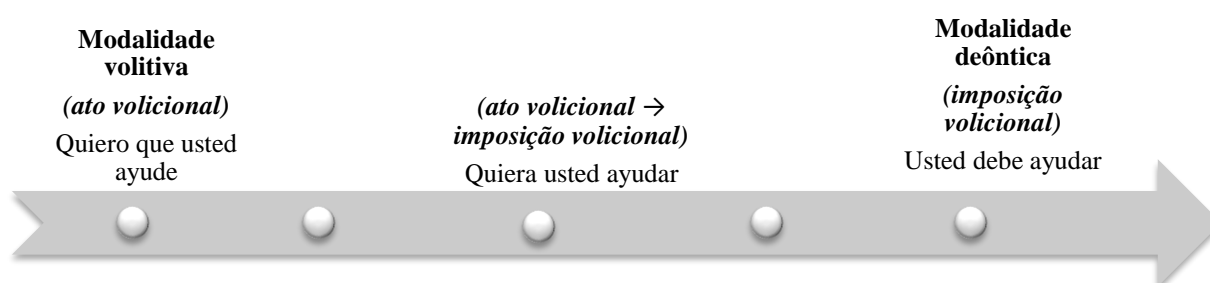
Especificamente, em relação aos casos de modalidade volitiva é expressa por meio de modalizadores volitivos flexionados no modo imperativo, pondera-se que, por ser de natureza acional [+ação], haja vista que há uma *fonte volicional* que deseja a concretização de um evento por parte de um *alvo volicional*, a modalidade volitiva opere na camada da Propriedade Configuracional. Nessa camada, os operadores modais (*querer*) incidem sobre um predicado (*ayudar*) e os seus argumentos (*usted* e *a los que sufren*). Entende-se que o verbo *querer*, ainda que esteja no modo imperativo, não se trata de um verbo de Ação, mesmo que a natureza do enunciado modalizado seja de caráter acional. Dessa forma, pondera-se que a fonte volicional deseja a concretização do evento por parte do alvo volicional, revelando, assim, a natureza acional do evento que está sob o escopo da modalidade volitiva instaurada.

Acredita-se que os casos, em que os operadores modais volitivos são flexionados no modo imperativo, digam respeito ao processo de gramaticalização da modalidade volitiva em direção à modalidade deôntica, como aponta Casimiro (2007). Isso se deve, pois, às modalidades deôntica e volitiva, como já foi explicitado nesta pesquisa, têm origem, segundo Lyons (1977), na função *desiderativa da linguagem (Volitividade)*, em que as funções

desiderativas e instrumentais da linguagem servem tanto para expressar ou para designar as vontades e os desejos dos sujeitos (modalidade volitiva) quanto para conseguir que algo seja feito a partir da imposição da própria vontade a outros agentes (modalidade deôntica).

Assim sendo, na expressão do *elemento do desejo*, há uma gradação quando a modalidade volitiva passa a designar o alvo volicional na construção do enunciado modalizado. A Figura 9 mostra essa gradação no processo de gramaticalização da modalidade volitiva para a modalidade deôntica, quando um *ato volicional* migra em direção a uma *imposição volicional*:

Figura 9: Gradação no processo de gramaticalização da modalidade volitiva em modalidade deôntica na expressão da *Volitividade*



Fonte: Elaborado pelo autor

Em relação à modalidade deôntica, que é uma gramaticalização da modalidade volitiva, conforme Casimiro (2007), e, na expressão da *Volitividade*, uma *imposição volicional*, como é defendido neste trabalho, os operadores modais deônticos não poderiam ser empregados no modo *imperativo* para instaurar modalidade deôntica, haja vista que seriam construções agramaticais, como se pode constatar na ocorrência (330), que é uma paráfrase da ocorrência (329):

(330) —Eso es igual. Comprendo sus sentimientos y la comprendo a ella. Pero bueno, bueno, no hablaré de eso —se interrumpió al ver la expresión descontenta de su rostro—. Pero también comprendo que después de ver el sufrimiento y todos los horrores que ocurren en las cárceles —decía Mariette, deseando sólo atraérselo y adivinando con su intuición femenina todo lo que para él resultaba más importante y querido—, **deba usted ayudar a los que sufren tan horriblemente por culpa de la gente, la indiferencia, la crueldad...* Comprendo que se puede sacrificar por esto la vida, y yo misma la sacrificaría. Pero cada uno tiene su destino.

[- É o mesmo. Eu entendo seus sentimentos e eu a entendo. Mas hey, bem, eu não vou falar sobre isso. “Ela parou quando viu a expressão descontente em seu rosto. Mas também entendo que depois de ver o sofrimento e todos os horrores que acontecem nas prisões - disse Mariette, desejando

apenas atraí-lo e adivinhando com sua intuição feminina tudo o que ele tinha de mais importante e querido - deva você ajudar quem sofre tão horrivelmente por causa das pessoas, da indiferença, da crueldade ... Eu entendo que a vida pode ser sacrificada por isso, e eu mesmo a sacrificaria. Mas todo mundo tem seu destino]

Como se pode verificar, as modalidades deôntica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, podem ser codificadas, morfossintaticamente, por meio do modo indicativo ou subjuntivo, a depender do tipo de camada em que elas operam no Nível Representacional. O Quadro 21 traz os principais aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na manifestação da *Volitividade*, especificamente no que diz respeito ao tipo de modo verbal empregado na expressão do *elemento do desejo*:

Quadro 21: Aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito à codificação morfossintática de modo verbal

Camada do Nível Representacional	Aspectos de convergência e divergência em relação ao tipo de tempo verbal
Propriedade Configuracional (f)	Convergência: as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas no <i>modo indicativo</i> .
	Divergência: a modalidade volitiva pode ser instaurada no <i>modo subjuntivo</i> e no <i>modo imperativo</i> .
Estado-de-Coisas (e)	Convergência: as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas no <i>modo indicativo</i> .
	Divergência: a modalidade volitiva pode ser instaurada no <i>modo subjuntivo</i> .
Episódio (ep)	Convergência: as modalidades deôntica e volitiva podem ser instauradas no <i>modo indicativo</i> e no <i>modo subjuntivo</i> .
Conteúdo Proposicional (p)	A modalidade deôntica não opera nesta camada. A modalidade volitiva pode ser instaurada no <i>modo indicativo</i> e no <i>modo subjuntivo</i> .

Fonte: Elaborado pelo autor

Para além da codificação morfossintática do modo verbal, acreditou-se que *as formas como os modais se combinam no enunciado modalizado*, empregados para instaurar as modalidades deôntica e volitiva, pudessem também ser relevantes para que se verificassem os aspectos de divergência e convergência entre ambos os conteúdos modais na expressão do

elemento do desejo. Assim sendo, avalia-se que a modalidade volitiva, quando a volição é de natureza acional [+acional], aproxima-se da modalidade deôntica na codificação morfossintática dos operadores modais no enunciado modalizado, ou seja, em termos estruturais, os operadores modais deônticos e volitivos teriam um escopo de atuação sobre Sintagmas Verbais no infinitivo. Por sua vez, quando a volição manifestada é de natureza mental [+mental], a modalidade volitiva se afasta da modalidade deôntica na codificação morfossintática, em que os operadores modais volitivos teriam um escopo de atuação sobre Sintagmas Verbais flexionados.

Ao ser feita a inter-relação entre o domínio semântico (modalidades deôntica e volitiva) e as formas como os modais se combinam no enunciado modalizado, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,01 ($p < 0,05$), constata-se que há um condicionamento entre o tipo de avaliação que se faz do enunciado modalizado e a forma como os modais deônticos e volitivos se combinam na codificação morfossintática.

Constata-se, por meio da Tabela 19, que as modalidades deôntica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, são instauradas, majoritariamente, com modalizadores que têm um escopo de atuação sobre Sintagmas Verbais no infinitivo (136 ocorrências, que totalizam 86,6%):

Tabela 19: A inter-relação entre o domínio semântico e as formas como os modais se combinam no enunciado modalizado

A forma como os modais se combinam no enunciado modalizado	Domínio semântico		Total
	Deôntica	Volitiva	
Modalizador + Sintagma Verbal no Infinitivo	57 (36,3%)	79 (50,3%)	136 (86,6%)
Modalizador + Sintagma Nominal	00 (0,0%)	11 (7%)	11 (7%)
Modalizador + Sintagma Verbal Flexionado	02 (1,3%)	08 (5,1%)	10 (6,4%)
Total	59 (37,6%)	98 (62,4%)	157 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Na camada da Propriedade Configuracional, em que a modalidade deôntica diz respeito à imposição de regras e normas de conduta sobre o participante descrito pelo predicado, e a modalidade volitiva se refere à intenção do participante em realizar o evento contido no

enunciado modalizado, verifica-se que ambos os subtipos modais são instaurados por meio de operadores modais que incidem sobre um Sintagma Verbal no infinitivo, como se pode averiguar nas ocorrências (331) e (332):

(331) Aquí en Ciudad Juárez, como en otras zonas fronterizas, se concentran miles de migrantes de Centroamérica y otros países, sin olvidar tantos mexicanos que también **buscan pasar** «al otro lado» (H14).

[Aqui em Ciudad Juárez, como em outras áreas de fronteira, concentram-se milhares de migrantes da América Central e de outros países, sem esquecer tantos mexicanos que também procuram passar "para o outro lado"]

(332) No todo ha comenzado con nosotros, y tampoco todo terminará con nosotros, por eso cuánto bien nos hace recuperar la historia que nos ha traído hasta acá. Y, en este hacer memoria, no **podemos saltarnos** a alguien que amó tanto este lugar que se hizo hijo de esta tierra. A alguien que supo decir de sí mismo: «Me arrancaron de la magistratura y me pusieron en el timón del sacerdocio, por mérito de mis pecados. A mí, inútil y enteramente inhábil para la ejecución de tan grande empresa; a mí, que no sabía manejar el remo, me eligieron primer Obispo de Michoacán» (Vasco Vázquez de Quiroga, Carta pastoral, 1554) (H13).

[Nem tudo começou conosco, nem tudo vai acabar conosco, por isso que nos faz muito bem resgatar a história que nos trouxe até aqui. E, nesta memória, não podemos faltar a alguém que amou tanto este lugar que se tornou filho desta terra. A quem soube dizer de si: "Tiraram-me da magistratura e colocaram-me à frente do sacerdócio, por causa dos meus pecados. Para mim, inútil e totalmente sem qualificação para a execução de tão grande empreendimento; fui eleito primeiro Bispo de Michoacán, que não sabia manejar o remo» (Vasco Vázquez de Quiroga, Carta pastoral, 1554)]

Em (331) e (332), as modalidades deontica e volitiva são instauradas por meio de modalizadores, respectivamente *buscar* e *poder*, que têm um escopo de atuação sobre Sintagmas Verbais no infinitivo, designadamente *pasar* e *saltar*. Em (331), a modalidade volitiva diz respeito à intenção do participante expresso (*tantos mexicanos*) de realizar o que é descrito pelo predicado, no caso, o desejo de cruzar a fronteira do México com os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida. Em (332), a modalidade deontica está relacionada à proibição (negação de permissão) do participante descrito pelo predicado (*nosotros* – toda a comunidade de fiéis católicos) de deixar de falar acerca daqueles católicos, hoje beatos e em processo de canonização, que os precederam na evangelização e que, com sua fé, puderam fazer com que o catolicismo se expandisse pelas terras mexicanas.

Especificamente, na camada da Propriedade Configuracional, a modalidade volitiva pode ser instaurada por meio de operadores modais que incidem diretamente sobre um Sintagma Verbal flexionado ou sobre um Sintagma Nominal, como se pode examinar nas ocorrências (333) e (334):

(333) Por eso fiel al mandato del Señor, dice una y otra vez: «Hagan esto en memoria mía» (Lc. 22,19). Actualiza, hace real, generación tras generación, en los distintos rincones de nuestra tierra, el misterio del Pan de Vida. Nos lo hace presente, nos lo entrega. Jesús **quiere** que participemos de su vida y a través nuestro se vaya multiplicando en nuestra sociedad. No somos personas aisladas, separadas, sino somos el Pueblo de la memoria actualizada y siempre entregada (H17).

[É por isso que, fiel ao mandamento do Senhor, ele diz continuamente: "Fazei isto em memória de mim" (Lc 22,19). Ele atualiza, torna real, geração após geração, nos diferentes cantos da nossa terra, o mistério do Pão da Vida. Ele o torna presente para nós, ele o dá para nós. Jesus quer que participemos de sua vida e através de nós isso se multiplicará em nossa sociedade. Não somos pessoas isoladas, separadas, mas somos Gente da memória atualizada e sempre entregue]

(334) Por el contrario, las bienaventuranzas nacen del corazón compasivo de Jesús que se encuentra con el corazón compasivo y necesitado de compasión de hombres y mujeres que quieren y **anhelan una vida bendecida** (H24).

[Pelo contrário, as bem-aventuranças nascem do coração compassivo de Jesus que encontra os corações compassivos e necessitados de compaixão de homens e mulheres que desejam e anseiam por uma vida abençoada]

Em (333) e (334), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, em que o participante descrito pelo predicado, respectivamente, *Jesús* e *hombres y mujeres*, expressa volição sobre um dado evento. Em (333), o participante manifesta o desejo de que todas as pessoas (*alvo volicional*) façam parte da sua vida e que, por meio delas, ele vá se tornando presente na sociedade, em que o operador modal *querer* tem um escopo de atuação sobre um Sintagma Verbal flexionado (*participemos*), em virtude de o sujeito sintático do modal (*Jesús* – fonte volicional) não coincidir com o sujeito sintático do predicado principal (*nosotros* – alvo volicional). Em (334), o participante manifesta o desejo de obter uma vida abençoada, em que o operador modal *anhelar*, que é tanto o operador modal quanto o predicado principal, tem um escopo de atuação sobre um Sintagma Nominal (*una vida bendecida*).

Ao se analisar, na camada da Propriedade Configuracional, os casos em que a modalidade volitiva é instaurada por meio de operadores modais que incidem sobre Sintagmas Verbais flexionados, é perceptível que, nesses casos, o sujeito sintático do predicado principal se refira ao *alvo volicional*, ou seja, sobre quem recai a ação desejada pela *fonte volicional*. Em relação aos traços semânticos (Nível Representacional) desse alvo volicional, que, por sua vez, influenciam na codificação morfossintática do tempo e da pessoa do predicado principal (Nível Morfossintático), pode-se constatar que ele pode ser de três naturezas semânticas distintas: (i) um *alvo volicional passivo*, quando este sofre a ação desejada pela fonte volicional [+paciente]; (ii) um *alvo volicional ativo*, quando lhe recai a necessidade de realizar a ação desejada pela fonte volicional [+ativo]; e (iii) um *alvo volicional reflexivo*, quando lhe recai a necessidade de

realizar e sofrer a ação desejada pela fonte volicional [+reflexivo]. Os exemplos de (335) a (337), que foram retirados da Internet, ilustram isso:³⁸⁹

(335) Dios siempre es así, siempre anda en nuestra búsqueda, siempre quiere salir a nuestro encuentro. No importa la causa por la cual nos hayamos alejado, no importa cuál sea nuestro pecado, no importa cuanto tiempo haya pasado...Él siempre quiere ir a nuestro encuentro. Dios quiere sanarnos, Dios quiere curar nuestras heridas, sobretodo las de nuestra mente, alma y corazón. Dios quiere cuidarnos, quiere hacernos entender que nuestro pecados ya fueron perdonados. Dios **quiere** que sintamos su amor, que vivamos en su amor. Dios quiere hacernos mejores personas porque Él sabe que su amor es capaz de transformarnos y restaurarnos.³⁹⁰

[Deus é sempre assim, está sempre à nossa procura, sempre quer sair ao nosso encontro. Não importa por que tenhamos vagado, não importa qual seja o nosso pecado, não importa quanto tempo tenha se passado ... Ele sempre quer nos encontrar. Deus quer nos curar, Deus quer curar nossas feridas, especialmente as de nossa mente, alma e coração. Deus quer cuidar de nós, quer que entendamos que nossos pecados já foram perdoados. Deus quer que sintamos seu amor, que vivamos em seu amor. Deus quer nos tornar pessoas melhores porque sabe que Seu amor é capaz de nos transformar e restaurar]

(336) Actualmente son numerosas las comisiones nacionales, diocesanas e interdiocesanas que dan su valiosa aportación a la preparación de repertorios locales, tratando de realizar un discernimiento que tenga en cuenta la calidad de los textos y de las músicas. **Deseo** que los obispos sigan secundando el compromiso de esas comisiones, favoreciendo su eficacia en el ámbito pastoral.³⁹¹

[Atualmente, são numerosas as comissões nacionais, diocesanas e interdiocesanas que dão sua valiosa contribuição à preparação dos repertórios locais, procurando fazer um discernimento que leve em conta a qualidade dos textos e da música. Desejo que os bispos continuem apoiando o empenho dessas comissões, favorecendo sua eficácia no âmbito pastoral]

(337) Esta es la gran novedad: el amor del Padre aparece más en la humanidad de Jesús y en la debilidad del hombre, en el dolor, en las desgracias, en las víctimas de las injusticias, en los perseguidos y en los que dejan su patria para salvar su vida. De ese mismo amor, Jesús **quiere** que nos amemos también entre nosotros: “Les doy un mandamiento nuevo, ámense los unos a los otros, así como yo los he amado”. El mandamiento nuevo es el don de participar de la capacidad de amar de Jesús, que con su entrega total en la cruz ha hecho posible que gocemos del amor y de la comunión que une el Padre, el Hijo y el Espíritu Santo.³⁹²

[Esta é a grande novidade: o amor do Pai aparece mais na humanidade de Jesus e na fraqueza do homem, na dor, nas desgraças, nas vítimas das injustiças, nos perseguidos e nos que deixam para

³⁸⁹ Devido à inexistência de casos de modalidade volitiva, operando na camada da Propriedade Configuracional, em que o alvo volicional era passivo e reflexivo, recorreu-se a esses exemplos retirados da Internet. No intuito de explorar o emprego de outros modalizadores volitivos em que o alvo volicional era ativo, recorreu-se também a outros exemplos retirados da Internet.

³⁹⁰ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://fr-fr.facebook.com/comunidadreinagt/posts/2100759400238476/>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

³⁹¹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://encuentra.com/sin-categoria/quiografo_del_sumo_pontifice_juan_pablo_ii15764/>. Acesso em: 03 dez. 2020.

³⁹² Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco sobre o amor misericordioso de Jesus. Disponível em: <<https://campanas.iglesiasantacruz.org/dejemonos-permear-por-el-amor-misericordioso-de-jesus-dice-monsenor-sergio/>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

trás sua terra natal para salvar sua vida. A partir desse mesmo amor, Jesus quer que nos amemos também: "Eu vos dou um novo mandamento, amai-vos como eu vos amei." O novo mandamento é o dom de participar na capacidade de amar de Jesus, que com a sua dedicação total na cruz nos tornou possível desfrutar do amor e da comunhão que une o Pai, o Filho e o Espírito Santo]

De (335) a (337), a modalidade volitiva refere-se ao desejo da fonte volicional de que a ação desejada seja concretizada pelo alvo volicional, cujos operadores modais volitivos (*querer* e *desear*) incidem sobre Sintagmas Verbais flexionados, em que o sujeito sintático do predicado principal se refere ao alvo volicional. Em (335), o alvo volicional (*nosotros* – todas as pessoas) é passivo [+paciente] (no sentido de experimentar o amor de Deus, podendo ser entendido como um Processado Experimentador [+experimentador]), pois este irá sofrer a ação desejada pela fonte volicional (*Dios*), no caso, sentir o seu amor. Em (336), o alvo volicional (*los obispos*) é ativo [+ativo], haja vista que este irá concretizar a ação desejada pela fonte volicional (*Papa João Paulo II*), em questão, continuar apoiando as comissões católicas que são responsáveis pela elaboração dos textos e das músicas litúrgicas. Em (337), o alvo volicional (*nosotros* – todos os cristãos católicos) é recíproco [+recíproco], considerando que este irá concretizar e sofrer a ação desejada pela fonte volicional (*Jesus Cristo*) que é reportada pelo Papa Francisco, que consiste em se amarem uns aos outros.

No entanto, em relação à natureza semântica passiva [+paciente] do alvo volicional, é plenamente possível que a modalidade volitiva seja instaurada por meio de operadores modais que têm um escopo de atuação sobre Sintagmas Verbais no infinitivo, em que o *alvo volicional passivo* é marcado, morfossintaticamente, por meio de pronomes complementos (*me, te, se, nos, os, etc.*), como na ocorrência (338):

(338) Esta unidad, clamada por Jesús, es un don que hay que pedir con insistencia por el bien de nuestra tierra y de sus hijos. Y es necesario estar atentos a posibles tentaciones que pueden aparecer y «contaminar desde la raíz» este don que Dios **nos quiere** regalar y con el que nos invita a ser auténticos protagonistas de la historia (H25).

[Esta unidade, exigida por Jesus, é um dom que deve ser pedido com insistência para o bem da nossa terra e dos seus filhos. E é preciso estar atento às possíveis tentações que podem surgir e "contaminar desde a raiz" este dom que Deus nos quer dar e com o qual nos convida a ser autênticos protagonistas da história]

Em (338), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional, em que o operador modal volitivo *querer* tem um escopo de atuação sobre um Sintagma Verbal no infinitivo (*regalar*). Como se pode averiguar, o alvo volicional é expresso por meio do pronome complemento *nos* (todas as pessoas), que irá experimentar (Processado Experimentador –

processo mental) e se beneficiar [+beneficiário] do amor de Deus (fonte volicional), que consiste em receber de presente a unidade que é um dom de Deus.

Na camada do Estado-de-Coisas, a modalidade deôntica diz respeito a normas e regras de conduta de âmbito geral, cuja qualificação modal recai sobre a necessidade ou possibilidade de realização de um evento; enquanto a modalidade volitiva está relacionada à (in)desejabilidade de concretização de um evento. Nessa camada, os operadores modais deônticos e volitivos podem ter um escopo de atuação sobre Sintagmas Verbais no infinitivo (quando o sujeito sintático do modal e o sujeito sintático do predicado principal coincidem) ou sobre Sintagmas Verbais flexionados (quando o sujeito sintático do modal e o sujeito sintático do predicado principal não coincidem), como se pode atestar nas ocorrências de (339) a (342):³⁹³

(339) El Reino de Dios está cerca, Dios está entre nosotros. Y el Evangelio mismo nos muestra la alegría y el efecto en cadena que esto produce: comenzó con Simón y Andrés, después Santiago y Juan (cf. Mc 1,14-20) y, desde esos días, pasando por santa Rosa de Lima, santo Toribio, san Martín de Porres, san Juan Macías, san Francisco Solano, ha llegado hasta nosotros anunciado por esa nube de testigos que han creído en Él. Ha llegado hasta Lima, hasta nosotros para comprometerse nuevamente como un renovado antídoto contra la globalización de la indiferencia. Porque ante este Amor, no se **puede permanecer** indiferentes (H28).

[O Reino de Deus está próximo, Deus está entre nós. E o próprio Evangelho mostra-nos a alegria e o efeito em cadeia que isso produz: começou com Simão e André, depois Tiago e João (cf. Mc 1,14-20) e, desde então, passando por Santa Rosa de Lima, São Toribio, São Martinho de Porres, São Juan Macías, São Francisco Solano, chegaram até nós anunciados por aquela nuvem de testemunhas que acreditaram Nele. Ele veio a Lima, para nos comprometer novamente como um antídoto renovado contra a globalização de indiferença. Porque antes desse amor, não se pode ficar indiferente]

(340) Salían en barcas, como algunos de ustedes siguen saliendo en los «caballitos de totora», y tanto ellos como ustedes con el mismo fin: ganarse el pan de cada día. En eso se juegan muchos de nuestros cansancios cotidianos: poder sacar adelante a nuestras familias y darles lo que las ayudará a construir un futuro mejor. Esta «laguna con peces dorados», como la **han querido llamar**, ha sido fuente de vida y bendición para muchas generaciones (H27).

[Saíam em barcos, como alguns de vós ainda saem nos "caballitos de totora", e tanto eles como vós com o mesmo propósito: ganhar o pão de cada dia. É aqui que grande parte do nosso cansaço diário está em jogo: sermos capazes de criar nossa família e dar-lhes o que os ajudará a construir um futuro melhor. Esta "lagoa com peixes dourados", como queriam chamá-la, é fonte de vida e bênção há muitas gerações]

³⁹³ Alguns exemplos foram retirados da Internet, em razão de não se haver encontrado casos de operadores modais volitivos com escopo de atuação sobre Sintagmas Verbais flexionados. Ainda que houvesse algumas poucas ocorrências de operadores modais deônticos tendo um escopo de atuação sobre Sintagmas Verbais flexionados, preferiu-se alguns exemplos retirados da Internet, como forma de explorar o uso de outros operadores modais deônticos possíveis em língua espanhola.

(341) El líder de la Iglesia católica aprovechó la ocasión para condenar cualquier tipo de violencia "que por ningún motivo puede ser adoptada como instrumento para afrontar las cuestiones políticas y sociales", recalcó. "**Es necesario** que los líderes políticos se esfuercen por restablecer con urgencia una cultura del diálogo para el bien común y para reforzar las instituciones democráticas y promover el respeto del estado de derecho, con el fin de prevenir las desviaciones antidemocráticas, populistas y extremistas", dijo.³⁹⁴

[O dirigente da Igreja Católica aproveitou a ocasião para condenar qualquer tipo de violência "que em nenhuma razão pode ser adotada como instrumento para enfrentar as questões políticas e sociais", frisou. "É necessário que os líderes políticos se esforcem para restabelecer com urgência uma cultura de diálogo para o bem comum e para fortalecer as instituições democráticas e promover o respeito pelo Estado de Direito, a fim de prevenir desvios antidemocráticos, populistas e extremistas", disse]

(342) Tim Murtaugh, gerente de comunicaciones de la campaña de Trump, dijo que "Brad Parscale es un miembro de nuestra familia y todos lo amamos". "Estamos listos para apoyarlo a él ya su familia de cualquier manera posible". Por lo pronto, se deduce que algo está podrido en Dinamarca... bueno, en el equipo de Donald Trump. **Es deseable** que no suceda una tragedia de proporciones mayúsculas. Al final, el juego de la política es eso... un simple juego.³⁹⁵

[Tim Murtaugh, gerente de comunicações da campanha Trump, disse "Brad Parscale é um membro de nossa família e todos nós o amamos." "Estamos prontos para apoiá-lo e à sua família de todas as formas possíveis." Por enquanto, percebe-se que algo está podre na Dinamarca ... bem, na equipe de Donald Trump. É desejável que uma tragédia de proporções maiores não aconteça. No final das contas, o jogo da política é apenas isso ... um jogo simples]

Em (339) e (340), as modalidades deôntica e volitiva operam na camada do Estado-de-Coisas, em que os operadores modais deôntico e volitivo, respectivamente, *poder* e *querer* incidem sobre Sintagmas Verbais no infinitivo, no caso, *permanecer* e *llamar*. Em (339), a modalidade deôntica se refere à proibição (negação de permissão) de realização do evento que está sob a qualificação modal, no caso, de permanecer indiferente a Jesus (metaforizado pelo substantivo *Amor*). Em (340), a modalidade volitiva diz respeito ao desejo de continuar chamando, o que é expresso por meio do *pretérito perfecto compuesto* do indicativo (*han querido*), a lagoa, onde os pescadores da região peruana de Huanchaco pescam o alimento diário para as suas famílias, de "lagoa com peixes dourados".

Por seu lado, em (341) e (342), as modalidades deôntica e volitiva, também operando na camada do Estado-de-Coisas, são instauradas por meio de operadores modais, respectivamente *es necesario* e *es deseable*, que incidem sobre Sintagmas Verbais flexionados, em questão, *esforzarse* e *suceder*. Isso se deve, pois o sujeito sintático (*los políticos* e *una*

³⁹⁴ Exemplo retirado da Internet. Discurso do Papa Francisco sobre a situação econômica na América Latina. Disponível em: <<https://www.latercera.com/mundo/noticia/papa-francisco-dice-estar-preocupado-la-multiplicacion-las-crisis-politicas-america-latina/967220/>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

³⁹⁵ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://mxpolitico.com/nacional/politica/intenta-suicidarse-excoordinador-campana-donald-trump>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

tragedia) expresso pelo predicado principal (*se esfuerzen* e *suceda*) diverge em relação ao verbo que acompanha o adjetivo em função predicativa (*es* – terceira pessoa do singular). Em (341), a modalidade deôntica se refere à obrigação de realização do evento que está sob a qualificação modal, que consiste no esforço dos políticos em restabelecer uma cultura de diálogo para o bem comum de todos. Em (342), a modalidade volitiva diz respeito ao desejo de concretização do evento que está sob a qualificação modal, no caso, que uma tragédia de proporções maiores suceda no final do jogo da política.³⁹⁶

Na camada do Episódio, as modalidades deôntica e volitiva remetem a uma avaliação subjetiva do falante acerca de um evento anterior ao momento de fala e que ele julga obrigatório, quando é possível a reatualização do evento [+realizável], ou desejável de que se pudesse concretizar, quando é impossível a reatualização do evento [-realizável]. Nessa camada, os operadores modais deônticos e volitivos incidem sobre Sintagmas Verbais no infinitivo, como se pode averiguar nos exemplos (343) e (344), que foram retirados da Internet:³⁹⁷

(343) –Algunos dicen que el papa Francisco está tratando de cambiar las cosas pero que tiene frenos internos. ¿Usted cree que puede ser así? –Si existieran los frenos internos, el papa debería denunciarlos. Debería decir, yo quiero hacer estas cosas, pero estas personas no me dejan hacerlas. Es un tema demasiado importante. Seguramente se han cometido errores, por ejemplo, en la elección de la clase dirigente vaticana que es la que **tendría que** haber llevado adelante la batalla contra la pedofilia. Por ejemplo, el cardenal australiano George Pell, convocado a Roma y nombrado prefecto emérito de la Secretaría para la Economía del Vaticano para reformar la economía de la Santa Sede. El cardenal australiano está ahora en la cárcel en Australia, condenado a seis años por abuso sexual.³⁹⁸

[- Alguns dizem que o Papa Francisco está tentando mudar as coisas, mas tem freios internos. Você acha que pode ser assim? - Se existissem os freios internos, o papa deveria denunciá-los. Eu deveria dizer, eu quero fazer essas coisas, mas essas pessoas não me deixam fazer. É um tópico muito importante. Certamente erros foram cometidos, por exemplo, na eleição da classe dominante do Vaticano, que é aquela que deveria ter travado o combate à pedofilia. Por exemplo, o cardeal australiano George Pell, convocado a Roma e nomeado prefeito emérito do Secretariado para a Economia do Vaticano para reformar a economia da Santa Sé. O cardeal australiano está agora na prisão, na Austrália, condenado a seis anos por abuso sexual]

(344) Es muy triste, nos quedamos sin vacaciones. Quisiera poder construir algo con esta mala experiencia: aparentemente despegar.com no se encarga de resolver inconvenientes. Si uno quiere planificar con ellos debe asegurarse de chequear todo

³⁹⁶ Entende-se que a modalidade volitiva na codificação com verbo no infinitivo é mais gramaticalizada do que com adjetivo na posição predicativa, em que o alvo da orientação modal (o Estado-de-Coisas), frequentemente está numa oração não finita (desenvolvida).

³⁹⁷ Devido à inexistência de casos de modalidade deôntica e volitiva operando na camada do Episódio, em que os operadores modais deônticos e volitivos incidiam sobre o verbo *haber+participio* nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus*, recorreu-se a esses exemplos retirados da Internet.

³⁹⁸ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.other-news.info/noticias/2019/04/1a-pedofilia-esta-destruyendo-a-la-iglesia/>>. Acesso em: 07 dez. 2020.

el tiempo el estado de la reserva y no esperar nada. No entiendo por qué ellos no comunican cuando hay problemas- porque si ellos lo hicieran uno podría resolverlos...En nuestro caso- el tema de la tarjeta se podría haber resuelto- y **podríamos** haber mantenido el precio del pasaje de avión y podríamos haber viajado. No entiendo cómo es posible que si uno contrata un paquete ellos den ok a la reserva del hotel y den curso a los pagos en la tarjeta - ¡¡¡¡es paquete!!!! De ¿qué me sirve el hotel si no tengo vuelo? Es un problema de falta de interés por el cliente, ausencia total de profesionalismo. Logramos cancelar luego de dos días de llamadas telefónicas- espero no recibir ningún cargo en mi tarjeta. De ser así veré que acciones podemos hacer. ¡Gracias Verónica!³⁹⁹

[É muito triste, ficamos sem férias. Quisera poder construir algo com essa experiência ruim: aparentemente o *despegar.com* não se preocupa em resolver problemas. Se você quiser planejar com eles, certifique-se de verificar o status da reserva o tempo todo e não espere nada. Não entendo por que não comunicam quando há problemas - porque se o fizessem, poderia resolvê-los ... No nosso caso - o problema do cartão poderia ter sido resolvido - e poderíamos ter mantido o preço da passagem aérea, e poderíamos ter viajado. Não entendo como é possível que alguém alugue um pacote dê ok para a reserva do hotel e proceda com os pagamentos no cartão - é um pacote!!!! Para que serve o hotel se eu não tenho voo? É um problema de falta de interesse do cliente, falta total de profissionalismo. Conseguimos cancelar após dois dias de chamadas telefônicas - espero não receber uma cobrança no meu cartão. Se for assim, verei quais ações podemos fazer. Obrigado Veronica!]

Em (343), a modalidade deôntica diz respeito a uma avaliação subjetiva do falante, marcada pelo uso do operador modal *tener que*, flexionado no *condicional simple (tendría que)*, acerca de um evento anterior ao momento de fala (os casos de pedofilia ocorridos na Igreja Católica nos últimos anos), no qual ele avalia que *la clase dirigente vaticana* (alvo volicional que está sob a qualificação deôntica) teria o dever de seguir adiante na luta contra a pedofilia. A possibilidade de reatualização desse evento [+realizável] pode ser identificada no discurso do próprio falante, em que ele cita um caso de um cardeal australiano que foi preso por crime de pedofilia e condenado a seis anos de prisão.

Em (344), a modalidade volitiva também diz respeito a uma avaliação subjetiva do falante, codificada por meio do operador modal *poder*, flexionado no *condicional simple (podríamos)*, acerca de um evento anterior ao momento de fala (a compra de um pacote de viagens para as suas férias), no qual ele expressa o desejo de que tivesse ocorrido de maneira distinta, no caso, que eles poderiam ter mantido o preço das passagens aéreas e ter viajado naquelas férias. A impossibilidade de reatualização do evento [-realizável] é explicitada pelo próprio falante, ao relatar que o cancelamento da viagem havido sido feito após dois dias seguidos de chamadas telefônicas para a empresa responsável pela venda do pacote de viagens.

³⁹⁹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://www.tripadvisor.es/ShowTopic-g1-i11062-k7139022-Despegar_com_iii_Delincuentes-Package_Holidays.html>. Acesso em: 07 dez. 2020.

Especificamente, para a modalidade volitiva, ao operar na camada do Episódio, é possível que os operadores modais volitivos tenham um escopo de atuação sobre Sintagmas Verbais flexionados, como nos exemplos (345) e (346), que foram retirados da Internet:⁴⁰⁰

(345) Tercer combate, en este caso por el World Heavyweight Champion entre el campeón John Cena y el que yo **quisiera** que hubiese ganado JBL, que en este caso venía acompañado por su empleado Shawn Michaels. Lucha normalilla hasta que JBL atiza al arbitro y con esto Shawn entra al ring y le aplica su Sweet Chin Music a JBL y luego al confiado de Cena, coloca a JBL encima del campeón y se va a los vestuarios a la espera de que un arbitro haga la cuenta, pero este no llega, John Cena resucita y gana buaggg.⁴⁰¹

[Terceira luta, neste caso pelo Campeão Mundial de Pesos Pesados, entre o campeão John Cena e aquele que eu queria que o JBL tivesse vencido, que neste caso estava acompanhado por seu funcionário Shawn Michaels. Luta normalinha até que JBL atinge o árbitro e com isso, Shawn entra no ringue e aplica sua Sweet Chin Music no JBL e depois no confiante de Cena, coloca JBL em cima do campeão e vai para o vestiário esperando o árbitro fazer a conta, mas esse aqui não chega, John Cena ressuscita e ganha buaggg]

(346) El dolor por la ausencia de un ser querido es inevitable, hay que darse el tiempo de asimilar este proceso. Aún **quisiera** que no hubiese ocurrido. Aunque sé que tengo que aceptar tu partida, se me hace tan difícil pensar que ya no vas a estar. Y me dan ganas de devolver el tiempo y tenerte a mi lado para abrazarte más, mimarte más. Y no es que no lo haya hecho, es que me cuesta tanto aceptar que no te voy a ver más en este plano.⁴⁰²

[A dor pela ausência de um ente querido é inevitável, você tem que ter tempo para assimilar esse processo. Ainda queria que isso não tivesse acontecido. Embora eu saiba que devo aceitar sua partida, é muito difícil para mim pensar que você não estará mais aqui. E isso me dá vontade de voltar no tempo e ter você ao meu lado para te abraçar mais, mimá-la mais. E não é que eu não tenha, é muito difícil para mim aceitar que não vou mais ver você neste plano material]

Em (345) e (346), a modalidade volitiva opera na camada do Episódio, sendo instaurada por meio do operador modal volitivo *querer*, flexionado no *pretérito imperfecto* do subjuntivo (*quisiera*), para expressar a avaliação subjetiva do falante acerca de um evento, que pode ser localizado no tempo e no espaço [+factual] e é anterior ao momento de fala [+preteridade]. Em (345), o falante expressa o desejo de que o lutador JBL tivesse ganho a luta contra o jogador John Cena (o evento apreciado diz respeito à luta entre os jogadores JBL e John Cena), o que é impossível de ser reatualizado [-realizável], pois não há como voltar ao

⁴⁰⁰ Devido à inexistência de casos de modalidade volitiva operando na camada do Episódio, em que os operadores modais volitivos eram codificados na forma *modalizador+completiva com que* nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus*, recorreu-se a esses exemplos retirados da Internet.

⁴⁰¹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://y2jboli.wordpress.com/2009/01/29/royal-rumble-09/>>. Acesso em: 07 dez. 2020.

⁴⁰² Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.facebook.com/prilabahe/photos/el-dolor-por-la-ausencia-de-un-ser-querido-es-inevitable-hay-que-darse-el-tiempo/1913545228714102/>>. Acesso em: 07 dez. 2020.

início da luta para que o lutador JBL possa ganhar do seu adversário. Em (346), o falante expressa o desejo de que sua filha não tivesse morrido tão repentinamente (o evento avaliado diz respeito ao falecimento da sua filha), o que também é impossível de ser reatualizado [-realizável], ou seja, que ela possa voltar a viver novamente. A impossibilidade de que o evento apreciado possa se concretizar é expresso pelo falante, ao relatar que: *Y me dan ganas de devolver el tiempo y tenerte a mi lado para abrazarte más, mimarte más.*

Na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva diz respeito a uma apreciação subjetiva do falante acerca de um evento que pode ser apenas localizado em sua mente, irrealizável do ponto de vista factual e advindo de suas crenças e desejos pessoais. Nessa camada, os operadores modais volitivos incidem sobre Sintagmas Verbais flexionados, haja vista que o sujeito sintático do modal (que faz a apreciação subjetiva) não coincide com o sujeito sintático do predicado principal (o evento qualificado e contido na proposição), como nos exemplos (347) e (348), que foram retirados da Internet:⁴⁰³

(347) Este es un avance “positivo” aunque “llega tarde”, según Enrique Torre Molina, activista y consultor LGBT+ y cofundador del espacio Colmena 41. “En lo primero que pensé fue en las personas gays, lesbianas o trans que son católicas y que con estos cambios les comunican un mensaje de que son un poquito más bienvenidos en una institución que históricamente no les ha dado la bienvenida”, comenta. También cree que es un “mensaje importante” para los padres y madres de personas de estos colectivos, pues les da “más herramientas dentro de su fe” para querer a sus hijos. Aun así, el activista piensa que estos cambios de postura son “insuficientes” y que deberían haber llegado hace “muchos años”, además señala que sigue quedando fuera la cuestión del matrimonio dentro de la iglesia para personas del mismo sexo. “Yo **quisiera** que la aceptación fuera total, no solo como una concesión parcial”.⁴⁰⁴

[Este é um desenvolvimento “positivo”, embora “seja tarde”, segundo Enrique Torre Molina, ativista LGBT + e consultor e cofundador do espaço Colmena 41. “A primeira coisa que pensei foi em gays, lésbicas ou trans que são católicos e que com essas mudanças passam a mensagem de que são um pouco mais bem-vindos em uma instituição que historicamente não os acolheu”, afirma. Ele também acredita que é uma “mensagem importante” para os pais das pessoas desses grupos, pois lhes dá “mais ferramentas dentro de sua fé” para amar seus filhos. Mesmo assim, o ativista acha que essas mudanças de postura são “insuficientes” e que deveriam ter ocorrido “há muitos anos”, ele destaca ainda que a questão do casamento dentro da igreja para pessoas do mesmo sexo continua sendo deixada de lado. “Eu quisera que a aceitação fosse total, não apenas como uma concessão parcial.”]

⁴⁰³ Devido às poucas ocorrências de modalidade volitiva operando na camada do Conteúdo Proposicional nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a esses exemplos retirados da Internet como forma de explicitar e explorar outros tipos de operadores modais volitivos e o emprego de outros tempos verbais na instauração da modalidade volitiva ao atuar nesta camada.

⁴⁰⁴ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://elpais.com/mexico/2020-10-21/la-comunidad-lgbt-mexicana-sobre-las-palabras-del-papa-es-un-gran-paso.html>>. Acesso em: 07 dez. 2020.

(348) Con motivo de la XXV Jornada Mundial del Enfermo, renuevo, con mi oración y mi aliento, mi cercanía a los médicos, a los enfermeros, a los voluntarios y a todos los consagrados y consagradas que se dedican a servir a los enfermos y necesitados; a las instituciones eclesiales y civiles que trabajan en este ámbito; y a las familias que cuidan con amor a sus familiares enfermos. **Deseo** que todos sean siempre signos gozosos de la presencia y el amor de Dios, imitando el testimonio resplandeciente de tantos amigos y amigas de Dios, entre los que menciono a san Juan de Dios y a san Camilo de Lelis, patronos de los hospitales y de los agentes sanitarios, y a la santa Madre Teresa de Calcuta, misionera de la ternura de Dios.⁴⁰⁵
 [Por ocasião do XXV Dia Mundial do Doente, renovo, com a minha oração e encorajamento, a minha proximidade aos médicos, enfermeiras, voluntários e todos os homens e mulheres consagrados que se dedicam ao serviço dos enfermos e pessoas em necessidade; às instituições eclesiais e civis que atuam nesta área; e para famílias que cuidam amorosamente de seus parentes doentes. Desejo que todos sejam sempre alegres sinais da presença e do amor de Deus, imitando o testemunho resplandecente de tantos amigos de Deus, entre os quais faço menção a S. João de Deus e S. Camilo de Lélis, patronos de hospitais e trabalhadores da saúde, e à Santa Madre Teresa de Calcutá, missionária da ternura de Deus]

Em (347) e (348), os operadores modais *querer* e *desear* operam na camada do Conteúdo Proposicional, em que o falante faz uma apreciação subjetiva sobre a possibilidade volitiva de ocorrência de um evento localizado apenas em sua mente e que está contido na proposição qualificada. Tais eventos se referem a construtos mentais relativos a um mundo imaginário/fictício no qual somente o falante tem acesso, cuja apreciação desse evento é feita com base em suas crenças e desejos pessoais (o que pode ser evidenciado pelas marcas de primeira pessoa do singular, *quisiera* e *deseo*). A *fonte de ordenação volicional*, que regula a modalidade volitiva instaurada e operando na camada do Conteúdo Proposicional, diz respeito aos mundos em que todos os desejos do falante são realizados.

Em (347), o falante expressa o desejo de que houvesse uma aceitação total e não apenas uma concessão parcial de pessoas LGBT+ por parte da Igreja Católica, em que a apreciação subjetiva do falante é codificada por meio do operador modal volitivo *querer*, flexionado no *pretérito imperfecto* do subjuntivo e com escopo de atuação sobre um Sintagma verbal flexionado (*fuera*). Em (348), o Falante (Papa Francisco) manifesta o desejo de que todos aqueles que trabalham em prol dos enfermos possam ser sinais da presença e do amor de Deus, em que a avaliação subjetiva do Falante é codificada por meio do operador modal volitivo *desear*, flexionado no *presente* do indicativo e com escopo de atuação sobre um Sintagma Verbal flexionado (*sean*).

⁴⁰⁵ Exemplo retirado da Internet. Mensagem do Santo Padre Papa Francisco para a XXV Jornada Mundial dos Enfermos do ano de 2017. Disponível em: <<https://diosonrio.org.co/mensaje-del-papa-francisco-la-jornada-mundial-del-enfermo-2017/>>. Acesso em: 07 dez. 2020.

Como se pode verificar, as modalidades deôntica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, podem ser codificadas por meio de operadores modais que tem um escopo de atuação sobre Sintagmas Verbais no infinitivo e Sintagmas Verbais flexionados. Por sua vez, a modalidade volitiva é a única em que os operadores modais podem incidir sobre Sintagmas Nominais (quando o operador modal é, ao mesmo tempo, o modalizador e o predicado principal).

O Quadro 22 traz os principais aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na manifestação da *Volitividade*, especificamente no que diz respeito às formas como os modais se combinam no enunciado modalizado para a expressão do *elemento do desejo*:

Quadro 22: Aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito às formas como os modais se combinam no enunciado modalizado

Camada do Nível Representacional	Aspectos de convergência e divergência em relação ao tipo de tempo verbal
Propriedade Configuracional (f)	Convergência: os operadores modais deônticos e volitivos incidem sobre Sintagmas Verbais no infinitivo. O evento é <i>não factual</i> , mas pode vir a ser localizado no tempo e no espaço em um momento posterior ao da enunciação.
	Divergência: os operadores modais volitivos incidem sobre Sintagmas Nominais.
Estado-de-Coisas (e)	Convergência: os operadores modais deônticos e volitivos incidem sobre Sintagmas Verbais no infinitivo ou Sintagmas Verbais flexionados. O evento é <i>não factual</i> , mas pode vir a ser localizado no tempo e no espaço em um momento posterior ao da enunciação.
Episódio (ep)	Convergência: os operadores modais deônticos e volitivos incidem sobre Sintagmas Verbais no infinitivo. O evento que está sob o escopo da avaliação pessoal do falante é <i>factual</i> , haja vista que pode ser localizado no tempo e no espaço.
	Divergência: os operadores modais volitivos incidem sobre Sintagmas Verbais flexionados. Para a modalidade

	deôntica, há a possibilidade de que o evento avaliado possa ser reatualizado [+realizável], enquanto, para a modalidade volitiva, não há a possibilidade de que o evento apreciado venha a ser reatualizado [-realizável].
Conteúdo Proposicional (p)	A modalidade deôntica não opera nesta camada. A modalidade volitiva pode ser instaurada por meio de operadores modais que incidem sobre Sintagmas Verbais flexionados. O evento que está sob o escopo da qualificação subjetiva do falante pode ser apenas localizado em sua mente.

Fonte: Elaborado pelo autor

Como foi discutido nas seções anteriores, constata-se que há aspectos de ordem pragmática, semântica e morfossintática, que estão alocados, respectivamente, nos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático, que podem assinalar principais divergências e convergências entre as modalidades deôntica e volitiva no que diz respeito à expressão do *elemento do desejo*. Neste sentido, pretendeu-se averiguar como a *Volitividade* poderia servir como parâmetro de delimitação (divergência) e de aproximação (convergência) entre as modalidades deôntica e volitiva, ao operarem nos níveis e camadas do Componente Gramatical, conforme a GDF.

Por fim, o Quadro 23 traz o resumo dos elementos de convergência e divergência, no que tangem aos aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos, relativos à expressão da *Volitividade* por meio das modalidades deôntica e volitiva nas homilias do Papa Francisco e nos outros textos relativos ao exercício do Santo Padre como Chefe da Igreja Católica (Mensagens, Discursos, Exortações Apostólicas, Cartas Apostólicas, Encíclicas, etc.) e que foram retiradas da Internet:

Quadro 23: Os aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na expressão da *Volitividade*

Volitividade: a manifestação do elemento do desejo no enunciado modalizado.
Imposição volicional: expressão volicional que conduz à realização de um evento (<i>eixo da conduta</i>).

Ato volicional: expressão volicional relativa à concretização de um evento (<i>eixo da volição</i>).
Componente Conceitual
Modalidade deôntica: a base volicional é circunstancial e a fonte de ordenação volicional é relativa a um mundo em que todas as regras e normas de conduta são cumpridas e não violadas.
Modalidade volitiva: a base volicional é circunstancial e a fonte de ordenação volicional é referente a um mundo em que todos os desejos e as vontades do sujeito são realizados.
Componente Gramatical
Nível Interpessoal
Camada da Ilocução (ILL)
Modalidade deôntica: Ilocuções Declarativas, cuja atitude volicional do Falante é uma imposição volicional, que diz respeito à imposição da vontade dos sujeitos sobre outros agentes para que estes realizem um evento.
Modalidade volitiva: Ilocuções Declarativas, cuja atitude volicional do Falante é um ato volicional, que diz respeito à expressão ou designação dos desejos e vontades dos sujeitos acerca da concretização de um evento.
Camada do Conteúdo Comunicado (C)
Modalidade deôntica: a informação fornecida pelo Falante ao Ouvinte acerca do Conteúdo Proposicional, que é evocado por meio do Conteúdo Comunicado, diz respeito ao que é moral, legal e socialmente aceito em termos de regras e normas de conduta.
Modalidade volitiva: A informação fornecida pelo Falante ao Ouvinte acerca do Conteúdo Proposicional, que é evocado por meio do Conteúdo Comunicado, diz respeito ao que é desejável ou indesejável.
Nível Representacional
Camada do Conteúdo Proposicional (p)
Modalidade deôntica: a modalidade deôntica não opera nesta camada.
Modalidade volitiva: evento não controlado [-controle]; escopo da modalização é indireto [-direto]; eventos mentais [+mental]; eventos irrealizáveis [-realizável]; evento de aspecto <i>irrealis</i> [-factual]; valores modais (desideração e imprecação); natureza

modal (apreciativa); natureza modal de caráter mental [+mental]; qualificação modal centrada na fonte volicional; sujeito semântico específico ou genérico [±específico] e animado [+humano]; Estado-de-Coisas de Estado; modalidade expressa por meio de verbos plenos; tempo verbal presente, pretérito *imperfecto*, *condicional simple* e pretérito *pluscuamperfecto*; modo verbal indicativo e subjuntivo; e os operadores modais incidem sobre Sintagmas Verbais flexionados.

Camada do Episódio (ep)

Modalidade deôntica: evento controlado [+controle]; escopo da modalização [-direto]; eventos passados [+pretérito]; evento avaliado de aspecto *realis* [+factual]; possibilidade de reatualização do evento [+realizável] [-factual]; valores modais (obrigação); natureza modal (avaliativa); natureza modal de caráter acional [+ação]; qualificação modal centrada no alvo volicional; sujeito semântico específico ou genérico [±específico] e animado ou inanimado [±humano]; Estado-de-Coisas de Ação; modalidade expressa por meio de auxiliares modais; uso de segunda e terceira pessoa do singular/plural; tempo verbal *condicional simple*; modo verbal indicativo e subjuntivo; e o operador modal incide sobre Sintagmas Verbais no infinitivo.

Modalidade volitiva: evento controlado e não controlado [±controle]; escopo da modalização [±direto]; eventos passados [+pretérito]; evento apreciado de aspecto *realis* [+factual]; impossibilidade de reatualização do evento [-realizável] [+contrafactual]; eventos passados e controlados [+realizável] [+factual]; valores modais (desideração, imprecação e intenção); natureza modal (apreciativa e disposicional); natureza modal de caráter mental [+mental] e acional [+ação]; qualificação modal centrada na fonte volicional e/ou no alvo volicional; sujeito semântico específico ou genérico [±específico] e animado ou inanimado [±humano]; Estados-de-Coisas de Ação e Processo; modalidade expressa por meio de auxiliares modais e verbos plenos; uso de primeira, segunda e terceira pessoa do singular/plural; tempo verbal *pretérito imperfecto*; modo verbal indicativo e subjuntivo; e os operadores modais incidem sobre Sintagmas Verbais no infinitivo e Sintagmas Verbais flexionados.

Camada do Estado-de-Coisas (e)

Modalidade deôntica: evento controlado [+controle]; escopo da modalização direto [±direto]; eventos futuros [+futuro]; evento de aspecto *irrealis* [-factual]; valores modais (obrigação, permissão, proibição e derrogação); natureza modal (regulativa);

natureza modal de caráter acional [+ação]; qualificação modal centrada no evento; sem a especificação de um sujeito semântico ou sujeito semântico específico [+específico] e inanimado [-humano]; Estados-de-Coisas de Ação e Posição; modalidade expressa por meio de adjetivos em função predicativa, auxiliares modais e construções modalizadoras; uso de segunda pessoa do singular (genérica) e terceira pessoa do singular/plural; tempo verbal presente; modo verbal indicativo; e o operador modal incide sobre Sintagmas Verbais no infinitivo e Sintagmas Verbais flexionados.

Modalidade volitiva: evento não controlado [-controle]; escopo da modalização direto e indireto [±direto]; eventos futuros [+futuro]; evento de aspecto *irrealis* [-factual]; valores modais (opção); natureza modal (expressiva); natureza modal de caráter acional [+ação]; qualificação modal centrada no evento; sem especificação de sujeito semântico; Estados-de-Coisas de Processo; modalidade expressa por meio de adjetivos em posição predicativa, verbos plenos, auxiliares modais e construções modalizadoras; uso de segunda pessoa do singular (genérica) e terceira pessoa do singular/plural; tempo verbal presente e pretérito *perfecto compuesto*; modo verbal indicativo e subjuntivo; e o operador modal incide sobre Sintagmas Verbais no infinitivo e Sintagmas Verbais flexionados.

Camada da Propriedade Configuracional (f)

Modalidade deôntica: evento controlado [+controle]; escopo da modalização [+direto]; eventos futuros [+futuro]; evento de aspecto *irrealis* [-factual]; valores modais (obrigação, permissão, proibição e derrogação); natureza modal (prescritiva e normativa); natureza modal de caráter acional [+ação]; qualificação modal centrada no alvo volicional; sujeito semântico genérico ou específico [±específico] e animados [+humano]; Estados-de-Coisas de Ação e Posição; modalidade expressa por meio de auxiliares modais, substantivos e construções modalizadoras; uso de primeira, segunda e terceira pessoa do singular/plural; tempo verbal presente; modo verbal indicativo; e o operador modal incide sobre Sintagmas Verbais no infinitivo.

Modalidade volitiva: evento controlado e não controlado [±controle]; escopo da modalização [±direto]; eventos futuros [+futuro]; evento de aspecto *irrealis* [-factual]; valores modais (intenção e exortação); natureza modal (disposicional e reportativa); natureza modal de caráter acional [+ação]; qualificação modal centrada na fonte volicional; sujeito semântico genérico ou específico [±específico] e animados [+humano]; Estados-de-Coisas de Ação, Posição e Processo; modalidade expressa por

meio de auxiliares modais, verbos plenos, substantivos, e construções modalizadoras; uso de primeira, segunda e terceira pessoa do singular/plural; tempo verbal presente e pretérito *perfecto compuesto*; modo verbal indicativo, subjuntivo e imperativo; e o operador modal incide sobre Sintagmas Verbais no infinitivo, Sintagmas Verbais flexionados e Sintagmas Nominais.

Fonte: Elaborado pelo autor

Na seção seguinte, passar-se-á para as principais dificuldades encontradas na descrição e análise do *elemento do desejo* nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa.

5.5 As dificuldades na descrição e análise da *Volitividade*

Nesta seção, discutem-se as principais dificuldades encontradas na descrição e análise do *elemento do desejo*. Nesse sentido, pretende-se discutir acerca da *Volitividade* como categoria linguística (JESPERSEN, 1924),⁴⁰⁶ ao atuar nas camadas do Nível Interpessoal, em que não há a instauração de modalidade deôntica e volitiva, mas é perceptível a manifestação do *elemento do desejo* (camadas do Conteúdo Comunicado e da Ilocução). Para além desses casos, busca-se debater também sobre os casos em que os verbos volitivos, em seu processo de gramaticalização, não são empregados para expressar modalidade volitiva, sendo, portanto, utilizados para assinalar marcas de *polidez e cortesia*, *aspectualidade* ou funcionar como *marcadores discursivos* ao incidir nas camadas do Nível Interpessoal (Conteúdo Comunicado).

Em relação à *Volitividade* como categoria linguística relativa à manifestação do *elemento do desejo*, verifica-se que ela pode ser engendrada por meio das modalidades deôntica e volitiva nas camadas que compõem o Nível Representacional. Assim sendo, a *Volitividade* pode ser expressa pelas modalidades deôntica e volitiva nas camadas da Propriedade Configuracional (f), do Estado-de-Coisas (e) e do Episódio (ep); e somente pela modalidade volitiva na camada do Conteúdo Proposicional (p). No entanto, pode-se verificar que a

⁴⁰⁶ Como categoria linguística, entende-se, com base em Jespersen (1924), que as línguas naturais encontram recursos para expressar o *elemento do desejo*, seja por meio de atos de fala, modalizações, construções desiderativas, etc. Nesse sentido, pode-se averiguar casos em que o *elemento do desejo* estava contido no enunciado, mas sem que este se configurasse em casos de instauração de modalidade deôntica e volitiva. Para esta pesquisa, entende-se a *Volitividade* como parâmetro de análise das referidas modalidades, ainda que o *elemento do desejo* possa estar contido em enunciados não modalizados.

Volitividad pode operar na camada do Conteúdo Comunicado (C) e da Ilocução (ILL), que estão alocadas, conforme a GDF, no Nível Interpessoal.

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), os diferentes tipos de Ilocuções capturam as propriedades lexicais e formais do Ato Discursivo, podendo ser atribuídas ao seu uso interpessoal convencionalizado na consecução de uma intenção comunicativa. Nesse sentido, os diferentes padrões ilocucionais, que representam as intenções comunicativas dos Participantes (Falante e Ouvinte), podem ser empregados para chamar a atenção, afirmar, ordenar, questionar, advertir, solicitar, desejar, obrigar, etc., que podem ser mapeados por meio de Ilocuções Declarativas, Proibitivas, Imperativas, Exortativas, Optativas, Mirativas, etc. Os autores ainda ressaltam que não há uma relação unívoca entre uma intenção comunicativa e uma Ilocução, pois os idiomas podem diferir, significativamente, em relação ao uso de meios linguísticos para expressar uma dada intenção comunicativa por meio de distintas Ilocuções e vice-versa.

Como citado anteriormente, verifica-se que a *Volitividad* pode ser manifestada por meio de distintos padrões ilocucionais, para além da instauração das modalidades deôntica e volitiva, que são instauradas, a Nível Interpessoal, por meio de Ilocuções Declarativas e Interrogativas. Desse modo, constata-se que o *elemento do desejo* pode ser expresso por meio de Ilocuções Imperativas, Proibitivas, Exortativas, Optativas e Imprecativas, como nas ocorrências de (349) a (353):

(349) **Murmúrenlo hasta creérselo: el mejor vino está por venir.** Murmúrenselo cada uno en su corazón: El mejor vino está por venir. Y susúrenselo a los desesperados o a los desamorados. Ten Paciencia, ten esperanza, haz como María, reza, actúa, abre tu corazón, porque el mejor vino va a venir. Dios siempre se acerca a las periferias de los que se han quedado sin vino, los que sólo tienen para beber desalientos; Jesús siente debilidad por derrochar el mejor de los vinos con aquellos a los que por una u otra razón, ya sienten que se les han roto todas las tinajas (H15).
[Sussurre até acreditar: o melhor vinho ainda está por vir. Murmure cada um em seu coração: O melhor vinho ainda está por vir. E sussurre para os desesperados ou sem coração. Tenha paciência, tenha esperança, faça como Maria, reze, aja, abra o coração, porque o melhor vinho está por vir. Deus sempre se aproxima das periferias de quem está sem vinho, de quem só tem desânimo para beber; Jesus tem fraqueza em desperdiçar o melhor dos vinhos com quem, por um motivo ou outro, já sente que todas as jarras estão quebradas]

(350) Pero al igual que a Simón, Jesús nos invita a ir mar adentro, nos impulsa al riesgo compartido, **no tengan miedo de arriesgar juntos**, nos invita a dejar nuestros egoísmos y a seguirlo. A perder miedos que no vienen de Dios, que nos inmovilizan y retardan la urgencia de ser constructores de la paz, promotores de la vida (H21).
[Mas, como Simão, Jesus nos convida a ir ao mar, encoraja-nos a partilhar os riscos, não tenham medo de arriscar juntos, convida-nos a deixar o nosso egoísmo e a segui-lo. Perder medos que não

vêm de Deus, que nos imobilizam e atrasam a vontade de sermos construtores da paz, promotores da vida]

- (351) Queridos hermanos y hermanas, dentro de poco, en unos minutos, cantaremos el Magníficat. **Pongamos en las manos de la Virgen María la obra que se nos ha confiado**; unámonos a su acción de gracias al Señor por las grandes cosas que ha hecho y que seguirá haciendo en nosotros y en quienes tenemos el privilegio de servir (H2).

[Queridos irmãos e irmãs, dentro de alguns minutos cantaremos o *Magnificat*. Coloquemos nas mãos da Virgem Maria a obra que nos foi confiada; vamos nos juntar a ela para agradecer ao Senhor pelas grandes coisas que Ele fez e continuará a fazer em nós e nas quais temos o privilégio de servir]

- (352) Con gratitud por todo lo que hemos recibido, y con segura confianza en medio de nuestras necesidades, nos dirigimos a María, nuestra Madre Santísima. **Que con su amor de madre interceda por la Iglesia en América**, para que siga creciendo en el testimonio profético del poder que tiene la cruz de su Hijo para traer alegría, esperanza y fuerza a nuestro mundo (H4).

[Com gratidão por tudo o que recebemos e com confiança segura no meio das nossas necessidades, dirigimo-nos a Maria, nossa Mãe Santíssima. Que com o seu amor materno interceda pela Igreja na América, para que continue a crescer no testemunho profético da força da cruz do seu Filho para levar alegria, esperança e força ao nosso mundo]

- (353) Igual que a más del 80% de los dominicanos serios y honrados, nos importa un bledo, un comino o poco menos que nada, el que el siniestro Joaquín Balaguer se haya muerto. Por nuestra parte, debió hacerlo antes. **Y ojalá que el diablo lo ponga a buen resguardo en el último y más terrible círculo del infierno de Dante.**⁴⁰⁷

[Como mais de 80% dos dominicanos sérios e honestos, não damos a mínima, ou pouco menos do que nada, que o sinistro Joaquín Balaguer tenha morrido. De nossa parte, ele deveria ter feito isso antes. E oxalá que o diabo o proteja no último e mais terrível círculo do inferno de Dante]

De (349) a (353), verifica-se que a *Volitividade*, no caso, *a manifestação do elemento do desejo no enunciado*, pode se manifestar por meio de uma Ilocução Imperativa, em (349), em que o Falante orienta o Ouvinte à realização da ação evocada pelo Conteúdo Comunicado (Murmurar até acreditar que o melhor vinho está por vir); de uma Ilocução Proibitiva, em (350), em que o Falante proíbe o Ouvinte⁴⁰⁸ de realizar a ação evocada pelo Conteúdo Comunicado (Não terem medo de se arrisquem juntos); de uma Ilocução Exortativa, em (351), em que o Falante estimula a si mesmo e a seu Ouvinte para juntos realizarem a ação evocada pelo Conteúdo Comunicado (Colocar nas mãos da Virgem Maria a obra que lhes foi confiada); de uma Ilocução Optativa, em (352), em que o Falante expressa ao seu Ouvinte o desejo de que a

⁴⁰⁷ Devido à inexistência de casos de Ilocuções Imprecativas nas homilias do Papa Francisco que compuseram o *corpus* desta pesquisa, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Disponível em: <http://www.pacoredo.org/PASADAS_EDICIONES/1035/buen_resguardo.html>. Acesso em: 13 dez. 2020.

⁴⁰⁸ Na seção 5.5, em que se fala sobre as dificuldades da análise em relação à *Volitividade*, entender as nomenclaturas “Falante” (P1) e “Ouvinte” (P2) como camadas na GDF, ou seja, os Participantes da interação discursiva, e não apenas como Falante (Papa Francisco) e Ouvinte (bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis católicos).

situação positiva evocada pelo Conteúdo Comunicado se concretize (A intercessão de Maria Santíssima pela Igreja Católica na América por meio de seu amor de mãe); e de uma Ilocução Imprecativa, em (353), em que o Falante manifesta ao seu Ouvinte o desejo de que ocorra a situação negativa evocada pelo Conteúdo Comunicado (O bom resguardo do sujeito no último e mais terrível círculo do inferno de Dante da parte do Diabo).

A partir da análise das ocorrências de (349) a (353), constata-se que não se trata de casos de modalidade deôntica e volitiva, pois não há a designação de um evento entendido como obrigatório ou desejável (Nível Representacional), mas da evocação de uma ação que se realizará ou que se deseja que se concretize (Nível Interpessoal), em que interagem os Participantes da interação discursiva (Falante e Ouvinte). Assim sendo, defende-se que os padrões ilocucionais Imperativo, Exortativo, Proibitivo, Optativo e Imprecativo sejam formas diferenciadas de se expressar o *elemento do desejo*, mas sem que elas configurem como casos de instauração de modalidade deôntica e volitiva. Constata-se também que a *Volitividade* opera na camada da Ilocução por meio de operadores próprios que expressam uma *imposição volicional*, no caso, predicados flexionados no imperativo (Ilocuções Imperativas, Proibitivas e Exortativas), e um *ato volicional*, em questão, construções de desejo, tais como *que+subjuntivo* e *ojalá+subjuntivo* (Ilocuções Optativas e Imprecativas).

Para além da camada da Ilocução, é possível que a *Volitividade* opere na camada do Conteúdo Comunicado, mas sem que se trate de um caso específico de modalidade deôntica, relativa às regras e às normas de conduta que devem ser executadas (aspecto *irrealis*); ou modalidade volitiva, ou seja, que se refere ao que é desejável ou indesejável de se concretizar (aspecto *irrealis*). De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), enquanto a Ilocução diz respeito ao uso conversacional e convencionalizado de um Ato Discursivo, em que os Participantes representam a díade Falante-Ouvinte, o Conteúdo Comunicado contém a totalidade daquilo que o Falante deseja evocar em sua comunicação com o Ouvinte. Como ponderam os autores, em termos de ação, interpreta-se o Conteúdo Comunicado como o chamado “ato representacional” de Searle, que, por sua vez, corresponde às escolhas que o Falante faz a fim de evocar uma imagem do mundo externo sobre o qual ele deseja falar. Dessa forma, para os autores, o Conteúdo Comunicado é a unidade dentro da qual ocorre o mapeamento para o Nível Representacional.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), na maioria das situações, o Conteúdo Comunicado de um Ato Discursivo Declarativo, por exemplo, será totalmente novo para o Ouvinte ou se tratar de um composto de informações novas e familiares. Conforme os autores,

às vezes, as informações podem já ser familiares para o Ouvinte, em que o objetivo do Falante é lembrá-lo acerca da informação veiculada ou, por algum motivo estratégico, afirmar o que já lhe parece óbvio. As ocorrências de (354) a (356) ilustram os casos em que a *Volitividade*, ao operar na camada do Conteúdo Comunicado, revela, respectivamente, o que era desejado em um evento passado e anterior ao momento da enunciação (*ato volicional*), em que o *elemento do desejo* está restrito e localizado nesse evento passado (aspecto *realis*):

(354) *Jesús quiso introducir a los suyos en el misterio de la Vida, en el misterio de su vida. Les mostró comiendo, durmiendo, curando, predicando, rezando, qué significa ser Hijo de Dios. Los invitó a compartir su vida, su intimidad y estando con Él, los hizo tocar en su carne la vida del Padre. Los hace experimentar en su mirada, en su andar la fuerza, la novedad de decir: «Padre nuestro» (H13).*

[Jesus quis introduzir os seus no mistério da Vida, no mistério da sua vida. Ele os mostrou comendo, dormindo, curando, pregando, orando, o que significa ser o Filho de Deus. Ele os convidou a compartilhar sua vida, sua intimidade e estar com ele, ele os fez tocar a vida do Pai em sua carne. Ele os faz experimentar no olhar, a força de seu caminhar, a novidade de dizer: «Pai nosso»]

(355) El secretario de Estado, cardenal Tarcisio Bertone, manifestó a medios mexicanos que *Benedicto XVI ha escogido como destino la ciudad de Guanajuato, justo en el centro geográfico del país, porque allí se encuentra el santuario de Cristo Rey «al que Juan Pablo II quería haber ido, pero no pudo»*. Por ese motivo «Benedicto XVI ha dicho: ‘Tengo que cumplir ese deseo de Juan Pablo II y viajar yo, como su sucesor, a ese santuario, corazón de la fe heroica del pueblo mexicano’», que sufrió millares de mártires durante las sanguinarias Guerras Cristeras de 1926-1929.⁴⁰⁹

[O Secretário de Estado, Cardeal Tarcisio Bertone, disse à mídia mexicana que Bento XVI escolheu como destino a cidade de Guanajuato, bem no centro geográfico do país, porque ali está o santuário de Cristo Rei «ao qual João Paulo II queria ter ido, mas não conseguiu». Por isso, disse Bento XVI: 'Devo cumprir aquele desejo de João Paulo II e eu, como seu sucessor, viajar a esse santuário, o coração da fé heroica do povo mexicano', que sofreu milhares de mártires durante as sanguinárias Guerras Cristeras, de 1926-1929]

(356) Escuchar este pasaje evangélico y en esta casa tiene un sabor especial. *María, la mujer del sí, también quiso visitar a los habitantes de estas tierras de América en la persona del indio San Juan Diego. Y así como se movió por los caminos de Judea y Galilea, de la misma manera caminó al Tepeyac, con sus ropas, usando su lengua, para servir a esta gran Nación (H10).*

[Ouvir esta passagem do Evangelho, e ainda por cima nesta casa, tem um sabor especial. Maria, a mulher do *sim*, também quis visitar os habitantes destas terras da América na pessoa do índio San Juan Diego. E assim como ela andou pelas estradas da Judeia e da Galileia, da mesma forma, ela caminhou até Tepeyac, com suas roupas, usando sua língua, para servir a esta grande Nação]

De (354) a (356), a *Volitividade* atua na camada do Conteúdo Comunicado, mas sem que a desejabilidade expressa se configure como instauração de modalidade volitiva, por meio

⁴⁰⁹ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <https://www.abc.es/sociedad/abci-viaje-papa-mexico-201203210000_noticia.html>. Acesso em: 15 dez. 2020.

do operador *querer*, em que o Falante reporta ao Ouvinte o que era desejado pelo participante descrito pelo predicado em um momento anterior ao da enunciação e restrito a esse momento no passado (aspecto *realis*). Nesse sentido, tanto o *elemento do desejo* quanto o *evento volicionado* estão alocados em um momento passado [+preteridade]. Atesta-se também que a *Volitividade* atua, nessa camada, por meio de operadores próprios, no caso, verbos léxicos que designem desejo (*querer, desear, pretender, preferir, intencionar*, etc.), flexionados em um tempo pretérito e codificados na terceira pessoa do singular/plural. Em outras palavras, esses casos não são entendidos como expressão de modalidade, mas a descrição/representação de um Estado-de-Coisas (Nível Representacional) apresentado no Conteúdo Comunicado (Nível Interpessoal). De fato, não apresenta orientação no Conteúdo Comunicado, mas se realize nesse como uma *Volitividade Reportada*, isto é, comunica-se um estado de volição relativo a uma terceira pessoa, que está localizada no passado [+preteridade].

Em (354), a *Volitividade* diz respeito ao que era desejado pelo participante expresso pelo predicado (*Jesús*) quando estava presente (fisicamente – o Jesus Cristo histórico que liderou um movimento messiânico em Israel) entre os seus discípulos, cujo *elemento do desejo* remete à vontade de iniciar os seus discípulos no mistério da Vida e da Sua vida como Mestre. Em (355), a *Volitividade* está relacionada ao que era intencionado pelo participante descrito pelo predicado (*Papa Juan Pablo II*), cujo evento volicionado consistia em ter ido visitar o Santuário de Cristo Rei na cidade mexicana de Guanajuato, mas que não o pode concretizar. Em (356), a *Volitividade* se refere ao que era almejado pelo participante designado pelo predicado (*María* – Mãe de Jesus, sob o título de Nossa Senhora de Guadalupe), cujo evento apetecido incidia sobre a necessidade de visitar os habitantes da América na pessoa do índio Juan Diego.

Pondera-se que, de (354) a (356), o *elemento do desejo* e o *evento volicionado* estejam situados dentro do aspecto *realis*, pois o que era desejado, veio a se concretizar naquele momento passado, como o fato de Jesus Cristo ter escolhido os seus apóstolos e ter concluído o seu ministério, ao lhes revelar o Evangelho, em (354); e Maria, a Mãe de Jesus (sob o título de Nossa Senhora de Guadalupe) ter visitado ao índio Juan Diego (o evento passado remete ao fato de a Virgem Maria ter aparecido ao índio Juan Diego no ano de 1531), em (356). Atesta-se também que o evento volicionado, naquele momento passado, pode não ter se realizado, como em (355), em que o Papa João Paulo II não conseguiu fazer uma visita pastoral ao Santuário de Cristo Rei na cidade mexicana de Guanajuato como era desejado por ele.

Em resumo, constata-se que a *Volitividade*, a manifestação do *elemento do desejo* no enunciado, pode operar tanto nas camadas do Nível Interpessoal, que é relativo aos aspectos pragmáticos das unidades linguísticas, quanto nas camadas do Nível Representacional, que é relativa aos aspectos semânticos das unidades linguísticas, como se pode averiguar no Quadro 24:

Quadro 24: A atuação da *Volitividade* nas camadas do NI e NR

Camada do Componente Gramatical	Volitividade: manifestação do elemento do desejo no enunciado
Ilocução (ILL) – Nível Interpessoal	<i>Imposição volicional</i> – Ilocuções Declarativas (modalidade deôntica), Proibitivas, Imperativas e Exortativas. <i>Ato volicional</i> – Ilocuções Declarativas (modalidade volitiva), Optativas e Imprecativas.
Conteúdo Comunicado (C) – Nível Interpessoal	<i>Ato volicional</i> – o Falante comunica ao Ouvinte o que era desejado pelo participante designado pelo predicado em um momento restrito e localizado no passado [+preteridade], podendo o evento volicionado ter se concretizado (aspecto <i>realis</i>) ou não ter se realizado (aspecto <i>irrealis</i>).
Conteúdo Proposicional (p) – Nível Representacional	<i>Ato volicional</i> – modalidade volitiva orientada para a Proposição.
Episódio (ep) – Nível Representacional	<i>Imposição volicional</i> – modalidade deôntica orientada para o Episódio. <i>Ato volicional</i> – modalidade volitiva orientada para o Episódio.
Estado-de-Coisas (e) – Nível Representacional	<i>Imposição volicional</i> – modalidade deôntica orientada para o Evento. <i>Ato volicional</i> – modalidade volitiva orientada para o Evento.
Propriedade Configuracional (f) – Nível Representacional	<i>Imposição volicional</i> – modalidade deôntica orientada para o Participante.

	<i>Ato volicional</i> – modalidade volitiva orientada para o Participante.
--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

À exceção das ocorrências em que a *Volitividade* pode se manifestar no enunciado, mas sem que este enunciado se configure em um caso de instauração de modalidade deôntica ou volitiva, verificou-se que os verbos volitivos, em seu processo de gramaticalização, não manifestaram o *elemento do desejo*, funcionando apenas como marcas de *polidez e cortesia*, *aspectualidade* ou como *marcador discursivo*.

De acordo com Gómez Torrego (2009), os verbos volitivos, em especial o verbo *querer*, pode ser empregado, em língua espanhola, para expressar volição, como no exemplo: *Juan no quiere trabajar* [João não quer trabalhar] (GÓMEZ TORREGO, 2009, p. 98); ou apresentar um valor mais debilitado ou afastado de volição (*aspectualidade*), como no exemplo: *Hoy quiere llover* [Hoje quer chover] (GÓMEZ TORREGO, 2009, p. 99). Para Oliveira e Prata (2019), os verbos volitivos podem ainda ser utilizados para expressar marcas de *polidez e cortesia*, especificamente quando esses verbos têm um escopo de atuação sobre verbos cognitivos, como no exemplo: *Quiero, en este momento solemne, agradecer la entrega y dedicación de Jueces, fiscales, policías y guardias civiles* [Quero, neste momento solene, agradecer a entrega e a dedicação de Juízes, fiscais, policiais e guardas civis] (OLIVEIRA; PRATA, 2019, p. 4052).

Essa possibilidade de gramaticalização dos verbos volitivos se deve, de acordo com RAE (2010), pelo fato de esses verbos apresentarem tanto um comportamento lexical quanto gramatical. Em outras palavras, os verbos volitivos podem assimilar, parcialmente, haja vista que não integram todos os aspectos das estruturas perifrásticas, os mesmos valores das perífrases verbais já gramaticalizadas, ora comportando-se como um verbo lexical (na expressão de volição), ora como verbo gramaticalizado em construções perifrásticas (*aspectualidade*).

Assim sendo, conforme a RAE (2010), os verbos volitivos, especificamente o verbo *querer*, podem: (i) ser antepostos por um pronome átono, como no exemplo: *Quiero intentarlo* [Quero tentá-lo] (RAE, 2010, p. 534); (ii) não sofrer a passivização com o verbo *ser* como *sujeito de coisa*, como no exemplo: **Soluciones que no quisieron ser adoptadas* [*Soluções não quiseram ser adotadas] (RAE, 2010, p. 534); e (iii) alternar com subordinadas substantivas do verbo na forma pessoal e com grupos nominais, podendo também coordenar com ambas as

estruturas, como nos exemplos seguintes: *Quiero [ir a su casa y que ustedes vengan a la mía] / Quiere [trabajar en el hospital y la licencia necesaria para hacerlo]* [Quero (ir à sua casa e que vocês venham à minha casa) / [Quer (trabalhar no hospital e a licença necessária para isso)] (RAE, 2010, p. 534). Para a RAE (2010), somente os casos de imanência é que poderiam ser considerados como construções perifrásticas quando empregados verbos volitivos, como nos exemplos: *Quiere llover / Te quieres enfermar* [Quer chover/Você quer ficar doente] (RAE, 2010, p. 534).

Para Hidalgo (2012), ao se fazer uso da construção *querer+infinitivo*, por exemplo, é possível que o falante estabeleça um vínculo inferencial com o evento futuro, nesse caso, de posterioridade, ou seja, trata-se de um futuro prospectivo esporádico. Assim, por meio do prisma de uma modalidade atual, o falante pode instaurar um estado de volição. Para o autor, a construção perifrástica *querer+infinitivo* está relacionada, majoritariamente, em língua espanhola, relacionada à manifestação das intenções dos sujeitos (modalidade volitiva) em concretizar o evento que é descrito pelo verbo no infinitivo, ou seja, relativo ao que verbo *querer* tem escopo de atuação. Nesse sentido, diz respeito à desejabilidade de potencialização do evento contido no enunciado modalizado. Desse modo, para o autor, não se poderia dizer que, em forma de perífrase (*querer+infinitivo*), o verbo *querer* poderia funcionar como um verbo auxiliar, como ocorre com perífrases já gramaticalizadas na língua espanhola, tais como *ir+a+infinitivo*, *estar+gerúndio*, *tener+que+infinitivo*, etc. Sendo assim, o verbo *querer* atuaria como um verbo léxico, como no exemplo: *Los jueces quieren detener a los delincuentes* [Os juízes querem prender os delinquentes] (HIDALGO, 2012, p. 149).

No entanto, ainda segundo Hidalgo (2012), alguns quesitos poderiam contribuir para que a construção perifrástica *querer+infinitivo* pudesse ser considerada como uma perífrase, indicando um processo de gramaticalização, a saber: (i) a combinação dos pronomes clíticos, passando, nesses casos, a funcionar como uma perífrase para expressar intenções e disposições, como nos exemplos: *Juan quiere leer ese libro / Juan quiere leerlo / Juan lo quiere leer* [João quer ler esse livro / João quer lê-lo / João o quer ler] (HIDALGO, 2012, p. 150); (ii) o apagamento do sintagma verbal que toma como complemento, fazendo com que o verbo *querer* se diferencie dos verbos léxicos, seguindo, assim, o padrão de um verbo auxiliar, como no exemplo: *Juan quiere bailar, pero María (no quiere / *no lo quiere)* [João quer dançar, mas Maria (não quer / *não o quer)] (HIDALGO, 2012, p. 150); e (iii) a manifestação dos valores de iminência, como no exemplo: *El sol quiere apuntar* [O sol quer nascer] (HIDALGO, 2012, p. 150).

Para Hidalgo (2012), nos casos de iminência, não há expressão de modalidade, mas de aspectualidade, em que o falante expressa apenas a ideia de que “o nascer do sol se aproxima”. Dessa forma, para o autor, nos casos em que o verbo *querer* expressa modalidade, o emprego da construção *querer+infinitivo* faz referência a eventos futuros mediante a ancoragem modal em algum tempo no presente. Desse modo, a utilização da construção perifrástica *querer+infinitivo* expressa as intenções do falante, que estão, por sua vez, localizadas no momento da enunciação, mas em relação a um evento que tenha lugar em um momento posterior ao da enunciação.

Considerando esses critérios, Hidalgo (2012) assegura que a forma perifrástica *querer+infinitivo* estaria em processo de gramaticalização em língua espanhola, ainda que, em alguns usos, guarde seu sentido de volição, especificamente quando se pretende assinalar as disposições, intenções e pretensões dos sujeitos em realizar algum evento.

De acordo com Sousa (2017), entende-se que o percurso de gramaticalização de um verbo ocorre da seguinte forma: (i) em um primeiro momento, o verbo é utilizado pelos falantes com toda a sua carga semântica, isto é, atua como um *verbo léxico*; (ii) na sequência, o verbo começa a combinar-se a outros verbos a medida em que há uma mudança semântica ocasionada pelo uso, fazendo com que ele atue como um *verbo semiauxiliar*; e (iii) em seguida, esse verbo passa a funcionar somente como um *verbo auxiliar*, em que há um esvaziamento do seu valor semântico original, passando a expressar outros sentidos agora como verbo gramaticalizado. Em seu processo final de gramaticalização, o verbo gramaticalizado passa a formar uma única unidade com o verbo principal. A síntese desse processo pode ser visualizada no Quadro 25:

Quadro 25: Percurso hipotetizado de gramaticalização de um verbo

Verbo pleno > Verbo semiauxiliar > Verbo auxiliar

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Souza (2017)

Com base em Topor (2011), infere-se que o conceito de *verbo semiauxiliar* aplica-se somente aos casos em que um dado verbo, a depender do contexto em que ele é empregado, atua ora como um *verbo auxiliar perifrástico* ora como um *verbo léxico*. Nesse sentido, a autora especifica que os verbos semiauxiliares apresentam, portanto, um funcionamento mediano entre os ditos verbos léxicos e os verbos auxiliares. Assim, esses verbos semiauxiliares cumprem as características próprias de ambas as classes de verbos (léxicos e auxiliares). Desse modo, a autora esclarece que os verbos semiauxiliares podem aparecer sozinhos em alguns contextos de

produção, ou seja, sem o acompanhamento de um segundo verbo (nesses casos, a omissão do verbo principal os aproximaria dos chamados verbos léxicos). Em outros contextos, a autora também especifica que eles podem aparecer acompanhados de outros verbos, mas sem que seja possível a comutação do verbo que o segue por outro elemento equivalente (nesses casos, esse acompanhamento de outros verbos os aproxima dos verbos auxiliares).

De acordo com Hidalgo (2012, p. 120), o verbo *querer* pode apresentar, a depender do contexto em que ele é empregado, ambas as características, como nos exemplos: *Juan quiere cantar una canción* [João quer cantar uma música] / *El sol quiere apuntar* [O sol quer nascer]. No primeiro exemplo, o autor especifica que aquilo que o verbo *querer* toma por escopo pode ser comutado, por exemplo, por um pronome demonstrativo, no caso, *eso* [isso]: *Juan quiere eso*; o que, certamente, não seria agramatical na língua espanhola. Por sua vez, no segundo exemplo, aquilo que o verbo *querer* toma por escopo não poderia ser comutado por esse pronome demonstrativo, pois a oração tornar-se-ia agramatical: **El sol quiere eso*.

De acordo com Oliveira e Prata (2019), no primeiro exemplo, averígua-se um caso de modalidade volitiva, em que há uma relação entre o participante expresso no predicado e o evento apresentado. Por seu lado, no segundo exemplo, examina-se apenas um caso de aspectualidade, em que o verbo *querer* perde o seu valor volitivo, ainda que se empregue a construção perifrástica *querer+infinitivo*. Isso se deve em razão do tipo de sujeito ao qual o verbo *querer* está relacionado, sendo, no primeiro exemplo, um sujeito animado [+ humano] e capaz de volição; e, no segundo exemplo, um sujeito não animado [- humano] e, portanto, incapaz de volição, fazendo com que o *querer* perca as suas propriedades semânticas de volição e se enquadre nos casos de aspectualidade.

Ainda conforme Oliveira e Prata (2019), o processo de gramaticalização está relacionado às mudanças que ocorrem nas línguas naturais, em que formas lexicais passam a funcionar como elementos gramaticais dentro do sistema linguístico ou elementos já gramaticalizados passam a exercer novas funções gramaticais. Conforme Furtado da Cunha (2009, p. 173), a gramaticalização trata-se de um processo em que “itens lexicais ou construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir novas funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções”. Nesse sentido, de acordo com Barreto e Souza (2016), infere-se que, nos processos de gramaticalização, há uma integração dos componentes da linguagem. Em outras palavras, os autores especificam que há uma inter-relação entre a pragmática, a semântica e a sintaxe. Desse modo, em conjunto, elas permitem

que o falante engendre as unidades linguísticas em consonância às suas necessidades e aos seus propósitos comunicativos.

Essa mesma posição também é assumida na Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 02), em que os autores dizem que “a GDF oferece uma descrição autônoma e equilibrada dos aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos para a forma linguística”. Para a teoria da GDF, constata-se que a pragmática governa a semântica, ambas regem a morfossintaxe, e as três agenciam a fonologia. Para a GDF, a pragmática, a semântica, a morfossintaxe e a fonologia dispõem-se, no Componente Gramatical, de forma hierárquica, distribuídas em níveis de análise linguística, em um modelo de gramática que é entendido como *top-down*, em que os elementos dos níveis e camadas superiores influenciam os níveis e as camadas inferiores.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF dispõe a interação entre os componentes pragmáticos, semânticos e morfossintáticos, em que essa disposição pode influenciar nos processos de mudança linguística. Assim, a maneira como as unidades linguísticas são engendradas, condicionadas pelos aspectos pragmáticos, pode provocar alterações a nível semântico, morfossintático e fonológico. Essas alterações podem conduzir os elementos linguísticos, tanto aqueles que ainda se encontram a nível lexical como aqueles que já estejam gramaticalizados. Desse modo, esses elementos linguísticos passam a se gramaticalizar ainda mais na língua, ampliando, portanto, seu escopo de atuação dentro da gramática (Componente Gramatical).

Conforme Souza (2009) e Casseb-Galvão (2011), a GDF não faz uma especificação dos fenômenos relacionados à gramaticalização das unidades linguísticas no Componente Gramatical, limitando-se a fazer uma exposição de alguns mecanismos que antes apresentavam alguma função linguística e que passaram a desempenhar outras funções na medida em que foram sendo empregados no uso, tais como função reportativa, modal e evidencial. Em resumo, constata-se que o modelo teórico da GDF, na diferenciação entre níveis e camadas, estabelece que é possível que haja categorias conceituais e alguns níveis para os quais há a previsão de atuação de categorias gramaticais e discursivas que sejam relevantes para o processo de gramaticalização. De acordo com os autores, o aparato teórico da GDF tem-se revelado, no que tange aos processos de gramaticalização, significativa para a descrição e a análise das mudanças linguísticas ocorridas nas línguas naturais. Nas palavras de Casseb-Galvão (2011, p. 318), a gramaticalização pode ser definida como o “desenvolvimento de itens ou construções

conceituais ou mais ou menos conceituais (mais concretos) em itens ou construções gramaticais, mais gramaticais ou em elementos de valor discursivo (mais abstratos)”.

Para Casseb-Galvão (2011, p. 318-319), há alguns elementos teóricos da GDF que favorecem ao entendimento do processo de gramaticalização das unidades linguísticas no Componente Gramatical. Entre eles, a autora destaca: (i) a existência de níveis de representação relevantes para a construção de enunciados que serão usados na produção desses mesmos enunciados. Dessa forma, é possível que as línguas naturais apresentem conexões diretas de um nível a outro do Componente Gramatical; (ii) o reconhecimento de que há uma inter-relação dinâmica entre os níveis que compõem o Componente Gramatical e no que se refere às operações de Formulação e de Codificação, em que o dinamismo linguístico pressupõe que haja alterações a nível pragmático e semântico, levando também a alterações no Nível Morfossintático e no Nível Fonológico; (iii) a previsão de uma ordenação hierárquica unidirecional interníveis e intraníveis de organização, já que a estrutura *top-down* aplica-se às camadas constitutivas desses níveis. O reconhecimento da unidirecionalidade é um recurso fundamental na análise dos dados retirados do uso de um dado item linguístico em processo de gramaticalização, haja vista que a partir dos dados analisados que se pode comprovar se o item lexical está ou não em processo de gramaticalização; e (iv) o reconhecimento de uma categorização em contínuo, isto é, não se trabalha, na GDF, com categorias discretas.

Para isso, a GDF recorre à noção de protótipo para que se diferenciem os elementos que modificam e elementos que especificam as variáveis nas camadas, respectivamente, modificadores (de natureza lexical) e operadores (de natureza gramatical). Segundo Souza (2009), os processos de gramaticalização começam no Nível Representacional, passando pelas camadas que compõem esse nível (com suas categorias semânticas), indo em direção das camadas que compõem o Nível Interpessoal (com suas categorias pragmáticas). Em consonância com Souza (2009) e Casseb-Galvão (2011), Barreto e Souza (2016) especificam que a gramaticalização, a partir da perspectiva teórica da GDF, é compreendida como um processo em que as expressões linguísticas expandem-se funcionalmente. Essa expansão, conforme os autores, vai ocorrendo entre as camadas e os níveis que integram o Componente Gramatical. Assim, esses processos de gramaticalização vão ocorrendo de forma unidirecional entre os Níveis Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico, obedecendo, no entanto, à organização hierárquica da linguagem.

Dessa forma, Barreto e Souza (2016) acrescentam que, uma vez que é iniciado o processo de gramaticalização dos itens lexicais ou de outras unidades linguísticas já

gramaticalizadas, percorre-se, primeiramente, as camadas mais baixas, indo em direção às camadas mais altas do Nível Representacional, nível este relativo aos aspectos semânticos das unidades linguísticas. Uma vez percorridas as camadas do Nível Representacional, espera-se que essas mesmas unidades linguísticas percorram as camadas mais baixas até chegar às camadas mais altas do Nível Interpessoal, nível este referente aos aspectos pragmáticos. Os autores especificam que, uma vez que essa expressão linguística (que está em via de gramaticalização) tenha atingido as camadas mais altas do Componente Gramatical, é impossível que ele retorne às camadas e aos níveis mais baixos.

De acordo com Hengeveld (2017), o significado e a forma das unidades linguísticas podem sofrer mudança quando se inicia o processo de gramaticalização, ainda que essa mudança não ocorra de forma simultânea. O autor esclarece que, durante o processo de gramaticalização, que tem início quando um elemento lexical entra no sistema gramatical, as mudanças conduzem a um aumento do escopo semântico-pragmático de atuação das unidades linguísticas que estão em processo de gramaticalização. Nesse sentido, o aumento desse escopo semântico-pragmático pode ocorrer de três formas diferentes: (i) apenas dentro do Nível Representacional; (ii) apenas dentro do Nível Interpessoal; e (iii) do Nível Representacional para o Nível Interpessoal. Conforme o autor, isso ocorre, pois há um desenvolvimento semântico das unidades linguísticas em diacronia, migrando das camadas mais baixas para as camadas mais altas dentro do Nível Representacional ou do Nível Interpessoal.

Assim sendo, a gramaticalização das unidades linguísticas que entram no sistema gramatical das línguas naturais, ao se considerar somente os aspectos semânticos (Nível Representacional), ocorre ao longo da seguinte via, como se pode averiguar no Quadro 26:

Quadro 26: Processo de gramaticalização dentro do NR da GDF

Proposição ← Episódio ← Estado-de-Coisas ← Propriedade Configuracional ← Propriedade Lexical

Fonte: Traduzido de Hengeveld (2017, p. 05)

De acordo com Hengeveld (2017), a GDF especifica que é possível que ocorra gramaticalização somente dentro do Nível Interpessoal, em que são considerados apenas os aspectos pragmáticos da interação comunicativa. Desse modo, verifica-se que as unidades pragmáticas, que vão se desenvolvendo de forma diacrônica, vão percorrendo as camadas mais baixas até alcançarem às camadas mais altas. Em termos das camadas que compõem o Nível

Interpessoal, o processo de gramaticalização ocorre ao longo da seguinte via, como se pode averiguar no Quadro 27:

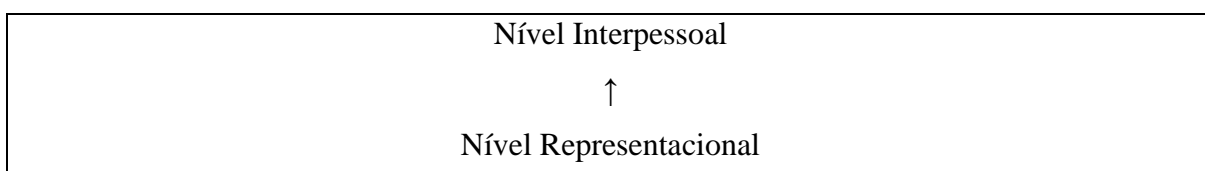
Quadro 27: Processo de gramaticalização dentro do NI da GDF

Ato Discursivo ← Ilocução ← Conteúdo Comunicado ← Subato de Referência ← Subato de Atribuição
--

Fonte: Traduzido de Hengeveld (2017, p. 07)

De acordo com Hengeveld (2017), as unidades semânticas das unidades linguísticas em processo de gramaticalização podem se desenvolver, de forma diacrônica, em unidades pragmáticas. Conforme o autor, esse fenômeno se dá apenas de maneira unidirecional, isto é, vai ocorrendo somente dos níveis e das camadas inferiores para os níveis e as camadas superiores entre os Níveis Representacional e Intepessoal. O autor esclarece que, nesses casos, sempre ocorre um aumento do escopo semântico-pragmático no sentido vertical, ou seja, no sentido de que os elementos pertencentes às camadas mais baixas do Nível Representacional desenvolvam-se em direção às camadas mais altas do Nível Intepessoal, como ilustrado no Quadro 28:

Quadro 28: Processo de Gramaticalização entre o NI e NR na GDF



Fonte: Traduzido de Hengeveld (2017, p. 09)

Hengeveld (2017) especifica que as expressões linguísticas, em processo de gramaticalização, não necessitam percorrer todas as camadas do Nível Representacional para atingirem às camadas do Nível Intepessoal. Assim, ao se estabelecer entre as camadas dos Níveis Representacional e Intepessoal, não é preciso que as expressões linguísticas percorram todas as camadas que compõem cada nível, haja vista que essas mesmas unidades linguísticas podem percorrer os níveis a partir de qualquer posição intermediária.

Considerando o aparato teórico da GDF, pondera-se que os verbos volitivos, em especial o verbo *querer*, a depender do tipo de verbo que tomam por escopo (performativo, cognitivo e *dicendi*), podem se comportar como *verbos léxicos* (nas camadas da Propriedade

Configuracional e do Estado-de-Coisas) ou como *verbos semiauxiliares* e *verbos auxiliares* (na camada do Conteúdo Comunicado).

Nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas, os verbos volitivos se comportariam como *verbos léxicos*, ainda que tenham um escopo de atuação sobre verbos no infinitivo (*verbo léxico+verbo no infinitivo*), em que se manifesta o *elemento do desejo* por meio da instauração de modalidade volitiva, como nas ocorrências (357) e (358):

(357) La oración litúrgica, su estructura y modo pausado, quiere expresar a la Iglesia toda, esposa de Cristo, que **intenta** configurarse con su Señor. Cada uno de nosotros en nuestra oración queremos ir pareciéndonos más a Jesús (H19).

[A oração litúrgica, a sua estrutura e modo de lazer, quer exprimir toda a Igreja, noiva de Cristo, que procura transformar-se no seu Senhor. Cada um de nós em nossa oração quer começar a se parecer mais com Jesus]

(358) Por medio de este espacio de oración en silencio, se **desea** ayudar a los Asesores y Formadores de la Esperanza, a fortalecer su adhesión a Jesucristo, su identidad cristiana y su misión evangelizadora en medio de la comunidad eclesial, para ser testigos del amor de Dios en medio de los jóvenes que acompañan.⁴¹⁰

[Através deste espaço de oração silenciosa, deseja-se ajudar os Assessores e Formadores da Esperança, a reforçar a sua adesão a Jesus Cristo, a sua identidade cristã e a sua missão evangelizadora no seio da comunidade eclesial, a serem testemunhas do amor de Deus no meio dos jovens que os acompanham]

Em (357), a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade, em que o participante expresso pelo predicado (*La Iglesia*) manifesta o desejo de se transformar em Jesus Cristo. Por sua vez, em (358), a modalidade volitiva opera na camada do Estado-de-Coisas, em que se reporta a desejabilidade de concretização de um evento, no caso, o desejo de ajudar aos Assessores e Formadores da Esperança a fortalecer a sua adesão a Jesus Cristo, sua identidade cristã e sua missão evangelizadora. Nesses casos, a *Volitividad* se manifesta, no enunciado modalizado, por meio de verbos léxicos volitivos, especificamente, *intentar* e *desear*.

Na camada do Conteúdo Comunicado, os verbos volitivos operam como *verbos semiauxiliares*, revelando marcas de *polidez e cortesia* por parte do Falante ao direcionar a sua mensagem ao Ouvinte, como nas ocorrências (359) e (360), que foram retiradas do *corpus*, mas que não configuraram como casos de modalidade volitiva e, conseqüentemente, não expressariam *Volitividad*, ou seja, a manifestação do *elemento do desejo* no enunciado:

⁴¹⁰ Devido à inexistência de casos de modalidade volitiva operando na camada do Estado-de-Coisas por meio de operadores modais com escopo de atuação sobre verbos no infinitivo, recorreu-se a esse exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<http://www.esperanzajoven.cl/detalle.php?id=36334>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

(359) Queridos hermanos, **quiero** agradecer las horas que han pasado acá, incluso bajo la lluvia. Lamentablemente, hubo un atraso significativo en el viaje y ustedes tuvieron que esperar más. Gracias por su paciencia, por su perseverancia y por su coraje. Y como todos somos pecadores pidamos perdón por nuestros pecados (H23).

[Queridos irmãos, quero agradecer-lhes as horas que passaram aqui, mesmo na chuva. Infelizmente, ocorreu um atraso significativo na viagem e vocês tiveram que esperar mais. Obrigado por sua paciência, por sua perseverança e por sua coragem. E já que somos todos pecadores, vamos pedir perdão pelos nossos pecados]

(360) En primer lugar, **quiero** felicitar al Señor Arzobispo que por primera vez después de casi siete años puede encontrarse con su esposa, que es esta iglesia, viuda provisoria durante todo este tiempo. Y felicitar a la viuda que deja de ser viuda hoy con el encuentro con su esposo (H29).

[Em primeiro lugar, quero felicitar o Arcebispo que, pela primeira vez, depois de quase sete anos pode encontrar sua esposa, que é esta igreja, uma viúva temporária durante todo esse tempo. E parabenizar a viúva que hoje deixa de ser viúva, hoje, após o encontro com o marido]

De acordo com Oliveira e Prata (2019), o verbo volitivo *querer*, em (359) e (360), ao ter um escopo de atuação sobre *verbos cognitivos*, respectivamente *agradecer* e *felicitar*, não instauraria modalidade volitiva, restringindo-se, apenas a manifestar marcas de polidez e cortesia. Assim, conforme os autores, a construção *querer+infinitivo* não está atuando nas camadas do Nível Representacional, mas nas camadas de um nível mais acima do Componente Gramatical, isto é, nas camadas do Nível Interpessoal (Conteúdo Comunicado). Assim sendo, em (359) e (360), o Falante expressa a totalidade daquilo que ele deseja evocar em sua comunicação com o Ouvinte, o que corresponde, portanto, à escolha lexical (verbo volitivo - *querer*) que o Falante faz a fim de evocar uma imagem do mundo externo sobre o qual ele deseja falar; em (359), agradecer pelas horas em que as pessoas permaneceram debaixo de chuva para estar com ele naquele momento; e, em (360), felicitar o arcebispo pelo seu reencontro com a sua “esposa” (a Igreja de Cristo) depois de sete anos sem vê-la.

Com base em Hidalgo (2012), infere-se que, em (359) e (360), há um *esvaziamento semântico* do caráter volitivo da construção *querer+infinitivo*, o que poderia ser um indício de gramaticalização desta construção, ainda que aquilo que o verbo *querer* toma por escopo possa ser comutado por um pronome neutro em língua espanhola, no caso, *ello* (isso), o que define, segundo Topor (2011), o verbo *querer* como um *verbo semiauxiliar*. Desse modo, parafraseando as ocorrências (359) e (360), ter-se-iam os seguintes casos: Queridos hermanos, quiero *ello* / En primer lugar, quiero *ello*.

Ainda na camada do Conteúdo Comunicado, os verbos volitivos podem também operar como *verbos auxiliares*, designadamente nos casos em que se expressa *aspectualidade*.

No entanto, não configuram casos de manifestação de *Volitividade*, quando esta é instaurada por meio da modalidade volitiva, pois não há a presença do *elemento do desejo*.

As ocorrências (361) e (362), que foram retiradas do *corpus* desta pesquisa, ilustram os casos em que o verbo volitivo *querer* atua como um *verbo auxiliar* na construção perifrástica com verbos no infinitivo, expressando, dessa forma, aspectualidade (de aspecto inceptivo ou de iminência, sendo interno ao Estado-de-Coisas, especificamente no Nível Representacional):

(361) Es como si Pablo tuviera la capacidad de escuchar cada uno de nuestros corazones y pusiera voz a lo que sentimos y vivimos. Hay algo dentro de nosotros que nos invita a la alegría y a no conformarnos con placebos que siempre **quieren** contentarnos (H1).

[É como se Paulo tivesse a capacidade de ouvir cada um de nossos corações e dar voz ao que sentimos e vivemos. Há algo dentro de nós que nos convida a ser felizes e a não se contentar com placebos que sempre querem nos satisfazer]

(362) Porque Dios nunca defrauda y por eso le alabamos agradecidos. La oración litúrgica, su estructura y modo pausado, **quiere** expresar a la Iglesia toda (H11).

[Porque Deus nunca decepçiona e por isso nós o louvamos com gratidão. A oração litúrgica, sua estrutura e modo lento, quer expressar à Igreja como um todo]

Em (361) e (362), constata-se que o verbo volitivo *querer*, ao ter um escopo de atuação sobre um verbo no infinitivo, respectivamente *contentar* e *expressar*, não expressa volição, mas aspecto. Nessas ocorrências, averígua-se um caso inceptivo, em que o sujeito sintático do modal se refere a um ser inanimado [-humano], respectivamente *placebos* e *oración*; e, portanto, incapaz de volição. Segundo Hidalgo (2012), o fato de se constatar um ser inanimado [-humano], faz com que o verbo *querer* perca as suas propriedades semânticas volitivas, haja vista que os sujeitos sintáticos aos quais o verbo *querer* se refere não poderiam manifestar desejo, enquadrando-se, assim, em casos de aspectualidade.

De acordo com Hidalgo (2012), o verbo *querer* é um verbo volitivo, por isso, expressa os valores de desejo e vontade. No entanto, em seu processo de gramaticalização, o verbo volitivo *querer*, em língua espanhola, está passando de um conceito mais concreto [+concreto], ao operar em camadas mais baixas (Propriedade Configuracional e Estado-de-Coisas), para um conceito mais abstrato [-concreto], ao operar em camadas mais altas (Conteúdo Comunicado) do Componente Gramatical. Desse modo, o verbo volitivo *querer* está perdendo a sua concretude semântica de volição para adquirir um sentido mais abstrato. Isso tem reflexo na estruturação sintática do verbo volitivo *querer*, que vai migrando de sua posição de verbo principal, quando opera como verbo léxico, para assumir a função de verbo auxiliar. Ao assumir

uma posição de verbo auxiliar, como nas ocorrências (361) e (362), o verbo *querer* adquire uma característica de aspecto e não de volição.

Além do verbo volitivo *querer*, outros verbos volitivos também podem funcionar como *verbos auxiliares* em construções perifrásticas com verbos no infinitivo, expressando também aspecto e não volição. As ocorrências de (363) a (365) ilustram casos em que os verbos volitivos *buscar*, *pretender* e *intentar* atuam como verbos auxiliares em construções perifrásticas com verbos no infinitivo, respectivamente *asumir*, *anestesiarse* e *arruinar*, na marcação de aspectualidade:

(363) Vayan y anuncien, vayan y vivan que Dios está en medio de ustedes como un Padre misericordioso que sale todas las mañanas y todas las tardes para ver si su hijo vuelve a casa, y apenas lo ve venir corre a abrazarlo. Esto es lindo. Un abrazo que **busca** asumir, busca purificar y elevar la dignidad de sus hijos. Padre que, en su abrazo, es «buena noticia a los pobres, alivio de los afligidos, libertad a los oprimidos, consuelo para los tristes» (Is 61,1) (H3).

[Vai e anuncia, vai e vive que Deus está no meio de ti como um Pai misericordioso que sai todas as manhãs e todas as tardes para ver se o filho volta para casa e, assim que o vê chegando, corre para abraçá-lo. Isso é lindo. Um abraço que busca assumir, busca purificar e elevar a dignidade de seus filhos. Pai que, no seu abraço, é "boa notícia para os pobres, alívio para os aflitos, liberdade para os oprimidos, conforto para os tristes" (Is 61,1)]

(364) Y no son pocas las veces que experimentamos el cansancio de este camino. No son pocas las veces que faltan las fuerzas para mantener viva la esperanza. Cuántas veces vivimos situaciones que **pretenden** anestesiarnos la memoria y así se debilita la esperanza y se van perdiendo los motivos de alegría (H17).

[E não são poucas as vezes que experimentamos o cansaço deste caminho. As forças para manter viva a esperança não são poucas. Quantas vezes vivenciamos situações que pretendem anestesiarse nossa memória e, assim, a esperança se enfraquece e as razões de alegria se perdem]

(365) Las Tres tentaciones que sufrió Cristo. Tres tentaciones del cristiano que **intentan** arruinar la verdad a la que hemos sido llamados. Tres tentaciones que buscan degradar y degradarnos (H11).

[As três tentações que Cristo sofreu. Três tentações cristãs que tentam arruinar a verdade para a qual fomos chamados. Três tentações que procuram degradar e degradar-nos]

Nas ocorrências de (363) a (365), o sujeito sintático dos verbos volitivos *buscar*, *pretender* e *intentar* é inanimado [-humano], portanto incapaz de volição. Assim sendo, esses verbos volitivos se tornam um *verbo auxiliar*, cuja função é a de marcador de aspecto inceptivo. Nesse sentido, verifica-se que há uma maior abstração desses verbos quando comparado aos usos em que eles expressam volição, que, por sua vez, tendem a ser mais concretos, pois há a presença de um ser capaz de volição e animado [+humano].

Conforme Gómez Torrego (2005), quando o verbo *querer* opera como *auxiliar modal* em construções perifrásticas com verbos no infinitivo, especificamente nos casos inceptivos

(iminência), pode-se verificar também a instauração de alguma possibilidade de realização de um evento (modalidade epistêmica), como nas ocorrências de (366) a (369) que foram retiradas da Internet.⁴¹¹

(366) Satina esta muy feliz por que hoy **quiere** llover, le gusta mirar las gotas pegadas en el cristal no se aparta ni un momento de su pequeña ventana sabe que algo va a ocurrir y esta muy emocionada.⁴¹²

[Satina está muito feliz porque hoje quer chover, gosta de olhar as gotas grudadas no vidro, não sai da janelinha por um momento, sabe que vai acontecer alguma coisa e está muito animada]

(367) El aceite lo he cambiado hace dos o tres semanas y hasta hoy me iba todo bien. Lo que he notado es que el coche **quiere** arrancar pero como si no tuviera fuerza. Luego funciona todo luces radio.⁴¹³

[Troquei o óleo há duas ou três semanas e até hoje estava tudo bem. O que percebi é que o carro quer dar a partida, mas como se não tivesse força. Então, todas as luzes do rádio funcionam]

(368) En cambio, a lo lejos se oyen bramidos, los mismos de antes, los de los paisanos ahora convertidos en monos. Sus pasos seguros le llevan por el pueblo, la nieve sigue cubriéndolo todo y el sol **quiere** apuntar por el Este un dominio titubeante, aunque son las bombillas tristes quienes iluminan pobremente las calles.⁴¹⁴

[Por outro lado, ao longe, ouve-se gritos, iguais aos de antes, dos camponeses agora transformados em macacos. Seus passos seguros o levam pela cidade, a neve continua cobrindo tudo e o sol quer apontar para o leste um domínio vacilante, embora sejam as tristes lâmpadas que mal iluminem as ruas]

(369) El día de la Candelaria, está el invierno fuera; pero si no ha nevado y **quiere nevar**, invierno por comenzar. Si llueve por la Candelaria, apaga la brasa. Si la Candelaria nieva, treinta más con ella.⁴¹⁵

[No dia da Candelária, o inverno acabou; Mas se não nevou e quer nevar, comece o inverno. Se chover na Candelaria, desligue o aquecedor. Se na Candelaria nevar, mais trinta com ela]

Nas ocorrências de (366) a (369), o verbo *querer* perde suas propriedade semânticas de volição (modalidade volitiva) e passa a expressar a possibilidade de ocorrência de algum evento (modalidade epistêmica). Assim, nas ocorrências supracitadas, verifica-se, respectivamente, a possibilidade de “chover”, “do carro dar partida”, “do sol se firmar no leste em forma de zigue-zague” e “nevar”. Tomando por base Hengeveld (2004), estes enunciados

⁴¹¹ Estes exemplos foram retirados da Internet porque não foram encontrados casos de uso do modal *querer* em construção perifrástica com verbos no infinitivo com significados inceptivos.

⁴¹² Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.poemas-del-alma.com/blog/mostrar-poema-370908>>. Acesso em: 15 set. 2021.

⁴¹³ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://www.forocoches.com/foro/showthread.php?t=2993815>>. Acesso em: 15 set. 2021.

⁴¹⁴ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://revistaiman.es/animales-desalmados/>>. Acesso em: 15 set. 2021.

⁴¹⁵ Exemplo retirado da Internet. Disponível em: <<https://twitter.com/meteoyayi/status/1223722221295820803?lang=ca>>. Acesso em: 15 set. 2021.

poderiam ser interpretados como casos de modalidade epistêmica operando na camada do Estado-de-Coisas (modalidade orientada para o Evento).

No entanto, há casos em que o verbo volitivo *querer* não atua como *verbo léxico*, nem como *verbo semi-auxiliar* e tampouco como *verbo auxiliar*, ainda que esteja em uma construção perifrástica com verbos no infinitivo, mas passando a funcionar como uma espécie *marcador discursivo*. Esses casos referem-se aos usos do verbo *querer* juntamente com um *verbo dicendi*, em que ambos os verbos passam a formar uma única unidade, como afirma Luque (2015). Segundo a autora, esse valor unitário não permite qualquer tipo de dissociação, haja vista que o sentido não pode ser mais apreensível apenas por meio de interpretação semântica deles, ou seja, o *querer* para expressar volição e o verbo *dicendi* para se referir ao dito, como no exemplo: *Eso no quiere decir nada* [Isso não quer dizer nada] (LUQUE, 2015, p. 120).

As ocorrências (370) e (371), que foram retiradas do *corpus* desta pesquisa, ilustram isso:

(370) A vos te mandaron donde no querías ir y lloraste, lloraste porque no te gustaba lo cual no **quiere** decir que seas una monja llorona no, Dios nos libre de las monjas lloronas que siempre se están lamentando, eso no es mío eso lo decía Santa Teresa ¿eh? a sus monjas, es de ella, “Guay de aquellas monjas que anda todo el día lamentándose porque me hicieron una injusticia” (H7).

[Mandaram-te para onde não querias e choraste, choraste porque não gostaste, o que não quer dizer que és uma freira chorona, não. Deus nos salve das freiras que choram e que estão sempre a lamentar, esta frase não é minha, é o que dizia Santa Teresa, né? Para as freiras, é dela dizer: “Pobre daquelas freiras que ficam o dia todo lamentando porque fizeram-lhes uma injustiça”]

(371) Son tres actitudes que tenemos que plasmar en nuestra vida de discípulos. Lo primero, ir a lo esencial. No **quiere** decir «romper con todo», romper con aquello que no se acomoda a nosotros, porque tampoco Jesús vino «a abolir la ley, sino a llevarla a su plenitud» (Mt 5,17) (H23).

[Estas são três atitudes que devemos expressar em nossa vida como discípulos. Em primeiro lugar, vá ao essencial. Não significa “romper com tudo”, romper com o que não nos convém, porque Jesus também não veio “para abolir a lei, mas para torná-la plena” (Mt 5,17)]

Por sua vez, em (370) e (371), o verbo volitivo *querer*, ao ter um escopo de atuação sobre o verbo *dicendi*, designadamente o verbo *decir*, atua como um marcador discursivo, cujo emprego remete à explicitação de uma ideia ou ao conceito de significado, ou seja, atua como uma unidade linguística de reformulação em um plano textual-discursivo. Nesse sentido, a construção perifrástica *querer+decir* funciona como um marcador de reformulação de algo dito anteriormente pelo Falante, cuja ratificação das ideias é encabeçada por meio da referida construção perifrástica, como em (370), em que se explicita que a monja não seja uma chorona

pelo fato de ela haver chorado por ter ido a um lugar que não lhe apetecia; e, em (371), em que se ratifica a não necessidade de romper com tudo, mas apenas com aquilo que incomoda.

De acordo com a tabela de gramaticalização proposta por Heine (1993), pode-se inferir que, nos casos em que o volitivo *querer* tem um escopo de atuação sobre verbos *dicendi*, em especial, o marcador discursivo *querer+decir*, há um alto grau de gramaticalização, pois se pode encontrar um maior número de características de auxiliaridade, tais como: (i) o uso do verbo com complemento não finito, no caso, o verbo *decir*; (ii) perda de conteúdo lexical, passando de uma concretude semântica de volição para um significado mais abstrato; (iii) a forte associação entre os dois verbos, o verbo volitivo *querer* e o verbo *dicendi* (*quiere+decir*), que não podem mais ser separados por um outro elemento; (iv) a perda da capacidade de expressar, simultaneamente, as distinções de tempo, aspecto e modo; (v) o verbo e o complemento representam uma só unidade semântica, ou seja, *quiere+decir* passa a expressar o conceito de significação de algo ou ratificação de informações; (vi) o verbo volitivo *querer*, como marcador discursivo, não apresenta mais um Sintagma Nominal como argumento; e (vii) o verbo apresenta como complemento apenas um tipo de forma verbal não finita, isto é, ele aceita apenas o infinitivo, e nunca o gerúndio ou o particípio.

Em resumo, constata-se que a *Volitividade* pode ser expressa por meios linguísticos não relativos à instauração de modalidade deôntica e volitiva, em que o *elemento do desejo* opera nas camadas do Conteúdo Comunicado e da Ilocução. Por sua vez, é possível que os verbos volitivos, em seu processo de gramaticalização, ao operarem na camada do Conteúdo Comunicado, não expressem *Volitividade*, restringindo-se apenas a marcar polidez e cortesia, aspectualidade ou funcionar como marcador discursivo.

5.6 Síntese conclusiva

Neste capítulo, discorreu-se sobre a análise *quantitativo-qualitativa* das ocorrências de expressão da *Volitividade* por meio da instauração das modalidades deôntica e volitiva que foram encontradas no *corpus* selecionado para esta pesquisa. Dissertou-se, portanto, sobre a frequência e a inter-relação entre as categorias de análise, especificamente o domínio semântico (modalidades deôntica e volitiva) com as demais categorias de análise relativas aos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático. Para isso, buscou-se exibir tabelas que continham as frequências e as inter-relações entre as categorias de análise, e quadros que

sintetizavam os principais elementos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na expressão do *elemento do desejo*.

A análise *quantitativo-qualitativa* foi feita com base na amostragem da frequência e da inter-relação entre as categorias de análise, em porcentagem, buscando, dessa forma, explicitar a razão das maiores porcentagens apresentadas, tendo em vista os aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos inerentes às modalidades deôntica e volitiva na manifestação do *elemento do desejo*. Para isso, recorreu-se à GDF e a outros trabalhos relativos a ambas as categorias modais, que explicitavam ou esclareciam os resultados obtidos a partir do valor do Qui-quadrado ($p < 0,05$), em que o valor p sendo $\leq 0,05$ revelava que as categorias de análise estavam condicionadas entre si, ou seja, o comportamento de uma condicionava e restringia o comportamento da outra. Por sua vez, quando o valor p era $\geq 0,05$, isso revelava que não havia um condicionamento de uma categoria de análise sobre a outra, isto é, as categorias de análise se comportavam de maneira independente.

Verificou-se também que a *Volitividade* pode ainda se manifestar por outros meios que não consistem na instauração de modalidade deôntica e volitiva, tais como os padrões ilocucionais Imperativo, Exortativo, Proibitivo, Optativo e Imprecativo, ao operar na camada da Ilocução; além de operar por meio de verbos volitivos, que não expressam modalidade volitiva, na camada do Conteúdo Comunicado.

Constatou-se que os verbos volitivos, em seu processo natural de gramaticalização dentro do Componente Gramatical, podem ser utilizados para manifestar polidez e cortesia, marcar aspectualidade ou funcionar como marcadores discursivos ao atuarem em camadas mais elevadas do Nível Interpessoal (camada do Conteúdo Comunicado).

Por fim, foi possível comprovar a hipótese de que a *Volitividade*, interpretada como um parâmetro de delimitação e categorização entre as modalidades deôntica e volitiva, apresenta tanto elementos de convergência, haja vista que ambos os subtipos modais manifestam o *elemento do desejo* no enunciado modalizado; quanto elementos de divergência, que as particularizam como subtipos modais distintos, tais como a *atitude volicional do falante*, o *eixo de atuação modal*, a *qualificação modal*, a *natureza do enunciado modalizado* e os *valores modais*.

6 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, buscou-se investigar a manifestação da *Volitividade* por meio das modalidades deôntica e volitiva nas homilias do Papa Francisco que foram proferidas em língua espanhola em suas viagens apostólicas realizadas em países cuja língua oficial é o espanhol (Cuba, México, Equador, Bolívia, Paraguai, Colômbia, Chile, Peru e Panamá) ou de forte concentração hispânica (Estados Unidos). Partindo das considerações de Lyons (1977), que especifica que as funções desiderativas e instrumentais da linguagem servem tanto para expressar ou para designar as vontades (modalidade volitiva) quanto para conseguir que algo seja feito a partir da imposição da própria vontade a outros agentes (modalidade deôntica); e de Narrog (2012), que explicita que, em alguns enunciados modalizados, há a presença do *elemento do desejo*, em que há uma *força trabalhando* para a realização do evento desejado; pretendeu-se promover um estudo acerca das modalidades deôntica e volitiva, entendidas como modalidades volicionais em Narrog (2012), descrevendo-as e analisando-as do ponto de vista dos aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos, no intuito de averiguar tanto os elementos que as particularizavam (divergência) como aqueles aspectos que as aproximavam (convergência) na manifestação da *Volitividade*.

Dessa forma, a referida Tese propunha que a *Volitividade*, proposta como parâmetro de análise da categoria modalidade em Narrog (2012), manifesta-se de maneira diferenciada na instauração das modalidades deôntica e volitiva. Para isso, hipotetizou-se que, para a modalidade deôntica, a *Volitividade* está sob leis, regras, contratos e normas de conduta em relação ao que é entendido como legal, social e moralmente aceitável (HENGEVELD, 2004), estando, pois, o *elemento do desejo* relacionado ao que é obrigatório, permitido ou proibido. Por sua vez, para a modalidade volitiva, a *Volitividade* está relacionada apenas com aquilo que é interpretado como desejável ou indesejável (HENGEVELD, 2004), a partir do que é avaliado como sendo ou não bom e agradável, estando, pois, o *elemento do desejo* relacionado à expressão de desejos, vontades e intenções.

Nesse sentido, pretendeu-se descrever e analisar como o *elemento do desejo* se comportava ao influenciar as operações de Formulação (Níveis Interpessoal e Representacional) e de Codificação (Nível Morfossintático) no Componente Gramatical conforme a Gramática Discursivo-Funcional (GDF). Como descrito no Capítulo 2, o aparato teórico da GDF é um modelo de gramática funcional modular e hierárquico, em que as decisões

nos níveis e camadas superiores determinam e restringem as possibilidades de expressão das unidades linguísticas nos níveis e camadas inferiores. Por isso, o modelo da GDF é entendido como *top-down*, haja vista que parte das intenções do Falante (Componente Conceitual), sendo também influenciado por questões contextuais (Componente Contextual), indo em direção à Formulação das unidades linguísticas a nível pragmático (Nível Interpessoal) e semântico (Nível Representacional), passando pela Codificação delas a nível morfossintático (Nível Morfossintático) e fonológico (Nível Fonológico), e finalizando na articulação das formas linguísticas (Componente de Saída).

Desse modo, a GDF conseguiu fornecer, como uma ferramenta teórico-metodológica para a interpretação dos dados, os meios necessários para a explicação da funcionalidade das modalidades deôntica e volitiva na expressão da *Volitividade* e, conseqüentemente, das unidades linguísticas (operadores modais deônticos e volitivos) relacionadas a cada uma delas. Com base no aparato teórico da GDF, foi possível explicar como as configurações gramaticais da língua espanhola, relativas à expressão do *elemento do desejo*, comportavam-se em situações reais de produção linguística, no caso, as homílias proferidas pelo Sumo Pontífice da Igreja Católica. Nesse sentido, a GDF permitiu que a *Volitividade*, como parâmetro de análise das modalidades deôntica e volitiva, fosse descrita e analisada em relação aos aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos inerentes à manifestação do *elemento do desejo*, fazendo-o de forma integrada; possibilitando, portanto, um estudo dos modalizadores deônticos e volitivos sobre os quais a expressão da modalidade incidia, tendo em vista a estratificação em níveis e camadas.

Considerando que a *Volitividade* apresenta um comportamento diferenciado no que tange à instauração das modalidades deôntica e volitiva, era necessário que se discorresse não apenas em relação a esses subtipos modais, mas também acerca do *elemento do desejo* na seara da Linguística. No Capítulo 3, pode-se averiguar que as modalidades deôntica e volitiva são delimitadas de forma diferenciada nas mais distintas tipologias de modalidade que se pode encontrar nos estudos linguísticos, em que ora são interpretadas como subtipos modais apartados, ora como subtipos modais de um único tipo de modalidade, ora como uma sendo um subtipo modal da outra, etc. Essa imprecisão na delimitação e caracterização das modalidades deôntica e volitiva, como foi citado por Verplaetse (2003), deve-se ao fato de a categoria modalidade ser descrita e analisada, majoritariamente, com base nas noções de necessidade e possibilidade, o que fez com que as diferentes tipologias delimitassem apenas dois eixos modais principais, o epistêmico e o deôntico, em que a volição era inserida neste por derivação

ontogenética. Por isso, a presente Tese julgava necessária a descrição e a análise do engendramento da *Volitividade* na instauração das modalidades deôntica e volitiva, no intuito de que se avaliasse que aspectos do *elemento do desejo* poderiam propiciar em uma aproximação ou afastamento dos eixos modais da conduta (modalidade deôntica) e da volição (modalidade volitiva).

Discorreu-se também acerca das modalidades deôntica e volitiva na perspectiva do funcionalismo holandês, em que se pode verificar que a categoria modalidade sempre foi descrita e analisada conforme a hierarquização das camadas semânticas, o que explica a organização da modalidade de acordo com o grau de subjetividade ou objetividade que ela expressa, primeiramente, distinguindo-se a modalidade em *inerente*, *objetiva* e *subjetiva* (HENGEVELD, 1988; HENGEVELD, 1989; DIK, 1997); para, posteriormente, categorizá-la com base em dois parâmetros principais: o *domínio semântico* e a *orientação modal* (HENGEVELD, 2004); e com base na camada de atuação das modalidades no Nível Representacional, ou seja, as modalidades são descritas em termos da categoria semântica que designam, as quais podem ser Conteúdos Proposicionais (p), Episódios (ep), Estados-de-Coisas (e) e Propriedades Configuracionais (f) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

Verificou-se ainda que a *Volitividade* já era entendida como uma categoria linguística em Jespersen (1924), em que o autor emprega essa categoria como elemento de distinção para a modalidade, dividindo-a em intrínseca, que é relativa às noções de obrigação, permissão e volição; e extrínseca, que diz respeito às leis racionais e às leis da natureza. Nesse sentido, tanto a modalidade intrínseca quanto a extrínseca estariam pautadas a partir da possibilidade e da necessidade com base no *elemento do desejo*. Dessa forma, os conteúdos modais poderiam conter *Volitividade* (modalidade intrínseca) ou não contê-la (modalidade extrínseca). Discorreu-se que Heine (1995) propunha a existência de uma força (F) como delimitadora da modalidade deôntica (*modalidade volicional*), mas em relação à modalidade epistêmica (*modalidade não volicional*). Para Narrog (2012), essa força (F), no caso das *modalidades volicionais*, advinha do próprio falante, de algum grupo de pessoas ou de alguma organização social que representa uma parcela da sociedade; podendo essa força também advir da sociedade como um todo, sendo essa mesma sociedade a fonte das obrigações morais expressas.

Com base na existência dessa força (F), a qual Narrog (2012) especificou como sendo o *elemento do desejo* ou *Volitividade*, o autor empregou-a como parâmetro de delimitação para a categoria modalidade, subdividindo-a em modalidades volicionais (deôntica, bulomaica, preferencial e teleológica) e modalidades não volicionais (epistêmica, evidencial, existencial,

dinâmica e circunstancial). Em relação às modalidades deôntica e bulomaica (volitiva), Narrog (2012) especificou a primeira como sendo a designação de um estado-de-coisas como necessário ou possível com base em um quadro particular de regras sociais; enquanto a segunda marca uma proposição como uma necessidade ou uma possibilidade com base nos desejos, nas vontades e nas intenções particulares dos sujeitos.

No capítulo 4, passou-se a abordar acerca dos aspectos metodológicos da pesquisa, em que se discorreu sobre o *corpus* selecionado, as categorias de análise, o gênero homilia e os procedimentos metodológicos. No que diz respeito ao *corpus*, foram selecionadas 30 homilias que foram proferidas pelo Papa Francisco em suas viagens apostólicas aos Estados Unidos, a Cuba, ao México, ao Equador, à Bolívia, à Colômbia, ao Chile, ao Peru e ao Panamá. As homilias foram retiradas de sete *ebooks* de divulgação on-line, em que se especificava o título da viagem apostólica, o país de destino e o ano em que as homilias foram proferidas. Em relação às categorias de análise, estas foram divididas em três grandes grupos, as relativas ao: (i) Nível Interpessoal, que foram o tipo de Ilocução e o posicionamento do Falante na incidência do valor modal; (ii) Nível Representacional, que foram a orientação modal, os valores modais, a natureza do enunciado modalizado, a qualificação da atitude modal, a controlabilidade do Estado-de-Coisas, a dinamicidade do Estado-de-Coisas, a referência temporal do evento sobre o qual incide o valor modal, os traços semânticos do sujeito, a polaridade do enunciado modalizado e o tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado; e (iii) Nível Morfossintático, que foram o tipo de Expressão Linguística do modal, a pessoa gramatical do sujeito do modal, a marcação morfossintática de tempo verbal do modal, a marcação morfossintática de modo verbal do modal e as formas como os modais se combinam no enunciado modalizado.

No tocante ao gênero homilia, dissertou-se que elas refletem sobre a leitura do evangelho que é proclamado na celebração da missa, em que o líder religioso explica-a aos cristãos católicos com o intuito de esclarecer sobre o conteúdo teológico contido nas *Sagradas Escrituras* (Bíblia). Assim sendo, as homilias puderam propiciar que o Santo Padre instaurasse modalidade deôntica, já que falou acerca do que é moralmente aceitável e permitido para o seu grupo religioso e a conduta dos fiéis; e sobre aquilo que é desejável ou indesejável para o homem e sua convivência em sociedade desde a perspectiva da Bíblia e dos preceitos morais católicos; manifestando, portanto, os desejos e as vontades da divindade a qual representa, o que propiciou a instauração de modalidade volitiva.

Em relação aos procedimentos metodológicos, foi relatado acerca da forma como se deu o procedimento estatístico, a identificação e os parâmetros das categorias de análise, a

identificação das modalidades deôntica e volitiva no *corpus* delimitado e a confecção de uma ficha de ocorrência, utilizando o *Statistical Package for Social Science* (SPSS) - versão 22 para o *Windows*. Em relação ao procedimento estatístico, verificou-se que houve a necessidade de se converter as ocorrências em dados quantitativos como realizações de categorias de análise específicas. Isso fez com que se empregasse SPSS para que, dessa forma, fosse possível estabelecer a análise objetivada das ocorrências e o cruzamento das categorias de análise, especificamente do *domínio semântico* (relativo às modalidades deôntica e volitiva) com as demais categorias de análise referentes aos Níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático. Na sequência, abordou-se sobre as etapas de análise e classificação de cada ocorrência que foi encontrada no *corpus*, constituindo-se de duas partes: (i) a análise *quantitativa*, por meio da utilização do pacote computacional do SPSS; e (ii) a análise *qualitativo-quantitativa*, por meio do inter-relacionamento dos dados à luz dos pressupostos da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008) e do parâmetro da *Volitividade* proposto por Narrog (2012), bem como de trabalhos correlatos acerca das modalidades deôntica e volitiva.

No Capítulo 5, passou-se para a descrição e análise dos aspectos de convergência e divergência entre as modalidades deôntica e volitiva na expressão da *Volitividade*. Para isso, o referido capítulo foi dividido em seções. Na seção 5.1, apresentou-se a frequência de uso das modalidades deôntica e volitiva nas homílias do Papa Francisco em língua espanhola. Na seção 5.2, explanou-se sobre a inter-relação entre o domínio semântico (relativo às modalidades deôntica e volitiva) e as categorias de análise referentes ao Nível Interpessoal. Na seção 5.3, discorreu-se acerca da inter-relação entre o domínio semântico e as demais categorias de análise relativas ao Nível Representacional. Na seção 5.4, abordou-se sobre a inter-relação entre o domínio semântico e as categorias de análise referentes ao Nível Morfossintático. Na seção 5.5, comentou-se acerca das dificuldades encontradas na descrição e análise da *Volitividade*.

Na seção 5.1, verificou-se que a modalidade volitiva (62,4%) era mais recorrente nas homílias do Papa Francisco que a modalidade deôntica (37,6%). Com base em Kratzer (1981, 1991, 2010), ponderou-se que o *eixo da volição* dava mais acesso a uma maior quantidade de mundos possíveis que o *eixo da conduta*, haja vista que o mundo da espiritualidade permitiria uma maior instauração de desejos, vontades e intenções de concretização de eventos tanto no mundo espiritual quanto no mundo físico (mundo material), que, por seu lado, estão sob o controle e a influência da divindade (fugindo ao controle humano), enquanto os comportamentos e as normas de conduta estariam mais restritos ao mundo físico, pois caberia

aos seres humanos (restrito ao controle humano) a mudança de pensamento, de comportamento e de atitude em relação ao que é estabelecido pela crença religiosa.

Estipulou-se, conforme os estudos de Kratzer (1981, 1991, 2010), que a *Volitividade*, em termos semânticos, apresenta tanto uma *base volicional* quanto uma *fonte de ordenação volicional* que pode especificar e delimitar as modalidades deôntica e volitiva no que tange ao engendramento do *elemento do desejo* no enunciado modalizado. Nesse sentido, explicitou-se que a base volicional fornece todas as informações significativas sobre as circunstâncias que envolvem a situação discursiva, especificando, assim, os mundos possíveis que estão acessíveis ao contexto discursivo (mundo da espiritualidade, mundo físico, etc.); enquanto a fonte de ordenação volicional organiza os mundos possíveis com base em uma estrutura ordenada nesse conjunto de mundos especificados pela base volicional, conforme o parâmetro que é estabelecido pela interação discursiva, isto é, o mundo em que todas as regras e normas são cumpridas e não violadas (modalidade deôntica) e o mundo em que todos os desejos dos sujeitos são realizados (modalidade volitiva).

Na seção 5.2, foi abordada a inter-relação entre o domínio semântico e as categorias de análise relativas ao Nível Interpessoal, a saber: (i) o tipo de Ilocução; e (ii) a posição do Falante na incidência do valor modal. A partir do valor do Qui-quadrado, verificou-se que não há o condicionamento da avaliação que se faz do enunciado modalizado com o tipo de Ilocução e a posição do Falante na incidência do valor modal, pois o valor do Qui-quadrado foi, respectivamente, 0,40 e 0,94 ($p > 0,05$). Constatou-se que as modalidades deôntica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, são instauradas, majoritariamente, por meio de Ilocuções Declarativas (96,8%) e que o Falante pode se incluir (42%) ou não se incluir (58%) no valor modal deôntico ou volitivo instaurado. Averiguou-se que a *Volitividade* pode se manifestar por meio de outros tipos de Ilocuções, tais como Imperativas, Proibitivas, Exortativas, Optativas e Imprecativas; mas sem que estas se configurem como instauração de modalidade deôntica e volitiva.

Assim sendo, estabeleceu-se que a *Volitividade*, em relação aos padrões ilocucionais, pode conter o traço controle [+controle] ou não conter esse traço [-controle], distinguindo-se também com base na *atitude volicional do Falante* que, por sua vez, subdivide-se em: (i) o *ato volicional*, que é relativo à expressão ou à designação dos desejos e das vontades dos sujeitos em relação à possibilidade ou à necessidade de concretização de um evento; e (ii) a *imposição volicional*, que se refere à imposição da própria vontade dos sujeitos sobre outros agentes para conseguir que um evento seja levado a cabo. Assim, pode-se inferir que, na expressão da

Volitividade, as Ilocuções Declarativas (modalidade volitiva), Optativas e Imprecativas são *atos volicionais*, enquanto as Ilocuções Declarativas (modalidade deôntica), Imperativas, Exortativas e Proibitivas são *imposições volicionais*.

Em relação à *posição do Falante na incidência do valor modal*, atestou-se que ela pode revelar o grau de objetivação e subjetivação do enunciado modalizado. Nesse sentido, a *inclusão do Falante na incidência do valor modal* pode tanto conduzir a uma *subjetivação do conteúdo modal* volitivo, quando os operadores modais volitivos ocupam posições mais periféricas no Ato Discursivo, revelando o posicionamento (emocional e volitivo) do Falante acerca da Proposição contida no enunciado modalizado, quanto a uma *objetivação do conteúdo modal* deôntico ou volitivo, quando os operadores modais deônticos e volitivos ocupam posições mais centrais no Ato Discursivo, manifestando o estatuto objetivo de um Evento ou um Participante (Falante / Falante e Ouvinte) envolvido na realização de um Evento. Por sua vez, a *não inclusão do Falante* conduz apenas a uma *objetivação do conteúdo modal* deôntico ou volitivo, haja vista que os operadores modais deônticos e volitivos tendem a ocupar posições mais centrais no Ato Discursivo, revelando, assim, o estatuto objetivo de um Evento ou um Participante (terceiro-reportado) envolvido na realização de um Evento, mas sem que o Falante recorra a expressões linguísticas que revelem a sua apreciação subjetiva sobre esse evento.

Na seção 5.3, discorreu-se sobre a inter-relação entre o domínio semântico e as demais categorias de análise relativas ao Nível Representacional, a saber: (i) a orientação modal; (ii) os valores modais; (iii) a natureza do enunciado modalizado; (iv) a qualificação da atitude modal; (v) a controlabilidade do Estado-de-Coisas; (vi) a dinamicidade do Estado-de-Coisas; (vii) a referência temporal do evento sobre o qual incide o valor modal; (viii) os traços semânticos do sujeito do modal; (ix) a polaridade do enunciado modalizado; e (x) o tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado. A partir do valor do Qui-quadrado, verificou-se que há o condicionamento da avaliação que se faz do enunciado modalizado com todas as categorias de análise referentes ao Nível Representacional, pois o valor do Qui-quadrado foi 0,00 ($p < 0,05$) para todas as categorias de análise, enquanto, para a referência temporal do evento sobre o qual incide o valor modal, o valor do Qui-quadrado foi 0,02 ($p < 0,05$). À exceção, foi a dinamicidade do Estado-de-Coisas, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,94 ($p > 0,05$), o que revelou que não há um condicionamento entre a avaliação que se faz do enunciado modalizado e a dinamicidade do Estado-de-Coisas.

Em relação à *orientação modal*, que revela a camada de atuação das modalidades deôntica e volitiva, constatou-se que ambas as modalidades atuam, preferencialmente, nas

camadas mais inferiores do Nível Representacional, ou seja, nas camadas da Propriedade Configuracional (73,2%) e do Estado-de-Coisas (22,3%). Constatou-se também a possibilidade de as modalidades deôntica e volitiva atuarem na camada do Episódio, haja vista que o Falante pode fazer uma apreciação subjetiva de um evento anterior ao momento da enunciação [+preteridade] e que ele avalia como sendo obrigatório a reatualização desse evento [+realizável] ou como desejável a possibilidade de reatualização dele, ainda que isso seja impossível [-realizável]. Averiguou-se que a modalidade volitiva é a única *modalidade volicional*, do quadro modal proposto por Narrog (2012), que pode atuar na camada do Conteúdo Proposicional, especificamente quando o Falante faz uma apreciação pessoal acerca de um evento contido em uma proposição, possível apenas de ser localizado em sua mente [+mental] e irrealizável do ponto de vista factual [-factual], e verdadeiro com base em suas crenças e opiniões subjetivas.

Examinou-se que as modalidades deôntica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, podem se diferenciar ou se igualar no que diz respeito ao *escopo da modalização*, ou seja, se os operadores modais deônticos e volitivos incidem diretamente [+direto] ou não [-direto] sobre o predicado principal, a depender da camada em que ambas as modalidades atuam no Nível Representacional. Desse modo, atestou-se que, na camada da Propriedade Configuracional, os operadores modais deônticos e volitivos incidem diretamente [+direto] sobre o predicado principal, enquanto, na camada do Estado-de-Coisas eles podem incidir diretamente [+direto], quando o modalizador e o sujeito sintático do predicado principal coincidem, ou não incidir diretamente [-direto], quando o modalizador e o sujeito sintático do predicado principal não coincidem. Por sua vez, na camada do Episódio, os operadores modais deônticos não incidem diretamente [-direto] sobre o predicado principal, enquanto a modalidade volitiva pode incidir diretamente ou não [\pm direto]. Na camada do Conteúdo Proposicional, os operadores modais volitivos incidem indiretamente [-direto] sobre o predicado principal.

No que tange à *sobreposição de operadores modais* ao operarem em diferentes camadas do Nível Representacional, averiguou-se, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), que a precedência de um modal (deôntico ou volitivo) de necessidade sobre um modal (deôntico ou volitivo) de possibilidade é plenamente possível nas línguas naturais, considerando que essa sobreposição ocorre em virtude de esses modais (deônticos ou volitivos) atuarem em diferentes camadas do Nível Representacional. Nesse sentido, constatou-se que: (i) uma necessidade deôntica pode incidir sobre uma possibilidade deôntica (um *deber*, que opera na camada do Episódio, incide sobre um *poder*, que opera na camada da Propriedade

Configuracional); (ii) uma necessidade volitiva pode incidir sobre uma possibilidade facultativa (um *querer*, que opera na camada do Episódio, incide sobre um *poder*, que opera na camada da Propriedade Configuracional); (iii) uma necessidade volitiva pode incidir sobre uma possibilidade deôntica (um *querer*, que opera na camada do Episódio, incide sobre um *poder*, que opera na camada da Propriedade Configuracional); e (iv) uma necessidade deôntica pode incidir sobre uma possibilidade volitiva (um *deber*, que opera na camada do Episódio, incide sobre um *querer*, que opera na camada da Propriedade Configuracional). Ponderou-se que essa sobreposição de operadores modais, ao atuarem em diferentes camadas do Nível Representacional, pode ser um indício do comportamento diferenciado entre as modalidades deôntica e volitiva na expressão da *Volitividade*.

No que diz respeito aos *valores modais instaurados*, examinou-se que as modalidades deôntica e volitiva, por atuarem em eixos modais distintos, instauram diferentes valores modais. Nesse sentido, a modalidade deôntica, relativa ao *eixo da conduta* e uma *imposição volicional*, instaura os valores de *obrigação* (o que deve ser realizado), *permissão* (o que pode ser realizado, mas não é obrigatório) e *proibição* (o que não deve/pode ser realizado). Por sua vez, a modalidade volitiva, referente ao *eixo da volição* e um *ato volicional*, instaura os valores de *desideração* (volição irrealizável e avaliada como agradável), *imprecação* (volição irrealizável e avaliada como desagradável), *opção* (volição realizável, mas dependente de fatores externos), *intenção* (volição realizável e dependente apenas do falante a concretização do evento volicionado) e *exortação* (volição realizável e dependente apenas do ouvinte a concretização do evento volicionado). Esses valores modais deônticos e volitivos, quando instaurados, podem designar a camada de atuação das modalidades deôntica e volitiva no Nível Representacional. Assim, na camada da Propriedade Configuracional, instauram-se os valores de obrigação, permissão, proibição, intenção e exortação. Por sua vez, na camada do Estado-de-Coisas, instauram-se os valores de obrigação, permissão, proibição e opção. Por seu turno, na camada do Episódio, instauram-se os valores de obrigação, desideração, imprecação e intenção. Por seu lado, na camada do Conteúdo Proposicional, instauram-se os valores de desideração e imprecação.

No tocante à *natureza do enunciado modalizado*, constatou-se que o fato de as modalidades deônticas e volitivas atuarem em eixos modais distintos (*eixo do dever* e *eixo do querer*) e apresentarem diferentes atitudes volicionais do Falante (*imposição volicional* e *ato volicional*), faz com que ambos os conteúdos modais apresentem distintas naturezas modais. Desse modo, os enunciados modalizados que estão inseridos no *eixo do dever* apresentam

quatro tipos de natureza modal: *prescritiva*, *regulativa*, *normativa* e *avaliativa*. Por seu lado, os enunciados modalizados que estão inseridos no *eixo do querer* também apresentam quatro tipos de natureza modal: *disposicional*, *reportativa*, *expressiva* e *apreciativa*.

Com base em Vázquez Laslop (2001), delimitou-se, para a modalidade deôntica, as seguintes naturezas modais: (i) *prescritiva*, quando o falante reporta regras que são inerentes à sua conduta pessoal como ser social, político, religioso, etc., e que são impostas social, moral e legalmente; (ii) *normativa*, quando o falante reporta alguma regra ou norma já estabelecida e que deve ser executada por terceiros; (iii) *regulativa*, quando o falante regula normas e regras de condutas em termos do que é entendido como socialmente aceitável, ou seja, eventos referentes a obrigações, permissões ou proibições de âmbito geral; e (iv) *avaliativa*, quando o falante faz uma avaliação pessoal de um evento como sendo algo obrigatório ou necessário a partir de um julgamento pessoal. No que diz respeito às camadas do Nível Representacional, verificou-se que as naturezas modais deônticas, que são de caráter acional [+ação], podem designar o tipo de camada em que a modalidade deôntica opera. Nesse caso, na camada da Propriedade Configuracional, a modalidade deôntica é de natureza prescritiva e normativa. Por sua vez, na camada do Estado-de-Coisas, é de natureza regulativa; enquanto, na camada do Episódio, é de natureza avaliativa.

Por sua vez, com base em Oliveira (2017, 2019a, 2019b, 2020a, 2020b, 2021), para a modalidade volitiva, estipulou-se as seguintes naturezas modais: (i) *disposicional*, quando o falante expressa suas pretensões e intenções pessoais de se envolver no evento sobre o qual incide a volição; (ii) *reportativa*, quando o falante reporta as pretensões e intenções de terceiros em se envolver em um dado evento por eles volicionado; (iii) *expressiva*, quando o falante reporta eventos desejáveis ou indesejáveis e dependentes de fatores externos, podendo esses eventos serem localizados no tempo e no espaço; e (iv) *apreciativa*, quando o falante manifesta uma apreciação de cunho pessoal acerca de um evento apenas localizado na sua mente. No tocante às camadas do Nível Representacional, verificou-se que as naturezas modais volitivas, que são de caráter acional [+ação] e mental [+mental], podem designar o tipo de camada em que a modalidade volitiva opera. Nesse caso, na camada da Propriedade Configuracional, a modalidade volitiva é de natureza disposicional e reportativa. Por sua vez, na camada do Estado-de-Coisas, é de natureza expressiva; enquanto, na camada do Episódio, é de natureza disposicional e apreciativa. Por seu lado, na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva é de natureza apreciativa.

No que se refere à *qualificação da atitude modal*, verificou-se que a modalidade deôntica centra a sua qualificação modal no *alvo volicional* (26,1%), ou seja, o sujeito sintático do modal refere-se, majoritariamente, ao sujeito sobre quem recai a obrigação, permissão ou proibição de realizar o evento designado pelo predicado principal. Por sua vez, a modalidade volitiva centra a sua qualificação modal na *fonte volicional* (58,6%), isto é, o sujeito sintático do modal diz respeito, majoritariamente, ao sujeito que deseja a concretização do evento descrito pelo predicado principal. No entanto, na camada do Estado-de-Coisas, verificou-se que as modalidades deôntica e volitiva operam sem a especificação de um sujeito sintático do modal, haja vista que a qualificação modal se volta para a obrigatoriedade ou a desejabilidade de realização do evento contido na predicação. Constatou-se também que, na camada do Estado-de-Coisas, a modalidade deôntica pode codificar um sujeito sintático por meio do modal deôntico, em que este irá sofrer a ação [+paciente] expressa pelo predicado principal.

No tocante à *controlabilidade do Estado-de-Coisas*, verificou-se que a modalidade deôntica está relacionada a Estados-de-Coisas controlados [+controle] (37,6%), enquanto a modalidade volitiva está relacionada tanto a Estados-de-Coisas controlados [+controle] (45,9%) quanto a não controlados [-controle] (16,6%). Assim sendo, constatou-se que em camadas elevadas, como o Estado-de-Coisas e o Episódio, as modalidades deôntica e volitiva divergem em relação à controlabilidade ou não do evento que está sob a qualificação modal. Por sua vez, em camadas inferiores, como a Propriedade Configuracional, as modalidades deôntica e volitiva convergem em relação à controlabilidade do Estado-de-Coisas, ou seja, o evento obrigatório ou desejado é controlado. Em relação à modalidade deôntica, o *alvo volicional* tem controle sob a obrigação que lhe é imposta, enquanto, para a modalidade volitiva, a *fonte volicional* tem controle sobre o evento desejado.

No que diz respeito à *dinamicidade do Estado-de-Coisas*, atestou-se que as modalidades deôntica e volitiva, majoritariamente, tendem a estar relacionadas a eventos dinâmicos [+dinâmicos], divergindo apenas em relação à controlabilidade do Estado-de-Coisas, em que, para a modalidade deôntica, o evento é controlado [+controle] e controlado e não controlado [\pm controle] para a modalidade volitiva. Nesse sentido, verificou-se que a modalidade deôntica, ao operar nas camadas da Propriedade Configuracional, do Estado-de-Coisas e do Episódio, refere-se a eventos que sofrem algum tipo de mudança, pois está relacionada a eventos que devem ser realizados (Propriedade Configuracional e Estado-de-Coisas) ou que o falante julga serem obrigatórios (necessidade deôntica) de serem realizados (Episódio). Em relação à modalidade volitiva, ponderou-se que a dinamicidade [+dinâmico] do

Estado-de-Coisas se deve ao fato de o Falante expressar ou reportar eventos que requeiram algum tipo de mudança interna ou externa a partir do que é entendido como desejável ou indesejável, em que a modalidade volitiva opera nas camadas da Propriedade Configuracional (predicado) e do Estado-de-Coisas (predicação). Em relação à camada do Episódio, os eventos sobre os quais incidem a modalidade volitiva instaurada podem ser relativos a Estados-de-Coisas dinâmicos [+dinâmico], desde que o Falante seja a força ativa que impulsiona a mudança no evento volicionado. No tocante à camada do Conteúdo Proposicional, os eventos sobre os quais incidem a modalidade volitiva instaurada podem possuir alguma força externa que os impulsionem à mudança, apresentando, assim, certo dinamismo [+dinâmico], designadamente em um mundo do qual apenas o Falante tem acesso e do qual todos os seus desejos e vontades são realizados.

Em relação à *referência temporal do evento sobre o qual incide o valor modal*, constatou-se que as modalidades deôntica e volitiva, ao operarem nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas, podem ser instauradas relativas a eventos futuros (futuridade), enquanto, na camada do Episódio, dizem respeito a uma qualificação pessoal do falante acerca de um evento passado (preteridade). No entanto, é possível que a modalidade volitiva, especificamente na camada da Propriedade Configuracional, esteja relacionada à noção de preteridade [+pretérito], designadamente quando o Falante emprega o *pretérito perfecto compuesto*, cujo evento volicionado no passado se estende até o momento de fala. Na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva diz respeito a eventos que não apresentam localização no tempo e no espaço, haja vista que se trata de construtos mentais relativos a um mundo fictício/imaginário, do qual apenas o falante tem acesso. Dessa forma, a possibilidade de realização desses eventos é posterior ao momento da enunciação [+futuro], já que, para o falante, esses eventos volicionados são entendidos como verdadeiros e possíveis com base em suas crenças e convicções pessoais, podendo, nesse mundo fictício/imaginário, virem a se concretizar em um momento posterior (*futuridade*).

No tocante aos *traços semânticos do sujeito do modal*, verificou-se que, na expressão da *Volitividade*, a modalidade deôntica pode estar relacionada a sujeitos semânticos especificados [+específicos] e genéricos [-específicos], bem como a seres animados [+humano] e inanimados [-humano]. Por sua vez, a modalidade volitiva pode estar relacionada a sujeitos semânticos especificados [+específicos] e genéricos [-específicos], mas apenas a seres animados [+humano]. Assim sendo, a modalidade deôntica é a única em que a *Volitividade* pode ser manifestada por meio de sujeitos específico-inanimados na camada do Estado-de-

Coisas. No tocante à modalidade volitiva, a animacidade [+humano] do sujeito sintático do modal pode se tratar da personificação de algum ser inanimado, atribuindo-lhe propriedades humanas, no caso, manifestar intenção (volição), em que a modalidade volitiva opera na camada da Propriedade Configuracional. No que diz respeito aos casos não especificados, estes se referiram à instauração das modalidades deôntica e volitiva operando na camada do Estado-de-Coisas, mas sem a codificação morfossintática de um sujeito. No entanto, na camada do Episódio, tanto a modalidade deôntica quanto a modalidade volitiva pode estar relacionada a sujeitos sintáticos expressos pelo modal com o traço semântico de animacidade [+humano] quanto de inanimacidade [-humano]. Averiguou-se também que, na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva só pode ser instaurada por meio de operadores modais que se refiram a sujeitos sintáticos cujo traço semântico é específico [+específico] ou genérico [+genérico], mas restritamente animado [+humano].

No que tange à *polaridade do enunciado modalizado*, constatou-se que a polaridade positiva (81,5%) foi a mais recorrente, seguida pela polaridade negativa (18,5%). Desse modo, averiguou-se, para a modalidade deôntica, que a polaridade positiva remete à assertividade do que é obrigatório (deve ser realizado) e/ou permitido (pode ser realizado) de se executar, enquanto a polaridade negativa diz respeito ao que é proibido (não deve/pode ser realizado) de ser concretizado (negação de obrigação/permissão) ou derogativo (não é necessário que se faça, podendo ser feito caso seja desejável). Por sua vez, examinou-se que, para a modalidade volitiva, a polaridade positiva e negativa remete, respectivamente, ao que é desejável ou indesejável de se concretizar. Em outras palavras, para a modalidade volitiva, a polaridade afeta apenas o Estado-de-Coisas, enquanto, para a modalidade deôntica, ela afeta tanto o modal deôntico quanto o Estado-de-Coisas, a depender da posição em que a partícula de negação se encontra, se antes ou depois do modal.

Em relação ao *tipo de Estado-de-Coisas que integra o enunciado modalizado*, verificou-se que as modalidades deôntica e volitiva, na manifestação da *Volitividade*, optam por Estados-de-Coisas de Ação (79%) e Posição (4,5%), em decorrência do traço controle [+controle], ainda que o evento possa ser de natureza dinâmica ou não dinâmica [\pm dinâmico]. Por sua vez, a modalidade volitiva é a única que, na expressão da *Volitividade*, opta por Estados-de-Coisas de Processo (12,7%) e Estado (06 ocorrências, que totalizam 3,8%), em decorrência da não controlabilidade do evento [-controle], ainda que esse evento possa ser de natureza dinâmica ou não dinâmica [\pm dinâmico]. Atestou-se que, nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas, os Estados-de-Coisas tendem a ser, para a modalidade

deôntica, de Ação [+dinamismo, +controle] e Posição [- dinamismo, +controle]; enquanto, na camada do Episódio, tendem a ser de Ação [+dinamismo, +controle]. Por sua vez, para a modalidade volitiva, na camada da Propriedade Configuracional, os Estados-de-Coisas tendem a ser de Ação [+dinamismo, +controle], Processo [+dinamismo, -controle] e Posição [-dinamismo, +controle]. Por seu lado, na camada do Estado-de-Coisas e do Episódio, os Estados-de-Coisas tendem a ser de Ação [+dinamismo, +controle] e Processo [+dinamismo, -controle]. Por seu turno, na camada do Conteúdo Proposicional, os Estados-de-Coisas tendem a ser de Estado [-dinamismo, -controle].

Na seção 5.4, discorreu-se sobre a inter-relação entre o domínio semântico e as categorias de análise relativas ao Nível Morfossintático, a saber: (i) o tipo de Expressão Linguística do modal; (ii) a pessoa gramatical do sujeito do modal; (iii) a marcação morfossintática de tempo verbal do modal; (iv) a marcação morfossintática de modo verbal do modal; e (v) as formas como os modais se combinam no enunciado modalizado. A partir do valor do Qui-quadrado, verificou-se que há o condicionamento da avaliação que se faz do enunciado modalizado com as categorias de análise referentes ao Nível Morfossintático, pois o valor do Qui-quadrado foi inferior a 0,05 ($p < 0,05$). À exceção, foi a marcação morfossintática de tempo verbal, cujo valor do Qui-quadrado foi 0,72 ($p > 0,05$), o que evidenciou que não há um condicionamento da avaliação que se faz do enunciado modalizado com a marcação morfossintática de tempo verbal do modal.

Em relação ao *tipo de Expressão Linguística*, averiguou-se que a *Volitividade* é manifestada, majoritariamente, por meio de auxiliares modais (79,6%), seguida de verbos plenos (12,7%), adjetivos em posição predicativa (6,4%) e construções modalizadoras (1,3%). Constatou-se que, na camada da Propriedade Configuracional, a *Volitividade* é marcada por meio de auxiliares modais, verbos plenos e construções modalizadoras (Sintagmas Verbais), podendo também ser codificada por meio de substantivos (Sintagmas Nominais). Por sua vez, na camada do Estado-de-Coisas, a *Volitividade* é marcada por meio de adjetivos em função predicativa, de verbos plenos e de auxiliares modais. Por seu lado, na camada do Episódio, a *Volitividade* é codificada por meio de auxiliares modais e verbos plenos. Por seu turno, na camada do Conteúdo Proposicional, a *Volitividade* é codificada apenas por meio de verbos plenos. Examinou-se que a modalidade volitiva é a única que pode ser instaurada por meio de verbos de significação plena (*desejar, querer, preferir*, etc.), devido à impossibilidade de o modal *deber*, em sua forma plena, instaurar modalidade deôntica, haja vista que remete ao sema de dívida e não de obrigação (valor modal deôntico).

No tocante à *pessoa gramatical do sujeito do modal*, constatou-se que a *Volitividade* é expressa, majoritariamente, por meio da terceira pessoa do singular (45,9%), seguida pela primeira pessoa do plural (29,9%), primeira pessoa do singular (12,1%), terceira pessoa do plural (8,9%) e segunda pessoa do singular (3,2%). Averiguou-se que, na camada da Propriedade Configuracional, a *Volitividade* pode ser codificada por meio de diferentes pessoas gramaticais, como a primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa do singular/plural. Por sua vez, na camada do Estado-de-Coisas, é possível a expressão da *Volitividade* por meio da terceira pessoa do singular/plural, ainda que marcas de segunda pessoa do singular possa empregar quando se refere a um sujeito genérico, e não uma pessoa em particular. Por seu lado, na camada do Episódio, a *Volitividade* pode ser codificada por meio da segunda e terceira pessoa singular/plural (modalidades deôntica e volitiva); e primeira pessoa do singular/plural (modalidade volitiva). Por seu turno, na camada do Conteúdo Proposicional, a *Volitividade* só pode ser expressa por meio da primeira pessoa singular/plural.

No que diz respeito à *codificação morfossintática de tempo verbal do modal*, verificou-se que a *Volitividade*, expressa por meio das modalidades deôntica e volitiva, é instaurada, majoritariamente, no presente (90,4%). Assim sendo, nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas, as modalidades deôntica e volitiva são instauradas no presente e no futuro, ainda que a modalidade volitiva possa ser codificada no pretérito (*perfecto compuesto*). Por sua vez, na camada do Episódio, a *Volitividade* é expressa por meio do *condicional simple* e o *pretérito imperfecto*, sendo empregado para expressar essa avaliação subjetiva do falante em relação a um evento anterior ao momento da enunciação. Por seu turno, na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva, na expressão da *Volitividade*, pode ser codificada por meio de diferentes tempos verbais, em que o tempo verbal empregado pode sinalizar o grau de certeza ou incerteza com relação à possibilidade de o evento volicionado migrar de um mundo imaginário/fictício para o mundo real. Nesse sentido, a modalidade volitiva pode ser instaurada por meio do *pretérito pluscuamperfecto* do subjuntivo, no *pretérito imperfecto* do subjuntivo, no *condicional simple* do indicativo, no *pretérito imperfecto* do indicativo e no *presente* do indicativo.

No que se refere à *codificação morfossintática de modo verbal do modal*, examinou-se que a *Volitividade* é expressa, majoritariamente, no *indicativo* (94,3%). Nas camadas da Propriedade Configuracional e do Estado-de-Coisas, verificou-se que há uma predominância de uso do modo indicativo, aproximando o valor modal instaurado do aspecto *realis*, ainda que o evento que estava sob a qualificação modal deôntica e volitiva fosse de prospecção futura.

Especificamente, averiguou-se que a modalidade volitiva pode operar na camada da Propriedade Configuracional por meio do subjuntivo, relativo aos casos de possibilidade volitiva (opção) ou de necessidade volitiva (intenção). Por seu lado, na camada do Episódio, as modalidades deôntica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, podem ser instauradas tanto no indicativo quanto no subjuntivo, estando, pois, relacionadas à avaliação subjetiva do falante acerca de um evento anterior ao momento de fala [+preteridade], em que ele avalia como sendo obrigatório ou desejável a possibilidade de reatualização [\pm realizável] desse evento, em que a leitura deôntica é favorecida pela possibilidade de reatualização, enquanto a leitura volitiva remete à impossibilidade dessa reatualização. Na camada do Conteúdo Proposicional, a modalidade volitiva pode ser instaurada por diferentes tempos verbais tanto no indicativo quanto no subjuntivo. Para além dos modos indicativo e subjuntivo, examinou-se que a modalidade volitiva, na camada da Propriedade Configuracional, pode ser codificada por meio do imperativo, especificamente nos casos em que a fonte volicional solicita que o alvo volicional (codificado no modo imperativo) deseje realizar o evento designado pelo predicado.

No que tange às *formas como os modais se combinam no enunciado modalizado*, verificou-se que as modalidades deôntica e volitiva, na expressão da *Volitividade*, são instauradas, majoritariamente, com modalizadores que têm um escopo de atuação sobre Sintagmas Verbais no infinitivo (86,6%). Na camada da Propriedade Configuracional, verificou-se que as modalidades deôntica e volitiva são instauradas por meio de operadores modais que incidem sobre um Sintagma Verbal no infinitivo. No entanto, a modalidade volitiva pode ser instaurada por meio de operadores modais que incidem diretamente sobre um Sintagma Verbal flexionado ou sobre um Sintagma Nominal. Na camada do Estado-de-Coisas, os operadores modais deônticos e volitivos podem ter um escopo de atuação sobre Sintagmas Verbais no infinitivo (quando o sujeito sintático do modal e o sujeito sintático do predicado principal coincidem) ou sobre Sintagmas Verbais flexionados (quando o sujeito sintático do modal e o sujeito sintático do predicado principal não coincidem). Na camada do Episódio, operadores modais deônticos e volitivos incidem sobre Sintagmas Verbais no infinitivo, sendo plenamente possível que os operadores modais volitivos tenham um escopo de atuação sobre Sintagmas Verbais flexionados. Na camada do Conteúdo Proposicional, os operadores modais volitivos incidem sobre Sintagmas Verbais flexionados, haja vista que o sujeito sintático do modal (que faz a apreciação subjetiva) não coincide com o sujeito sintático do predicado principal (o evento qualificado e contido na proposição).

Na seção 5.5, discorreu-se sobre as dificuldades na descrição e análise da *Volitividade*, em que se detectou que o *elemento do desejo* pode se manifestar em padrões ilocucionais e enunciados que não expressam modalidade deôntica e volitiva. Nesse sentido, verificou-se que a *Volitividade* pode operar nas camadas da Ilocução, quando o elemento do desejo se expressa por meio de Ilocuções Imperativas, Exortativas, Proibitivas, Optativas e Imprecativas; e do Conteúdo Comunicado, quando o Falante comunica ao Ouvinte o que era desejado em um evento passado e anterior ao momento da enunciação (*ato volicional*), em que o *elemento do desejo* está restrito e localizado nesse evento passado (aspecto *realis*). Por sua vez, foi constatado também o emprego de verbos volitivos, mas sem que estes expressassem volição, funcionando apenas para manifestar *polidez e cortesia*, marcar *aspectualidade* e funcionar como *marcadores discursivos*. Nesses casos, os verbos volitivos, ao operarem em camadas superiores (Conteúdo Comunicado), perdiam sua propriedade semântica original, que é a expressão de volição (verbos léxicos), migrando, portanto, de uma concretude semântica de desejo para adquirir um sentido mais abstrato (verbos auxiliares).

Em resumo, defende-se, nesta Tese, que a *Volitividade* mostra-se como um parâmetro produtivo e significativo no que diz respeito aos elementos de convergência e divergência, de caráter pragmático, semântico e morfossintático, relativos às modalidades deôntica e volitiva. Nesse sentido, as modalidades deôntica e volitiva, ao operarem nas camadas dos Níveis Representacional (Propriedade Configuracional, Estado-de-Coisas, Episódio e Conteúdo Proposicional) e Interpessoal (Conteúdo Comunicado e Ilocução), revelam aspectos que as individualizam como subtipos modais distintos, em que a primeira atua no *eixo da conduta* e diz respeito a uma *imposição volicional*, enquanto a segunda atua no *eixo da volição* e está relacionada a um *ato volicional*. Por sua vez, por terem origem nas funções desiderativas e instrumentais da linguagem, como aponta Lyons (1977), as modalidades deôntica e volitiva apresentam aspectos em comum como subtipos modais relativos às *modalidades volicionais*, como é determinado por Narrog (2012), haja vista que ambas contêm o *elemento do desejo*.

Acredita-se que seja necessário, para trabalhos futuros, verificar aspectos de divergência e convergência nas outras duas *modalidades volicionais* como é apontado por Narrog (2012), a saber: as modalidades *teleológica* e *preferencial*. Entendendo que ambas também compartilham do mesmo parâmetro da *Volitividade*, para, posteriormente, serem feitos trabalhos que comparem os aspectos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos com as modalidades *deôntica* e *volitiva*.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Tiêgo Ramon dos Santos. **A categoria modalidade nos livros didáticos de francês língua estrangeira (FLE) utilizados no curso de Letras/Francês da UNIFAP**. 2016. 72f. Monografia (Graduação em Letras Português-Francês) – Faculdade de Letras Português-Francês, Universidade Federal do Amapá, Amapá, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/25404782/A_categoria_modalidade_nos_livros_didáticos_de_Francês_Língua_Estrangeira_FLE_utilizados_no_curso_de_Letras_Francês_da_UNIFAP. Acesso em: 28 fev. 2020.
- ANDRADE, Valdete Aparecida Borges. **Modalização em artigos científicos da área da Linguística**. 2010. 150f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010. Disponível em: <http://clyde.dr.ufu.br/bitstream/123456789/15392/1/Diss%20Valdete.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- ANGHELUTA, Mioara Adelina. La expresión de la modalidad deóntica en los discursos de investidura de José María Aznar López y José Luis Rodríguez Zapatero. *In: ULASIN, Bohdan (org.). ¿Quo vadis, Romanística?*, p. 18-32, 2014. Disponível em: <https://www.educacionyfp.gob.es/eslovaquia/dam/jcr:8b4fdc31-54f2-4d42-a655-a11b2af8a921/quo-vadis--romanistica-en-linea.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.
- ARAÚJO, Maurício Viana de. **A expressão de realidade e irrealidade por formas verbais simples da língua portuguesa do Brasil**. 2002. 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/DISSERT_mauricio_viana.pdf. Acesso em: 29 fev. 2020.
- ARAÚJO, Andréia Silva; FREITAG, Raquel Meister Ko. “Quem pergunta quer resposta!”: perguntas como estratégias de interação na escrita. **Revista Via Litterae**, Anápolis, v. 2, n. 2, p. 321-335, 2010. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/via_litterae/article/download/5421/3668. Acesso em: 17 ago. 2020.
- ÁVILA, Luciana Beatriz Bastos. **Modalidade em perspectiva: estudo baseado em corpus oral do Português Brasileiro**. 2014. 254f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9LZMMJ/1/tese_avila_poslin.pdf. Acesso em: 1 mar. 2020.
- BARCIA, Susana Rodríguez. El análisis ideológico del discurso lexicográfico: una propuesta metodológica aplicada a diccionarios monolingües del español. **Revista Verba**, Vigo, v. 39, p. 135-159, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283910078_El_analisis_ideologico_del_discurso_lexicografico_una_propuesta_metodologica_aplicada_a_diccionarios_monolingues_del_espanol. Acesso em: 1 mar. 2020.

BARRETO, Kátia Elaine de Souza; SOUZA, Edson Rosa Francisco de. A gramaticalização de *no caso de no* português brasileiro: um enfoque discursivo-funcional. **Revista Guavira Letras Três Lagoas**, Três Lagoas, v. 1, n. 22, p. 80-104, 2016. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/438/395>. Acesso em: 15 dez. 2020.

BITTENCOURT, Diana Liz Reis de. **O domínio funcional do futuro do subjuntivo: entre temporalidade e modalidade**. 2014. 345f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/130946/332807.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 dez. 2020.

BRAGA, Henrique Santos. **Desaparecimento da flexão verbal como marca de tratamento no modo imperativo: um caso de variação e mudança no português brasileiro**. 2008. 160f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde05012009141440/publico/HENRIQUE_SANTOS_BRAGA.pdf. Acesso em: 4 set. 2019.

BYBEE, Joan Lea; FLEISCHMAN, Suzanne. **Modality and grammar in discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

CASIMIRO, Sergio. **Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do Presidente Lula**. 2007. 107f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86548/casimiro_s_me_sjrp.pdf?sequence=1. Acesso em: 27 jun. 2016.

CASSEB-GALVÃO, Vânia. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [diski] no português brasileiro. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 305-335, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59890/62999>. Acesso em: 15 dez. 2020.

CARRETERO, Marta. Una propuesta de tipología de la modalidad: la aceptación como categoría modal. **Revista Dicenda de Estudios de lengua y literatura españolas**, Madrid, n. 10, p. 41-62, 1991. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=90804>. Acesso em: 27 jun. 2016.

CARPINETTI, Luis Carlos Lima. O discurso parenético de Orígenes em suas homilias sobre São Lucas. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 76-85, 2014. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/10/006.pdf. Acesso em: 17 ago. 2017.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

COMPARINI, Ana Maria Paulino. **Uma análise pragmática, semântica e sintática do verbo poder no português do Brasil**. 2013. 135f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/100094/comparini>

_amp_dr_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 26 fev. 2018.

CORRAL, Luis Sánchez. De la gramática al discurso: interacción narrativa de las cláusulas condicionales. **Revista Reale**, Córdoba, v. 5, p. 63-84, 1996. Disponível em: https://ebuah.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/7368/gramatica_sanchez_REALE_1996.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 1 mar. 2020.

CRESPO, Emilio. Sintaxis y semántica de las formas modales en griego español. **Revista Española de Lingüística**, Madrid, v. 2, n. 22, p. 277-307, 1992. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=41276>. Acesso em: 25 mar. 2017.

CZOPEK, Natália. A categoria do tempo na expressão da modalidade nas línguas espanhola e portuguesa. **Revista Verba Hispânica**, Eslovênia, v. 20, n. 2, p. 163-179, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/4683809/A_categoria_do_tempo_na_expressao_da_modalidade_nas_linguas_espanhola_e_portuguesa. Acesso em: 25 fev. 2020.

DALL'AGLIO HATTNER, Marize Mattos. Entre o poder e o dever: fatores intervenientes na expressão da modalidade nos discursos de posse presidencial. **Revista Gragoatá**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 155-168, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33111/19098>. Acesso em: 16 mar. 2016.

DALL'AGLIO HATTNER, Marize Mattos; HENGEVELD, Kees. The Grammaticalization of Modal Verbs in Brazilian Portuguese: A Synchronic Approach. **Journal of Portuguese Linguistics**, Amsterdam, v.15, p. 1-14, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/158837/WOS000375154200001.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 jan. 2017.

DIEWALD, Gabriele. **Die Modalverben im Deutschen: grammatikalisierung und polyfunktionalität**. Tübingen: Niemeyer, 1999.

DIK, Simon Cornelis. **The Theory of Funcional Grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DURIGON, Vanessa Querino. **Uma investigação funcional do verbo modal *deber* no espanhol falado peninsular**. 2015. 150f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127685/000846347.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mar. 2017.

FÉLIX DE OLIVEIRA, Nathália. **O desenvolvimento de verbos volitivos na língua portuguesa: uma abordagem construcional**. 2016, 245 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2605/1/nathaliafelixdeoliveira.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018.

FERNÁNDEZ MARTÍN, Patricia. La modalidad deóntica en las paremias españolas: entre el deber, el poder y el haber de hacer. **Revista Paremia**, Vigo, v. 23, p. 79-89, 2014. Disponível

em: https://cvc.cervantes.es/LENGUA/paremia/pdf/023/008_fernandez.pdf. Acesso em: 9 set. 2020.

FERRARI, Laura. Modalidad y evaluación en las conclusiones de artículos de investigación. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FUNCIONALISMO SISTÊMICO*, 33, 2006, Buenos Aires. **Anais [...]**. Buenos Aires: Universidade de Buenos Aires, p. 514-530, 2006.

FERREIRA, Armando Matheus. **SPSS: manual de utilização**. São Paulo: Escola Superior Agrária de Castelo Branco, 1999.

FERREIRA, Inês Cantante Cordeiro da Costa. **Sobre a Semântica de Adjetivos Adverbiais Modais**. 2018. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade do Porto, Porto, 2018. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/119205/2/318385.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2019.

FERREIRA, Luiz Fernando. **Modo em Karitiana**. 2017. 165f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-05012018113610/publico/2017_LuizFernandoFerreira_VCorr.pdf. Acesso em: 1 mar. 2020.

FLEISCHMAN, Suzanne. **The Future in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FOLEY, William; VAN VALIN, Robert Daniel. **Functional syntax and universal grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

FONTES, Michel Gustavo. **A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-Funcional: uma proposta de implementação**. 2016. 239f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, São Paulo. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/148543/fontes_mg_dr_sjrp.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 26 fev. 2018.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. *In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). Manual de Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 157-176.

GALLARDO, Susana. **Los textos de medicina en la prensa escrita: un análisis lingüístico-textual de la recomendación**. 2002. 288f. Tese (Doutorado em Filosofia e Letras) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Letras, Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires, 2002. Disponível em: <http://repositorio.filo.uba.ar/handle/filodigital/1553>. Acesso em: 26 fev. 2020.

GARCÍA, Enrique Javier. **Un estudio comparado de partículas modales en ruso y en español**. 2009. 607f. Tese (Doutorado em Filologia) – Programa de Pós-Graduação em Filologia Grega e Eslava, Universidade de Granada, Espanha. Disponível em: <https://digibug.ugr.es/bitstream/handle/10481/2100/17707377.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 mar. 2016.

GASPARINI-BASTOS, Sandra Denise. Distinções entre modalidade deontica objetiva e subjetiva no português falado: o caso do verbo *dever*. **Revista Confluência**, Rio de Janeiro, n.

46, p. 273-287, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/122372/ISSN1415-7403-2014-46-273-287.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 ago. 2020.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Gramática didáctica del español**. Madrid: Ediciones SM, 2005.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Perífrasis verbales con infinitivo: valores y usos en la lengua hablada**. Madrid: Arco Libros, 2009.

GONÇALVES, Alcione. **O analitismo verbal e a expressão do futuro no português brasileiro: um estudo diacrônico**. 2013. 211f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9BHMVR/1/1451d.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2020.

GONZÁLEZ DE LA ROSA, María del Pilar. **'Profitable instructions' (1633): edición de texto y análisis de la expresión del punto de vista**. 2013. 265f. Tese (Doutorado em Filologia) – Programa de Pós-Graduação em Filologia, Universidade de Las Palmas de Gran Canaria, Islas Canarias, 2013. Disponível em: <https://accedacris.ulpgc.es/handle/10553/10718?mode=ful>. Acesso em: 1 mar. 2020.

GONG, Yunjie. **Recursos lingüísticos y estrategias discursivas en el discurso político: análisis comparado entre el español (España) y el chino (China)**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, Universidade Complutense de Madri, Madri, 2018. Disponível em: <https://eprints.ucm.es/47780/1/T39960.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.

GIVÓN, Talmy. **Syntax I**. New York: Academic Press, 1984.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. Parábola Editorial: São Paulo, 2007.

HEINE, Bernd. **Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 1993.

HEINE, Bernd. Agent-oriented vs. Epistemic modality. Some observations on German modals. *In*: BYBEE, Joan Lea; FLEISCHMAN, Suzanne (org.). **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 17-53, 1995.

HENGEVELD, Kees. Clause structure and modality in Functional Grammar. *In*: AUWERA, John Van Der; GOSENS, Louis. (org.). **Ins and outs of predication**. Dordrecht: Foris, p.53-66, 1987.

HENGEVELD, Kees. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. **Journal of Semantics**, v.3, n. 6, p. 227-269, 1988. Disponível em: https://pure.uva.nl/ws/files/2114217/27913_hengeveld1988b.pdf. Acesso em: 13 maio 2020.

HENGEVELD, Kees. Layers and Operator in Functional Grammar. **Journal of Linguistics**, Amsterdam, n. 25, p.127-157, 1989. Disponível em: <http://home.hum.uva.nl/oz/>

hengeveld/publications/1989_hengeveld.pdf. Acesso em: 13 maio 2020.

HENGEVELD, Kees. Illocution, mood, and modality. *In*: BOOIJ, Geert; LEHMANN, Christian; MUGDAN, Joachim. **Morphology: a handbook on inflection and word formation**. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, p.1190-1201, 2004.

HENGEVELD, Kees. The grammaticalization of tense and aspect. *In*: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (org.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, p. 580–594, 2011.

HENGEVELD, Kees. A hierarchical approach to grammaticalization. *In*: HENGEVELD, Kees; NARROG, Heiko; OLBERTZ, Hella (org.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: De Gruyter Mouton, p. 13-38, 2017.

HENGEVELD, Kees; DALL'AGLIO HATTNER, Mariza Mattos. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. **Revista Linguistics**, Amsterdam, v. 53, p. 479-524, 2015. Disponível em: http://home.hum.uva.nl/oz/hengeveld/publications/2015_hengeveld&hattner.pdf. Acesso em: 8 jan. 2017.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. **Functional Discourse Grammar: a typologically based theory of language structure**. Oxford: Oxford Linguistics, 2008.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. Functional Discourse Grammar. **Editorial The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**, Oxford University Press, v. 1, p. 1-45, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/1077287/Gramática_DiscursivoFuncional_em_português. Acesso em: 27 de janeiro de 2017.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. La gramática Discursivo-Funcional. **Revista Lucense de Lingüística y Literatura**, Santiago de Compostela, v. 17, p. 5-45, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/1077285/La_gramática_discursivo-funcional. Acesso em: 20 maio 2016.

HIDALGO, Matías Jaque. **Tiempo y lenguaje: restricciones cognitivo-fenomenológicas en la evolución de las formas de futuro**. 2012. 240f. Tese (Doutorado em Estudos Cognitivos) – Faculdade de Filosofia e Humanidades, Universidade do Chile, Santiago, 2012. Disponível em: http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/110923/jaque_m.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 dez. 2020.

JESPERSEN, Otto. **The philosophy of Grammar**. London: Allen & Unwin, Universidade de Cambridge, 1924.

KAPP-BARBOZA, Aline Maria Miguel. **Usos do verbo saber e a expressão da evidencialidade no português brasileiro**. 2017. 167f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, São Paulo, 2017. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/151978/kapp_barboza_amm_dr_sjrp.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 26 fev. 2018.

KIEFER, Ferenc. Presidential Address. Modality and Pragmatics. **Revista Folia Linguística**, Berlim, v. 31, n. 3, p. 241-253, 1997. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/journals/flin/31/3-4/article-p241.xml>. Acesso em: 26 fev. 2020.

KRATZER, Angelika. The notional category of modality. *In*: EIKMEYER, Hans; RIESER, Hannes (org.). **Words, Worlds, and Contexts: new approaches in word semantics**. Berlin: de Gruyter. 1981.

KRATZER, Angelika. Modality. *In*: VON STECHOW, Armin; WUNDERLICH, Dieter (org.). **Semantics: An International Handbook of Contemporary Research**. Berlin: de Gruyter, p. 45-63, 1991.

KRATZER, Angelika. **The notional category of modality**. Oxford: Oxford University, 2010.

LATORRE, Guillermo; VEGA, Olly; OPAZO, Cristián. Componentes semántico-discursivos, modalidades enunciativas y la imagen de las superpotencias en El Diario Ilustrado (1957-1962). **Revista Onomazein**, Santiago do Chile, v. 7, p. 55-70, 2002. Disponível em: http://onomazein.letras.uc.cl/Articulos/7/3_Latorre.pdf. Acesso em: 13 maio 2020.

LE QUELER, Nicole. **Typologie des modalités**. Presses universitaires de Cean: Cean Frence, 1996.

LLAMAZARES, Milka Villayandre. Lingüística con corpus. **E.H. Filología**, Castela e Leão, v. 30, p. 329-349, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3332675.pdf>. Acesso em: 31 de agosto de 2016.

LOPES SUELELA, David Jorge. **Complementação finita no português de Angola: para uma gramática da frase**. 2019. 148f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Évora, Évora, 2019. Disponível em: https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/25790/1/Doutoramento-Linguística-David_Jorge_Lopes_SuelelaComplementação_finita_no_português_de_Angola...%20.pdf. Acesso em: 29 fev. 2020.

LÓPEZ, Elisa Barraón. Un caso de impersonalidad semántica: el uso de los llamados singulares arbitrarios en corpora orales. **Revista de Estudios de Lingüística**, Alicante, v. 19, p. 47-64, 2005. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6091/1/ELUA_19_03.pdf. Acesso em: 27 fev. 2020.

LOSADA DURÁN, José Ramón. **Los tiempos de futuro y la modalidad en español y en inglés**. 2000. 266f. Monografía (Graduação em Filologia) – Departamento de Filologia, Universidade de Vigo, Vigo, 2000. Disponível em: [https://www.libreria papeleriafranja.com/es/libro/tiempos-de-futuro-y-la-modalidad-en-espanol-y-en-ingles-los_AIF0190028](https://www.libreriapapeleriafranja.com/es/libro/tiempos-de-futuro-y-la-modalidad-en-espanol-y-en-ingles-los_AIF0190028). Acesso em: 26 fev. 2020.

LUQUE, Rocío. La traducción de las perífrasis de infinitivo del español al italiano. *In*: **Rivista internazionale di tecnica della traduzione - International Journal of Translation**, Udine, n. 17, p. 107-123, 2015. Disponível em: https://www.openstarts.units.it/bitstream/10077/11893/5/Luque_107-123.pdf. 13 set. 2021.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.

MACKENZIE, John Lachlan. Objetividade, subjetividade e intersubjetividade na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. *In*: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; CEZARIO, Maria Maura (org.). **Funcionalismo Linguístico: diálogos e vertentes**. São Paulo: Editora EDUFF, 2017.

MARTÍNEZ, Eva. La formación de analogía histórica de <deber + de + infinitivo> a partir de <haber + de + infinitivo>: historia de la covariación con <deber + infinitivo>. **Revista Lengua y Habla**, Mérida, v, 18, n.14, p. 71-83, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=511951370006>. Acesso em: 1 abr. 2020.

MELLO, Heliana et al. Prolegômenos sobre modalidade. **Revista Domínios da Linguagem**, Uberlândia, n. 1, p. 104-134, 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11499/6778>. Acesso em: 1 mar. 2020.

MENEZES, Léia Cruz de. **A modalidade deôntica na construção da persuasão em discursos políticos**. 2006. 186f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza, 2006. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8757/1/2006_dis_lcmenezes.pdf. Acesso em: 24 dez. 2020.

MENEZES, Léia Cruz de. **Expressões linguísticas modalizadoras deônticas em função argumentativa: um exercício de análise retórico-funcional**. 2011. 334f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza, 2011. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8889/1/2011_tese_lcmenezes.pdf. Acesso em: 11 ago. 2017.

MOREIRA, Bruna Elisa da Costa. **Aspectos sintáticos e semânticos dos adjetivos modais**. 2015. 224f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2015. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18811/1/2015_BrunaElisadaCostaMoreira.pdf. Acesso em: 26 fev. 2020.

MOREIRA POÇAS, António Rafael. **Homilia: arte de servir a Palavra e a assembleia**. 2012. 91f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/15464/1/Tese%20Junho%202012.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2017.

MORENO DA SILVA, Fernando. O leitor de blog: configurações modal e enunciativa. **Revista Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 34 n. 56, p. 184-197, 2009. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/968/693>. Acesso em: 2 fev. 2020.

MOURA, Marcela Zambolim de. **Orações matrizes [verbo ser + predicativo]: predicados que expressam atitude do falante**. 2009. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/3458/1/marcelazambolimdemoura.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2009.

MULLER, Ana; MELLO, Letícia Nunes. **Modalidade: categoria funcional ou categoria lógica?** 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/14391975/MULLER_Ana_MELLO_L._N._Modalidade_categoria_funcional_ou_categoria_l%C3%B3gica_2008._Manuscrito_?auto=download. Acesso em: 1 mar. 2020.

NAGAMURA, George Henrique. **Análise funcional dos evidenciais e modalizadores no discurso da autoajuda da saúde.** 2011. 98f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, 2011. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86550/nagamura_gh_me_sjrp.pdf?sequencia=1&isAllowed=y. Acesso em: 5 set. 2019.

NAGAMURA, George Henrique. **A expressão da subjetividade na Gramática Discursivo-Funcional.** 2016. 167f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143816/nagamura_gh_dr_sjrp.pdf?sequencia=3&isAllowed=y. Acesso em: 20 jul. 2017.

NARROG, Heiko. On defining modality again. **Language Sciences**, Dinamarca, v. 27, n. 2, p. 165-192, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/222877359_On_defining_modality_again. Acesso em: 13 maio 2020.

NARROG, Heiko. **Modality in Japanese: the layered structure of the clause and hierarchies of functional categories.** Amsterdam: John Benjamins, 2009.

NARROG, Heiko. **Modality, Subjectivity, and Semantic Change.** Oxford University Press: New York, 2012.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do; SILVA, Joseli Maria da. O fenômeno da Modalização. *In*: NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **A redação comercial oficial: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.

NEVES, Maria Helena de Moura. A modalidade. *In*: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). **Gramática do português falado: desenvolvimentos.** Campinas: Editora da UNICAMP, p. 163-199, 1996. v. 8.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português.** São Paulo: Editorial UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

OLBERTZ, Hella. Periphrastic expressions of non-epistemic modal necessity in Spanish: a semantic description. **Web Papers in Functional Discourse Grammar**, Amsterdam, n. 90, p. 1-25, 2017. Disponível em: https://pure.uva.nl/ws/files/25728515/WP_FDG_90.pdf. Acesso em: 27 fev. 2017.

OLBERTZ, Hella; GASPARINI-BASTOS, Sandra Denise. Objective and subjective deontic modal necessity in FDG: evidence from Spanish auxiliary expressions. *In*: MACKENZIE, John Lachlan; OLBERTZ, Hella (org.). **Casebook in Functional Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, p. 277-300, 2013.

OLIVEIRA, André Silva. **La modalidad deóntica en lengua española: un análisis funcionalista en editoriales**. 2015. 136f. Monografia (Graduação em Letras Espanhol) – Departamento de Letras Estrangeira, Universidade Federal do Ceará, 2015. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/28820/1/2015_tcc_asoliveira.pdf. Acesso em: 18 fev. 2018.

OLIVEIRA, André Silva. **Modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica**. 2017. 310f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/28010/3/2017_dis_asoliveira.pdf. Acesso em: 6 set. 2019.

OLIVEIRA, André Silva. **A modalidade deóntica em função retórico-argumentativa nas Exortações Apostólicas do Papa Francisco**. 2019a. 34f. Monografia (Especialização em Retórica e Argumentação) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Araraquara, Araraquara, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340209428_A_MODALIDADE_DEONTICA_EM_FUNCAO_RETORICO-ARGUMENTATIVA_NAS_EXORTACOES_APOSTOLICAS_DO_PAPA_FRANCISCO. Acesso em: 11 jun. 2020.

OLIVEIRA, André Silva. A modalidade volitiva no discurso de posse de Jair Bolsonaro. **Revista Domínios da Linguagem**, Uberlândia, v. 13, n. 3, p. 1211-1227, 2019b. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/46966/27316>. Acesso em: 11 jun. 2020.

OLIVEIRA, André Silva. Tempo, modo e modalidade: uma análise das modalidades deóntica e volitiva e as noções de futuridade. **Revista Investigações**, Recife, v. 32, n. 2, p. 65-86, 2019c. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/240600/34150>. Acesso em: 11 jun. 2020.

OLIVEIRA, André Silva. Eu não queria matar...: uma análise da modalidade volitiva em depoimentos de notícias de página policial. **Revista Diálogo das Letras**, Natal, v. 9, p. 1-15, 2020a. Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/DDL/article/view/1834/1703>. Acesso em: 11 jun. 2020.

OLIVEIRA, André Silva. A modalidade volitiva em entrevistas do jornal *El País*: uma análise discursivo-funcional no eixo da volição. **Revista Macabéa**, Cariri, v. 9, n. 3, p. 154-178, 2020b. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/2323/1780>. Acesso em: 11 jun. 2020.

OLIVEIRA, André Silva. Modalidade volitiva e construção argumentativa nos discursos de Donald Trump em língua espanhola. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, v. 1, n. 20, p. 51-80, 2020c. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2612/1932>. Acesso em: 12 jun. 2021.

OLIVEIRA, André Silva. A modalidade volitiva no discurso de autoajuda religioso do Padre Reginaldo Manzotti. **Revista do GELNE**, Natal, v. 23, n. 2, p. 132-145, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/24668/14385>. Acesso em: 22 set. 2021.

OLIVEIRA, André Silva; PRATA, Nadja Paulino Pessoa. Intenção, polidez e relevância enunciativa: gramaticalização na construção *querer+infinitivo* em língua espanhola. **Revista Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 4042-4056, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/19848412.2019v16n4p4042/42434>. Acesso em: 15 dez. 2020.

OLIVEIRA, André Silva; PRATA, Nadja Paulino Pessoa. Os aspectos semântico-funcionais da volição. **Revista do Gelne**, Natal, v. 22, n. 2, p. 118-130, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/19831/12932>. Acesso em: 23 nov. 2020.

OLIVEIRA, Fátima; MENDES, Amália. Modalidade. In: RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva; NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do; MOTA, Maria Antónia Coelho da (org.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 538-650, 2013.

OLOUME, Francis Manuel. **Objetividad/subjetividad**: marcas gramaticales y léxicas en la prosa académica en cuestiones de lengua (español y francés). 2015. 414f. Tese (Doutorado em Filologia) – Programa de Pós-Graduação em Filologia, Universidade de Salamanca, Salamanca, 2015. Disponível em: https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/128246/DLE_OlουμεFM_Objektividadsubjetividadgramaticales.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27 fev. 2020.

OROZCO, Leonor. Tú genérico en el español de México. **International Journal of Hispanic Linguistics**, Cidade do México, v. 8, n. 2, p. 275-294, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7557/1.8.2.4834>. Acesso em: 27 nov. 2020.

PALMER, Frank Robert. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PAJARES, Daniel Pinto. **La construcción discursiva de Podemos en la prensa digital española**. 2015. 100f. Dissertação (Mestrado em Língua e Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Comunicação, Universidade de Vigo, Vigo, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/308650609_La_construccion_discursiva_de_Podemos_en_la_prensa_digital_espanola. Acesso em: 27 fev. 2020.

PAJARES, Daniel Pinto. **Representaciones ideológicas de las lenguas**: análisis comparativo de las ideologías lingüísticas en las clases altas gallega y catalana. 2018. 555f. Tese (Doutorado em Língua e Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Comunicação, Universidade de Vigo, Vigo, 2018. Disponível em: http://www.investigacion.biblioteca.uvigo.es/xmlui/bitstream/handle/11093/1015/representaciones_ideologicas_lenguas.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27 fev. 2020.

PEIXOTO, Cleiliane Sisi. **Polissemia nos usos do verbo ter**: arbitrariedade ou iconicidade? 2012. 161f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012. Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/100113/peixoto_cs_dr_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 nov. 2016.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. A retórica do pregador. **Revista Notandum**, São Paulo, n. 33, p. 79-84, 2013. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand33/79-84LCosta.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2017.

PEREIRA, Luciana de Souza. **Das variações éticas do Partido dos Trabalhadores: uma análise retórico-discursiva**. 2016. 153f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/6644/1/DISSERTAÇÃO_VariaçõesÉticasPartido.pdf. Acesso em: 29 fev. 2020.

PÉREZ, Chantal Hernández. Explotación de los corpóra textuales informatizados para la creación de bases de datos terminológicas basadas en el conocimiento. **Revista de Estudios de Lingüística Española (ELiEs)**, Barcelona, v. 18, 2002. Disponível em: <http://elies.rediris.es/elies18/>. Acesso em: 17 ago. 2017.

PESSOA, Nadja Paulino. **Modalidade deôntica e persuasão no discurso publicitário**. 2007. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6614/1/2007_dis_nppessoa.pdf. Acesso em: 24 dez. 2020.

PESSOA, Nadja Paulino. **Modalidade deôntica e discurso midiático: uma análise baseada na Gramática Discursivo-Funcional**. 2011. 224f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6097/1/2011_tese_nppessoa.pdf. Acesso em: 21 ago. 2017.

QUIRK, Randolph et al. **A comprehensive grammar of the English language**. Londres: Longman, 1985.

RAMOS, Joaquim José Sousa Coelho. **Ocorrência e interpretação dos verbos modais ‘dever’ e ‘poder’ em contexto jurídico: contributos para uma análise juslinguística**. 2017. 208f. Tese (Doutorado em Filologia) – Programa de Pós-Graduação em Línguas Românicas, Universidade de Karlova, República Tcheca, 2017. Disponível em: <https://is.cuni.cz/webapps/zzp/download/140056850>. Acesso em: 26 fev. 2020.

RASMUSSEN, Lone Schack. Esbozo de una teoría semántica de los verbos españoles y su influencia sobre las construcciones adverbiales. **Revista Letras, Línguas e Literaturas**, Porto, v. 06, p. 45-70, 1994. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/796.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

RASMUSSEN, Lone Schack. La estructura semántica y cognoscitiva de los verbos complejos. **Revista Española de Lingüística Aplicada**, Madrid, v. 1, p. 309-338, 2000. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=876320>. Acesso em: 24 mar. 2017.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española**: manual. Madrid: Espasa Libros, S. L. U., 2010.

RESENDE, Maurício. **Os verbos modais epistêmicos no português brasileiro**: uma interface sintaxe-semântica. 2013. 75f. Monografia (Graduação em Letras Português) – Departamento de Língua Portuguesa e suas Literaturas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://letrasportugues.paginas.ufsc.br/files/2012/06/TCC-Mauricio-Rezende.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2020.

RIBEIRO, Rafaela Baracat. **Tradições discursivas e modalidade**: reflexões sobre a trajetória do gênero carta do editor em jornais paulistas do século XIX ao início do século XX. 2010. 239f. Dissertação (Mestrado em Filologia) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-29092011-142504/publico/2010_RafaelaBacartRibeiro.pdf. Acesso em: 26 fev. 2010.

RIDRUEJO, Emilio Alonso. Modo y modalidad. El modo en las subordinadas sustantivas. *In*: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (org.). **Gramática Descriptiva de la lengua Española**. Madrid: Espasa-Calpe, p. 3209-3251, 1999.

RIGAT, Montserrat Veyrat. Una clasificación perceptiva de la categoría verbo. **ELUA - Estudios de Lingüística**, Alicante, v. 2, p. 615-628, 2004. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/9801/1/ELUA_Anexo2_30.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

RINALDI, Natália. **Um estudo sobre os diferentes valores modais do verbo 'poder' em entrevistas jornalísticas do espanhol**. 2015. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136678/000860067.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 mar. 2017.

RODRIGUES, Ana Raquel Carvalho. **A permanência da língua alemã em aprendentes de PLN**. 2017. 173f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017. Disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/85517/1/AnaRCRodrigues_2011150588_Tese%20versão%20final.pdf. Acesso em: 1 mar. 2020.

SANTOS, Valéria Cunha dos. **Intenção e desejo**: os usos de querer com implicaturas de futuridade. 2015. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/169454/338149.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 mar. 2017.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

SCARDUELLI, Jaqueline Alves. **'Deve' e 'devia' os limites da significação**. 2011. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/94730/297219.pdf>

sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 26 fev. 2020.

SEDANO, Lorena Heras. Un acercamiento a la gramática de los verbos volitivos. **Revista Interlingüística**, Madrid, n.17, p. 465-474, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2317347>. Acesso em: 14 set. 2021.

SEGOVIA, Aarón Caldera. Verbos de modalidad en el purépecha de Carapan, Michoacán. **Cuadernos de lingüística de El Colegio de México**, Cidade do México, v. 1, p. 133-158, 2013. Disponível em: <https://cuadernoslinguistica.colmex.mx/index.php/cl/article/view/6/6>. Acesso em: 28 fev. 2020.

SILVA, Ademar da. Tempo Futuro e Linguagem. In: SILVA, Ademar da. **A expressão da futuridade no português falado**. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, p. 35-52, 2002.

SILVA, Milca Cerqueira Etinger. **O uso do futuro perifrástico com verbo ir no português oral e escrito de Vitória da Conquista**. 2016. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2016. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppglin/defesas/2016/Dissertação%20Milca%20Cerqueira%20Etinger%20Silva.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.

SIMÕES DE JESUS, Alice Margarida Veiga. **Aquisição do modo em orações completivas do português europeu: o papel dos traços de epistemicidade e veridicidade**. 2014. 174f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: https://www.clul.ulisboa.pt/files/ana_santos/Jesus2014.pdf. Acesso em: 25 fev. 2020.

SOUZA, Cibele Naidhig de. Gramática Discursivo-Funcional, gramaticalização e modalização. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 4, p. 2095-2126, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10476/pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.

SOUZA, Edson Rosa Francisco de. **Gramaticalização dos itens lingüísticos assim, já e aí no português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional**. 2009. 260f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269076/1/Souza_EdsonRosaFranciscode_D.pdf. Acesso em: 05 jan. 2018.

STEFFLER, Adriano. **Os verbos modais do português sob uma perspectiva de traços funcionais**. 2013. 91f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/asteffler.PDF>. Acesso em: 26 fev. 2020.

TEIXEIRA, Lovania Roehrig; GRITTI, Letícia Lemos; KOSLINSKI, Eliza. Algumas considerações semântico-pragmáticas sobre “capaz”. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.61, p. 1-25, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8654342/19370>. Acesso em: 26 fev. 2020.

THEGEL, Miriam. **¿Opiniones, normas o pura necesidad? La modalidad deóntica y la modalidad dinámica a través de deber y tener que.** 2017. 228f. Mestrado (Dissertação em Filologia) – Programa de Pós-Graduação em Filologia, Universidade Uppsala, Suécia, 2017. Disponível em: <http://www.divaportal.org/smash/get/diva2:1062788/FULLTEXT01.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2017.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil.** Campinas: UNICAMP/ IEL, 1991.

TOPOR, Mihaela. **Perífrasis verbales del español y rumano un estudio contrastivo.** 2011. 722f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Lleida, Espanha, 2011. Disponível em: <https://www.tesisenred.net/bitstream/handle/10803/31989/Tmt1de1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 mar. 2016.

VALENCIA, Sergio Méndez; ROMO, Ana Cuevas. **Manual introductorio al SPSS Statistics Standard Edition 22.** México: Universidad de Celaya e Instituto Politécnico Nacional, 2014.

VERPLAETSE, Heidi. What you and I want: a functional approach to verb complementation of modal want to. *In: FACCHINETTI, Roberta et al (org.) Modality in contemporary English.* Berlin: Mouton De Gruyter, p. 151-189, 2003.

VERSTRAETE, Jean-Christophe. The problem of subjective modality in the Functional grammar model. *In: MACKENZIE, John Lachlan; GÓMEZ-GONZÁLEZ, María Ángeles (org.). A new architecture for Functional Grammar.* Berlin: Mouton de Gruyter, p. 243-274, 2004.

VON FINTEL, Kai. Modality and Language. *In: BORCHERT, Donald Michael. Encyclopedia of Philosophy.* Detroit: Editora MacMillan Reference USA, 2006.

ANEXO A - O *CORPUS* CONSTITUÍDO COM AS HOMILIAS DO PAPA FRANCISCO EM LÍNGUA ESPANHOLA

HOMILIAS DO PAPA FRANCISCO EM VIAGEM APOSTÓLICA

ESTADOS UNIDOS

HOMILÍA EN LA SANTA MISA Y CANONIZACIÓN DEL BEATO JUNÍPERO SERRA EN EL SANTUARIO NACIONAL DE LA INMACULADA CONCEPCIÓN EN WASHINGTON, D.C.

Miércoles 23 de setiembre de 2015

«Alégrense siempre en el Señor. Repito: Alégrense» (Flp 4,4). Una invitación que golpea fuerte nuestra vida. «Alégrense» nos dice Pablo con una fuerza casi imperativa. Una invitación que se hace eco del deseo que todos experimentamos de una vida plena, a una vida con sentido, una vida con alegría. Es como si Pablo tuviera la capacidad de escuchar cada uno de nuestros corazones y pusiera voz a lo que sentimos y vivimos. Hay algo dentro de nosotros que nos invita a la alegría y a no conformarnos con placebos que siempre quieren contentarnos. Pero a su vez, vivimos las tensiones de la vida cotidiana. Son muchas las situaciones que parecen poner en duda esta invitación. La propia dinámica a la que muchas veces nos vemos sometidos parece conducirnos a una resignación triste que poco a poco se va transformando en acostumbamiento, con una consecuencia letal: anestesiarnos el corazón.

No queremos que la resignación sea el motor de nuestra vida, ¿o lo queremos?; no queremos que el acostumbamiento se apodere de nuestros días, ¿o sí? Por eso podemos preguntarnos, ¿cómo hacer para que no se nos anestesie el corazón? ¿Cómo profundizar la alegría del Evangelio en las diferentes situaciones de nuestra vida? Jesús lo dijo a los discípulos de ayer y nos lo dice a nosotros: ¡vayan!, ¡anuncien! La alegría del evangelio se experimenta, se conoce y se vive solamente dándola, dándose. El espíritu del mundo nos invita al conformismo, a la comodidad; frente a este espíritu humano «hace falta volver a sentir que nos necesitamos unos a otros, que tenemos una responsabilidad por los demás y por el mundo» (Laudato Si', 229). Tenemos la responsabilidad de anunciar el mensaje de Jesús. Porque la fuente de nuestra alegría «nace de ese deseo inagotable de brindar misericordia, fruto de haber experimentado la infinita misericordia del Padre y su fuerza difusiva» (Evangelii Gaudium, 24). Vayan a todos a anunciar ungiendo y a ungir anunciando.

A esto el Señor nos invita hoy y nos dice: La alegría el cristiano la experimenta en la misión: «Vayan a las gentes de todas las naciones» (Mt 28,19). La alegría el cristiano la encuentra en una invitación: Vayan y anuncien. La alegría el cristiano la renueva, la actualiza con una llamada: Vayan y unjan. Jesús los envía a todas las naciones. A todas las gentes. Y en ese «todos» de hace dos mil años estábamos también nosotros. Jesús no da una lista selectiva de quién sí y quién no, de quiénes son dignos o no de recibir su mensaje y su presencia. Por el contrario, abrazó siempre la vida como tal cual se le presentaba. Con rostro de dolor, hambre,

enfermedad, pecado. Con rostro de heridas, de sed, de cansancio. Con rostro de dudas y de piedad. Lejos de esperar una vida maquillada, decorada, trucada, la abrazó como venía a su encuentro. Aunque fuera una vida que muchas veces se presenta derrotada, sucia, destruida.

A «todos» dijo Jesús, a todos vayan y anuncien; a toda esa vida como es y no como nos gustaría que fuese, vayan y abracen en mi nombre. Vayan al cruce de los caminos, vayan a anunciar sin miedo, sin prejuicios, sin superioridad, sin purismos a todo aquel que ha perdido la alegría de vivir, vayan a anunciar el abrazo misericordioso del Padre. Vayan a aquellos que viven con el peso del dolor, del fracaso, del sentir una vida truncada y anuncien la locura de un Padre que busca ungiros con el óleo de la esperanza, de la salvación. Vayan a anunciar que el error, las ilusiones engañosas, las equivocaciones, no tienen la última palabra en la vida de una persona. Vayan con el óleo que calma las heridas y restaura el corazón. La misión no nace nunca de un proyecto perfectamente elaborado o de un manual muy bien estructurado y planificado; la misión siempre nace de una vida que se sintió buscada y sanada, encontrada y perdonada. La misión nace de experimentar una y otra vez la unción misericordiosa de Dios. La Iglesia, el Pueblo santo de Dios, sabe transitar los caminos polvorientos de la historia atravesados tantas veces por conflictos, injusticias y violencia para ir a encontrar a sus hijos y hermanos.

El santo Pueblo fiel de Dios, no teme al error; teme al encierro, a la cristalización en elites, al aferrarse a las propias seguridades. Sabe que el encierro en sus múltiples formas es la causa de tantas resignaciones. Por eso, «salgamos, salgamos a ofrecer a todos la vida de Jesucristo» (Evangelii Gaudium, 49). El Pueblo de Dios sabe involucrarse porque es discípulo de Aquel que se puso de rodillas ante los suyos para lavarles los pies (cf. *ibíd.*, 24). Hoy estamos aquí, podemos estar aquí porque hubo muchos que se animaron a responder a esta llamada, muchos que creyeron que «la vida se acrecienta dándola y se debilita en el aislamiento y la comodidad» (Documento de Aparecida, 360). Somos hijos de la audacia misionera de tantos que prefirieron no encerrarse «en las estructuras que nos dan una falsa contención en las costumbres donde nos sentimos tranquilos, mientras afuera hay una multitud hambrienta» (Evangelii Gaudium, 49). Somos deudores de una tradición, de una cadena de testigos que han hecho posible que la Buena Nueva del Evangelio siga siendo generación tras generación Nueva y Buena.

Y hoy recordamos a uno de esos testigos que supo testimoniar en estas tierras la alegría del Evangelio, Fray Junípero Serra. Supo vivir lo que es «la Iglesia en salida», esta Iglesia que sabe salir e ir por los caminos, para compartir la ternura reconciliadora de Dios. Supo dejar su tierra, sus costumbres, se animó a abrir caminos, supo salir al encuentro de tantos, aprendiendo a respetar sus costumbres y peculiaridades. Aprendió a gestar y a acompañar la vida de Dios en los rostros de los que iba encontrando haciéndolos sus hermanos. Junípero buscó defender la dignidad de la comunidad nativa, protegiéndola de cuantos la habían abusado. Abusos que hoy nos siguen provocando desagrado, especialmente por el dolor que causan en la vida de tantos. Tuvo un lema que inspiró sus pasos y plasmó su vida: supo decir, pero sobre todo supo vivir diciendo: «siempre adelante». Esta fue la forma que Junípero encontró para vivir la alegría del Evangelio, para que no se le anestiara el corazón. Fue siempre adelante, porque el Señor espera; siempre adelante, porque el hermano espera; siempre adelante, por todo lo que aún le quedaba por vivir; fue siempre adelante. Que, como él ayer, hoy nosotros podamos decir: «siempre adelante».

HOMILÍA EN LAS VÍSPERAS CON EL CLERO, RELIGIOSOS Y RELIGIOSAS EN LA CATEDRAL DE SAN PATRICIO EN NUEVA YORK

Jueves 24 de setiembre de 2015

Dos sentimientos tengo hoy para con nuestros hermanos islámicos. Primero, mi saludo por celebrarse hoy el Día del Sacrificio. Hubiera querido que mi saludo fuera más caluroso según los sentimientos, que es mi cercanía, mi cercanía ante la tragedia que su pueblo ha sufrido hoy en la Meca. En este momento de oración, me uno, nos unimos en la plegaria a Dios nuestro Padre Todopoderoso y misericordioso. Escuchamos al apóstol: «Alégrense, aunque ahora sea preciso padecer un poco en pruebas diversas» (1P 1,6). Estas palabras nos recuerdan algo esencial: tenemos que vivir nuestra vocación con alegría. Esta bella Catedral de San Patricio, construida a lo largo de muchos años con el sacrificio de tantos hombres y mujeres, es símbolo del trabajo de generaciones de sacerdotes, religiosos y laicos americanos que han contribuido a la edificación de la Iglesia en los Estados Unidos. Son muchos los sacerdotes y consagrados de este País que, no solo en el campo de la educación, han tenido un papel fundamental, ayudando a los padres en la labor de dar a sus hijos el alimento que los nutre para la vida. Muchos lo hicieron a costa de grandes sacrificios y con una caridad heroica. Pienso, por ejemplo, en Santa Isabel Ana Seton, cofundadora de la primera escuela católica gratuita para niñas en los Estados Unidos, o en San Juan Neumann, fundador del primer sistema de educación católica en este País.

Esta tarde, queridos hermanos y hermanas, he venido a rezar con ustedes, sacerdotes, consagrados, consagradas, para que nuestra vocación siga construyendo el gran edificio del Reino de Dios en este País. Sé que ustedes, como cuerpo presbiteral, junto con el Pueblo de Dios, recientemente han sufrido mucho a causa de la vergüenza provocada por tantos hermanos que han herido y escandalizado a la Iglesia en sus hijos más indefensos. Con las palabras del Apocalipsis, les digo que ustedes «vienen de la gran tribulación» (7,13). Los acompaño en este tiempo de dolor y dificultad, así como agradezco a Dios el servicio que realizan acompañando al Pueblo de Dios. Con el propósito de ayudarles a seguir en el camino de la fidelidad a Jesucristo, y me permito hacer dos breves reflexiones.

La primera se refiere al espíritu de gratitud. La alegría de los hombres y mujeres que aman a Dios atrae a otros; los sacerdotes y los consagrados están llamados a descubrir y manifestar un gozo permanente por su vocación. La alegría brota de un corazón agradecido. Verdaderamente, hemos recibido mucho, tantas gracias, tantas bendiciones, y nos alegramos. Nos hará bien volver sobre nuestra vida con la gracia de la memoria. Memoria de aquel primer llamado, memoria del camino recorrido, memoria de tantas gracias recibidas y sobre todo memoria del encuentro con Jesucristo en tantos momentos a lo largo del camino. Memoria del asombro que produce en nuestro corazón el encuentro con Jesucristo. Hermanas y hermanos, consagradas y sacerdotes. Pedid la gracia de la memoria para hacer crecer el espíritu de gratitud. Preguntémonos: ¿Somos capaces de enumerar las bendiciones recibidas? ¿O me las he olvidado?

Un segundo aspecto es el espíritu de laboriosidad. Un corazón agradecido busca espontáneamente servir al Señor y llevar un estilo de vida de trabajo intenso. El recuerdo de lo mucho que Dios nos ha dado nos ayuda a entender que la renuncia a nosotros mismos para trabajar por Él y por los demás es el camino privilegiado para responder a su gran amor. Sin embargo, y para ser honestos, tenemos que reconocer con qué facilidad se puede apagar este

espíritu de generoso sacrificio personal. Esto puede suceder de dos maneras, y las dos maneras son ejemplo de la «espiritualidad mundana», que nos debilita en nuestro camino de mujeres y hombres consagrados y consagradas, de servicio y oscurece la fascinación, el estupor del primer encuentro con Jesucristo. Podemos caer en la trampa de medir el valor de nuestros esfuerzos apostólicos con los criterios de la eficiencia, de la funcionalidad y del éxito externo, que rige el mundo de los negocios. Ciertamente, estas cosas son importantes. Se nos ha confiado una gran responsabilidad y justamente por ello el Pueblo de Dios espera de nosotros una correspondencia. Pero el verdadero valor de nuestro apostolado se mide por el que tiene a los ojos de Dios. Ver y valorar las cosas desde la perspectiva de Dios exige que volvamos constantemente al comienzo de nuestra vocación y –no hace falta decirlo– exige una gran humildad. La cruz nos indica una forma distinta de medir el éxito: a nosotros nos corresponde sembrar, y Dios ve los frutos de nuestras fatigas. Si alguna vez nos pareciera que nuestros esfuerzos y trabajos se desmoronan y no dan fruto, tenemos que recordar que nosotros seguimos a Jesucristo, cuya vida, humanamente hablando, acabó en un fracaso: en el fracaso de la cruz.

El otro peligro surge cuando somos celosos de nuestro tiempo libre. Cuando pensamos que las comodidades mundanas nos ayudarán a servir mejor. El problema de este modo de razonar es que se puede ahogar la fuerza de la continua llamada de Dios a la conversión, al encuentro con Él. Poco a poco, pero de forma inexorable, disminuye nuestro espíritu de sacrificio, nuestro espíritu de renuncia y de trabajo. Y además nos aleja de las personas que sufren la pobreza material y se ven obligadas a hacer sacrificios más grandes que los nuestros, sin ser consagrados. El descanso es necesario, así como un tiempo para el ocio y el enriquecimiento personal, pero debemos aprender a descansar de manera que aumente nuestro deseo de servir generosamente. La cercanía a los pobres, a los refugiados, a los inmigrantes, a los enfermos, a los explotados, a los ancianos que sufren la soledad, a los encarcelados y a tantos otros pobres de Dios nos enseñará otro tipo de descanso, más cristiano y generoso. Gratitud y laboriosidad: estos son los dos pilares de la vida espiritual que deseaba compartir con ustedes sacerdotes, religiosas y religiosos esta tarde. Les doy las gracias por sus oraciones y su trabajo, así como por los sacrificios cotidianos que realizan en los diversos campos de apostolado. Muchos de ellos sólo los conoce Dios, pero dan mucho fruto a la vida de la Iglesia.

Quisiera, de modo especial, expresar mi admiración y mi gratitud a las religiosas de los Estados Unidos. ¿Qué sería de la Iglesia sin ustedes? Mujeres fuertes, luchadoras; con ese espíritu de coraje que las pone en la primera línea del anuncio del Evangelio. A ustedes, religiosas, hermanas y madres de este pueblo, quiero decirles «gracias», un «gracias» muy grande y decirles también que las quiero mucho. Sé que muchos de ustedes están afrontando el reto que supone la adaptación a un panorama pastoral en evolución. Al igual que San Pedro, les pido que, ante cualquier prueba que deban enfrentar, no pierdan la paz y respondan como hizo Cristo: dio gracias al Padre, tomó su cruz y miró hacia delante. Queridos hermanos y hermanas, dentro de poco, en unos minutos, cantaremos el Magnificat. Pongamos en las manos de la Virgen María la obra que se nos ha confiado; unámonos a su acción de gracias al Señor por las grandes cosas que ha hecho y que seguirá haciendo en nosotros y en quienes tenemos el privilegio de servir.

HOMILÍA EN LA SANTA MISA EN EL MADISON SQUARE GARDEN DE NUEVA YORK

Viernes 25 de setiembre de 2015

Estamos en el Madison Square Garden, lugar emblemático de esta ciudad, sede de importantes encuentros deportivos, artísticos, musicales, que logra congrega a personas provenientes de distintas partes, y no solo de esta ciudad, sino del mundo entero. En este lugar que representa las distintas facetas de la vida de los ciudadanos que se congregan por intereses comunes, hemos escuchado: «El pueblo que caminaba en tinieblas ha visto una gran luz» (Is 9,1). El pueblo que caminaba, el pueblo en medio de sus actividades, de sus rutinas; el pueblo que caminaba cargando sobre sí sus aciertos y sus equivocaciones, sus miedos y sus oportunidades. Ese pueblo ha visto una gran luz. El pueblo que caminaba con sus alegrías y esperanzas, con sus desilusiones y amargas, ese pueblo ha visto una gran luz.

El Pueblo de Dios es invitado en cada época histórica a contemplar esta luz. Luz que quiere iluminar a las naciones. Así, lleno de júbilo, lo expresaba el anciano Simeón. Luz que quiere llegar a cada rincón de esta ciudad, a nuestros conciudadanos, a cada espacio de nuestra vida. «El pueblo que caminaba en tinieblas ha visto una gran luz». Una de las particularidades del pueblo creyente pasa por su capacidad de ver, de contemplar en medio de sus «oscuridades» la luz que Cristo viene a traer. Ese pueblo creyente que sabe mirar, que sabe discernir, que sabe contemplar la presencia viva de Dios en medio de su vida, en medio de su ciudad. Con el profeta hoy podemos decir: el pueblo que camina, respira, vive entre el «smog», ha visto una gran luz, ha experimentado un aire de vida.

Vivir en una ciudad es algo bastante complejo: contexto pluricultural con grandes desafíos no fáciles de resolver. Las grandes ciudades son recuerdo de la riqueza que esconde nuestro mundo: la diversidad de culturas, tradiciones e historias. La variedad de lenguas, de vestidos, de alimentos. Las grandes ciudades se vuelven polos que parecen presentar la pluralidad de maneras que los seres humanos hemos encontrado de responder al sentido de la vida en las circunstancias donde nos encontrábamos. A su vez, las grandes ciudades esconden el rostro de tantos que parecen no tener ciudadanía o ser ciudadanos de segunda categoría. En las grandes ciudades, bajo el ruido del tránsito, bajo «el ritmo del cambio», quedan silenciados tantos rostros por no tener «derecho» a ciudadanía, no tener derecho a ser parte de la ciudad –los extranjeros, sus hijos (y no solo) que no logran la escolarización, los privados de seguro médico, los sin techo, los ancianos solos–, quedando al borde de nuestras calles, en nuestras veredas, en un anonimato ensordecedor.

Y se convierten en parte de un paisaje urbano que lentamente se va naturalizando ante nuestros ojos y especialmente en nuestro corazón. Saber que Jesús sigue caminando en nuestras calles, mezclándose vitalmente con su pueblo, implicándose e implicando a las personas en una única historia de salvación, nos llena de esperanza, una esperanza que nos libera de esa fuerza que nos empuja a aislarnos, a desentendernos de la vida de los demás, de la vida de nuestra ciudad. Una esperanza que nos libra de «conexiones» vacías, de los análisis abstractos o de rutinas sensacionalistas. Una esperanza que no tiene miedo a involucrarse actuando como fermento en los rincones donde nos toque vivir y actuar. Una esperanza que nos invita a ver en medio del «smog» la presencia de Dios que sigue caminando en nuestra ciudad. Porque Dios está en la ciudad.

¿Cómo es esta luz que transita nuestras calles? ¿Cómo encontrar a Dios que vive con nosotros en medio del «smog» de nuestras ciudades? ¿Cómo encontrarnos con Jesús vivo y actuante en el hoy de nuestras ciudades pluriculturales? Profeta Isaías nos hará de guía en este «aprender a mirar». Habló de la luz que es Jesús y ahora nos presenta a Jesús como «Consejero maravilloso, Dios fuerte, Padre para siempre, Príncipe de la paz» (9,5-6). De esta manera, nos introduce en la vida del Hijo para que también esa sea nuestra vida. «Consejero maravilloso». Los Evangelios nos narran cómo muchos van a preguntarle: «Maestro, ¿qué debemos hacer?». El primer movimiento que Jesús genera con su respuesta es proponer, incitar, motivar. Propone siempre a sus discípulos ir, salir. Los empuja a ir al encuentro de los otros, donde realmente están y no donde nos gustaría que estuviesen. Vayan, una y otra vez, vayan sin miedo, vayan sin asco, vayan y anuncien esta alegría que es para todo el pueblo. «Dios fuerte». En Jesús Dios se hizo el Emmanuel, el Dios-con-nosotros, el Dios que camina a nuestro lado, que se ha mezclado en nuestras cosas, en nuestras casas, en nuestras «ollas», como le gustaba decir a Santa Teresa de Jesús.

«Padre para siempre». Nada ni nadie podrá apartarnos de su Amor. Vayan y anuncien, vayan y vivan que Dios está en medio de ustedes como un Padre misericordioso que sale todas las mañanas y todas las tardes para ver si su hijo vuelve a casa, y apenas lo ve venir corre a abrazarlo. Esto es lindo. Un abrazo que busca asumir, busca purificar y elevar la dignidad de sus hijos. Padre que, en su abrazo, es «buena noticia a los pobres, alivio de los afligidos, libertad a los oprimidos, consuelo para los tristes» (Is 61,1). «Príncipe de la paz». El andar hacia los otros para compartir la buena nueva que Dios es nuestro Padre, que camina a nuestro lado, nos libera del anonimato, de una vida sin rostros, una vida vacía y nos introduce en la escuela del encuentro. Nos libera de la guerra de la competencia, de la autorreferencialidad, para abrirnos al camino de la paz. Esa paz que nace del reconocimiento del otro, esa paz que surge en el corazón al mirar especialmente al más necesitado como a un hermano. Dios vive en nuestras ciudades, la Iglesia vive en nuestras ciudades y Dios y la Iglesia que viven en nuestras ciudades quieren ser fermento en la masa, quiere mezclarse con todos, acompañando a todos, anunciando las maravillas de Aquel que es Consejero maravilloso, Dios fuerte, Padre para siempre, Príncipe de la paz. «El pueblo que caminaba en tinieblas ha visto una gran luz» y nosotros cristianos, somos testigos.

HOMILÍA EN LA SANTA MISA CON OBISPOS, SACERDOTES, RELIGIOSOS Y RELIGIOSAS DE PENNSILVANIA EN LA CATEDRAL DE SAN PEDRO Y SAN PABLO DE FILADELFIA

Sábado 26 de setiembre de 2015

Esta mañana he aprendido algo sobre la historia de esta hermosa Catedral: la historia que hay detrás de sus altos muros y ventanas. Me gusta pensar, sin embargo, que la historia de la Iglesia en esta ciudad y en este Estado es realmente una historia que no trata solo de la construcción de muros, sino también de derribarlos. Es una historia que nos habla de generaciones y generaciones de católicos comprometidos que han salido a las periferias y construido comunidades para el culto, para la educación, para la caridad y el servicio a la sociedad en general. Esa historia se ve en los muchos santuarios que salpican esta ciudad y las numerosas iglesias parroquiales cuyas torres y campanarios hablan de la presencia de Dios en medio de nuestras comunidades. Se ve en el esfuerzo de todos aquellos sacerdotes, religiosos y laicos

que, con dedicación, durante más de dos siglos, han atendido las necesidades espirituales de los pobres, los inmigrantes, los enfermos y los encarcelados. Y se ve en los cientos de escuelas en las que hermanos y hermanas religiosos han enseñado a los niños a leer y a escribir, a amar a Dios y al prójimo y a contribuir como buenos ciudadanos a la vida de la sociedad estadounidense. Todo esto es un gran legado que ustedes han recibido y que están llamados a enriquecer y a transmitir.

La mayoría de ustedes conocen la historia de Santa Catalina Drexel, una de las grandes santas que esta Iglesia local ha dado. Cuando le habló al Papa León XIII de las necesidades de las misiones, el Papa —era un Papa muy sabio— le preguntó intencionadamente: «¿Y tú?, ¿qué vas a hacer?». Esas palabras cambiaron la vida de Catalina, porque le recordaron que al final todo cristiano, hombre o mujer, en virtud del bautismo, ha recibido una misión. Cada uno de nosotros tiene que responder lo mejor que pueda al llamado del Señor para edificar su Cuerpo, la Iglesia. «¿Y tú?». Me gustaría hacer hincapié en dos aspectos de estas palabras en el contexto de nuestra misión específica de transmitir la alegría del Evangelio y edificar la Iglesia, ya sea como sacerdotes, diáconos, miembros varones y mujeres de institutos de vida consagrada. En primer lugar, aquellas palabras —«¿Y tú?»— fueron dirigidas a una persona joven, a una mujer joven con altos ideales, y le cambiaron la vida.

Le hicieron pensar en el inmenso trabajo que había que hacer y la llevaron a darse cuenta de que estaba siendo llamada a hacer algo al respecto. ¡Cuántos jóvenes en nuestras parroquias y escuelas tienen los mismos ideales, generosidad de espíritu y amor por Cristo y la Iglesia! Les pregunto, nosotros ¿Los desafiamos? ¿Les damos espacio y les ayudamos a que realicen su cometido? ¿Encontramos el modo de compartir su entusiasmo y sus dones con nuestras comunidades, sobre todo en la práctica de las obras de misericordia y en la preocupación por los demás? ¿Compartimos nuestra propia alegría y entusiasmo en el servicio al Señor?

Uno de los grandes desafíos de la Iglesia en este momento es fomentar en todos los fieles el sentido de la responsabilidad personal en la misión de la Iglesia, y capacitarlos para que puedan cumplir con tal responsabilidad como discípulos misioneros, como fermento del Evangelio en nuestro mundo. Esto requiere creatividad para adaptarse a los cambios de las situaciones, transmitiendo el legado del pasado, no solo a través del mantenimiento de estructuras e instituciones, que son útiles, sino sobre todo abriéndose a las posibilidades que el Espíritu nos descubre y mediante la comunicación de la alegría del Evangelio, todos los días y en todas las etapas de nuestra vida. «¿Y tú?».

Es significativo que esas palabras del anciano Papa fueran dirigidas a una mujer laica. Sabemos que el futuro de la Iglesia, en una sociedad que cambia rápidamente, reclama ya desde ahora una participación de los laicos mucho más activa. La Iglesia en los Estados Unidos ha dedicado siempre un gran esfuerzo a la catequesis y a la educación. Nuestro reto hoy es construir sobre esos cimientos sólidos y fomentar un sentido de colaboración y responsabilidad compartida en la planificación del futuro de nuestras parroquias e instituciones. Esto no significa renunciar a la autoridad espiritual que se nos ha confiado; más bien, significa discernir y emplear sabiamente los múltiples dones que el Espíritu derrama sobre la Iglesia. De manera particular, significa valorar la inmensa contribución que las mujeres, laicas y religiosas, han hecho y siguen haciendo en la vida de nuestras comunidades.

Queridos hermanos y hermanas, les doy las gracias por la forma en que cada uno de ustedes ha respondido a la pregunta que Jesús inspiró su propia vocación: «¿Y tú?». Los animo a que

renueven la alegría, el estupor, de ese primer encuentro con Jesús y a sacar de esa alegría renovada fidelidad y fuerza. Espero con ilusión compartir con ustedes estos días y les pido que lleven mi saludo afectuoso a los que no pudieron estar con nosotros, especialmente a los numerosos sacerdotes, religiosos y religiosas ancianos que se unen espiritualmente. Durante estos días del Encuentro Mundial de las Familias, les pediría de modo especial que reflexionen sobre nuestro servicio a las familias, a las parejas que se preparan para el matrimonio y a nuestros jóvenes. Sé lo mucho que se está haciendo en las iglesias particulares para responder a las necesidades de las familias y apoyarlas en su camino de fe. Les pido que oren fervientemente por ellas, así como por las deliberaciones del próximo Sínodo sobre la Familia.

Con gratitud por todo lo que hemos recibido, y con segura confianza en medio de nuestras necesidades, nos dirigimos a María, nuestra Madre Santísima. Que con su amor de madre interceda por la Iglesia en América, para que siga creciendo en el testimonio profético del poder que tiene la cruz de su Hijo para traer alegría, esperanza y fuerza a nuestro mundo. Rezo por cada uno de ustedes, y les pido, por favor, que lo hagan por mí.

HOMILÍA EN LA SANTA MISA DE CLAUSURA DEL VIII ENCUENTRO MUNDIAL DE LAS FAMILIAS EN EL B. FRANKLIN PARKWAY DE FILADELFIA

Domingo 27 de setiembre de 2015

Hoy la Palabra de Dios nos sorprende con un lenguaje alegórico fuerte que nos hace pensar. Un lenguaje alegórico que nos desafía pero también estimula nuestro entusiasmo. En la primera lectura, Josué dice a Moisés que dos miembros del pueblo están profetizando, proclamando la Palabra de Dios sin un mandato. En el Evangelio, Juan dice a Jesús que los discípulos le han impedido a un hombre sacar espíritus inmundos en su nombre. Y aquí viene la sorpresa: Moisés y Jesús reprenden a estos colaboradores por ser tan estrechos de mente. ¡Ojalá fueran todos profetas de la Palabra de Dios! ¡Ojalá que cada uno pudiera obrar milagros en el nombre del Señor! Jesús encuentra, en cambio, hostilidad en la gente que no había aceptado cuanto dijo e hizo. Para ellos, la apertura de Jesús a la fe honesta y sincera de muchas personas que no formaban parte del pueblo elegido de Dios, les parecía intolerable. Los discípulos, por su parte, actuaron de buena fe, pero la tentación de ser escandalizados por la libertad de Dios que hace llover sobre «justos e injustos» (Mt 5,45), saltándose la burocracia, el oficialismo y los círculos íntimos, amenaza la autenticidad de la fe y, por tanto, tiene que ser vigorosamente rechazada.

Cuando nos damos cuenta de esto, podemos entender por qué las palabras de Jesús sobre el escándalo son tan duras. Para Jesús, el escándalo intolerable es todo lo que destruye y corrompe nuestra confianza en este modo de actuar del Espíritu. Nuestro Padre no se deja ganar en generosidad y siembra. Siembra su presencia en nuestro mundo, ya que «el amor no consiste en que nosotros hayamos amado primero a Dios, sino en que Él nos amó primero» (1Jn 4,10). Amor que nos da la certeza honda: somos buscados por Él, somos esperados por Él. Esa confianza es la que lleva al discípulo a estimular, acompañar y hacer crecer todas las buenas iniciativas que existen a su alrededor. Dios quiere que todos sus hijos participen de la fiesta del Evangelio. No impidan todo lo bueno, dice Jesús, por el contrario, ayúdenlo a crecer. Poner en duda la obra del Espíritu, dar la impresión que la misma no tiene nada que ver con aquellos que «no son parte de nuestro grupo», que no son «como nosotros», es una tentación peligrosa. No bloquea solamente la conversión a la fe, sino que constituye una perversión de la fe.

La fe abre la «ventana» a la presencia actuante del Espíritu y nos muestra que, como la felicidad, la santidad está siempre ligada a los pequeños gestos. «El que les dé a beber un vaso de agua en mi nombre –dice Jesús– pequeño gesto, no se quedará sin recompensa» (Mc 9,41). Son gestos mínimos que uno aprende en el hogar; gestos de familia que se pierden en el anonimato de la cotidianidad pero que hacen diferente cada jornada. Son gestos de madre, de abuela, de padre, de abuelo, de hijo, de hermanos. Son gestos de ternura, de cariño, de compasión. Son gestos del plato caliente de quien espera a cenar, del desayuno temprano del que sabe acompañar a madrugar. Son gestos de hogar. Es la bendición antes de dormir y el abrazo al regresar de una larga jornada de trabajo. El amor se manifiesta en pequeñas cosas, en la atención mínima a lo cotidiano que hace que la vida siempre tenga sabor a hogar. La fe crece con la práctica y es plasmada por el amor. Por eso, nuestras familias, nuestros hogares, son verdaderas Iglesias domésticas. Es el lugar propio donde la fe se hace vida y la vida crece en la fe.

Jesús nos invita a no impedir esos pequeños gestos milagrosos, por el contrario, quiere que los provoquemos, que los hagamos crecer, que acompañemos la vida como se nos presenta, ayudando a despertar todos los pequeños gestos de amor, signos de su presencia viva y actuante en nuestro mundo. Esta actitud a la que somos invitados nos lleva a preguntarnos hoy aquí en el final de esta fiesta: ¿Cómo estamos trabajando para vivir esta lógica en nuestros hogares, en nuestras sociedades? ¿Qué tipo de mundo queremos dejarle a nuestros hijos? (cf. *Laudato si'*, 160). Pregunta que no podemos responder sólo nosotros. Es el Espíritu el que nos invita y desafía a responderla con la gran familia humana. Nuestra casa común no tolera más divisiones estériles. El desafío urgente de proteger nuestra casa incluye la preocupación de unir a toda la familia humana en la búsqueda de un desarrollo sostenible e integral, porque sabemos que las cosas pueden cambiar (cf. *ibid.*, 13). Que nuestros hijos encuentren en nosotros referentes de comunión, no de división. Que nuestros hijos encuentren en nosotros hombres y mujeres capaces de unirse a los demás para hacer germinar todo lo bueno que el Padre sembró.

De manera directa, pero con afecto, Jesús dice: «Si ustedes, pues, que son malos, saben dar cosas buenas a sus hijos, ¿cuánto más el Padre del cielo dará el Espíritu Santo a los que se lo piden?» (Lc 11,13) Cuánta sabiduría hay en estas palabras. Es verdad que en cuanto a bondad y pureza de corazón nosotros, seres humanos, no tenemos mucho de qué vanagloriarnos. Pero Jesús sabe que, en lo que se refiere a los niños, somos capaces de una generosidad infinita. Por eso nos alienta: si tenemos fe, el Padre nos dará su Espíritu. Nosotros los cristianos, discípulos del Señor, pedimos a las familias del mundo que nos ayuden.

Somos muchos los que participamos en esta celebración y esto es ya en sí mismo algo profético, una especie de milagro en el mundo de hoy. Que estás cansado de inventar nuevas divisiones, nuevos quebrantos, nuestros desastres. Ojalá todos fuéramos profetas. Ojalá cada uno de nosotros se abriera a los milagros del amor para el bien de su propia familia y de todas las familias del mundo, y estoy hablando de milagro de amor, y de esa manera poder así superar el escándalo de un amor mezquino y desconfiado, encerrado en sí mismo e impaciente con los demás. Les dejo como pregunta para que cada uno responda porque dije la palabra impaciente. En mi casa, ¿se grita o se habla con amor y ternura? Es una buena manera de medir nuestro amor.

Qué bonito sería si en todas partes, y también más allá de nuestras fronteras, pudiéramos alentar y valorar esta profecía y este milagro. Renovemos nuestra fe en la palabra del Señor que invita a nuestras familias a esa apertura; que invita a todos a participar de la profecía de la alianza entre un hombre y una mujer, que genera vida y revela a Dios. Que nos ayude a participar de la

profecía de la paz de la ternura y del cariño familiar, que nos ayude a participar del gesto profético, con ternura, con paciencia y con amor a nuestros niños y a nuestros abuelos. Todo el que quiera traer a este mundo una familia, que enseñe a los niños a alegrarse por cada acción que tenga como propósito vencer el mal –una familia que muestra que el Espíritu está vivo y actuante– encontrará gratitud y estima, no importando el pueblo o la región o la religión a la que pertenezca. Que Dios nos conceda a todos, ser profetas del gozo del Evangelio, del Evangelio de la familia, del amor de la familia. Ser profetas como discípulos del Señor y nos conceda la gracia de ser dignos de esta pureza de corazón que no se escandaliza del Evangelio. Que así sea.

CUBA

HOMILÍA EN LA SANTA MISA DE LA PLAZA DE LA REVOLUCIÓN “JOSÉ MARTÍ” EN LA HABANA

Domingo 20 de setiembre de 2015

Jesús les hace a sus discípulos una pregunta aparentemente indiscreta: «¿De qué discutían por el camino?». Una pregunta que también puede hacernos hoy: ¿De qué hablan cotidianamente? ¿Cuáles son sus aspiraciones? «Ellos –dice el Evangelio– no contestaron, porque por el camino habían discutido sobre quién era el más importante». Les daba vergüenza decirle a Jesús de lo que hablaban. Como a los discípulos de ayer, también hoy a nosotros, nos puede acompañar la misma discusión: ¿Quién es el más importante? Jesús no insiste con la pregunta, no los obliga a responderle de qué hablaban por el camino, pero la pregunta permanece no solo en la mente, sino también en el corazón de los discípulos. ¿Quién es el más importante? Una pregunta que nos acompañará toda la vida y en las distintas etapas seremos desafiados a responderla. No podemos escapar a esta pregunta, está grabada en el corazón. Recuerdo más de una vez en reuniones familiares preguntar a los hijos: ¿A quién quieres más, a papá o a mamá? Es como preguntarle: ¿Quién es más importante para ti? ¿Es tan solo un simple juego de niños esta pregunta? La historia de la humanidad ha estado marcada por el modo de cómo se responde a esta pregunta. Jesús no le teme a las preguntas de los hombres; no le teme a la humanidad ni a las distintas búsquedas que ésta realiza.

Al contrario, Él conoce los «recovecos» del corazón humano, y como buen pedagogo está dispuesto a acompañarnos siempre. Fiel a su estilo, asume nuestras búsquedas, nuestras aspiraciones y les da un nuevo horizonte. Fiel a su estilo, logra dar una respuesta capaz de plantear un nuevo desafío, descolocando «las respuestas esperadas» o lo aparentemente establecido. Fiel a su estilo, Jesús siempre plantea la lógica del amor. Una lógica capaz de ser vivida por todos, porque es para todos. Lejos de todo tipo de elitismo, el horizonte de Jesús no es para unos pocos privilegiados capaces de llegar al «conocimiento deseado» o a distintos niveles de espiritualidad. El horizonte de Jesús, siempre es una oferta para la vida cotidiana también aquí en «nuestra isla»; una oferta que siempre hace que el día a día tenga cierto sabor a eternidad.

¿Quién es el más importante? Jesús es simple en su respuesta: «Quien quiera ser el primero - o sea el más importante - que sea el último de todos y el servidor de todos». Quien quiera ser

grande, que sirva a los demás, no que se sirva de los demás. Y esta es la gran paradoja de Jesús. Los discípulos discutían quién ocuparía el lugar más importante, quién sería seleccionado como el privilegiado – ¡eran los discípulos ¿eh?, los más cercanos a Jesús, y discutían sobre eso!-, quién estaría exceptuado de la ley común, de la norma general, para destacarse en un afán de superioridad sobre los demás. Quién escalaría más pronto para ocupar los cargos que darían ciertas ventajas. Y Jesús les trastoca su lógica diciéndoles sencillamente que la vida auténtica se vive en el compromiso concreto con el prójimo. Es decir, sirviendo. La invitación al servicio posee una peculiaridad a la que debemos estar atentos. Servir significa, en gran parte, cuidar la fragilidad.

Servir significa cuidar a los frágiles de nuestras familias, de nuestra sociedad, de nuestro pueblo. Son los rostros sufrientes, desprotegidos y angustiados a los que Jesús propone mirar e invita concretamente a amar. Amor que se plasma en acciones y decisiones. Amor que se manifiesta en las distintas tareas que como ciudadanos estamos invitados a desarrollar. Son personas de carne y hueso, con su vida, su historia y especialmente con su fragilidad, las que Jesús nos invita a defender, a cuidar y a servir. Porque ser cristiano entraña servir la dignidad de sus hermanos, luchar por la dignidad de sus hermanos y vivir para la dignidad de sus hermanos. Por eso, el cristiano es invitado siempre a dejar de lado sus búsquedas, afanes, deseos de omnipotencia ante la mirada concreta de los más frágiles.

Hay un «servicio» que sirve a los otros; pero tenemos que cuidarnos del otro servicio, de la tentación del «servicio» que «se» sirve de los otros. Hay una forma de ejercer el servicio que tiene como interés el beneficiar a los «míos», en nombre de lo «nuestro». Ese servicio siempre deja a los «tuyos» por fuera, generando una dinámica de exclusión. Todos estamos llamados por vocación cristiana al servicio que sirve y a ayudarnos mutuamente a no caer en las tentaciones del «servicio que se sirve». Todos estamos invitados, estimulados por Jesús a hacernos cargo los unos de los otros por amor. Y esto sin mirar de costado para ver lo que el vecino hace o ha dejado de hacer.

Jesús dice: «Quien quiera ser el primero, que sea el último y el servidor de todos». Ese va a ser el primero. No dice, si tu vecino quiere ser el primero que sirva. Debemos cuidarnos de la mirada enjuiciadora y animarnos a creer en la mirada transformadora a la que nos invita Jesús. Este hacernos cargo por amor no apunta a una actitud de servilismo, por el contrario, pone en el centro la cuestión del hermano: el servicio siempre mira el rostro del hermano, toca su carne, siente su proximidad y hasta en algunos casos la «padece» y busca la promoción del hermano. Por eso nunca el servicio es ideológico, ya que no se sirve a ideas, sino que se sirve a personas.

El santo Pueblo fiel de Dios que camina en Cuba, es un pueblo que tiene gusto por la fiesta, por la amistad, por las cosas bellas. Es un pueblo que camina, que canta y alaba. Es un pueblo que tiene heridas, como todo pueblo, pero que sabe estar con los brazos abiertos, que marcha con esperanza, porque su vocación es de grandeza. Así la sembraron sus próceres. Hoy los invito a que cuiden esa vocación, a que cuiden estos dones que Dios les ha regalado, pero especialmente quiero invitarlos a que cuiden y sirvan, de modo especial, la fragilidad de sus hermanos. No los descuiden por proyectos que puedan resultar seductores, pero que se desentienden del rostro del que está a su lado. Nosotros conocemos, somos testigos de la «fuerza imparable» de la resurrección, que «provoca por todas partes gérmenes de ese mundo nuevo» (cf. *Evangelii Gaudium*, 276.278). No nos olvidemos de la Buena Nueva de hoy: la importancia de un pueblo, de una nación; la importancia de una persona siempre se basa en cómo sirve la fragilidad de sus

hermanos. Y en esto encontramos uno de los frutos de una verdadera humanidad. Porque, queridos hermanos y hermanas, «quien no vive para servir, no sirve para vivir»

HOMILÍA EN LA CELEBRACIÓN DE LAS VÍSPERAS CON SACERDOTES, RELIGIOSOS, RELIGIOSAS Y SEMINARISTAS EN LA CATEDRAL DE LA HABANA

Domingo 20 de setiembre de 2015

El Cardenal Jaime nos habló de pobreza y la hermana Yaileny nos habló del más pequeño, de los más pequeños, son todos niños. Yo tenía preparada una homilía para decir ahora en base a los textos bíblicos pero cuando hablan los profetas, y todo sacerdote es profeta, todo bautizado es profeta, todo consagrado es profeta, vamos a hacerle caso a ellos y entonces yo le voy a dar la homilía al Cardenal Jaime para que se las haga llegar a ustedes y la publiquen y después la meditan; y ahora charlemos un poquito sobre lo que dijeron estos dos profetas. Al Cardenal Jaime, se le ocurrió pronunciar una palabra muy incómoda, sumamente incómoda, que incluso va de contramano con toda la "estructura cultural" del mundo, dijo pobreza, la repitió varias veces.

Pienso que el Señor quiso que la escucháramos varias veces y la recibiéramos en el corazón. El espíritu mundano no la conoce, no la quiere, la esconde, no por pudor, sino por desprecio, y si tiene que pecar y ofender a Dios para que no le llegue la pobreza lo hace. El espíritu del mundo no ama el camino del hijo de Dios que se vació a sí mismo, se hizo pobre, se hizo nada, se humilló para ser uno de nosotros. La pobreza que le dio miedo a aquel muchacho, tan generoso, que había cumplido todos los mandamientos, y cuando Jesús le dijo: vende todo lo que tienes y dáselo a los pobres, se puso triste y tuvo miedo a la pobreza.

La pobreza siempre tratamos de escamotearla, sea por cosas razonables pero estoy hablando de escamotearla en el corazón, que hay que saber administrar los bienes, es una obligación, los bienes son un don de Dios, pero cuando esos bienes entran en el corazón y te empiezan a conducir la vida, ahí perdiste, ya no eres como Jesús, tienes tu seguridad donde la tenía el joven triste, el que se fue entristecido. Ustedes sacerdotes, consagrados, consagradas, creo que les puede servir, lo que decía San Ignacio, y esto no es propaganda publicitaria de familia no, pero él decía que la pobreza era el muro y la madre de la vida consagrada. Era la madre porque engendraba más confianza en Dios y era el muro porque la protegía de toda mundanidad. Cuántas almas destruidas, almas generosas como la del joven entristecido que empezaron bien y después se le fue apegando el amor a esa mundanidad rica y terminaron mal, es decir mediocres, terminaron sin amor, porque la riqueza pauperiza, pero pauperiza mal, nos quita lo mejor que tenemos, nos hace pobres en la única riqueza que vale la pena para poner la seguridad en lo otro.

El espíritu de pobreza, el espíritu de despojo, el espíritu de dejarlo todo para seguir a Jesús, esto de dejarlo todo no lo invento yo, varias veces aparece en el Evangelio, en el llamado de los primeros que dejaron la barca, las redes y lo siguieron, los que dejaron todo para seguir a Jesús. Una vez me contaba un viejo cura sabio, hablando de cuando se mete el espíritu de riqueza, de mundanidad rica en el corazón de un consagrado, de una consagrada, de un sacerdote, de un Obispo, de un Papa, lo que sea. Dice que cuando uno empieza a juntar plata y para asegurarse el futuro, ¿no es cierto?, entonces el futuro no está en Jesús, está en una compañía de seguros de tipo espiritual que yo manejo ¿no?. Entonces, cuando, por ejemplo, cuando una congregación

religiosa, por poner un ejemplo me decía él, empieza a juntar plata y ahorrar y ahorrar, Dios es tan bueno, que le manda un ecónomo desastroso que las lleva a la quiebra. Son de las mejores bendiciones de Dios a su Iglesia, los ecónomos desastrosos, porque la hacen libre, la hacen pobre, nuestra Santa Madre Iglesia es pobre, Dios la quiere pobre, como quiso pobre a Nuestra Santa Madre María.

Amen la pobreza como a madre, y simplemente les sugiero si alguno de ustedes tiene ganas de preguntarse cómo está mi espíritu de pobreza, cómo está mi despojo interior, creo que puede hacer bien a nuestra vida consagrada, a nuestra vida presbiteral, después de todo no nos olvidemos que es la primera de las Bienaventuranzas: “Felices los pobres de espíritu”, los que no están apegados a las riquezas, a los poderes de este mundo.

Y la hermana nos hablaba de los últimos, de los más pequeños que aunque sean grandes unos terminan tratándolos como niños porque se presentan como niños. El más pequeño, es una frase de Jesús esa, el que está en el protocolo sobre el cual vamos a ser juzgados: “Lo que hiciste al más pequeño de estos hermanos me lo hiciste a mí”. Hay servicios pastorales pueden ser más gratificantes desde el punto de vista humano sin ser malos ni mundanos, pero cuando uno busca en la preferencia interior al más pequeño, al más abandonado, al más enfermo, al que nadie tiene en cuenta, al que nadie quiere, el más pequeño y sirve al más pequeño, está sirviendo a Jesús de manera superlativa.

A vos te mandaron donde no querías ir y lloraste, lloraste porque no te gustaba lo cual no quiere decir que seas una monja llorona no, Dios nos libre de las monjas lloronas que siempre se están lamentando, eso no es mío eso lo decía Santa Teresa ¿eh? a sus monjas, es de ella, “Guay de aquellas monjas que anda todo el día lamentándose porque me hicieron una injusticia.” En el lenguaje castellano de la época decía guay de la monja que anda diciendo: “Hiciéronme sin razón”. Vos lloraste porque eras joven, tenías otras ilusiones, pensabas quizás que un colegio podías hacer más cosas, que podías organizar futuros para la juventud, te mandaron ahí, casa de misericordia, donde la ternura y la misericordia del Padre se hace más patente, donde la ternura y la misericordia de Dios se hace caricia.

Cuántas religiosas y religiosos queman y repito, luego queman su vida acariciando material de descarte, acariciando a quienes el mundo descarta, a quienes el mundo desprecia, a quienes el mundo prefiere que no estén, a quienes el mundo hoy día con métodos de análisis nuevos que hay, cuando se prevé que puede venir con una enfermedad degenerativa se propone mandarlo de vuelta antes de que nazca, el más pequeño. Y una chica joven llena de ilusiones empieza su vida consagrada haciendo viva la ternura de Dios y su misericordia.

A veces no entienden, no saben, pero qué linda para Dios y qué bien que hace a uno por ejemplo la sonrisa de un espástico que no sabe cómo hacerla o cuando te quieren besar y te babosean la cara, esa es la ternura de Dios, esa es la misericordia de Dios. O cuando están enojados y te dan un golpe... y quemar mi vida así con material de descarte a los ojos del mundo, eso nos habla solamente de una persona, nos habla de Jesús que por pura misericordia del Padre se hizo nada, se anonadó. Dice el texto de Filipenses capítulo dos: “Se hizo nada”, y esta gente a quien vos dedicas tu vida, imitan a Jesús, no porque lo quisieron, sino porque el mundo los trajo así, son nada y se les esconden, no se los muestra o no se los visita, y si puede y todavía se está a tiempo se los manda de vuelta. Gracias por lo que haces y en ti gracias a todas estas mujeres y a tantas mujeres consagradas al servicio de lo inútil porque no se puede hacer ninguna empresa, no se puede ganar plata, no se puede llevar adelante absolutamente nada "constructivo" con esos

hermanos nuestros, con los menores, con los más pequeños, ahí resplandece Jesús y ahí resplandece mi opción por Jesús, gracias a vos y a todos los consagrados y consagradas que hacen esto.

Padre yo no soy monja, yo no cuido enfermos, yo soy cura y tengo una parroquia o ayudo a un párroco. ¿Cuál es mi Jesús predilecto? ¿Cuál es el más pequeño? ¿Cuál es aquel que muestra más la misericordia del Padre? ¿Dónde lo tengo que encontrar? Obviamente, sigo recorriendo el protocolo de Mateo 25. Ahí los tienes a todos, en el hambriento, en el preso, en el enfermo, ahí los vas a encontrar, pero hay un lugar privilegiado para el sacerdote donde aparece ese último, ese mínimo, el más pequeño y es el confesionario. Y ahí cuando ese hombre o esa mujer te muestran su miseria. Ojo que es la misma que tienes tú y que Dios te salvó ¿eh? de no llegar hasta ahí. Cuando te muestra su miseria, ¡por favor! no lo retes, no la retes, no lo castigues. Si no tienes pecado, pues tírale la primera piedra, pero solamente con esa condición, sino piensa en tus pecados y piensa que tú puedes ser esa persona, piensa que tú potencialmente puedes llegar más bajo todavía y piensa que tú en ese momento tienes un tesoro en las manos en tus manos que es la misericordia del Padre.

Por favor, a los sacerdotes, no se cansen de perdonar, sean perdonadores, no se cansen de perdonar como lo hacía Jesús. No se escondan en miedos o en rigideces. Así como esta monja y todas las que están en su mismo trabajo no se ponen furiosas cuando encuentran al enfermo sucio, mal, sino que lo sirven, lo limpian, lo cuidan. Así tú cuando te llega el penitente no te pongas mal, no te pongas neurótico, no lo eches del confesionario, no lo retes. Jesús los abrazaba, Jesús los quería. Mañana festejamos San Mateo ¡Cómo robaba ese! Y además ¡cómo traicionaba a su pueblo! y dice el Evangelio que a la noche Jesús fue a cenar con él y otros como él. San Ambrosio tiene una frase que a mí me conmueve mucho: “Donde hay misericordia, está el Espíritu de Jesús, donde hay rigidez están solamente sus ministros”.

Hermano sacerdote, hermano obispo, no le tengas miedo a la misericordia, deja que fluya por tus manos y por tu abrazo de perdón. Porque ese o esa que están ahí son el más pequeño y por lo tanto es Jesús. Esto es lo que se me ocurre decir después de haber escuchado a estos dos profetas. Que el Señor nos conceda estas gracias que ellos dos han sembrado en nuestro corazón: Pobreza y Misericordia, porque ahí está Jesús.

HOMILÍA EN LA SANTA MISA DE LA PLAZA DE LA REVOLUCIÓN EN HOLGUÍN

Lunes 21 de setiembre de 2015

Celebramos la fiesta del apóstol y evangelista San Mateo. Celebramos la historia de una conversión. Él mismo, en su evangelio, nos cuenta cómo fue el encuentro que marcó su vida, él nos introduce en un «juego de miradas» que es capaz de transformar la historia. Un día, como otro cualquiera, mientras estaba sentado en la mesa de la recaudación de los impuestos, Jesús pasaba, lo vio, se acercó y le dijo: «“Sígueme”. Y él, levantándose, lo siguió». Jesús lo miró. Qué fuerza de amor tuvo la mirada de Jesús para movilizar a Mateo como lo hizo; qué fuerza han de haber tenido esos ojos para levantarlo. Sabemos que Mateo era un publicano, es decir, recaudaba impuestos de los judíos para dárselos a los romanos. Los publicanos eran mal vistos e incluso considerados pecadores, y por eso vivían apartados y despreciados por los demás. Con ellos no se podía comer, ni hablar, ni orar. Eran traidores para el pueblo: le sacaban a su gente para dárselo a otros. Los publicanos pertenecían a esta categoría social.

Y Jesús se detuvo, no pasó de largo precipitadamente, lo miró sin prisa, lo miró con paz. Lo miró con ojos de misericordia; lo miró como nadie lo había mirado antes. Y esa mirada abrió su corazón, lo hizo libre, lo sanó, le dio una esperanza, una nueva vida como a Zaqueo, a Bartimeo, a María Magdalena, a Pedro y también a cada uno de nosotros. Aunque no nos atrevemos a levantar los ojos al Señor, Él siempre nos mira primero. Es nuestra historia personal; al igual que muchos otros, cada uno de nosotros puede decir: yo también soy un pecador en el que Jesús puso su mirada. Los invito a que hoy en sus casas, o en la iglesia, estén tranquilos, solos. Hagan un momento de silencio para recordar con gratitud y alegría aquellas circunstancias, aquel momento en que la mirada misericordiosa de Dios se posó en nuestra vida.

Su amor nos precede, su mirada se adelanta a nuestra necesidad. Él sabe ver más allá de las apariencias, más allá del pecado, más allá del fracaso o de la indignidad. Sabe ver más allá de la categoría social a la que podemos pertenecer. Él ve más allá de todo eso, él ve esa dignidad de hijo que todos tenemos, tal vez ensuciada por el pecado, pero siempre presente en el fondo de nuestra alma. Es nuestra dignidad de hijos. Él ha venido precisamente a buscar a todos aquellos que se sienten indignos de Dios, indignos de los demás. Dejémonos mirar por Jesús, dejemos que su mirada recorra nuestras calles, dejemos que su mirada nos devuelva la alegría, la esperanza, el gozo de la vida.

Después de mirarlo con misericordia, el Señor le dijo a Mateo: «Sígueme». Y Mateo se levantó y lo siguió. Después de la mirada, la palabra. Tras el amor, la misión. Mateo ya no es el mismo; interiormente ha cambiado. El encuentro con Jesús, con su amor misericordioso, lo transformó. Y atrás queda el banco de los impuestos, el dinero, su exclusión. Antes él esperaba sentado para recaudar, para sacarle a los otros, ahora con Jesús tiene que levantarse para dar, para entregar, para entregarse a los demás. Jesús lo miró y Mateo encontró la alegría en el servicio. Para Mateo, y para todo el que sintió la mirada de Jesús, sus conciudadanos no son aquellos a los que «se vive», se usa y se abusa. La mirada de Jesús genera una actividad misionera, de servicio, de entrega. Sus conciudadanos son aquellos a quien sirve.

Su amor cura nuestras miopías y nos estimula a mirar más allá, a no quedarnos en las apariencias o en lo políticamente correcto. Jesús va delante, nos precede, abre el camino y nos invita a seguirlo. Nos invita a ir lentamente superando nuestros preconceptos, nuestras resistencias al cambio de los demás e incluso de nosotros mismos. Nos desafía día a día con una pregunta: ¿Crees? ¿Crees que es posible que un recaudador se transforme en servidor? ¿Crees que es posible que un traidor se vuelva un amigo? ¿Crees que es posible que el hijo de un carpintero sea el Hijo de Dios? Su mirada transforma nuestras miradas, su corazón transforma nuestro corazón. Dios es Padre que busca la salvación de todos sus hijos.

Dejémonos mirar por el Señor en la oración, en la Eucaristía, en la Confesión, en nuestros hermanos, especialmente en aquellos que se sienten dejados, más solos. Y aprendamos a mirar como Él nos mira. Compartamos su ternura y su misericordia con los enfermos, los presos, los ancianos o las familias en dificultad. Una y otra vez somos llamados a aprender de Jesús que mira siempre lo más auténtico que vive en cada persona, que es precisamente la imagen de su Padre. Sé con qué esfuerzo y sacrificio la Iglesia en Cuba trabaja para llevar a todos, aún en los sitios más apartados, la palabra y la presencia de Cristo. Una mención especial merecen las llamadas «casas de misión» que, ante la escasez de templos y de sacerdotes, permiten a tantas personas poder tener un espacio de oración, de escucha de la Palabra, de catequesis y vida de comunidad. Son pequeños signos de la presencia de Dios en nuestros barrios y una ayuda cotidiana para hacer vivas las palabras del apóstol Pablo: «Les ruego que anden como pide la

vocación a la que han sido convocados. Sean siempre humildes y amables, sean comprensivos, sobrellevándose mutuamente con amor; esfuércense en mantener la unidad del Espíritu con el vínculo de la paz» (Ef 4,2). Deseo dirigir ahora la mirada a la Virgen María, Virgen de la Caridad del Cobre, a quien Cuba acogió en sus brazos y le abrió sus puertas para siempre, y a ella le pido que mantenga sobre todos y cada uno de los hijos de esta noble nación su mirada maternal y que esos «sus ojos misericordiosos» estén siempre atentos a cada uno de ustedes, sus hogares, sus familias, a las personas que puedan estar sintiendo que para ellos no hay lugar. Que ella nos guarde a todos como cuidó a Jesús en su amor. Y que ella nos enseñe a mirar a los demás como Jesús nos miró a cada uno de nosotros.

HOMILÍA EN LA SANTA MISA DE LA BASÍLICA MENOR DEL SANTUARIO DE LA “VIRGEN DE LA CARIDAD DEL COBRE” EN SANTIAGO DE CUBA

Martes 22 de setiembre de 2015

El Evangelio que escuchamos nos pone de frente al movimiento que genera el Señor cada vez que nos visita: nos saca de casa. Son imágenes que una y otra vez estamos invitados a contemplar. La presencia de Dios en nuestra vida nunca nos deja quietos, siempre nos motiva al movimiento. Cuando Dios visita, siempre nos saca de casa. Visitados para visitar, encontrados para encontrar, amados para amar. Ahí vemos a María, la primera discípula. Una joven quizás de entre 15 y 17 años, que en una aldea de Palestina fue visitada por el Señor anunciándole que sería la madre del Salvador. Lejos de «creérsela» y pensar que todo el pueblo tenía que venir a atenderla o servirla, ella sale de casa y va a servir.

Sale a ayudar a su prima Isabel. La alegría que brota de saber que Dios está con nosotros, con nuestro pueblo, despierta el corazón, pone en movimiento nuestras piernas, «nos saca para afuera», nos lleva a compartir la alegría recibida y compartirla como servicio, como entrega en todas esas situaciones «embarazosas» que nuestros vecinos o parientes puedan estar viviendo. El Evangelio nos dice que María fue de prisa, paso lento pero constante, pasos que saben a dónde van; pasos que no corren para «llegar» rápido o van demasiado despacio como para no «arribar» jamás.

Ni agitada ni adormentada, María va con prisa, a acompañar a su prima embarazada en la vejez. María, la primera discípula, visitada ha salido a visitar. Y desde ese primer día ha sido siempre su característica peculiar. Ha sido la mujer que visitó a tantos hombres y mujeres, niños y ancianos, jóvenes. Ha sabido visitar y acompañar en las dramáticas gestaciones de muchos de nuestros pueblos; protegió la lucha de todos los que han sufrido por defender los derechos de sus hijos. Y ahora, ella todavía no deja de traernos la Palabra de Vida, su Hijo nuestro Señor. Estas tierras también fueron visitadas por su maternal presencia.

La patria cubana nació y creció al calor de la devoción a la Virgen de la Caridad. «Ella ha dado una forma propia y especial al alma cubana –escribían los Obispos de estas tierras– suscitando los mejores ideales de amor a Dios, a la familia y a la Patria en el corazón de los cubanos». También lo expresaron vuestros compatriotas cien años atrás, cuando le pedían al Papa Benedicto XV que declarara a la Virgen de la Caridad Patrona de Cuba, y escribieron: «Ni las desgracias ni las penurias lograron “apagar” la fe y el amor que nuestro pueblo católico profesa a esa

Virgen, sino que, en las mayores vicisitudes de la vida, cuando más cercana estaba la muerte o más próxima la desesperación, surgió siempre como luz disipadora de todo peligro, como rocío consolador, la visión de esa Virgen bendita, cubana por excelencia porque así la amaron nuestras madres inolvidables, así la bendicen nuestras esposas». Así escribían ellos hace cien años. En este Santuario, que guarda la memoria del santo Pueblo fiel de Dios que camina en Cuba, María es venerada como Madre de la Caridad. Desde aquí Ella custodia nuestras raíces, nuestra identidad, para que no nos perdamos en caminos de desesperanza.

El alma del pueblo cubano, como acabamos de escuchar, fue forjada entre dolores, penurias que no lograron apagar la fe, esa fe que se mantuvo viva gracias a tantas abuelas que siguieron haciendo posible, en lo cotidiano del hogar, la presencia viva de Dios; la presencia del Padre que libera, fortalece, sana, da coraje y que es refugio seguro y signo de nueva resurrección. Abuelas, madres, y tantos otros que con ternura y cariño fueron signos de visitación, como María de valentía, de fe para sus nietos, en sus familias. Mantuvieron abierta una hendidura pequeña como un grano de mostaza por donde el Espíritu Santo seguía acompañando el palpitar de este pueblo.

Y «cada vez que miramos a María volvemos a creer en lo revolucionario de la ternura y del cariño» (Evangelii gaudium, 288). Generación tras generación, día tras día, estamos invitados a renovar nuestra fe. Estamos invitados a vivir la revolución de la ternura como María, Madre de la Caridad. Estamos invitados a «salir de casa», a tener los ojos y el corazón abierto a los demás. Nuestra revolución pasa por la ternura, por la alegría que se hace siempre proximidad, que se hace siempre compasión que no es lástima, es padecer con para liberar; y nos lleva a involucrarnos, para servir, en la vida de los demás.

Nuestra fe nos hace salir de casa e ir al encuentro de los otros para compartir gozos y alegrías, esperanzas y frustraciones. Nuestra fe, nos saca de casa para visitar al enfermo, al preso, al que llora, al que sabe también reír con el que ríe, alegrarse con las alegrías de los vecinos. Como María, queremos ser una Iglesia que sirve, que sale de casa, que sale de sus templos, que sale de sus sacristías, para acompañar la vida, sostener la esperanza, ser signo de unidad de un pueblo noble y digno.

Como María, Madre de la Caridad, queremos ser una Iglesia que salga de casa para tender puentes, romper muros, sembrar reconciliación. Como María, queremos ser una Iglesia que sepa acompañar todas las situaciones «embarazosas» de nuestra gente, comprometidos con la vida, la cultura, la sociedad, no borrándonos sino caminando con nuestros hermanos. Todos juntos, sirviendo, ayudando. Todos hijos de Dios, hijos de María, hijos de esta noble tierra cubana. Este es nuestro cobre más precioso, esta es nuestra mayor riqueza y el mejor legado que podamos dejar: como María, aprender a salir de casa por los senderos de la visitación. Y aprender a orar con María porque su oración es memoriosa, agradecida; es el cántico del Pueblo de Dios que camina en la historia. Es la memoria viva de que Dios va en medio nuestro; es memoria perenne de que Dios ha mirado la humildad de su pueblo, ha auxiliado a su siervo como lo había prometido a nuestros padres y a su descendencia para siempre.

MÉXICO

HOMILÍA EN LA SANTA MISA EN LA BASÍLICA DE GUADALUPE

Sábado 13 de febrero de 2016

Escuchamos cómo María fue al encuentro de su prima Isabel. Sin demoras, sin dudas, sin lentitud va a acompañar a su pariente que estaba en los últimos meses de embarazo. El encuentro con el ángel a María no la detuvo, porque no se sintió privilegiada, ni que tenía que apartarse de la vida de los suyos. Al contrario, reavivó y puso en movimiento una actitud por la que María es y será reconocida siempre como la mujer del «sí», un sí de entrega a Dios y, en el mismo momento, un sí de entrega a sus hermanos. Es el sí que la puso en movimiento para dar lo mejor de ella yendo en camino al encuentro con los demás. Escuchar este pasaje evangélico y en esta casa tiene un sabor especial. María, la mujer del sí, también quiso visitar a los habitantes de estas tierras de América en la persona del indio San Juan Diego. Y así como se movió por los caminos de Judea y Galilea, de la misma manera caminó al Tepeyac, con sus ropas, usando su lengua, para servir a esta gran Nación.

Y así como acompañó la gestación de Isabel, ha acompañado y acompaña la gestación de esta bendita tierra mexicana. Así como se hizo presente al pequeño Juanito, de esa misma manera se sigue haciendo presente a todos nosotros; especialmente a aquellos que como él sienten «que no valían nada» (cf. Nican Mopohua, 55). Esta elección particular, digamos preferencial, no fue en contra de nadie sino a favor de todos. El pequeño indio Juan, que se llamaba a sí mismo como «mecapal, cacaxtle, cola, ala, es decir sometido a cargo ajeno» (cf. ibíd, 55), se volvía «el embajador, muy digno de confianza». En aquel amanecer de diciembre de 1531 se producía el primer milagro que luego será la memoria viva de todo lo que este Santuario custodia. En ese amanecer, en ese encuentro, Dios despertó la esperanza de su hijo Juan, la esperanza de un Pueblo. En ese amanecer Dios despertó y despierta la esperanza de los pequeños, de los sufrientes, de los desplazados y descartados, de todos aquellos que sienten que no tienen un lugar digno en estas tierras. En ese amanecer, Dios se acercó y se acerca al corazón sufriente pero resistente de tantas madres, padres, abuelos que han visto partir, perder o incluso arrebatarse criminalmente a sus hijos.

En ese amanecer, Juancito experimenta en su propia vida lo que es la esperanza, lo que es la misericordia de Dios. Él es elegido para supervisar, cuidar, custodiar e impulsar la construcción de este Santuario. En repetidas ocasiones le dijo a la Virgen que él no era la persona adecuada, al contrario, si quería llevar adelante esa obra tenía que elegir a otros ya que él no era ilustrado, letrado o perteneciente al grupo de los que podrían hacerlo. María, empecinada —con el empecinamiento que nace del corazón misericordioso del Padre— le dice: no, que él sería su embajador. Así logra despertar algo que él no sabía expresar, una verdadera bandera de amor y de justicia: en la construcción de ese otro santuario, el de la vida, el de nuestras comunidades, sociedades y culturas, nadie puede quedar afuera.

Todos somos necesarios, especialmente aquellos que normalmente no cuentan por no estar a la «altura de las circunstancias» o por no «aportar el capital necesario» para la construcción de las mismas. El Santuario de Dios es la vida de sus hijos, de todos y en todas sus condiciones, especialmente de los jóvenes sin futuro expuestos a un sinfín de situaciones dolorosas, riesgosas, y la de los ancianos sin reconocimiento, olvidados en tantos rincones. El santuario

de Dios son nuestras familias que necesitan de los mínimos necesarios para poder construirse y levantarse. El Santuario de Dios es el rostro de tantos que salen a nuestros caminos.

Al venir a este Santuario nos puede pasar lo mismo que le pasó a Juan Diego. Mirar a la Madre desde nuestros dolores, miedos, desesperaciones, tristezas y decirle: Madre, «¿Qué puedo aportar yo si no soy un letrado?». Miramos a la madre con ojos que dicen: son tantas las situaciones que nos quitan la fuerza, que hacen sentir que no hay espacio para la esperanza, para el cambio, para la transformación. Por eso creo que hoy nos va a servir un poco de silencio. Mirarla a ella, mirarla mucho y calmadamente, y decirle como hizo aquel otro hijo que la quería mucho: «Mirarte simplemente, Madre, dejar abierta sólo la mirada; mirarte toda sin decirte nada, decirte todo, mudo y reverente. No perturbar el viento de tu frente; sólo acunar mi soledad violada, en tus ojos de Madre enamorada y en tu nido de tierra transparente. Las horas se desploman; sacudidos, muerden los hombres necios la basura de la vida y de la muerte, con sus ruidos. Mirarte, Madre; contemplarte apenas, el corazón callado en tu ternura, en tu casto silencio de azucenas». (Himno litúrgico)

Y en silencio y, en este estar mirándola, escuchar una vez más que nos vuelve a decir: «¿Qué hay hijo mío el más pequeño?, ¿Qué entristece tu corazón?» (cf. Nican Mopohua, 107.118). «¿Acaso no estoy yo aquí, yo que tengo el honor de ser tu madre?» (ibíd., 119). Ella nos dice que tiene el «honor» de ser nuestra madre. Eso nos da la certeza de que las lágrimas de los que sufren no son estériles. Son una oración silenciosa que sube hasta el cielo y que en María encuentra siempre lugar en su manto. En ella y con ella, Dios se hace hermano y compañero de camino, carga con nosotros las cruces para no quedar aplastados por nuestros dolores. ¿Acaso no soy yo tu madre? ¿No estoy aquí? No te dejes vencer por tus dolores, tristezas, nos dice. Hoy nuevamente nos vuelve a enviar; como a Juanito, hoy nuevamente nos vuelve a decir, sé mi embajador, sé mi enviado a construir tantos y nuevos santuarios, acompañar tantas vidas, consolar tantas lágrimas.

Tan sólo camina por los caminos de tu vecindario, de tu comunidad, de tu parroquia como mi embajador, mi embajadora; levanta santuarios compartiendo la alegría de saber que no estamos solos, que ella va con nosotros. Sé mi embajador, nos dice, dando de comer al hambriento, de beber al sediento, da lugar al necesitado, viste al desnudo y visita al enfermo. Socorre al que está preso, no lo dejes solo, perdona al que te lastimó, consueta al que está triste, ten paciencia con los demás y, especialmente, pide y ruega a nuestro Dios. Y en silencio le decimos lo que nos venga al corazón ¿Acaso no soy yo tu madre? ¿Acaso no estoy yo aquí?, nos vuelve a decir María. Anda a construir mi santuario, ayúdame a levantar la vida de mis hijos, que son tus hermanos.

HOMILÍA EN LA SANTA MISA EN EL ÁREA DEL CENTRO DE ESTUDIOS DE ECATEPEC

Domingo 14 de febrero de 2016

El miércoles pasado hemos comenzado el tiempo litúrgico de la Cuaresma, en el que la Iglesia nos invita a prepararnos para celebrar la gran fiesta de la Pascua. Tiempo especial para recordar el regalo de nuestro bautismo, cuando fuimos hechos hijos de Dios. La Iglesia nos invita a reavivar el don que se nos ha obsequiado para no dejarlo dormido como algo del pasado o en algún «cajón de los recuerdos». Este tiempo de Cuaresma es un buen momento para recuperar

la alegría y la esperanza que hace sentirnos hijos amados del Padre. Este Padre que nos espera para sacarnos las ropas del cansancio, de la apatía, de la desconfianza y así vestirnos con la dignidad que solo un verdadero padre o madre sabe darle a sus hijos, las vestimentas que nacen de la ternura y del amor.

Nuestro Padre es el Padre de una gran familia, es nuestro Padre. Sabe tener un amor único pero no sabe generar y criar «hijos únicos» entre nosotros. Es un Dios que sabe de hogar, de hermandad, de pan partido y compartido. Es el Dios del Padre nuestro no del «padre mío» y «padrastra vuestro». En cada uno de nosotros anida, vive ese sueño de Dios que en cada Pascua, en cada eucaristía lo volvemos a celebrar, somos hijos de Dios. Sueño con el que han vivido tantos hermanos nuestros a lo largo y ancho de la historia. Sueño testimoniado por la sangre de tantos mártires de ayer y de hoy. Cuaresma, tiempo de conversión porque a diario hacemos experiencia en nuestra vida de cómo ese sueño se vuelve continuamente amenazado por el padre de la mentira, escuchamos en el evangelio lo que hacía con Jesús por aquel que busca separarnos, generando una sociedad dividida y enfrentada. Una sociedad de pocos y para pocos.

Cuántas veces experimentamos en nuestra propia carne, o en la de nuestra familia, en la de nuestros amigos o vecinos, el dolor que nace de no sentir reconocida esa dignidad que todos llevamos dentro. Cuántas veces hemos tenido que llorar y arrepentirnos por darnos cuenta que no hemos reconocido esa dignidad en otros. Cuántas veces —y con dolor lo digo— somos ciegos e inmunes ante la falta del reconocimiento de la dignidad propia y ajena. Cuaresma, tiempo para ajustar los sentidos, abrir los ojos frente a tantas injusticias que atentan directamente contra el sueño y el proyecto de Dios. Tiempo para desenmascarar esas tres grandes formas de tentaciones que rompen, dividen la imagen que Dios ha querido plasmar.

Las Tres tentaciones que sufrió Cristo. Tres tentaciones del cristiano que intentan arruinar la verdad a la que hemos sido llamados. Tres tentaciones que buscan degradar y degradarnos. Primera: La riqueza, adueñándonos de bienes que han sido dados para todos y utilizándolos tan sólo para mí o «para los míos». Es tener el «pan» a base del sudor del otro, o hasta de su propia vida. Esa riqueza que es el pan con sabor a dolor, amargura, a sufrimiento. En una familia o en una sociedad corrupta ese es el pan que se le da de comer a los propios hijos. Segunda tentación: La vanidad, esa búsqueda de prestigio en base a la descalificación continua y constante de los que «no son como uno». La búsqueda exacerbada de esos cinco minutos de fama que no perdona la «fama» de los demás, «haciendo leña del árbol caído», va dejando paso a la tercera tentación, la peor, la del orgullo, o sea, ponerse en un plano de superioridad del tipo que fuese, sintiendo que no se comparte la «común vida de los mortales», y que reza todos los días: «Gracias te doy Señor porque no me has hecho como ellos».

Tres tentaciones de Cristo, Tres tentaciones a las que el cristiano se enfrenta diariamente. Tres tentaciones que buscan degradar, destruir y sacar la alegría y la frescura del Evangelio. Que nos encierran en un círculo de destrucción y de pecado. Vale la pena que nos preguntemos: ¿Hasta dónde somos conscientes de estas tentaciones en nuestra persona, en nosotros mismos? ¿Hasta dónde nos hemos habituado a un estilo de vida que piensa que en la riqueza, en la vanidad y en el orgullo está la fuente y la fuerza de la vida? ¿Hasta dónde creemos que el cuidado del otro, nuestra preocupación y ocupación por el pan, el nombre y la dignidad de los demás son fuentes de alegría y esperanza para vencer esas tentaciones? Hemos optado por Jesús y no por el demonio. Si nos acordamos lo que escuchamos en el Evangelio, Jesús no le contesta al demonio con ninguna palabra propia sino que le contesta con las palabra de Dios con las palabra de la escritura. Porque hermanos y hermanas metámoslo en la cabeza con el demonio no se dialoga,

no se pueda dialogar porque nos va a ganar siempre, solamente la fuerza de la palabra de Dios lo puede derrotar. Hemos optado por Jesús y no por el demonio.

Queremos seguir sus huellas pero sabemos que no es fácil. Sabemos lo que significa ser seducidos por el dinero, la fama y el poder. Por eso, la Iglesia nos regala este tiempo, nos invita a la conversión con una sola certeza: Él nos está esperando y quiere sanar nuestros corazones de todo lo que degrada, degradándose o degradando a otros. Es el Dios que tiene un nombre: misericordia. Su nombre es nuestra riqueza, su nombre es nuestra fama, su nombre es nuestro poder y en su nombre una vez más volvemos a decir con el salmo: «Tú eres mi Dios y en ti confío». ¿Se animan a repetirlo juntos tres veces? «Tú eres mi Dios y en ti confío». Que en esta eucaristía el Espíritu Santo renueve en nosotros la certeza de que su nombre es misericordia, y nos haga experimentar cada día que «el Evangelio llega y llena el corazón y la vida de los que se encuentran con Jesús... sabiendo que con Él y en Él siempre renace la alegría» (Evangelii gaudium, 1)

HOMILÍA EN LA SANTA MISA CON LAS COMUNIDADES INDÍGENAS DE CHIAPAS EN EL CENTRO DEPORTIVO MUNICIPAL EN SAN CRISTÓBAL DE LAS CASAS

Lunes 15 de febrero de 2016

Li smantal Kajvaltike toj lek – la ley del Señor es perfecta del todo y reconforta el alma, así comenzaba el salmo que hemos escuchado. La ley del Señor es perfecta; y el salmista se encarga de enumerar todo lo que esa ley genera al que la escucha y la sigue: reconforta el alma, hace sabio al sencillo, alegra el corazón, es luz para alumbrar el camino. Esa es la ley que el Pueblo de Israel había recibido de mano de Moisés, una ley que ayudaría al Pueblo de Dios a vivir en la libertad a la que habían sido llamados. Ley que quería ser luz para sus pasos y acompañar el peregrinar de su Pueblo.

Un Pueblo que había experimentado la esclavitud y el despotismo del Faraón, que había experimentado el sufrimiento y el maltrato hasta que Dios dice basta, hasta que Dios dice: ¡No más! He visto la aflicción, he oído el clamor, he conocido su angustia (cf. Ex 3,9). Y ahí se manifiesta el rostro de nuestro Dios, el rostro del Padre que sufre ante el dolor, el maltrato, la inequidad en la vida de sus hijos; y su Palabra, su ley, se volvía símbolo de libertad, símbolo de alegría, de sabiduría y de luz. Experiencia, realidad que encuentra eco en esa expresión que nace de la sabiduría acuñada en estas tierras desde tiempos lejanos, y que reza en el Popol Vuh de la siguiente manera: El alba sobrevino sobre las tribus juntas. La faz de la tierra fue enseguida saneada por el sol (33). El alba sobrevino para los pueblos que una y otra vez han caminado en las distintas tinieblas de la historia.

En esta expresión, hay un anhelo de vivir en libertad, hay un anhelo que tiene sabor a tierra prometida donde la opresión, el maltrato y la degradación no sean moneda corriente. En el corazón del hombre y en la memoria de muchos de nuestros pueblos está inscrito el anhelo de una tierra, de un tiempo donde la desvalorización sea superada por la fraternidad, la injusticia sea vencida por la solidaridad y la violencia sea callada por la paz. Nuestro Padre no sólo comparte ese anhelo, Él mismo lo ha estimulado y lo estimula al regalarnos a su hijo Jesucristo. En Él encontramos la solidaridad del Padre caminando a nuestro lado. En Él vemos cómo esa ley perfecta toma carne, toma rostro, toma la historia para acompañar y sostener a su Pueblo;

se hace Camino, se hace Verdad, se hace Vida, para que las tinieblas no tengan la última palabra y el alba no deje de venir sobre la vida de sus hijos.

De muchas maneras y de muchas formas se ha querido silenciar y callar este anhelo, de muchas maneras han intentado anestesiar el alma, de muchas formas han pretendido aletargar y adormecer la vida de nuestros niños y jóvenes con la insinuación de que nada puede cambiar o de que son sueños imposibles. Frente a estas formas, la creación también sabe levantar su voz; «esta hermana clama por el daño que le provocamos a causa del uso irresponsable y del abuso de los bienes que Dios ha puesto en ella. Hemos crecido pensando que éramos sus propietarios y dominadores, autorizados a expoliarla. La violencia que hay en el corazón humano, herido por el pecado, también se manifiesta en los síntomas de enfermedad que advertimos en el suelo, en el agua, en el aire y en los seres vivientes. Por eso, entre los pobres más abandonados y maltratados, está nuestra oprimida y devastada tierra, que “gime y sufre dolores de parto” (Rm 8,22)» (Laudato si’, 2).

El desafío ambiental que vivimos, y sus raíces humanas, nos impactan a todos (cf. Laudatosi’, 14) y nos interpelan. Ya no podemos hacernos los sordos frente a una de las mayores crisis ambientales de la historia. En esto ustedes tienen mucho que enseñarnos, que enseñar a la humanidad. Sus pueblos, como han reconocido los obispos de América Latina, saben relacionarse armónicamente con la naturaleza, a la que respetan como «fuente de alimento, casa común y altar del compartir humano» (Aparecida, 472). Sin embargo, muchas veces, de modo sistemático y estructural, vuestros pueblos han sido incomprendidos y excluidos de la sociedad. Algunos han considerado inferiores sus valores, sus culturas y sus tradiciones. Otros, mareados por el poder, el dinero y las leyes del mercado, los han despojado de sus tierras o han realizado acciones que los contaminaban. ¡Qué tristeza! Qué bien nos haría a todos hacer un examen de conciencia y aprender a decir: ¡Perdón!, perdón hermanos. El mundo de hoy, despojado por la cultura del descarte, los necesita a ustedes.

Los jóvenes de hoy, expuestos a una cultura que intenta suprimir todas las riquezas, características y diversidades culturales en pos de un mundo homogéneo, necesitan estos jóvenes que no se pierda la sabiduría de sus ancianos. El mundo de hoy, preso del pragmatismo, necesita reaprender el valor de la gratuidad. Estamos celebrando la certeza de que «el Creador no nos abandona, nunca hizo marcha atrás en su proyecto de amor, que no se arrepiente de habernos creado» (Laudato si’, 13).

Celebramos que Jesucristo sigue muriendo y resucitado en cada gesto que tengamos con el más pequeño de nuestros hermanos. Animémonos a seguir siendo testigos de su Pasión, de su Resurrección haciendo carne Li smantal Kajvaltike toj lek – la ley del Señor que es perfecta del todo y reconforta el alma.

HOMILÍA EN LA SANTA MISA CON SACERDOTES, RELIGIOSOS, RELIGIOSAS, CONSAGRADOS Y SEMINARISTAS

Martes 16 de febrero de 2016

Hay un dicho entre nosotros que dice así: «Dime cómo rezas y te diré cómo vives, dime cómo vives y te diré cómo rezas», porque mostrándome cómo rezas, aprenderé a descubrir el Dios que vives y, mostrándome cómo vives, aprenderé a creer en el Dios al que rezas»; porque

nuestra vida habla de la oración y la oración habla de nuestra vida. A rezar se aprende, como aprendemos a caminar, a hablar, a escuchar. La escuela de la oración es la escuela de la vida y en la escuela de la vida es donde vamos haciendo la escuela de la oración. Y Pablo a su discípulo predilecto Timoteo, cuando le enseñaba o le exhortaba a vivir la fe, le decía acuérdate de tu madre y de tu abuela. Y a los seminaristas cuando entran al seminario muchas veces me preguntaban Padre pero yo quisiera tener una oración más profunda, más mental. Mira sigue rezando como te enseñaron en tu casa y después poco a poco tu oración irá creciendo como tu vida fue creciendo. A rezar se aprende como en la vida.

Jesús quiso introducir a los suyos en el misterio de la Vida, en el misterio de su vida. Les mostró comiendo, durmiendo, curando, predicando, rezando, qué significa ser Hijo de Dios. Los invitó a compartir su vida, su intimidad y estando con Él, los hizo tocar en su carne la vida del Padre. Los hace experimentar en su mirada, en su andar la fuerza, la novedad de decir: «Padre nuestro». En Jesús, esta expresión no tiene el «gustillo» de la rutina o de la repetición, al contrario, tiene sabor a vida, a experiencia, a autenticidad. Él supo vivir rezando y rezar viviendo, diciendo: Padre nuestro. Y nos ha invitado a nosotros a lo mismo. Nuestra primera llamada es a hacer experiencia de ese amor misericordioso del Padre en nuestra vida, en nuestra historia. Su primera llamada es introducirnos en esa nueva dinámica de amor, de filiación. Nuestra primera llamada es aprender a decir «Padre nuestro», como Pablo insiste, Abba.

¡Ay de mí sino evangelizara!, dice Pablo. ¡Ay de mí! porque evangelizar -prosigue- no es motivo de gloria sino de necesidad (cf. 1 Co 9,16). Nos ha invitado a participar de su vida, de la vida divina, ay de nosotros si no la compartimos, ay de nosotros consagrados, consagradas, seminaristas, obispos, ay de nosotros si no la compartimos, ay de nosotros si no somos testigos de lo que hemos visto y oído, ay de nosotros. No queremos ser funcionarios de lo divino, no somos ni queremos ser nunca empleados de la empresa de Dios, porque somos invitados a participar de su vida, somos invitados a introducirnos en su corazón, un corazón que reza y vive diciendo: «Padre nuestro». ¿Y qué es la misión sino decir con nuestra vida, desde el principio hasta el final como nuestro hermano obispo que murió anoche, que es la misión sino decir con nuestra vida: «Padre nuestro»?

A este Padre nuestro es a quien rezamos con insistencia todos los días: y que le decimos en una de esas cosas no nos dejes caer en la tentación. El mismo Jesús lo hizo. Él rezó para que sus discípulos -de ayer y de hoy- no cayéramos en la tentación. ¿Cuál puede ser una de las tentaciones que nos pueden asediar? ¿Cuál puede ser una de las tentaciones que brota no sólo de contemplar la realidad sino de caminarla? ¿Qué tentación nos puede venir de ambientes muchas veces dominados por la violencia, la corrupción, el tráfico de drogas, el desprecio por la dignidad de la persona, la indiferencia ante el sufrimiento y la precariedad?

¿Qué tentación podemos tener nosotros una y otra vez, nosotros llamados a la vida consagrada, al presbiterado, al episcopado, que tentación podemos tener frente a todo esto, frente a esta realidad que parece haberse convertido en un sistema inamovible? Creo que la podríamos resumir con una sola palabra: resignación. Y frente a esta realidad nos puede ganar una de las armas preferidas del demonio, la resignación. ¿Y qué le vas a hacer?, la vida es así. Una resignación que nos paraliza y nos impide no sólo caminar, sino también hacer camino; una resignación que no sólo nos atemoriza, sino que nos atrinchera en nuestras «sacristías» y aparentes seguridades; una resignación que no sólo nos impide anunciar, sino que nos impide alabar. Nos quita la alegría, el gozo de la alabanza. Una resignación que no sólo nos impide proyectar, sino que nos frena para arriesgar y transformar.

Por eso, Padre nuestro, no nos dejes caer en la tentación. Qué bien nos hace apelar en los momentos de tentación a nuestra memoria. Cuánto nos ayuda el mirar la «madera» de la que fuimos hechos. No todo ha comenzado con nosotros, y tampoco todo terminará con nosotros, por eso cuánto bien nos hace recuperar la historia que nos ha traído hasta acá. Y, en este hacer memoria, no podemos saltarnos a alguien que amó tanto este lugar que se hizo hijo de esta tierra. A alguien que supo decir de sí mismo: «Me arrancaron de la magistratura y me pusieron en el timón del sacerdocio, por mérito de mis pecados. A mí, inútil y enteramente inhábil para la ejecución de tan grande empresa; a mí, que no sabía manejar el remo, me eligieron primer Obispo de Michoacán» (Vasco Vázquez de Quiroga, Carta pastoral, 1554).

Agradezco, paréntesis, al Señor Cardenal Arzobispo que haya querido que se celebrase esta Eucaristía con el báculo de este hombre y el cáliz de él. Con ustedes quiero hacer memoria de este evangelizador, conocido también como Tata Vasco, como «el español que se hizo indio». La realidad que vivían los indios Purhépechas descritos por él como «vendidos, vejados y vagabundos por los mercados, recogiendo las arrebañaduras tiradas por los suelos», lejos de llevarlo a la tentación y de la acedia de la resignación, movió su fe, movió su vida, movió su compasión y lo impulsó a realizar diversas propuestas que fuesen de «respiro» ante esta realidad tan paralizante e injusta.

El dolor del sufrimiento de sus hermanos se hizo oración y la oración se hizo respuesta. Y eso le ganó el nombre entre los indios del «Tata Vasco», que en lengua purhépecha significa: Papá. Padre, papá, tata, abba. Esa es la oración, esa es la expresión a la que Jesús nos invitó. Padre, papá, abba, no nos dejes caer en la tentación de la resignación, no nos dejes caer en la tentación de la asedia, no nos dejes caer en la tentación de la pérdida de la memoria, no nos dejes caer en la tentación de olvidarnos de nuestros mayores que nos enseñaron con su vida a decir: Padre Nuestro.

HOMILÍA EN LA SANTA MISA EN LA FERIA DE CIUDAD JUÁREZ

Miércoles 17 de febrero de 2016

La gloria de Dios es la vida del hombre, así lo decía San Ireneo en el siglo II, expresión que sigue resonando en el corazón de la Iglesia. La gloria del Padre es la vida de sus hijos. No hay gloria más grande para un padre que ver la realización de los suyos; no hay satisfacción mayor que verlos salir adelante, verlos crecer y desarrollarse. Así lo atestigua la primera lectura que escuchamos. Nínive, una gran ciudad que se estaba autodestruyendo, fruto de la opresión y la degradación, de la violencia y de la injusticia. La gran capital tenía los días contados, ya que no era sostenible la violencia generada en sí misma.

Ahí aparece el Señor moviendo el corazón de Jonás, ahí aparece el Padre invitando y enviando su mensajero. Jonás es convocado para recibir una misión. Ve, le dice, porque «dentro de cuarenta días, Nínive será destruida» (Jon 3,4). Ve, ayúdalos a comprender que con esa manera de tratarse, regularse, organizarse, lo único que están generando es muerte y destrucción, sufrimiento y opresión. Hazles ver que no hay vida para nadie, ni para el rey ni para el súbdito, ni para los campos ni para el ganado. Ve y anuncia que se han acostumbrado de tal manera a la degradación que ha perdido la sensibilidad ante el dolor. Ve y díles que la injusticia se ha instalado en su mirada. Por eso va Jonás. Dios lo envía a evidenciar lo que estaba sucediendo, lo envía a despertar a un pueblo ebrio de sí mismo.

Y en este texto nos encontramos frente al misterio de la misericordia divina. La misericordia rechaza siempre la maldad, tomando muy en serio al ser humano. Apela siempre a la bondad de cada persona aunque esté dormida, anestesiada. Lejos de aniquilar, como muchas veces pretendemos o queremos hacerlo nosotros, la misericordia se acerca a toda situación para transformarla desde adentro. Ese es precisamente el misterio de la misericordia divina. Se acerca, invita a la conversión, invita al arrepentimiento; invita a ver el daño que a todos los niveles se está causando.

La misericordia siempre entra en el mal para transformarlo. Misterio de nuestro Padre Dios, envía a su Hijo que se metió en el mal, se hizo pecado para transformar el mal. Esa es su misericordia. El rey escuchó, los habitantes de la ciudad reaccionaron y se decretó el arrepentimiento. La misericordia de Dios entró en el corazón revelando y manifestando lo que será nuestra certeza y nuestra esperanza: siempre hay posibilidad de cambio, estamos a tiempo de reaccionar y transformar, modificar y cambiar, convertir lo que nos está destruyendo como pueblo, lo que nos está degradando como humanidad. La misericordia nos alienta a mirar el presente y confiar en lo sano y bueno que late en cada corazón. La misericordia de Dios es nuestro escudo y nuestra fortaleza.

Jonás ayudó a ver, ayudó a tomar conciencia. Acto seguido, su llamada encuentra hombres y mujeres capaces de arrepentirse, capaces de llorar. Llorar por la injusticia, llorar por la degradación, llorar por la opresión. Son las lágrimas las que pueden darle paso a la transformación, son las lágrimas las que pueden ablandar el corazón, son las lágrimas las que pueden purificar la mirada y ayudar a ver el círculo de pecado en que muchas veces se está sumergido. Son las lágrimas las que logran sensibilizar la mirada y la actitud endurecida y especialmente adormecida ante el sufrimiento ajeno.

Son las lágrimas las que pueden generar una ruptura capaz de abrirnos a la conversión. Así le pasó a Pedro, después de haber renegado de Jesús, lloró y las lágrimas le abrieron el corazón. Que esta palabra suene con fuerza hoy entre nosotros, esta palabra es la voz que grita en el desierto y nos invita a la conversión. En este Año de la Misericordia, y en este lugar, quiero con ustedes implorar la misericordia divina, quiero pedir con ustedes el don de las lágrimas, el don de la conversión.

Aquí en Ciudad Juárez, como en otras zonas fronterizas, se concentran miles de migrantes de Centroamérica y otros países, sin olvidar tantos mexicanos que también buscan pasar «al otro lado». Un paso, un camino cargado de terribles injusticias: esclavizados, secuestrados, extorsionados, muchos hermanos nuestros son fruto del negocio de tráfico humano, de la trata de personas. No podemos negar la crisis humanitaria que en los últimos años ha significado la migración de miles de personas, ya sea por tren, por carretera e incluso a pie, atravesando cientos de kilómetros por montañas, desiertos, caminos inhóspitos.

Esta tragedia humana que representa la migración forzada hoy en día es un fenómeno global. Esta crisis, que se puede medir en cifras, nosotros queremos medirla por nombres, por historias, por familias. Son hermanos y hermanas que salen expulsados por la pobreza y la violencia, por el narcotráfico y el crimen organizado. Frente a tantos vacíos legales, se tiende una red que atrapa y destruye siempre a los más pobres. No sólo sufren la pobreza sino que además tienen que sufrir todas estas formas de violencia. Injusticia que se radicaliza en los jóvenes, ellos, «carne de cañón», son perseguidos y amenazados cuando tratan de salir de la espiral de

violencia y del infierno de las drogas. ¡Y qué decir de tantas mujeres a quienes les han arrebatado injustamente la vida!

Pidámosle a nuestro Dios el don de la conversión, el don de las lágrimas, pidámosle tener el corazón abierto, como los ninivitas, a su llamado en el rostro sufriente de tantos hombres y mujeres. ¡No más muerte ni explotación! Siempre hay tiempo de cambiar, siempre hay una salida, siempre hay una oportunidad, siempre hay tiempo de implorar la misericordia del Padre. Como sucedió en tiempo de Jonás, hoy también apostamos por la conversión; hay signos que se vuelven luz en el camino y anuncio de salvación.

Sé del trabajo de tantas organizaciones de la sociedad civil a favor de los derechos de los migrantes. Sé también del trabajo comprometido de tantas hermanas religiosas, de religiosos y sacerdotes, de laicos que se la juegan en el acompañamiento y en la defensa de la vida. Asisten en primera línea arriesgando muchas veces la propia vida suya. Con sus vidas son profetas de la misericordia, son el corazón comprensivo y los pies acompañantes de la Iglesia que abre sus brazos y sostiene.

Es tiempo de conversión, es tiempo de salvación, es tiempo de misericordia. Por eso, digamos junto al sufrimiento de tantos rostros: «Por tu inmensa compasión y misericordia, Señor apiádate de nosotros... purifícanos de nuestros pecados y crea en nosotros un corazón puro, un espíritu nuevo» (cf. Sal 50/51,3.4.12). Y también deseo en este momento saludar desde aquí a nuestros queridos hermanos y hermanas que nos acompañan simultáneamente al otro lado de la frontera, en especial a aquellos que se han congregado en el estadio de la Universidad del Paso conocido como el Sun Bowl. Bajo la guía de su Obispo, Mons. Mark Seitz. Gracias a la ayuda de la tecnología podemos orar, cantar y celebrar juntos ese amor misericordioso que el Señor nos da y que ninguna frontera podrá impedirnos compartir, Gracias hermanos y hermanas, gracias hermanos y hermanas de El Paso por hacernos sentir una misma familia y una misma comunidad cristiana.

EQUADOR

HOMILÍA. SANTA MISA EN EL PARQUE DE LOS SAMANES. GUAYAQUIL

Lunes 6 de julio de 2015

El pasaje del Evangelio que acabamos de escuchar es el primer signo portentoso que se realiza en la narración del Evangelio de Juan. La preocupación de María, convertida en súplica a Jesús: «No tienen vino» le dijo y la referencia a «la hora» se comprenderá, después en los relatos de la Pasión. Está bien que sea así, porque eso nos permite ver el afán de Jesús por enseñar, acompañar, sanar y alegrar desde ese clamor de su madre: «No tienen vino». Las bodas de Caná se repiten con cada generación, con cada familia, con cada uno de nosotros y nuestros intentos por hacer que nuestro corazón logre asentarse en amores duraderos, en amores fecundos y en amores alegres.

Demos un lugar a María, «la madre» como lo dice el evangelista. Hagamos con ella, ahora, el itinerario de Caná. María está atenta, atenta en esas bodas ya comenzadas, es solícita a las necesidades de los novios. No se ensimisma, no se enfrasca en su mundo, su amor la hace «ser

hacia» los otros, tampoco busca a las amigas para comentar lo que está pasando y criticar, la mala preparación de las bodas y como está atenta con su discreción se da cuenta de que falta el vino. El vino es signo de alegría, de amor, de abundancia. Cuántos de nuestros adolescentes y jóvenes perciben que en sus casas hace rato que ya no hay de ese vino.

Cuánta mujer sola y entristecida se pregunta cuándo el amor se fue, ¿cuándo el amor se escurrió de su vida? Cuántos ancianos se sienten dejados fuera de la fiesta de sus familias, arrinconados y ya sin beber del amor cotidiano de sus hijos, de sus nietos, de sus bisnietos. También la carencia de ese vino puede ser el efecto de la falta de trabajo, de las enfermedades, de situaciones problemáticas que nuestras familias en todo el mundo atraviesan. María no es una madre «reclamadora», tampoco es una suegra que vigila para solazarse de nuestras impericias, de nuestros errores o desatenciones. ¡María simplemente es madre!: Ahí está, atenta y solícita.

Es lindo escuchar esto, María es Madre, ¿se animan a decirlo todos juntos conmigo? ¡Vamos!: María es Madre. Otra vez: María es Madre, otra vez: María es Madre. Pero María, en ese momento que se percató que falta el vino acude con confianza a Jesús, esto significa que María reza. Va a Jesús, reza. No va al mayordomo; directamente le presenta la dificultad de los esposos a su Hijo. La respuesta que recibe parece desalentadora: «¿Qué podemos hacer tú y yo? Todavía no ha llegado mi hora» (Jn 2,4). Pero, entre tanto, ya ha dejado el problema en las manos de Dios. Su apuro por las necesidades de los demás apresura la «hora» de Jesús. Y María es parte de esa hora, desde el pesebre a la cruz.

Ella que supo «transformar una cueva de animales en la casa de Jesús, con unos pobres pañales y una montaña de ternura» (Evangelií Gaudium, 286) y nos recibió como hijos cuando una espada le atravesaba el corazón, a su Hijo, Ella nos enseña a dejar nuestras familias en manos de Dios; nos enseña a rezar, encendiendo la esperanza que nos indica que nuestras preocupaciones también son preocupaciones de Dios.

Y rezar siempre nos saca del perímetro de nuestros desvelos, nos hace trascender lo que nos duele, lo que nos agita o lo que nos falta a nosotros mismos y nos ayuda a ponernos en la piel de los otros, a ponernos en sus zapatos. La familia es una escuela donde la oración también nos recuerda que hay un nosotros, que hay un prójimo cercano, patente: que vive bajo el mismo techo y que comparte la vida y está necesitado.

Y finalmente, María actúa. Las palabras «Hagan lo que Él les diga» (v. 5), dirigidas a los que servían, son una invitación también a nosotros, a ponernos a disposición de Jesús, que vino a servir y no a ser servido. El servicio es el criterio del verdadero amor. El que ama sirve, se pone al servicio de los demás Y esto se aprende especialmente en la familia, donde nos hacemos, por amor, servidores unos de otros.

En el seno de la familia, nadie es descartado, todos valen lo mismo, me acuerdo que una vez a mi mamá le preguntaron: ¿A cuál de sus cinco hijos (nosotros somos cinco hermanos), a cuál de sus cinco hijos quería más? Y ella dijo: “como los dedos, si me pinchan este, me duele lo mismo que si me pinchan este una madre quiere a sus hijos como son y en una familia los hermanos se quieren como son nadie es descartado, allí en la familia «se aprende a pedir permiso sin avasallar, a decir “gracias” como expresión de una sentida valoración de las cosas que recibimos, a dominar la agresividad o la voracidad, y allí se aprende también a pedir perdón cuando hacemos algún daño y nos peleamos, porque en toda familia hay peleas el problema es después pedir perdón.

Estos pequeños gestos de sincera cortesía ayudan a construir una cultura de la vida compartida y del respeto a lo que nos rodea» (Laudato si', 213). La familia es el hospital más cercano, cuando uno está enfermo lo cuidan ahí mientras se puede, la familia es la primera escuela de los niños, es el grupo de referencia imprescindible para los jóvenes, es el mejor asilo para los ancianos. La familia constituye la gran «riqueza social», que otras instituciones no pueden sustituir, que debe ser ayudada y potenciada, para no perder nunca el justo sentido de los servicios que la sociedad presta a sus ciudadanos.

En efecto, estos servicios que la sociedad presta a los ciudadanos, estos no son una forma de limosna, sino una verdadera «deuda social» respecto a la institución familiar, que es la base y la que tanto aporta al bien común de todos. La familia también forma una pequeña Iglesia, la llamamos «Iglesia doméstica» que, junto con la vida, encauza la ternura y la misericordia divina.

En la familia la fe se mezcla con la leche materna: experimentando el amor de los padres se siente más cercano el amor de Dios. Y en la familia y de esto todos somos testigos los milagros se hacen con lo que hay, con lo que somos, con lo que uno tiene a mano y muchas veces no es el ideal, no es lo que soñamos, ni lo que «debería ser». Hay un detalle que nos tiene que hacer pensar: el vino nuevo ese vino tan nuevo que dice el Mayordomo en las bodas de Caná nace de las tinajas de purificación, es decir, del lugar donde todos habían dejado su pecado, nacen de lo peorcito porque «donde abundó el pecado, sobreabundó la gracia» (Rm 5,20), y en la familia de cada uno de nosotros y en la familia común que formamos todos, nada se descarta, nada es inútil.

Poco antes de comenzar el Año Jubilar de la Misericordia, la Iglesia celebrará el Sínodo Ordinario dedicado a las familias, para madurar un verdadero discernimiento espiritual y encontrar soluciones y ayudas concretas a las muchas dificultades e importantes desafíos que la familia hoy debe afrontar. Les invito a intensificar su oración por esta intención, para que aun aquello que nos parezca impuro, el agua de las tinajas, nos escandalice o espante, Dios – haciéndolo pasar por su «hora»– lo pueda transformar en milagro.

La familia hoy necesita de este milagro. Y toda esta historia comenzó porque «no tenían vino», y todo se pudo hacer porque una mujer –la Virgen– estuvo atenta, supo poner en manos de Dios sus preocupaciones, y actuó con sensatez y coraje. Pero hay un detalle, no es menor el dato final: gustaron el mejor de los vinos. Y esa es la buena noticia: el mejor de los vinos está por ser tomado, lo más lindo, lo más profundo y lo más bello para la familia está por venir.

Está por venir el tiempo donde gustamos el amor cotidiano, donde nuestros hijos redescubren el espacio que compartimos, y los mayores están presentes en el gozo de cada día. El mejor de los vinos está en la esperanza, está por venir para cada persona que se arriesga al amor. Y en la familia hay que arriesgarse al amor, hay que arriesgarse a amar. Y el mejor de los vinos está por venir aunque todas las variables y estadísticas digan lo contrario; el mejor vino está por venir en aquellos que hoy ven derrumbarse todo.

Murmúrenlo hasta creérselo: el mejor vino está por venir. Murmúrenselo cada uno en su corazón: El mejor vino está por venir. Y susúrenselo a los desesperados o a los desamorados. Ten Paciencia, ten esperanza, haz como María, reza actúa, abre tu corazón, porque el mejor vino va a venir.

Dios siempre se acerca a las periferias de los que se han quedado sin vino, los que sólo tienen para beber desalientos; Jesús siente debilidad por derrochar el mejor de los vinos con aquellos a los que por una u otra razón, ya sienten que se les han roto todas las tinajas. Como María nos invita, hagamos «lo que el Señor nos diga», lo que Él nos diga y agradezcamos que en este nuestro tiempo y nuestra hora, el vino nuevo, el mejor, nos haga recuperar el gozo de ser familia, el gozo de vivir en familia. Que así sea.

HOMILÍA. SANTA MISA EN EL PARQUE DEL BICENTENARIO. QUITO

Martes 7 de julio de 2015

La palabra de Dios nos invita a vivir la unidad para que el mundo crea. Me imagino ese susurro de Jesús en la última Cena como un grito en esta misa que celebramos en «El Parque Bicentenario». Imaginémoslo juntos. El Bicentenario de aquel Grito de Independencia de Hispanoamérica. Ése fue un grito, nacido de la conciencia de la falta de libertades, de estar siendo exprimidos, saqueados, «sometidos a conveniencias circunstanciales de los poderosos de turno» (Evangelii Gaudium 213).

Quisiera que hoy los dos gritos concuerden bajo el hermoso desafío de la evangelización. No desde palabras altisonantes, ni con términos complicados, sino que nazca de «la alegría del Evangelio», que «llena el corazón y la vida entera de los que se encuentran con Jesús. Quienes se dejan salvar por Él son liberados del pecado, de la tristeza, del vacío interior, del aislamiento» de la conciencia aislada (Evangelii Gaudium 1). Nosotros, aquí reunidos, todos juntos alrededor de la mesa con Jesús somos un grito, un clamor nacido de la convicción de que su presencia nos impulsa a la unidad, «señala un horizonte bello, ofrece un banquete deseable» (Evangelii Gaudium 14).

«Padre, que sean uno para que el mundo crea», así lo deseó mirando al cielo. A Jesús le brota este pedido en un contexto de envío: Como tú me has enviado al mundo, yo también los he enviado al mundo. En ese momento, el Señor está experimentando en carne propia lo peorcito de este mundo al que ama, aun así, con locura: intrigas, desconfianzas, traición, pero no esconde la cabeza, no se lamenta. También nosotros constatamos a diario que vivimos en un mundo lacerado por las guerras y la violencia. Sería superficial pensar que la división y el odio afectan sólo a las tensiones entre los países o los grupos sociales.

En realidad, son manifestación de ese «difuso individualismo» que nos separa y nos enfrenta (cf. Evangelii Gaudium, 99), son manifestación de la herida del pecado en el corazón de las personas, cuyas consecuencias sufre también la sociedad y la creación entera. Precisamente, a este mundo desafiante, con sus egoísmos Jesús nos envía, y nuestra respuesta no es hacernos los distraídos, argüir que no tenemos medios o que la realidad nos sobrepasa. Nuestra respuesta repite el clamor de Jesús y acepta la gracia y la tarea de la unidad. A aquel grito de libertad prorrumpido hace poco más de 200 años no le faltó ni convicción ni fuerza, pero la historia nos cuenta que sólo fue contundente cuando dejó de lado los personalismos, el afán de liderazgos únicos, la falta de comprensión de otros procesos libertarios con características distintas pero no por eso antagónicas.

Y la evangelización puede ser vehículo de unidad de aspiraciones, sensibilidades, ilusiones y hasta de ciertas utopías. Claro que sí; eso creemos y gritamos. «Mientras en el mundo,

especialmente en algunos países, reaparecen diversas formas de guerras y enfrentamientos, los cristianos queremos insistir en nuestra propuesta de reconocer al otro, de sanar las heridas, de construir puentes, de estrechar lazos y de ayudarnos “mutuamente a llevar las cargas”» (Evangelii Gaudium 67). El anhelo de unidad supone la dulce y confortadora alegría de evangelizar, la convicción de tener un inmenso bien que comunicar, y que comunicándolo, se arraiga; y cualquier persona que haya vivido esta experiencia adquiere más sensibilidad para las necesidades de los demás (cf. Evangelii Gaudium 9).

De ahí, la necesidad de luchar por la inclusión a todos los niveles, luchar por la inclusión a todos los niveles evitando egoísmos, promoviendo la comunicación y el diálogo, incentivando la colaboración. Hay que confiar el corazón al compañero de camino sin recelos, sin desconfianzas. «Confiarse al otro es algo artesanal, porque la paz es algo artesanal» (Evangelii Gaudium 244), es impensable que brille la unidad si la mundanidad espiritual nos hace estar en guerra entre nosotros, en una búsqueda estéril de poder, prestigio, placer o seguridad económica.

Y esto a costilla de los más pobres, de los más excluidos de los más indefensos, de los que no pierden su dignidad pese a que se la golpean todos los días. Esta unidad es ya una acción misionera «para que el mundo crea». La evangelización no consiste en hacer proselitismo, el proselitismo es una caricatura de la evangelización, sino evangelizar es atraer con nuestro testimonio a los alejados, es acercarse humildemente a aquellos que se sienten lejos de Dios y en la Iglesia, acercarse a los que se sienten juzgados y condenados a priori por los que se sienten perfectos y puros, acercarnos a los que son temerosos o a los indiferentes para decirles: «El Señor también te llama a ser parte de su pueblo y lo hace con gran respeto y amor» (Evangelii Gaudium 113). Porque nuestro Dios nos respeta hasta en nuestras bajezas y en nuestro pecado. Con qué este llamamiento del Señor, con qué humildad y con qué respeto lo describe en el texto del Apocalipsis: “Mira, estoy a la puerta y llamo, si quieres abrir” No fuerza, no hace saltar la cerradura, simplemente toca el timbre, golpea suavemente y espera, ese es nuestro Dios.

La misión de la Iglesia, como sacramento de la salvación, condice con su identidad como Pueblo en camino, con vocación de incorporar en su marcha a todas las naciones de la tierra. Cuanto más intensa es la comunión entre nosotros, tanto más se ve favorecida la misión (cf. Juan Pablo II, Pastores Gregis, 22). Poner a la Iglesia en estado de misión nos pide recrear la comunión pues no se trata ya de una acción sólo hacia afuera... nos misionamos también hacia adentro y misionamos hacia afuera como se manifiesta una madre que sale al encuentro, como se manifiesta una casa acogedora, una escuela permanente de comunión misionera» (Aparecida 370).

Este sueño de Jesús es posible porque nos ha consagrado, por «ellos me consagro a mí mismo, dice para que ellos también sean consagrados en la verdad» (Jn 17,19). La vida espiritual del evangelizador nace de esta verdad tan honda, que no se confunde con algunos momentos religiosos que brindan cierto alivio; una espiritualidad quizás difusa. Jesús nos consagra para suscitar un encuentro con Él, persona a persona, un encuentro que alimenta el encuentro con los demás, el compromiso en el mundo y la pasión evangelizadora (Cf. Evangelii Gaudium 78).

La intimidad de Dios, para nosotros incomprensible, se nos revela con imágenes que nos hablan de comunión, comunicación, donación, amor. Por eso la unión que pide Jesús no es uniformidad sino la «multiforme armonía que atrae» (Evangelii Gaudium 117). La inmensa riqueza de lo variado, de lo múltiple que alcanza la unidad cada vez que hacemos memoria de aquel jueves

santo, nos aleja de tentaciones de propuestas unicistas más cercanas a dictaduras, a ideologías, a sectarismos. La propuesta de Jesús es concreta, es concreta, no es de ideas, es concreta, “Anda y haz lo mismo” le dice a aquel que le preguntó: ¿Quién es tu prójimo? Después de haber contado la Parábola del Buen Samaritano: “Anda y haz lo mismo” Tampoco la propuesta de Jesús es un arreglo hecho a nuestra medida, en el que nosotros ponemos las condiciones, elegimos los integrantes y excluimos a los demás. Esta religiosidad de elite no es la propuesta de Jesús.

Jesús reza para que formemos parte de una gran familia, en la que Dios es nuestro Padre y todos nosotros somos hermanos. Nadie es excluido y esto no se fundamenta en tener los mismos gustos, las mismas inquietudes, los mismos talentos. Somos hermanos porque, por amor, Dios nos ha creado y nos ha destinado, por pura iniciativa suya, a ser sus hijos (cf. Ef 1,5). Somos hermanos porque «Dios infundió en nuestros corazones el Espíritu de su Hijo, que clama ¡Abba!, ¡Padre!» (Ga 4,6). Somos hermanos porque, justificados por la sangre de Cristo Jesús (cf. Rm 5,9), hemos pasado de la muerte a la vida haciéndonos «coherederos» de la promesa (cf. Ga 3,26-29; Rm 8, 17). Esa es la salvación que realiza Dios y anuncia gozosamente la Iglesia: formar parte de un nosotros que llega hasta el «nosotros» divino.

Nuestro grito, en este lugar que recuerda aquel primero de libertad, actualiza el de San Pablo: «¡Ay de mí si no evangelizo!» (1 Co 9,16). Es tan urgente y apremiante como el de aquellos deseos de independencia. Tiene una similar fascinación, tiene el mismo fuego que atrae. Hermanos, tengan los sentimientos de Jesús ¡Sean un testimonio de comunión fraterna que se vuelve resplandeciente! Y qué lindo sería que todos pudieran admirar cómo nos cuidamos unos a otros. Cómo mutuamente nos damos aliento y cómo nos acompañamos.

El don de sí es el que establece la relación interpersonal que no se genera dando «cosas», sino dándose a sí mismo. En cualquier donación se ofrece la propia persona. «Darse» significa dejar actuar en sí mismo toda la potencia del amor que es el Espíritu de Dios y así dar paso a su fuerza creadora. Y darse aún en los momentos más difíciles, como aquel Jueves Santo de Jesús, donde Él sabía cómo se tejían las traiciones y las intrigas pero se dio y se dio a sí mismo con su proyecto de Salvación. Donándose el hombre vuelve a encontrarse a sí mismo con verdadera identidad de hijo de Dios, semejante al Padre y, como él, dador de vida, hermano de Jesús, del cual da testimonio. Eso es evangelizar, ésa es nuestra revolución –porque nuestra fe siempre es revolucionaria–, ése es nuestro más profundo y constante grito.

BOLIVIA

HOMILÍA. SANTA MISA EN LA PLAZA DEL CRISTO REDENTOR. SANTA CRUZ

Jueves 9 de julio de 2015

Hemos venido desde distintos lugares, regiones, poblados, para celebrar la presencia de vida de Dios entre nosotros. Salimos hace horas de nuestras casas y comunidades para poder estar juntos, como Pueblo Santo de Dios. La cruz y la imagen de la misión nos traen el recuerdo de todas las comunidades que han nacido en el nombre de Jesús en estas tierras, de las cuales nosotros somos sus herederos.

En el Evangelio que acabamos de escuchar se nos describía una situación bastante similar a la que estamos viviendo ahora. Al igual que esas cuatro mil personas, estamos nosotros queriendo escuchar la Palabra de Jesús y recibir su vida. Ellos ayer y nosotros hoy junto al Maestro, Pan de vida.

Me conmuevo cuando veo a muchas madres cargando a sus hijos en las espaldas. Como lo hacen aquí tantas de ustedes. Llevando sobre sí la vida, y el futuro de su gente. Llevando sus motivos de alegría, sus esperanzas. Llevando la bendición de la tierra en los frutos. Llevando el trabajo realizado por sus manos. Manos que han labrado el presente y tejerán las ilusiones del mañana. Pero también cargando sobre sus hombros, desilusiones, tristezas y amarguras, la injusticia que parece no detenerse y las cicatrices de una justicia no realizada. Cargando sobre sí, el gozo y el dolor de una tierra. Ustedes llevan sobre sí la memoria de su pueblo. Porque los pueblos tienen memoria, una memoria que pasa de generación en generación, los pueblos tienen una memoria en camino.

Y no son pocas las veces que experimentamos el cansancio de este camino. No son pocas las veces que faltan las fuerzas para mantener viva la esperanza. Cuántas veces vivimos situaciones que pretenden anestesiar la memoria y así se debilita la esperanza y se van perdiendo los motivos de alegría. Y comienza a ganarnos una tristeza que se vuelve individualista, que nos hace perder la memoria de pueblo amado, de pueblo elegido. Y esa pérdida nos disgrega, hace que nos cerremos a los demás, especialmente a los más pobres.

A nosotros nos puede suceder lo que a los discípulos de ayer, cuando vieron esa cantidad de gente que estaba ahí. Le piden a Jesús que los despida, mándalos a la casa, ya que es imposible alimentar a tanta gente. Frente a tantas situaciones de hambre en el mundo podemos decir: «Perdón. No nos dan los números, no nos cierran las cuentas». Es imposible enfrentar estas situaciones, entonces la desesperación termina ganándonos el corazón.

En un corazón desesperado es muy fácil que gane espacio la lógica que pretende imponerse en el mundo, en todo el mundo, en nuestros días. Una lógica que busca transformar todo en objeto de cambio, todo en objeto de consumo, todo negociable. Una lógica que pretende dejar espacio a muy pocos, descartando a todos aquellos que no «producen», que no se los considera aptos o dignos porque aparentemente «no nos dan los números». Y Jesús una vez más vuelve a hablarnos y nos dice...: No, no, no es necesario excluirlos, no es necesario que se vayan, denles ustedes de comer.

Es una invitación que resuena con fuerza para nosotros hoy: «No es necesario excluir a nadie, no es necesario que nadie se vaya, basta de descartes, denles ustedes de comer». Jesús nos lo sigue diciendo en esta plaza. Sí, basta de descartes, denles ustedes de comer. La mirada de Jesús no acepta una lógica, una mirada que siempre «corta el hilo» por el más débil, por el más necesitado. Tomando «la posta» Él mismo nos da el ejemplo, nos muestra el camino. Una actitud en tres palabras, toma un poco de pan y unos peces, los bendice, los parte y entrega para que los discípulos lo compartan con los demás. Y este es el camino del milagro. Ciertamente no es magia o idolatría. Jesús, por medio de estas tres acciones logra transformar una lógica del descarte, en una lógica de comunión, en una lógica de comunidad. Quisiera subrayar brevemente cada una de estas acciones.

Toma. El punto de partida, es tomar muy en serio la vida de los suyos. Los mira a los ojos y en ellos conoce su vivir, su sentir. Ve en esas miradas lo que late y lo que ha dejado de latir en la memoria y el corazón de su pueblo. Lo considera y lo valora. Valoriza todo lo bueno que pueden

aportar, todo lo bueno desde donde se puede construir. Pero no habla de los objetos, o de los bienes culturales, o de las ideas; sino habla de las personas. La riqueza más plena de una sociedad se mide en la vida de su gente, se mide en sus ancianos que logran transmitir su sabiduría y la memoria de su pueblo a los más pequeños. Jesús nunca se saltea la dignidad de nadie, por más apariencia de no tener nada para aportar y compartir.

Toma todo, como viene. Bendice. Jesús toma sobre sí, y bendice al Padre que está en los cielos. Sabe que estos dones son un regalo de Dios. Por eso, no los trata como «cualquier cosa» ya que toda vida, toda esa vida, es fruto del amor misericordioso. Él lo reconoce. Va más allá de la simple apariencia, y en este gesto de bendecir, de alabar, pide a su Padre el don del Espíritu Santo. El bendecir tiene esa doble mirada, por un lado agradecer y por el otro poder transformar. Es reconocer que la vida, siempre es un don, un regalo que puesto en las manos de Dios, adquiere una fuerza de multiplicación. Nuestro Padre no nos quita nada, todo lo multiplica.

Entrega. En Jesús, no existe un tomar que no sea una bendición, y no existe una bendición que no sea una entrega. La bendición siempre es misión, tiene un destino, compartir, el compartir lo que se ha recibido, ya que sólo en la entrega, en el compartir es cuando las personas encontramos la fuente de la alegría y la experiencia de salvación. Una entrega que quiere reconstruir la memoria de pueblo Santo, de pueblo invitado, a ser y a llevar por la alegría de la salvación. Las manos que Jesús levanta para bendecir al Dios del cielo son las mismas que distribuyen el pan a la multitud que tiene hambre.

Y podemos imaginar cómo iban pasando de mano en mano los panes y los peces hasta llegar a los más alejados. Jesús, logra generar una corriente entre los suyos, todos iban compartiendo lo propio, convirtiéndolo en don para los demás y así fue como comieron hasta saciarse, increíblemente sobró: lo recogieron en siete canastas. Una memoria tomada, una memoria bendecida, una memoria entregada siempre sacia a un pueblo.

La Eucaristía. Es el «Pan partido para la vida del mundo», como dice el lema del V Congreso eucarístico que hoy inauguramos y tendrá lugar en Tarija. Es Sacramento de comunión, que nos hace salir del individualismo para vivir juntos el seguimiento y nos da la certeza de lo que tenemos, de lo que somos, si es tomado, si es bendecido y si es entregado, con el poder de Dios, con el poder de su amor, se convierte en Pan de Vida para los demás.

Y la Iglesia celebra la Eucaristía, celebra la memoria del Señor, el sacrificio del Señor. Porque la iglesia es comunidad memoriosa. Por eso fiel al mandato del Señor, dice una y otra vez: «Hagan esto en memoria mía» (Lc. 22,19) Actualiza, hace real, generación tras generación, en los distintos rincones de nuestra tierra, el misterio del Pan de Vida. Nos lo hace presente, nos lo entrega. Jesús quiere que participemos de su vida y a través nuestro se vaya multiplicando en nuestra sociedad. No somos personas aisladas, separadas, sino somos el Pueblo de la memoria actualizada y siempre entregada.

Una vida memoriosa necesita de los demás, del intercambio, del encuentro, de una solidaridad real que sea capaz de entrar en la lógica del tomar, bendecir y entregar; en la lógica del amor. María, al igual que muchas de ustedes llevó sobre sí la memoria de su pueblo, la vida de su Hijo, y experimentó en sí misma la grandeza de Dios, proclamando con júbilo que Él «colma de bienes a los hambrientos» (Lc. 1,53), que ella sea hoy nuestro ejemplo para confiar en la bondad del Señor que hace obras grandes con poca cosa, con la humildad de sus siervos. Que así sea.

PARAGUAY

HOMILÍA. SANTA MISA EN LA EXPLANADA DEL SANTUARIO MARIANO DE CAACUPÉ

Sábado 11 de julio de 2015

Estar aquí con ustedes es sentirme en casa, a los pies de nuestra Madre la Virgen de los Milagros de Caacupé. En un santuario los hijos nos encontramos con nuestra Madre y entre nosotros recordamos que somos hermanos. Es un lugar de fiesta, de encuentro, de familia. Venimos a presentar nuestras necesidades, venimos a agradecer, a pedir perdón y a volver a empezar. Cuántos bautismos, cuántas vocaciones sacerdotales y religiosas, cuántos noviazgos y matrimonios nacieron a los pies de nuestra Madre. Cuántas lágrimas y despedidas. Venimos siempre con nuestra vida, porque acá se está en casa y lo mejor es saber que alguien nos espera.

Como tantas otras veces, hemos venido porque queremos renovar nuestras ganas de vivir la alegría del Evangelio. Cómo no reconocer que este santuario es parte vital del pueblo paraguayo, de ustedes. Así lo sienten, así lo rezan, así lo cantan: «En tu Edén de Caacupé, es tu pueblo Virgen pura que te da su amor y fe». Y estamos hoy como el Pueblo de Dios, a los pies de nuestra Madre a darle nuestro amor y fe.

En el Evangelio acabamos de escuchar el anuncio del Ángel a María que le dice: «Alégrate, llena de gracia. El Señor está contigo». Alégrate, María, alégrate. Frente a este saludo, ella, quedó desconcertada y se preguntaba qué quería decir. No entendía mucho lo que estaba sucediendo. Pero supo que venía de Dios y dijo «sí». María es la madre del «sí». Sí, al sueño de Dios, sí al proyecto de Dios, sí a la voluntad de Dios.

Un «sí» que, como sabemos, no fue nada fácil de vivir. Un «sí» que no la llenó de privilegios o diferencias, sino que, como le dirá Simeón en su profecía: «A ti una espada te va a atravesar el corazón» (Lc 2,35). Y ¡vaya que se lo atravesó! Por eso la queremos tanto y encontramos en ella una verdadera Madre que nos ayuda a mantener viva la fe y la esperanza en medio de situaciones complicadas. Siguiendo la profecía de Simeón nos hará bien repasar brevemente tres momentos difíciles en la vida de María.

1. Primero: El nacimiento de Jesús. «No había un lugar para ellos» (Lc 2,7). No tenían una casa, una habitación para recibir a su hijo. No había espacio para que pudiera dar a luz. Tampoco familia cercana, estaban solos. El único lugar disponible era una cueva de animales. Y en su memoria seguramente resonaban las palabras del Ángel: «Alégrate María, el Señor está contigo». Y Ella podía haberse preguntado: ¿Dónde está ahora?

2. Segundo momento: La huida a Egipto. Tuvieron que irse, exiliarse. Allí no solo no tenían un espacio, ni familia, sino que incluso sus vidas corrían peligro. Tuvieron que marcharse a tierra extranjera. Fueron migrantes perseguidos por la codicia y la avaricia del emperador. Y allí podría haberse preguntado: ¿Y dónde está lo que me dijo el Ángel?

3. Tercer Momento: La muerte en la cruz. No debe existir situación más difícil para una madre que acompañar la muerte de su hijo. Son momentos desgarradores. Ahí vemos a María, al pie de la cruz, como toda madre, firme, sin abandonar, acompañando a su Hijo hasta el extremo de

la muerte y muerte de cruz. Y allí también podría haberse preguntado ¿dónde está lo que me dijo el ángel? Y luego la vemos conteniendo y sosteniendo a los discípulos.

Vemos su vida, y nos sentimos comprendidos, entendidos. Podemos sentarnos a rezar y usar un lenguaje común frente a un sinfín de situaciones que vivimos a diario. Nos podemos identificar en muchas situaciones de su vida. Contarle de nuestras realidades porque ella las comprende.

Ella es la mujer de fe, es la Madre de la Iglesia, ella creyó. Su vida, es testimonio de que Dios no defrauda, que Dios no abandona a su Pueblo, aunque existan momentos o situaciones que parecen que Él no está. Ella fue la primera discípula que acompañó a su Hijo y sostuvo la esperanza de los apóstoles en los momentos difíciles. Estaban cerrados con no sé cuántas llaves de miedo en el cenáculo. Fue la mujer que estuvo atenta y supo decir –cuando parecía que la fiesta y la alegría se terminaba–: «no tienen vino» (Jn 2,3).

Fue la mujer que supo ir y estar con su prima Isabel «unos tres meses» (Lc 1,56) para que no estuviera sola en su parto. Esa es nuestra madre así de buena, así de generosa, así de acompañadora en nuestra vida. Todo esto lo sabemos por el Evangelio, pero también sabemos que, en esta tierra, es la Madre que ha estado a nuestro lado en tantas situaciones difíciles. Este Santuario, guarda, atesora, la memoria de un pueblo que sabe que María es Madre y que ha estado y está al lado de sus hijos.

Ha estado y está en nuestros hospitales, en nuestras escuelas, en nuestras casas. Ha estado y está en nuestros trabajos y en nuestros caminos. Ha estado y está en las mesas de cada hogar. Ha estado y está en la formación de la Patria, haciéndonos Nación. Siempre con una presencia discreta y silenciosa. En la mirada de una imagen, una estampita o una medalla. Bajo el signo del rosario, sabemos que no vamos solos, que Ella nos acompaña.

Y ¿Por qué? Porque María quiso estar en medio de su Pueblo, con sus hijos, con su familia. Siguiendo siempre a Jesús, desde la muchedumbre. Como buena madre no abandonó a los suyos, sino por el contrario, siempre se metió en donde un hijo pudiera estar necesitando de ella. Tan solo, porque es Madre. Una Madre que aprendió a escuchar y a vivir en medio de tantas dificultades de aquel: «No temas, el Señor está contigo» (cf. Lc 1,30). Una madre que continúa diciéndonos: «Hagan lo que Él les diga» (Jn 2,5). Es su invitación constante y continúa: «Hagan lo que Él les diga». No tiene un programa propio, no viene a decirnos nada nuevo, más bien le gusta estar callada, tan solo su fe acompaña nuestra fe.

Y ustedes lo saben, han hecho experiencia de esto que estamos compartiendo. Todos ustedes, todos los paraguayos tienen la memoria viva de un Pueblo que ha hecho carne estas palabras del Evangelio. Y quisiera referirme de modo especial a ustedes mujeres y madres paraguayas, que con gran valor y abnegación, han sabido levantar un País derrotado, hundido, sumergido por una guerra inicua. Ustedes tienen la memoria, ustedes tienen la genética de aquellas que reconstruyeron la vida, la fe, la dignidad de su Pueblo.

Junto a María, han vivido situaciones muy pero muy difíciles, que desde una lógica común sería contraria a toda fe. Ustedes al contrario, impulsadas y sostenidas por la Virgen, siguieron creyentes, inclusive «esperando contra toda esperanza» (Rm 4,18). Cuando todo parecía derrumbarse, junto a María se decían: No temamos, el Señor está con nosotras, está con nuestro Pueblo, con nuestras familias, hagamos lo que Él nos diga.

Y allí encontraron ayer y encuentran hoy la fuerza para no dejar que esta tierra se desmadre. Dios bendiga ese tesón, Dios bendiga y aliente la fe de ustedes, Dios bendiga a la mujer paraguaya, la más gloriosa de América. Como Pueblo, hemos venido a nuestra casa, a la casa de la Patria paraguaya, a escuchar una vez más, esas palabras que tanto bien nos hacen: «Alégrate, el Señor está contigo».

Es un llamado a no perder la memoria, a no perder las raíces, los muchos testimonios que han recibido de pueblo creyente y jugado por sus luchas. Una fe que se ha hecho vida, una vida que se ha hecho esperanza y una esperanza que las lleva a primerear en la caridad. Sí, al igual que Jesús, sigan primereando en el amor. Sean ustedes los portadores de esta fe, de esta vida, de esta esperanza. Ustedes Paraguayos sean forjadores de este hoy y mañana. .

Volviendo a mirar la imagen de María los invito a decir juntos: «en tu Edén de Caacupé, es tu pueblo Virgen pura que te da su amor y fe». Todos juntos (repiten la frase) Ruega por nosotros, Santa Madre de Dios, para que seamos dignos de alcanzar las promesas y gracias de nuestro Señor Jesucristo. Amén.

HOMILÍA. CELEBRACIÓN DE LAS VÍSPERAS CON LOS OBISPOS, SACERDOTES, DIÁCONOS, RELIGIOSOS, RELIGIOSAS, SEMINARISTAS Y MOVIMIENTOS CATÓLICOS EN LA CATEDRAL METROPOLITANA DE ASUNCIÓN

Sábado 11 de julio de 2015

Qué lindo es rezar todos juntos las vísperas. ¿Cómo no soñar con una Iglesia que refleje y repita la armonía de las voces y del canto en la vida cotidiana? Y lo hacemos en esta Catedral, que tantas veces ha tenido que comenzar de nuevo; esta catedral es signo de la Iglesia y de cada uno de nosotros: a veces las tempestades de afuera y de adentro nos obligan a tirar lo construido y empezar de nuevo, pero siempre con la esperanza puesta en Dios; y si miramos este edificio, sin duda no los ha defraudado a los paraguayos. Porque Dios nunca defrauda Y por eso le alabamos agradecidos. La oración litúrgica, su estructura y modo pausado, quiere expresar a la Iglesia toda, esposa de Cristo, que intenta configurarse con su Señor. Cada uno de nosotros en nuestra oración queremos ir pareciéndonos más a Jesús.

La oración hace emerger aquello que vamos viviendo o deberíamos vivir en la vida cotidiana, al menos la oración que no quiere ser alienante o solo preciosista. La oración nos da impulso para poner en acción o revisarnos en aquello que rezábamos en los salmos: somos nosotros las manos del Dios «que alza de la basura al pobre» (Sal 112,7) y somos nosotros los que trabajamos para que la tristeza de la esterilidad se convierta en campo fértil.

Nosotros que cantamos que «vale mucho a los ojos del señor la vida de los fieles», somos los que luchamos, peleamos, defendemos la valía de toda vida humana, desde la concepción hasta que los años son muchos y las fuerzas pocas. La oración es reflejo del amor que sentimos por Dios, por los otros, por el mundo creado; el mandamiento del amor es la mejor configuración con Jesús del discípulo misionero.

Estar apegados a Jesús da profundidad a la vocación cristiana, que interesada en el «hacer» de Jesús –que es mucho más que actividades– busca asemejarse a Él en todo lo realizado. La belleza de la comunidad eclesial nace de la adhesión de cada uno de sus miembros a la persona de Jesús, formando un «conjunto vocacional» en la riqueza de la diversidad armónica.

Las antífonas de los cánticos evangélicos de este fin de semana nos recuerdan el envío de Jesús a los doce. Siempre es bueno crecer en esa conciencia de trabajo apostólico en comunión. Es hermoso verlos colaborando pastoralmente, siempre desde la naturaleza y función eclesial de cada una de las vocaciones y carismas. Quiero exhortarlos a todos ustedes, sacerdotes, religiosos y religiosas, laicos y seminaristas a comprometerse en esta colaboración eclesial, especialmente en torno a los planes de pastoral de las diócesis y la misión continental, cooperando con toda su disponibilidad al bien común. Si la división entre nosotros provoca la esterilidad (cf. *Evangelii gaudium* 98-101), no cabe duda de que de la comunión y la armonía nacen la fecundidad, porque son profundamente consonantes con el Espíritu Santo.

Todos tenemos limitaciones, y ninguno puede reproducir en su totalidad a Jesucristo, y si bien cada vocación se configura principalmente con algunos rasgos de la vida y la obra de Jesús, hay algunos comunes e irrenunciables. Recién hemos alabado al Señor porque «no hizo alarde de su categoría de Dios» (Flp 2,6) y esa es una característica de toda vocación cristiana: el llamado por Dios no se pavonea, no anda tras reconocimientos ni aplausos pasatistas, no siente que subió de categoría ni trata a los demás como si estuviera en un peldaño más alto.

La supremacía de Cristo es claramente descrita en la liturgia de la Carta a los Hebreos; nosotros acabamos de leer casi el final de esa carta: «Hacernos perfectos como el gran pastor de las ovejas» (Hb 13,20), y esto supone asumir que todo consagrado se configura con Aquel que en su vida terrena, «entre ruegos y súplicas, con poderoso clamor y lágrimas» alcanzó la perfección cuando aprendió, sufriendo, qué significaba obedecer; y eso también es parte de nuestro llamado.

Terminemos de rezar nuestras vísperas; el campanario de esta Catedral fue rehecho varias veces; el sonido de las campanas antecede y acompaña en muchas oportunidades nuestra oración litúrgica: hechos de nuevo por Dios cada vez que rezamos, firmes como un campanario, gozosos de repicar las maravillas de Dios, compartamos el Magníficat y lo dejemos al Señor hacer, a través de nuestra vida consagrada, grandes cosas en el Paraguay.

HOMILÍA. SANTA MISA EN EL CAMPO GRANDE DE ÑU GUASÚ

Domingo 12 de julio de 2015

«El Señor nos dará la lluvia y nuestra tierra dará su fruto», así dice el Salmo (84,13). Esto estamos invitados a celebrar, esa misteriosa comunión entre Dios y su Pueblo, entre Dios y nosotros. La lluvia es signo de su presencia en la tierra trabajada por nuestras manos.

Una comunión que siempre da fruto, que siempre da vida. Esta confianza brota de la fe, saber que contamos con su gracia, que siempre transformará y regará nuestra tierra. Una confianza que se aprende, que se educa. Una confianza que se va gestando en el seno de una comunidad, en la vida de una familia.

Una confianza que se vuelve testimonio en los rostros de tantos que nos estimulan a seguir a Jesús, a ser discípulos de Aquel que no decepciona jamás. El discípulo se siente invitado a confiar, se siente invitado por Jesús a ser amigo, a compartir su suerte, a compartir su vida. «A ustedes no los llamo siervos, los llamo amigos porque les di a conocer todo lo que sabía de mi Padre» (Jn 15,15). Los discípulos son aquellos que aprenden a vivir en la confianza de la amistad.

El Evangelio nos habla de este discipulado. Nos presenta la cédula de identidad del cristiano. Su carta de presentación, su credencial. Jesús llama a sus discípulos y los envía dándoles reglas claras, precisas. Los desafía con una serie de actitudes, comportamientos que deben tener. Y no son pocas las veces que nos pueden parecer exageradas o absurdas; actitudes que sería más fácil leerlas simbólicamente o «espiritualmente». Pero Jesús es bien claro. No les dice: «Hagan como que» o «hagan lo que puedan».

Recordemos juntos esas recomendaciones: «No lleven para el camino más que un bastón; ni pan, ni alforja, ni dinero... permanezcan en la casa donde les den alojamiento» (cf. Mc 6,8-11). Parecería algo imposible. Podríamos concentrarnos en las palabras: «pan», «dinero», «alforja», «bastón», «sandalias», «túnica». Es lícito. Pero me parece que hay una palabra clave, que podría pasar desapercibida frente a la contundencia de las que acabo de enumerar.

Una palabra central en la espiritualidad cristiana, en la experiencia del discipulado: hospitalidad. Jesús como buen maestro, pedagogo, los envía a vivir la hospitalidad. Les dice: «Permanezcan donde les den alojamiento». Los envía a aprender una de las características fundamentales de la comunidad creyente. Podríamos decir que cristiano es aquel que aprendió a hospedar, que aprendió a alojar.

Jesús, no los envía como poderosos, como dueños, jefes, cargados de leyes, normas; por el contrario, les muestra que el camino del cristiano es simplemente transformar el corazón. El suyo y ayudar a transformar el de los demás. Aprender a vivir de otra manera, con otra ley, bajo otra norma. Es pasar de la lógica del egoísmo, de la clausura, de la lucha, de la división, de la superioridad, a la lógica de la vida, de la gratuidad, del amor.

De la lógica del dominio, del aplastar, manipular, a la lógica del acoger, recibir y cuidar. Son dos las lógicas que están en juego, dos maneras de afrontar la vida y de afrontar la misión. Cuántas veces pensamos la misión en base a proyectos o programas. Cuántas veces imaginamos la evangelización en torno a miles de estrategias, tácticas, maniobras, artimañas, buscando que las personas se conviertan en base a nuestros argumentos. Hoy el Señor nos los dice muy claramente: en la lógica del Evangelio no se convence con los argumentos, con las estrategias, con las tácticas, sino simplemente aprendiendo a alojar, a hospedar.

La Iglesia es madre de corazón abierto que sabe acoger, recibir, especialmente a quien tiene necesidad de mayor cuidado, que está en mayor dificultad. La Iglesia, como la quería Jesús, es la casa de la hospitalidad. Y cuánto bien podemos hacer si nos animamos a aprender el lenguaje de la hospitalidad, del acoger. Cuántas heridas, cuánta desesperanza se puede curar en un hogar donde uno se pueda sentir recibido. Para eso hay que tener las puertas abiertas sobre todo las puertas del corazón.

Hospitalidad con el hambriento, con el sediento, con el forastero, con el desnudo, con el enfermo, con el preso (cf. Mt 25,34-37) con el leproso, con el paralítico. Hospitalidad con el que no piensa como nosotros, con el que no tiene fe o la ha perdido y a veces por culpa nuestra. Hospitalidad con el perseguido, con el desempleado. Hospitalidad con las culturas diferentes, de las cuales esta tierra paraguaya es tan rica. Hospitalidad con el pecador porque cada uno de nosotros también lo es.

Tantas veces nos olvidamos que hay un mal que precede a nuestros pecados. Hay una raíz que causa tanto pero tanto daño y que destruye silenciosamente tantas vidas. Hay un mal, que poco a poco, va haciendo nido en nuestro corazón y «comiendo» nuestra vitalidad: la soledad.

Soledad que puede tener muchas causas, muchos motivos. Cuánto destruye la vida y cuánto mal nos hace. Nos va apartando de los demás, de Dios, de la comunidad.

Nos va encerrando en nosotros mismos. De ahí que lo propio de la Iglesia de esta madre, no sea principalmente gestionar cosas, proyectos, sino aprender a vivir la fraternidad con los demás. Es la fraternidad acogedora el mejor testimonio que Dios es Padre, porque «de esto sabrán todos que ustedes son mis discípulos, si se aman los unos a los otros» (Jn 13,35). De esta manera Jesús, nos abre a una nueva lógica. Un horizonte lleno de vida, de belleza, de verdad, de plenitud.

Dios nunca cierra horizontes, Dios nunca es pasivo a la vida, nunca es pasivo al sufrimiento de sus hijos. Dios nunca se deja ganar en generosidad. Por eso nos envía a su Hijo, lo dona, lo entrega, lo comparte; para que aprendamos el camino de la fraternidad, el camino del don. Es definitivamente un nuevo horizonte, es una nueva Palabra para tantas situaciones de exclusión, disgregación, encierro, aislamiento. Es una Palabra que rompe el silencio de la soledad.

Y cuando estemos cansados o se nos haga pesada la tarea de evangelizar es bueno recordar que la vida que Jesús nos propone, responde a necesidades más hondas de las personas, porque todos hemos sido creados para la amistad con Jesús y para el amor fraterno (cf. Evangelii Gaudium 265).

Hay algo que es cierto, no podemos obligar a nadie a recibirnos, a hospedarnos; es cierto y es parte de nuestra pobreza y de nuestra libertad. Pero también es cierto que nadie puede obligarnos a no ser acogedores, hospederos de la vida de nuestro Pueblo. Nadie puede pedirnos que no recibamos y abracemos la vida de nuestros hermanos especialmente la vida de los que han perdido la esperanza y el gusto por vivir. Qué lindo es imaginarnos nuestras parroquias, comunidades, capillas, donde están los cristianos, no con las puertas cerradas sino como verdaderos centros de encuentro entre nosotros y con Dios.

La Iglesia es madre, como María. En ella tenemos un modelo. Alojar, como María, que no dominó ni se adueñó de la Palabra de Dios sino que, por el contrario, la hospedó, la gestó, y la entregó. Alojar como la tierra que no domina la semilla, sino que la recibe, la nutre y la germina. Así queremos ser los cristianos, así queremos vivir la fe en este suelo paraguayo, como María, alojando la vida de Dios en nuestros hermanos con la confianza, con la certeza que: «El Señor nos dará la lluvia y nuestra tierra dará su fruto». Que así sea.

COLOMBIA

HOMILÍA DEL SANTO PADRE EN SANTA MISA PARQUE SIMÓN BOLIVAR,
BOGOTÁ

Jueves 7 de septiembre de 2017

“Constructores de la paz, promotores de la vida”

El Evangelista recuerda que el llamado de los primeros discípulos fue a orillas del lago de Genesaret, allí donde la gente se aglutinaba para escuchar una voz capaz de orientarlos e iluminarlos; y también es el lugar donde los pescadores cierran sus fatigosas jornadas, en las

que buscan el sustento para llevar una vida sin penurias, una vida digna y feliz. Es la única vez en todo el Evangelio de Lucas en la que Jesús predica junto al llamado mar de Galilea.

En el mar abierto se confunden la esperada fecundidad del trabajo con la frustración por la inutilidad de los esfuerzos vanos. Y según una antigua lectura cristiana, el mar también representa la inmensidad donde conviven todos los pueblos. Finalmente, por su agitación y oscuridad, evoca todo aquello que amenaza la existencia humana y que tiene el poder de destruirla.

Nosotros usamos expresiones similares para definir multitudes: una marea humana, un mar de gente. Ese día, Jesús tiene detrás de sí, el mar y frente a Él, una multitud que lo ha seguido porque sabe de su conmoción ante el dolor humano... y de sus palabras justas, profundas, certeras. Todos ellos vienen a escucharlo, la Palabra de Jesús tiene algo especial que no deja indiferente a nadie; su Palabra tiene poder para convertir corazones, cambiar planes y proyectos. Es una Palabra probada en la acción, no es una conclusión de escritorio, de acuerdos fríos y alejados del dolor de la gente, por eso es una Palabra que sirve tanto para la seguridad de la orilla como para la fragilidad del mar.

Esta querida ciudad, Bogotá, y este hermoso País, Colombia, tienen mucho de estos escenarios humanos presentados por el Evangelio. Aquí se encuentran multitudes anhelantes de una palabra de vida, que ilumine con su luz todos los esfuerzos y muestre el sentido y la belleza de la existencia humana. Estas multitudes de hombres y mujeres, niños y ancianos habitan una tierra de inimaginable fecundidad, que podría dar frutos para todos. Pero también aquí, como en otras partes, hay densas tinieblas que amenazan y destruyen la vida: las tinieblas de la injusticia y de la inequidad social; las tinieblas corruptoras de los intereses personales o grupales, que consumen de manera egoísta y desafortunada lo que está destinado para el bienestar de todos; las tinieblas del irrespeto por la vida humana que siega a diario la existencia de tantos inocentes, cuya sangre clama al cielo; las tinieblas de la sed de venganza y del odio que mancha con sangre humana las manos de quienes se toman la justicia por su cuenta; las tinieblas de quienes se vuelven insensibles ante el dolor de tantas víctimas. A todas esas tinieblas Jesús las disipa y destruye con su mandato en la barca de Pedro: «Navega mar adentro» (Lc 5,4).

Nosotros podemos enredarnos en discusiones interminables, sumar intentos fallidos y hacer un elenco de esfuerzos que han terminado en nada; pero igual que Pedro, sabemos qué significa la experiencia de trabajar sin ningún resultado. Esta Nación también sabe de ello, cuando por un período de 6 años, allá al comienzo, tuvo 16 presidentes y pagó caro sus divisiones («la patria boba»); también la Iglesia de Colombia sabe de trabajos pastorales vanos e infructuosos, pero como Pedro, también somos capaces de confiar en el Maestro, cuya palabra suscita fecundidad incluso allí donde la inhospitalidad de las tinieblas humanas hace infructuosos tantos esfuerzos y fatigas. Pedro es el hombre que acoge decidido la invitación de Jesús, que lo deja todo y lo sigue, para transformarse en nuevo pescador, cuya misión consiste en llevar a sus hermanos al Reino de Dios, donde la vida se hace plena y feliz.

Pero el mandato de echar las redes no está dirigido sólo a Simón Pedro; a él le ha tocado navegar mar adentro, como aquellos en vuestra patria que han visto primero lo que más urge, aquellos que han tomado iniciativas de paz, de vida. Echar las redes entraña responsabilidad. En Bogotá y en Colombia peregrina una inmensa comunidad, que está llamada a convertirse en una red vigorosa que congregue a todos en la unidad, trabajando en la defensa y en el cuidado de la vida humana, particularmente cuando es más frágil y vulnerable: en el seno materno, en la infancia,

en la vejez, en las condiciones de discapacidad y en las situaciones de marginación social. También multitudes que viven en Bogotá y en Colombia pueden llegar a ser verdaderas comunidades vivas, justas y fraternas si escuchan y acogen la Palabra de Dios. En estas multitudes evangelizadas surgirán muchos hombres y mujeres convertidos en discípulos que, con un corazón verdaderamente libre, sigan a Jesús; hombres y mujeres capaces de amar la vida en todas sus etapas, de respetarla, de promoverla.

Y como los Apóstoles, hace falta llamarnos unos a los otros, hacernos señas, como los pescadores, volver a considerarnos hermanos, compañeros de camino, socios de esta empresa común que es la patria. Bogotá y Colombia son, al mismo tiempo, orilla, lago, mar abierto, ciudad por donde Jesús ha transitado y transita, para ofrecer su presencia y su palabra fecunda, para sacar de las tinieblas y llevarnos a la luz y a la vida. Llamar a otros, a todos, para que nadie quede al arbitrio de las tempestades; subir a la barca a todas las familias, ellas son santuarios de vida; hacer lugar al bien común por encima de los intereses mezquinos o particulares, cargar a los más frágiles promoviendo sus derechos.

Pedro experimenta su pequeñez, experimenta lo inmenso de la Palabra y el accionar de Jesús; Pedro sabe de sus fragilidades, de sus idas y venidas, como también lo sabemos nosotros, como lo sabe la historia de violencia y división de vuestro pueblo que no siempre nos ha encontrado compartiendo la barca, tempestad, infortunios. Pero al igual que a Simón, Jesús nos invita a ir mar adentro, nos impulsa al riesgo compartido, no tengan miedo de arriesgar juntos, nos invita a dejar nuestros egoísmos y a seguirlo. A perder miedos que no vienen de Dios, que nos inmovilizan y retardan la urgencia de ser constructores de la paz, promotores de la vida. Navega mar adentro, dice Jesús. Y los discípulos se hicieron señas para juntarse todos en la barca. Que así sea para este pueblo.

HOMILÍA DEL PAPA FRANCISCO EN LA MISA EN VILLAVICENCIO

Catama, Villavicencio

Viernes 8 de septiembre de 2017

“Reconciliarse en Dios, con los Colombianos y con la creación” ¡Tu nacimiento, Virgen Madre de Dios, es el nuevo amanecer que ha anunciado la alegría a todo el mundo, porque de ti nació el sol de justicia, Cristo, nuestro Dios! (cf. Antífona del Benedictus).

La festividad del nacimiento de María proyecta su luz sobre nosotros, así como se irradia la mansa luz del amanecer sobre la extensa llanura colombiana, bellísimo paisaje del que Villavicencio es su puerta, como también en la rica diversidad de sus pueblos indígenas. María es el primer resplandor que anuncia el final de la noche y, sobre todo, la cercanía del día. Su nacimiento nos hace intuir la iniciativa amorosa, tierna, compasiva, del amor con que Dios se inclina hasta nosotros y nos llama a una maravillosa alianza con Él que nada ni nadie podrá romper.

María ha sabido ser transparencia de la luz de Dios y ha reflejado los destellos de esa luz en su casa, la que compartió con José y Jesús, y también en su pueblo, su nación y en esa casa común a toda la humanidad que es la creación. En el Evangelio hemos escuchado la genealogía de Jesús (cf. Mt 1,1-17), que no es una simple lista de nombres, sino historia viva, historia de un pueblo con el que Dios ha caminado y, al hacerse uno de nosotros, nos ha querido anunciar que

por su sangre corre la historia de justos y pecadores, que nuestra salvación no es una salvación aséptica, de laboratorio, sino concreta, una salvación de vida que camina.

Esta larga lista nos dice que somos parte pequeña de una extensa historia y nos ayuda a no pretender protagonismos excesivos, nos ayuda a escapar de la tentación de espiritualismos evasivos, a no abstraernos de las coordenadas históricas concretas que nos toca vivir. También integra en nuestra historia de salvación aquellas páginas más oscuras o tristes, los momentos de desolación y abandono comparables con el destierro.

La mención de las mujeres —ninguna de las aludidas en la genealogía tiene la jerarquía de las grandes mujeres del Antiguo Testamento— nos permite un acercamiento especial: son ellas, en la genealogía, las que anuncian que por las venas de Jesús corre sangre pagana, las que recuerdan historias de postergación y sometimiento.

En comunidades donde todavía arrastramos estilos patriarcales y machistas es bueno anunciar que el Evangelio comienza subrayando mujeres que marcaron tendencia e hicieron historia. Y en medio de eso, Jesús, María y José. María con su generoso sí permitió que Dios se hiciera cargo de esa historia. José, hombre justo, no dejó que el orgullo, las pasiones y los celos lo arrojaran fuera de esa luz.

Por la forma en que está narrado, nosotros sabemos antes que José lo que le ha sucedido a María, y él toma decisiones mostrando su calidad humana antes de ser ayudado por el ángel y llegar a comprender todo lo que sucedía a su alrededor. La nobleza de su corazón le hace supeditar a la caridad lo aprendido por ley; y hoy, en este mundo donde la violencia psicológica, verbal y física sobre la mujer es patente, José se presenta como figura de varón respetuoso, delicado que, aun no teniendo toda la información, se decide por la fama, dignidad y vida de María. Y, en su duda de cómo hacerlo mejor, Dios lo ayudó a optar iluminando su juicio. Este pueblo de Colombia es pueblo de Dios; también aquí podemos hacer genealogías llenas de historias, muchas de amor y de luz; otras de desencuentros, agravios, también de muerte.

¡Cuántos de ustedes pueden narrar destierros y desolaciones!, ¡cuántas mujeres, desde el silencio, han perseverado solas y cuántos hombres de bien han buscado dejar de lado enconos y rencores, queriendo combinar justicia y bondad! ¿Cómo haremos para dejar que entre la luz? ¿Cuáles son los caminos de reconciliación? Como María, decir sí a la historia completa, no a una parte; como José, dejar de lado pasiones y orgullos; como Jesucristo, hacernos cargo, asumir, abrazar esa historia, porque ahí están ustedes, todos los colombianos, ahí está lo que somos y lo que Dios puede hacer con nosotros si decimos sí a la verdad, a la bondad, a la reconciliación. Y esto sólo es posible si llenamos de la luz del Evangelio nuestras historias de pecado, violencia y desencuentro.

La reconciliación no es una palabra que debemos considerarla como abstracta; si eso fuera así, sólo traería esterilidad, traería más distancia. Reconciliarse es abrir una puerta a todas y a cada una de las personas que han vivido la dramática realidad del conflicto. Cuando las víctimas vencen la comprensible tentación de la venganza, se convierten en los protagonistas más creíbles de los procesos de construcción de la paz. Es necesario que algunos se animen a dar el primer paso en tal dirección, sin esperar a que lo hagan los otros. ¡Basta una persona buena para que haya esperanza! ¡No lo olviden, basta una persona buena para que haya esperanza! ¡Y cada uno de nosotros puede ser esa persona!

Esto no significa desconocer o disimular las diferencias y los conflictos. No es legitimar las injusticias personales o estructurales. El recurso a la reconciliación concreta no puede servir para acomodarse a situaciones de injusticia. Más bien, como ha enseñado san Juan Pablo II: «Es un encuentro entre hermanos dispuestos a superar la tentación del egoísmo y a renunciar a los intentos de pseudojusticia; es fruto de sentimientos fuertes, nobles y generosos, que conducen a instaurar una convivencia fundada sobre el respeto de cada individuo y de los valores propios de la sociedad civil» (Carta a los obispos de El Salvador, 6 agosto 1982).

La reconciliación, por tanto, se concreta y se consolida con el aporte de todos, permite construir el futuro y hace crecer esa esperanza. Todo esfuerzo de paz sin un compromiso sincero de reconciliación siempre será un fracaso. El texto evangélico que hemos escuchado culmina llamando a Jesús el Emmanuel, traducido el Dios con nosotros. Así es como comienza, y así es como termina Mateo su Evangelio: «Yo estaré con ustedes todos los días hasta el fin del mundo» (28,21). Jesús es el Emanuel que nace y el Emanuel que nos acompaña cada día, el Dios con nosotros que nace y el Dios que camina con nosotros hasta el fin del mundo.

Esa promesa se cumple también en Colombia: Mons. Jesús Emilio Jaramillo Monsalve, Obispo de Arauca, y el sacerdote Pedro María Ramírez Ramos, mártir de Armero, son signo de ello, expresión de un pueblo que quiere salir del pantano de la violencia y el rencor. En este entorno maravilloso, nos toca a nosotros decir sí a la reconciliación concreta; que el sí incluya también a nuestra naturaleza. No es casual que incluso sobre ella hayamos desatado nuestras pasiones posesivas, nuestro afán de sometimiento.

Un compatriota de ustedes lo canta con belleza: «Los árboles están llorando, son testigos de tantos años de violencia. El mar está marrón, mezcla de sangre con la tierra» (Juanes, Minas piedras). La violencia que hay en el corazón humano, herido por el pecado, también se manifiesta en los síntomas de enfermedad que advertimos en el suelo, en el agua, en el aire y en los seres vivientes (cf. Carta enc. Laudato si', 2). Nos toca decir sí como María y cantar con ella las «maravillas del Señor», porque lo ha prometido a nuestros padres, Él auxilia a todos los pueblos y auxilia a cada pueblo y auxilia a Colombia que hoy quiere reconciliarse y a su descendencia para siempre.

HOMILÍA DEL SANTO PADRE AEROPUERTO ENRIQUE OLAYA HERRERA DE MEDELLÍN

Sábado, 9 de septiembre de 2017

Queridos hermanos, quiero agradecer las horas que han pasado acá, incluso bajo la lluvia. Lamentablemente, hubo un atraso significativo en el viaje y ustedes tuvieron que esperar más. Gracias por su paciencia, por su perseverancia y por su coraje. Y como todos somos pecadores pidamos perdón por nuestros pecados.

«La vida cristiana como discipulado»

Queridos hermanos y hermanas:

En la misa del jueves en Bogotá escuchábamos el llamado de Jesús a sus primeros discípulos; esta parte del Evangelio de Lucas que comenzó con aquella narración, culmina con el llamado a los Doce. ¿Qué recuerdan los evangelistas entre ambos acontecimientos? Que este camino de

seguimiento supuso en los primeros seguidores de Jesús mucho esfuerzo de purificación. Algunos preceptos, prohibiciones y mandatos los hacían sentir seguros; cumplir con determinadas prácticas y ritos los dispensaba de una inquietud, la inquietud de preguntarse: ¿Qué es lo que le agrada a nuestro Dios? Jesús, el Señor, les señala que cumplir es caminar detrás Él, y que ese caminar los ponía frente a leproso, parálitico, pecador. Esas realidades demandaban mucho más que una receta o una norma establecida. Aprendieron que ir detrás de Jesús supone otras prioridades, otras consideraciones para servir a Dios. Para el Señor, también para la primera comunidad, es de suma importancia que quienes nos decimos discípulos no nos aferremos a cierto estilo, a ciertas prácticas que nos acercan más al modo de ser de algunos fariseos de entonces que al de Jesús. La libertad de Jesús se contrapone con la falta de libertad de los doctores de la ley de aquella época, que estaban paralizados por una interpretación y práctica rigorista de la ley.

Jesús no se queda en un cumplimento aparentemente «correcto», Él lleva la ley a su plenitud y por eso quiere ponernos en esa dirección, en ese estilo de seguimiento que supone ir a lo esencial, renovarse, involucrarse. Son tres actitudes que tenemos que plasmar en nuestra vida de discípulos. Lo primero, ir a lo esencial. No quiere decir «romper con todo», romper con aquello que no se acomoda a nosotros, porque tampoco Jesús vino «a abolir la ley, sino a llevarla a su plenitud» (Mt 5,17). Ir a lo esencial es más bien ir a lo profundo, a lo que cuenta y tiene valor para la vida. Jesús enseña que la relación con Dios no puede ser un apego frío a normas y leyes, ni tampoco un cumplimiento de ciertos actos externos que no llevan a un cambio real de vida. Tampoco nuestro discipulado puede ser motivado simplemente por una costumbre, porque contamos con un certificado de bautismo, sino que debe partir de una viva experiencia de Dios y de su amor.

El discipulado no es algo estático, sino un continuo camino hacia Cristo; no es simplemente el apego a la explicitación de una doctrina, sino la experiencia de la presencia amigable, viva y operante del Señor, un permanente aprendizaje por medio de la escucha de su Palabra. Y esa palabra, lo hemos escuchado, se nos impone en las necesidades concretas de nuestros hermanos: será el hambre de los más cercanos en el texto proclamado, o la enfermedad en lo que narra Lucas a continuación. La segunda palabra, renovarse. Como Jesús «zarandeaba» a los doctores de la ley para que salieran de su rigidez, ahora también la Iglesia es «zarandeada» por el Espíritu para que deje sus comodidades y sus apegos. La renovación no nos debe dar miedo. La Iglesia siempre está en renovación —*Ecclesia semper renovanda*—. No se renueva a su antojo, sino que lo hace «firme y bien fundada en la fe, sin apartarse de la esperanza transmitida por la Buena Noticia» (Col 1,23).

La renovación supone sacrificio y valentía, no para considerarse mejores o más pulcros, sino para responder mejor al llamado del Señor. El Señor del sábado, la razón de ser de todos nuestros mandatos y prescripciones, nos invita a ponderar lo normativo cuando está en juego el seguimiento; cuando sus llagas abiertas, su clamor de hambre y sed de justicia nos interpelan y nos imponen respuestas nuevas. Y en Colombia hay tantas situaciones que reclaman de los discípulos el estilo de vida de Jesús, particularmente el amor convertido en hechos de no violencia, de reconciliación y de paz.

La tercera palabra, involucrarse. Aunque para algunos, eso parezca ensuciarse o mancharse. Como David o los suyos que entraron en el Templo porque tenían hambre y los discípulos de Jesús entraron en el sembrado y comieron las espigas, también hoy a nosotros se nos pide crecer en arrojo, en un coraje evangélico que brota de saber que son muchos los que tienen hambre,

hambre de Dios - cuánta gente tiene hambre de Dios -, hambre de dignidad, porque han sido despojados. Y me pregunto, si el hambre de Dios de tanta gente quizás no venga porque con nuestras actitudes se la hemos despojado. Y, como cristianos, ayudar a que se sacien de Dios; no impedirles o prohibirles el encuentro. Hermanos, la Iglesia no es una aduana, quiere las puertas abiertas porque el corazón de su Dios está no sólo abierto, sino traspasado por el amor que se hizo dolor. No podemos ser cristianos que alcen continuamente el estandarte de «prohibido el paso», ni considerar que esta parcela es mía, adueñándome de algo que no es absolutamente mío. La Iglesia no es nuestra, hermanos, es de Dios; Él es el dueño del templo y del sembrado; todos tienen cabida, todos son invitados a encontrar aquí y entre nosotros su alimento. Todos.

Y Él, el que preparó las bodas para su Hijo- manda a buscar a todos, sanos y enfermos, buenos y malos, todos. Nosotros somos simples «servidores» (cf. Col 1,23) no podemos ser quienes impidamos ese encuentro. Al contrario, Jesús nos pide, como lo hizo a sus discípulos: «Denles ustedes de comer» (Mt 14,16); este es nuestro servicio. Comer el pan de Dios, comer el amor de Dios, comer el pan que nos lleva a sobrevivir también. Bien lo entendió esto Pedro Claver, a quien hoy celebramos en la liturgia y que mañana veneraré en Cartagena. «Esclavo de los negros para siempre» fue su lema de vida, porque comprendió, como discípulo de Jesús, que no podía permanecer indiferente ante el sufrimiento de los más desamparados y ultrajados de su época y que tenía que hacer algo para aliviarlo.

Hermanos y hermanas, la Iglesia en Colombia está llamada a empeñarse con mayor audacia en la formación de discípulos misioneros, así como lo señalamos los obispos reunidos en Aparecida. Discípulos que sepan ver, juzgar y actuar, como lo proponía aquel documento latinoamericano que nació en estas tierras (cf. Medellín, 1968). Discípulos misioneros que saben ver, sin miopías heredadas; que examinan la realidad desde los ojos y el corazón de Jesús, y desde ahí juzgan. Y que arriesgan, que actúan, que se comprometen.

He venido hasta aquí justamente para confirmarlos en la fe y en la esperanza del Evangelio: manténganse firmes y libres en Cristo, firmes y libres en Cristo, porque toda firmeza en Cristo nos da libertad, de modo que lo reflejen en todo lo que hagan. Asuman con todas sus fuerzas el seguimiento de Jesús, conózcenlo, déjense convocar e instruir por Él, búsqúenlo en la oración y déjense buscar por Él en la oración, anúncienlo con la mayor alegría posible.

Pidamos a través de la intercesión de nuestra Madre, Nuestra Señora de la Candelaria, que nos acompañe en nuestro camino de discípulos, para que poniendo nuestra vida en Cristo, seamos siempre misioneros que llevemos la luz y la alegría del Evangelio a todas las gentes.

CHILE

HOMILÍA DEL SANTO PADRE EN LA SANTA MISA POR LA PAZ Y LA JUSTICIA

Parque O'Higgins (Santiago de Chile)

Martes 16 de Enero de 2018

«Al ver a la multitud» (Mt 5,1). En estas primeras palabras del Evangelio que acabamos de escuchar encontramos la actitud con la que Jesús quiere salir a nuestro encuentro, la misma

actitud con la que Dios siempre ha sorprendido a su pueblo (cf. Ex 3,7). La primera actitud de Jesús es ver, mirar el rostro de los suyos. Esos rostros ponen en movimiento el amor visceral de Dios. No fueron ideas o conceptos los que movieron a Jesús... son los rostros, son las personas; es la vida que clama a la Vida que el Padre nos quiere transmitir.

Al ver a la multitud, Jesús encuentra el rostro de la gente que lo seguía y lo más lindo es ver que ellos, a su vez, encuentran en la mirada de Jesús el eco de sus búsquedas y anhelos. De ese encuentro nace este elenco de bienaventuranzas que son el horizonte hacia el cual somos invitados y desafiados a caminar. Las bienaventuranzas no nacen de una actitud pasiva frente a la realidad, ni tampoco pueden nacer de un espectador que se vuelve un triste autor de estadísticas de lo que acontece. No nacen de los profetas de desventuras que se contentan con sembrar desilusión. Tampoco de espejismos que nos prometen la felicidad con un «clic», en un abrir y cerrar de ojos.

Por el contrario, las bienaventuranzas nacen del corazón compasivo de Jesús que se encuentra con el corazón compasivo y necesitado de compasión de hombres y mujeres que quieren y anhelan una vida bendecida; de hombres y mujeres que saben de sufrimiento; que conocen el desconcierto y el dolor que se genera cuando «se te mueve el piso» o «se inundan los sueños» y el trabajo de toda una vida se viene abajo; pero más saben de tesón y de lucha para salir adelante; más saben de reconstrucción y de volver a empezar.

¡Cuánto conoce el corazón chileno de reconstrucciones y de volver a empezar; cuánto conocen ustedes de levantarse después de tantos derrumbes! ¡A ese corazón apela Jesús; para que ese corazón reciba las bienaventuranzas! Las bienaventuranzas no nacen de actitudes criticonas ni de la «palabrería barata» de aquellos que creen saberlo todo pero no se quieren comprometer con nada ni con nadie, y terminan así bloqueando toda posibilidad de generar procesos de transformación y reconstrucción en nuestras comunidades, en nuestras vidas.

Las bienaventuranzas nacen del corazón misericordioso que no se cansa de esperar. Y experimenta que la esperanza «es el nuevo día, la extirpación de una inmovilidad, el sacudimiento de una postración negativa» (Pablo Neruda, El habitante y su esperanza, 5). Jesús, al decir bienaventurado al pobre, al que ha llorado, al afligido, al paciente, al que ha perdonado... viene a extirpar la inmovilidad paralizante del que cree que las cosas no pueden cambiar, del que ha dejado de creer en el poder transformador de Dios Padre y en sus hermanos, especialmente en sus hermanos más frágiles, en sus hermanos descartados.

Jesús, al proclamar las bienaventuranzas viene a sacudir esa postración negativa llamada resignación que nos hace creer que se puede vivir mejor si nos escapamos de los problemas, si huimos de los demás; si nos escondemos o encerramos en nuestras comodidades, si nos adormecemos en un consumismo tranquilizante (cf. Exhort. ap. Evangelii gaudium, 2). Esa resignación que nos lleva a aislarnos de todos, a dividirnos, separarnos; a hacernos los ciegos frente a la vida y al sufrimiento de los otros.

Las bienaventuranzas son ese nuevo día para todos aquellos que siguen apostando al futuro, que siguen soñando, que siguen dejándose tocar e impulsar por el Espíritu de Dios. Qué bien nos hace pensar que Jesús desde el Cerro Renca o Puntilla viene a decirnos: bienaventurados... Sí, bienaventurado vos y vos; a cada uno de nosotros. Bienaventurados ustedes que se dejan contagiar por el Espíritu de Dios y luchan y trabajan por ese nuevo día, por ese nuevo Chile, porque de ustedes será el reino de los cielos. «Bienaventurados los que trabajan por la paz, porque serán llamados hijos de Dios» (Mt 5,9).

Y frente a la resignación que como un murmullo grosero socava nuestros lazos vitales y nos divide, Jesús nos dice: bienaventurados los que se comprometen por la reconciliación. Felices aquellos que son capaces de ensuciarse las manos y trabajar para que otros vivan en paz. Felices aquellos que se esfuerzan por no sembrar división. De esta manera, la bienaventuranza nos hace artífices de paz; nos invita a comprometernos para que el espíritu de la reconciliación gane espacio entre nosotros.

¿Quieres dicha? ¿Quieres felicidad? Felices los que trabajan para que otros puedan tener una vida dichosa. ¿Quieres paz?, trabaja por la paz. No puedo dejar de evocar a ese gran pastor que tuvo Santiago cuando en un Te Deum decía: «“Si quieres la paz, trabaja por la justicia”... Y si alguien nos pregunta: “¿qué es la justicia?” o si acaso consiste solamente en “no robar”, le diremos que existe otra justicia: la que exige que cada hombre sea tratado como hombre» (Card. Raúl Silva Henríquez, Homilía en el Te Deum Ecuménico, 18 septiembre 1977).

¡Sembrar la paz a golpe de proximidad, de vecindad! A golpe de salir de casa y mirar rostros, de ir al encuentro de aquel que lo está pasando mal, que no ha sido tratado como persona, como un digno hijo de esta tierra. Esta es la única manera que tenemos de tejer un futuro de paz, de volver a hilar una realidad que se puede deshilar. El trabajador de la paz sabe que muchas veces es necesario vencer grandes o sutiles mezquindades y ambiciones, que nacen de pretender crecer y «darse un nombre», de tener prestigio a costa de otros. El trabajador de la paz sabe que no alcanza con decir: no le hago mal a nadie, ya que como decía San Alberto Hurtado: «Está muy bien no hacer el mal, pero está muy mal no hacer el bien» (Meditación radial, abril 1944).

Construir la paz es un proceso que nos convoca y estimula nuestra creatividad para gestar relaciones capaces de ver en mi vecino no a un extraño, a un desconocido, sino a un hijo de esta tierra. Encomendémonos a la Virgen Inmaculada que desde el Cerro San Cristóbal cuida y acompaña esta ciudad. Que ella nos ayude a vivir y a desear el espíritu de las bienaventuranzas; para que en todos los rincones de esta ciudad se escuche como un susurro: «Bienaventurados los que trabajan por la paz, porque serán llamados hijos de Dios» (Mt 5,9).

HOMILÍA DEL SANTO PADRE EN LA SANTA MISA POR EL PROGRESO DE LOS PUEBLOS

Aeródromo de Maquehue (Temuco)

Miércoles 17 de Enero de 2018

«Mari, Mari» (Buenos días)

«Küme tünngün ta niemün» (La paz esté con ustedes) (Lc 24,36).

Doy gracias a Dios por permitirme visitar esta linda parte de nuestro continente, la Araucanía: Tierra bendecida por el Creador con la fertilidad de inmensos campos verdes, con bosques cuajados de imponentes araucarias —el quinto elogio realizado por Gabriela Mistral a esta tierra chilena—, sus majestuosos volcanes nevados, sus lagos y ríos llenos de vida. Este paisaje nos eleva a Dios y es fácil ver su mano en cada criatura. Multitud de generaciones de hombres y mujeres han amado y aman este suelo con celosa gratitud. Y quiero detenerme y saludar de manera especial a los miembros del pueblo Mapuche, así como también a los demás pueblos

originarios que viven en estas tierras australes: rapanui (Isla de Pascua), aymara, quechua, atacameños, y tantos otros.

Esta tierra, si la miramos con ojos de turista, nos dejará extasiados, y luego seguiremos nuestro rumbo sin más; y acordándonos de los lindos paisajes, pero si nos acercamos a su suelo, lo escucharemos cantar y cantar con tristeza: «Arauco tiene una pena que no la puedo callar, son injusticias de siglos que todos ven aplicar». En este contexto de acción de gracias por esta tierra y por su gente, pero también de pena y dolor, celebramos la Eucaristía. Y lo hacemos en este aeródromo de Maquehue, en el cual tuvieron lugar graves violaciones de derechos humanos. Esta celebración la ofrecemos por todos los que sufrieron y murieron, y por los que cada día llevan sobre sus espaldas el peso de tantas injusticias. Y recordando estas cosas nos quedamos un instante de silencio, ante tanto dolor y ante tanta injusticia.

La entrega de Jesús en la cruz carga con todo el pecado y el dolor de nuestros pueblos, un dolor para ser redimido. En el Evangelio que hemos escuchado, Jesús ruega al Padre para que «todos sean uno» (Jn 17,21). En una hora crucial de su vida se detiene a pedir por la unidad. Su corazón sabe que una de las peores amenazas que golpea y golpeará a los suyos y a la humanidad toda será la división y el enfrentamiento, el avasallamiento de unos sobre otros. ¡Cuántas lágrimas derramadas!

Hoy nos queremos agarrar a esta oración de Jesús, queremos entrar con Él en este huerto de dolor, también con nuestros dolores, para pedirle al Padre con Jesús: que también nosotros seamos uno. No permitas que nos gane el enfrentamiento ni la división. Esta unidad, clamada por Jesús, es un don que hay que pedir con insistencia por el bien de nuestra tierra y de sus hijos. Y es necesario estar atentos a posibles tentaciones que pueden aparecer y «contaminar desde la raíz» este don que Dios nos quiere regalar y con el que nos invita a ser auténticos protagonistas de la historia. ¿Cuáles son esas tentaciones?

1. Los falsos sinónimos

Una de las principales tentaciones a enfrentar es confundir unidad con uniformidad. Jesús no le pide a su Padre que todos sean iguales, que todos sean idénticos; ya que la unidad no nace ni nacerá de neutralizar o silenciar las diferencias. La unidad no es un simulacro ni de integración forzada ni de marginación armonizada. La riqueza de una tierra nace precisamente de que cada parte se anime a compartir su sabiduría con los demás. No es ni será una uniformidad asfixiante que nace normalmente del predominio y la fuerza del más fuerte, ni tampoco una separación que no reconozca la bondad de los demás.

La unidad pedida y ofrecida por Jesús reconoce lo que cada pueblo, cada cultura está invitada a aportar en esta bendita tierra. La unidad es una diversidad reconciliada porque no tolera que en su nombre se legitimen las injusticias personales o comunitarias. Necesitamos de la riqueza que cada pueblo tenga para aportar, y dejar de lado la lógica de creer que existen culturas superiores o culturas inferiores. Un bello «chamal» requiere de tejedores que sepan el arte de armonizar los diferentes materiales y colores; que sepan darle tiempo a cada cosa y a cada etapa. Se podrá imitar industrialmente, pero todos reconoceremos que es una prenda sintéticamente compactada. El arte de la unidad necesita y reclama auténticos artesanos que sepan armonizar las diferencias en los «talleres» de los poblados, de los caminos, de las plazas y paisajes.

No es un arte de escritorio la unidad ni tampoco de documentos, es un arte de la escucha y del reconocimiento. En eso radica su belleza y también su resistencia al paso del tiempo y de las

inclemencias que tendrá que enfrentar. La unidad que nuestros pueblos necesitan reclama que nos escuchemos, pero principalmente que nos reconozcamos, que no significa tan solo «recibir información sobre los demás, sino de recoger lo que el Espíritu ha sembrado en ellos como un don también para nosotros».

Esto nos introduce en el camino de la solidaridad como forma de tejer la unidad, como forma de construir la historia; esa solidaridad que nos lleva a decir: nos necesitamos desde nuestras diferencias para que esta tierra siga siendo bella. Es la única arma que tenemos contra la «deforestación» de la esperanza. Por eso pedimos: Señor, haznos artesanos de unidad.

2. Otra tentación puede venir en consideración de cuáles son las armas de la unidad.

La unidad, si quiere construirse desde el reconocimiento y la solidaridad, no puede aceptar cualquier medio para lograr este fin. Existen dos formas de violencia que más que impulsar los procesos de unidad y reconciliación terminan amenazándolos. En primer lugar, debemos estar atentos a la elaboración de «bellos» acuerdos que nunca llegan a concretarse. Bonitas palabras, planes acabados, sí —y necesarios—, pero que al no volverse concretos terminan «borrando con el codo, lo escrito con la mano». Esto también es violencia, y ¿Por qué? porque frustra la esperanza.

En segundo lugar, es imprescindible defender que una cultura del reconocimiento mutuo no puede construirse en base a la violencia y destrucción que termina cobrándose vidas humanas. No se puede pedir reconocimiento aniquilando al otro, porque esto lo único que despierta es mayor violencia y división. La violencia llama a la violencia, la destrucción aumenta la fractura y separación. La violencia termina volviendo mentirosa la causa más justa. Por eso decimos «no a la violencia que destruye», en ninguna de sus dos formas. Estas actitudes son como lava de volcán que todo arrasa, todo quema, dejando a su paso solo esterilidad y desolación. Busquemos, en cambio, y no nos cansemos de buscar el diálogo para la unidad. Por eso decimos con fuerza: Señor, haznos artesanos de unidad.

Todos nosotros que, en cierta medida, somos pueblo de la tierra (Gn 2,7) estamos llamados al (Küme Mongen) al Bien vivir, al Buen vivir, como nos lo recuerda la sabiduría ancestral del pueblo Mapuche. ¡Cuánto camino a recorrer, cuánto para aprender el Küme Mongen! Un anhelo hondo que brota no solo de nuestros corazones, sino que resuena como un grito, como un canto en toda la creación. Por eso, hermanos, por los hijos de esta tierra, por los hijos de sus hijos, digamos con Jesús al Padre: que también nosotros seamos uno. ¡Señor haznos artesanos de unidad!

HOMILIA Y SALUDO FINAL DEL SANTO PADRE EN LA SANTA MISA DE LA VIRGEN DEL CARMEN Y ORACIÓN POR CHILE

Campus Lobito (Iquique)

Jueves, 18 de enero de 2018

«Y Éste fue el primero de los signos de Jesús, y lo hizo en la ciudad de Caná de Galilea» (Jn 2,11). Así termina el Evangelio que hemos escuchado, y que nos muestra la aparición pública de Jesús: nada más y nada menos que en una fiesta. No podría ser de otra forma, ya que el Evangelio es una constante invitación a la alegría. Desde el inicio el Ángel le dice a María:

«Alégrate» (Lc 1,28). Alégrense, le dijo a los pastores; alégrate, le dijo a Isabel, mujer anciana y estéril...; alégrate, le hizo sentir Jesús al ladrón, porque hoy estarás conmigo en el paraíso (cf. Lc 23,43).

El mensaje del Evangelio es fuente de gozo: «Les he dicho estas cosas para que mi alegría esté en ustedes, y esa alegría sea plena» (Jn 15,11). Una alegría que se contagia de generación en generación y de la cual somos herederos, porque somos cristianos ¡Cómo saben ustedes de esto, queridos hermanos del norte chileno! ¡Cómo saben vivir la fe y la vida en clima de fiesta! Vengo como peregrino a celebrar con ustedes esta manera hermosa de vivir la fe. Sus fiestas patronales, sus bailes religiosos —que se prolongan hasta por una semana—, su música, sus vestidos hacen de esta zona un santuario de piedad y espiritualidad popular. Porque no es una fiesta que queda encerrada dentro del templo, sino que ustedes logran vestir de fiesta a todo el poblado.

Ustedes saben celebrar cantando y danzando «la paternidad, la providencia, la presencia amorosa y constante de Dios. Y así llegan a engendrar actitudes interiores que raramente pueden observarse en el mismo grado en quienes no poseen esa religiosidad: paciencia, sentido de la cruz en la vida cotidiana, desapego, aceptación de los demás, devoción». Cobran vida las palabras del profeta Isaías: «Entonces el desierto será un vergel y el vergel parecerá un bosque» (32,15). Esta tierra, abrazada por el desierto más seco del mundo, logra vestirse de fiesta. Y en este clima de fiesta, el Evangelio nos presenta la acción de María para que la alegría prevalezca. Ella está atenta a todo lo que pasa a su alrededor y, como buena Madre, no se queda quieta y así logra darse cuenta de que en la fiesta, en la alegría compartida, algo estaba pasando: había algo que estaba por «aguar» la fiesta.

Y acercándose a su Hijo, las únicas palabras que le escuchamos decir: «no tienen vino» (Jn 2,3). Y así María anda por nuestros poblados, calles, plazas, casas, hospitales. María es la Virgen de la Tirana; la Virgen Ayquina en Calama; la Virgen de las Peñas en Arica, que anda por todos nuestros entuertos familiares, esos que parecen ahogarnos el corazón para acercarse al oído de Jesús y decirle: mira, «no tienen vino». Y luego no se queda callada, se acerca a los que servían en la fiesta y les dice: «Hagan todo lo que Él les diga» (Jn 2,5). María, mujer de pocas palabras, pero bien concretas, también se acerca a cada uno de nosotros a decirnos tan solo: «Hagan todo lo que Él les diga». Y de este modo se desata el primer milagro de Jesús: hacer sentir a sus amigos que ellos también son parte del milagro. Porque Cristo «vino a este mundo no para hacer una obra solo, sino con nosotros, el milagro lo hace con nosotros, con todos nosotros, para ser la cabeza de un cuerpo cuyas células vivas somos nosotros, libres y activas, así hace el milagro Jesús con nosotros».

El milagro comienza cuando los servidores acercan los barriles con agua que estaban destinados a la purificación. Así también cada uno de nosotros puede comenzar el milagro, es más, cada uno de nosotros está invitado a ser parte del milagro para otros. Hermanos, Iquique es tierra de sueños —eso significa el nombre en aymara—; tierra que ha sabido albergar a gente de distintos pueblos y culturas, gente que han tenido que dejar a los suyos, marcharse. Una marcha siempre basada en la esperanza por obtener una vida mejor, pero sabemos que va siempre acompañada de mochilas cargadas con miedo e incertidumbre por lo que vendrá.

Iquique es una zona de inmigrantes que nos recuerda la grandeza de hombres y mujeres; de familias enteras que, ante la adversidad, no se dan por vencidas y se abren paso buscando vida. Ellos —especialmente los que tienen que dejar su tierra porque no encuentran lo mínimo necesario para vivir— son imagen de la Sagrada Familia que tuvo que atravesar desiertos para

poder seguir con vida. Esta tierra es tierra de sueños, pero busquemos que siga también siendo tierra de hospitalidad. Hospitalidad festiva, porque sabemos bien que no hay alegría cristiana cuando se cierran puertas; no hay alegría cristiana cuando se les hace sentir a los demás que sobran o que entre nosotros no tienen lugar (cf. Lc 16,19-31).

Como María en Caná, busquemos aprender a estar atentos en nuestras plazas y poblados, y reconocer a aquellos que tienen la vida «aguada»; que han perdido —o les han robado— las razones para celebrar, los tristes de corazón. Y no tengamos miedo de alzar nuestras voces para decir: «no tienen vino». El clamor del pueblo de Dios, el clamor del pobre, que tiene forma de oración y ensancha el corazón y nos enseña a estar atentos. Estemos atentos a todas las situaciones de injusticia y a las nuevas formas de explotación que exponen a tantos hermanos a perder la alegría de la fiesta. Estemos atentos frente a la precarización del trabajo que destruye vidas y hogares.

Estemos atentos a los que se aprovechan de la irregularidad de muchos migrantes porque no conocen el idioma o no tienen sus papeles en «regla». Estemos atentos a la falta de techo, tierra y trabajo de tantas familias. Y como María digamos: no tienen vino, Señor. Como los servidores de la fiesta aportemos lo que tengamos, por poco que parezca. Al igual que ellos, no tengamos miedo a «dar una mano», y que nuestra solidaridad y nuestro compromiso con la justicia sean parte del baile o la canción que hoy podamos entonarle a nuestro Señor.

Aprovechemos también a aprender y a dejarnos impregnar por los valores, la sabiduría y la fe que los inmigrantes traen consigo. Sin cerrarnos a esas «tinajas» llenas de sabiduría e historia que traen quienes siguen arribando a estas tierras. No nos privemos de todo lo bueno que tienen para aportar. Y después dejemos que Jesús termine el milagro, transformando nuestras comunidades y nuestros corazones en signo vivo de su presencia, que es alegre y festiva porque hemos experimentado que Dios-está-con-nosotros, porque hemos aprendido a hospedarlo en medio de nuestro.

Alegría y fiesta contagiosa que nos lleva a no dejar a nadie fuera del anuncio de esta Buena Nueva. Y a transmitirle todo lo que hay de nuestra cultura originaria para enriquecerlos también con lo nuestro, con nuestras tradiciones, con nuestra sabiduría ancestral, para que el que viene encuentre sabiduría y de sabiduría, eso es fiesta, eso es agua convertida en vino. Eso es milagro que hace Jesús.

Que María, bajo las distintas advocaciones de esta bendecida tierra del norte, siga susurrando al oído de su Hijo Jesús: «no tienen vino», y en nosotros sigan haciéndose carne sus palabras: «hagan todo lo que Él les diga».

PERÚ

SALUDO A LAS IMÁGENES MARIANAS Y HOMILÍA DEL SANTO PADRE EN SANTA MISA

Explanada de la playa de Huanchaco (Trujillo)

Sábado 20 de enero de 2018

Saludo antes de iniciar la Santa Misa

Quiero dar la bienvenida a todas las comunidades con sus imágenes, bienvenida a la Inmaculada Virgen de la Puerta de Otuzco, a la Santísima Cruz de Chalpón de Chiclayo, al Señor Cautivo de Ayabaca, a la Virgen de las Mercedes de Paita, reliquias de los mártires de Chimbote, Divino Niño del milagro de Eten, la Virgen Dolorosa de Cajamarca, San Jorge de Cajamarca, la Virgen de la Asunción de Cutervo, la Inmaculada Concepción de Chota, Nuestra Señora de la Alta gracia de Huamachuco, San Francisco de Asís de Huamachuco, Santo Toribio de Chamabamba-Huamachuco, la Virgen Asunta de Chachapoyas, San Pedro de Chimbote, San Pedro de Huari, la Virgen del Socoro de Huanchaco y al Apóstol Santiago de Chuco. Antes de comenzar la Eucaristía, pensemos en Jesús. Jesús el justo intercede por nosotros y nos reconcilia con el Padre. Abramos nuestro espíritu al arrepentimiento para acercarnos a la mesa del Señor.

Homilía del Santo Padre

Estas tierras tienen sabor a Evangelio. Todo el entorno que nos rodea, con este inmenso mar de fondo, nos ayuda a comprender mejor la vivencia que los apóstoles tuvieron con Jesús; y hoy, también nosotros, estamos invitados a vivirla. Me alegra saber que han venido desde distintos lugares del norte peruano para celebrar esta alegría del Evangelio. Los discípulos de ayer, como tantos de ustedes hoy, se ganaban la vida con la pesca. Salían en barcas, como algunos de ustedes siguen saliendo en los «caballitos de totora», y tanto ellos como ustedes con el mismo fin: ganarse el pan de cada día. En eso se juegan muchos de nuestros cansancios cotidianos: poder sacar adelante a nuestras familias y darles lo que las ayudará a construir un futuro mejor.

Esta «laguna con peces dorados», como la han querido llamar, ha sido fuente de vida y bendición para muchas generaciones. Supo nutrir los sueños y las esperanzas a lo largo del tiempo. Ustedes, al igual que los apóstoles, conocen la bravura de la naturaleza y han experimentado sus golpes. Así como ellos enfrentaron la tempestad sobre el mar, a ustedes les tocó enfrentar el duro golpe del «Niño costero», cuyas consecuencias dolorosas todavía están presentes en tantas familias, especialmente aquellas que todavía no pudieron reconstruir sus hogares.

También por esto quise estar y rezar aquí con ustedes. A esta eucaristía traemos también ese momento tan difícil que cuestiona y pone muchas veces en duda nuestra fe. Queremos unirnos a Jesús. Él conoce el dolor y las pruebas; Él atravesó todos los dolores para poder acompañarnos en los nuestros.

Jesús en la cruz quiere estar cerca de cada situación dolorosa para darnos su mano y ayudar a levantarnos. Porque Él entró en nuestra historia, quiso compartir nuestro camino y tocar nuestras heridas. No tenemos un Dios ajeno a lo que sentimos y sufrimos, al contrario, en medio del dolor nos entrega su mano. Estos sacudones cuestionan y ponen en juego el valor de nuestro espíritu y de nuestras actitudes más elementales. Entonces nos damos cuenta de lo importante que es no estar solos sino unidos, estar llenos de esa unión que es fruto del Espíritu Santo.

¿Qué les pasó a las muchachas del Evangelio que hemos escuchado? De repente, sienten un grito que las despierta y las pone en movimiento. Algunas se dieron cuenta que no tenían el aceite necesario para iluminar el camino en la oscuridad, otras en cambio, llenaron sus lámparas y pudieron encontrar e iluminar el camino que las llevaba hacia el esposo. En el momento indicado cada una mostró de qué había llenado su vida. Lo mismo nos pasa a nosotros. En determinadas circunstancias nos damos cuenta con qué hemos llenado nuestra vida. ¡Qué

importante es llenar nuestras vidas con ese aceite que permite encender nuestras lámparas en las múltiples situaciones de oscuridad y encontrar los caminos para salir adelante!

Sé que, en el momento de oscuridad, cuando sintieron el golpe del Niño, estas tierras supieron ponerse en movimiento y estas tierras tenían el aceite para ir corriendo y ayudarse como verdaderos hermanos. Estaba el aceite de la solidaridad, de la generosidad que los puso en movimiento y fueron al encuentro del Señor con innumerables gestos concretos de ayuda. En medio de la oscuridad junto a tantos otros fueron cirios vivos que iluminaron el camino con manos abiertas y disponibles para paliar el dolor y compartir lo que tenían desde su pobreza. En la lectura, podemos observar cómo las muchachas que no tenían aceite se fueron al pueblo a comprarlo.

En el momento crucial de su vida, se dieron cuenta de que sus lámparas estaban vacías, de que les faltaba lo esencial para encontrar el camino de la auténtica alegría. Estaban solas y así quedaron solas fuera de la fiesta. Hay cosas, como bien saben, que no se improvisan y mucho menos se compran. El alma de una comunidad se mide en cómo logra unirse para enfrentar los momentos difíciles, de adversidad, para mantener viva la esperanza. Con esa actitud dan el mayor testimonio evangélico. El Señor nos dice: «En esto todos reconocerán que ustedes son mis discípulos: en el amor que se tengan los unos a los otros» (Jn 13,35).

Porque la fe nos abre a tener un amor concreto, no de ideas, concreto, un amor de obras, de manos tendidas, de compasión; que sabe construir y reconstruir la esperanza cuando parece que todo se pierde. Así nos volvemos partícipes de la acción divina, esa que nos describe el apóstol Juan cuando nos muestra a Dios que enjuga las lágrimas de sus hijos. Y esta tarea divina de Dios la hace con la misma ternura que una madre busca secar las lágrimas de sus hijos. Qué linda pregunta que nos puede hacer el Señor a cada uno de nosotros al final del día: ¿cuántas lágrimas has secado hoy? Otras tormentas pueden estar azotando estas costas y, en la vida de los hijos de estas tierras, tienen efectos devastadores.

Tormentas que también nos cuestionan como comunidad y ponen en juego el valor de nuestro espíritu. Se llaman violencia organizada como el «sicariato» y la inseguridad que esto genera; se llama una falta de oportunidades educativas y laborales, especialmente en los más jóvenes, que les impide construir un futuro con dignidad; o la falta de techo seguro para tantas familias forzadas a vivir en zonas de alta inestabilidad y sin accesos seguros; así como tantas otras situaciones que ustedes conocen y sufren, que como los peores huaicos destruyen la confianza mutua tan necesaria para construir una red de contención y esperanza.

Huaicos que afectan el alma y nos preguntan por el aceite que tenemos para hacerles frente. ¿Cuánto aceite tenés? Muchas veces nos interrogamos sobre cómo enfrentar estas tormentas, o cómo ayudar a nuestros hijos a salir adelante frente a estas situaciones. Quiero decirles: no hay salida, no hay otra salida mejor que la del Evangelio: se llama Jesucristo.

Llenen siempre sus vidas de Evangelio. Quiero estimularlos a que sean comunidad que se dejen unguir por su Señor con el aceite del Espíritu. Él lo transforma todo, lo renueva todo, lo conforta todo. En Jesús, tenemos la fuerza del Espíritu para no naturalizar lo que nos hace daño, no hacerlo una cosa natural, no naturalizar lo que nos seca el espíritu y lo que es peor, nos roba la esperanza. Los peruanos en este momento de la historia no tienen derecho a dejarse robar la esperanza.

En Jesús, tenemos el Espíritu que nos mantiene unidos para sostenernos unos a otros y hacerle frente a aquello que quiere llevarse lo mejor de nuestras familias. En Jesús, Dios nos hace comunidad creyente que sabe sostenerse; comunidad que espera y por lo tanto lucha para revertir y transformar las múltiples adversidades; comunidad amante porque no permite que nos crucemos de brazos.

Con Jesús, el alma de este pueblo de Trujillo podrá seguir llamándose «la ciudad de la eterna primavera», porque con Él todo es una oportunidad para la esperanza. Sé del amor que esta tierra tiene a la Virgen, y sé cómo la devoción a María los sostiene siempre llevándolos a Jesucristo y dándonos el único consejo que siempre repite: Hagan lo que Él os diga.

Pidámosle a ella que nos ponga bajo su manto y que nos lleve siempre a su Hijo; pero digámoselo cantando con esa hermosa marinera: «Virgencita de la puerta, échame tu bendición. Virgencita de la puerta, danos paz y mucho amor». ¿Se animan a cantarla? La cantamos juntos. ¿Quién empieza a cantar? Virgencita de la Puerta. (el coro tampoco). Entonces se lo decimos si no lo cantamos. Virgencita de la Puerta échame tu bendición, Virgencita de la Puerta danos paz y mucho amor. Otra vez.

HOMILIA Y SALUDO FINAL DEL SANTO PADRE EN LA SANTA MISA

Base Aérea de Las Palmas (Lima)

Domingo 21 de enero de 2018

«Levántate y vete a Nínive, la gran ciudad, y prédicales el mensaje que te digo» (Jon 3,2). Con estas palabras, el Señor se dirigía a Jonás poniéndolo en movimiento hacia esa gran ciudad que estaba a punto de ser destruida por sus muchos males. También vemos a Jesús en el Evangelio de camino hacia Galilea para predicar su buena noticia (cf. Mc 1,14). Ambas lecturas nos revelan a Dios en movimiento de cara a las ciudades de ayer y de hoy. El Señor se pone en camino: va a Nínive, a Galilea... a Lima, a Trujillo, a Puerto Maldonado... aquí viene el Señor.

Se pone en movimiento para entrar en nuestra historia personal y concreta. Lo hemos celebrado hace poco: es el Emmanuel, el Dios que quiere estar siempre con nosotros. Sí, aquí en Lima, o en donde estés viviendo, en la vida cotidiana del trabajo rutinario, en la educación esperanzadora de los hijos, entre tus anhelos y desvelos; en la intimidad del hogar y en el ruido ensordecedor de nuestras calles. Es allí, en medio de los caminos polvorientos de la historia, donde el Señor viene a tu encuentro.

Algunas veces nos puede pasar lo mismo que a Jonás. Nuestras ciudades, con las situaciones de dolor e injusticia que a diario se repiten, nos pueden generar la tentación de huir, de escondernos, de zafar. Y razones, ni a Jonás ni a nosotros nos faltan. Mirando la ciudad podríamos comenzar a constatar que existen «ciudadanos que consiguen los medios adecuados para el desarrollo de la vida personal y familiar —y eso nos alegra—, el problema está en que son muchísimos los “no ciudadanos”, “los ciudadanos a medias” o los “sobrantes urbanos” que están al borde de nuestros caminos, que van a vivir a las márgenes de nuestras ciudades sin condiciones necesarias para llevar una vida digna y duele constatar que muchas veces entre estos «sobrantes humanos» se encuentran rostros de tantos niños y adolescentes. Se encuentra el rostro del futuro.

Y al ver estas cosas en nuestras ciudades, en nuestros barrios —que podrían ser un espacio de encuentro y solidaridad, de alegría— se termina provocando lo que podemos llamar el síndrome de Jonás: un espacio de huida y desconfianza (cf. Jon 1,3). Un espacio para la indiferencia, que nos transforma en anónimos y sordos ante los demás, nos convierte en seres impersonales de corazón cauterizado y, con esta actitud, lastimamos el alma del pueblo, de este pueblo noble. Como nos lo señalaba Benedicto XVI, «la grandeza de la humanidad está determinada esencialmente por su relación con el sufrimiento y con el que sufre. [...] Una sociedad que no logra aceptar a los que sufren y no es capaz de contribuir mediante la compasión a que el sufrimiento sea compartido y sobrellevado también interiormente, es una sociedad cruel e inhumana».

Cuando arrestaron a Juan, Jesús se dirigió a Galilea a proclamar el Evangelio de Dios. A diferencia de Jonás, Jesús, frente a un acontecimiento doloroso e injusto como fue el arresto de Juan, entra en la ciudad, entra en Galilea y comienza desde ese pequeño pueblo a sembrar lo que sería el inicio de la mayor esperanza: El Reino de Dios está cerca, Dios está entre nosotros. Y el Evangelio mismo nos muestra la alegría y el efecto en cadena que esto produce: comenzó con Simón y Andrés, después Santiago y Juan (cf. Mc 1,14-20) y, desde esos días, pasando por santa Rosa de Lima, santo Toribio, san Martín de Porres, san Juan Macías, san Francisco Solano, ha llegado hasta nosotros anunciado por esa nube de testigos que han creído en Él. Ha llegado hasta Lima, hasta nosotros para comprometerse nuevamente como un renovado antídoto contra la globalización de la indiferencia. Porque ante este Amor, no se puede permanecer indiferentes.

Jesús invitó a sus discípulos a vivir hoy lo que tiene sabor a eternidad: el amor a Dios y al prójimo; y lo hace de la única manera que lo puede hacer, a la manera divina: suscitando la ternura y el amor de misericordia, suscitando la compasión y abriendo sus ojos para que aprendan a mirar la realidad a la manera divina. Los invita a generar nuevos lazos, nuevas alianzas portadoras de eternidad. Jesús camina la ciudad con sus discípulos y comienza a ver, a escuchar, a prestar atención a aquellos que habían sucumbido bajo el manto de la indiferencia, lapidados por el grave pecado de la corrupción. Comienza a develar muchas situaciones que asfixiaban la esperanza de su pueblo suscitando una nueva esperanza. Llama a sus discípulos y los invita a ir con Él, los invita a caminar la ciudad, pero les cambia el ritmo, les enseña a mirar lo que hasta ahora pasaban por alto, les señala nuevas urgencias. Conviértanse, les dice, el Reino de los Cielos es encontrar en Jesús a Dios que se mezcla vitalmente con su pueblo, se implica e implica a otros a no tener miedo de hacer de esta historia, una historia de salvación (cf. Mc 1,15.21 y ss.).

Jesús sigue caminando por nuestras calles, sigue al igual que ayer golpeando puertas, golpeando corazones para volver a encender la esperanza y los anhelos: que la degradación sea superada por la fraternidad, la injusticia vencida por la solidaridad y la violencia callada con las armas de la paz. Jesús sigue invitando y quiere ungirnos con su Espíritu para que también nosotros salgamos a ungir con esa unción, capaz de sanar la esperanza herida y renovar nuestra mirada.

Jesús sigue caminando y despierta la esperanza que nos libra de conexiones vacías y de análisis impersonales e invita a involucrarnos como fermento allí donde estemos, donde nos toque vivir, en ese rinconcito de todos los días. El Reino de los cielos está entre ustedes —nos dice— está allí donde nos animemos a tener un poco de ternura y compasión, donde no tengamos miedo a generar espacios para que los ciegos vean, los paralíticos caminen, los leprosos sean purificados y los sordos oigan (cf. Lc 7,22) y así todos aquellos que dábamos por perdidos gocen de la

Resurrección. Dios no se cansa ni se cansará de caminar para llegar a sus hijos. A cada uno. ¿Cómo encenderemos la esperanza si faltan profetas? ¿Cómo encararemos el futuro si nos falta unidad? ¿Cómo llegará Jesús a tantos rincones, si faltan audaces y valientes testigos?

Hoy el Señor te invita a caminar con Él la ciudad, te invita a caminar con Él tu ciudad. Te invita a que seas discípulo misionero, y así te vuelvas parte de ese gran susurro que quiere seguir resonando en los distintos rincones de nuestra vida: ¡Alégrate, el Señor está contigo!

SALUDO FINAL

Doy las gracias al Cardenal Juan Luis Cipriani, Arzobispo de Lima, por sus palabras, y a los obispos de Puerto Maldonado y de Trujillo, cuyas jurisdicciones eclesiales pude visitar durante estos días. También doy gracias al presidente de la Conferencia Episcopal, a mis hermanos obispos por su presencia y a todos ustedes que han hecho posible que esta visita dejara una huella en mi corazón. Agradezco a todos los que han hecho posible este viaje, que fueron muchos y muchos anónimos. En primer lugar, al señor Presidente Pedro Pablo Kuczynski, a las autoridades civiles, a los miles de voluntarios que con su trabajo silencioso y abnegado como «hormiguitas» contribuyeron para que todo pudiera concretarse. Gracias voluntarios, anónimos. Agradezco a la comisión organizadora y a todos los que con su dedicación y esfuerzo hicieron posible este encuentro. De modo especial quiero agradecer al grupo de arquitectos que han diseñado los tres altares en las tres ciudades. Que Dios les conserve buen gusto. Me ha hecho bien encontrarme con ustedes.

Comenzaba mi peregrinación entre ustedes diciendo que Perú es tierra de esperanza. Tierra de esperanza por la biodiversidad que la compone, con la belleza de una geografía capaz de ayudarnos a descubrir la presencia de Dios. Tierra de esperanza por la riqueza de sus tradiciones y costumbres que han marcado el alma de este pueblo.

PANAMÁ

HOMILÍA DE LA MISA CON LA DEDICACIÓN DEL ALTAR DE LA CATEDRAL BASÍLICA DE SANTA MARÍA LA ANTIGUA CON LOS SACERDOTES, CONSAGRADOS Y MOVIMIENTOS LAICALES

Catedral Basílica de Santa María La Antigua (Panamá)
Sábado 26 de enero de 2019

En primer lugar, quiero felicitar al Señor Arzobispo que por primera vez después de casi siete años puede encontrarse con su esposa, que es esta iglesia, viuda provisoria durante todo este tiempo. Y felicitar a la viuda que deja de ser viuda hoy con el encuentro con su esposo.

También quiero agradecer a todos los que hicieron posible esto, a las autoridades y a todo el pueblo de Dios, todo lo que hicieron para que el Señor Arzobispo pudiera encontrarse con su pueblo, no en casa prestada sino en la suya. Muchas gracias señor presidente.

En el programa estaba previsto que esta ceremonia, por falta de tiempo, tuviera dos significados: la consagración del altar y el encuentro con sacerdotes, religiosas, religiosos, laicos consagrados. Así que lo que voy a decir va a estar en esa línea, pensado en los sacerdotes, las religiosas, las religiosas, los laicos consagrados, son todos los que trabajan en esta Iglesia particular.

«Jesús, fatigado del camino, se había sentado junto al pozo. Era la hora del mediodía. Una mujer de Samaría fue a sacar agua, y Jesús le dijo: “Dame de beber”» (Jn 4,6-7). El evangelio que hemos escuchado no duda en presentarnos a Jesús cansado de caminar. Al mediodía, cuando el sol se hace sentir con toda su fuerza y poder, lo encontramos junto al pozo. Necesitaba calmar y saciar la sed, refrescar los pasos, recuperar fuerzas para poder continuar con su misión.

Los discípulos vivieron en primera persona lo que significaba la entrega y disponibilidad del Señor para llevar la Buena Nueva a los pobres, vendar los corazones heridos, proclamar la liberación a los cautivos y la libertad a los prisioneros, consolar a los que estaban de duelo y proclamar el año de gracia a todos (cf. Is 61,1-3). Son todas situaciones que te toman la vida, te toman la energía; y “no ahorraron” en regalarnos tantos momentos importantes en la vida del Maestro donde también nuestra humanidad pueda encontrar una palabra de Vida.

Fatigado del camino

Es relativamente fácil para nuestra imaginación, compulsivamente productivista, contemplar y entrar en comunión con la actividad del Señor, pero no siempre sabemos o podemos contemplar y acompañar las “fatigas del Señor”, como si esto no fuera cosa de Dios. El Señor se fatigó y en esa fatiga encuentran espacio tantos cansancios de nuestros pueblos y de nuestra gente, de nuestras comunidades y de todos aquellos que están cansados y agobiados (cf. Mt 11,28).

Las causas y motivos que pueden provocar la fatiga del camino en nosotros sacerdotes, consagrados y consagradas, miembros de movimientos laicales, son múltiples: desde largas horas de trabajo que dejan poco tiempo para comer, descansar, rezar y estar en familia, hasta “tóxicas” condiciones laborales y afectivas que llevan al agotamiento y agrietan el corazón; desde la simple y cotidiana entrega hasta el peso rutinario de quien no encuentra el gusto, el reconocimiento o el sustento necesario para hacer frente al día a día; desde habituales y esperables situaciones complicadas hasta estresantes y angustiantes horas de presión. Toda una gama de peso a soportar.

Sería imposible tratar de abarcar todas las situaciones que resquebrajan la vida de los consagrados, pero en todas sentimos la necesidad urgente de encontrar un pozo que pueda calmar y saciar la sed y el cansancio del camino. Todas reclaman, como grito silencioso, un pozo desde donde volver a empezar.

De un tiempo a esta parte no son pocas las veces que parece haberse instalado en nuestras comunidades una sutil especie de fatiga, que no tiene nada que ver con la fatiga del Señor. Aquí tenemos que estar atentos. Se trata de una tentación que podríamos llamar el cansancio de la esperanza. Ese cansancio que surge cuando —como en el evangelio— el sol cae como plomo y vuelve fastidiosas las horas, y lo hace con una intensidad tal que no deja avanzar ni mirar hacia adelante. Como si todo se volviera confuso. No me refiero aquí a la «particular fatiga del corazón» (cf. Carta enc. *Redemptoris Mater*, 17; Exhort. apost. *Evangelii Gaudium*, 287) de quienes “hechos trizas” por la entrega al final del día logran expresar una sonrisa serena y agradecida; sino a esa otra fatiga, la que nace de cara al futuro cuando la realidad “cachetea” y

pone en duda las fuerzas, los recursos y la viabilidad de la misión en este mundo tan cambiante y cuestionador.

Es un cansancio paralizante. Nace de mirar para adelante y no saber cómo reaccionar ante la intensidad y perplejidad de los cambios que como sociedad estamos atravesando. Estos cambios parecieran cuestionar no solo nuestras formas de expresión y compromiso, nuestras costumbres y actitudes ante la realidad, sino que ponen en duda, en muchos casos, la viabilidad misma de la vida religiosa en el mundo de hoy. E incluso la velocidad de esos cambios puede llevar a inmovilizar toda opción y opinión y, lo que supo ser significativo e importante en otros tiempos parece que ya no tiene lugar.

Hermanas y hermanos, el cansancio de la esperanza nace al constatar una Iglesia herida por su pecado y que tantas veces no ha sabido escuchar tantos gritos en el que se escondía el grito del Maestro: «Dios mío, ¿por qué me has abandonado?» (Mt 27,46). Y así podemos acostumbrarnos a vivir con una esperanza cansada frente al futuro incierto y desconocido, y esto deja espacio a que se instale un gris pragmatismo en el corazón de nuestras comunidades. Todo aparentemente parecería proceder con normalidad, pero en realidad la fe se desgasta y se degenera.

Comunidades y presbiterios desilusionados con la realidad que no entendemos o que creemos que no tiene ya lugar para nuestra propuesta, podemos darle “ciudadanía” a una de las peores herejías posibles para nuestra época: pensar que el Señor y nuestras comunidades no tienen ya nada que decir ni aportar en este nuevo mundo que se está gestando (cf. Exhort. apost. *Evangelii gaudium*, 83). Y entonces sucede que lo que un día surgió para ser sal y luz del mundo termina ofreciendo su peor versión.

Dame de beber

Las fatigas del camino acontecen y se hacen sentir. Gusten o no gusten están, y es bueno tener la misma valentía que tuvo el Maestro para decir: «dame de beber». Como le sucedió a la samaritana y nos puede suceder a cada uno de nosotros, no queremos calmar la sed con cualquier agua sino con ese «manantial que brotará hasta la vida eterna» (Jn 4,14). Sabemos, como bien lo sabía la samaritana que cargaba desde hacía años los cántaros vacíos de amores fallidos, que no cualquier palabra puede ayudar a recuperar las fuerzas y la profecía en la misión. No cualquier novedad, por muy seductora que parezca, puede aliviar la sed. Sabemos, como bien lo sabía ella, que tampoco el conocimiento religioso, la justificación de determinadas opciones y tradiciones pasadas o novedades presentes, nos hacen siempre fecundos y apasionados «adoradores en espíritu y en verdad» (Jn 4,23).

Dame de beber es lo que pide el Señor y es lo que nos pide que digamos nosotros. Y al decirlo, le abrimos la puerta a nuestra cansada esperanza para volver sin miedo al pozo fundante del primer amor, cuando Jesús pasó por nuestro camino, nos miró con misericordia, y nos eligió y nos pidió seguirlo; al decirlo recuperamos la memoria de aquel momento en el que sus ojos se cruzaron con los nuestros, el momento en que nos hizo sentir que nos amaba, que me amaba, y no solo de manera personal sino también como comunidad (cf. Homilía en la Vigilia Pascual, 19 abril 2014).

Poder decir dame de beber es volver sobre nuestros pasos y, en fidelidad creativa, escuchar cómo el Espíritu no engendró una obra puntual, un plan de pastoral o una estructura a organizar sino que, por medio de tantos “santos de la puerta de al lado” —entre los cuales encontramos

padres y madres fundadores de institutos seculares, obispos y párrocos que supieron poner fundamento a sus comunidades—, regaló vida y oxígeno a un contexto histórico determinado que parecía asfixiar y aplastar toda esperanza y dignidad.

“Dame de beber” significa animarse a dejarse purificar y rescatar la parte más auténtica de nuestros carismas fundantes —que no solo se reducen a la vida religiosa sino a la Iglesia toda— y ver de qué forma se pueden expresar hoy. Se trata no solo de mirar con agradecimiento el pasado sino de ir en búsqueda de las raíces de su inspiración y dejar que resuenen nuevamente con fuerza entre nosotros (cf. PAPA FRANCISCO - FERNANDO PRADO, *La fuerza de la vocación*, 42).

“Dame de beber” significa reconocer que necesitamos que el Espíritu nos transforme en hombres y mujeres memoriosos de encuentro y un paso, del paso salvífico de Dios. Y con confianza, así como lo hizo ayer, lo seguirá haciendo mañana: «ir a las raíces nos ayuda sin lugar a dudas a vivir el presente, y a vivirlo sin miedo. Tenemos necesidad de vivir sin miedo respondiendo a la vida con la pasión de estar empeñados con la historia, inmersos en las cosas. Con pasión de enamorados» (cf. *ibíd.*, 44).

La esperanza cansada será sanada y gozará de esa «particular fatiga del corazón» cuando no tema volver al lugar del primer amor y logre encontrar, en las periferias y desafíos que hoy se nos presentan, el mismo canto, la misma mirada que suscitó el canto y la mirada de nuestros mayores. Así evitaremos el riesgo de partir desde nosotros mismos y abandonaremos la cansadora autocompasión para encontrar los ojos con los que Cristo hoy nos sigue buscando, nos sigue mirando, nos sigue llamando, invitando a la misión como lo hizo en aquel primer encuentro, el encuentro del primer amor.

No me parece un acontecimiento menor que esta catedral vuelva a abrir sus puertas después de mucho tiempo de renovación. Experimentó el paso de los años, como fiel testigo de la historia de este pueblo y con la ayuda y el trabajo de muchos quiso volver a regalar su belleza. Más que una formal reconstrucción, que siempre intenta volver a un original pasado, buscó rescatar la belleza de los años abriéndose a hospedar toda la novedad que el presente le podía regalar. Una catedral española, india y afroamericana se vuelve así catedral panameña, de los de ayer, pero también de los de hoy que han hecho posible este hecho. Ya no pertenece solo al pasado, sino que es belleza del presente.

Y hoy nuevamente es regazo que impulsa a renovar y alimentar la esperanza, a descubrir cómo la belleza del ayer se vuelve base para construir la belleza del mañana. Y así actúa el Señor, nada de cansancio de la esperanza, sí la peculiar fatiga del corazón del que lleva adelante todos los días lo que le fue encomendado: la mirada del primer amor. Hermanos, no nos dejemos robar la esperanza que hemos heredado de nuestros padres, la belleza que hemos heredado de nuestros padres, que ella sea la raíz viva y fecunda que nos ayude a seguir haciendo bella y profética la historia de salvación en estas tierras.

HOMILÍA DE LA SANTA MISA DE CLAUSURA DE LA JORNADA MUNDIAL DE LA JUVENTUD

Campo San Juan Pablo II – Metro Park (Panamá)
27 de enero 2019

«Todos en la sinagoga tenían los ojos fijos en Él. Entonces comenzó a decirles: Hoy se ha cumplido este pasaje de la Escritura que acaban de oír» (Lc 4,20-21). Así el Evangelio nos presenta el comienzo de la misión pública de Jesús. Lo hace en la sinagoga que lo vio crecer, rodeado de conocidos y vecinos y hasta quizá de alguna de sus “catequistas” de la infancia que le enseñó la ley. Momento importante en la vida del Maestro por el cual, el niño que se formó y creció en el seno de esta comunidad, se ponía de pie y tomaba la palabra para anunciar y poner en acto el sueño de Dios. Una palabra proclamada hasta entonces solo como promesa de futuro, pero que en boca de Jesús solo podía decirse en presente, haciéndose realidad: «Hoy se ha cumplido».

Jesús revela el ahora de Dios que sale a nuestro encuentro para convocarnos también a tomar parte en su ahora de «llevar la Buena Noticia a los pobres, la liberación a los cautivos y la vista a los ciegos, dar libertad a los oprimidos y proclamar un año de gracia en el Señor» (cf. Lc 4,18-19). Es el ahora de Dios que con Jesús se hace presente, se hace rostro, carne, amor de misericordia que no espera situaciones ideales, situaciones perfectas para su manifestación, ni acepta excusas para su realización. Él es el tiempo de Dios que hace justa y oportuna cada situación, cada espacio. En Jesús se inicia y se hace vida el futuro prometido.

¿Cuándo? Ahora. Pero no todos los que allí lo escucharon se sintieron invitados o convocados. No todos los vecinos de Nazaret estaban preparados para creer en alguien que conocían y habían visto crecer y que los invitaba a poner en acto un sueño tan esperado. Es más, «decían: “¿pero este no es este el hijo de José?”» (Lc 4,22).

También a nosotros nos puede pasar lo mismo. No siempre creemos que Dios pueda ser tan concreto, tan cotidiano, tan cercano y tan real, y menos aún que se haga tan presente y actúe a través de alguien conocido como puede ser un vecino, un amigo, un familiar. No siempre creemos que el Señor nos pueda invitar a trabajar y a embarrarnos las manos junto a Él en su Reino de forma tan simple pero contundente. Cuesta aceptar que «el amor divino se haga concreto y casi experimentable en la historia con todas sus vicisitudes dolorosas y gloriosas» (BENEDICTO XVI, Audiencia general, 28 septiembre 2005).

Y no son pocas las veces que actuamos como los vecinos de Nazaret, que preferimos un Dios a la distancia: lindo, bueno, generoso, bien dibujadito, pero distante, y sobre todo un Dios que no incomode, un Dios domesticado. Porque un Dios cercano y cotidiano, amigo y hermano nos pide aprender de cercanías, de cotidianeidad y sobre todo de fraternidad. Él no quiso tener una manifestación angelical o espectacular, sino que quiso regalarnos un rostro hermano y amigo, concreto, familiar. Dios es real porque el amor es real, Dios es concreto porque el amor es concreto. Y es precisamente esta «concreción del amor lo que constituye uno de los elementos esenciales de la vida de los cristianos» (cf. BENEDICTO XVI, Homilía, 1 marzo 2006).

Nosotros también podemos correr los mismos riesgos que los vecinos de Nazaret, cuando en nuestras comunidades el Evangelio se quiere hacer vida concreta y comenzamos a decir: “Pero estos chicos, no son hijos de María, José, y no son hermanos de, son parientes de... Estos no son los jovencitos que nosotros ayudamos a crecer... Que se callen la boca, ¿cómo les vamos a

creer? Ese de allá, ¿no era el que rompía siempre los vidrios con su pelota”. Y lo que nació para ser profecía y anuncio del Reino de Dios termina domesticado y empobrecido. Querer domesticar la Palabra de Dios es tentación de todos los días.

E incluso a ustedes, queridos jóvenes, les puede pasar lo mismo cada vez que piensan que su misión, su vocación, que hasta su vida es una promesa, pero solo para el futuro y nada tiene que ver con el presente. Como si ser joven fuera sinónimo de sala de espera de quien aguarda el turno de su hora. Y en el “mientras tanto” de esa hora, les inventamos o se inventan un futuro higiénicamente bien empaquetado y sin consecuencias, bien armado y garantizado con todo “bien asegurado”. No queremos ofrecerles a ustedes un futuro de laboratorio.

Es la “ficción” de alegría. No es la alegría del hoy, del concreto, del amor. Así con esta ficción de la alegría los “tranquilizamos” y adormecemos para que no hagan ruido, para que no molesten mucho, para que no se pregunten ni pregunten, para que no se cuestionen ni nos cuestionen; y en ese “mientras tanto” sus sueños pierden vuelo, se vuelven rastreros, comienzan a dormirse, son “ensoñamientos” rastreros, pequeños y tristes (cf. Homilía del Domingo de Ramos, 25 marzo 2018), tan solo porque consideramos o consideran que todavía no es su ahora; que son demasiado jóvenes para involucrarse en soñar y trabajar el mañana. Y así los seguimos procrastinando. Y saben una cosa, que a muchos jóvenes esto les gusta. Por favor, ayudémosle a que no les guste, a que se rebelen, a que quieran vivir el ahora de Dios.

Uno de los frutos del pasado Sínodo fue la riqueza de poder encontrarnos y, sobre todo, escucharnos. La riqueza de la escucha entre generaciones, la riqueza del intercambio y el valor de reconocer que nos necesitamos, que tenemos que esforzarnos en propiciar canales y espacios en los que involucrarse en soñar y trabajar el mañana ya desde hoy. Pero no aisladamente, sino juntos, creando un espacio común. Un espacio que no se regala ni lo ganamos en la lotería, sino un espacio por el que también ustedes deben pelear.

Ustedes jóvenes deben pelear por su espacio hoy, porque la vida es hoy, nadie te puede prometer un día del mañana. tu jugarte es hoy, tu espacio es hoy, ¿cómo estas respondiendo a esto? Porque ustedes, queridos jóvenes, no son el futuro. Nos gusta decir que son el futuro, no. Son el presente, ustedes jóvenes son el ahora de Dios. Él los convoca y los llama en sus comunidades, los llama en sus ciudades para ir en búsqueda de sus abuelos, de sus mayores; a ponerse de pie y junto a ellos tomar la palabra y poner en acto el sueño con el que el Señor los soñó.

No mañana, ahora, porque allí, ahora, donde esté su tesoro allí estará también su corazón (cf. Mt 6,21); y aquello que los enamore conquistará no solo vuestra imaginación, sino que lo afectará todo. Será lo que los haga levantarse por la mañana y los impulse en las horas de cansancio, lo que les rompa el corazón y lo que les haga llenarse de asombro, de alegría y de gratitud. Sientan que tienen una misión y enamórense, que eso lo decidirá todo (cf. PEDRO ARRUPE, S.J., Nada es más práctico). Podremos tener todo, pero queridos jóvenes, si falta la pasión del amor, faltará todo. La pasión del amor hoy y dejemos que el Señor nos enamore y nos lleve hasta el mañana.

Para Jesús no hay un “mientras tanto” sino amor de misericordia que quiere anidar y conquistar el corazón. Él quiere ser nuestro tesoro, porque Jesús no es un “mientras tanto” en la vida o una moda pasajera, es amor de entrega que invita a entregarse.

Es amor concreto, de hoy, cercano, real; es alegría festiva que nace al optar y participar en la pesca milagrosa de la esperanza y la caridad, la solidaridad y la fraternidad frente a tanta mirada paralizada y paralizante por los miedos y la exclusión, la especulación y la manipulación. Hermanos: El Señor y su misión no son un “mientras tanto” en nuestra vida, un algo pasajero, no son solo una Jornada Mundial de la Juventud son nuestra vida de hoy y caminando.

Todos estos días de forma especial ha susurrado como música de fondo el “hágase” de María. Ella no solo creyó en Dios y en sus promesas como algo posible, le creyó a Dios y se animó a decir “sí” para participar en este ahora del Señor. Sintió que tenía una misión, se enamoró y eso lo decidió todo. Ustedes sientan que tienen una misión, se dejen enamorar y el Señor decidirá todo. Como sucedió en la sinagoga de Nazaret, el Señor, en medio nuestro, sus amigos y conocidos, vuelve a ponerse de pie, a tomar el libro y decirnos: «Hoy se ha cumplido este pasaje de la Escritura que acaban de oír» (Lc 4,21).

Queridos jóvenes ¿Quieren vivir la concreción de su amor? Que vuestro “sí” siga siendo la puerta de ingreso para que el Espíritu Santo nos regale un nuevo Pentecostés a la Iglesia y al mundo. Que así sea.